A Doutrina Secreta

A Síntese da Ciência, Religião e Filosofia

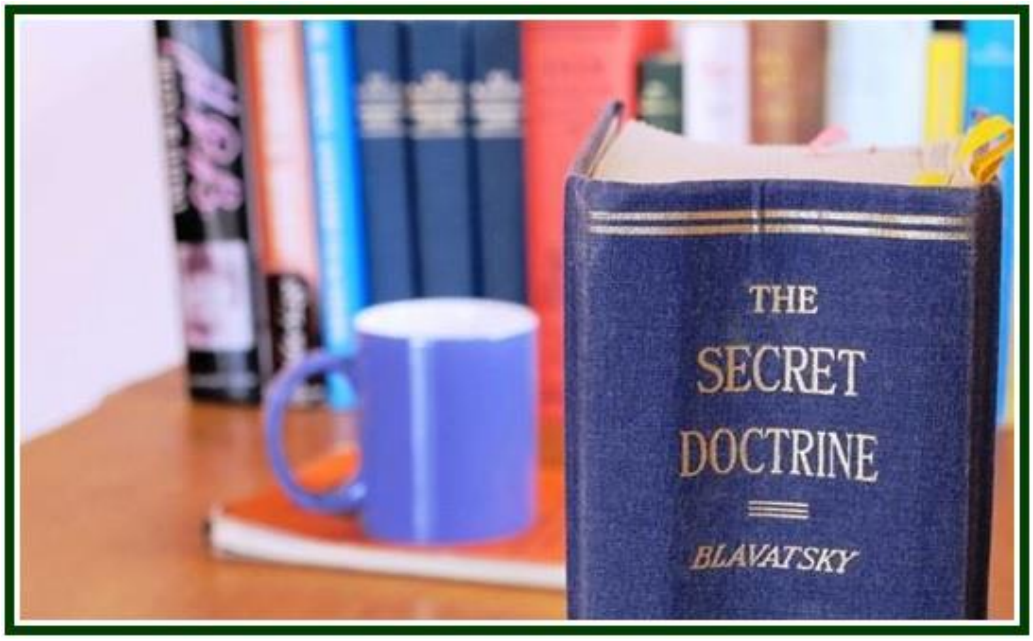
por H. P. Blavatsky

Autora de "Ísis Sem Véu"

सत्यात् नास्ति परो धर्मः ।

"Não há Religião mais elevada que a Verdade"

Vol. I - COSMOGÊNESE



The Aquarian Theosophist

0000000000000000000000000000000000000000000000000

A Doutrina Secreta

A Síntese da Ciência, Religião e Filosofia

de **Helena P. Blavatsky** (1831-1891)

Tradução da Edição Original de 1888, de "**The Secret Doctrine**" que está disponível nos **websites associados**. A edição original foi também publicada de forma fac-similar pela Theosophy Company, de Los Angeles, em 1925, 1947 e 1982. A tradução é de Carlos Cardoso Aveline, com apoio de Joana Maria Pinho e outros associados da Loja Independente de Teosofistas.

0000000000000000000000000000000000000000000000000

Sumário

Da Primeira Etapa da Tradução

Volume I

Cosmogênese

Prefácio da Edição Fac-similar Norte-Americana de 1947 6

Prefácio da Autora 8

Introdução..... 11

Proêmio 42

Parte I do Volume I
A Evolução Cósmica

A Evolução Cósmica em Sete Estâncias do Livro de Dzyan 65

Estância I - A Noite do Universo 73

Estância II - A Ideia de Diferenciação 88

Estância III - O Despertar do Cosmos 97

Estância IV - As Hierarquias Setenárias 118

Estância V - Fohat, O Filho das Hierarquias Setenárias 137

Estância VI - Nosso Mundo, Seu Crescimento e Desenvolvimento 164

Algumas Concepções Teosóficas Iniciais e
Erradas Sobre os Planetas, as Rondas, e o Ser Humano..... 178

Fatos e Explicações Adicionais Sobre os Globos e as Mônadas..... 196

Estância VI - Continuação 218

Estância VII - Os Pais do Homem na Terra 238

Resumindo 288

Parte II do Volume I
A Evolução do Simbolismo em Sua Ordem Aproximada

1. Simbolismo e Ideogramas …… 318

2. A Linguagem dos Mistérios e as Suas Chaves…….……..…..…….… 325

3. Substância Primordial e Pensamento Divino…….…… 342

4. O Caos, Theos e o Cosmo ……. 359

5. A Divindade Oculta, Seus Símbolos e Glifos ……... 367

6. O Ovo do Mundo ……..

7. Os Dias e Noites de Brahmâ ……..

8. O Lótus Como um Símbolo Universal …….

9. A Lua, Deus Lunus, Febe ……..

10. A Adoração da Árvore, da Serpente e do Crocodilo……..

11. Demon est Deus Inversus ……..

12. A Teogonia dos Deuses Criadores ……

13. As Sete Criações ……

14. Os Quatro Elementos ……

15. Sobre Kwan-Shi-Yin e Kwan-Yin…….

Parte III do Volume I
A Ciência e a Doutrina Secreta, Comparadas

(.....)

Volume II

Antropogênese

Fragmento da Parte I do Volume II

As Estâncias da Antropogênese no Volume Secreto de Dzyan..... 368

(A tradução continuará)

000

Citações de Abertura
Para a Edição Luso-Brasileira

Quem Escreveu Esta Obra

1) …O abaixo-assinado sente-se feliz em assegurar-lhe que *A Doutrina Secreta,* quando estiver pronta, será a produção tríplice de M ∴ , *Upasika* [*isto é, HPB*] e do servidor mais humilde do Doutor,

K.H.

[Da Carta 69 da Segunda Série, em "Cartas dos Mestres de Sabedoria", Editora Teosófica, Brasília.]

2) Se esta puder ser de alguma utilidade …… eu, o humilde Fakir abaixo assinado, certifico que *A Doutrina Secreta* é ditada a *Upasika,* parte por mim mesmo e parte por meu irmão K.H.

M ∴

[Da Carta 70 da Segunda Série, em "Cartas dos Mestres de Sabedoria", Editora Teosófica, Brasília.]

000

A Doutrina Secreta:
Nota Da Edição Luso-Brasileira

A presente tradução é publicada gradualmente, online. A tarefa teve início em 8 de maio de 2012.

Cada nota do tradutor ao pé de uma página é identificada ao final pelas palavras "(Nota do Tradutor)". As notas da autora são identificadas com as palavras "(Nota de H. P. Blavatsky)", também ao final.

São consultadas durante o trabalho diferentes edições da obra em vários idiomas, inclusive a correta edição preparada por Boris de Zirkoff (TPH, Adyar, Índia, 1979). Nas notas ao pé de página, com frequência são dadas informações bibliográficas mais detalhadas, conforme constam na edição de Boris.

Os interessados em saber mais sobre este projeto editorial e participar dele como trabalhadores voluntários devem escrever para o email **indelodge@gmail.com**.

Um fragmento do Volume II será encontrado ao final de todo o texto já disponível da tradução.

A linguagem com que "**A Doutrina Secreta**" aborda os processos cósmicos e humanos é complexa e causa perplexidade. Este é o preço a pagar por um processo invisível, mas extraordinário. O estudo da obra ativa novos circuitos cerebrais e acelera o nascimento individual de uma consciência capaz de compreender diretamente o Cosmos.

A dificuldade funciona como recurso pedagógico. Serve para garantir que só entenderemos a obra na medida do mérito que tivermos. E o mérito é dado pelo nosso grau de concentração em assuntos universais.

A compreensão avança por camadas. Ela depende do ponto a que tivermos chegado na arte de combinar a amplitude ilimitada de horizontes com fatores como concentração, desapego em relação a coisas inferiores, e unidirecionalidade interior. Seja qual for o nosso nível de autopreparação, possuiremos a chave para a compreensão do nível correspondente de leitura. Tentando incessantemente, o estudante reúne pouco a pouco a energia necessária e vai alcançando novos níveis de compreensão.

Não é por acaso que "A Doutrina Secreta" gira em torno de dois conjuntos de

versos orientais de grande beleza interior. A religiosidade profunda é poética. A maior parte dos clássicos da sabedoria eterna expressa a harmonia rítmica e transcendente de tudo o que há. As mitologias e escrituras sagradas de quase todos os povos exemplificam o fato. É correto, portanto, dizer que a vida do universo e a vida de cada alma devem ser estudadas através da compreensão poética, embora elas não estejam presas a esta linguagem.

A estrutura básica desta obra-prima da literatura esotérica moderna consiste de comentários a dois conjuntos de versos do Livro das Estâncias de Dzyan. O primeiro deles possui sete Estâncias ou Estrofes.**[1]** O segundo, doze Estâncias, ou, mais precisamente, trechos seletos delas. Estas doze estâncias, sem comentários, estão já presentes neste começo de tradução.

O primeiro conjunto de Estâncias explica a origem do Cosmos: a *Cosmogênese* é o tema do primeiro volume.**[2]** Cada Estância se desdobra em vários *Slokas* ou conjuntos de dois versos. O segundo conjunto de Estâncias explica a origem do ser humano, ou *Antropogênese*, que constitui o tema do segundo volume. Assim, a estrutura central da obra gira em torno de dezenove estâncias poéticas, sendo sete apresentadas no primeiro volume, e doze no segundo.

(Carlos Cardoso Aveline)

NOTAS:

[1] A palavra *estância*, sinônimo de *estrofe*, designa um conjunto de versos que normalmente possui um sentido completo. (Nota do Tradutor)

[2] A edição autêntica e original, que estamos traduzindo, possui dois volumes. A edição adulterada por Annie Besant e publicada no Brasil pela Editora Pensamento apresenta seis volumes e rompeu não só o conteúdo original, mas também a estrutura oculta e numerológica da obra, que combina os números sete e doze. Para mais detalhes, veja em nossos websites o artigo "***O Resgate de 'A Doutrina Secreta'****: Versão Ilegítima da Obra Foi Abandonada Em Inglês Mas Ainda Circula em Português*". (Nota do Tradutor)

000

Um retrato de Helena Blavatsky, se ela tivesse vivido até os
70 anos de idade; pintura do artista holandês J. D. Ross (1875-1952).

0000000000000000000000000000000000000000000000000000

A filosofia esotérica ensina que
tudo vive e é consciente, mas não diz que
toda vida e consciência são semelhantes às
do ser humano, ou mesmo às dos seres animais.

Helena P. Blavatsky

(Da página 85 da presente edição)

0000000000000000000000000000000000000000000000000000

Prefácio da Edição Fac-similar Norte-Americana de 1947

(Volte para o Sumário)

O Movimento Teosófico do século 19 começou em 1875. A DOUTRINA SECRETA, publicada pela primeira vez em 1888, foi escrita pela senhora H. P. Blavatsky para estabelecer um registro autêntico dos ensinamentos da filosofia teosófica. "A DOUTRINA SECRETA", disse ela, "não é um tratado ou uma série de teorias vagas, mas contém tudo o que pode ser transmitido ao mundo neste século".[1]

Em torno de 1925, cinquenta anos depois da fundação do Movimento em Nova Iorque, a primeira edição da obra estava esgotada já havia muito tempo. Naquele momento, o ponto médio do ciclo de cem anos do Movimento Teosófico, a Theosophy Company tornou disponível pela primeira vez uma edição fac-similar da grande obra da senhora Blavatsky, com uma reprodução fotográfica da edição original. O atual volume é idêntico às impressões anteriores, embora tenha sido impresso a partir de novas chapas.

Além da edição original de 1888 - a única autorizada pela senhora Blavatsky - apareceram várias outras edições desta obra. Uma delas, a chamada "Terceira Edição Revisada", de 1893, está distorcida e com muitos milhares de alterações, algumas das quais são triviais, enquanto outras são verdadeiras mutilações do texto original.

Mais adiante, foi incluído nesta suposta "Edição Revisada" de A DOUTRINA SECRETA um ilegítimo "Terceiro Volume". Ele foi lançado em 1897, seis anos depois da morte de H. P. Blavatsky. Compilado de papéis vários achados em seus arquivos, este volume não faz parte da DOUTRINA SECRETA original escrita pela senhora Blavatsky.[2]

A "Terceira Edição Revisada" deu lugar a outra edição em 1938, esta vez com *seis* volumes, que foi chamada de "Edição de Adyar". Esta edição é substancialmente a mesma versão "revisada", com as exceções do acréscimo de índices remissivos, de um texto biográfico sobre a autora, de várias mudanças tipográficas e de um texto tentando justificar a publicação do ilegítimo "terceiro volume".

---

[1] A frase pertence à segunda metade da Introdução da presente obra. Na edição original em inglês, p. xxxviii do volume I. (Nota do Tradutor)

[2] A edição brasileira da Ed. Pensamento de "A Doutrina Secreta" tem seis volumes. Os dois primeiros correspondem ao primeiro volume da edição falsificada de 1897. Os volumes 3 e 4 correspondem ao volume 2 da edição adulterada. Os volumes 5 e 6 correspondem ao terceiro volume, fabricado por Annie Besant em 1897. (Nota do Tradutor)

Houve ainda outra edição de A DOUTRINA SECRETA. Neste caso, com a exceção de "correções" sem fundamento, feitas nas expressões sânscritas usadas pela autora, e de um acréscimo de material sectário irrelevante, trata-se de uma reprodução virtualmente fiel do texto original. A sua autenticidade exata, no entanto, não pode ser confirmada sem uma cansativa comparação com a edição original.

A DOUTRINA SECRETA autêntica tem apenas dois volumes. Como foi escrito inicialmente, A DOUTRINA SECRETA devia ser publicada em quatro volumes, mas só dois volumes foram dados por H. P. B. ao editor. Os dois volumes restantes, embora completos, foram retirados por ela por razões claramente indicadas ao final do segundo volume da edição original.[3]

Com a presente impressão de A DOUTRINA SECRETA, a Theosophy Company continua cumprindo sua função de tornar acessíveis aos estudantes e interessados edições inalteradas da literatura original do Movimento Teosófico.

Os dois volumes da edição original estão aqui reunidos em um só volume para maior comodidade dos estudantes; em todos os outros aspectos, esta edição é um fac-símile exato da edição original e isso é algo em que se pode confiar.

The Theosophy Company, 17 de Novembro de 1947. [4]

000

[3] "**The Secret Doctrine**", edição original de 1888, volume II, p. 798. Trata-se do parágrafo que encerra o volume II da obra. Nele H. P. B. diz:

"Enquanto o lixo acumulado durante eras não for afastado das mentes dos teosofistas a quem estes volumes são dedicados, é impossível que o ensinamento mais prático contido no Terceiro Volume seja compreendido. Em consequência disso, a questão sobre se os dois últimos volumes serão publicados algum dia - embora eles estejam *quase* prontos - depende inteiramente do que os Teosofistas e Místicos fizerem, quando tiverem em suas mãos os volumes I e II." (Nota do Tradutor)

[4] Este prefácio foi substituído na edição de 2004 da Theosophy Company por uma versão muito resumida do seu conteúdo, e datada de 8 de maio. (Nota do Tradutor)

A Doutrina Secreta

A Síntese da Ciência, Religião e Filosofia

por H. P. Blavatsky

Vol. I - COSMOGÊNESE

Dedico esta Obra a todos
os Verdadeiros Teosofistas, em
todos os Países e de todas as Raças,
porque eles fizeram com que ela fosse
necessária e ela foi escrita para eles.

(Volte para o Sumário)

Prefácio da Autora

A autora - ou, mais precisamente, a redatora - sente que é necessário desculpar-se pela longa demora na aparição desta obra. O atraso ocorreu devido a problemas de saúde e à magnitude da tarefa. Mesmo os dois volumes agora publicados não completam o projeto, e eles não tratam exaustivamente os assuntos abordados. Já foi preparada uma grande quantidade de material sobre a história do ocultismo[5]

[5] Ocultismo, ou filosofia esotérica, nada tem a ver com "artes ocultas", mas se refere à ciência que leva à compreensão altruísta do universo e da vida, situada além do mundo da forma e por isso "oculta". O essencial é invisível aos olhos. A filosofia oculta ou esotérica investiga aquilo que é transcendente, e faz isso a partir do ponto de vista da ética universal e com base no princípio do respeito por todos os seres. (Nota do Tradutor)

através das vidas dos grandes Adeptos[6] da Raça Ariana[7], mostrando a influência da filosofia oculta sobre a conduta na vida, tal como é e tal como deveria ser. Caso os volumes atuais encontrem uma recepção favorável, não serão medidos esforços para que o plano da obra seja realizado integralmente. O terceiro volume está inteiramente pronto; o quarto, quase pronto.

Este plano, devemos acrescentar, não existia quando a preparação da obra foi anunciada pela primeira vez. De acordo com a intenção inicial, "A Doutrina Secreta" seria uma versão corrigida e aumentada de "Ísis Sem Véu". Pouco depois, no entanto, viu-se que era necessário um método diferente para as explicações, que se poderia acrescentar ao que já havia sido dado ao mundo em "Ísis Sem Véu" e outras obras dedicadas à ciência esotérica. Por esse motivo, os presentes volumes não contêm, ao todo, nem sequer vinte páginas de "Ísis Sem Véu".

A autora não considera necessário pedir pela generosa compreensão dos leitores e críticos em relação aos muitos erros de estilo literário, ou em relação ao inglês imperfeito que pode ser encontrado nestas páginas. Ela é estrangeira, e o seu conhecimento deste idioma foi adquirido numa etapa madura da vida. A língua inglesa é usada porque oferece o meio mais amplamente difundido para a transmissão das verdades que é seu dever colocar diante do mundo.

Estas verdades não são apresentadas, de modo algum, como uma *revelação*. A autora tampouco reivindica a posição de reveladora de um conhecimento místico agora divulgado publicamente pela primeira vez na história do mundo. O que está contido nesta obra pode ser encontrado em fragmentos espalhados ao longo de milhares de volumes que formam as escrituras das grandes religiões asiáticas e das primeiras religiões da Europa, oculto sob hieróglifos e símbolos, e até aqui despercebido devido a este véu. O que se tenta fazer agora é reunir os antigos ensinamentos e fazer deles um todo harmonioso e contínuo. A única vantagem que a autora tem em relação aos seus predecessores é que ela não necessita recorrer a

---

[6] Adeptos; Sábios, Iniciados, Proficientes na Ciência Secreta. (Nota do Tradutor)

[7] Em teosofia, o termo "Raça" corresponde a um tipo humano abrangente, que transcende características físicas, inclui diversas etnias e equivale a quase toda a humanidade, influenciando fortemente a totalidade dela. Através da reencarnação, as mesmas almas devem passar sucessivamente por todas as Raças. A evolução ao longo das Raças é um processo da humanidade como um todo. Seria um absurdo, portanto, pensar em "superioridade" ou "inferioridade" de alguma raça em relação a outras. Durante o século vinte, no entanto, o termo "raça" foi deturpado pelos líderes criminosos do nazismo e do fascismo, que contavam ao atacar a democracia com o discreto apoio do Vaticano, na Itália e na Alemanha. (Veja, a respeito, o texto "**A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial**", que está disponível em nossos **websites associados**.) Para a filosofia esotérica, a "Raça Ariana" é o grupo humano descendente dos Árias, os sábios habitantes da Índia antiga. A filosofia teosófica ensina a lei da fraternidade universal entre todos os povos, raças e etnias, e afirma a igualdade de todos perante a lei da justiça universal. (Nota do Tradutor)

especulações e teorias pessoais. Esta obra é o registro parcial do que ela própria aprendeu com estudantes mais avançados, e que foi complementado, apenas em alguns poucos detalhes, pelos resultados do seu próprio estudo e da sua observação. A publicação de muitos destes fatos tornou-se necessária devido às especulações fantasiosas e sem fundamento em que caíram durante os últimos anos muitos teosofistas e estudantes da tradição mística, enquanto tentavam produzir um sistema completo de pensamento a partir dos poucos fatos comunicados antes a eles.

É desnecessário explicar que este livro não contém a Doutrina Secreta toda, mas um número seleto de fragmentos dos seus aspectos fundamentais, ao mesmo tempo que é dada, nele, uma especial atenção a certos fatos captados por diversos escritores e distorcidos até uma situação em que passam a estar muito distantes da verdade.

Mas talvez seja desejável afirmar inequivocamente que os ensinamentos contidos nestes volumes, por mais fragmentários e incompletos que sejam, não pertencem exclusivamente ao Hinduísmo, nem ao Zoroastrismo, nem à religião dos caldeus ou à religião egípcia; e tampouco ao Budismo, ao Islamismo, ao Judaísmo ou Cristianismo. A Doutrina Secreta é a essência de todas estas religiões. Inspirados pela Doutrina Secreta em suas origens, os vários esquemas religiosos são agora colocados novamente no seu elemento original, a partir do qual cada mistério ou crença surgiu, cresceu e se materializou.

É mais do que provável que o livro seja visto por grande parte do público como um romance dos mais fantásticos: quem ouviu falar, alguma vez, do livro de Dzyan?

A autora, portanto, está preparada para assumir completa responsabilidade pelo conteúdo desta obra, e para enfrentar a acusação de haver inventado tudo o que escreveu. Ela está plenamente consciente de que a obra tem muitas falhas. O que ela afirma é que, embora a obra pareça romântica para muitos leitores, a sua coerência lógica e a sua consistência capacitam este novo Gênesis para estar, pelo menos, no mesmo nível que a “hipótese de trabalho” tão amplamente aceita pela ciência moderna. Além disso, esta obra merece consideração, não porque tenha como apoio alguma autoridade dogmática, mas porque segue firmemente a Natureza, e obedece às leis da uniformidade e da analogia.

A meta desta obra pode ser descrita do seguinte modo: mostrar que a Natureza não é “uma aglomeração casual de átomos”, e indicar ao ser humano o seu lugar correto no esquema do Universo; resgatar da degradação as verdades arcaicas que estão na base de todas as religiões; e revelar, até certo ponto, a unidade fundamental da qual todas elas surgem; e, finalmente, mostrar que o lado oculto da Natureza nunca foi enfocado pela Ciência da civilização moderna.

Se isso tiver sido obtido, mesmo em pequena medida, a autora estará contente. A obra foi escrita para servir à humanidade, e deve ser julgada pela humanidade e pelas futuras gerações. Sua autora não reconhece a validade de nenhum tribunal inferior a estes. Ela está acostumada ao desrespeito. Calúnia é algo que enfrenta diariamente; diante da maledicência, ela sorri com silencioso desprezo.

De minimis non curat lex.[8]

Londres, Outubro, 1888. H. P. B.

000

Introdução

(Volte para o Sumário)

“Ouvir gentilmente, julgar com amabilidade.” [9]

Shakespeare

Desde a aparição da literatura teosófica na Inglaterra, tornou-se um costume chamar os seus ensinamentos de “Budismo Esotérico”. E, como diz um velho provérbio baseado na experiência cotidiana - depois que o Erro se torna um hábito, “ele desce por um plano inclinado, enquanto a Verdade tem que subir laboriosamente abrindo caminho montanha acima.”[10]

As velhas verdades conhecidas de todos são, muitas vezes, as mais sábias. A mente humana dificilmente fica livre por completo de preconceitos, e com frequência opiniões enfáticas são formadas antes de um exame atento de todos os aspectos de um assunto. Dizemos isso como uma referência ao duplo erro predominante hoje, (a) de limitar a Teosofia ao Budismo; e (b) de confundir os princípios da filosofia religiosa ensinada por Gautama, o Buddha, com as doutrinas esboçadas no livro “O

[8] “De minimis non curat lex”. Tradução do latim: “A lei não leva em conta ninharias.” Trata-se de uma paráfrase da frase latina “De minimis non curat praetor”, “o juiz não leva em conta ninharias”. (Nota do Tradutor)

[9] Citação do final do prólogo da peça “A Vida do Rei Henry V”, de William Shakespeare. (Nota do Tradutor)

[10] Neste ponto, estamos na metade superior da página xvii do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

Budismo Esotérico".[11] Seria difícil imaginar algo mais errôneo do que isso. O fato tornou possível aos nossos inimigos encontrar uma arma eficiente contra a teosofia, porque, como um destacado estudioso do idioma páli enfaticamente afirmou, não há no volume mencionado "nem esoterismo nem Budismo". As verdades esotéricas apresentadas na obra do Sr. Sinnett haviam cessado de ser esotéricas no momento em que foram tornadas públicas; e o livro não contém a religião de Buddha, mas simplesmente alguns princípios de um ensinamento até aqui oculto que são agora complementados amplamente, aumentados e explicados nos presentes volumes. Mas mesmo estes últimos, embora divulgando muitos princípios fundamentais *da* DOUTRINA SECRETA *oriental*, erguem apenas uma pequena ponta do escuro véu. Porque ninguém, nem mesmo o maior adepto vivo, teria permissão para - caso pudesse ou quisesse isso - divulgar promiscuamente em um mundo desrespeitoso e descrente aquilo que tem sido, com tanta eficiência, escondido do mundo durante longos éons e eras.

"O Budismo Esotérico" é uma excelente obra com um título muito infeliz, embora seu título quisesse dizer exatamente o que diz o título da presente obra, "DOUTRINA SECRETA". Ele demonstrou ser infeliz porque as pessoas têm sempre o hábito de julgar as coisas pela aparência e não pelo significado; e também porque o erro agora se tornou tão universal que até a maior parte dos próprios membros da Sociedade Teosófica [12] se tornaram vítimas da mesma concepção errada. Desde o início, no entanto, brâmanes e outros protestaram contra o título. Para ser justa comigo mesma, devo acrescentar que "O Budismo Esotérico" só foi apresentado a mim quando já era um volume completo, e eu não tinha ideia de qual seria a grafia adotada pelo autor para a palavra "Budh-ismo".

A responsabilidade pela situação deve ser atribuída a aqueles que, tendo sido os primeiros a abordar publicamente o tema, deixaram de assinalar a diferença entre "Buddhismo" [13] - o sistema religioso de ética ensinado pelo Senhor Gautama, e

---

[11] Referência ao livro "O Budismo Esotérico", de A. P. Sinnett. A obra foi publicada no Brasil pela Editora Pensamento. Título original em inglês, "Esoteric Buddhism". (Nota do Tradutor)

[12] Sociedade Teosófica; esta é uma referência à Sociedade Teosófica original, que deixou de existir pouco depois de 1891, quando morreu Helena Blavatsky. Em 1894-1895, Annie Besant liderou uma campanha política radical contra William Judge, provocando a fragmentação do movimento teosófico. No século 21, o movimento tem um grau bastante grande de diversidade organizativa. Portanto, cada vez que uma obra clássica de teosofia se refere a "Sociedade Teosófica", deve-se ler "Movimento Teosófico". (Nota do Tradutor)

[13] Buddhismo; embora em português a palavra seja grafada normalmente como "budismo", seguimos neste trecho da tradução a grafia etimológica da palavra - que é mais próxima da língua inglesa - para que o leitor possa acompanhar o raciocínio de H. P. B. O uso em português da grafia etimológica em palavras como "buddhismo" e "Buddha" seria útil para estabelecer uma relação mais direta com o verdadeiro significado destes termos, que se referem a **Buddhi**, o sexto princípio da consciência humana ou "luz espiritual". No entanto, usaremos na presente tradução a grafia etimológica apenas nas situações que se referem à presente argumentação. Fora dos limites desta discussão etimológica, grafaremos a palavra

chamado assim em função do seu título de Buda, "o Iluminado" - e *Budha*, "Sabedoria" ou conhecimento (*Vidya*), a função cognitiva, que vem da raiz sânscrita "Budh", *saber*. Nós, teosofistas da Índia, somos os verdadeiros culpados, embora, na época, tenhamos feito o possível para corrigir o erro. (Veja "The Theosophist", Junho de 1883.) [14] Evitar este erro lamentável de denominação teria sido fácil: seria suficiente mudar a grafia da palavra, e de comum acordo falar e escrever "Budhismo", ao invés de "Buddhismo". Este último termo tampouco está corretamente grafado, porque em inglês o correto seria "Buddhaism", e os seus seguidores seriam "Buddhaists". [15]

Esta explicação é absolutamente necessária no começo de uma obra como esta. A "Religião da Sabedoria" é uma herança de todas as nações, no mundo inteiro, embora tenha sido afirmado em "O Budismo Esotérico" (no *Prefácio* à edição original) que "dois anos atrás (isto é, 1883) nem eu *nem qualquer outro europeu vivo* sabia o alfabeto da Ciência, aqui colocada pela primeira vez em forma científica", etc. Este erro deve ter surgido inadvertidamente no texto. Porque a presente redatora já conhecia tudo o que está "divulgado" em "O Budismo Esotérico" - e muito mais do que isso - *muitos anos* antes que se tornasse dever dela (em 1880) transmitir uma pequena parcela da Doutrina Secreta a dois cavalheiros *europeus*, um dos quais é o autor de "O Budismo Esotérico"; e seguramente a presente redatora tem o indubitável, embora, para ela, vago, privilégio de ser europeia de nascimento e por educação. Além disso, uma parte considerável da filosofia exposta pelo Sr. Sinnett foi ensinada na América do Norte, inclusive antes que o livro "Ísis Sem Véu" fosse publicado, a dois europeus e a meu colega, o coronel H. S. Olcott. Dos três instrutores que este último cavalheiro teve, o primeiro foi um Iniciado húngaro, o segundo um egípcio, o terceiro um hindu. Na medida do que foi permitido, o coronel Olcott transmitiu de várias maneiras uma parte destes ensinamentos; se os outros dois não fizeram isso, foi simplesmente porque não tiveram autorização, e porque o momento para eles trabalharem publicamente não chegou. Mas para outros indivíduos já chegou o momento de trabalhar em público, e a aparição de vários livros interessantes do Sr. Sinnett é uma prova visível deste fato. É importante acima de tudo compreender que nenhum livro teosófico adquire qualquer valor adicional com base em pretensão de autoridade.

Etimologicamente, *Adi*, ou *Adhi* Budha, a *única* (ou a Primeira) "Suprema Sabedoria" é um termo usado por Aryasanga em seus tratados secretos, e, hoje, por todos os místicos budistas do Norte. É um termo Sânscrito, e um título dado pelos

---

budismo e termos derivados tal como se usa hoje normalmente no idioma português. (Nota do Tradutor)

[14] Junho de 1883. A data da referência está errada no original em inglês. Na verdade, a edição de "The Theosophist" em que foi tentado esclarecer o problema é a de **junho de 1884**. O título do texto, assinado por "A Brahman Theosophist", é "Esoteric Buddhism and Hinduism". Veja, naquela edição, as pp. 223-225. (Nota do Tradutor)

[15] Buddhaism, Buddhaists; em português, os termos equivalentes seriam "Buddhaísmo" e "Buddhaístas". (Nota do Tradutor)

primeiros Árias à divindade Desconhecida; a palavra "Brahmâ" não é encontrada nos Vedas e nas primeiras obras. Significa a Sabedoria absoluta, e "Adi-bhuta" é traduzido como "a causa primeira e não-criada de tudo" por Fitzedward Hall. Éons de duração indizível devem ter passado antes de o epíteto "Buddha" ter sido tão humanizado, digamos assim, a ponto de permitir o seu uso em relação a seres mortais, e finalmente a sua atribuição a um ser cujas virtudes e conhecimento fizeram com que recebesse o título de "Buddha de Sabedoria inalterada". *Bodha* significa a posse inata de uma "compreensão" ou intelecto divinos; "Buddha", a sua aquisição através de esforços pessoais e mérito próprio; enquanto *Buddhi* é a faculdade de conhecer o canal através do qual o conhecimento divino chega até o "Ego", o discernimento do bem e do mal, e também a "consciência divina"; e a "Alma Espiritual", que é o veículo de *Atma*. "Quando *Buddhi* absorve nosso EGO-ísmo (quando o destrói) com todos os seus *Vikaras*, Avalokitesvara se torna manifesto para nós, e Nirvana, ou *Mukti*, é alcançado". "Mukti" é o mesmo que Nirvana, isto é, liberdade das redes de "Maya" ou *ilusão*. "Bodhi" é também o nome de um estado específico de êxtase, chamado *Samadhi*, e durante o qual o indivíduo alcança a culminação do conhecimento espiritual.

Insensatos são aqueles que, com um ódio cego e, na época atual, já inviável contra o buddhismo - e, por extensão, contra o "budhismo" - negam os seus ensinamentos esotéricos (que são os mesmos dos brâmanes) apenas porque o título sugere o que para eles, monoteístas, são doutrinas nocivas. *Insensatos* é o termo correto em relação a eles. Porque só a filosofia esotérica pode enfrentar, nesta época de materialismo crasso e ilógico, os repetidos ataques contra tudo o que o ser humano considera mais valioso e sagrado em sua vida espiritual interna. O verdadeiro filósofo, o estudante da Sabedoria Divina, deixa inteiramente de lado as personalidades, crenças dogmáticas e religiões específicas. Além disso, a filosofia esotérica reconcilia todas as religiões, retira de cada uma as suas vestes externas e humanas, e mostra que a raiz de cada uma delas é idêntica à raiz de todas as outras grandes religiões. Isto comprova a necessidade de um Princípio Divino absoluto na natureza. Ela não nega a Divindade, assim como não nega o Sol. A filosofia esotérica nunca negou Deus na Natureza, nem a Divindade como o *Ente* [16] absoluto e abstrato. Ela apenas se recusa a aceitar qualquer um dos deuses das chamadas religiões monoteístas, deuses criados pelo ser humano à sua própria imagem e semelhança, uma blasfêmia e uma triste caricatura do Sempre Incognoscível. Além disso, as evidências que pretendemos colocar diante do leitor incluem os ensinamentos esotéricos de todo o mundo, desde o início da nossa humanidade, e o ocultismo buddhista ocupa neles apenas o seu legítimo lugar e nada mais. De fato, as partes secretas de "*Dan*" ou "*Jan-na*" [17] ("*Dhyan*") da metafísica de Gautama -

---

[16] Ente; no original em inglês, "ens", ente ou entidade, algo que tem existência real. (Nota do Tradutor)

[17] *Dan*, que agora se transformou em *ch'an* na fonética do chinês e do tibetano modernos, é o termo geral usado nas escolas esotéricas e sua literatura. Nos livros antigos, a palavra *Jana* é definida como "reformar a si mesmo através da meditação e do conhecimento", um segundo nascimento *interior*. Disso vem o termo *Dzan*, foneticamente *Djan*, o "Livro de *Dzyan*". (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *A palavra* ***Jnana****, de Jnana Ioga, tem a mesma origem.*]

embora pareçam grandiosas para alguém que não esteja familiarizado com os princípios da antiga Religião da Sabedoria - são apenas uma porção muito pequena do todo. O Reformador Hindu limitou os seus ensinamentos públicos ao aspecto puramente moral e fisiológico da Religião da Sabedoria, à Ética e ao SER HUMANO, apenas. O grande Instrutor jamais abordou em suas palestras públicas as coisas "invisíveis e incorpóreas" e o mistério do Ser fora da nossa esfera terrestre, reservando as coisas ocultas para o círculo seleto dos seus Arhats. Estes recebiam a sua Iniciação na famosa caverna Saptaparna (ou a *Sattapanni* de Mahavansa), perto do Monte Baibhâr (Webhâra nos manuscritos páli). Esta caverna estava em Rajagriha, a antiga capital de Mogadha, e foi a caverna *Cheta* de Fa-hian, como supõem corretamente alguns arqueólogos. [18]

O tempo e a imaginação humana empobreceram a pureza e a filosofia destes ensinamentos, depois que eles foram transplantados - durante o processo do seu trabalho de proselitismo - do círculo secreto e sagrado dos Arhats para solos menos preparados que a Índia para receber concepções metafísicas; ou seja, quando foram transferidos para a China, o Japão, o Sião [19] e a Birmânia. O modo como a pureza prístina destas revelações grandiosas foi tratada pode ser visto quando se observa as formas modernas de algumas das antigas escolas buddhistas chamadas "esotéricas", não só na China e outros países buddhistas em geral, mas também em não poucos casos no Tibete, onde foram deixadas sob a direção de Lamas não-iniciados e inovadores mongóis.

Assim, pedimos ao leitor que tenha presente a diferença muito importante entre Buddhismo *ortodoxo* - isto é, os ensinamentos públicos de Gautama, o Buddha - e o seu *Budhismo* esotérico. A sua Doutrina Secreta, no entanto, não era de modo algum diferente da doutrina esotérica dos brâmanes da época. O Buddha era filho do solo ária, nascido hindu, um Kshatrya [20] e discípulo dos "nascidos pela segunda vez" (os brâmanes iniciados) ou Dwijas. Os ensinamentos do Buddha, portanto, não podiam ser diferentes das doutrinas dos brâmanes, porque toda a reforma buddhista consistiu apenas em divulgar uma parte daquilo que havia sido mantido fora do alcance dos que não faziam parte do círculo "encantado" dos Iniciados do Templo e dos ascetas. Mesmo impossibilitado - devido a seus votos de segredo - de transmitir *tudo* o que lhe havia sido ensinado, o Buddha divulgou uma filosofia construída sobre o solo do verdadeiro conhecimento esotérico, e deu ao mundo apenas o corpo *externo* material do conhecimento, mantendo a sua *alma* para os Eleitos. (Ver também o volume II.) Muitos eruditos chineses, entre os orientalistas, ouviram falar da "Doutrina da Alma". Nenhum deles parece ter compreendido a sua real importância e seu significado.

---

[18] Acreditamos que o Sr. Beglor, engenheiro-chefe em Buddhagaya e um destacado arqueólogo, foi o primeiro a descobrir isso. (Nota de H. P. Blavatsky)

[19] Sião; atual Tailândia. (Nota do Tradutor)

[20] Kshatrya; o termo é sânscrito e designa a casta indiana dos guerreiros. (Nota do Tradutor)

Esta doutrina foi preservada secretamente - demasiado secretamente, talvez - dentro do santuário. O mistério que envolvia o seu principal conceito e suas principais aspirações - o Nirvana - desafiou e estimulou tanto a curiosidade dos eruditos que a estudaram, que, sendo incapazes de resolver o problema logicamente e de desatar o nó Górdio, eles o cortaram [21], declarando que o Nirvana significava *absoluta aniquilação*.

Em torno da primeira quarta parte deste século [22], apareceu no mundo um novo tipo de literatura que, a cada ano, se tornou mais bem definida em sua tendência. Sendo baseada, segundo ela própria afirma, nas pesquisas eruditas de especialistas em sânscrito e orientalistas em geral, era considerada científica. Atribuiu-se às religiões, aos mitos e aos símbolos hindus, egípcios e de outros povos qualquer coisa que o especialista em símbolos quisesse ver neles, adotando-se, deste modo, a rudimentar forma *externa* ao invés do significado *interno*. Obras extremamente notáveis por suas hábeis deduções e especulações em círculo vicioso, com conclusões previamente determinadas trocando de lugar com as premissas, como nos silogismos de mais de um especialista em sânscrito e páli, apareceram em rápida sucessão e inundaram bibliotecas com dissertações mais dedicadas a religiosidades fálicas e sexuais do que à verdadeira simbologia, e cada uma contradizendo as outras.

Esta talvez seja a verdadeira razão pela qual o esboço de algumas verdades fundamentais da Doutrina Secreta das eras Arcaicas tem agora autorização para vir a público, depois de longos milênios do mais profundo silêncio e do mais profundo segredo. Digo de propósito "*algumas* verdades", porque o que deve permanecer no silêncio não poderia ser dito ainda que escrevêssemos cem volumes, nem poderia ser transmitido às gerações atuais de saduceus.[23] Mas mesmo o pouco que agora é dado ao público é melhor do que um completo silêncio sobre estas verdades de importância decisiva. O mundo de hoje, na sua corrida enlouquecida em direção ao desconhecido - algo que ele tende a confundir com o incognoscível sempre que o problema está além do alcance da ciência física - está progredindo rapidamente no plano material, o plano inverso ao da espiritualidade. Tornou-se agora uma vasta arena - um verdadeiro vale da discórdia e da eterna luta - uma necrópole em que

---

[21] Nó Górdio; um nó, em uma corda, que é praticamente impossível de desatar, e que simboliza, portanto, um problema aparentemente sem solução. Uma alternativa que surge é "cortar o nó", isto é, adotar uma medida radical e fora das regras convencionais. A expressão se refere a uma lenda segundo a qual Alexandre, o Grande, cortou o "nó Górdio" com sua espada. (Nota do Tradutor)

[22] "Deste século"; isto é, do século 19. (Nota do Tradutor)

[23] Saduceus; sacerdotes profissionais das classes aristocráticas judaicas, no mundo antigo. Os saduceus defendiam a leitura literal da Bíblia judaica (conforme "*Webster Unabridged Encyclopedic Dictionary*"). Eles foram responsáveis pela morte de Jesus, segundo dizem as narrativas do Novo Testamento. Ver "*A Concise Encyclopedia of Christianity*", de Geoffrey Parrinder, OneWorld, Oxford. (Nota do Tradutor)

estão enterradas as aspirações mais elevadas e mais sagradas da nossa Alma-Espírito. A cada geração, esta alma se torna mais paralisada e atrofiada. [24] Os "afáveis infiéis e consumados libertinos da sociedade", de que fala Greeley, dão pouca importância ao renascimento das ciências *mortas* do passado; mas há uma minoria expressiva de estudantes sérios que têm direito a aprender as poucas verdades que podem ser dadas a eles agora; e *agora* muito mais do que há dez anos atrás, quando "Ísis Sem Véu" foi publicada; ou mesmo do que quando apareceram outras tentativas - posteriores a "Ísis Sem Véu" - de explicar os mistérios da ciência esotérica.

Um dos maiores argumentos - e o mais sério deles - a serem usados contra o valor e a confiabilidade da obra diz respeito às ESTÂNCIAS preliminares: "Como é possível verificar as afirmações feitas nelas?" É verdade que, embora grande parte das obras sânscritas, chinesas, e mongóis citadas nos presentes volumes sejam conhecidas por alguns orientalistas, a principal obra, da qual são reproduzidas as Estâncias, não está em poder de bibliotecas europeias. O Livro de Dzyan (ou "Dzan") é completamente desconhecido dos nossos filólogos, ou, pelo menos, eles nunca ouviram falar dele com este nome. Isso, naturalmente, é um grande obstáculo para aqueles que seguem os métodos de pesquisa recomendados pela Ciência oficial; mas para os estudantes de Ocultismo e para todo Ocultista legítimo o fato terá pouca importância. A maior parte das Doutrinas divulgadas está espalhada por centenas e milhares de manuscritos sânscritos, alguns já traduzidos - e desfigurados como de costume em suas interpretações -; outros ainda esperando por sua vez. Todo estudioso tem, portanto, a possibilidade de verificar as afirmativas feitas aqui e de testar a maior parte das citações. Será difícil localizar a origem das referências a alguns fatos novos (*novos* apenas para o orientalista profano), e de algumas passagens reproduzidas dos Comentários. Além disso, vários dos ensinamentos foram transmitidos até agora oralmente; no entanto, mesmo estes são, todos, mencionados indiretamente nos volumes quase incontáveis das literaturas sagradas dos templos bramânicos, chineses e tibetanos.

Em todo caso, e sejam quais forem as críticas malévolas a serem feitas contra a redatora desta obra, há um fato inegável. Os membros de várias escolas esotéricas, cuja sede central está além dos Himalaias [25], e cujas ramificações podem ser encontradas na China, no Japão, na Índia, no Tibete e mesmo na Síria, além da América do Sul, afirmam ter em sua posse a *soma total* das obras sagradas e filosóficas, em volumes manuscritos e impressos; todas as obras, de fato, que já foram escritas, em quaisquer idiomas ou caracteres, desde que começou a arte de

---

[24] "Alma se torna mais paralisada". Ao escrever esta frase na década de 1880, o futuro diante de H. P. Blavatsky incluía o século vinte, com duas grandes guerras mundiais que iriam destruir uma e outra vez a Europa, além das bombas atômicas e da guerra fria que ameaçariam com a possibilidade de uma hecatombe capaz de aniquilar subitamente a população humana. Em relação ao século 20, a missão de H. P. B. visava, entre outras coisas, impedir o pior fortalecendo as bases da fraternidade universal. A missão teve êxito. A situação no século 21 é bem diferente. (Nota do Tradutor)

[25] Além dos Himalaias; isto é, ao Norte desta Cordilheira. (Nota do Tradutor)

escrever, incluindo os hieróglifos ideográficos, o alfabeto de Cadmo [26] e o Devanagari [27].

Tem sido afirmado ao longo do tempo que desde a destruição da Biblioteca de Alexandria (veja "Ísis Sem Véu"[28], Ed. Pensamento, Vol. III, pp. 33-34) cada uma das obras cujo conteúdo poderia levar o profano a uma descoberta e uma compreensão nítidas de alguns dos mistérios da Ciência Secreta foi cuidadosamente localizado, graças aos esforços combinados dos membros das Fraternidades. Aqueles que sabem acrescentam, além disso, que, uma vez localizadas, três cópias de cada obra foram deixadas de lado e guardadas em segurança, e todas as outras foram destruídas. Na Índia, os últimos manuscritos preciosos foram reunidos e ocultados durante o reinado do imperador Akbar. [29]

Afirma-se, além disso, que cada um dos livros sagrados desta categoria, cujo texto não estava suficientemente velado através de simbolismos, ou que fazia qualquer referência direta aos mistérios da antiguidade, foi cuidadosamente copiado em caracteres criptográficos, de modo a impossibilitar a sua leitura por parte até mesmo dos melhores e mais inteligentes paleógrafos, sendo depois também destruído até a última cópia. Durante o reinado de Akbar [30], alguns fanáticos membros da corte, descontentes com o interesse pecaminoso do imperador por investigar a religião dos infiéis, ajudaram, eles próprios, aos brâmanes no esforço de ocultar os seus manuscritos. Entre eles estava Badáoni, que sentia um *horror indisfarçável* diante da mania de Akbar em relação às religiões idólatras. [31]

---

[26] Cadmo; na mitologia clássica, herói fenício que introduziu no mundo grego o alfabeto e a escrita. Fundou a cidade de Tebas. (Nota do Tradutor)

[27] Devanagari; etimologicamente "A língua ou as letras dos devas (deuses)". O alfabeto do idioma sânscrito. O mesmo alfabeto é usado para outros idiomas indianos, como o hindi. (Nota do Tradutor)

[28] Na edição original, disponível nos websites associados, ver "**Isis Unveiled**", volume II, p. 27. (Nota do Tradutor)

[29] O professor Max Müller mostra que nenhuma oferta de suborno ou ameaça feita por Akbar foi suficiente para obter dos brâmanes o texto original dos Vedas; e, afirma, orgulhosamente, que os orientalistas europeus o possuem ("*Introdução à Ciência da Religião*", "*Introduction to the Science of Religion"*, 1873, p. 23). Que a Europa possua o *texto completo* é altamente duvidoso, e no futuro os orientalistas podem ter surpresas muito desagradáveis. (Nota de H. P. Blavatsky)

[30] Akbar foi um imperador muçulmano, liberal e que estimulava as artes, a ciência e a literatura. (Nota do Tradutor)

[31] Badáoni escreveu em seu *Muntakhab at Tawarikh*: "Sua Majestade gostava de investigações sobre as seitas destes infiéis (que são tão numerosos que não podem ser contados, e possuem um número infindável de *livros de revelações*) ..... Dado o fato de que eles (os Sramana e brâmanes) ultrapassam outros eruditos em seus tratados sobre moral e sobre ciências físicas e religiosas, e alcançam um alto grau de *conhecimento do futuro*, de poder espiritual e de perfeição humana, eles trouxeram provas baseadas na razão e em testemunhos e estabeleceram estas doutrinas de modo tão firme que já ninguém podia

Além disso, em todas as lamaserias [32] grandes e ricas há galerias subterrâneas e *bibliotecas em cavernas*, esculpidas na rocha, sempre que o *gonpa* [33] e o *lhakhang* [34] estão situados em montanhas. Mais além do Tsaydam ocidental, nas passagens solitárias de *Kuen-lun* [35], há vários locais ocultos com estas características.[36] Ao longo da cordilheira de Altyn-Tagh, cujo solo nenhum europeu jamais pisou até o momento, há uma certa aldeia perdida em um profundo desfiladeiro. É um pequeno agrupamento de casas, mais uma vila do que um monastério, com um templo de aparência pobre, e um velho lama, um eremita, que vive perto para cuidar dele. Os peregrinos dizem que as galerias e salões subterrâneos sob a aldeia contêm uma coleção de livros cujo número, de acordo com os informes dados, é tão grande que eles não poderiam ser alojados nem mesmo no Museu Britânico. [37]

É muito provável que tudo isso cause um sorriso de dúvida. Mas antes de negar a autenticidade de tais relatos [38], o leitor deve fazer uma pausa e refletir sobre os

---

provocar uma só dúvida na consciência de Sua Majestade, ainda que montanhas se transformassem em pó ou o céu se abrisse ao meio." Esta obra "foi mantida em segredo, e não foi publicada até o reinado de Jahangir." ("Ain i Akbari", tradução do Dr. Blochmann, p. 104, nota.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[32] Lamaserias; monastérios dos lamas. (Nota do Tradutor)

[33] Gonpa; palavra tibetana que significa "monastério". (Nota do Tradutor)

[34] Lhakhang; palavra tibetana. Significa templo, especialmente subterrâneo. (Nota do Tradutor)

[35] As montanhas Karakorum, na região ocidental do Tibete. (Nota de H. P. Blavatsky)

[36] Um Mestre de Sabedoria escreveu em 1880 sobre esta região dos Himalaias: ".... Um dia destes, eu descia os desfiladeiros do Kouenlun - que vocês chamam Karakorum - e vi desabar uma avalanche. Eu tinha ido pessoalmente até o nosso chefe para submeter a ele a importante oferta do sr. Hume, e estava cruzando o desfiladeiro em direção a Ladakh na volta para casa. (....) Exatamente quando eu estava desfrutando a tranquilidade impressionante que geralmente se segue a esse cataclisma (....) fui bruscamente chamado aos meus sentidos. (…)" ("**Cartas dos Mahatmas**", Editora Teosófica, Brasília, 2001, Volume I, Carta 5, p. 54.) (Nota do Tradutor)

[37] De acordo com a mesma tradição, as regiões agora desoladas da terra seca de Tarim - um verdadeiro deserto no coração do Turquestão - estavam cobertas na antiguidade por cidades ricas e florescentes. Hoje em dia, só alguns poucos oásis verdes dão alívio à sua solidão sem vida. Um deles, surgido no sepulcro de uma vasta cidade engolida e encoberta pelo solo arenoso do deserto, não pertence a ninguém, mas é com frequência visitado por mongóis e budistas. A mesma tradição fala de imensos prédios subterrâneos, e de grandes corredores cheios de cerâmicas e cilindros. Pode ser que seja apenas um rumor sem fundamento. Talvez seja um fato real. (Nota de H. P. Blavatsky)

[38] Em "Cartas dos Mahatmas" há uma descrição de um dos refúgios usados pelos Mestres dos Himalaias. O Raja Iogue escreve para um discípulo leigo inglês: "Em certo lugar que não pode ser mencionado a estranhos, existe um abismo, atravessado por uma frágil ponte de fibras entrelaçadas, com uma impetuosa correnteza em baixo. O mais intrépido membro dos seus clubes de alpinismo dificilmente ousaria aventurar-se a passá-la, porque a ponte

seguintes fatos, que são bem conhecidos. As pesquisas coletivas dos orientalistas, e especialmente os esforços de anos recentes feitos por estudiosos de filologia comparada e da Ciência das Religiões, levaram à comprovação de que um número imenso, incalculável, de manuscritos, e mesmo de livros impressos *que se sabe que existiram, agora já não podem ser encontrados*. Eles desapareceram sem deixar o menor vestígio. Se eles fossem obras sem importância, poderiam ter sido deixados à mercê da destruição natural ao longo do tempo, e até os seus nomes teriam sido apagados da memória humana. Mas não é isso o que acontece, porque, como agora foi comprovado, a maior parte deles continha as verdadeiras chaves interpretativas de obras ainda existentes, e *inteiramente incompreensíveis* para a maior parte dos seus leitores, *sem estes volumes adicionais de Comentários e explicações*. Este é o caso, por exemplo, das obras de Lao-tzu, o predecessor de Confúcio.[39]

Afirma-se que ele escreveu 930 livros sobre Ética e religiões, e *setenta* sobre magia, com *um total de mil*. Sua grande obra, no entanto, o *coração* da sua doutrina, o "Tao-te-King", ou a sagrada escritura do *Tao-tzu*, possui, como mostra Stanislas Julien [40], apenas "cerca de 5.000 palavras" (*Tao-te-King*, p. XXVII), não mais que uma dúzia de páginas; e no entanto o professor Max Müller considera que "o texto é ininteligível sem comentários, de modo que o Sr. Julien teve que consultar mais de sessenta comentadores para realizar a sua tradução", o mais antigo dos quais é do ano 163 antes da era cristã, e *não antes*, como vemos. Durante os quatro séculos e meio que precederam *o mais antigo* dos comentadores houve tempo suficiente para que a verdadeira doutrina de Lao-tzu fosse velada para todos, com a exceção dos seus sacerdotes iniciados.[41] Os japoneses, entre os quais encontramos hoje os mais

---

está pendurada como uma teia de aranha e *parece* apodrecida e intransponível. E, no entanto, não é assim; e aquele que ousa enfrentar a prova e tem êxito - como o terá se for correto que ele tenha permissão - chega a um desfiladeiro cujo cenário é de uma beleza insuperável - a um dos *nossos* lugares, e a algumas pessoas *nossas*, algo em relação ao qual não há anotação ou registro entre geógrafos europeus. À distância do arremesso de uma pedra desde o velho monastério de Lamas ergue-se a antiga torre dentro da qual surgiram gerações de *Bodhisatvas*. (...)." ("**Cartas dos Mahatmas**", Volume I, Carta 29, pp. 153-154.) (Nota do Tradutor)

[39] "Se olharmos para a China, veremos que a religião de Confúcio se baseia nos cinco livros *King* e nos quatro livros *Shu*, eles próprios de uma extensão considerável e rodeados de volumosos Comentários, sem os quais nem mesmo o mais sábio dos eruditos tentaria explorar *as profundezas do seu cânone sagrado*." ("*Introdução à Ciência da Religião*", *"Introduction to the Science of Religion"*, p. 114, 1873, Max Müller.) Mas eles não as exploraram, e este é o motivo de um protesto por parte dos confucionistas, conforme reclamou um destacado erudito daquela corrente de pensamento, em Paris, em 1881. (Nota de H. P. Blavatsky)

[40] O sinólogo Stanislas Julien (13 de abril 1797 - 14 de fevereiro de 1873) publicou sua versão do *Tao-te-King* em 1842, em francês. (Nota do Tradutor)

[41] Sobre a importância da China para os Mestres de Sabedoria, cabe levar em conta estas palavras escritas por um deles a um discípulo leigo ocidental: "...Nós, do Tibete e da China..." ("Cartas dos Mahatmas", Vol. II, Carta 136, p. 314.) Os Mestres não veem separação entre os dois países. (Nota do Tradutor)

eruditos sacerdotes e seguidores de Lao-tzu, simplesmente riem diante dos erros grosseiros e das hipóteses formuladas pelos especialistas europeus em cultura chinesa; e a tradição afirma que os comentários aos quais os sinólogos ocidentais têm acesso não são os registros *realmente ocultos*, mas apenas véus intencionais, e que os verdadeiros comentários, assim como quase todos os textos, *desapareceram* há muito tempo dos olhos do profano.

Se observamos a literatura antiga das religiões semíticas e a escritura dos caldeus, a irmã mais velha e instrutora (se não a fonte direta) da Bíblia de Moisés, que é por sua vez a base e o ponto inicial do cristianismo - quais são as descobertas dos eruditos? O que é que resta, atualmente, para perpetuar a memória das antigas religiões da Babilônia, para registrar o vasto ciclo de observações astronômicas dos magos caldeus, e para justificar a tradição da sua literatura esplêndida e notavelmente oculta? Apenas uns poucos fragmentos, que *são atribuídos* a Beroso.

Tais fragmentos, no entanto, são quase destituídos de valor, mesmo como uma pista que poderia indicar a natureza do que foi perdido, porque passaram pelas mãos do reverendo Bispo de Cesareia [42] - o autonomeado censor e editor dos documentos sagrados das religiões de outros povos - e sem dúvida têm até hoje a marca de suas mãos notavelmente verazes e confiáveis. Qual é a história deste tratado sobre aquela que foi a grande religião da Babilônia?

Ele foi escrito em grego por Beroso, um sacerdote do templo de Baal [43], para Alexandre o Grande, a partir dos registros astronômicos e cronológicos preservados pelos sacerdotes daquele templo, que cobriam um período de 200.000 anos. Agora está perdido. No século um antes da era cristã, Alexander Polyhistor fez uma série de transcrições parciais da obra - *também perdidas*. Eusébio usou estas transcrições ao escrever sua *Chronicon* (270-340, era cristã). Os pontos de semelhança - quase identidade - entre as escrituras judaicas e caldaicas [44] tornaram estas últimas [45] extremamente perigosas para Eusébio, em seu papel de defensor e proclamador da nova fé que havia adotado as escrituras judaicas, e que havia adotado, com elas, uma cronologia absurda. Está confirmado que Eusébio não preservou as Tabelas

---

[42] Cesareia; cidade fundada por Herodes no século um antes da era cristã, e situada no atual território de Israel. (Nota do Tradutor)

[43] Baal; "Belus" em latim. Divindade babilônica e do primeiro período da história judaica, mais tarde transformada em "demônio". (Nota do Tradutor)

[44] Algo que foi constatado e comprovado só *agora*, através das descobertas feitas por George Smith (veja-se o seu livro "Chaldean Account of Genesis"), e que, graças a este falsificador armênio, enganou a todas as *nações civilizadas* durante mais de 1500 anos, fazendo com que elas aceitassem os relatos judaicos como *Revelação Divina direta*! (Nota de H. P. Blavatsky)

[45] A edição de 1876 do livro "**Chaldean Account of Genesis**", de George Smith - citada por H. P. B. na nota imediatamente anterior a esta - foi reeditada em 1994 por Wizards Bookshelf, de San Diego, Califórnia. A edição é fac-similar e tem 320 pp., incluindo um índice remissivo. (Nota do Tradutor)

Sincrônicas Egípcias, de Manetho [46], e tanto é assim que Bunsen [47] o acusa de mutilar a história de modo extremamente inescrupuloso. E tanto Sócrates, um historiador do século cinco, como Syncellus, vice-patriarca de Constantinopla (século oito), o denunciam como o mais audaz e desesperado falsificador.

Será então provável que ele tenha tratado com mais respeito os documentos caldeus, que já estavam ameaçando a nova religião - aceita de modo tão apressado?

Assim, com a exceção destes fragmentos mais do que duvidosos, toda a literatura sagrada dos caldeus desapareceu dos olhos do profano tão completamente quanto a perdida Atlântida. Alguns fatos que fazem parte da História escrita por Beroso são dados na parte II do volume II da presente obra, e podem lançar uma grande luz sobre a verdadeira origem dos Anjos Caídos, personificados por Bel [48] e o Dragão.

Examinando agora a literatura Ária mais antiga, o Rig-Veda, se o estudante seguir estritamente os dados fornecidos pelos próprios orientalistas citados acima, verá que embora o Rig-Veda contenha apenas "cerca de 10.580 versos, ou 1.028 hinos", e apesar dos Brahmanas [49] e da massa de interpretações e comentários, ele até hoje não é compreendido corretamente. Qual é a razão disso? Evidentemente, isso ocorre porque os próprios Brahmanas, "os tratados escolásticos e mais antigos sobre os hinos primitivos", *requerem também uma chave interpretativa*, a que os orientalistas não tiveram acesso.

O que dizem os eruditos sobre a literatura budista? Será que eles a possuem toda e completa? Seguramente não. Apesar dos 325 volumes do *Kanjur* e do *Tanjur* dos budistas do Norte - dos quais cada volume, conforme nos é dito, "pesa entre meio quilo e dois quilos e meio" - nada, na verdade, é conhecido sobre o lamaísmo. No entanto, considera-se que o cânone sagrado dos templos do Sul contém 29.368.000 letras no Saddharma alankâra [50], ou, sem contar tratados e comentários, "cinco ou seis vezes mais que a Bíblia", já que esta última, segundo as palavras do professor Max Müller, tem apenas 3.567.180 letras. Apesar, portanto, destes "325 volumes" (*na realidade*, são 333 volumes, com o *Kanjur* possuindo 108, e o *Tanjur* 225 volumes), "os tradutores , ao invés de fornecer-nos versões corretas, intercalaram

---

[46] Manetho, ou Maneton; historiador egípcio antigo. (Nota do Tradutor)

[47] "Egypt's Place in Universal History", Bunsen, vol. I, p. 200. (Nota de H.P. Blavatsky)

[48] Bel; uma variante do nome Baal. Ver nota algumas linhas acima. (Nota do Tradutor)

[49] Brahmanas; literalmente "que pertencem aos brâmanes". Textos compostos por, e para, os brâmanes. Parte dos Vedas que ensina aos brâmanes sobre o uso dos hinos. ("A Classical Dictionary of Hindu Mythology", John Dowson, Munshiram Manoharlal Publishers, New Delhi, India, 1973.) Os Brahmanas contêm instruções para os iniciados. ("Theosophical Glossary", Theosophy Co.) (Nota do Tradutor)

[50] Spence Hardy, "The Legends and Theories of the Buddhists", p. 66. (Nota de H. P. Blavatsky)

nas obras os *seus próprios comentários*, com a intenção de justificar as doutrinas das suas várias escolas." [51] Além disso, "de acordo com uma tradição preservada pelas escolas budistas tanto do Sul como do Norte, o cânone sagrado budista incluía inicialmente 80.000 ou 84.000 tratados, *mas a maior parte deles foi perdida*, de modo que permaneceram apenas 6.000", diz o professor ao seu público. Foram "perdidas", como de costume, para os europeus. Mas quem pode ter certeza de que elas estão perdidas também para os budistas e os brâmanes?

Considerando o caráter sagrado que os budistas atribuem a cada linha escrita sobre Buddha ou sua "Boa Lei", a perda de cerca de 76.000 *tratados* parece miraculosa[52]. Se fosse *o contrário,* qualquer um que conheça o curso natural dos fatos aceitaria a afirmação de que, destes 76.000, cinco ou seis mil tratados *poderiam ter sido* destruídos durante as perseguições na Índia e a emigração daquele país. Mas como está bem estabelecido que os Arhats budistas começaram o seu êxodo religioso para propagar a nova fé além de Caxemira e dos Himalaias já no ano 300 antes da era atual [53], e que eles chegaram à China no ano 61 da era cristã [54], quando Kashyapa, convidado pelo imperador Ming-ti, foi até lá para familiarizar o "Filho do Céu" com as doutrinas budistas, parece estranho ouvir os orientalistas falarem de uma tal perda como se ela fosse realmente possível. Eles parecem não admitir nem por um momento a possibilidade de que os textos estejam *perdidos* apenas para o Ocidente e para *eles próprios*; ou de que o povo asiático possa ter a audácia, quase inimaginável, de manter os seus textos mais sagrados fora do alcance dos estrangeiros, recusando-se assim a entregá-los para a profanação e o uso inadequado por parte de povos tão "vastamente superiores" a eles.

Devido às lamentações feitas e às numerosas confissões de parte de quase todos os orientalistas (veja-se, por exemplo, as "Lectures" [*"Palestras"*] de Max Müller) o público pode ter certeza de que, (a) os estudantes de religiões antigas têm na verdade informações excessivamente escassas para construir conclusões finais, como geralmente fazem, em relação às religiões antigas; e (b) esta falta de dados não impede de modo algum que eles sejam dogmáticos a esse respeito. Poderíamos pensar que, graças aos numerosos registros da teogonia e mistérios egípcios ainda preservados nos clássicos, e em um bom número de obras dos escritores antigos, pelo menos os ritos e as doutrinas do Egito dos faraós deveriam estar bem

---

[51] "Buddhism in Tibet", p. 78. (Nota de H. P. Blavatsky)

[52] H. P. B. está mencionando aqui um número médio. A estimativa do número de tratados oscila entre os extremos de 80.000 e 84.000. No caso do número menor, 80.000 menos 6.000 textos que foram preservados seriam 74.000. Na outra ponta, 84.000 menos 6.000 preservados são 78.000. A média entre 74.000 e 78.000 é 76.000. (Nota do Tradutor)

[53] C. Lassen ("Indische Alterthumskunde", vol. II, p. 1091; ed. 1874) mostra um monastério budista construído na serra de Kailas no ano de 137 antes da era cristã; e o general Cunningham menciona data anterior a esta. (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *Seguimos aqui os dados bibliográficos indicados na edição de B. de Zirkoff. Neste ponto, estamos na p.* ***xxviii*** *do original em inglês.*]

[54] Reverendo J. Edkins, "Chinese Buddhism". (Nota de H. P. Blavatsky)

compreendidos; e melhor compreendidos, pelo menos, do que as filosofias e o panteísmo abstrusos da Índia, de cuja religião e idioma a Europa dificilmente tinha alguma ideia antes do começo do século atual.[55] Ao longo do Nilo e de todo o país, existem até agora e são exumadas a cada ano e todos os dias novas relíquias que contam com eloquência a sua própria história. Apesar disso, a compreensão não ocorre. O próprio filólogo erudito de Oxford confessa a verdade ao dizer: "Embora (.....) [56], vemos ainda erguidas as pirâmides e as ruínas de templos e labirintos, com suas paredes cobertas de inscrições hieroglíficas e estranhas pinturas de deuses e deusas. (.....) Em rolos de papiros que parecem desafiar a passagem do tempo, temos até fragmentos do que podemos chamar de livros sagrados dos antigos egípcios; e no entanto, apesar de muitos dos antigos registros desta raça misteriosa terem sido decifrados, a tendência dominante da religião do Egito e a intenção original da sua adoração cerimonial *estão longe de serem completamente* compreendidas por nós." [57] Neste caso, novamente, os misteriosos documentos em hieróglifos permanecem, mas desapareceram as chaves indispensáveis para que eles sejam inteligíveis.

No entanto, tendo descoberto que "há uma conexão natural entre a língua e a religião", e, em segundo lugar, que houve uma religião ariana *comum* antes da separação da raça ariana; uma religião semítica *comum* antes da separação da raça semítica; e uma religião turaniana [58] *comum* antes da separação dos chineses e das outras tribos pertencentes ao grupo turaniano; e tendo, na realidade, descoberto apenas "três centros antigos de religião" e "três centros linguísticos", e embora ignore tudo sobre aquelas religiões e línguas primitivas, o professor não hesita ao declarar que "foi obtida uma *base* verdadeiramente *histórica* para um enfoque científico daquelas primeiras religiões do mundo!"

Um "enfoque científico" sobre um assunto não garante que haja uma "base histórica"; e com dados disponíveis tão escassos, nenhum filólogo, nem sequer entre os mais eminentes, tem condições de apresentar suas próprias conclusões como fatos *históricos*. Sem dúvida, o eminente orientalista comprovou diante do mundo que - de acordo com a lei das regras fonéticas formulada por Grimm -, Odin e o Buddha eram dois personagens diferentes, bastante diversos um do outro; e ele demonstrou

---

[55] "Século atual"; século 19. (Nota do Tradutor)

[56] Estamos à altura da metade inferior da p. xxviii do original em inglês. Foram omitidas palavras nesta citação, o que prejudica o sentido da frase. Em sua edição, Boris de Zirkoff omite a palavra "Embora", para que a frase faça sentido. (Nota do Tradutor)

[57] Nossos maiores egiptólogos sabem tão pouco dos ritos funerários dos egípcios e das marcas externas diferenciando o sexo das múmias, que cometem erros ridículos. Um ou dois anos atrás, um equívoco deste tipo foi descoberto em Boulaq, no Cairo. A múmia, segundo se pensava, da esposa de um faraó sem importância, foi identificada, afinal - graças a uma inscrição descoberta em um amuleto pendurado ao seu pescoço - como sendo a múmia de Sesóstris, o maior rei do Egito! (Nota de H. P. Blavatsky)

[58] Turaniana, turaniano; relativo aos povos do sul da Rússia e do Turquestão, e com traços mongólicos. (Nota do Tradutor)

isso *cientificamente*. No entanto, quando ele aproveita a oportunidade para acrescentar que Odin "foi adorado como divindade suprema *durante um período muito anterior à época dos Vedas* e de Homero" (*Compar. Theol*., p. 318), diz isso sem a menor "base *histórica*". Ele trata a *história* e os *fatos* como se estivessem a serviço das suas próprias conclusões, o que pode ser muito "científico", do ponto de vista dos estudiosos de temas orientais, mas fica extremamente longe da verdade dos fatos. No caso dos Vedas, as visões contraditórias sobre a questão cronológica, defendidas pelos vários eminentes orientalistas e filólogos desde Martin Haug até o próprio Sr. Max Müller, são uma prova evidente de que a afirmação não tem base *histórica*, e que a suposta "evidência interna", ao invés de ser um farol confiável por cuja luz alguém pode orientar-se, é frequentemente como uma abóbora iluminada do dia das bruxas [59]. A Ciência da moderna Mitologia Comparada tampouco tem qualquer prova melhor para mostrar que os doutos escritores que insistiram ao longo dos últimos cem anos, mais ou menos, que deve ter havido "fragmentos de uma revelação primitiva, dada aos ancestrais de toda raça humana (.....) preservados nos templos da Grécia e Itália", estavam inteiramente errados. Porque é isso que todos os Iniciados e pândits [60] Orientais têm estado dizendo ao mundo de tempos em tempos. Um destacado sacerdote cingalês [61] assegurou à autora ser um fato bem conhecido que os tratados budistas mais importantes, pertencentes ao cânone sagrado, estavam guardados à parte *em países e lugares inacessíveis aos pândits europeus*. O falecido Swami Dayanand Sarasvati, o maior sanscritista da Índia em sua época, disse a mesma coisa a alguns membros da Sociedade Teosófica, com relação a antigas obras bramânicas. Quando foi dito a ele que o professor Max Müller havia declarado ao público das suas "Palestras" que a teoria (.....) "segundo a qual *havia uma revelação primitiva e sobrenatural*, dada aos pais da raça humana, tem o apoio de poucos atualmente", - o homem santo e sábio riu. Sua resposta foi significativa. "Se o Sr. *Moksh Mooller*", era assim que ele pronunciava o nome, "fosse um brâmane e viesse falar comigo, eu poderia levá-lo a uma caverna *gupta* (uma cripta secreta) perto de Okhee Math, nos Himalaias, onde ele não demoraria muito para descobrir que tudo aquilo que cruzou o *Kalapani* (as águas escuras do oceano) desde a Índia até a Europa foram só *pedaços de cópias descartadas de algumas passagens dos nossos livros sagrados*. Um dia *existiu* e ainda existe uma 'primitiva revelação'; ela jamais se perderá, e irá reaparecer; embora os Mlechchhas[62] tenham, é claro, que esperar."

---

[59] Abóbora iluminada, *Jack-o'-lantern*, no original em inglês. Referência à abóbora iluminada usada no dia das bruxas, ou Halloween. (Nota do Tradutor)

[60] Pândits; do sânscrito, "eruditos". (Nota do Tradutor)

[61] Cingalês; nativo do Ceilão, atual Sri Lanka. (Nota do Tradutor)

[62] Mlechchhas; poucas páginas mais adiante, na p. xxxiv do original em inglês, H.P. Blavatsky traduz o termo "Mlechchhas" como "párias, selvagens, aqueles que estão fora da civilização Ária". (Nota do Tradutor)

Diante de novas perguntas sobre este ponto, ele nada respondeu. Isso ocorreu em Meerut [63], em 1880.

Sem dúvida foi cruel o embuste que os brâmanes aplicaram em Calcutá no século passado ao coronel Wilford e ao Sir William Jones. Mas foi merecido, e a culpa naquele episódio cabe apenas aos próprios Missionários e ao coronel Wilford. Os missionários, com base no testemunho do próprio Sir William Jones (ver Asiat. Res., Vol. I, p. 272), foram suficientemente tolos para sustentar a ideia de que "os hindus mesmo hoje em dia são quase cristãos, porque o seu Brahmâ, Vishnu e Mahesa são nada mais e nada menos que a trindade cristã".[64] Foi uma boa lição. O fato fez com que os eruditos orientalistas ficassem duplamente cautelosos. Mas talvez isso tenha também tornado alguns deles excessivamente tímidos, e pode ser que tenha feito, como reação, com que o pêndulo das conclusões abandonadas se inclinasse demasiado para o outro lado. Porque aquele "primeiro acesso ao mercado bramânico", feito pelo coronel Wilford, agora criou uma necessidade e um desejo evidentes, nos orientalistas, de declararem quase todos os manuscritos sânscritos arcaicos como textos tão modernos quanto o adequado para que seja dada uma oportunidade aos missionários. O fato de que estes últimos aproveitam tais oportunidades até o limite máximo das suas capacidades mentais é demonstrado pelas tentativas absurdas dos missionários no sentido de provar que toda a história purânica sobre Krishna foi *plagiada da Bíblia pelos brâmanes!* Mas os fatos citados pelo professor de Oxford em suas Palestras sobre a "Ciência da Religião", e que se referem às agora famosas interpolações feitas para o benefício e a tristeza do Cel. Wilford, não interferem de modo algum com as conclusões a que deve chegar inevitavelmente alguém que estuda a Doutrina Secreta. Porque, se os resultados mostram que nem o *Novo* nem o *Velho* Testamento pegaram nada emprestado da religião mais antiga dos brâmanes e dos budistas, isso não significa que os judeus não obtiveram tudo o que sabiam dos documentos caldaicos, estes últimos tendo sido mutilados mais tarde por Eusébio. Quanto aos caldeus, eles obtiveram sem dúvida alguma o seu conhecimento original com os brâmanes. Rawlinson mostra uma influência inegavelmente védica na mitologia mais antiga da Babilônia; e o coronel Vans Kennedy há muito tempo declarou corretamente que a Babilônia foi, desde a sua origem, um local da sabedoria sânscrita e brâmane. Mas todas estas provas devem perder valor, devido à última teoria produzida pelo Prof. Max Müller. Todos sabem do que se trata. O código das leis fonéticas se tornou agora um solvente universal para toda identificação e "ligação" entre os deuses das muitas nações. Assim, embora a mãe de Mercúrio (Budha, Thoth-Hermes, etc.) fosse Maya, a mãe de Buddha (Gautama), sendo também Mâyâ; e embora a mãe de Jesus fosse

---

[63] Meerut; cidade situada no Estado indiano de Uttar Pradesh. Fica a 70 quilômetros da capital da Índia, Nova Delhi. Meerut é uma cidade antiga. (Nota do Tradutor)

[64] Veja "Introduction to the Science of Religion" ("Introdução à Ciência da Religião"), de Max Müller, palestra "Sobre Falsas Analogias em Teologia Comparada", pp. 288 e 296 e pp. seguintes. Isso tem relação com a habilidosa falsificação (em folhas inseridas em velhos manuscritos purânicos), em idioma sânscrito correto e arcaico, de tudo aquilo que os pândits do Cel. Wilford haviam escutado dele sobre Adão e Abraão, Noé e os seus três filhos, etc., etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

igualmente Maya (ilusão, porque Maria é *Mare*, o Mar, a grande ilusão simbolicamente) -, ainda assim, estes três personagens não estão conectados, nem podem ter qualquer ligação, desde que Bopp "estabeleceu seu código de leis fonéticas".

Nos seus esforços para reunir os muitos fios da história não-escrita, foi um passo audacioso da parte dos nossos orientalistas a negação, *a priori*, de tudo o que não seja compatível com as suas conclusões específicas. Assim, enquanto a cada dia são feitas novas descobertas sobre grandes artes e ciências que existiram em momentos situados muito longe na noite do tempo, até o conhecimento da escrita é recusado a algumas das nações mais antigas, e atribui-se a elas barbarismo, ao invés de cultura. No entanto, os vestígios de uma imensa civilização, mesmo na Ásia Central, ainda são encontrados. Esta civilização é inegavelmente *pré-histórica*. E como poderia haver uma civilização sem forma alguma de literatura, sem anais ou crônicas? O simples bom senso deveria ser suficiente para suplementar os elos perdidos da história das nações que já não existem mais. O muro gigantesco e ininterrupto de montanhas que cerca o planalto do Tibete, desde o curso superior do rio Khuan-Khé até as montanhas Kara-Korum foi testemunha de uma civilização durante milhares de anos e teria estranhos segredos a contar para a humanidade. As porções oriental e central destas regiões - a Nan-Schayn e a Altyn-Tagh - estiveram em certa época cobertas de cidades que bem poderiam competir com as da Babilônia. Todo um período geológico passou pela Terra desde que aquelas cidades deixaram de viver, conforme comprovam os pequenos morros de areia em movimento, e o solo estéril, e agora morto, das imensas planícies centrais da bacia do Tarim. Só as suas zonas de fronteira são conhecidas, e superficialmente, pelo viajante. Nestas planícies arenosas há água, e são encontrados, nelas, oásis plenos de vida que nenhum europeu jamais pisou, e cujo solo agora é traiçoeiro. Entre estes oásis verdejantes há alguns que são inteiramente inacessíveis mesmo para o trabalhador profano nativo. Furacões podem "mudar as areias de lugar e levar para longe planícies inteiras"; mas eles não têm o poder de destruir o que está além do seu alcance. Construídos em níveis profundos da Terra, os depósitos subterrâneos estão seguros. E como as entradas para eles estão escondidas nestes oásis, não há perigo de que alguém possa descobri-los, ainda que vários exércitos invadissem as áreas abandonadas e arenosas onde -

"Nenhum pequeno lago, arbusto algum, casa nenhuma são vistos,
E a cordilheira rodeia como um biombo irregular
As planícies ressequidas do deserto sem umidade alguma..."

Mas não é necessário que o leitor atravesse o deserto, porque as mesmas provas de civilizações antigas podem ser encontradas em regiões relativamente populosas do mesmo país. O oásis de Tchertchen, por exemplo, situado cerca de 1.330 metros acima do nível do rio Tchertchen-D'arya, está rodeado em todos os lados pelas ruínas de cidades antigas. Ali, cerca de 3.000 seres humanos são os remanescentes de cerca de uma centena de raças e nações, e até os nomes destes povos são desconhecidos dos nossos etnólogos. Um antropólogo se sentiria mais do que perplexo se quisesse classificar, dividir e subdividir tais nações; especialmente porque, como se tivessem caído da lua, os respectivos descendentes destas raças e tribos *antediluvianas* desconhecem os seus próprios ancestrais. Quando

questionados sobre sua origem, respondem que não sabem de onde vieram seus ancestrais, mas que ouviram dizer que as suas *primeiras* gerações (as mais antigas) eram governadas pelos grandes espíritos destes desertos. Isso pode ser atribuído à ignorância e à superstição; mas, tendo em vista os ensinamentos da Doutrina Secreta, esta resposta pode estar baseada na tradição primitiva. Apenas a tribo de Khoorassan alega ter vindo do que agora se conhece como Afeganistão, muito antes da época de Alexandre, e traz conhecimentos lendários que corroboram esta afirmativa. Um viajante russo, o coronel (agora general) Prjevalsky, encontrou perto do oásis de Tchertchen as ruínas de duas cidades enormes, a mais velha das quais, de acordo com a tradição local, foi arruinada há três mil anos por um herói gigante; e a outra foi destruída pelos mongóis no século 10 da era atual. "Devido à movimentação das areias e ao vento do deserto, o local das duas cidades está agora encoberto por relíquias estranhas e heterogêneas, inclusive louça quebrada, utensílios de cozinha e ossos humanos. Os nativos frequentemente encontram moedas de cobre e ouro, prata fundida, lingotes, diamantes e turquesas, e o que é mais interessante, vidro quebrado.....". "Caixões funerários feitos de alguma madeira perene, e também material com corpos embalsamados e bem conservados ..... As múmias masculinas são todas de homens extremamente altos, fortes, com longos cabelos ondulados ..... Foi encontrada uma galeria com doze homens mortos *sentados*. Em outra ocasião, em uma urna funerária separada, encontramos uma mulher jovem. Seus olhos estavam fechados com discos dourados, e as mandíbulas eram mantidas firmes graças a uma espécie de diadema de ouro que ia desde abaixo do seu queixo até o topo da cabeça. Estava vestida com uma roupa de lã estreita, com o peito coberto de estrelas douradas, e os pés permaneciam nus." (De uma palestra de N. M. Prjevalsky.) A isso, o famoso viajante acrescenta que ao longo de toda a sua jornada pelo rio Tchertchen ele e seus companheiros de viagem ouviram lendas sobre vinte e três cidades que foram enterradas, eras atrás, pelas mutáveis areias do deserto. A mesma tradição existe no Lob-nor e no oásis de Kerya.

Os vestígios desta civilização e outras tradições semelhantes nos levam a acreditar nos conhecimentos lendários, aceitos por eruditos da Índia e da Mongólia, segundo os quais há imensas bibliotecas resgatadas das areias, cuidadosamente preservadas junto com várias relíquias dos antigos conhecimentos MÁGICOS.

Recapitulemos. A Doutrina Secreta foi a religião universalmente propagada no mundo antigo e pré-histórico. As provas da sua difusão, os registros autênticos da sua história, e um conjunto completo de documentos mostrando o seu caráter e sua presença em todas as nações, junto com o ensinamento de todos os seus grandes adeptos, existem até hoje nas criptas secretas das bibliotecas que pertencem à Fraternidade Oculta.

Esta afirmativa se torna mais aceitável se levarmos em conta os seguintes fatos: a tradição segundo a qual milhares de antigos pergaminhos foram salvos quando a biblioteca de Alexandria foi destruída; os milhares de obras sânscritas que desapareceram na Índia durante o reinado de Akbar; a tradição universal, na China e no Japão, segundo a qual os verdadeiros textos antigos, com os comentários indispensáveis para a sua compreensão e somando muitos milhares de volumes,

foram retirados há longo tempo do alcance de mãos profanas; a desaparição da vasta literatura oculta e sagrada da Babilônia; a perda das chaves indispensáveis para a solução de milhares de enigmas apresentados pelos registros hieroglíficos do Egito; a tradição na Índia segundo a qual os verdadeiros comentários secretos imprescindíveis para que os Vedas sejam compreendidos, embora já não visíveis para olhos profanos, ainda permanecem ao alcance do iniciado, ocultos em cavernas e criptas secretas; e uma crença idêntica entre os budistas, com relação aos seus próprios livros secretos.

Os Ocultistas afirmam que todas estas obras existem e permanecerão em segurança, fora do alcance das mãos saqueadoras do Ocidente, até reaparecerem em uma era mais iluminada, pela qual, segundo as palavras do Swami Dayanand Sarasvati, "os Mlechchhas (párias, selvagens, aqueles que estão fora da civilização Ária) terão de esperar".

Porque não é por culpa dos iniciados que estes documentos estão agora "perdidos" para o profano. As normas adotadas por eles a este respeito não foram ditadas por um sentimento de egoísmo, ou por algum desejo de monopolizar o conhecimento sagrado que é fonte de vida. Houve porções da Ciência Secreta que tiveram que ficar afastadas do olhar profano durante eras incalculáveis, mas isso ocorreu porque transmitir segredos de tamanha importância para multidões despreparadas seria o mesmo que dar a uma criança uma vela acesa em um paiol cheio de pólvora.

Uma pergunta surge frequentemente nas mentes dos estudantes, quando são feitas afirmações como esta, e cabe esboçar uma resposta.

"Podemos entender", dizem eles, "a necessidade de esconder da multidão segredos tais como o Vril [65], a força que destrói rochas, descoberta por J. W. Keely, da Filadélfia. Mas não podemos compreender que haja qualquer perigo na revelação de uma doutrina tão puramente filosófica como a evolução das cadeias planetárias."

O perigo era o seguinte: doutrinas como a das cadeias planetárias, ou a das sete raças, dão de imediato uma indicação sobre a natureza setenária do ser humano, porque cada princípio tem uma correlação com um plano, um planeta, e uma raça; e os princípios humanos estão, em cada plano, correlacionados a forças ocultas setenárias, das quais, as que operam nos planos mais elevados dispõem de um poder tremendo. De modo que toda divisão setenária dá imediatamente uma pista na direção de poderes ocultos tremendos. O abuso destes poderes causaria uma desgraça incalculável para a humanidade. Esta talvez não seja uma pista para a geração atual [66]- especialmente no Ocidente. Ela está protegida pela sua própria

---

[65] Vril; força sutil que rompe os muros do mundo físico e é usada pela humanidade no romance póstumo de Sir Edward Bulwer-Lytton "**The Coming Race**" ("**A Raça Futura**"). Tem relação com o poder do som. A atual energia atômica é uma expressão grosseira da mesma energia. (Nota do Tradutor)

[66] Geração atual; como "A Doutrina Secreta" foi publicada em 1888, a expressão "geração atual" inclui até o início do século vinte. No plano físico, na década de 1930 começou a

cegueira e sua descrença materialista e ignorante em relação ao que é oculto; mas trata-se de uma pista, mesmo assim, que teria sido, no entanto, muito real nos primeiros séculos da era cristã, para pessoas profundamente convictas da realidade do ocultismo, vivendo no início de uma era de degradação, que os tornava vulneráveis ao abuso de poderes ocultos e à feitiçaria do pior tipo.

Os documentos foram ocultados, é verdade, mas a existência deste conhecimento nunca foi tratada como um segredo pelos Hierofantes do Templo, no qual os MISTÉRIOS têm sido sempre uma disciplina e um estímulo à virtude. A notícia deste conhecimento é muito antiga, e foi divulgada repetidamente pelos grandes adeptos, desde Pitágoras e Platão até os neoplatônicos. Foi a nova religião dos nazarenos que provocou uma mudança para o pior ao longo dos séculos.

Além disso, há um fato bastante conhecido e curioso, confirmado para esta redatora por um respeitável cidadão que esteve vinculado durante anos a uma embaixada russa. Vários documentos guardados nas Bibliotecas Imperiais de São Petersburgo demonstram que, mesmo em um período tão recente quanto os dias em que a franco-maçonaria e as sociedades secretas de místicos floresciam sem restrições na Rússia, isto é, no final do último século e princípio do século atual [67], mais de um místico russo viajou até o Tibete através dos montes Urais [68], em busca de conhecimento e iniciação *nas criptas desconhecidas da Ásia Central.* E mais de um deles voltou, anos depois, com um generoso estoque de informações que jamais poderiam ser adquiridas na Europa. Vários exemplos poderiam ser citados, e nomes bem conhecidos seriam divulgados se tal publicidade não fosse causar perturbação aos parentes, que ainda vivem, de tais iniciados. Que seja feita uma pesquisa nos anais e na história da franco-maçonaria nos arquivos da metrópole russa, e esta afirmação será confirmada.

Esta é uma corroboração de algo que já foi dito muitas vezes antes, infelizmente de modo imprudente. Ao invés de beneficiar a humanidade, as violentas acusações de invenção deliberada e falsificação, feitas contra quem divulgava um fato verdadeiro embora pouco conhecido, geraram mau Carma para os injuriadores. Mas agora a divulgação é um fato consumado e a verdade não deve mais ser negada, sejam quais

---

corrida atômica entre a Alemanha nazista e os países democráticos. Em 1945, bombas atômicas dos Estados Unidos destruíram Hiroshima e Nagasaki. No plano mental, na mesma década de 1930, o nazismo desenvolveu novas técnicas de propaganda subliminar e semi-hipnótica, capazes de controlar a consciência de populações inteiras através de fatores subconscientes. Estas técnicas de manipulação foram em grande parte absorvidas e incorporadas ao mundo democrático depois da segunda guerra mundial, e são hoje usadas como táticas de propaganda para fins comerciais ou políticos. No século 21, ocorrem também outras formas de despertar das forças mentais. Graças à boa lei do carma, cada vez que elas são colocadas a serviço do egoísmo o resultado é desastroso - até que se aprenda a lição da ética no uso do conhecimento. (Nota do Tradutor)

[67] Isto é, final do século 18 e começo do século 19. (Nota do Tradutor)

[68] Montes Urais; cadeia de montanhas que forma uma fronteira natural entre a Europa e a Ásia. (Nota do Tradutor)

forem as consequências. “Esta é uma nova religião?” - pode-se perguntar. De modo algum. Não é uma *religião*, nem é uma filosofia *nova*; porque, como já foi dito, ela é tão antiga quanto o ser humano pensante. Os seus princípios não são publicados agora pela primeira vez, e foram cautelosamente divulgados, e ensinados, por mais de um Iniciado Europeu - especialmente por Ragon.[69]

Mais de um grande erudito já afirmou que nenhum fundador de religião, seja ariano, semita ou turaniano, jamais *inventou* uma religião nova, ou revelou uma verdade nova. Todos os fundadores foram *transmissores* e não professores originais. Foram autores de novas formas e interpretações; mas as verdades sobre as quais estas se baseavam eram tão antigas quanto a humanidade. Eles selecionavam uma ou mais grandes verdades - reais e visíveis apenas para um verdadeiro sábio e vidente. Eles as destacavam das muitas verdades reveladas à humanidade no começo, e que foram preservadas e perpetuadas nos *áditos* [70] dos templos através da iniciação, durante os MISTÉRIOS e através de transmissão pessoal. E então eles ensinavam estas verdades às massas. Assim, cada nação recebeu por sua vez uma ou outra destas verdades sob o véu do seu próprio simbolismo local e específico. À medida que o tempo passava, surgia um culto mais ou menos filosófico, um panteão sob a forma de mitos. Deste modo, Confúcio, um legislador muito antigo na cronologia histórica, mas um Sábio bastante moderno na História do Mundo, é apresentado pelo Dr. Legge [71] como “enfaticamente um *transmissor*, não um produtor”. E o Dr. Legge transcreve estas palavras de Confúcio: “Eu só passo adiante; não crio coisas novas. Acredito nos antigos e portanto sou amigo deles.” [72] (Citado em “Science of Religions” - “A Ciência das Religiões” - de Max Müller.)

Esta escritora também é amiga dos antigos, e portanto acredita neles, assim como nos herdeiros modernos da antiga Sabedoria. E, como acredita em ambos, ela transmite o que recebeu e aprendeu a todos os que o aceitarem. Quanto àqueles que irão rejeitar o testemunho dela - isto é, a grande maioria - ela não atribuirá a eles má intenção, porque eles estarão tão corretos à sua própria maneira, ao negar, quanto ela estará correta ao afirmar, já que eles e ela olham para a VERDADE desde dois pontos de vista inteiramente diferentes. De acordo com as regras do conhecimento crítico acadêmico, o orientalista deve rejeitar *a priori* qualquer evidência que não puder verificar completamente por si mesmo. E como poderia um erudito ocidental aceitar por ouvir dizer algo sobre o qual não sabe coisa alguma? De fato, o que é dado nestes volumes é selecionado a partir tanto de ensinamentos *orais* quanto de ensinamentos escritos. Esta primeira parcela das doutrinas esotéricas está baseada

---

[69] Ragon; o pensador J. M. Ragon nasceu em 1781 e viveu até 1862. No volume II da edição original em inglês da presente obra, H. P. B. menciona o fato de que Ragon fundou a famosa sociedade maçônica dos Trinosofistas (p. 575). J. M. Ragon escreveu numerosas obras, entre elas “Maçonnerie Occulte”. (Nota do Tradutor)

[70] Áditos; câmaras secretas nos templos antigos. (Nota do Tradutor)

[71] “Lun-Yu” (“Analectos”), parágrafo 1, A, Schott, “Chinesischen Litteratur”, p. 7. (Nota de H. P. Blavatsky)

[72] “Life of Confucius”, p. 96. (Nota de H. P. Blavatsky)

em Estâncias que são os registros documentais de um povo desconhecido pela Etnologia. Alega-se que estas doutrinas estão escritas em um idioma ausente da lista de línguas e dialetos conhecidos pela filologia; afirma-se que elas emanam de uma fonte (o Ocultismo) que é repudiada pela ciência; e, finalmente, elas são oferecidas através de um instrumento incessantemente atacado perante o mundo por todos os que detestam verdades desconfortáveis, ou que pretendem defender algum passatempo predileto seu. Portanto, deve-se esperar e aceitar antecipadamente a rejeição destes ensinamentos. Ninguém que descreva a si mesmo como um "erudito acadêmico" em qualquer departamento das ciências exatas terá permissão para levar a sério estes ensinamentos. Eles serão ridicularizados e rejeitados *a priori* neste século; mas só neste século. Por que no século vinte da nossa era os eruditos acadêmicos irão começar a reconhecer que a *Doutrina Secreta* não foi inventada nem exagerada, mas, ao contrário, apenas esboçada [73]; e, finalmente, que os seus ensinamentos são anteriores aos Vedas.[74] Estes últimos não foram até cinquenta anos atrás ridicularizados, rejeitados e qualificados como uma "falsificação moderna"? O sânscrito não foi proclamado em certo momento como um dialeto derivado do grego, segundo Lemprière e outros eruditos? Em torno de 1820, diz o Prof. Max Müller, os livros sagrados dos brâmanes, dos zoroastristas e dos budistas "eram quase completamente desconhecidos, a sua própria existência era motivo de dúvidas, e não havia um só erudito capaz de traduzir uma linha dos Vedas ..... do Zend Avesta, ou ……. do Tripitaka budista", e agora está demonstrado que os Vedas são uma obra da mais alta antiguidade, cuja "preservação é quase um milagre" ("Lecture on the Vedas").

O mesmo será dito da Doutrina Secreta Arcaica, quando forem dadas provas da sua inegável existência, e da existência dos seus registros e documentos. Mas será necessário que passem séculos, antes que muito mais material possa ser divulgado. Ao afirmar que as chaves para os mistérios do zodíaco foram quase perdidas para o mundo, esta escritora destacou, em "Ísis Sem Véu", cerca de dez anos atrás: "A chave mencionada deve ser girada *sete* vezes antes que todo o sistema se revele.

---

[73] Albert Einstein era leitor de "A Doutrina Secreta", segundo informa documentadamente Sylvia Cranston no livro "Helena Blavatsky" (Editora Teosófica, Brasília, 1997, 678 pp.; ver pp. 20, 474, 651, e 594). Outros exemplos notáveis, entre os muitos cientistas que trabalharam já no século vinte com conceitos da filosofia esotérica, são Fritjof Capra ("O Tao da Física" e "O Ponto de Mutação"), Rupert Sheldrake, David Bohm, Amit Goswami e Fred Hoyle ("O Universo Inteligente"). Os nomes são tão numerosos que seria impossível elencá-los. (Nota do Tradutor)

[74] Não há pretensão a fazer *profecia*. Esta é uma afirmação baseada em conhecimento dos fatos. A cada século, é feito um esforço para mostrar ao mundo que o Ocultismo não é uma vã superstição. Uma vez que surge permissão para deixar a porta entreaberta, ela se abrirá um pouco mais a cada século. Chegou o tempo de um conhecimento mais sério do que foi permitido até aqui, embora ainda muito limitado. (Nota de H. P. Blavatsky)

Nós daremos a ela apenas *uma* volta, e assim permitiremos ao profano um vislumbre do mistério. Feliz é aquele que compreende o todo!" [75]

O mesmo pode ser dito do sistema Esotérico inteiro. Uma volta na chave, e não mais do que isso, foi dada com "ÍSIS". Um grande número de explicações adicionais é dado nos presentes volumes. Naquela época essa escritora tinha um conhecimento limitado da língua em que a obra foi escrita, e ainda era proibida a divulgação de muitas coisas de que hoje se fala livremente. No século vinte, algum discípulo melhor informado, e muito mais adequado, pode ser mandado pelos Mestres de Sabedoria para dar provas finais e irrefutáveis de que existe uma ciência chamada *Gupta-Vidya*; e de que - assim como as nascentes antigamente desconhecidas do rio Nilo - a fonte de todas as religiões e filosofias hoje conhecidas no mundo ficou esquecida e perdida para a humanidade, mas agora é, finalmente, reencontrada.

Uma obra como esta não deve ser iniciada com um simples *Prefácio*. Será melhor iniciá-la com um volume [76]; e um volume que apresente *fatos*, não apenas especulações, porque a DOUTRINA SECRETA não é um tratado ou uma série de teorias vagas, mas contém tudo o que pode ser transmitido ao mundo neste século.

Seria pior que inútil publicar nestas páginas os trechos dos ensinamentos esotéricos que agora foram liberados do confinamento, a menos que ficasse estabelecida antes a confirmação - ou pelo menos a *probabilidade* - da existência autêntica de tais ensinamentos. A respeito das afirmações que agora serão feitas, deve ficar claro que elas são confirmadas por várias autoridades, pelos filósofos da antiguidade, pelos clássicos e até mesmo por certos Pais da Igreja, alguns dos quais conheciam estas doutrinas porque as haviam estudado, e haviam visto e lido obras sobre elas. Alguns deles haviam sido inclusive iniciados pessoalmente nos Mistérios antigos, durante os quais as doutrinas arcanas eram, simbolicamente, representadas. Teremos de dar nomes históricos, confiáveis. Citaremos autores bem conhecidos, antigos e modernos, de capacitação reconhecida, de bom discernimento e com legitimidade. E também iremos indicar o nome de alguns sábios das artes secretas e da ciência secreta, e ainda os mistérios desta última, tal como eles são divulgados, ou melhor, *parcialmente* apresentados diante do público na sua estranha forma arcaica.

"Como será feito isso? Qual é a melhor maneira de alcançar tal objetivo?" Estas foram as perguntas sempre recorrentes. Para tornar o nosso plano mais claro, vamos usar uma imagem. Quando um viajante, vindo de um país que já foi bem explorado, chega subitamente à fronteira de uma *terra incognita* que está separada e fora do seu campo de visão, devido a uma formidável barreira de rochas que torna a passagem

---

[75] Página 461, volume II, da edição original em inglês de "**Isis Unveiled**". Na edição brasileira da Ed. Pensamento de "Ísis Sem Véu", a mesma passagem é traduzida com outras palavras à p. 97 do volume IV. (Nota do Tradutor)

[76] De fato, somando as páginas do Prefácio, da Introdução e do Proêmio de "A Doutrina Secreta", o leitor tem material equivalente ao de um volume, pequeno, mas substancial. (Nota do Tradutor)

impossível, ele ainda pode recusar-se a aceitar o fim dos seus planos de explorador. O avanço está fora de cogitação. O viajante não conseguirá visitar pessoalmente a região misteriosa, mas está ao seu alcance descobrir um meio de examiná-la do ponto mais próximo possível. Com base no conhecimento das paisagens que viu antes, ele sabe que obterá uma ideia geral bastante correta do que está além da barreira se subir até o pico mais elevado das alturas que estão à sua frente. Uma vez lá, poderá olhar à vontade para a paisagem além da barreira, comparando o que percebe vagamente com o que já deixou para trás. Graças a seus próprios esforços, ele agora está além da linha do nevoeiro e dos rochedos íngremes rodeados de nuvens.

Um tal ponto de observação preliminar não pode ser oferecido nestes dois volumes a aqueles que gostariam de obter uma compreensão mais correta dos mistérios dos períodos pré-arcaicos dados nos textos. Mas, se o leitor tiver paciência, poderá olhar para o estado atual das crenças e religiões na Europa, comparando-o com o que a História conhece das eras anteriores e posteriores ao começo da era Cristã. Então ele será capaz de ver isso tudo no Volume III desta obra.

O Volume III apresentará uma breve recapitulação dos principais adeptos conhecidos pela história [77], e será descrita nele a decadência dos mistérios, depois da qual começou a desaparição, e finalmente a eliminação na memória humana, da real natureza da iniciação e da Ciência Sagrada. A partir daquele momento os seus ensinamentos se tornaram Ocultos, e a Magia passou a usar com demasiada frequência o nome - respeitável, mas frequentemente enganoso - de Filosofia Hermética. Assim como o verdadeiro Ocultismo predominou entre os Místicos durante os séculos anteriores à nossa era, a Magia, ou mais precisamente a Feitiçaria, com suas Artes Ocultas, seguiu-se ao começo do cristianismo.

Por maiores e mais intensos que tenham sido os esforços dos fanáticos para apagar durante aqueles primeiros séculos todos os vestígios do trabalho intelectual e mental dos pagãos, eles fracassaram. Mas o mesmo espírito do demônio escuro do fanatismo e da intolerância perverteu sistematicamente, desde então, cada página iluminada das épocas pré-cristãs. Mesmo nos seus registros imprecisos, a História

---

[77] No primeiro parágrafo do Prefácio à presente obra, H. P. B. escreveu: "Já foi preparada uma grande quantidade de material sobre a história do ocultismo através das vidas dos grandes Adeptos (.....). Caso os volumes atuais encontrem uma recepção favorável, não serão medidos esforços para que o plano da obra seja realizado integralmente. O terceiro volume está inteiramente pronto; o quarto, quase pronto." O terceiro e o quarto volume jamais foram publicados por H. P. B. É possível, portanto, que a recepção dada pelos teosofistas aos dois primeiros volumes não tenha sido suficientemente boa. De fato, pouco depois da morte de H. P. B. em 1891, o movimento teosófico ficou desorientado, afastou-se dos ensinamentos originais e fragmentou-se. O reerguimento do esforço teosófico autêntico, começado no século 20, deverá acelerar-se no século 21. Felizmente, uma parte do material a que alude H. P. B. está publicada no volume XIV dos "Collected Writings" (Escritos Reunidos) de H. P. Blavatsky, editados por Boris de Zirkoff. O volume XIV apareceu em 1985. (Nota do Tradutor)

tem reunido o suficiente daquilo que sobreviveu para lançar uma luz imparcial sobre o conjunto. Que o leitor, então, permaneça um pouco junto à redatora, no ponto de observação que foi selecionado. A ele é solicitado que dê toda atenção àquele milênio que separa o período pré-cristão do período *pós*-cristão, em torno do ano UM da Natividade. Este acontecimento - seja ou não historicamente correto - tem servido apesar de tudo como um primeiro sinal da construção dos muitos baluartes de defesa contra qualquer possível retorno, ou mesmo contra qualquer compreensão, das odiadas religiões do Passado. Elas são odiadas e *temidas* porque lançam uma luz clara sobre a nova, e intencionalmente velada, interpretação daquilo que agora é conhecido como "Nova Revelação".

Apesar dos esforços sobre-humanos dos primeiros padres cristãos para apagar a Doutrina Secreta da memória humana, todos eles falharam. A verdade nunca pode ser destruída; por isso fracassou a tentativa de eliminar da face da Terra qualquer vestígio daquela Sabedoria antiga, e de acorrentar e amordaçar cada testemunha que a conhecia. Basta pensar nos milhares, e talvez milhões de manuscritos que foram queimados; nos monumentos, com suas inscrições e símbolos pictóricos demasiado reveladores, que foram transformados em pó; nos bandos de eremitas e ascetas primitivos que percorreram as ruínas das cidades do Alto Egito e do Baixo Egito, no deserto e nas montanhas, procurando e destruindo todo obelisco e pilar, manuscrito ou pergaminho que tivessem o símbolo do *tau* ou qualquer outro signo adotado como seu pela nova fé. Assim o leitor verá claramente por que restaram tão poucas coisas dos registros do Passado. Verdadeiramente, os espíritos demoníacos do fanatismo do Cristianismo primitivo e medieval e do Islamismo preferiram permanecer desde o início na escuridão e na ignorância; e ambos fizeram

" ---------- o sol ficar vermelho de sangue, a terra ser um túmulo,
o túmulo um inferno, e o próprio inferno ser feito de trevas ainda mais escuras!"

As duas religiões conquistaram os seus seguidores com a ponta da espada; ambas construíram seus templos sobre o *sacrifício religioso de vítimas humanas*. No portal do século I da nossa era, pairam fatalmente as palavras de mau agouro "o CARMA DE ISRAEL". Sobre o portal do nosso próprio século, o futuro vidente poderá ver outras palavras, que assinalarão o Carma da astuciosa manipulação da HISTÓRIA, com acontecimentos sendo distorcidos conscientemente, e grandes personagens sendo caluniados pela posteridade, fatos sendo alterados até ficarem irreconhecíveis, entre os dois carros de Jaganâtha [78] - o Fanatismo e o Materialismo; um deles aceitando coisas em excesso, o outro negando tudo. Sábio é aquele que permanece no ponto de ouro, o ponto intermediário, e acredita na eterna justiça que equilibra todas as coisas. Diz Faigi Diwan, a "testemunha dos discursos maravilhosos de um

[78] Carro de Jaganâtha - a expressão, do sânscrito, significa alguma força ou objeto de grande poder destrutivo. Também se refere a uma imagem de Krishna anualmente carregada em uma grande carroça, na Índia antiga, e sob cujas rodas diz a tradição que devotos se atiravam para serem esmagados. Ver "Webster's Encyclopedic Unabridged Dictionary of the English Language". (Nota do Tradutor)

livre-pensador que pertence a mil seitas": "Na assembleia do dia da ressurreição, quando as coisas do passado forem perdoadas, os pecados dos Ka'bah serão perdoados pelo bem do pó das igrejas cristãs".[79] A isso, o professor Max Müller responde: "Os pecados do Islamismo são *tão destituídos de valor como o pó do Cristianismo*. *No dia da ressurreição tanto os muçulmanos como os cristãos verão a vaidade das suas doutrinas religiosas*. Os homens entram em conflito por causa da religião na terra; no céu eles descobrirão que só há uma religião verdadeira - a adoração do ESPÍRITO de Deus." [80]

Em outras palavras, "NÃO HÁ RELIGIÃO (OU LEI) MAIS ELEVADA QUE A VERDADE" - "SATYAT NASTI PARO DHARMAH" - o lema do Maharajá de Benares, adotado pela Sociedade Teosófica.

Como já foi dito no *Prefácio*, "A Doutrina Secreta" não é uma versão de "Ísis Sem Véu", embora esta tenha sido a intenção inicial. "A Doutrina Secreta" explica aquela obra, e, embora seja inteiramente independente de "Ísis Sem Véu", é um corolário indispensável para ela. Muito do que foi escrito em ÍSIS não pôde ser compreendido pelos teosofistas naquela época. "A Doutrina Secreta" vai lançar agora uma nova luz sobre muitos problemas deixados sem resolver na primeira obra, especialmente nas suas páginas iniciais, que nunca foram compreendidas.

Como "Ísis" está voltada principalmente para as filosofias dos nossos tempos históricos e para o simbolismo das nações que não existem mais, só foi possível colocar nos seus dois volumes uma visão rápida do panorama do Ocultismo. Na presente obra, são dadas uma detalhada Cosmogonia e a evolução das quatro raças que precederam a nossa Humanidade da Quinta raça. Agora, dois grandes volumes explicam apenas aquilo que foi afirmado na primeira página de ÍSIS SEM VÉU e em algumas alusões espalhadas por vários lugares daquela obra toda. Os presentes volumes também não são uma tentativa de apresentar um catálogo abrangente das Ciências Arcaicas, antes de serem superados problemas tão importantes como a Evolução Cósmica e Planetária, e o desenvolvimento gradual das misteriosas Humanidades e raças que precederam a Humanidade "Adâmica". Portanto, a presente tentativa de elucidar alguns mistérios da Filosofia Esotérica é na verdade bastante diferente da obra anterior. Como exemplo, o leitor pode fazer um exame do que segue.

O volume I de "Ísis" começa fazendo uma referência a "um livro antigo", -

"... Tão antigo que os nossos antiquários modernos poderiam ficar um tempo indefinido avaliando as suas páginas, sem chegar a um acordo quanto à natureza do tecido sobre o qual foi escrito. Atualmente existe um único exemplar original do livro. O mais antigo dos textos hebreus sobre o conhecimento oculto - o *Siphrah Dzeniouta* - foi compilado dele, quando ele já era considerado uma relíquia literária.

---

[79] Na ocasião, só restará pó das igrejas cristãs. (Nota do Tradutor)

[80] "Lectures on the Science of Religion", F. Max Müller, p. 257. (Nota de H. P. Blavatsky)

Uma das suas ilustrações representa a Essência Divina emanando de ADÃO [81] como um arco luminoso que passa a formar um círculo; e depois, tendo alcançado o ponto mais alto da sua circunferência, a glória inefável se inclina ao retorno outra vez, e volta à Terra trazendo em seu vórtice um tipo mais elevado de humanidade. Na medida em que ela se aproxima cada vez mais do nosso planeta, a Emanação se torna menos iluminada, até que, ao tocar o chão, ela é tão escura como a noite." [82]

O "Livro muito antigo" é a obra original da qual os muitos volumes de *Kiu-ti* foram compilados. Não só *Kiu-ti* e *Siphrah Dzeniouta*, mas até mesmo o *Sepher Yetzirah*[83], a obra atribuída pelos cabalistas hebreus ao seu Patriarca Abraão (!) [84], o livro do *Shu-King*, a Bíblia primitiva da China, os sagrados volumes de Thoth-Hermes no Egito, os Puranas, na Índia, e o *Livro dos Números* dos caldeus, assim como o próprio *Pentateuco*, todos eles são derivados daquele pequeno volume original.[85] A tradição diz que o livro foi escrito em *Senzar*, a língua sacerdotal secreta, com base nas palavras dos Seres Divinos, que as ditaram aos filhos da Luz, na Ásia Central, logo no início da (nossa) quinta raça; porque houve um tempo em que o seu idioma, (o *Sen-zar*) era conhecido pelos Iniciados em todas as nações. Os ancestrais dos Toltecas [86] entendiam este idioma com tanta facilidade como os habitantes da perdida Atlântida, que o herdaram por sua vez, dos sábios da terceira Raça, os *Manushis*, que o aprenderam diretamente dos *Devas* da segunda e primeira Raças. A "ilustração" mencionada em "Ísis" se refere à evolução destas Raças e da nossa Humanidade da quarta e da quinta Raças, no Manvântara ou "Ronda" de Vaivasvata.

---

[81] O nome é usado no sentido da palavra grega ***ἄνθρωπος*** . (Nota de H. P. Blavatsky)

[82] Neste ponto há um esclarecimento importante a ser feito. Na Carta 18, à p. 121 do volume I de "Cartas dos Mahatmas" (Ed. Teosófica, Brasília, 2001), um Mestre assinala um erro de revisão no trecho inicial de "Ísis" que H. P. B. está comentando. Ele esclarece que na verdade Adão emana da Essência Divina, ao contrário do que diz, equivocadamente, "Ísis", quando afirma que a Essência Divina emana de Adão. Portanto, ao citar o parágrafo errado de "Isis", HPB repete o mesmo erro em "A Doutrina Secreta". O fato confirma a ideia de que nenhum trabalho editorial é infalível. (Nota do Tradutor)

[83] O rabino Jehoshua Ben Chananea, que morreu em torno do ano 72 da era atual, declarou abertamente que havia feito "milagres" através do *Livro de Sepher Yetzirah*, e desafiou todos os céticos. Franck, fazendo uma citação do *Talmude* babilônico, menciona outros dois taumaturgos, os rabinos Chanina e Oshoi. (Veja "*Jerusalem Talmud, Sanhedrin*", c. 7, etc.; e "*Franck*", pp. 55-56.) Muitos dos Ocultistas, Alquimistas e Cabalistas medievais diziam a mesma coisa, e mesmo um *Mago* moderno e mais recente, Eliphas Levi, afirma isso publicamente em seus livros sobre Magia. (Nota de H. P. Blavatsky)

[84] Na sua edição de "The Secret Doctrine", Boris de Zirkoff dá mais dados sobre a obra de "Franck", citada na nota anterior. Trata-se de "La Kabbale", A. Franck, edição de 1843, I, ii, p. 78. (Nota do Tradutor)

[85] Cabe destacar um fato de grande importância potencial: nestas linhas H. P. Blavatsky está afirmando claramente que a literatura judaica tem uma origem esotérica e autêntica. (Nota do Tradutor)

[86] Toltecas; povo indígena pré-colombiano do altiplano central do México. (Nota do Tradutor)

Cada Ronda é composta dos Yugas dos sete períodos da Humanidade.[87] Quatro destes períodos já foram ultrapassados em *nosso* ciclo de vida; e a região do ponto médio do quinto período foi alcançada. A ilustração é simbólica, naturalmente; e ela abrange o processo desde o início. O velho livro, tendo descrito a Evolução Cósmica e explicado a origem de tudo na Terra - inclusive do ser humano físico -, descreve a verdadeira história das raças desde a *Primeira* até a Quinta (a nossa) raça, e não vai mais além. Ele se interrompe no início do *Kali Yuga*, há precisamente 4989 anos atrás [88], quando ocorreu a morte de Krishna, o brilhante "Deus-Sol", o herói e reformador.

Mas há outro livro. Nenhum dos que o possuem o veem como muito antigo, porque nasceu ao mesmo tempo que a Idade Negra [89] e é tão velho quanto ela, isto é, tem 5.000 anos. Dentro de aproximadamente nove anos [90] se completará o primeiro ciclo de 5.000 anos do grande ciclo de Kali Yuga. E então a última profecia contida neste livro (o primeiro livro dos registros proféticos da Idade Negra) se terá realizado. Não será preciso esperar um longo tempo. Muitos de nós testemunharão o Nascimento do Novo Ciclo, em cujo final não poucas contas serão acertadas entre as raças. O volume II das Profecias está quase pronto, e vem sendo preparado desde o tempo do grande sucessor de Buddha, Shankaracharia.

Deve ser registrado ainda um ponto importante e que - pelo menos para os Cabalistas Cristãos e seus estudantes - está em primeiro lugar na lista de provas da existência de uma Sabedoria primordial e universal. Os ensinamentos eram pelo menos parcialmente conhecidos por vários Pais da Igreja. Afirma-se, com base em dados puramente históricos, que Orígenes, Sinésio, e mesmo Clemente de Alexandria foram iniciados nos mistérios antes de acrescentar ao neoplatonismo da escola de Alexandria o neoplatonismo dos Gnósticos, sob um véu cristão. Além disso, algumas das doutrinas das escolas Secretas - embora não todas, longe disso - foram preservadas no Vaticano, e têm sido, desde então, parte dos mistérios desfigurados pela igreja latina a partir do programa original do cristianismo. Um exemplo é o dogma da Concepção Imaculada, agora interpretado como algo material. Disso surgiram as maiores perseguições promovidas pela igreja católica romana contra o Ocultismo, a Maçonaria, e o misticismo *heterodoxo* em geral.

---

[87] Yuga; uma das quatro Idades do mundo que formam o ciclo manvantárico. Assim, a evolução humana tem sete períodos, mas o manvântara do mundo se divide em quatro Yugas. (Nota do Tradutor)

[88] "Precisamente 4.989 anos atrás". Podemos ver na p. 665 do volume I da edição original em inglês de "The Secret Doctrine" que o Kali Yuga começou em 17 / 18 de fevereiro de 3102 antes da era cristã. Portanto, este parágrafo de H. P. B. deve ter sido escrito no ano de 1887. (Nota do Tradutor)

[89] Idade Negra: Kali Yuga. (Nota do Tradutor)

[90] "Dentro de aproximadamente nove anos". Poucas notas acima (veja a nota de pé de página que inicia com a palavra "Precisamente"), constatamos que este trecho de "A Doutrina Secreta" foi escrito em 1887. Portanto, as palavras "Dentro de aproximadamente nove anos" se referem a 1896-1897. (Nota do Tradutor)

Os dias de Constantino foram o último ponto de mutação da história, o período da Suprema luta, que terminou, no mundo Ocidental, por suprimir as velhas religiões em favor da nova, construída sobre os corpos das mais antigas. Desde Constantino a visão do Passado distante, além do "Dilúvio" e do Jardim do Éden, passou a ser forçosa e implacavelmente eliminada através de todos os meios, justos e injustos, impedindo-se o olhar indiscreto das gerações posteriores. Cada assunto foi bloqueado. Cada registro histórico capturado foi objeto de destruição. E, no entanto, ainda permanece um número suficiente de registros, mesmo mutilados, que nos permitem dizer que eles constituem farta comprovação da real existência de uma Doutrina Original. Os fragmentos sobreviveram a cataclismos geológicos e políticos, para contar a história; e cada um deles nos mostra evidências de que a Sabedoria atualmente *Secreta* foi antes a origem, a fonte perene e sempre ativa, na qual se alimentaram todas as suas correntes - as religiões de todos os povos - desde a primeira até a última. Este período, iniciado com Buddha e Pitágoras numa extremidade e terminado com os Neoplatônicos e Gnósticos na outra ponta, é o único foco ainda presente na História no qual convergem pela última vez os raios claros da luz vinda dos éons de tempo passado, e não obscurecida pelas mãos do fanatismo.

Isso se refere à necessidade que a redatora tem de sempre explicar os fatos do Passado mais remoto através de evidências reunidas no período histórico. Era o único meio disponível, sob pena de ser mais uma vez acusada de não ter método ou sistema. O público deve ser informado dos esforços de muitos adeptos de dimensão mundial, de poetas, escritores e clássicos de todas as eras que eram iniciados, no sentido de preservar nos registros da Humanidade o Conhecimento da existência, pelo menos, de uma tal filosofia, se não dos seus princípios fundamentais. Os Iniciados de 1888 permaneceriam de fato incompreensíveis e sempre como um mito aparentemente impossível, se não fosse demonstrado que Iniciados semelhantes viveram em todas as outras eras da história. Isto só poderia ser feito dando indicações detalhadas sobre onde se pode encontrar menções a estes grandes personagens, que foram precedidos e seguidos por uma linha longa e interminável de outros Mestres famosos das artes, Antediluvianos e Pós-diluvianos. Só assim poderia ser demonstrado, com base em fontes pertencendo em parte à tradição e em parte à História, que o conhecimento do Oculto e dos poderes que ele confere ao ser humano não é de modo algum uma ficção, mas é tão antigo quanto o próprio mundo.

Aos meus juízes passados e futuros, portanto - sejam eles críticos literários sérios ou apenas aqueles dervixes [91] uivantes da literatura que julgam um livro conforme a popularidade ou impopularidade do nome do autor, e que, tendo lançado no máximo um rápido olhar sobre o seu conteúdo, apressam-se como *bacilos* mortais a buscar os pontos mais fracos do corpo -, eu nada tenho a dizer. Tampouco vou levar em conta os caluniadores enlouquecidos - felizmente poucos - que esperam chamar atenção do público lançando descrédito sobre cada escritor cujo nome é mais conhecido que os

[91] Dervixes; ascetas religiosos muçulmanos que expressam sua religiosidade dançando e girando. (Nota do Tradutor)

deles próprios, escumando e latindo diante da sua sombra. Estes, depois de manter durante anos a tese de que as doutrinas ensinadas em "The Theosophist", e que culminaram no livro "O Budismo Esotérico", *tinham sido todas inventadas por esta redatora*, finalmente se voltaram em outra direção e denunciaram "Ísis Sem Véu" e o resto como plágio de Eliphas Levi (!), Paracelso (!!), e, *mirabile dictu* [92], do budismo e do bramanismo (!!!). Do mesmo modo Renan poderia ser acusado de haver roubado sua obra "Vie de Jésus" dos Evangelhos, e Max Müller de haver roubado seus "Sacred Books of the East" ou seus "Fragmentos" das filosofias dos brâmanes e de Gautama, o Buddha. Mas, para o público em geral e os leitores de "A Doutrina Secreta", posso repetir o que tenho dito constantemente, e que agora coloco nas palavras de Montaigne: Senhores, "EU FIZ AQUI APENAS UM BUQUÊ DE FLORES SELECIONADAS, E NADA TRAGO QUE SEJA MEU, EXCETO O LAÇO QUE AS REÚNE."

Despedacem o "cordão", ou cortem-no em tiras menores, se quiserem. Quanto ao buquê de FATOS - vocês nunca poderão destruí-lo. Podem apenas ignorá-lo e nada mais.

Concluiremos com algumas palavras sobre este volume I. Esta INTRODUÇÃO prefacia a Parte da obra dedicada principalmente à Cosmogonia, e alguns dos temas trazidos podem parecer fora de lugar; mas há mais uma consideração a fazer, além das que foram mencionadas acima, em relação aos motivos que me levam a desenvolver tal abordagem aqui. Cada leitor irá inevitavelmente julgar as afirmativas feitas desde o ponto de vista do seu próprio conhecimento, da sua experiência, da sua consciência, e com base no que ele já aprendeu. A redatora é obrigada a ter sempre presente este fato. Disso decorrem também as frequentes referências neste primeiro volume a questões que, propriamente falando, pertencem a uma parte posterior da obra -, mas pelas quais não se poderia passar em silêncio, sob pena de o leitor desprezar o livro como uma verdadeira história de fadas, uma ficção fabricada em cérebro moderno.

Assim, o *Passado* irá ajudar a compreender o PRESENTE, e o *Presente* ajudará a apreciar melhor o PASSADO. Os erros de hoje devem ser explicados e eliminados. No entanto é mais do que provável - e nas circunstâncias atuais isso equivale a uma certeza - que, mais uma vez, o testemunho da História e de longas eras não será suficiente para impressionar a ninguém, além daqueles que são muito intuitivos, e isso significa dizer, muito poucos. Mas neste, como em todos os casos semelhantes, os *sinceros* e os *fiéis* podem ter a satisfação de apresentar ao cético saduceu moderno a prova matemática e o registro de sua endurecida obstinação e fanatismo. Ainda existe em algum lugar na Academia Francesa a famosa lei das probabilidades, que certos matemáticos expressaram por um processo algébrico para benefício dos céticos. A lei diz o seguinte: se duas pessoas dão seu testemunho sobre um fato, e assim transmitem a este acontecimento, cada uma, 5/6 de certeza, o fato terá então 35/36 de certeza, isto é, a sua probabilidade terá uma relação de 35 para 1 se comparada com a sua improbabilidade. Se três evidências semelhantes forem

[92] "*Mirabile dictu*"; interjeição que significa: "palavras maravilhosas!". (Nota do Tradutor)

reunidas, a margem de certeza chegará a 215/216. A concordância de dez pessoas, dando cada uma ½ de certeza, irá produzir 1023/1024, etc., etc.[93] O Ocultista pode ficar satisfeito com isso, e não necessita de mais nada.[94]

00000

[93] Esta é uma expressão matemática do processo pelo qual emerge um novo hábito social, mais saudável, e do modo como um carma novo e regenerador é plantado. Se dez pessoas percebem corretamente a realidade, será mais fácil que uma décima-primeira pessoa alcance a mesma visão: trata-se de uma reação em cadeia. Citando a Academia Francesa, H. P. B. antecipa deste modo o que ficaria conhecido no século vinte - no campo da ciência popular - como "o fenômeno do centésimo macaco". Veja-se o livro "The Hundredth Monkey" ("O Centésimo Macaco"), de Ken Keyes, Jr., Vision Books, 1982. A base científica convencional do fenômeno específico do centésimo macaco, um evento supostamente ocorrido na ilha de Koshima, é questionada por Ron Amundson e outros autores. (Veja o livro "The Hundredth Monkey and Other Paradigms of the Paranormal", edited by Kendrick Frazier, Prometheus Books, N.Y., 400 pp., 1991, pp. 171-181.) O questionamento não invalida a ideia central do *mito do centésimo macaco*, que funciona como metáfora do processo de adoção de novos hábitos saudáveis na dinâmica social, a partir de pequenas experiências inovadoras. A noção de um *centésimo pioneiro* simboliza o momento em que uma ideia correta e inovadora deixa de ser pioneira para ser adotada pela comunidade em geral. O episódio ilustra a força do exemplo e a importância dos *Poucos* que abrem caminho para uma situação humana melhor. No comentário **(*c*)** à Estância V, sloka 4, deste volume I, o leitor encontra estas palavras de HPB: "Se você pegar uma lamparina comum e a mantiver abastecida com óleo, poderá acender em sua chama as velas, os lampiões e os fogos do planeta inteiro, sem que a chama inicial diminua." (Nota do Tradutor)

[94] Neste ponto, estamos no final da página xlvii do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

Proêmio

(Volte para o Sumário)

Páginas de um Período Pré-Histórico

Diante da visão da redatora está um Manuscrito Arcaico, uma coleção de folhas de palmeira que, devido a algum processo específico desconhecido, se tornaram imunes em relação a água, fogo e ar. Na primeira página há um disco imaculadamente branco sobre um fundo preto embaçado. Na página seguinte, o mesmo disco, mas com um ponto central. A primeira imagem representa o Cosmos em sua Eternidade, antes do redespertar da Energia ainda adormecida; a emanação da Palavra segundo os sistemas posteriores. O ponto no Disco até aqui imaculado - o Espaço e a Eternidade em Pralaya [95] - simboliza a aurora da diferenciação. Este é o ponto no "Ovo do Mundo" (veja a parte II do volume I, "O Ovo do Mundo"), é o germe dentro deste último, que se transformará no Universo, o TODO, o Cosmos cíclico e ilimitado. Este germe é latente e ativo, periódica e alternadamente. O círculo único é a Unidade divina, de onde tudo emerge, e para onde tudo retorna. A sua circunferência - símbolo necessariamente precário devido às limitações da mente humana - indica a PRESENÇA abstrata e eternamente incognoscível, e o seu plano indica a Alma Universal, embora os dois sejam um. O fato de que o Disco é claro e tudo ao redor dele é preto mostra de modo definido que o seu plano, embora seja ainda vago e obscuro, é o único conhecimento alcançável pelo ser humano. É neste plano que começam as manifestações manvantáricas; nesta ALMA dorme, durante o Pralaya, o Pensamento Divino [96] em que está oculto o plano de todas as futuras Cosmogonias e Teogonias.

---

[95] Pralaya; o universo não só vive, mas tem seus períodos cíclicos de manifestação externa e de repouso. Os pralayas são os momentos de repouso, assim como os manvântaras são os períodos de atividade. Na linguagem do físico David Bohm, que escreveu nas décadas finais do século 20, trata-se da alternância entre "ordem implícita" e "ordem explícita". A lei da alternância opera tanto em grande escala como em pequena escala; a reencarnação individual é um dos seus aspectos. Cabe registrar que neste ponto estamos na página 1 (com algarismo arábico) do volume I da edição original em inglês. Até aqui as páginas eram contadas com algarismos romanos. (Nota do Tradutor)

[96] É quase desnecessário dizer mais uma vez ao leitor que o termo "Pensamento Divino", assim como a expressão "Mente Universal", não tem qualquer semelhança com o processo intelectual exercido pelo ser humano. O "Inconsciente", segundo von Hartmann, chega ao vasto plano criativo, ou mais precisamente ao Plano Evolutivo, "através de uma sabedoria clarividente superior a toda consciência", o que na linguagem Vedanta significaria Sabedoria absoluta. Só aqueles que compreendem até que distância a Intuição se ergue

É a VIDA UNA, que é eterna, invisível, e no entanto Onipresente; que é sem começo ou fim, e no entanto é cíclica nas suas manifestações regulares, períodos entre os quais reina o obscuro mistério do não-Ser; que é inconsciente, porém é Consciência absoluta; que é incompreensível, no entanto é a única realidade que existe por si mesma; verdadeiramente, "um caos para os sentidos, um Cosmo para a razão". O seu único atributo absoluto, o Movimento eterno e incessante em SI MESMO, é chamado em linguagem esotérica de "Grande Respiração" [97], que consiste na movimentação perpétua do universo, no sentido de ESPAÇO ilimitado e sempre-presente. O que é destituído de movimento não é divino. Mas a verdade é que não há coisa alguma absolutamente imóvel dentro da alma universal.

Quase cinco séculos antes da era cristã, Leucipo, o instrutor de Demócrito, sustentava que o Espaço estava eternamente cheio de átomos impulsionados por uma movimentação incessante, e que esta movimentação gerava, a seu devido tempo - quando os átomos se agregavam - uma movimentação em círculo, através de colisões mútuas que produziam movimentos laterais. Epicuro e Lucrécio ensinaram o mesmo, apenas acrescentando à movimentação lateral dos átomos a ideia da afinidade - um ensinamento oculto.

Desde o começo da evolução hereditária dos seres humanos, desde que apareceram pela primeira vez os arquitetos do globo em que eles vivem, a Divindade não-revelada foi identificada e considerada sob o seu único aspecto filosófico - o movimento universal, a vibração da Respiração criadora na Natureza. O Ocultismo resume a "Existência Una" da seguinte maneira: "A Divindade é um FOGO arcano, vivo (ou em movimento), e as eternas testemunhas desta Presença não-vista são a Luz, o Calor, a Umidade"; e esta trindade inclui todos os fenômenos da Natureza, e

---

acima dos lentos processos do pensamento raciocinado podem ter uma ideia, mesmo vaga, daquela absoluta Sabedoria que transcende as ideias de Tempo e Espaço. A Mente, tal como a conhecemos, existe em estados de consciência cuja duração, intensidade, complexidade, etc., são variáveis - e todos estes fatores dependem, em última instância, de sensações, que são Maya. Sensação, devemos reiterar, implica necessariamente limitação. O Deus pessoal do Deísmo ortodoxo percebe, pensa e é atingido por emoções; ele se arrepende e sente "intensa raiva". Mas a noção de tais estados mentais claramente envolve o postulado impensável da externalidade de estímulos, para não falar da impossibilidade de atribuir caráter imutável a um Ser cujas emoções flutuam de acordo com os acontecimentos ocorridos no mundo que ele próprio preside. As concepções de um Deus Pessoal como imutável e infinito não fazem sentido do ponto de vista psicológico e, o que é pior, não fazem sentido do ponto de vista filosófico. (Nota de H. P. Blavatsky)

[97] Platão demonstra ser um Iniciado ao dizer em "Crátilo" que ***θεὸς*** [theós] tem como origem o verbo ***θέειν*** , "mover-se", "correr", porque os primeiros astrônomos que observavam os movimentos dos corpos celestes chamaram os planetas de ***θεοί***, deuses. (Veja, no Volume II de "A Doutrina Secreta", o texto "O Simbolismo dos Nomes de Mistério Iao e Jeová, em sua relação com a Cruz e o Círculo".) Mais tarde, a palavra produziu outro termo, ***ἀλήθεια***, "a respiração de Deus". (Nota de H. P. Blavatsky)

é a causa deles. [98] O movimento intracósmico é eterno e incessante; o movimento cósmico (o visível, ou que é sujeito à percepção) é finito e periódico. Como abstração eterna ele é SEMPRE-PRESENTE; como manifestação é finito tanto numa direção como na outra, e as duas são o alfa e o ômega de sucessivas reconstruções. O Cosmos - o NÚMENO [99] - nada tem a ver com as relações causais do Mundo fenomênico. É só em relação à alma intracósmica, o Cosmos ideal no imutável Pensamento Divino, que podemos dizer: "Ela nunca teve um início nem terá um final." Com relação a este corpo ou organização Cósmica, embora não se possa dizer que ele teve uma primeira construção, nem que terá uma última construção, a cada novo Manvântara a sua organização pode ser vista como a primeira e a última do seu tipo, porque ele evolui cada vez em um plano mais elevado .....

Há alguns anos nós afirmamos que: -

"Assim como o Budismo, o Bramanismo e mesmo a Cabala, a doutrina esotérica ensina que a Essência única, infinita e desconhecida existe por toda eternidade, e que é ativa e passiva em fases cuja sucessão é regular e harmoniosa. Na fraseologia poética do Manu, estas condições são chamadas de 'Dias' e 'Noites' de Brahmâ. Este último está 'acordado' ou 'dormindo'. Os Svabhavikas [100], ou filósofos da

---

[98] Os nominalistas, argumentando com Berkeley que "é impossível ..... formar a ideia abstrata de movimento como algo independente do corpo que se move" ("*Prin. of Human Knowledge*", *Introd., par. 10*) podem questionar: "Que corpo é aquele, que produz tal movimento? É uma substância? Então vocês acreditam em um Deus Pessoal?", etc., etc. Este ponto será respondido mais adiante neste livro. Enquanto isso, defendemos nossas posições como Concepcionalistas, e contra a visão materialista de Roscelin a respeito do Realismo e do Nominalismo. "Será que a Ciência", diz um dos seus defensores mais hábeis, Edward Clodd, "revelou alguma coisa que enfraqueça ou se oponha às antigas palavras em que a Essência de toda religião, passada, presente e futura, é expressada, ou seja; agir com justiça, valorizar o sentimento de compaixão, e caminhar humildemente diante do seu Deus?" O argumento é aceitável, uma vez que a palavra Deus *não* signifique *o grosseiro antropomorfismo que ainda domina a nossa teologia atual, mas sim a concepção simbólica da Vida e do Movimento do Universo*, cujo conhecimento no plano físico é o mesmo que conhecer o tempo presente, passado e futuro, na existência dos fenômenos sucessivos; e cujo conhecimento no plano moral é o mesmo que saber o que existiu, existe e existirá, na consciência humana. (Veja "*Science and the Emotions*". *A Discourse delivered at South Place Chapel, Finsbury, London, Dec. 27th*, 1885.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[99] Número - palavra derivada do grego. Significa um objeto, evento ou substância que ocorre num plano subjetivo essencial e deve ser conhecido sem a ajuda dos cinco sentidos, num plano filosófico ou intuitivo. O *número* dá origem aos *fenômenos* observáveis. (Nota do Tradutor)

[100] No original em inglês, na edição de Boris de Zirkoff, "Svâbhâvikas", com dois acentos circunflexos. Na presente tradução, não mantemos acentos nas transliterações de todas as palavras. Consideramos que é preciso dar passos para que palavras de origem sânscrita sejam absorvidas e popularizadas na língua portuguesa. A preservação do sânscrito é uma meta louvável; no entanto, estamos abordando aqui apenas modestas transliterações, acentuadas ou não. O alfabeto devanagari do sânscrito é amplamente diferente do nosso alfabeto. Na língua portuguesa, a tendência histórica aponta para a redução do número de acentos, que, em inglês, praticamente não existem. (Nota do Tradutor)

escola mais antiga do Budismo (que ainda existe no Nepal) especulam apenas sobre a condição ativa desta 'Essência', que chamam de Svabhavat [101]; e consideram uma tolice teorizar sobre a força abstrata e 'incognoscível' em sua condição passiva. Por isso eles são chamados de ateus tanto pelos teólogos cristãos como pelos cientistas modernos. Nenhum destes dois grupos consegue compreender a lógica profunda da filosofia dos Svabhavikas. Os teólogos cristãos não aceitarão qualquer Deus diferente dos poderes secundários personificados que produziram o universo visível, e que se transformaram, no pensamento deles, no Deus antropomórfico dos cristãos - o Jeová masculino, rugindo entre relâmpagos e trovões. Por sua vez, a ciência racionalista saúda os Budistas e os Svabhavikas como os 'positivistas' das eras arcaicas. Se adotarmos uma visão unilateral da filosofia destes últimos, os nossos materialistas podem estar certos, à sua maneira. Os Budistas afirmavam que não há um Criador, mas uma infinidade de poderes criadores que formam coletivamente a substância una e eterna, e cuja essência é inescrutável, não sendo, portanto, objeto de especulação para nenhum verdadeiro filósofo. Sócrates invariavelmente se recusava a discutir sobre o mistério do ser universal; no entanto, ninguém jamais poderia pensar em acusá-lo de ateísmo, exceto aqueles que visavam a sua destruição. Ao inaugurar um período de atividade, diz a Doutrina Secreta, ocorre uma expansão desta essência Divina desde fora para dentro e desde dentro para fora, de acordo com a lei eterna e imutável [102]; e o universo visível, ou fenomênico, é o resultado último da longa cadeia de forças cósmicas assim colocadas progressivamente em movimento. De modo semelhante, quando é retomada a condição passiva, ocorre uma contração da essência Divina e o trabalho anterior de criação é gradual e progressivamente desfeito. O universo visível fica desintegrado, e o seu material, disperso; e só a 'escuridão', solitária, domina uma vez mais a face do 'profundo'. Para usar uma metáfora dos Livros Secretos, que transmite a ideia ainda mais claramente, uma exalação da 'essência desconhecida' produz o universo; e uma inalação faz com que ele desapareça. Este processo vem ocorrendo desde toda a eternidade, e o nosso universo atual é apenas um, de uma série infinita que não teve início e não terá fim." (Veja "Ísis Sem Véu" [103], e o texto "Os Dias e Noites de Brahmâ", na parte II [104].)

---

[101] Svabhavat. Ao longo de "A Doutrina Secreta", H.P. Blavatsky escreve esta palavra algumas vezes com "**w**", *swâbhâvat*, e outras vezes com "**v**", *svâbhâvat*. Na presente tradução, usamos a palavra sempre como "**svabhavat**", eliminando também os acentos da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[102] O símbolo do movimento teosófico moderno inclui dois triângulos entrelaçados, um apontando para baixo, o outro apontando para cima. A imagem expressa este processo, que ocorre tanto em pequena como em grande escala ou "assim na terra como no céu". O símbolo é conhecido como selo de Salomão ou estrela de David. (Nota do Tradutor)

[103] **"Isis Unveiled", Vol. II**, pp. 264-265. Na edição brasileira, veja outra tradução do mesmo trecho em "Ísis Sem Véu", H.P. Blavatsky, Ed. Pensamento, vol. III, pp. 234-235. (Nota do Tradutor)

[104] Referência à parte II do primeiro volume de "**The Secret Doctrine**", edição original. O texto começa à p. 368. (Nota do Tradutor)

Esta passagem será explicada, tanto quanto possível, na presente obra. Embora, tal como está agora, ela não contenha nada novo para o orientalista, a sua interpretação esotérica pode conter muita informação até agora inteiramente desconhecida para o estudante ocidental.

A primeira ilustração é um disco simples: . A segunda ilustração dos símbolos arcaicos mostra um disco com um ponto, , a primeira diferenciação nas manifestações periódicas da natureza sempre-eterna, o "Aditi NAQUILO" (Rig Veda), destituído de sexo, e infinito. O ponto no círculo é o Espaço potencial no Espaço abstrato. No seu terceiro estágio, o ponto é transformado num diâmetro, assim: . A figura agora simboliza uma Mãe-Natureza divina e imaculada, dentro da absoluta Infinitude que tudo abrange. Quando a linha do diâmetro é atravessada por uma linha vertical, , ela se torna a cruz do mundo. A Humanidade agora chegou à sua terceira-raça; este é, em primeiro lugar, o signo da origem da vida humana. Quando a circunferência desaparece e deixa apenas a , este é um sinal de que a queda do homem na matéria se completou, e a QUARTA raça começa. A Cruz dentro de um círculo simboliza o puro Panteísmo; quando a Cruz foi deixada sem círculo, se tornou fálica. Ela tinha, entre outros, o mesmo significado que um TAU dentro de um círculo, , ou que "o martelo de Thor", a chamada cruz Jaina, ou simplesmente uma suástica dentro de um círculo, .

O terceiro símbolo - o círculo dividido em dois pela linha horizontal do diâmetro - significa a primeira manifestação da Natureza criativa (ainda passiva, porque feminina). A primeira e vaga percepção do ser humano em relação à procriação é feminina, porque o homem conhece sua mãe mais do que conhece seu pai. Assim, as divindades femininas eram mais sagradas que as masculinas. A Natureza é portanto feminina, e, até certo ponto, objetiva e tangível, e o espírito do Princípio que a faz frutificar é oculto. Ao acrescentar-se ao círculo e sua linha horizontal uma linha perpendicular, foi formado o tau - - a forma mais antiga da letra. Este foi o glifo da terceira raça-raiz até o dia da sua Queda simbólica - isto é, quando ocorreu a separação dos sexos através da evolução natural -, quando a figura se tornou , o círculo, ou vida sem sexo modificada ou separada - um glifo ou símbolo duplo. No caso das raças da nossa Quinta Raça, ele se tornou em simbologia o *sacr'*, e em hebraico o *n'cabvah* das primeiras raças formadas [105]; mais tarde transformou-se no egípcio (símbolo da vida), e ainda depois no signo de Vênus, . Em seguida

[105] Veja a sugestiva obra "The Source of Measures", em que o autor explica o real significado da palavra *sacr'* , de onde derivam as palavras "sagrado" e "sacramento". Hoje estas palavras se tornaram sinônimos de "santo" e "santidade", embora sejam puramente fálicas em sua origem! (Nota de H. P. Blavatsky)

vem a Suástica (o martelo de Thor, ou a "cruz hermética", atualmente) inteiramente separada do seu círculo, e tornando-se assim puramente fálica.[106] O símbolo esotérico de Kali Yuga é a estrela de cinco pontas invertida, assim: ⛧ - o símbolo da feitiçaria humana, com suas duas pontas (dois chifres) voltadas para cima, uma posição que todo Ocultista reconhecerá como pertencendo ao "caminho da esquerda", e usado em magia cerimonial.[107]

Esperamos que durante o exame desta obra as ideias errôneas do público em geral em relação ao Panteísmo sejam corrigidas. É errado e injusto ver os Ocultistas budistas e advaitas como ateus. Se nem todos eles são filósofos, todos estudam Lógica, pelo menos, e suas objeções e argumentos são baseados em raciocínios claros. De fato, o Parabrahm dos hindus pode ser visto como representante das divindades ocultas e sem nome das outras nações, e este Princípio absoluto será reconhecido como o protótipo do qual todos os outros foram copiados. Parabrahm não é "Deus", porque Ele não é *um* Deus. "Ele é aquilo que é supremo, e não supremo (paravara)", conforme explica o Mandukya Upanixade (2.28). ELE é "Supremo" como CAUSA, e não é supremo como efeito. Parabrahm é simplesmente, como uma "Realidade Una", o Cosmos que tudo abrange - ou melhor, o Espaço Cósmico infinito, no mais elevado sentido espiritual, é claro. Como Brahma (neutro) é a Raiz imutável, pura, livre, imperecível e suprema, "a ÚNICA verdadeira Existência, Paramarthika", e também a absoluta Chit e Chaitanya (inteligência, consciência), Brahma não pode ser um conhecedor, "porque AQUILO não pode ter um tema de conhecimento". Será que a chama pode ser chamada de essência do Fogo? Esta Essência é "a VIDA e a LUZ do Universo, o fogo visível e a chama são destruição, a morte, e o mal". "O Fogo e a chama destroem o corpo de um Arhat, a essência deles o torna imortal." (*Bodhi-mur, Livro II*.) "O conhecimento do Espírito absoluto, como o esplendor do sol, ou como o calor do fogo, não é nada mais que a própria Essência absoluta", diz Shankaracharia. ELE - é "o Espírito do Fogo", e não o próprio fogo; portanto, "os atributos deste último, calor ou chama, não são os atributos do Espírito, mas daquilo que é originado, inconscientemente, pelo Espírito." Não é verdade que a frase acima constitui a verdadeira nota-chave da

---

[106] Durante o século vinte, este símbolo foi usado para fins de feitiçaria pelos criminosos do nazismo alemão. O nazi-fascismo usava técnicas de magia negra para dominar mentalmente populações inteiras. Discretamente apoiada pelo Vaticano, a máfia nazista combinava em seus crimes contra a humanidade o uso de medo, violência, mentira sistemática, hipnotismo coletivo e "lavagem cerebral". (Nota do Tradutor)

[107] Matemáticos ocidentais e alguns cabalistas norte-americanos nos dizem que na Cabala, também, "o valor do nome de Jeová é igual ao diâmetro de um círculo". Acrescente-se a isso o fato de que Jeová é o terceiro sefirote, *Binah*, palavra feminina, e se terá a chave para o mistério. Através de certas transformações Cabalísticas, este nome, *andrógino* nos primeiros capítulos do Gênesis, passa a ser inteiramente masculino, cainita e fálico. O fato de escolher uma divindade entre os deuses pagãos e de fazer dele um Deus nacional especial, e de chamá-lo de "único Deus vivo", de "Deus dos Deuses", e depois proclamar esta adoração como Monoteística, não transforma esta divindade no Princípio ÚNICO cuja "Unidade não admite multiplicação, mudança ou forma", especialmente no caso de uma divindade priápica, como Jeová agora demonstra ser. (Nota de H. P. Blavatsky)

filosofia Rosacruz mais recente? Parabrahm é, em resumo, o agregado coletivo do Cosmos em sua infinitude e eternidade, o "AQUILO" e "ISSO" aos quais estes agregados distributivos não podem ser aplicados.[108] "No começo ISSO era o Ser, o único" (*Aitareya Upanixade*); o grande Shankaracharia explica que "ISSO" se refere ao Universo (Jagat); as palavras "No começo" significam "antes da reprodução do universo fenomênico".

Portanto, quando os panteístas repetem as palavras dos Upanixades que afirmam, como na Doutrina Secreta, que "isso" não pode criar, eles não negam um Criador, ou melhor, um *agregado coletivo* de criadores, mas apenas se recusam, de maneira muito lógica, a atribuir uma "criação", e especialmente uma formação, algo finito, a um Princípio Infinito. Para eles, Parabrahm é passivo porque é uma Causa Absoluta, *Mukta* incondicionada. Só a Onisciência e a Onipotência limitadas são impossíveis para a *Mukta*, porque estes são ainda atributos (tal como se refletem nas percepções do ser humano); e porque Parabrahm, sendo o "TODO Supremo", o sempre invisível espírito e Alma da Natureza, imutável e eterno, não pode ter atributos; o seu caráter absoluto naturalmente elimina qualquer ideia de conexão entre ele e o que é finito ou condicionado. E se o Vedanta postula que os atributos pertencem simplesmente à sua emanação, e o chama de "Ishwara *misturado com* Maya", e Avidya (Agnosticismo e Insensatez, mais que ignorância), é difícil encontrar qualquer ateísmo nesta concepção.[109] Já que não pode haver dois INFINITOS nem dois ABSOLUTOS em um Universo que se considera Ilimitado, esta Autoexistência dificilmente pode ser concebida como algo que cria personalidade. No sentido e nas percepções de "Seres" finitos, AQUILO é um Não-"ser", no sentido de que é a EXISTENCIALIDADE única [110]; porque neste TODO está oculta a sua emanação

---

[108] Ver "Vedantasara", do major G. A. Jacob; assim como "The Aphorisms of Sândilya", traduzidos por Cowell, p. 42. (Nota de H. P. Blavatsky)

[109] No entanto, orientalistas cristãos, preconceituosos e um tanto fanáticos, gostariam de provar que se trata de puro ateísmo. Uma prova disso pode ser encontrada em "Vedantasara", de Major Jacob. No entanto, toda a Antiguidade ecoa este pensamento Vedântico: "Omnis enim per se divom natura necesse est / Immortali aevo summa cum pace fruatur". (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *A citação em latim significa: "Porque é necessário que todos os deuses, por sua própria / natureza, desfrutem da vida eterna em perfeita paz."*]

[110] Existencialidade. No original em inglês, BE-NESS; em sânscrito, SAT. É um termo de difícil tradução. Uma versão literalista seria "ser-alidade" ("a condição de ser"); mas esta palavra não transmitiria a ideia. Na edição de "A Doutrina Secreta" que foi publicada pela Ed. Pensamento no século 20 - e que constitui uma tradução do texto adulterado por Annie Besant na década de 1890 - é usada a palavra SEIDADE, um neologismo que não apresenta qualquer relação aparente com o verbo "ser". Cabe registrar que, em inglês, o verbo "to be" significa não apenas "ser" e "estar", mas também "existir". Em consequência disso, traduzir o termo "Be-ness" por uma palavra derivada de "existir" é admissível. Por outro lado, o volume "The Secret Doctrine Dialogues" (Theosophy Co., Los Angeles, 2014) transcreve uma conversa de H.P. Blavatsky com alunos seus - em uma reunião em Londres - sobre a tradução do mesmo termo sânscrito SAT por BE-NESS. Ela diz: "Eles riram de 'Be-ness' e no entanto não há outra maneira no mundo de traduzir a palavra *Sat* exceto como Be-ness,

coeterna e coeva, ou sua radiação inerente, a qual, transformando-se periodicamente em Brahmâ (a Potência masculina-feminina) se converte no Universo manifestado, ou se expande até se transformar nele. Narayana movendo-se nas águas (abstratas) do Espaço passa a ser as Águas da substância concreta movimentada por ele, que agora se transforma na PALAVRA manifestada, ou Logos.

Os brâmanes ortodoxos - que estão entre os primeiros a erguer-se contra os panteístas e os advaitas, chamando-os de ateus - são forçados, se o Manu é aceito como autoridade nesta questão, a admitir a morte de Brahmâ, o criador, ao final de cada "Era" desta divindade (criativa) (100 anos divinos, um período que em nossos números requer 15 algarismos para ser expressado). No entanto, nenhum filósofo entre eles verá esta "morte" de qualquer outra maneira exceto como uma desaparição temporária do plano manifestado da existência, ou como um descanso periódico.

Os Ocultistas estão, portanto, em unidade com os filósofos advaitas e vedantinos em relação ao ponto mencionado acima. Eles mostram a impossibilidade de aceitar no contexto filosófico a ideia de o TODO absoluto criar ou mesmo emanar o "Ovo de Ouro", no qual afirma-se que ele entra para transformar-se em Brahmâ - o Criador, que se expande mais tarde transformando-se em deuses e no universo visível como um todo. Os Ocultistas dizem que a Unidade Absoluta não pode passar para o infinito, porque o infinito pressupõe a extensão ilimitada de *algo,* e a duração deste "algo". O Todo Uno é como o Espaço - que constitui a sua única representação mental e física nesta Terra ou em nosso plano de existência, e que não é um objeto de percepção, nem percebe alguma coisa. Se fosse possível supor que o Todo Eterno Infinito, a Unidade Onipresente, ao invés de existir na Eternidade se transforma através da manifestação periódica em um Universo multidimensional, ou em uma personalidade múltipla, aquela Unidade deixaria de ser uma Unidade. A ideia de Locke segundo a qual "o Espaço puro não é capaz de resistência nem de Movimento" é uma ideia errada. O Espaço não é nem um "vazio ilimitado" nem uma "plenitude condicionada", mas ambos; porque ele está no plano da abstração absoluta, da Divindade sempre incognoscível, que é um vazio apenas para as mentes finitas [111] e no plano da percepção *maiávica*. O Espaço é o Plenum, o Recipiente

---

porque ela não significa existência, já que existência implica algo que sente que existe. Existência deve dar a ideia de haver um começo, uma criação, e um final (.....)." (p. 23) Assim, HPB associa claramente "BE-NESS" com "Existência", ao dizer que não se trata de existência, mas sim da condição da existência. Isso, em português, seria "existencialidade", ou a "potencialidade da existência e a sua condição essencial". A palavra "Sat" também pode ser definida como "a realidade eterna no universo infinito, da qual não se pode dizer que existe, porque é a substância do Absoluto, Be-ness". (Ver o item "Sat" no "Theosophical Glossary", Theosophy Company, Los Angeles.) (Nota do Tradutor)

[111] Os próprios nomes das duas principais divindades, Brahmâ e Vishnu, deveriam ter sugerido há muito tempo os seus significados esotéricos. Porque a raiz de um, *Brahmam,* ou *Brahm,* é derivada segundo alguns da palavra *Brih*, "crescer" ou "expandir" (veja a *Calcutta Review*, Vol. lxvi, p. 14); e a outra palavra, Vishnu, deriva da raiz *Vis*, "permear", entrar na natureza da essência. Brahmâ-Vishnu é este ESPAÇO infinito, do qual os deuses,

absoluto de tudo o que é; seja manifestado, seja não manifestado. Ele é, portanto, aquele TODO ABSOLUTO. Não há diferença entre a afirmativa do Apóstolo cristão segundo a qual "Nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser" e a do Rishi hindu: "O Universo vive em Brahma, teve sua origem em Brahma, e voltará a Brahma (Brahmâ)". Porque Brahma (neutro), o imanifestado, é esse Universo *in abscondito*; e Brahmâ, o manifestado, é o Logos, que é transformado em masculino-feminino [112] nos dogmas simbólicos ortodoxos. O Deus do Apóstolo-Iniciado, assim como o do Rishi, é tanto o ESPAÇO visível como o ESPAÇO invisível. No simbolismo esotérico, o Espaço é chamado "o Eterno Mãe-Pai de Sete Peles". Desde a sua superfície indiferenciada até sua superfície diferenciada, ele é composto de sete camadas.

O Catecismo esotérico Senzar pergunta: "O que é que existiu, existe e existirá, quer haja um Universo ou não, e quer haja deuses ou não?" E a resposta dada é: "O ESPAÇO."

Não é a Natureza *in abscondito* [113], o Deus Único e Desconhecido sempre-presente na Natureza, que é rejeitado, mas o Deus do dogma humano e a sua "Palavra" *humanizada*. Em sua infinita presunção e no orgulho e vaidade que lhes são inerentes, seres humanos criaram eles mesmos Deus com suas mãos sacrílegas, tendo como base o material que encontraram em suas próprias e reduzidas estruturas cerebrais; e o impuseram à humanidade como se fosse uma revelação vinda do ESPAÇO não-revelado.[114] O Ocultista aceita uma revelação como algo vindo de

---

os Rishis, os Manus e tudo neste universo são simplesmente potências, Vibhutayah. (Nota de H. P. Blavatsky)

[112] Veja a narrativa de Manu sobre como Brahmâ divide o seu corpo em um macho e uma fêmea, sendo ela a fêmea Vâch, na qual ele cria Viraj; e compare isso com o esoterismo dos capítulos II, III e IV do Gênesis. (Nota de H. P. Blavatsky)

[113] Natureza *in abscondito*; Natureza oculta, invisível. (Nota do Tradutor)

[114] O Ocultismo está realmente no ar, neste final de século. Entre muitas outras obras publicadas recentemente, recomendamos especialmente uma, aos estudantes de Ocultismo teórico que não quiserem aventurar-se além do reino do nosso plano humano específico. Está intitulada "New Aspects of Life and Religion" ("Novos Aspectos da Vida e da Religião"), e o autor é o médico Henry Pratt. Está repleto de princípios esotéricos e de filosofia esotérica, esta última um tanto limitada, nos capítulos finais, pelo que parece ser um espírito de positivismo condicionado. No entanto, o que o livro diz sobre o Espaço como "a Primeira Causa Desconhecida" merece ser citado. "Este algo desconhecido, assim reconhecido como, e identificado com, a primeira corporificação da Unidade Simples, é invisível e impalpável" (espaço *abstrato*, sem dúvida); e porque é invisível e impalpável, é também incognoscível. E esta qualidade de incognoscível levou ao erro de supor que ele seja um simples vazio, que tenha uma função meramente receptiva. Mas, mesmo quando o vemos como vazio absoluto, o espaço deve ser reconhecido como sendo autoexistente, infinito e eterno, ou como algo que teve uma primeira causa fora, atrás ou mais além de si mesmo.

"E no entanto, se esta causa pudesse ser encontrada e definida, isso apenas nos levaria a transferir para ela as características até aqui atribuídas ao espaço, e assim somente

Seres divinos, mas ainda assim finitos; de vidas manifestadas, nunca da VIDA UNA Imanifestável; daquelas entidades que são chamadas de Homem Primordial, de Dhyani-Buddhas, ou Dhyan-Chohans; e que são os "Rishi-Prajapati" dos hindus, os Elohim ou "Filhos de Deus", os Espíritos Planetários de todas as nações, que se tornaram Deuses para os homens. O Ocultista também vê a Adi-Shakti [115] - a emanação direta de Mulaprakriti, a Raiz eterna DAQUILO e aspecto feminino da Causa Criadora Brahmâ, em sua forma akáshica [116] ou Alma Universal, filosoficamente como uma Maya e como causa da Maya humana. Mas este ponto de vista não o impede de acreditar na sua existência enquanto ela dura, isto é, durante um Maha-manvântara [117]; nem de empregar Akasha, a radiação de Mulaprakriti [118], para propósitos práticos, já que a Alma do Mundo está conectada com todos os fenômenos naturais, sejam eles conhecidos ou desconhecidos pela ciência.

---

lançaríamos a dificuldade da origem um passo mais para trás, sem obter esclarecimento quanto à causa primária." (p. 5)

Isso é precisamente o que foi feito pelos que acreditam em um Criador antropomórfico, um Deus extracósmico, ao invés de intracósmico. Muitos dos assuntos abordados pelo Sr. Pratt - a maior parte deles, pode-se dizer - são velhas ideias e teorias cabalísticas que ele apresenta em roupagem totalmente nova: "New Aspects" ("Novos Aspectos") do Oculto na Natureza, de fato. O espaço, no entanto, visto como uma "Unidade Substancial" - a "Fonte viva da Vida" - é como a "desconhecida Causa sem Causa", o princípio mais antigo do Ocultismo, anterior por milênios ao *Pater-Aether* dos gregos e latinos. Assim, a "Força e Matéria são inseparáveis, como potências do Espaço, e são Desconhecidos reveladores do Desconhecido". Todos eles são encontrados na filosofia ariana, personificados como Visvakarman, Indra, Vishnu, etc., etc. De qualquer modo eles são expressos de forma muito filosófica, e sob muitos aspectos pouco usuais, na obra a que nos referimos. (Nota de H. P. Blavatsky)

[115] No original, Adi-Sakti. Usamos um "sh" para assinalar a pronúncia, ficando a palavra "Adi-Shakti". (Nota do Tradutor)

[116] Akáshica; no original, "A'kásic". Estamos aportuguesando a transliteração, e colocamos "sh" para indicar o som da penúltima sílaba. O mesmo vale para "A'kâsa" - "Akasha". (Nota do Tradutor).

[117] Maha-manvântara: Grande Manvântara. (Nota do Tradutor)

[118] Em contraste com o universo manifestado e material, o termo *Mulaprakriti* (derivado de *Mula*, "a raiz", e *prakriti*, "natureza"), significa a matéria primordial imanifestada, que os alquimistas ocidentais chamam de Terra de Adão. O termo é aplicado pelos Vedantinos a *Parabrahmam.* A matéria é dual na metafísica religiosa, e setenária nos ensinamentos esotéricos, tal como todas as outras coisas do universo. Como *Mulaprakriti*, a matéria é indiferenciada e eterna. Como *Vyakta*, ela se torna diferenciada e condicionada, de acordo com o *Svetasvatara Upanixade*, I, 8, e *Devi Bhagavata Purana.* O autor das quatro palestras sobre o *Bhagavad Gita* diz, ao falar de *Mulaprakriti*: "Desde o ponto de vista objetivo do Logos, *Parabrahmam* aparece para o Logos como *Mulaprakriti*. ..... Naturalmente este *Mulaprakriti* é material para ele, assim como qualquer objeto material é material para nós. .... *Parabrahmam* é uma realidade incondicionada e absoluta, e *Mulaprakriti* é uma espécie de véu lançado sobre ele." ("The Theosophist", Vol. VIII, p. 304.) (Nota de H. P. Blavatsky)

As religiões mais antigas do mundo - exotericamente, já que a raiz ou base esotérica é uma só - são o hinduísmo, o zoroastrismo, e a religião egípcia. Em seguida, e como resultado delas, vêm os caldeus, hoje totalmente ausentes do mundo com a exceção do desfigurado sabeísmo [119], hoje apresentado pelos arqueólogos. Depois, passando por um bom número de religiões que serão mencionadas mais adiante, vem a religião judaica, que segue esotericamente a linha do Magismo da Babilônia, como na Cabala; exotericamente, como no Gênesis e no Pentateuco, uma coleção de lendas alegóricas. Lidos à luz do Zohar, os quatro capítulos iniciais do Gênesis são parte de uma seção altamente filosófica da Cosmogonia do Mundo. (Veja o Volume III, "A Gupta Vidya e o Zohar" [120].) Mantidos em sua forma simbólica, eles são como uma história para crianças, um espinho cravado na ciência e na lógica, um efeito evidente do Carma. Que eles sirvam de prólogo para o Cristianismo foi uma vingança cruel da parte dos rabinos, que sabiam mais sobre o significado do seu Pentateuco. Foi um protesto silencioso contra a espoliação, e os judeus têm hoje certamente vantagem sobre os seus tradicionais perseguidores. As crenças exotéricas citadas acima serão explicadas à luz da doutrina Universal à medida que prosseguirmos.

O Catecismo Oculto contém as seguintes perguntas e respostas:

"O que é que sempre existe?" "O Espaço, o eterno Anupadaka." [121] *"O que é que sempre existiu?" "O Germe na Raiz." "O que é que está sempre vindo e indo?" "A Grande Respiração." "Então, há três Eternos?" "Não, os três são um. Aquilo que sempre existe é um, aquilo que sempre existiu é um, e aquilo que está sempre existindo e se transformando também é um: e ele é o Espaço."*

"Explica, ó Lanu (discípulo)." -"O Um é um Círculo (anel) ininterrupto, sem circunferência, porque não está em lugar algum e está em todas as partes; o Um é o plano sem limites do Círculo, manifestando um diâmetro apenas durante os períodos manvantáricos; o Um é o ponto indivisível que não é encontrado em parte alguma, que é percebido em todas as partes durante estes períodos; ele é o Vertical e o Horizontal, o Pai e a Mãe, a cúpula e a base do Pai, as duas extremidades da Mãe, que não chegam na realidade a lugar algum, porque o Um é o Anel assim como também os anéis que estão dentro daquele Anel. Luz na escuridão e escuridão na luz; a 'Respiração que é eterna'. Ela prossegue de fora para dentro, quando está por toda parte, e de dentro para fora, quando não está em parte alguma (isto é,

---

[119] Sabeísmo, ou sabeanismo; religião de um povo antigo da península arábica. Promove a adoração do Sol e de outros corpos celestes, como representantes de um princípio universal supremo e indescritível. (Nota do Tradutor)

[120] Referência ao volume III de "A Doutrina Secreta", que H. P. Blavatsky não chegou a publicar, e teve destino ignorado. Para mais detalhes, veja a nota 10, de Boris de Zirkoff, à p. 679 do volume I de "The Secret Doctrine", Adyar, TPH, 1979. (Nota do Tradutor)

[121] Anupadaka; o termo significa "sem pais" - veja mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

maya [122]*, um dos centros* [123]*). Ela se expande e se contrai (exalação e inalação). Quando ela se expande, a mãe difunde e espalha; quando ela se contrai, a mãe recua e se interioriza. Isso produz os períodos de Evolução e Dissolução, Manvântara e Pralaya. O Germe é invisível e tem a natureza do fogo; a Raiz (o plano do círculo) é fria; mas durante a Evolução e o Manvântara as suas vestes são frias e radiantes. A Respiração Quente é o Pai que devora os filhos do Elemento que têm muitas faces (os heterogêneos), e deixa os que têm uma só face (os homogêneos). A Respiração Fria é a Mãe, que concebe, forma, produz, e os recebe de volta em seu âmago, para reformá-los no momento da Aurora (do Dia de Brahmâ, ou Manvântara) ....."*.

Para uma compreensão mais clara por parte do leitor, deve ser dito que a Ciência Oculta reconhece *Sete* Elementos Cósmicos - quatro deles inteiramente físicos, e o quinto (Éter), semimaterial, já que irá tornar-se visível no ar perto do final da nossa Quarta Ronda, reinando supremo sobre os outros elementos durante a Quinta Ronda. Os dois elementos restantes estão ainda absolutamente além da percepção humana. No entanto, eles aparecerão como pressentimentos durante a sexta e a sétima Raças da Ronda atual, e se tornarão conhecidos respectivamente na sexta e na sétima Rondas. [124] Estes sete elementos, com os seus inúmeros Sub-Elementos (muito mais

---

[122] A filosofia esotérica vê como Maya (a ilusão da ignorância) todas as coisas finitas. Em consequência disso, ela deve ver da mesma forma necessariamente todo planeta ou corpo celeste intracósmico, na medida em que é organizado, e portanto finito. Deste modo, a expressão "ela prossegue de fora para dentro", etc., se refere na primeira parte da frase ao alvorecer do período manvantárico, ou à grande re-evolução, depois de uma das periódicas dissoluções completas de todas as formas compostas na Natureza (desde os planetas até as moléculas), quando elas se reduzem à sua última essência ou elemento último. Na segunda parte da frase, a expressão se refere ao manvântara local ou parcial, que pode ser um manvântara solar ou mesmo planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

[123] Aqui a palavra "centro" significa um centro de energia ou um foco Cósmico. Quando a chamada "Criação", ou formação de um planeta, é realizada por aquela força que os Ocultistas designam como VIDA e que a Ciência chama de "energia", então o processo ocorre de dentro para fora, e afirma-se que cada átomo contém em si a energia criativa da respiração divina. Como resultado, por um lado, depois de um pralaya absoluto, ou quando o material pré-existente consiste apenas de UM Elemento, e a RESPIRAÇÃO "está por toda parte", esta última, a RESPIRAÇÃO, atua "de fora para dentro"; e por outro lado, depois de um pralaya pequeno, quando tudo permaneceu em *statu quo*, ou paralisado - em um estado refrigerado, digamos assim, como a lua - com a primeira vibração do manvântara, o planeta ou planetas começam o seu renascimento para a vida de dentro para fora. (Nota de H. P. Blavatsky)

[124] É curioso perceber que, nos ciclos evolutivos das ideias, o pensamento antigo parece estar refletido nas especulações modernas. Terá o sr. Herbert Spencer lido e estudado textos antigos dos filósofos hindus, quando ele escreveu uma certa passagem em seu livro "First Principles" ("Primeiros Princípios") (p. 482)? Também pode ser que tenha tido um relâmpago de percepção interna, que fez com que ele dissesse o seguinte, de modo parcialmente incorreto: "como o movimento, tal qual a matéria, têm uma quantidade constante (?), e como parece ser que a mudança na distribuição da Matéria que é provocada pelo Movimento chega a um limite, seja qual for a direção em que ela ocorre (?), o indestrutível Movimento necessita de uma distribuição inversa. Aparentemente, as forças

numerosos do que os conhecidos pela Ciência) são simplesmente modificações e aspectos *condicionais* do ÚNICO Elemento existente. Este último não é o *Éter* [125], nem sequer o *Akasha*, mas a *Fonte* destes dois. O Quinto Elemento, cuja existência é agora defendida bastante livremente pela ciência, não é o Éter levantado como hipótese por Sir Isaac Newton, embora Newton o chame por este nome provavelmente depois de associá-lo em sua mente com o *Aether*, o "Pai-Mãe" da antiguidade. Como diz Newton, demonstrando intuição, - "A Natureza faz um trabalho perpetuamente circulatório, gerando fluidos a partir de sólidos, coisas fixas a partir de coisas voláteis, coisas voláteis a partir de coisas fixas, coisas sutis a partir de coisas grosseiras, e coisas grosseiras a partir de coisas sutis. ..... Assim, talvez, todas as coisas possam ser originadas do Éter". (Hypoth, 1675.) [126]

O leitor deve levar em conta que as Estâncias dadas tratam apenas da Cosmogonia do nosso próprio Sistema planetário, e do que é visível ao seu redor, depois de um Pralaya Solar. Os ensinamentos secretos sobre a Evolução do Cosmo Universal não podem ser dados, porque não poderiam ser compreendidos pelas mentes mais elevadas da época atual; e parece haver muito poucos Iniciados, mesmo entre os maiores, que têm permissão para especular a respeito. Além disso, os Instrutores dizem abertamente que nem sequer os mais elevados Dhyani-Chohans [127] penetraram jamais os mistérios que estão além das fronteiras graças às quais os bilhões de sistemas solares estão separados do "Sol Central", conforme ele é

---

universalmente coexistentes da atração e da repulsão, que, como vimos, necessitam de um ritmo em todas as mudanças menores ao longo do Universo, também necessitam de um ritmo na totalidade das suas mudanças -, produzindo agora um período imensurável durante o qual as forças de atração predominam, o que causa uma concentração universal, e mais adiante um período imensurável durante o qual as forças de repulsão predominam, o que causa uma difusão universal. Há uma alternância entre era de Evolução e de dissolução". (Nota de H. P. Blavatsky)

[125] Sejam quais forem os pontos de vista da Ciência física a respeito, a Ciência Oculta vem ensinando há eras que o A'kâs a [*Akasha*] - do qual o Éter é a sua forma mais grosseira -, o quinto Princípio Cósmico Universal (ao qual corresponde e do qual surge a mente humana, Manas), é, cosmicamente, uma matéria diatérmica, plástica, fria, radiante, criativa em sua natureza física, correlativa em seus aspectos e suas porções mais grosseiras, imutável em seus princípios superiores. Na condição anterior, ela é chamada de Sub-Raiz; e, em conjunção com o calor radiante, ela faz com que "mundos mortos revivam". No seu aspecto superior ela é a Alma do Mundo; no seu aspecto inferior, o DESTRUIDOR. (Nota de H. P. Blavatsky)

[126] Na bem cuidada edição de 1979 de "The Secret Doctrine" (TPH), Boris de Zirkoff dá mais detalhes bibliográficos sobre o texto de que faz parte esta afirmação de Newton. Zirkoff informa que se trata de uma carta datada de 7 de dezembro de 1675, e indica o seu título completo: "An Hypothesis explaining the Properties of Light discoursed of in my several Papers". Fonte: "*Register* of the Royal Society", Vol. V, p. 65. (Nota do Tradutor)

[127] Conforme H. P. B. indicou mais acima, os Dhyani-Buddhas, Dhyani-Chohans ou Dhyan-Chohans são "os 'Rishi-Prajapati' dos hindus, os Elohim ou 'Filhos de Deus', os Espíritos Planetários de todas as nações, que se tornaram Deuses para os homens." (Nota do Tradutor)

chamado. Portanto, o que é dado diz respeito apenas ao nosso Cosmo visível, depois de uma "Noite de Brahmâ".

Antes que o leitor passe a considerar as Estâncias do Livro de Dzyan, que formam a estrutura da presente obra, é absolutamente necessário que ele seja informado das poucas concepções fundamentais que estão na base e permeiam todo o sistema de pensamento para o qual é chamada a sua atenção. Estas ideias básicas são poucas em número, e é da clara percepção delas que depende tudo o que se segue; portanto, não é necessário pedir desculpas por solicitar ao leitor que se familiarize primeiro com elas, antes de começar o exame da obra propriamente dita.

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais: [128]

(a) Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Ilimitado e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque ele transcende o poder da concepção humana e só poderia ser distorcido por qualquer expressão ou comparação humanas. Está além dos limites e do alcance do pensamento - nas palavras do Mandukya, é "impensável e indescritível".

Para que estas ideias fiquem mais claras para o leitor geral, ele deve começar com o postulado de que há uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna - vagamente formulada nas ideias de "Inconsciente" e "Incognoscível" da filosofia europeia atual - é a raiz sem raiz de "tudo o que foi, é, ou será algum dia". Ela é naturalmente destituída de quaisquer atributos, e essencialmente não possui qualquer relação com o Ser manifestado e finito. Ela é a "existencialidade", mais do que Ser (em sânscrito, *Sat*) [129], e está além de todo pensamento e especulação.

Essa "existencialidade" é simbolizada na Doutrina Secreta sob dois aspectos. De um lado, Espaço absoluto e abstrato, o que representa pura subjetividade, a única coisa que a mente humana não pode conceber por si mesma, nem excluir das suas concepções. De outro lado, absoluto Movimento Abstrato, representando a Consciência Incondicionada. Até mesmo os nossos pensadores ocidentais têm mostrado que a Consciência é inconcebível para nós, se estiver separada da mudança; e o movimento é o que melhor simboliza a mudança, a sua característica essencial. Este último aspecto da Realidade una também é simbolizado pela expressão "A Grande Respiração", uma imagem tão clara que não necessita mais explicações. Assim, o primeiro axioma fundamental da Doutrina Secreta é este UNO ABSOLUTO - A EXISTENCIALIDADE -, simbolizado pela inteligência finita através da Trindade teológica.

---

[128] Neste ponto, estamos na página 14 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[129] Veja mais acima a nota em que discutimos a tradução do termo "Be-Ness" (Sat) como "Existencialidade". (Nota do Tradutor)

No entanto, mais algumas explicações podem ser úteis ao estudante.

Ultimamente, Herbert Spencer tem modificado tanto seu Agnosticismo que chega ao ponto de afirmar que a natureza da "Causa Primeira" [130] - que o Ocultismo, de modo mais lógico, vê como sendo derivada da "Causa Sem Causa", o "Eterno" e "Incognoscível" - pode ser essencialmente a mesma causa da Consciência que brota dentro de nós: em resumo, que a realidade impessoal que permeia o Cosmo é o puro númeno do pensamento. Este progresso da sua parte coloca-o muito próximo da doutrina esotérica e vedantina. [131]

Parabrahm (a Realidade Una, o Absoluto) é o campo da Consciência Absoluta, isto é, aquela Essência que está fora de qualquer relação com a existência condicionada, e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado. Mas uma vez que nós passemos em pensamento para além desta (para nós) Absoluta Negação, surge a dualidade no contraste entre Espírito (ou consciência) e Matéria; Sujeito e Objeto.

O Espírito (ou Consciência) e a Matéria devem no entanto ser vistos não como realidades independentes, mas como as duas facetas ou os dois aspectos do Absoluto (Parabrahm), que constitui a base do Ser condicionado, seja ele subjetivo ou objetivo.

Considerando esta tríade metafísica como a Raiz da qual procede toda manifestação, a grande Respiração assume o caráter da Ideação pré-cósmica. Ela é a *fons et origo* da energia e de toda consciência individual, e dá a inteligência orientadora no vasto esquema da Evolução cósmica. Por outro lado, a substância-raiz pré-cósmica (*Mulaprakriti*) é aquele aspecto do Absoluto que está na base de todos os planos objetivos da Natureza.

Assim como a Ideação Pré-Cósmica é a raiz de toda consciência individual, assim também a Substância Pré-Cósmica é o substrato da matéria nos vários graus da sua diferenciação.

A partir disso, fica claro que o contraste entre estes dois aspectos do Absoluto é essencial para a existência do "Universo Manifestado". Separada da Substância Cósmica, a Ideação Cósmica não poderia manifestar-se como consciência individual, já que é só através de um veículo [132] material que a consciência surge como "eu sou eu", sendo necessária uma base física para focar um raio da Mente

---

[130] A palavra "primeira" indica necessariamente algo que é "o primeiro a ser produzido", "o primeiro no tempo, no espaço e em hierarquia", e portanto finito e condicionado. O "primeiro" *não pode ser o absoluto,* porque é uma manifestação. Portanto, o Ocultismo Oriental chama o Todo Abstrato de "Causa Una Sem Causa", a "Raiz Sem Raiz", e limita a "Causa Primeira" ao *Logos,* no sentido que Platão dá a este termo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[131] Veja as quatro eficientes palestras do Sr. Subba Row sobre o Bhagavad Gita, na revista "The Theosophist", de fevereiro de 1887. (Nota de H. P. Blavatsky)

[132] Chamado em sânscrito de "Upadhi". (Nota de H. P. Blavatsky)

Universal em determinado estágio de complexidade. Novamente, separada da Ideação Cósmica, a Substância Cósmica permaneceria como uma abstração vazia, e nenhum surgimento da consciência poderia ocorrer.

O "Universo Manifestado", portanto, é permeado pela dualidade, e a dualidade constitui, digamos, a própria essência da sua EX-istência como "manifestação". Mas assim como os polos opostos do sujeito e do objeto, do espírito e da matéria, são apenas aspectos da Unidade Única na qual eles são sintetizados, assim também, no Universo manifestado, há "aquilo" que liga o espírito à matéria, o sujeito ao objeto.

Esse algo, atualmente desconhecido para a especulação ocidental, é chamado pelos ocultistas de Fohat. Ele é a "ponte" pela qual as "Ideias" que existem no "Pensamento Divino" são impressas na substância Cósmica como "leis da Natureza". Fohat é, assim, a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, desde outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação, o "Pensamento Divino" transmitido e tornado manifesto pelos Dhyan Chohans [133], os Arquitetos do mundo visível. Assim, do Espírito, ou Ideação Cósmica, vem a nossa consciência; da Substância Cósmica, vêm os vários veículos nos quais aquela consciência é individualizada e alcança a autoconsciência ou consciência reflexiva; enquanto que Fohat, em suas várias manifestações, é o elo misterioso entre a Mente e a Matéria, o princípio animador que eletrifica cada átomo, dando-lhe vida.

O seguinte resumo transmitirá uma ideia mais clara ao leitor.

(1.) O ABSOLUTO; o *Parabrahm* dos vedantinos ou a Realidade una, SAT, que é, como diz Hegel, tanto o Absoluto Ser como o Absoluto Não-Ser.

(2.) A primeira manifestação, o Logos impessoal e, em filosofia, o Logos *imanifestado*, precursor do "manifestado". Esta é a "Primeira Causa", o "Inconsciente" dos panteístas europeus.

(3.) Espírito-matéria, VIDA; o "Espírito do Universo", o Purusha e Prakriti, ou *segundo* Logos.

(4.) Ideação Cósmica, MAHAT ou Inteligência, a Alma-do-Mundo Universal; o Númeno Cósmico da Matéria, também chamado de MAHA-BUDDHI.

A REALIDADE UNA; os seus aspectos *duais* no Universo condicionado.

A Doutrina Secreta afirma também: -

(b) A Eternidade do Universo *in toto* como um plano ilimitado; sendo periodicamente "cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente", chamados de "estrelas em manifestação" e "centelhas da

[133] Chamados pela teologia cristã de Arcanjos, Serafins, etc. (Nota de H. P. Blavatsky)

Eternidade". "A Eternidade do Peregrino" [134] é como um piscar do Olho da Autoexistência (Livro de Dzyan). "A aparição e a desaparição de Mundos é como o fluxo e o refluxo regulares da maré." (Veja, na Parte II, "Os Dias e Noites de Brahmâ".)

Esta segunda afirmação da Doutrina Secreta estabelece a absoluta universalidade daquela lei da periodicidade, do fluxo e refluxo, da maré alta e baixa, que a ciência física tem observado e registrado em todos os departamentos da natureza. Alternâncias como as de Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Despertar, são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção que é fácil compreender que neles nós vemos uma das leis absolutamente fundamentais do universo.

Além disso, a Doutrina Secreta ensina também: -

(c) A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma-Superior Universal, sendo esta última, em si mesma, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da Alma-Superior Universal - através do Ciclo da Encarnação (ou "da Necessidade"), de acordo com a lei Cíclica e Cármica, durante todo o período. Em outras palavras, nenhum Buddhi (alma divina) puramente espiritual pode ter uma existência independente (consciente) antes que a centelha, que surgiu da pura Essência do Sexto princípio Universal, - ou ALMA-SUPERIOR - tenha, (a) passado através de cada forma elemental do mundo fenomênico daquele Manvântara, e (b) adquirido individualidade, primeiro por impulso natural, e depois por impulsos autoinduzidos e autoplanejados (limitados pelo seu Carma), ascendendo assim através de todos os graus de inteligência, desde o Manas mais inferior até o Manas mais elevado, do mineral e do vegetal até o mais sagrado arcanjo (Dhyani-Buddha). A doutrina central da filosofia Esotérica não admite privilégios ou dons especiais no homem, exceto aqueles que tenham sido conquistados por seu próprio Ego[135] através de esforço e mérito pessoal no decorrer de uma longa série de metempsicoses e reencarnações. É por isso que os hindus dizem que o Universo é Brahma e Brahmâ, porque Brahma está em cada átomo do universo, e os seis princípios na Natureza são todos resultados - os aspectos diversamente diferenciados - do SÉTIMO e UNO, a única realidade no Universo, seja Cósmico ou microcósmico; e também é por isso que as permutações (psíquicas, espirituais e físicas), no plano da manifestação e da forma, do sexto (Brahmâ, o veículo de Brahma) são vistas por antífrase metafísica como ilusórias e Maiávicas. Porque embora a raiz de cada átomo individualmente, e de cada forma coletivamente, seja aquele sétimo princípio ou a Realidade una, ainda

---

[134] "Peregrino" é um termo para designar a nossa *Mônada* (os dois em um) durante seu ciclo de encarnações. É o único princípio imortal e eterno em nós, sendo uma parte indivisível do todo integral - o Espírito Universal, do qual ela emana, e no qual ela é absorvida no final do ciclo. Quando se afirma que a Mônada emana do espírito uno, está sendo necessário usar uma expressão inadequada e incorreta, por falta de palavras adequadas. Os vedantinos a chamam de Sutratma (Fio-da-Alma), mas sua explicação, também, difere um pouco da explicação dos ocultistas. No entanto, deixamos para os vedantinos a tarefa de explicar a diferença. (Nota de H. P. Blavatsky)

[135] *Ego* - eu superior, alma espiritual. (Nota do Tradutor)

assim, no seu mundo fenomênico manifestado e na sua aparência temporária, ela não é mais que uma ilusão passageira dos nossos sentidos. (Para uma definição mais clara, veja, na parte III deste volume I, o Adendo "Deuses, Mônadas e Átomos", e também "Teofania", "Bodhisatvas e Reencarnação", etc., etc.)

Na sua dimensão absoluta, o Princípio Único, sob seus dois aspectos (de Parabrahmam e Mulaprakriti) é sem sexo, incondicionado e eterno. A sua emanação periódica (manvantárica) - ou radiação primária - também é Una, andrógina e fenomenicamente finita. Por sua vez quando a radiação ocorre todas as suas irradiações são também andróginas, tornando-se masculinas e femininas em seus aspectos inferiores. Depois de um Pralaya, seja o Pralaya grande ou o menor (esse último deixa os mundos em *statu quo* [136]), o primeiro que redesperta para a vida ativa é o Akasha plástico, o Pai-Mãe, o Espírito e a Alma do Éter, ou o plano da superfície do Círculo. O Espaço é chamado de "a Mãe", antes da sua atividade cósmica, e Pai-Mãe no primeiro estágio do redespertar. (Veja os Comentários à Estância II.) Na Cabala, o Espaço é também Pai-Mãe-Filho. Mas se de um lado, para a doutrina Oriental, estes constituem o sétimo princípio do Universo manifestado, ou o seu "Atma-Buddhi-Manas" (Espírito, Alma, Inteligência), ou seja, a tríade que se ramifica e se divide nos sete princípios cósmicos e humanos, de outro lado, para a Cabala Ocidental dos místicos cristãos, trata-se da Tríade ou Trindade, e segundo os seus ocultistas, o macho-fêmea, Jeová, Jah-Havah. Esta é a única diferença entre as trindades esotérica e cristã. Os místicos e os filósofos, os panteístas orientais e ocidentais, sintetizam a sua tríade pré-genética na pura abstração divina. Os ortodoxos a antropomorfizam. *Hiranyagarbha, Hari e Sankara* - as três hipóstases do "Espírito do Supremo Espírito" em manifestação (por cujo título Prithivi, a Terra, saúda Vishnu em seu primeiro Avatar) - são as qualidades puramente metafísicas e abstratas de formação, preservação e destruição, e são os três Avasthas (lit. hipóstases) divinos daquilo que "não morre com as coisas criadas" (ou Achyuta, um nome de Vishnu); enquanto que o cristão ortodoxo separa sua Divindade pessoal criadora nos três personagens da Trindade, e não admite nenhuma Divindade mais elevada. Esta última, em Ocultismo, é o Triângulo abstrato; para os ortodoxos, é o Cubo perfeito. O deus criativo ou os deuses agregados são vistos pelo filósofo Oriental como *Bhrantidarsanatah* - "falsa compreensão", algo "concebido como uma forma material devido a aparências errôneas", o que é explicado como surgindo da visão ilusória da alma Egoísta, pessoal e humana (quinto princípio inferior). Isso foi expresso de maneira bela em uma nova tradução do Vishnu Purana. "Aquele Brahmâ em sua totalidade tem essencialmente o aspecto de Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado (Mulaprakriti), e também o aspecto de Espírito e o aspecto de Tempo. O Espírito, ó

[136] Não são os organismos físicos, e muito menos os seus princípios psíquicos, que permanecem em *statu quo* durante os grandes pralayas cósmicos ou mesmo pralayas solares, mas somente as suas "fotografias" astrais ou akáshicas. Porém durante os pralayas menores, uma vez tomados pela "Noite", os planetas permanecem intactos, embora mortos, assim como um animal enorme, capturado e soterrado no gelo polar, permanece igual durante eras. (Nota de H. P. Blavatsky)

nascido-pela-segunda-vez, é o aspecto principal do Supremo Brahma.[137] O aspecto seguinte é duplo - Prakriti, tanto exteriorizado como não exteriorizado, e o tempo é o último." Na teogonia órfica, Cronos é descrito como sendo também um deus ou agente gerado.

Neste estágio do redespertar do Universo, o simbolismo sagrado o representa como um Círculo perfeito com o ponto (raiz) no centro. Este signo era universal, portanto nós o encontramos também na Cabala. A Cabala Ocidental, no entanto, agora nas mãos dos místicos cristãos, o ignora completamente, embora ele seja claramente mostrado no Zohar. Estes sectários começam pelo final, e apresentam como símbolo do Cosmo pré-genético este signo ⍰, chamando-o de "a União da Rosa e da Cruz", o grande mistério da geração oculta, de onde vem o nome - rosacruzes (Rosa Cruz)!

No entanto, como se pode ver a partir do mais importante e mais bem conhecido dos símbolos rosacruzes, existe um que nunca até agora foi compreendido nem sequer pelos místicos modernos. É o símbolo do "pelicano" que rompe e abre seu próprio peito para alimentar seus sete filhotes - o verdadeiro credo dos Irmãos da Rosacruz e um produto direto da Doutrina Secreta Oriental. Brahma (de gênero neutro) é chamado de Kalahansa, o que significa, como explicado por orientalistas ocidentais, o Eterno Cisne ou ganso (veja a Estância III, comentário 8); e o mesmo ocorre com Brahmâ, o Criador. Um grande erro fica desse modo à mostra. É Brahma (neutro) que deveria ser referido como Hansa-vahana (Aquele que usa o cisne como seu Veículo), e não Brahmâ, o criador. Brahmâ é o verdadeiro Kalahansa, enquanto Brahma (neutro) é hamsa, e "A-hamsa", como será explicado no comentário. Deve ser levado em conta que os termos Brahmâ e Parabrahmam[138] não são usados aqui porque eles pertencem à nossa nomenclatura Esotérica, mas apenas porque são mais familiares para os estudantes ocidentais. Ambos são os perfeitos equivalentes dos nossos termos com uma, três e sete vogais, que correspondem ao TODO UNO, e ao Uno "Todo em Tudo".

Estes são os conceitos básicos sobre os quais está estabelecida a Doutrina Secreta.

Não cabe fazer aqui a defesa deles, nem dar qualquer comprovação do seu caráter intrinsecamente razoável. Tampouco posso fazer uma pausa para mostrar como estes conceitos estão na verdade contidos - embora demasiado frequentemente sob

---

[137] Assim, Spencer, embora, como Schopenhauer e von Hartmann, apenas reflita um aspecto dos velhos filósofos esotéricos, desse modo lançando seus leitores na praia deserta do desespero agnóstico - reverentemente formula o grande mistério ; "aquilo que persiste imutável em quantidade, mas sempre mudando na forma sob estas aparências sensíveis que o Universo apresenta para nós, é um poder desconhecido e incognoscível, que somos obrigados a reconhecer como sem limite no Espaço e sem começo ou final no tempo." É só a audaciosa Teologia - nunca a Ciência ou a Filosofia - que busca calcular o Infinito e revelar o Insondável e Incognoscível. (Nota de H.P. Blavatsky)

[138] Vemos aqui a grafia "Parabrahmam", mas na maior parte da obra é usada a grafia "Parabrahm". (Nota do Tradutor)

aparências enganosas - em cada um dos sistemas de pensamento ou sistemas filosóficos dignos deste nome.

Uma vez que o leitor tenha obtido uma clara compreensão desses conceitos, e tenha percebido a luz que eles lançam sobre todos os problemas da vida, já não será necessária mais nenhuma justificação deles junto ao leitor, porque sua veracidade será tão evidente quanto a existência do Sol no céu. Passo adiante, portanto, abordando o assunto das Estâncias tal como elas são dadas neste volume, e acrescentando um esboço mínimo delas, com a esperança de tornar a tarefa do estudante mais fácil colocando diante dele, em poucas palavras, a ideia geral que é explicada nelas.

Estância I. A história da evolução cósmica, tal como descrita nas Estâncias, é, digamos assim, a fórmula algébrica abstrata desta Evolução. Assim, o estudante não deve pensar que encontrará na Estância I um relato de todos os estágios e de todas as transformações que ocorrem entre o primeiro começo da evolução "Universal" e o nosso estado atual. Publicar um tal relato seria impossível porque ele não poderia ser compreendido por seres humanos que não entendem nem sequer a natureza do plano de existência imediatamente superior àquele em que, de momento, a sua natureza está situada, e ao qual está limitada.

As Estâncias apresentam, portanto, uma fórmula abstrata que se pode aplicar, *mutatis mutandis* [139], a toda evolução, isto é: à evolução de nossa pequena Terra, à evolução da cadeia de planetas a que pertence a Terra, à evolução do Universo solar que contém essa cadeia, e assim sucessivamente, em escala ascendente, até que a mente fica perplexa e exausta pelo esforço.

As sete Estâncias dadas neste volume representam os sete termos desta fórmula abstrata. Elas se referem às sete grandes etapas do processo evolutivo, e as descrevem. Estas etapas são mencionadas nos Puranas como as "Sete Criações", e na Bíblia como os "Dias" da Criação.

000

A Primeira Estância descreve o estado do TODO UNO durante o Pralaya, antes da primeira vibração da manifestação que volta a despertar.

Basta uma breve reflexão para perceber que um tal estado pode ser apenas simbolizado. Descrevê-lo é impossível. Além disso, pode-se simbolizá-lo usando apenas negações, já que, como ele é o próprio estado do Absoluto, não pode ter nenhum dos atributos específicos que empregamos para descrever objetos de maneira afirmativa. Por isso, só se pode sugerir este estado recorrendo às negações dos atributos mais abstratos, que os seres humanos sentem, mais do que compreendem, e que são os limites mais remotos alcançáveis pelo seu poder de percepção.

---

[139] "Mutatis Mutandis" (latim), isto é, com as adaptações necessárias. (Nota do Tradutor)

Para a mente ocidental, o estágio descrito na Estância II é tão idêntico ao mencionado na primeira Estância que para expressar a ideia da sua diferença se precisaria escrever um tratado. Portanto, convém deixá-lo a cargo da intuição e das faculdades superiores do leitor, pelas quais entenderá, até onde puder, o significado das frases alegóricas empregadas. Em verdade, deve-se ter presente que todas estas Estâncias falam mais às faculdades internas do que à compreensão convencional do cérebro físico.

A Estância III descreve o Redespertar do Universo para a vida, depois do Pralaya. Ela retrata o surgimento das "Mônadas", quando elas abandonam o seu estado de absorção dentro do UNO; é o primeiro estágio e também o mais elevado na formação dos "Mundos", pois o termo *Mônada* pode ser aplicado igualmente ao mais vasto Sistema Solar e ao mais diminuto átomo.

A Estância IV mostra a diferenciação do "Germe" do Universo na hierarquia setenária de Poderes Divinos conscientes, que são as manifestações ativas da Energia Suprema Única. Eles são os construtores, aqueles que dão forma, e em última instância os criadores de todo o Universo manifestado, apenas na acepção em que o termo "Criador" é compreensível. Eles orientam e guiam o Universo. Eles são os Seres inteligentes que ajustam e controlam a evolução, expressando, em si mesmos, aquelas manifestações da LEI UNA que conhecemos como "As Leis da Natureza".

Em geral, eles são conhecidos como Dhyan Chohans, embora, na Doutrina Secreta, cada um dos seus vários grupos tenha sua própria designação.

Esta etapa da evolução é mencionada na mitologia hindu como a "Criação" dos Deuses.

Na Estância V é descrito o processo da formação do mundo: primeiro, a Matéria Cósmica difusa, depois, o "remoinho" ígneo, a primeira etapa na formação de uma nebulosa. Essa nebulosa se condensa e, depois de passar através de várias transformações, forma um Universo Solar, uma cadeia planetária, ou um único planeta, conforme o caso.

A Estância VI trata das etapas subsequentes na formação de um "Mundo", que fazem o processo evolutivo de tal mundo descer até o seu quarto grande período, que corresponde ao período que vivemos atualmente.

A Estância VII continua a história, descrevendo a descida da vida até a aparição do Homem. Assim termina o primeiro volume de *A Doutrina Secreta*.

O desenvolvimento do "Homem" desde a sua primeira aparição sobre a terra, nesta Ronda, até o estado que ele ocupa agora, irá constituir o tema do volume II.

000

Nota

As Estâncias que são a tese de cada seção estão apresentadas na sua tradução moderna, pois seria pior que inútil tornar o tema ainda mais difícil introduzindo a fraseologia arcaica do original, cujas palavras e cujo estilo são enigmáticos. São dados trechos das traduções chinesa-tibetana e sânscrita dos Comentários originais em Senzar, e de comentários sobre o Livro de DZYAN. É a primeira vez que este material é traduzido para um idioma europeu. É quase desnecessário afirmar que aqui são divulgadas apenas partes das sete Estâncias. Se elas fossem publicadas na íntegra, ninguém as compreenderia, exceto alguns poucos ocultistas de alto nível. Tampouco há necessidade de dizer ao leitor que a autora, ou melhor, a humilde redatora, não entende melhor do que a maior parte dos profanos estas passagens proibidas. Para facilitar a leitura e para evitar a frequente referência a notas de pé de página, decidiu-se que seria melhor unir os textos e os comentários, usando os termos sânscritos e tibetanos mais adequados, sempre que estes não podem ser evitados - em lugar dos termos originais. Especialmente porque tais nomes são todos sinônimos aceitos, sendo usados os termos originais apenas entre um Mestre e seus chelas (discípulos). [140]

Assim, se fôssemos traduzir o primeiro verso usando só os substantivos e os termos técnicos tal como se empregam em uma das versões tibetana e senzar, teríamos:

"Tho-ag em Zhi-gyu dormiu sete Khorlo. Zodmanas zhiba. Todo Nyug seio. Konch-hog não; Thyan-Kam não; Lha-Chohan não; Tenbrel Chugnyi não; Dharmakaya cessado; Tgenchang não se tinha convertido em; Barnang e Ssa em Ngovonyidj; só Tho-og Yinsin na noite de Sun-chan e Yong-grub (Paranishpanna), etc., etc." Tudo isso soaria como mero *abracadabra*.

Como esta obra foi escrita para instruir os estudantes do Ocultismo, e não para benefício dos filólogos, evitaremos sempre que for possível os termos estranhos. Mantemos apenas os termos intraduzíveis, que não podem ser compreendidos sem a explicação do seu significado. Mas todos estes termos são apresentados na sua forma sânscrita. Não é necessário lembrar ao leitor que estas palavras são em quase todos os casos desenvolvimentos mais recentes do sânscrito, e pertencem à Quinta Raça-Raiz. A raça atlante não falava o sânscrito que se conhece atualmente, e a maioria dos termos filosóficos usados nos sistemas indianos posteriores ao período

[140] Neste ponto, estamos na p. 23 do volume I do original em inglês. O Senzar, idioma secreto, é usado pelos Adeptos segundo HPB afirma no artigo "The Sacred Tree of Kumbum" ("Collected Writings", Helena Blavatsky, TPH, EUA, volume IV, p. 350). Já numa nota de pé de página para o artigo "Zoroastrianism and Occult Philosophy" ("The Theosophist", Índia, June 1883, p. 225) ela afirma que o Senzar era usado pelos Iniciados da Índia arcaica. Cabe lembrar que nos escritos da teosofia original o termo *Iniciado* tem significado semelhante ao de *Adepto*. Sobre este tema, veja também o alto da p. 200 do volume II da edição original da presente obra, "The Secret Doctrine". (Nota do Tradutor)

do Mahabharata não estão nos Vedas, nem podem ser encontrados nas Estâncias originais, mas só os seus equivalentes são encontrados. O leitor que não é teosofista é convidado mais uma vez a considerar tudo o que se segue como uma história de fadas, se quiser; no melhor dos casos, como uma especulação de *sonhadores*, ainda não demonstrada e, na pior possibilidade, como mais uma hipótese entre as muitas hipóteses científicas, passadas, presentes e futuras, algumas já destruídas, e outras que estão desvanecendo. Esta hipótese não é de modo algum pior do que muitas das assim chamadas teorias científicas; e em cada caso ela é mais filosófica e mais provável.

Tendo em vista a necessidade de numerosos comentários e explicações, as referências das notas de pé de página são dadas da forma usual, enquanto as frases a serem comentadas são dadas com números. Mais material será encontrado nos capítulos sobre Simbolismo na Parte II, assim como na Parte III, e eles em muitos casos terão mais informação do que o texto principal.[141]

[141] Aqui termina o Proêmio. Neste ponto, estamos à p. 24 do original em inglês. (Nota do Tradutor)

Volume I, Parte I
Evolução Cósmica

(Volte para o Sumário)

Sete Estâncias Traduzidas com Comentários do Livro Secreto de Dzyan

"Não havia coisa alguma; o céu claro e distante
Não existia, nem havia o amplo telhado celestial, espalhado ao alto.
O que é que encobria tudo? O que o abrigava? O que o ocultava?
Seria o insondável abismo das águas?
Não havia a morte - porém nada havia de imortal.
Não existia diferença entre o dia e a noite;
Só Aquilo que é Uno respirava sem respirar, sozinho,
E desde então nada jamais existiu fora Daquilo.
Havia escuridão, e no início tudo estava velado
Em trevas profundas -; um oceano sem luz.
O germe ainda coberto pela casca
Despertou, como natureza una, - devido ao intenso calor.
.....
Quem sabe o segredo? Quem o proclamou aqui?
De onde veio, de onde veio - esta criação múltipla?
Os próprios Deuses só passaram a existir mais tarde.
Quem sabe de onde surgiu, esta grande criação?
Aquilo, de onde veio esta grande criação,
O Mais Elevado Vidente que está no mais alto céu,
Só Ele sabe a resposta -; ou talvez nem Ele saiba." [142]

"Olhando a eternidade …..,
Antes que as bases da Terra fossem estabelecidas,
.....

[142] Este é um trecho do Rig Veda. Na edição de 1979 de "The Secret Doctrine", há uma nota de Boris de Zirkoff informando que a fonte é "Rigveda", Mandala X, 129, 1-7, segundo Max Müller em "History of Ancient Sanskrit Literature" (Londres, 1859, p. 564). (Nota do Tradutor)

Tu existias. E quando a chama subterrânea
Romper a sua prisão e devorar a estrutura .....
Tu ainda existirás como existias antes,
Sem conhecer o que é mudança - quando o tempo já não existir.
Ah! Pensamento infinito, divina ETERNIDADE.” [143]

A EVOLUÇÃO CÓSMICA

EM SETE ESTÂNCIAS
TRADUZIDAS DO LIVRO DE DZYAN [144]

0000000000000000000000000000

ESTÂNCIA I

1.Envolta em suas vestes sempre invisíveis, a eterna origem [145] havia dormido, mais uma vez, durante sete eternidades.

2.O tempo não existia, pois estava adormecido no seio infinito da duração.

3.A Mente Universal não existia, porque não havia Ah-Hi para contê-la.

---

[143] Boris de Zirkoff informa (na edição de 1979 de “The Secret Doctrine”, TPH), que este é um trecho de um poema de John Gay (1685-1732), intitulado “A Thought on Eternity”. (Nota do Tradutor)

[144] Neste ponto, estamos na página 27 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[145] Em inglês, “eternal parent”. A palavra “parent” significa “pai, mãe, causa, matriz ou origem”. (Nota do Tradutor)

4.Os sete caminhos para a bem-aventurança não existiam. As grandes causas do sofrimento não existiam, pois não havia ninguém que as produzisse e que ficasse dominado por elas.

5.Só a escuridão enchia o todo ilimitado, porque o pai, a mãe e o filho eram um mais uma vez, e o filho ainda não havia acordado para a nova roda e para a sua peregrinação por ela.

6.Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de existir, e o Universo, filho da Necessidade, estava imerso em Paranishpanna, para ser exalado por aquilo que existe e no entanto não existe. Não havia nada.

7.As causas da existência haviam sido afastadas; o visível que existiu, e o invisível que existe, descansavam no eterno não-ser - o único ser.

8.Só a forma única de existência se estendia ilimitada, infinita, sem causa, em um sono sem sonhos; e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, ao longo daquela total presença que é percebida pelo olho aberto de Dangma.

9.Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo estava em Paramartha e a grande roda era Anupadaka?

ESTÂNCIA II

1……..Onde estavam os construtores, os filhos luminosos do amanhecer Manvantárico? ……. Na escuridão desconhecida, no Paranishpanna dos Ah-Hi. Os que produzem a forma a partir da não-forma - a raiz do mundo - a Devamatri e Svabhavat, descansavam na bem-aventurança do não-ser.

2…….Onde estava o silêncio? Onde os ouvidos para percebê-lo? Não, não havia nem silêncio nem som, nada exceto a incessante respiração eterna que não tem consciência de si mesma.

3.A hora ainda não havia soado; o raio ainda não havia atravessado o Germe; a Matripadma ainda não havia inchado.

4.O coração dela ainda não se abrira para que entrasse o raio único, e para que assim caísse no seio de Maya, tal como o três cai no quatro.

5.Os sete filhos ainda não haviam nascido da rede de luz. Só a escuridão era pai-mãe, Svabhavat; e Svabhavat estava em escuridão.

6.Estes dois são o Germe, e o Germe é um. O Universo ainda estava escondido no pensamento Divino, e no seio Divino……..

ESTÂNCIA III

1…….. A última vibração da sétima eternidade palpita através da infinidade. A mãe incha, expandindo-se de dentro para fora, como o botão do lótus.

2.A vibração se propaga, tocando com sua asa rápida o universo inteiro e o germe que reside na escuridão: a escuridão que respira sobre as águas adormecidas da vida …….

3.A escuridão irradia a luz, e a luz lança um raio solitário na profundeza da mãe. O raio atravessa o ovo virgem. O raio faz com que o ovo eterno estremeça e lance de si o germe não-eterno, que se condensa no ovo do mundo.

4.Então o três cai no quatro. A essência radiante converte-se em sete por dentro, sete por fora. O ovo luminoso, que é três em si mesmo, coagula e espalha, em coalhos [146] brancos como o leite, por todas as profundezas da mãe, a raiz que cresce nas profundezas do oceano da vida.

5.A raiz permanece, a luz permanece, os coalhos permanecem, e, ainda, Oeaohoo é um.

6.A raiz da vida estava em cada gota do oceano da imortalidade, e o oceano era luz radiante, que era fogo, e calor, e movimento. A escuridão se desfez e não existiu mais; ela desapareceu na sua própria essência, o corpo de fogo e água, ou pai e mãe.

7.Observa, ó Lanu! O filho radiante dos dois, a glória resplandecente sem igual: o Espaço Claro, Filho do Espaço Escuro, que emerge das profundezas das grandes águas escuras. É Oeaohoo, o mais jovem, o * * * . Ele brilha como o filho; ele é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria; O Um é Quatro, e o Quatro toma para si o Três [147], e a União produz o Sapta, no qual o sete se torna o Tridasa (ou as hostes e as multidões). Observa como ele ergue o véu e como o desdobra desde o Leste até o Oeste. Ele oculta o que está acima, e deixa o que está abaixo ser visto como a grande ilusão. Ele marca os lugares para os seres luminosos, e transforma o mais elevado num mar de fogo que não tem praias, e faz com que o único manifestado se transforme nas grandes águas.

8.Onde estava o germe e onde estava agora a escuridão? Onde está o espírito da chama que arde em tua lâmpada, ó Lanu? O germe é Aquilo, e Aquilo é luz, o filho branco e brilhante do pai oculto e escuro.

---

[146] Coalhos ou coágulos. (Nota do Tradutor)

[147] Na tradução do sânscrito para o inglês os números são dados em sânscrito transliterado, *Eka*, *Chatur*, etc., etc. Considerou-se melhor colocá-los aqui em inglês. (Nota de H. P. Blavatsky)

9.A luz é uma chama fria, e chama é fogo, e o fogo produz calor, que produz água; a água da vida na grande mãe.

10.O pai-mãe tece uma rede cuja extremidade superior fica unida ao espírito - a luz da escuridão una -, e cuja extremidade inferior fica ligada à matéria, o seu aspecto sombrio; e esta rede é o universo tecido com as duas substâncias que se tornaram uma, Svabhavat.

11.Ele se expande quando a respiração do fogo está sobre ele; ele se contrai quando a respiração da mãe o toca. Então os filhos se separam e se espalham, retornando para o seio de sua mãe ao final do grande dia, e formando outra vez uma unidade com ela; quando ele está esfriando, ele se torna radiante, e os filhos se expandem e contraem através dos seus próprios seres e corações; eles abraçam a infinitude.

12.Então Svabhavat manda Fohat para que ele endureça os átomos. Cada um deles é uma parte da rede. Refletindo, como um espelho, o "Senhor que Existe Por Si Mesmo", cada um deles se torna, por sua vez, um mundo.

ESTÂNCIA IV

1 ……. Filhos da Terra, escutem vocês aos seus instrutores - os Filhos do Fogo. Aprendam que não existe nem primeiro nem último, pois tudo é um número, saído do não-número.

2.Aprendam o que nós, que descendemos do Sete Primordial, nós, que nascemos da Chama Primordial, aprendemos dos nossos Pais…….

3.Do resplendor da luz - o raio da eterna escuridão - surgiram no espaço as energias despertadas outra vez; o um do ovo, o seis, e o cinco. E então o três, o um, o quatro, o um, o cinco - o duas vezes sete, a soma total. E estas são as essências, as chamas, os elementos, os construtores, os números, os arupa, os rupa e a força do Homem Divino - a soma total. E do Homem Divino emanaram as formas, as centelhas, os animais sagrados, e os mensageiros dos pais sagrados dentro do quatro sagrado.

4.Este foi o exército da voz - a mãe divina dos sete. As centelhas dos sete são súditas e servidoras do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto, do sexto e do sétimo dos sete. Estas "centelhas" são chamadas de esferas, triângulos, cubos, linhas, e modeladores; porque assim permanece o Eterno Nidana, o Oeaohoo, que é:

5."Escuridão", o que não tem limite, ou o não-número, Adi-Nidana Svabhavat: -

I.O Adi-Sanat, o número, porque ele é um.

II.A voz do Senhor Svabhavat, os números, porque ele é um e nove.

III.O "quadrado sem forma".

E estes três, situados dentro do , são o quatro sagrado; e os dez são o universo arupa. Neste ponto vêm os “filhos”, os sete lutadores, o um, o oitavo é deixado de fora, e a sua respiração, que é a produtora-da-luz.

6.E então o segundo grupo de sete, que são os Lipikas, produzidos pelos três. O filho rejeitado é um. Os “Filhos-Sóis” são inúmeros.

ESTÂNCIA V

1.Os Sete Primordiais, as Sete Primeiras Respirações do Dragão da Sabedoria, produzem por sua vez - a partir dos seus Sopros Sagrados que se movimentam em círculo - o Redemoinho de Fogo.

2.Eles fazem dele o mensageiro da sua vontade. O Dzyu se torna Fohat. O filho veloz dos filhos Divinos, cujos filhos são os Lipikas, distribui mensagens circulares. Fohat é o cavalo, e o pensamento é o cavaleiro. Ele passa como um relâmpago através das nuvens de fogo; ele dá três, cinco e sete passos através das sete regiões acima, e das sete regiões abaixo. Ele ergue sua voz e chama as inúmeras centelhas, e se une a elas.

3.Ele é o seu espírito-guia e seu líder. Quando começa a trabalhar, separa as centelhas do Reino Inferior que flutuam e vibram alegres nas suas moradas radiantes, e forma com elas os germes das rodas. Ele as coloca nas seis direções do espaço, e uma no meio - a roda central.

4.Fohat lança linhas espirais para unir o sexto ao sétimo - a coroa; um exército dos Filhos da Luz permanece em cada ângulo, e os Lipikas na roda do meio. Eles dizem: Isto é bom, o primeiro mundo divino está pronto, o primeiro agora é o segundo. Então o “Divino Arupa” lança um reflexo de si mesmo em Chhaya Loka, a primeira veste de Anupadaka.

5.Fohat dá cinco passos e constrói uma roda alada em cada canto do quadrado, para os quatro seres sagrados e seus exércitos.

6.Os Lipikas traçam um limite circular em torno do triângulo, o primeiro, do cubo, o segundo, e do pentagrama dentro do ovo. Este é o anel chamado “Não-Passem”, para aqueles que descem e que sobem. E também para aqueles que, durante o Kalpa, estão progredindo em direção ao grande dia “Estejam-Conosco”. Assim foram formados o Rupa e o Arupa. De uma luz, sete luzes. De cada uma das sete, sete vezes sete luzes. As rodas observam o anel……

ESTÂNCIA VI

1.Pelo poder da Mãe de Misericórdia e Conhecimento - Kwan-Yin - a "tríplice" de Kwan-Shai-Yin, que reside em Kwan-Yin-Tien, e tendo Fohat, a Respiração dos seus Filhos, o Filho dos Filhos, evocado, desde o abismo inferior, a forma ilusória de Sien-Tchan e os Sete Elementos: [148]

2.O Ser Veloz e Radiante produz os Sete Centros Laya, contra os quais nada poderá prevalecer até o grande dia "Estejam-Conosco", e coloca o Universo sobre estes Alicerces Eternos, que rodeiam Tsien-Tchan junto com os Germes Elementares.

3.Dos Sete - o primeiro deles manifestado, seis ocultos; dois manifestados, cinco ocultos; três manifestados, quatro ocultos; quatro visíveis, três ocultos; quatro e um Tsan revelados, dois e meio ocultos; seis por serem manifestados, um deixado à parte. Finalmente, sete pequenas rodas giram; cada uma dá nascimento a outra.

4.Ele as constrói à semelhança de rodas mais antigas, colocando-as nos Centros Imperecíveis.

Como Fohat as constrói? Ele reúne o pó de fogo. Ele faz bolas de fogo, passa através delas e ao redor delas, dando-lhes vida, e então as coloca em movimento; algumas delas num sentido, outras em outro sentido. Elas são frias, ele as torna quentes. Elas são secas, ele as torna úmidas. Elas brilham, ele as abana e as resfria. Assim age Fohat desde um crepúsculo a outro, durante Sete Eternidades.

5.Na quarta, é dito aos filhos que criem suas imagens. Um terço se recusa a fazê-lo - dois terços obedecem.

A maldição é pronunciada; eles vão nascer na quarta, irão sofrer e causar sofrimento; esta é a primeira guerra.

6.As rodas mais antigas giraram para baixo e para cima…….. As ovas da mãe enchiam o todo. Batalhas eram travadas entre os Criadores e os Destruidores, e batalhas eram travadas por causa do espaço; a semente aparecia e reaparecia continuamente.

7.Faz os teus cálculos, Lanu, se queres saber qual é a idade da tua pequena roda. O quarto raio dela é a nossa mãe. Chega até o quarto "Fruto" do quarto caminho de conhecimento que leva ao Nirvana, e então tu irás compreender, porque tu verás……..

---

[148] O item um da Estância VI é muito mais recente que as outras estâncias, embora ainda assim seja muito antigo. O texto antigo deste item usa termos inteiramente desconhecidos para os Orientalistas e não seria compreensível de modo algum para o estudante. (Nota de H.P. Blavatsky)

ESTÂNCIA VII

1.Observa o começo da vida sensível sem forma.

Primeiro o Divino, o um que surge da Mãe-Espírito; depois, o Espiritual; os três que surgem do um, os quatro do um, e os cinco, dos quais surgem os três, os cinco e os sete. Estes são o tríplice, o quádruplo voltados para baixo; os filhos "nascidos-da-mente" do primeiro Senhor; os sete brilhantes.

São eles que são tu, eu, e ele, ó Lanu. Eles cuidam de ti e da tua Mãe-Terra.

2.O raio uno multiplica os raios menores. A vida precede a forma, e a vida sobrevive ao último átomo da forma. Através dos inúmeros raios surge o raio da vida, o um, assim como o fio que passa por muitas contas.

3.Quando o um se torna dois, aparece o tríplice, e os três são um; e este é o nosso fio, ó Lanu, o coração do homem-planta chamado Saptaparna.

4.É a raiz que nunca morre; a chama de três línguas e quatro mechas. As mechas são as centelhas que atraem da chama de três línguas projetada pelos sete - a sua chama - os raios e centelhas de uma lua refletida nas ondas correntes de todos os rios da Terra.

5.A centelha pende da chama pelo mais fino fio de Fohat. Ela viaja através dos Sete Mundos de Maya. Ela pára no primeiro, e é um metal e uma pedra; passa para o segundo e veja - uma planta; a planta atravessa sete mudanças e se torna um animal sagrado. Dos atributos combinados destes, é formado Manu, o pensador. Quem o forma? As sete vidas, e a vida una. Quem o completa? O Lha quíntuplo. E quem aperfeiçoa o último corpo? O peixe, o pecado, e Soma…….

6.Desde o primeiro a nascer, o fio entre o Vigilante Silencioso e a sua sombra se torna a cada mudança mais forte e radiante. A luz do sol da manhã se transformou na glória do meio-dia…….

7.Esta é a tua roda atual, disse a Chama à Centelha. Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti em ti, e tu és o meu Vahan até o dia "Estejam-Conosco", quando tu te tornarás outra vez eu mesma e outros, e serás tu mesma e eu. Então os construtores, tendo colocado sua primeira vestimenta, descem sobre a Terra radiante e reinam sobre os homens - que são eles próprios…….

Assim termina esta parte da narrativa arcaica, obscura, confusa, quase incompreensível. Será feita agora uma tentativa de lançar luz sobre sua obscuridade, e mostrar o significado que há debaixo da sua aparente FALTA DE SENTIDO.

COMENTÁRIOS

SOBRE AS SETE ESTÂNCIAS E OS SEUS TERMOS, DE ACORDO COM SUA NUMERAÇÃO, EM ESTÂNCIAS E SLOKAS.[149]

(Volte para o Sumário)

ESTÂNCIA I [150]

1.Envolta em suas vestes sempre invisíveis, a Eterna Origem[151] (o Espaço) **havia dormido, mais uma vez, durante sete eternidades.** (*a*)

O "Espaço Original" é a causa eterna, sempre presente, de tudo -; a causa da incompreensível DIVINDADE, cujas "vestes invisíveis" são a raiz mística de toda matéria, e também do Universo. O Espaço é *a única coisa eterna* que podemos imaginar com facilidade. É imóvel em seu caráter abstrato, e não é influenciado nem pela presença nem pela ausência em si de um Universo objetivo. Ele não tem dimensões, em todos os sentidos, e é autoexistente. O Espírito é a primeira diferenciação DAQUILO, da causa sem causa que dá origem tanto ao Espírito como à Matéria. Segundo ensina o Catecismo Oculto, o Espaço não é nem um vazio ilimitado nem uma plenitude condicionada, mas as duas coisas. Ele sempre existiu e sempre existirá. (Veja o trecho que começa na segunda página do Proêmio.)

Assim, as "Vestes" significam o númeno da Matéria Cósmica indiferenciada. Não se trata da matéria como nós a conhecemos, mas da essência espiritual da matéria, que é coeterna e existe em unidade com o Espaço no seu sentido abstrato. A raiz-da-natureza também é a origem das propriedades sutis invisíveis, presentes na matéria visível. Ela é a alma, digamos assim, do Espírito UNO e infinito. Os hindus a

---

[149] Sloka é o termo sânscrito que designa um verso duplo, usualmente marcado por uma rima; isto é, um "dístico". O leitor deve levar em conta o fato de que nos Comentários a transcrição das Estâncias não é sempre literal em relação à primeira vez em que elas são apresentadas na presente obra. Esta divergência pode ser incômoda para o leitor, mas torna visível um fato da maior importância: a versão original das Estâncias, a que HPB teve acesso, pode ser traduzida de várias maneiras e não de uma só. HPB preferiu a flexibilidade ao traduzi-las, provavelmente porque o ensinamento oculto é multidimensional e não pode ser reduzido linear e uniformemente às palavras e expressões de um idioma convencional. (Nota do Tradutor)

[150] Neste ponto, estamos no alto da 35 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[151] No original, "Eternal Parent", literalmente, "Eterno Pai-Mãe". (Nota do Tradutor)

chamam de Mulaprakriti, e dizem que ela é a substância primordial, isto é, a base do Upadhi ou veículo de todo fenômeno, seja físico, mental ou psíquico.[152] Ela é a fonte de onde o Akasha se irradia.

(*a*) A expressão "sete eternidades" se refere a éons ou períodos. A palavra "eternidade", tal como entendida na teologia cristã, não tem qualquer significado no contexto asiático, exceto quando significa a existência UNA. A ideia de uma eternidade ilimitada, ou de uma eternidade apenas no futuro, não passa de um equívoco.[153] Tais noções não existem nem poderiam existir na metafísica filosófica, e eram desconhecidas até o surgimento do cristianismo eclesiástico. As Sete Eternidades referidas são os sete períodos, ou um período passando durante sua duração por sete períodos de um Manvântara, e estendendo-se por todo um Maha-Kalpa ou "Grande Era" - 100 anos de Brahmâ - o que completa um total de 311.040.000.000.000 de anos. Cada ano de Brahmâ contém 360 "dias" e o mesmo número de "noites" de Brahmâ (períodos calculados pelo Chandrayana ou ano lunar), e cada "Dia de Brahmâ" consiste de 4.320.000.000 de anos mortais. Estas "Eternidades" são objeto dos cálculos mais secretos, nos quais, para chegar ao verdadeiro total, cada cifra deve ser 7^x (sete à potência *x*), sendo que *x* varia de acordo com a natureza do ciclo no mundo subjetivo ou no mundo real; e cada cifra ou número se relaciona com, ou representa, todos os diferentes ciclos, desde o maior até o menor - no mundo objetivo ou irreal - devendo ser necessariamente um múltiplo de sete. A chave disso não pode ser dada, porque nela está o mistério dos cálculos esotéricos, que, do ponto de vista dos cálculos convencionais, não faz sentido. "O número sete", diz a Cabala, "é o grande número dos Mistérios Divinos"; o número dez é o do conhecimento humano total (a década pitagórica); o número 1.000 é o número dez à terceira potência, e portanto o número 7.000 é também simbólico. Na Doutrina Secreta o algarismo e o número 4 são o símbolo masculino só no plano mais alto de abstração; no plano da matéria o três é o masculino e o quatro o feminino; o vertical e o horizontal no quarto estágio do simbolismo, quando os símbolos se tornam sinais dos poderes reprodutivos no plano físico.

ESTÂNCIA I - Continuação.

2.O Tempo não existia, pois estava adormecido no seio infinito da duração. (*a*)

(*a*) O tempo é apenas uma ilusão produzida pela sucessão dos nossos estados de consciência, à medida que viajamos pela duração eterna. O tempo não existe onde

---

[152] "Psíquico"; embora o termo seja usado de modo muito amplo por diferentes autores, em Blavatsky ele geralmente significa "relativo ao eu inferior, especialmente às funções sensitivas deste nível ilusório de consciência". (Nota do Tradutor)

[153] O livro II, capítulo VIII, do Vishnu Purana afirma: "Imortalidade significa existir até o final do Kalpa"; e Wilson, o tradutor, destaca em uma nota de pé de página: "Isto, de acordo com os Vedas, é o único significado da ideia de imortalidade (ou eternidade) dos deuses; eles perecem ao final da dissolução universal (ou Pralaya)." E a filosofia esotérica afirma: "Eles não 'perecem', mas são *reabsorvidos*." (Nota de H.P. Blavatsky)

não haja uma consciência em que a ilusão possa ser percebida; ele "fica adormecido". O presente é apenas uma linha matemática que divide aquela parte da duração eterna que chamamos de futuro, daquela parte que chamamos de passado. Nada na Terra tem real duração, porque nada permanece sem mudar. Nada permanece igual, nem sequer durante uma bilionésima parte de um segundo. A sensação que temos da realidade da divisão do "tempo" conhecido como presente surge do caráter vago daquele vislumbre momentâneo, ou daquela sucessão de vislumbres, de coisas que os nossos sentidos nos transmitem, à medida que as coisas da região de ideais que chamamos de futuro passam para a região de memórias, que chamamos de passado. Do mesmo modo, experimentamos a sensação de duração no caso de uma faísca elétrica instantânea, devido à impressão vaga e contínua na retina. A pessoa real ou coisa real não consiste apenas do que é visto em qualquer momento particular, mas é composta da soma de todas as suas condições variadas e mutáveis, desde a sua aparição na forma material até a sua desaparição da Terra. São estas "somas totais" que existem desde a eternidade no "futuro", e passam gradualmente pela matéria, para existir na eternidade do "passado". Ninguém poderia dizer que uma barra de metal jogada no mar começou a existir quando deixou o ar, e deixou de existir quando entrou na água; ou que a barra em si mesma consistia apenas daquela seção transversal que em determinado momento coincidiu com o plano matemático que separa, e ao mesmo tempo comunica, a atmosfera e o oceano. A mesma ideia é válida para pessoas e coisas que, enquanto se transferem daquilo que existe para aquilo que existiu, e do futuro para o passado, apresentam momentaneamente aos nossos sentidos uma seção transversal, de certo modo, dos seus seres totais, à medida que passam pelo tempo e pelo espaço (como matéria) no seu caminho desde uma eternidade para a outra. Estas duas eternidades constituem a "duração", a única instância em que qualquer coisa tem real existência, e nós saberíamos disso, se os nossos sentidos pudessem perceber o processo.

ESTÂNCIA I - Continuação.

3. ..... A Mente Universal não existia, porque não havia Ah-Hi (seres celestiais) **para contê-la** (e portanto para manifestá-la)**.** (*a*)

(*a*) *Mente* é um nome dado à soma dos estados de Consciência agrupados em torno das noções de Pensamento, Vontade e Sentimento. Durante o sono profundo, a ideação cessa no plano físico, e a memória está em suspensão temporária. Assim, durante algum tempo "a mente não existe", porque o órgão através do qual o Eu Superior [154] manifesta ideação e memória no plano material deixou temporariamente de funcionar. Um númeno só pode tornar-se um fenômeno, em qualquer plano de existência, manifestando-se naquele plano através de uma base ou veículo apropriado. Durante a longa noite de descanso que é chamada de Pralaya, quando todas as existências são dissolvidas, a "MENTE UNIVERSAL" continua sendo uma possibilidade permanente de ação mental, ou ela permanece como aquele

[154] Eu Superior; "Ego" no original em inglês; *verdadeiro eu*, por oposição ao eu inferior e ilusório. (Nota do Tradutor)

pensamento abstrato e absoluto do qual a mente é a manifestação concreta e relativa. Os Ah-Hi (Dhyan-Chohans) são as hostes coletivas de seres espirituais - as Hostes Angélicas do cristianismo, os Elohim e "Mensageiros" dos judeus -, e constituem o veículo da manifestação do pensamento e da vontade divinos ou universais. Eles são as Forças Inteligentes que dão à Natureza e aplicam nela as suas "leis", enquanto eles próprios atuam de acordo com leis impostas a eles de modo similar por Poderes ainda mais altos; mas eles não são "personificações" dos poderes da Natureza, como alguns pensam erradamente. Esta hierarquia de Seres espirituais, através da qual a Mente Universal entra em ação, é como um exército - uma "Hoste", verdadeiramente - através da qual o poder de luta de uma nação se manifesta, e que é composta do corpo do exército, de divisões, brigadas, regimentos, e assim sucessivamente, cada um com sua individualidade ou vida separada, e a sua limitada liberdade de ação e suas responsabilidades delimitadas; cada um fazendo parte de uma individualidade maior, à qual os seus próprios interesses estão subordinados, e cada um contendo individualidades menores em si mesmo.

ESTÂNCIA I - Continuação.

4.Os sete caminhos para a bem-aventurança (Moksha [155] ou Nirvana) **não existiam** (*a*)**. As grandes causas do sofrimento** (Nidana [156] e Maya) **não existiam, pois não havia ninguém que as produzisse e que ficasse dominado por elas** (*b*)**.**

(*a*) Há sete "Caminhos" ou "modos de chegar" até a bem-aventurança da Não-Existência, que é o absoluto Ser, a absoluta Existência e a absoluta Consciência. Eles não existiam, porque o Universo estava, ainda, vazio, e existia apenas no Pensamento Divino. Porque é…….

(*b*) Os doze Nidanas ou causas da existência. Cada um deles é o efeito da sua causa anterior, e é uma causa, também, do seu sucessor; a soma total dos Nidanas está baseada nas quatro verdades, uma doutrina especialmente característica do Sistema Hinayana.[157] Eles pertencem à teoria da corrente da lei concatenada que produz mérito e demérito, e finalmente coloca o Carma em completo funcionamento. Estão baseados na grande verdade de que a reencarnação deve ser temida, já que a encarnação neste mundo apenas deixa como legado para o homem mais sofrimento, dor e miséria; nem a própria Morte é capaz de libertar o homem do sofrimento, já que a morte é apenas a porta através da qual ele passa para outra vida na Terra depois de um pequeno descanso no seu limiar - o Devachan. O Sistema Hinayana, ou Escola do "Pequeno Veículo", é de origem muito antiga; enquanto o Mahayana pertence a um período posterior, tendo surgido após a morte do Buddha. No entanto

---

[155] Nippang na China; Neibban na Birmânia (Mianmar); ou Moksha na Índia. (Nota de H.P. Blavatsky)

[156] Os "12" Nidanas (em tibetano, Ten-brel Chug-nyi), principais causas da existência, são efeitos causados por uma concatenação de causas produzidas (ver o Comentário à Estância II). (Nota de H.P. Blavatsky)

[157] Neste ponto temos a seguinte nota de HPB, corrigida por Boris de Zirkoff: "V.P. Vasil'ev, *Der Buddhismus*, pp. 97 e seguintes." (Nota do Tradutor)

os princípios do Mahayana são tão velhos quanto as montanhas que abrigam estas escolas desde tempos imemoriais, e as escolas Hinayana e Mahayana (esta última, o "Grande Veículo") ensinam ambas a mesma doutrina, na realidade. *Yana*, ou Veículo (em sânscrito, *Vahan*) é uma expressão mística. Os dois "veículos" ensinam que o homem pode escapar do sofrimento das reencarnações e mesmo da falsa bem-aventurança do Devachan, obtendo a Sabedoria e o Conhecimento que são indispensáveis para afastar os frutos da Ilusão e da Ignorância.

Maya ou Ilusão é um elemento que faz parte de todas as coisas finitas, porque tudo o que existe só tem uma realidade relativa, e não absoluta. A aparência que o númeno oculto assume para o observador depende do poder de cognição que ele possui. Para o olhar destreinado do selvagem, uma pintura é a princípio uma confusão sem significado combinando linhas e borrões de cores, enquanto um olhar educado vê instantaneamente um rosto ou uma paisagem. Nada é permanente exceto a existência una, oculta e absoluta, que contém em si mesma os números de todas as realidades. As existências que pertencem a cada plano do ser, até os mais elevados Dhyan-Chohans, são, conforme o grau, da mesma natureza que as sombras lançadas por uma lanterna mágica sobre uma tela sem cor; mas todas as coisas são relativamente reais, porque o conhecedor também é um reflexo, e as coisas conhecidas são, portanto, tão reais para ele como ele próprio é. A realidade que as coisas possuam, seja ela qual for, deve ser procurada nas coisas antes ou depois que elas tenham passado como um raio pelo mundo material, mas nós não podemos conhecer este tipo de existência diretamente, enquanto tivermos instrumentos sensoriais que trazem apenas a existência material para o campo da nossa consciência. Seja qual for o plano em que a nossa consciência possa estar atuando, tanto nós como as coisas que pertencem àquele plano são, de momento, nossas únicas realidades. À medida que nos erguemos na escala do desenvolvimento, percebemos que durante os estágios pelos quais já passamos nós confundimos sombras com realidades, e o progresso para o alto feito pelo eu superior consiste em uma série de despertamentos sucessivos. Cada avanço traz consigo a ideia de que agora, finalmente, alcançamos a "realidade"; mas só quando tivermos chegado à Consciência absoluta, e tivermos unido a nossa própria consciência com ela, é que estaremos livres das ilusões produzidas por Maya. [158]

ESTÂNCIA I - Continuação.

5.Só a escuridão enchia o todo ilimitado (*a*)**, porque o pai, a mãe e o filho eram um mais uma vez, e o filho ainda não havia acordado para a nova roda [159] e para a sua peregrinação por ela** (*b*)**.**

---

[158] Neste ponto, estamos na página 40 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[159] A expressão "roda" simboliza um mundo ou globo, o que mostra que os antigos estavam conscientes de que nossa Terra é um globo que gira, e não, como alguns Padres Cristãos ensinavam, um quadrado imóvel. A "Grande Roda" é a duração do nosso Ciclo de existência, ou Maha Kalpa, isto é, a revolução completa da nossa cadeia especial de sete

(*a*) “A escuridão é Pai-Mãe; a luz é o filho”, diz um velho provérbio oriental. A luz é inconcebível exceto como algo que vem de alguma fonte que é sua causa. A fonte é desconhecida, como no caso da luz primordial, embora sua existência seja fortemente exigida pela razão e pela lógica. Assim, ela deve ser chamada por nós de “Escuridão”, desde um ponto de vista intelectual. Quanto à luz emprestada ou secundária, seja qual for a sua fonte, ela só pode ter um caráter temporário e mayávico. A escuridão, portanto, é a matriz eterna na qual as fontes de luz aparecem e desaparecem. Nada se acrescenta à escuridão para transformá-la em luz, ou à luz para transformá-la em escuridão, nesse nosso plano. Elas são intercambiáveis, e cientificamente a luz é apenas uma forma de escuridão e vice-versa. No entanto ambas são fenômenos do mesmo númeno - que é absoluta escuridão do ponto de vista da mente científica, e apenas um crepúsculo cor de cinza para a percepção do místico comum, embora seja absoluta luz para a visão espiritual do Iniciado. O grau de percepção da luz que brilha na escuridão depende da nossa capacidade de enxergar. O que é luz para nós constitui escuridão para alguns insetos, e a visão do clarividente percebe iluminação onde a visão normal só enxerga o preto. Quando todo o universo estava mergulhado no sono - depois de retornar ao seu elemento primordial único - não havia um centro de luminosidade, e a visão não percebia luz, e a escuridão preenchia necessariamente o todo ilimitado.

(*b*) O Pai-Mãe reúne o princípio masculino e o princípio feminino na raiz-da-natureza. São os polos opostos que se manifestam em todas as coisas em cada plano do Cosmo; ou Espírito e Substância, em um aspecto menos alegórico. Deles resulta o Universo, ou o Filho. Eles são “outra vez Um” quando, durante a “Noite de Brahmâ”, no Pralaya, todo o Universo objetivo voltou à sua causa primordial e eterna, para reaparecer no Alvorecer seguinte, como faz periodicamente. “Karana” - a causa eterna - estava sozinha. Para colocar o fato de modo mais claro: Karana fica sozinha durante as “Noites de Brahmâ”. O Universo objetivo anterior dissolveu-se na sua causa única, primordial e eterna, e é, de certo modo, mantido em dissolução no espaço, para diferenciar-se novamente e cristalizar-se outra vez no alvorecer do Manvântara seguinte, que é o começo de um novo “Dia” ou nova atividade de Brahmâ - o símbolo do Universo. Em linguagem esotérica, Brahmâ é ao mesmo tempo Pai-Mãe-Filho, ou Espírito, Alma e Corpo; cada personagem simboliza um atributo, e cada atributo ou qualidade é um fluxo gradual da Respiração Divina em sua diferenciação cíclica, de involução e de evolução. No sentido cósmico-físico, Brahmâ é o Universo, a cadeia planetária e a Terra; no sentido puramente espiritual, ele é a Divindade Desconhecida, o Espírito Planetário, e o Homem, o Filho dos dois, a criatura que surge do Espírito e da Matéria, uma manifestação deles nas periódicas aparições do homem na Terra durante as “rodas”, ou Manvântaras. (Veja a Parte II do Volume I, parágrafo VII, “Os Dias e Noites de Brahmâ”.) [160]

---

planetas ou Esferas desde o início até o final; as “Pequenas Rodas” significam as Rondas, também em número de sete. (Nota de H.P. Blavatsky)

[160] Páginas 368-378 da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

ESTÂNCIA I - Continuação.

6.Os sete senhores sublimes e as sete verdades tinham deixado de existir (*a*)**, e o Universo, filho da Necessidade, estava imerso em Paranishpanna** (*b*) (perfeição absoluta, Paranirvana, o que é Yong-Grüb) **para ser exalado por aquilo que existe e no entanto não existe. Não havia nada.** (*c*)

(*a*) Os sete senhores sublimes são os Sete Espíritos Criativos, os Dhyan-Chohans, que correspondem aos Elohim hebreus. Esta é a mesma hierarquia de Arcanjos à qual São Miguel, São Gabriel e outros pertencem na teogonia cristã. A diferença é que enquanto São Miguel, por exemplo, tem permissão na teologia dogmática latina para zelar por todos os promontórios e golfos, no Sistema Esotérico, os Dhyanis zelam sucessivamente por cada uma das Rondas e das grandes raças-raízes da nossa cadeia planetária. Considera-se, além disso, que eles mandam os seus Bhodisatvas, os equivalentes humanos dos Dhyani-Buddhas (sobre os quais leia mais adiante), a cada Ronda e cada Raça. Das Sete Verdades e Revelações, ou melhor, sete segredos revelados, só quatro foram transmitidos a nós, porque estamos ainda na Quarta Ronda, e o mundo também só teve quatro Buddhas, até agora. Esta é uma questão bastante complicada, e será tratada de modo mais amplo, mais adiante.

Até agora "Há apenas Quatro Verdades, e Quatro Vedas", dizem os Hindus e os Budistas. Por uma razão similar, Irineu insistiu na necessidade dos Quatro Evangelhos. Mas como cada nova raça-raiz na direção de uma Ronda deve ter a sua revelação e os seus reveladores, a próxima Ronda trará a Quinta, a seguinte trará a Sexta, e assim sucessivamente.

(*b*) "*Paranishpanna*" é a perfeição absoluta que todas as existências alcançam na conclusão de um grande período de atividade, ou Maha-Manvântara, e na qual elas descansam durante o período de repouso que lhe sucede. Em tibetano, seu nome é Yong-Grüb. Até a época da escola Yogacharya, a verdadeira natureza do Paranirvana era ensinada publicamente; mas desde então este ensinamento se tornou inteiramente esotérico, e por isso há tantas interpretações contraditórias sobre ele. Só um verdadeiro Idealista pode entendê-lo. Tudo é visto como ideal, exceto Paranirvana, por aquele que é capaz de compreender este estado e adquirir um conhecimento de como o Não-Eu, o Vazio, e a Escuridão são Três em Um, e como só eles são autoexistentes e perfeitos. Ele é absoluto, no entanto, só num sentido relativo, porque ele deve dar lugar para uma perfeição absoluta ainda maior, de acordo com um padrão mais elevado de excelência no período seguinte de atividade - exatamente como uma flor deve deixar de ser uma flor perfeita e morrer, para transformar-se em um perfeito fruto - se pudermos usar uma expressão com certo tom irlandês.

A Doutrina Secreta ensina que há um desenvolvimento progressivo de tudo, inclusive mundos e átomos; e não é possível conceber o começo nem imaginar o final deste desenvolvimento estupendo. O nosso "Universo" é apenas um, entre um número infinito de Universos, todos eles "Filhos da Necessidade", porque são elos na grande cadeia Cósmica de Universos, cada um situado como um efeito na relação com o seu antecessor, e sendo uma causa em relação ao seu sucessor.

A aparição e a desaparição do Universo são descritas como uma expiração e uma inspiração da "Grande Respiração", que é eterna, e que, sendo um Movimento, é um dos três aspectos do Absoluto -; os outros dois são o Espaço Abstrato e a Duração. Quando a "Grande Respiração" é projetada, ela é chamada de Respiração Divina, e é vista como a respiração da Deidade Incognoscível - a Existência Una -, que, de certo modo, expele um pensamento que se transforma no Cosmos. (Veja "Ísis Sem Véu".) Assim também ocorre quando a Respiração Divina é inspirada outra vez e o Universo desaparece no seio da "Grande Mãe", que, então, dorme "envolvida em suas vestes invisíveis".

(*c*) "Aquilo que existe e no entanto não existe" é a própria Grande Respiração, da qual só podemos dizer que é a existência absoluta, mas que não podemos representar em nossa imaginação como nenhuma forma de existência que possamos distinguir da não-existência. Os três períodos - o Presente, o Passado e o Futuro - são em filosofia esotérica um tempo composto. Os três são um número composto apenas em relação ao plano dos fenômenos, mas isso não tem validade abstrata no reino dos númenos. Como dizem as Escrituras: "O tempo Passado é o tempo Presente, e também é o Futuro, que, embora ainda não tenha começado a existir, ainda assim existe". Este é um preceito dos ensinamentos Prasanga Madhyamika, cujas doutrinas têm sido conhecidas desde que deixaram de pertencer exclusivamente às escolas esotéricas. **[161]** Em resumo, nossas ideias sobre o tempo e a duração derivam todas das nossas sensações, de acordo com as leis da Associação. Inevitavelmente ligadas à relatividade do conhecimento humano, estas ideias não podem existir exceto na experiência do eu individual, e morrem quando a sua marcha evolutiva elimina o Maya da existência no plano dos fenômenos. O que é o Tempo, por exemplo, exceto a sucessão panorâmica dos nossos estados de consciência? Nas palavras de um Mestre, "Sinto-me até irritado ao ter que usar essas três palavras desajeitadas, passado, presente e futuro! Como conceitos miseravelmente estreitos de fases objetivas do Todo Subjetivo, elas são tão inadequadas nesse sentido quanto seria usar um machado para fazer um trabalho delicado de escultura." **[162]** O estudante deve adquirir *Paramartha* para que não seja vítima fácil de *Samvriti* -; este é um axioma filosófico.**[163]**

---

[161] Temos aqui uma nota de HPB que, corrigida por Boris de Zirkoff, afirma: "Veja *Mani-bkah-hbum*, o '*Livro dos 10.000 Preceitos Preciosos*' ('*Book of the 10,000 Precious Commandments*'). Consulte também V.P. Vasil'ev, '*Der Buddhismus*', 1860, pp. 327, 357, etc." (Nota do Tradutor)

[162] Estas palavras do Mestre fazem parte de uma Carta que mais tarde foi publicada na íntegra. Trata-se da Carta 15 no volume I de "Cartas dos Mahatmas", Editora Teosófica, Brasília, 2001; ver p. 97. (Nota do Tradutor)

[163] Em outras palavras: "É necessário adquirir uma verdadeira Autoconsciência para compreender *Samvriti*, ou 'a origem da ilusão'." *Paramartha* é sinônimo do termo sânscrito *Svasam-vedana*, ou "o reflexo que analisa a si mesmo". Na interpretação do significado de "*Paramartha*", há uma diferença entre os Yogacharyas e os Madhyamikas, nenhum dos quais, no entanto, explica o sentido esotérico real e verdadeiro da expressão. Veja mais adiante o comentário do sloka 9. (Nota de H.P. Blavatsky)

ESTÂNCIA I - Continuação.

7.As causas da existência haviam sido afastadas (*a*)**; o visível que existiu, e o invisível que existe, descansavam no eterno não-ser - o único ser** (*b*)**.**

(*a*) "As causas da existência" são não só as causas físicas conhecidas pela ciência, mas as causas metafísicas, a principal das quais é o desejo de existir, resultado de Nidana e de Maya. Este desejo de uma vida sensível se mostra em tudo, desde um átomo até um sol, e é um reflexo do Pensamento Divino empurrado para a existência objetiva e transformado em uma Lei segundo a qual o Universo deve existir. De acordo com o ensinamento esotérico, a causa real deste suposto desejo, e de toda existência, permanece eternamente oculta, e as suas primeiras emanações são as mais completas abstrações que a mente pode conceber. Estas abstrações devem necessariamente ser postuladas como a causa do Universo material que se apresenta diante dos sentidos e do intelecto; e elas são subjacentes aos poderes secundários e subordinados da Natureza, os quais, uma vez antropomorfizados, têm sido adorados como Deus e como deuses pela massa popular de cada era. É impossível conceber qualquer coisa sem uma causa; a tentativa de fazer isso leva a mente a um vazio. Esta é, virtualmente, a condição à qual a mente deve chegar finalmente quando tentamos investigar a cadeia de causas e efeitos, mas tanto a ciência como a religião saltam a esta condição de vazio muito mais rapidamente do que é necessário, porque elas ignoram as abstrações metafísicas que constituem a única causa concebível das concretizações físicas. Estas abstrações se tornam cada vez mais concretas à medida que elas se aproximam do nosso plano de existência, até que finalmente se fenomenalizam na forma do Universo material, por um processo de conversão de metafísica em física que é análogo ao modo pelo qual o vapor pode ser condensado na forma de água, e a água, transformar-se em gelo.

(*b*) A ideia de um Eterno Não-Ser que é o Único Ser parece um paradoxo para quem não lembra que nós limitamos nossas ideias sobre ser à nossa consciência atual da existência, e que tornamos este termo específico, ao invés de geral. Do mesmo modo, uma criança não-nascida, se pudesse pensar conforme a nossa acepção do termo, necessariamente limitaria a sua concepção de ser à vida intrauterina, a única vida que conhece; e se a criança tentasse expressar para sua consciência a ideia de vida após o nascimento (que para ela seria a morte), ela, na ausência de dados confiáveis e de faculdades perceptivas para compreender tais dados, provavelmente iria descrever aquela vida como "Não-Ser que é Verdadeiro Ser". No nosso caso, o Único Ser é o númeno de todos os númenos que nós sabemos que devem subjazer aos fenômenos e dar a eles qualquer sombra de realidade que eles tenham, mas que não podemos perceber atualmente porque não temos o intelecto nem os sentidos necessários para isso. Os impalpáveis átomos de ouro espalhados pela substância de uma tonelada de quartzo aurífero podem ser imperceptíveis para o olho nu do mineiro, mas ele sabe não só que eles estão lá, mas também que só eles dão ao seu quartzo qualquer valor significativo; e esta relação do ouro com o quartzo pode refletir palidamente a relação do númeno com o fenômeno. Mas o mineiro sabe que aparência o ouro terá quando tiver sido extraído do quartzo, enquanto que o mortal

comum não pode ter qualquer concepção da realidade das coisas separadas da Maya que as encobre e na qual elas estão ocultas. Só o Iniciado, rico em conhecimento adquirido pelas inúmeras gerações dos seus predecessores, dirige o "Olho de Dangma" [164] para a essência das coisas, na qual nenhuma Maya pode ter qualquer influência. É aqui que os ensinamentos da filosofia esotérica em relação aos Nidanas e às Quatro Verdades adquirem a maior importância; mas eles são secretos.

ESTÂNCIA I - Continuação.

8.Só a forma única de existência se estendia ilimitada, infinita, sem causa, em um sono sem sonhos (*a*)**; e a vida pulsava inconsciente no espaço universal, ao longo daquela total presença que é percebida pelo "olho aberto" [165] de Dangma**(*b*)**.** [166]

(*a*) A tendência do pensamento moderno é recorrer à ideia arcaica de uma base homogênea para coisas aparentemente muito diferentes - heterogeneidade desenvolvida a partir de homogeneidade. Biólogos estão agora procurando pelo seu protoplasma homogêneo, e os químicos estão buscando pelo seu protilo[167], enquanto a ciência procura pela força da qual a eletricidade, o magnetismo, o calor, etc., são diferenciações. A Doutrina Secreta leva esta ideia para a região da metafísica e postula uma "Forma Única de Existência" que é a base e a fonte de todas as coisas. Mas talvez a expressão "Forma Única de Existência" não seja completamente correta. A palavra sânscrita é Prabhavapyaya, "o lugar, ou melhor, o plano, de onde emerge a originação, e no qual todas as coisas se dissolvem", diz um comentador. Não é a "Mãe do Mundo", tal como traduzido por Wilson (veja o Livro I do *Vishnu Purana*); porque Jagad Yoni (como demonstrado por Fitzedward Hall) dificilmente pode ser "a Mãe do Mundo" ou "o Útero do Mundo", na mesma medida em que é "a Causa Material do Universo". Os comentadores dos Puranas explicam a ideia

---

[164] Olho de Dangma; a visão de um Iniciado e Mahatma, que obteve completa sabedoria. (Nota do Tradutor)

[165] Na Índia esta visão é chamada de "Olho de Shiva", mas, além da grande cordilheira, ela é chamada, na fraseologia esotérica, de "olho aberto de Dangma". (Nota de H. P. Blavatsky)

[166] A palavra "Dangma" significa "uma alma purificada", alguém que se tornou um Jivanmukta, o mais alto adepto, ou melhor, um Mahatma. O seu "olho aberto" é o olho interno espiritual do vidente, e a faculdade que se manifesta através dele não é a clarividência tal como se entende comumente, isto é, o poder de ver a distância, mas sim a intuição espiritual, através da qual se obtém um conhecimento direto e seguro. Esta faculdade está intimamente conectada com o "terceiro olho", que a tradição mitológica atribui a certas raças humanas. Explicações mais completas podem ser encontradas no volume II. (Nota de H. P. Blavatsky)

[167] Protilo; "Protyle" no original em inglês. Do grego "protos", primeiro, e "yle", matéria. Matéria primordial. Ver o Glossário Teosófico. Não se justifica acentuar a palavra na primeira sílaba. Cabe seguir o exemplo de outras palavras da mesma origem, como protótipo, protoestrela, protossol, protrátil, protruso, etc. (Nota do Tradutor)

como Karana - "Causa" - mas a filosofia esotérica prefere dizer "*o espírito ideal daquela causa*". No seu segundo estágio, o espírito ideal da causa é o Svabhavat do filósofo budista, a eterna causa-efeito, onipresente e no entanto abstrata, a Essência plástica autoexistente e raiz de todas as coisas, encarada desde o mesmo ponto de vista dual com que o Vedantino vê Parabrahm e Mulaprakriti, dois aspectos de algo que é um. Parece realmente extraordinário encontrar grandes eruditos especulando sobre a possibilidade de que o Vedanta, e especialmente o Uttara-Mimansa, tenha sido "evocado pelos ensinamentos dos budistas", enquanto que na verdade, ao contrário, é o budismo (de Gautama, o Buddha) que foi "evocado" e erguido inteiramente sobre a base dos princípios da Doutrina Secreta, dos quais tenta-se fazer um esquema parcial na presente obra, e sobre os quais também os Upanixades estão baseados. [168] O fato acima é inegável, segundo os ensinamentos de Sri Shankaracharia. [169]

(*b*) O sono sem sonhos é um dos sete estados de consciência conhecidos no esoterismo oriental. Em cada um destes estados entra em ação uma parte diferente da mente; ou, como um Vedantino diria, o indivíduo é consciente em um plano diferente do seu ser. A expressão "sono sem sonhos" neste caso é aplicada alegoricamente ao Universo para simbolizar uma situação de certo modo análoga àquele estado de consciência no ser humano, o qual, não sendo lembrado durante o estado de vigília, parece um intervalo em branco, assim como o sono do sujeito mesmerizado parece para ele um período em branco e inconsciente quando ele volta à sua condição normal, embora ele tenha estado falando e atuando como faria um indivíduo consciente.

---

[168] E no entanto alguém *que pretende ter autoridade*, Sir Monier Williams, Professor Boden de Sânscrito em Oxford, recentemente negou este fato. Isso é o que ele ensinou à sua audiência, dia 4 de junho de 1888, na sua palestra anual diante do *Victoria Institute* da Grã-Bretanha: "Originalmente, o budismo voltou-se contra todo ascetismo solitário ……. para obter níveis sublimes de conhecimento. Ele *não tinha sistema oculto ou esotérico* de doutrina ……. mantido à parte dos homens comuns" (!!). E, novamente: "…Quando Gautama Buddha começou sua carreira, a forma *mais recente e mais inferior* de Ioga parece que era pouco conhecida." E mais adiante, contradizendo a si mesmo, o erudito palestrante informou sua audiência de que "Ficamos sabendo através do *Lalita-Vistâra* que várias formas de tortura corporal, automaceração e austeridade eram comuns na época de Gautama." (!!) Mas o palestrante parece ignorar completamente o fato de que este tipo de tortura e automaceração é precisamente a forma *inferior* de Ioga, *Hatha* Ioga, que era "pouco conhecida" e no entanto tão "*comum*" na época de Gautama. (Nota de H. P. Blavatsky)

[169] É argumentado até mesmo que todas as Seis Darshanas (Escolas de filosofia) mostram traços da influência de Buddha, seja porque foram tiradas do budismo ou devido à influência dos ensinamentos gregos. (Ver Weber, Max Müller, etc.) Nós temos a impressão de que Colebrooke, "a mais alta autoridade" em tais questões, tinha esclarecido este ponto há muito tempo ao mostrar que "os Hindus foram neste caso os professores, não os alunos". (Nota de H. P. Blavatsky)

ESTÂNCIA I - Continuação.

9.Mas onde estava o Dangma quando o Alaya do universo (*a alma como base de tudo, Anima Mundi*) **estava em Paramartha** (*a*) (*Ser e Consciência Absolutos, que são também Não-Ser e Inconsciência Absolutos*) **e a grande roda era Anupadaka**(*b*)**?**

(*a*) Temos diante de nós aqui o tema de séculos de disputas escolásticas. Os dois termos "Alaya" e "Paramartha" têm provocado mais divisão entre escolas e fragmentação da verdade do que quaisquer outros termos místicos. Alaya é literalmente a "Alma do Mundo" (Anima Mundi) ou "Alma-Superior" [170] de Emerson, e de acordo com o ensinamento esotérico ela muda periodicamente sua natureza. Alaya, embora eterna e imutável em sua essência interior e nos planos que são inalcançáveis tanto por seres humanos como por Deuses Cósmicos (Dhyani Buddhas), se altera durante o período de vida ativa em relação aos planos inferiores, inclusive o nosso. Durante aquele tempo não só os Dhyani-Buddhas estão em completa unidade com Alaya, na Alma e na Essência, mas até mesmo o homem que é forte em Ioga (meditação mística) "é capaz de unir sua alma com Alaya" (Aryasanga, escola *Bumapa*). Isso não é Nirvana, mas é uma condição próxima ao Nirvana. Daí a discordância. Os Yogacharyas (da escola Mahayana) dizem que Alaya é a personificação do Vazio, e que, no entanto, Alaya (*Nyingpo* e *Tsang* em tibetano) também é a base de todo objeto visível ou invisível. Afirmam que, embora seja eterna e imutável em sua essência, ela se reflete em cada objeto do Universo "como a Lua em águas claras e tranquilas". Mas outras escolas questionam a afirmação. O mesmo ocorre em relação a Paramartha. Os Yogacharyas interpretam Paramartha como aquilo que também é dependente de outras coisas (*paratantral*); e os Madhyamikas dizem que Paramartha está limitada a Paranishpanna ou perfeição absoluta; isto é, na exposição destas "duas verdades" (de um total de quatro), os Yogacharyas acreditam e sustentam que (neste plano, pelo menos) existe apenas um Samvritisatya ou verdade relativa; e os Madhyamikas ensinam que existe Paramarthasatya, a "verdade absoluta".[171] "Nenhum Arhat, oh mendicantes, pode chegar ao conhecimento absoluto antes de alcançar a unidade com Paranirvana. *Parikalpita* e *Paratantra* são os seus dois grandes inimigos." (Aforismos dos Bodhisatvas). *Parikalpita* (em tibetano, *Kun-ttag*) significa o erro cometido por quem é incapaz de compreender o caráter vazio e ilusório de todas as coisas; por aquele que acredita na existência de algo que não existe - por exemplo, o Não-Eu. E *Paratantra* é tudo aquilo que só existe através de uma conexão dependente ou

---

[170] Alma-Superior; "Over-Soul" no original em inglês. (Nota do Tradutor)

[171] "Paramartha" é autoconsciência em sânscrito; é Svasamvedana, ou "reflexo que analisa a si mesmo". O termo é formado por duas palavras, "parama" (acima de tudo) e "artha" (compreensão). *Satya* significa ser absoluto e verdadeiro, ou *Esse*. Em tibetano, Paramarthasatya é Dondampaidenpa. O oposto dessa realidade absoluta, ou realidade última, é Samvritisatya - a verdade apenas relativa. "Samvriti" significa "falsa concepção", e é a origem do termo "ilusão", Maya: em tibetano, Kundzabchi-denpa, "aparência criadora de ilusão". (Nota de H. P. Blavatsky)

causal, e que deve desaparecer tão logo a causa da qual surgiu seja removida - por exemplo, a luz do pavio de um lampião. Destrua o pavio, e a luz desaparece.

A filosofia esotérica ensina que tudo vive e é consciente, mas não diz que toda vida e consciência são semelhantes às do ser humano, ou mesmo às dos seres animais. Vemos a vida como "a única forma de existência", que se manifesta no que é chamado de matéria; ou, como no caso do ser humano, vida é o que nós chamamos - errando ao separar estes elementos - de Espírito, Alma e Matéria. A matéria é o veículo da manifestação da alma neste plano de existência, e a alma é o veículo, em um plano mais alto, para a manifestação do espírito. Estes três formam uma trindade sintetizada pela Vida que permeia a todos eles. A ideia de vida universal é uma daquelas concepções antigas que retornam à mente humana neste século [172], como consequência da sua libertação da teologia antropomórfica. É verdade que a ciência se contenta com identificar ou postular os sinais da vida universal, e ainda não teve a coragem suficiente nem mesmo para sussurrar as palavras "Alma do Mundo" (Anima Mundi) ! A ideia de uma "vida dos cristais", agora algo familiar para a ciência, teria sido motivo de zombaria meio século atrás. Os botânicos estão agora procurando pelos nervos das plantas; não porque eles pensem que as plantas possam sentir ou pensar como os animais, mas porque acreditam que a existência de alguma estrutura na vida da planta que possua uma correspondência com os nervos na vida dos animais é necessária para explicar o crescimento e a nutrição dos vegetais. É improvável que a ciência consiga negar para si própria por muito mais tempo - usando apenas termos como "força" e "energia" - o fato de que as coisas que possuem vida são coisas vivas, sejam elas átomos ou planetas.

O leitor pode perguntar: "Mas o que pensam as Escolas esotéricas internas? Quais são as doutrinas ensinadas sobre este assunto pelos 'budistas' esotéricos?" Para eles, "Alaya" tem um significado duplo e mesmo tríplice. No sistema Yogacharya da escola contemplativa Mahayana, Alaya é tanto a Alma Universal (Anima Mundi) como o eu superior de um Adepto avançado. "Aquele que é forte em Ioga pode viver quando quiser a sua Alaya através da meditação na verdadeira natureza da existência." A "Alaya tem uma existência eterna absoluta", diz Aryasanga, o rival de Nagarjuna [173]. Em um sentido, Alaya é *Pradhana*, que o Vishnu Purana explica do seguinte modo: "aquilo que é a causa não exteriorizada é enfaticamente chamado pelos sábios mais eminentes de Pradhana, a base original que constitui Prakriti sutil, isto é, aquilo que é eterno e que ao mesmo tempo é (ou abrange) o que existe e o que não existe, ou é um mero processo." No entanto, "Prakriti" é uma palavra incorreta, e Alaya seria uma palavra melhor, porque Prakriti não é o "incognoscível

[172] Neste século; isto é, no século 19. (Nota do Tradutor)

[173] Aryasanga foi um Adepto pré-cristão e fundou uma escola esotérica budista, embora Csoma de Körösi prefira colocá-lo no século sete da era cristã. Há outro Aryasanga, que viveu durante os primeiros séculos da nossa era, e o erudito húngaro provavelmente confunde os dois. (Nota de H. P. Blavatsky)

Brahma".[174] Ensinar que a Anima Mundi, a Vida Una ou "Alma Universal" foi mencionada pela primeira vez por Anaxágoras, ou durante a época dele, é um erro daqueles que nada sabem da Universalidade das doutrinas Ocultas desde o próprio berço das raças humanas, e especialmente dos eruditos que rejeitam a ideia de uma "revelação primordial". Anaxágoras trouxe o ensinamento simplesmente para opor-se às concepções excessivamente materialistas de Demócrito sobre Cosmogonia, baseadas em sua teoria exotérica sobre átomos orientados *cegamente*. Anaxágoras de Clazômenas não foi o inventor da ideia, mas apenas um propagador, como Platão também foi. Aquilo que ele chama de Inteligência do Mundo, o *nous* (νοῦς), o princípio que segundo o seu ponto de vista está absolutamente separado e livre da matéria e age deliberadamente [175], era chamado de Movimento, de VIDA UNA, ou *Jivatma*, na Índia, já eras antes do ano 500 AEC. No entanto, os filósofos árias nunca atribuíram a este princípio, que consideravam infinito, a "função" finita de "pensar".

Isso leva o leitor naturalmente ao "Espírito Supremo" de Hegel e dos transcendentalistas alemães, formando um contraste que vale a pena assinalar. As escolas de Schelling e Fichte afastaram-se bastante da concepção antiga e primitiva de um princípio ABSOLUTO, e refletiram apenas um aspecto da ideia básica do Vedanta. Mesmo o "Geist Mais Absoluto" emitido por von Hartmann [176] em sua filosofia pessimista do Inconsciente, embora seja, talvez, a melhor aproximação especulativa feita por um europeu na direção das doutrinas hindus Advaitas, também fica aquém da verdade.

De acordo com Hegel, o "Inconsciente" nunca teria empreendido a tarefa vasta e laboriosa de exteriorizar o Universo se não fosse com a esperança de alcançar uma clara autoconsciência. Em relação a isso, devemos levar em consideração outro ponto. O termo *Espírito* é usado pelos panteístas europeus como equivalente a *Parabrahm*, e eles afirmam que ele é inconsciente. Ao fazer isso, eles não atribuem à palavra "Espírito" - empregada apenas por falta de uma expressão melhor para simbolizar um profundo mistério - a conotação que ele normalmente carrega.

A "Consciência Absoluta" que existe "atrás" dos fenômenos, dizem eles, transcende a concepção humana e só é chamada de inconsciência pela ausência de qualquer elemento de personalidade. Incapaz de formar um só conceito exceto em termos de fenômenos empíricos, o homem - devido à própria constituição do seu ser - não

---

[174] "A causa íntegra que é uniforme, e que é tanto causa como efeito, e que aqueles que conhecem os princípios básicos chamam de Pradhana e de Prakriti, é o incognoscível Brahma que existia antes de tudo" (Vayu Purana). Isto é, Brahma não provoca a evolução ele próprio, nem cria, mas apenas mostra diversos aspectos de si mesmo, um dos quais é Prakriti, um aspecto de Pradhana. (Nota de H. P. Blavatsky)

[175] Isto é, com autoconsciência finita. Porque, como poderia o *absoluto* fazer uma ação deliberada exceto através de um dos seus *aspectos*, o mais alto dos quais, segundo nós conhecemos, é a consciência humana? (Nota de H. P. Blavatsky)

[176] Referência a Karl Robert Eduard von Hartmann (23 de fevereiro de 1842 - 5 de junho de 1906). Autor de "Philosophy of the Unconscious". (Nota do Tradutor)

consegue levantar o véu que encobre a grandiosidade do Absoluto. Só o Espírito liberto é capaz de perceber palidamente a natureza da fonte de onde o Espírito surgiu e para onde deve finalmente retornar ……. No entanto, como até o mais alto Dhyan Chohan só pode curvar-se e admitir sua ignorância diante do mistério tremendo do Ser Absoluto, e já que, mesmo naquela culminação da existência consciente - "a fusão da consciência individual com a consciência universal", para usar uma frase de Fichte - o Finito não pode conceber o Infinito, nem pode aplicar ao Infinito o seu próprio padrão de experiências mentais, de que modo alguém poderia afirmar que o "Inconsciente" e o Absoluto podem ter até mesmo um impulso instintivo ou uma esperança instintiva de alcançar uma clara autoconsciência? [177] Um vedantino nunca admitiria esta ideia hegeliana; e o Ocultista diria que ela se aplica perfeitamente ao MAHAT desperto, a Mente Universal já projetada no mundo fenomênico como o primeiro aspecto do ABSOLUTO imutável, mas nunca ao próprio ABSOLUTO. "Espírito e Matéria, ou Purusha e Prakriti, são apenas os dois aspectos primordiais do Uno e Único", diz um ensinamento que foi dado a nós. [178]

O Nous que move a matéria, a Alma que tudo anima, imanente em cada átomo, manifestado no ser humano, latente na pedra, tem vários graus de poder; e esta ideia panteísta de um Espírito-Alma geral que permeia toda a Natureza é a mais antiga de todas as noções filosóficas. Tampouco foi o conceito de Archeus uma descoberta de Paracelso, nem do seu aluno Van Helmont; pois o Archeus é "Pai-Éter"[179] , a base manifestada e fonte dos inúmeros fenômenos localizados da vida. As inúmeras especulações deste tipo são apenas variações do tema, cuja nota-chave foi soada nesta primeira Revelação. (Ver o capítulo III, "Substância Primordial e Pensamento Divino", na Parte II do volume I da presente obra.)

(*b*) O termo Anupadaka, "sem pais", sem progenitores, é uma designação mística que possui vários significados na filosofia. O nome se refere a seres celestiais, os Dhyan-Chohans ou Dhyani-Buddhas. Misticamente, eles correspondem aos

---

[177] Veja "Handbook of the History of Philosophy", de Schwegler, na tradução de Stirling, pp. 28 e 262 e seguintes. (Nota de H. P. Blavatsky, corrigida por Boris de Zirkoff)

[178] Nas linhas acima, as referências à filosofia alemã sugerem a participação de um Mestre de Sabedoria oriental na redação deste trecho da obra. H. P. Blavatsky passou algum tempo na Alemanha, e viveu na mesma região em que, poucas décadas antes, um Mestre havia estado. Em 1885, H. P. B. escreveu o seguinte em carta à Sra. Patience Sinnett: "Gosto de Würsburg. É perto de Heidelberg e Nüremberg e de todos os centros em que um dos Mestres viveu, e foi Ele que aconselhou meu Mestre a me mandar para lá." ("Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett", T.U.P., Pasadena, California, USA, 1925 / 1973, 404 pp., ver p. 105.) Em 1880, o mesmo instrutor admitiu haver estudado em detalhe a obra do filósofo alemão Immanuel Kant. ("Cartas dos Mahatmas", Ed. Teosófica, Brasília, 2001, volume I, Carta 11, p. 82.) É bem conhecido em Teosofia que a filosofia do pensador alemão Arthur Schopenhauer tem muito em comum com a filosofia esotérica oriental. Veja, por exemplo, o parágrafo final da Carta 65, em "Cartas dos Mahatmas", vol. I. (Nota do Tradutor)

[179] "Archeus"; o termo, que deu origem à palavra "arquétipo", significa a luz astral, ou akasha. (Nota do Tradutor)

Buddhas e Bodhisatvas humanos, conhecidos como “Buddhas Manushi” (ou humanos), estes últimos também são chamados de “Anupadaka”, uma vez que toda a personalidade deles está unida com a combinação dos seus sexto e sétimo princípios -, ou Atma-Buddhi e que eles se transformaram em “almas de diamante” (Vajra-sattvas) [180], ou Mahatmas completos. O “Senhor Oculto” (Sangbai Dag-po), “aquele que uniu-se ao Infinito”, não pode ter progenitores porque é Autoexistente e está unido ao Espírito Universal (Svayambhu) [181], o Svabhavat em seu aspecto mais elevado. É grande o mistério na hierarquia de Anupadaka, e o seu ponto mais alto é o Espírito-Alma universal, e o grau mais baixo o Buddha-Manushi; e mesmo cada homem dotado de uma Alma é um Anupadaka em estado latente. Disso decorre a frase “o Universo era Anupadaka” -, ao falar-se do Universo como algo destituído de forma, eterno, absoluto, e anterior ao momento em que ele ganha forma, graças aos “Construtores”. (Veja o capítulo III da Parte II deste primeiro volume, “Substância Primordial e Pensamento Divino”.)

(Volte para o Sumário)

ESTÂNCIA II

COMENTÁRIO [182]

1. ……. Onde estavam os construtores, os filhos luminosos do amanhecer Manvantárico (*a*)**? ……. Na escuridão desconhecida, no Paranishpanna** (*Chohânico, Dhyani-Búddhico*) **dos Ah-Hi. Os que produzem a forma** (*rupa*) **a**

---

[180] Vajra - aquele que possui um diamante. Em tibetano *Dorjesempa. Sempa* significa a alma. A sua qualidade adamantina se refere à sua indestrutibilidade no pós-morte. A explicação em relação a “Anupadaka”, tal como dada no *Kala Chakra*, primeira na divisão Gyu (t) do Kanjur, é semiesotérica, e desorientou os Orientalistas induzindo-os a fazer especulações erradas sobre os Dhyani-Buddhas e os seus equivalentes terrestres, os Buddhas-Manushi. O real princípio envolvido será sugerido em um volume posterior desta obra, e será bem melhor explicado no lugar certo (veja “The Mystery about Buddha” - “O Mistério de Buddha”). (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *O texto “The Mystery of Buddha” e outros fragmentos relacionados a ele estão disponíveis às pp. 370-421 do volume XIV de “Collected Writings”, H. P. Blavatsky (TPH). O texto específico “The Mystery of Buddha” está às pp. 388-399.*]

[181] Para citar novamente Hegel, que, com Schelling, praticamente aceitou a concepção panteísta dos Avatares periódicos (encarnações especiais do Espírito-do-Mundo na forma humana, tal como se vê no caso de todos os grandes reformadores religiosos) “ .... a essência do homem é espírito .... e só abandonando a sua finitude e abandonando-se à pura autoconsciência ele consegue alcançar a verdade. Cristo-homem, como um ser humano em quem apareceu a Unidade Deus-homem (a identidade do indivíduo com a consciência universal segundo o ensinamento dos Vedantinos e de alguns Advaitas), é apresentado, em sua morte e em sua história em geral, como uma narrativa da eterna história do Espírito; uma história que cada homem tem que realizar em si mesmo, para poder existir como Espírito.” (“Philosophy of History”, tradução ao inglês de Sibree, p. 340.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[182] Neste ponto, estamos no alto da página 53 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

partir da não-forma (*arupa*) **- a raiz do mundo - a Devamatri [183] e Svabhavat, descansavam na bem-aventurança do não-ser.** (*b*)

(*a*) Os "Construtores", os "Filhos da Aurora Manvantárica", são os verdadeiros criadores do Universo; e, nesta doutrina, que se refere apenas ao nosso Sistema Planetário, eles, sendo os arquitetos deste sistema, também são considerados como os "Observadores" das Sete Esferas, que exotericamente são os Sete planetas, e esotericamente também as sete terras ou esferas (planetas) da nossa cadeia. A frase que abre a Estância I, ao mencionar "Sete Eternidades", se aplica tanto ao *Maha-Kalpa* ou "a (grande) Idade de Brahmâ", como ao *pralaya* Solar e à subsequente ressurreição do nosso Sistema Planetário em um plano mais elevado. Há muitos tipos de *pralaya* (a dissolução de algo visível), conforme será demonstrado mais adiante.

(*b*) Paranishpanna, lembremos, é o *summum bonum* [184], o Absoluto, portanto o mesmo que Paranirvana. Além de ser o estado final, Paranishpanna é aquela condição de subjetividade que não tem relação com coisa alguma, exceto a verdade única e absoluta (Para-marthasatya) no seu plano. É aquele estado que leva um ser a compreender corretamente o significado completo do Não-Ser, que, conforme explicado, é *absoluto* Ser. Mais cedo ou mais tarde, tudo o que agora *aparentemente* existe estará na realidade e de fato no estado de Paranishpanna. Mas há uma grande diferença entre uma "existência" *consciente* e uma "existência" *inconsciente*. A condição de Paranishpanna, sem Paramartha, a consciência que analisa a si mesma (Svasamvedana), não é uma bem-aventurança, mas simplesmente uma extinção (durante Sete Eternidades). Assim, uma bola de ferro colocada sob os raios ardentes do sol será aquecida, mas, ao contrário de um ser humano, não sentirá nem apreciará o calor. É apenas "com uma mente clara e não obscurecida pela existência de uma personalidade, e com a assimilação do mérito de muitas existências dedicadas ao aspecto coletivo do ser (todo o Universo vivo e sensível)", que alguém se liberta da existência pessoal e vive uma fusão e uma unificação com o Absoluto [185], continuando em plena posse de Paramartha.

---

[183] "Mãe dos deuses", Aditi, ou Espaço Cósmico. No Zohar, ela é chamada de Sefira, a mãe dos sefirotes, e de Shekina em sua forma primordial, oculta. (Nota de H. P. Blavatsky)

[184] *Summum bonum*; em latim, "o mais elevado bem". (Nota do Tradutor)

[185] Por isso em filosofia esotérica o *Não-Ser* é "ABSOLUTO Ser". De acordo com os princípios desta filosofia, mesmo Adi-Budha (a sabedoria primeira ou primordial) é, enquanto manifestado, em certo sentido uma ilusão, Maya; porque todos os deuses, inclusive Brahmâ, têm de morrer ao final da "Idade de Brahmâ". Só a abstração chamada de Parabrahm - que também pode ser chamada de En-Soph, ou qualificada como o "Incognoscível" de Herbert Spencer - constitui a Realidade "Única e Absoluta". A Existência Una e Única é ADVAITA, "sem segundo", e todo o resto é *Maya*, segundo ensina a filosofia Advaita. (Nota de H. P. Blavatsky)

ESTÂNCIA II - Continuação.

2. ……. Onde estava o silêncio? Onde estavam os ouvidos para percebê-lo? Não, não havia nem silêncio nem som (*a*)**, nada exceto a incessante respiração eterna** (*Movimento*) **que não tem consciência de si mesma** (*b*)**.**

(*a*) A ideia de que as coisas podem deixar de existir e de que ainda assim podem SER é fundamental na psicologia do Oriente. Sob esta aparente contradição em termos há um fato da Natureza para cuja compreensão o importante é a mente e não as discussões em torno de palavras. Um exemplo bem conhecido de um paradoxo semelhante é dado por uma combinação química. A questão sobre se o hidrogênio e oxigênio deixam de existir quando se combinam para formar a água ainda permanece sujeita a discussão. Alguns argumentam que, como eles são encontrados novamente quando a água é decomposta, devem estar lá presentes o tempo todo; outros afirmam que, como eles se transformam de fato em algo totalmente diferente, devem deixar de existir como hidrogênio e oxigênio durante o tempo em que estão combinados. Mas nenhum dos dois lados é capaz de perceber nem remotamente a real condição de uma coisa que se tornou algo diferente e, no entanto, não deixou de existir em si mesma. É correto dizer que para o oxigênio e o hidrogênio a sua existência como água pode ser um estado de Não-Ser que é "um ser mais real" do que a sua existência como gases permite; e isso pode simbolizar palidamente a condição do Universo quando ele cai no estado de sono, ou deixa de existir, durante as "Noites de Brahmâ" - para acordar novamente ou reaparecer quando a aurora de um novo Manvântara chamá-lo, outra vez, para o que chamamos de existência.

(*b*) A palavra "Respiração" é usada em relação à Existência Una apenas no que se refere ao aspecto espiritual da Cosmogonia do esoterismo Arcaico; nos outros casos, ela é substituída pelo seu equivalente no plano material - "Movimento". O Elemento Único e Eterno, ou o veículo que contém o elemento, é *o Espaço*, destituído de dimensões em qualquer sentido da palavra, e com o qual são coexistentes a *duração* infinita, a *matéria* primordial (e portanto indestrutível), e o *movimento* - o "movimento perpétuo" e absoluto que é a "respiração" do Elemento "Único". Esta respiração, como vimos, não pode cessar jamais, nem mesmo durante as eternidades dos Pralayas. (Veja "O Caos, Theos e o Cosmo", na parte II deste volume.)

Mas a expressão "Respiração da Existência Una" não se aplica, tampouco, à *Causa Única sem Causa* ou à "Existencialidade Total" (em contraposição ao Ser Total, que é Brahmâ, ou o Universo). Brahmâ (ou Hari), o deus de quatro faces que "realizou a Criação" depois de erguer a Terra acima das águas, é visto apenas como o instrumento, e não como a Causa ideal, conforme é colocado de modo implícito mas claro. Nenhum Orientalista, até hoje, parece ter compreendido completamente o real sentido dos versos dos Puranas que tratam da "criação".

Neles, Brahmâ é a causa das potências que devem ser geradas, na sequência, para o trabalho de "criação". Quando um tradutor diz: "E dele procedem as potências a

serem criadas depois que elas tiverem se tornado a causa real" -, talvez fosse mais correto dizer o seguinte: "e DISSO [186] procedem as potências que *irão criar*, quando *se tornarem* a causa real" (no plano da matéria). Com a exceção da causa ideal única (ela própria sem causa), não há outra origem que possa ser atribuída ao universo. "O mais valioso dos ascetas! Através da sua potência, isto é, da potência daquela causa, surgem todas as coisas criadas a partir da natureza inerente ou própria." Na filosofia Vedanta e em Nyaya [187], *nimitta* é a causa eficiente, em contraste com *upadana*, a causa material [188] (e no Sankhya, *pradhana* implica as funções destes dois tipos de causa). Na filosofia esotérica, por outro lado, que reconcilia todos estes sistemas, e da qual a escola mais próxima é a Vedanta tal como exposta pelos Advaita-Vedantinos, só se pode fazer um enfoque verbal da *upadana* [189]. O que está nas mentes dos Vaishnavas (os Vasishta-dvaitas) como o ideal por oposição ao real - ou Parabrahm em relação a Ishwara - não tem lugar em especulações publicadas, já que mesmo aquele ideal é uma descrição ineficaz, quando aplicado àquilo que a compreensão humana, e inclusive a compreensão de um adepto, não pode conceber.

O ato de conhecer a si mesmo necessita consciência e percepção (duas funções limitadas para todos, exceto Parabrahm); necessita que o conhecedor seja um objeto de conhecimento. Daí surge "a Respiração Eterna que não tem consciência de si mesma". A Infinitude não pode compreender a Finitude. O Ilimitado não pode relacionar-se com o limitado ou o condicionado. Nos ensinamentos ocultos, o MOVIMENTADOR desconhecido e incognoscível, ou Autoexistente, é a Essência divina absoluta. Deste modo, sendo Consciência *Absoluta* e Movimento *Absoluto* para os sentidos limitados de quem descreve essa realidade indescritível, ele é também inconsciência e imobilidade. A consciência concreta não pode ser atribuída à Consciência abstrata, assim como a qualidade de ser úmida não pode ser atribuída à água, porque a umidade é a característica intrínseca da água e constitui a causa da umidade em outras coisas. A consciência implica limitações e qualificações; implica algo de que se tem consciência e alguém que tem consciência de alguma coisa. Mas a Consciência Absoluta contém tanto o conhecedor como a coisa conhecida e o processo do conhecimento. Ela inclui em si mesma os três, como *um só*. Nenhum homem é consciente de outras coisas além daquela porção do seu conhecimento que vem à sua mente em qualquer ocasião específica; no entanto, a pobreza da linguagem verbal é tamanha que não temos um termo para distinguir o conhecimento no qual não se pensa ativamente, daquele conhecimento que somos incapazes de trazer até a memória. Esquecer é sinônimo de não lembrar. Deve ser

---

[186] "ISSO" e "DISSO" são formas neutras de se mencionar Brahmâ. (Nota do Tradutor)

[187] Nyaya é um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu, as seis escolas ou *Darshanas*. A Vedanta e a Ioga de Patañjali também estão entre as seis escolas, assim como o Sankhya, que é citado poucas palavras mais adiante. (Nota do Tradutor)

[188] "Causa eficiente" e "causa material". Segundo a filosofia de Aristóteles, há quatro tipos de causas: a causa formal, a causa material, a causa eficiente, e a causa final. (Nota do Tradutor)

[189] *Upadana* é a causa material, como foi visto poucas linhas acima. (Nota do Tradutor)

incalculavelmente mais difícil encontrar termos que possam descrever os fatos metafísicos abstratos ou estabelecer diferenças e distinções entre eles. Devemos lembrar, também, que damos nomes às coisas conforme as aparências que elas assumem para nós mesmos. Chamamos a consciência absoluta de "inconsciência" porque nos parece que ela deve ser necessariamente assim, do mesmo modo como chamamos o Absoluto de "Escuridão", porque, para nossa compreensão finita, ele parece bastante impenetrável. No entanto reconhecemos que nossa percepção de tais coisas é muito limitada. Involuntariamente fazemos, por exemplo, uma distinção em nossas mentes entre uma consciência absoluta inconsciente, de um lado, e uma inconsciência, de outro lado, ao atribuir secretamente à primeira delas alguma qualidade indefinida que corresponde, num plano mais elevado e além daquilo que o nosso pensamento pode alcançar, ao que nós conhecemos como consciência em nós mesmos. Mas essa não é um tipo de consciência que possamos por algum esforço distinguir daquilo que para nós parece ser inconsciência.

ESTÂNCIA II - Continuação.

3.A hora ainda não havia soado; o raio ainda não havia atravessado o Germe (*a*)**; a Matri-padma** (*mãe lótus*) **ainda não havia inchado** [190] (*b*)**.**

(*a*) O raio da "Eterna Escuridão" se transforma ao ser emitido num raio de luz ou vida resplandecente, e alcança com seu brilho o "Germe", o ponto no Ovo do Mundo [191], representado pela matéria no seu sentido abstrato. Mas o termo "ponto" não deve ser entendido como se designasse qualquer ponto específico no Espaço, porque há um germe no centro de cada átomo, e estes, coletivamente, formam "o Germe", ou melhor, já que nenhum átomo pode tornar-se visível ao nosso olhar físico, a coletividade destes germes (se o termo puder ser aplicado a algo que não tem limites e é infinito) forma o númeno da matéria eterna e indestrutível.

(*b*) Uma das figuras simbólicas do poder criativo dual na Natureza (matéria e força, no plano material) é *Padma*, o nenúfar da Índia. O lótus é produto do calor (fogo) e da água (vapor ou Éter). O fogo consta em todos os sistemas filosóficos e religiosos

---

[190] Um termo que não é poético, mas ainda assim é correto. (Veja nota de pé de página na Estância III.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[191] "O ponto no Ovo do Mundo". A lei da analogia é útil para compreender este trecho. O ovo é como um óvulo, e podemos ler nas Cartas dos Mahatmas: "Pense no feto humano. Desde o momento da sua primeira instalação até completar o seu sétimo mês de gestação, ele repete em miniatura os ciclos mineral, vegetal e animal pelos quais passou em seus invólucros anteriores, e só durante os dois últimos meses desenvolve a sua futura entidade humana. (....) Tem razão um sábio filósofo, que confia mais em sua intuição que nos ditados da ciência moderna, ao dizer: '*Os estágios da existência intra-uterina do homem são um registro condensado de algumas das páginas que faltam na história da Terra*'. Assim, você deve olhar para trás e ver as entidades animais, minerais e vegetais. Você deve encarar cada entidade em seu ponto inicial na trajetória manvantárica como o átomo cósmico primordial...". ("Cartas dos Mahatmas", Ed. Teosófica, Vol. I, p. 284.) (Nota do Tradutor)

como uma representação do Espírito da Divindade [192], o princípio ativo, masculino, gerador; e o Éter, ou a Alma da matéria, a luz do fogo, representa o princípio passivo, feminino, do qual todas as coisas emanaram neste Universo. Portanto, o Éter ou Água é a Mãe, e o Fogo é o Pai. Sir W. Jones (e antes dele a botânica antiga) demonstrou que as sementes do Lótus contêm - mesmo antes de germinar - folhas perfeitamente formadas, com a forma minúscula que um dia terão, quando plantas adultas: a natureza assim nos dá uma visão antecipada da sua produção …….. as sementes de todas as plantas fanerógamas trazem consigo flores que contêm um embrião da planta pronta. [193] (Veja, na parte II deste volume I, "O Lótus Como um Símbolo Universal".) Isso explica a frase "a mãe ainda não havia inchado"; na simbologia antiga, a forma é normalmente sacrificada para priorizar a ideia interna ou ideia-raiz.

O Lótus ou Padma é, além disso, um símbolo muito antigo e apreciado do próprio Cosmo, e também do ser humano. As razões popularmente conhecidas disso são, em primeiro lugar, o fato mencionado acima de que a semente do Lótus contém dentro de si uma perfeita miniatura da futura planta, o que exemplifica o processo pelo qual os protótipos espirituais de todas as coisas existem no mundo imaterial antes que as coisas se materializem na Terra. Em segundo lugar, o fato de que o Lótus cresce através da água, tem a sua raiz no Ilus [194], ou barro, e espalha a sua flor no ar acima. Deste modo o Lótus tipifica a vida do homem e também a vida do Cosmo, porque a Doutrina Secreta ensina que os elementos de ambos são os mesmos, e tanto o homem como o Cosmo estão evoluindo na mesma direção. A raiz do Lótus, mergulhada no barro, representa a vida material; a haste, que passa através da água, simboliza a existência no mundo astral; e a flor flutuando na água e aberta para o céu é um emblema do ser espiritual.

ESTÂNCIA II - Continuação.

4.O coração dela ainda não se abrira para que entrasse o raio único, e para que assim caísse no seio de Maya, tal como o três cai no quatro. (*a*)

(*a*) A Substância Primordial ainda não havia ido além da sua latência pré-cósmica, nem avançado na direção da objetividade diferenciada, e tampouco se transformara no invisível (para o homem, até hoje) protilo [195] da ciência. Mas, à medida que o

---

[192] Até mesmo no cristianismo. (Veja, na parte II deste volume I, "Substância Primordial e Pensamento Divino".) (Nota de H. P. Blavatsky)

[193] Gross, "The Heathen Religion", p. 195. (Nota de H. P. Blavatsky)

[194] Ilus: termo de origem grega, com o significado apontado por HPB. (Nota do Tradutor)

[195] Protilo: do grego, "protos", primeiro, e "hyle", matéria. Termo usado pelo cientista inglês William Crookes (1832-1919) para significar uma matéria primordial, sutil e indiferenciada, conceito que é teosófico. Crookes elaborou a teoria da *matéria radiante*, que levaria à descoberta do elétron em 1897. Não por casualidade, também foi membro do movimento teosófico. Seu trabalho é comentado nas Cartas dos Mahatmas. Ver *Encyclopedic Theosophical Glossary*, TUP. (Nota do Tradutor)

tempo passa e esta Substância se torna capaz de receber a impressão fohática [196] do Pensamento Divino (o Logos, ou o aspecto masculino de Alaya, a Anima Mundi[197]), o seu coração se abre. A Substância Primordial se diferencia, e os TRÊS (Pai, Mãe e Filho) passam a ser quatro. Neste ponto está a origem do duplo mistério da Trindade e da imaculada concepção. O princípio primeiro e fundamental do Ocultismo é a Unidade (ou Homogeneidade) Universal sob três aspectos. Isso levou a uma possível concepção de Divindade, que como unidade absoluta deve permanecer eternamente incompreensível para intelectos finitos. "Se tu quiseres acreditar no Poder que age dentro da raiz de uma planta, ou imaginar a sua raiz oculta sob o solo, terás que pensar na sua haste ou caule, e nas suas folhas e flores. Não poderás imaginar o seu Poder independentemente destes objetos. A vida só pode ser conhecida através da Árvore da Vida ....." ("Preceitos de Ioga"). A ideia de uma Unidade *Absoluta* seria inteiramente destruída, desde nosso ponto de vista, se não tivéssemos diante de nossos olhos algo concreto que contém aquela Unidade. E como a divindade é absoluta, ela deve ser onipresente, de modo que cada átomo A contém dentro de si. As raízes, o tronco e os seus numerosos galhos são três objetos distintos, e no entanto são um. Dizem os Cabalistas: "A Divindade é uma, porque é infinita. Ela é tríplice, porque está sempre a se manifestar." Esta manifestação é tríplice em seus aspectos, porque são necessários, segundo Aristóteles, três princípios para que um corpo natural qualquer se torne objetivo: a necessidade, a forma e a matéria.[198] Necessidade, na mente do grande filósofo, significava aquilo que os Ocultistas mencionam como protótipos impressos na Luz Astral - o plano mais baixo, o mundo da Anima Mundi. A união destes três princípios depende de um quarto princípio - a VIDA que se irradia desde os níveis mais elevados do Inalcançável, para tornar-se uma essência universalmente difundida, nos planos manifestados da Existência. E este QUATERNÁRIO (Pai, Mãe, Filho, como uma UNIDADE, e um quaternário, como manifestação viva) tem sido um meio de levar até a Ideia muito antiga da Imaculada Concepção, hoje cristalizada como um dogma da Igreja Cristã, que materializou e degradou esta ideia metafísica, contrariando todo bom senso. Basta ler a Cabala e estudar os seus métodos numéricos de interpretação para descobrir a origem deste dogma. Ele é puramente astronômico, matemático, e essencialmente

---

[196] "Fohática". Como vimos no Proêmio, Fohat "*... é a 'ponte' pela qual as 'Ideias' que existem no 'Pensamento Divino' são impressas na substância Cósmica como 'leis da Natureza'. Fohat é, assim, a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, desde outro ponto de vista, é o meio inteligente, o poder orientador de toda manifestação...*". (Nota do Tradutor)

[197] "Anima Mundi" - Alma do Mundo. (Nota do Tradutor)

[198] Um vedantino da filosofia Visishtadwaita diria que, embora seja a única Realidade independente, Parabrahmam é inseparável da sua trindade. Diria que Ele é três, "Parabrahmam, Chit e Achit", e os dois últimos são realidades dependentes, incapazes de existir em separado; ou, para torná-lo mais claro, Parabrahmam é a SUBSTÂNCIA - imutável, eterna e incognoscível - e Chit (Atma) e Achit (Anatma) são suas qualidades, assim como a forma e a cor são as qualidades de qualquer objeto. Os dois são a vestimenta, ou corpo, ou mais precisamente o atributo (Sharira) de Parabrahmam. Mas um Ocultista teria muito o que dizer contra esta argumentação, assim como o vedantino Advaita. (Nota de H. P. Blavatsky)

metafísico. O elemento Masculino na Natureza (personificado pelas divindades masculinas e os Logoi [199] masculinos - Viraj ou Brahmâ; Hórus, ou Osíris, etc., etc.) nasce não *de* uma fonte imaculada, personificada pela "Mãe", mas *através* dela; porque aquele Macho, tendo uma Mãe, não pode ter um "Pai". A Divindade abstrata não tem sexo, e não é nem mesmo um Ser, mas uma Existencialidade [200], ou a própria Vida. Coloquemos isso na linguagem matemática do autor de "The Source of Measures" ("A Origem das Medidas") [201]. Falando da "Medida de um Homem" e do seu valor numérico (cabalístico) ele afirma que no Gênesis, capítulo IV, versículo 1, "é definida a Medida de 'Homem igual a Jeová', e ela é obtida da seguinte maneira: 113 x 5 = 565, e o valor 565 pode ser colocado sob a forma da expressão 56,5 x 10 = 565. Aqui o número do Homem, 113, se torna um fator de 56,5 x 10, e a leitura (cabalística) desta última expressão numérica é Jod, He, Vau, He, ou Jehovah, Jeová ..... A expansão de 565 para 56,5 x 10 visa mostrar a emanação do princípio masculino (Jod) a partir do princípio feminino (Eva); ou, em outros termos, o nascimento de um elemento masculino a partir de uma fonte imaculada, isto é, uma concepção imaculada."

Assim se repete na Terra o mistério que é representado no plano divino, segundo os Videntes. O "Filho" da Virgem Celestial imaculada (o protilo cósmico indiferenciado, Matéria em sua infinitude) nasce novamente na Terra como o Filho da Eva terrestre, nossa mãe Terra, e se torna a Humanidade como um todo - passada, presente e futura - porque Jeová ou Jod-he-vau-he é andrógino, isto é, simultaneamente macho e fêmea. Acima, o Filho é todo o COSMO; abaixo, ele é A HUMANIDADE. A tríade ou triângulo se torna a Tétrade, o número sagrado dos pitagóricos, o quadrado perfeito, e um cubo de seis faces na Terra. O *Macroprósopo* (a Grande Face) é agora o *Microprósopo* (a face menor); ou, como dizem os Cabalistas, o "Ancião dos Dias" desce sobre Adão Cadmon, a quem usa como veículo para sua manifestação, e se transforma no *Tetragrammaton.* Ele é agora o "Colo de Maya", a Grande Ilusão. Entre ele e a Realidade está [202] a Luz Astral, a grande Enganadora dos sentidos limitados do homem, exceto quando o Conhecimento vem ajudar o ser humano através de Paramarthasatya.

---

[199] Logoi - plural da palavra "Logos", de origem grega. (Nota do Tradutor)

[200] Existencialidade: veja a nota de rodapé sobre esta palavra na primeira terça parte do Proêmio. (Nota do Tradutor)

[201] Referência ao livro "Key to the Hebrew-Egyptian Mystery in The Source of Measures", by J. Ralston Skinner, 1875. Há uma edição mais recente: Wizards Bookshelf, *Secret Doctrine Reference Series*, San Diego, USA, 1982, 324 pp. with Supplement, Appendix and Index. (Nota do Tradutor)

[202] No original em inglês, "has" ou "tem", ao invés de "está". Porém, HPB chamou atenção para este erro de revisão da edição em inglês e esclareceu que se trata de "está" ("lies"), em reunião com seus alunos em Londres dia 7 de fevereiro de 1889. Ver "The Secret Doctrine Dialogues" (Theosophy Co., Los Angeles, 2014, 722 pp.), pp. 146-147. O erro da edição original parece ser um pequeno exemplo do poder que Maya possui de testar os seres humanos. (Nota do Tradutor)

ESTÂNCIA II - Continuação.

5.Os Sete (*Filhos*) **ainda não haviam nascido da Rede de Luz. Só a escuridão era Pai-Mãe, Svabhavat; e Svabhavat estava em escuridão** (*a*)**.**

(*a*) Nas Estâncias dadas aqui, a Doutrina Secreta aborda principalmente, se não com exclusividade, o nosso Sistema Solar, e especialmente a nossa cadeia planetária. Os "sete filhos", portanto, são os criadores da cadeia planetária. Este ensinamento será melhor explicado mais adiante. (Veja, na Parte II deste volume I, "A Teogonia dos Deuses Criadores".)

Svabhavat, a "Essência Plástica" que preenche o Universo, é a raiz de todas as coisas. Svabhavat é, de certo modo, o aspecto budista concreto da abstração chamada de *Mulaprakriti* na filosofia hindu. É o corpo da Alma, e constitui aquilo que o Éter seria para o Akasha, pois o Akasha é o princípio que dá origem e informa o Éter. Os místicos chineses fizeram de Svabhavat um sinônimo de "ser". No *Ekasloka-Shastra* de *Nagarjuna* (o *Lung-shu* da China), chamado pelos chineses de *Yih-shu-lu-kia-lun*, há a afirmação de que a palavra original de Yeu é "Ser" ou "Subhâva", "a substância que dá substância a si mesma", algo que também é explicado por ele como tendo o significado de "sem ação e com ação", ou "a natureza que não tem natureza própria". A palavra *Subhâva*, de onde vem *Svabhavat*, é composta de dois termos. *Su* significa "belo", "atraente", "bom", enquanto *Sva* é "eu" ou "ser". E "bhava" significa "ser" ou "estados de ser".

ESTÂNCIA II - Continuação.

6.Estes dois são o Germe, e o Germe é um. O Universo ainda estava escondido no Pensamento Divino, e no Seio Divino.

O "*Pensamento Divino*" não implica a ideia de um pensador Divino. O Universo, não só em seu passado, presente e futuro - o que é uma ideia humana e finita expressada por um pensamento finito -, mas na sua totalidade, como *Sat* (termo intraduzível); e como o ser absoluto, com o Passado e o Futuro cristalizados em um eterno Presente, constitui este Pensamento em si mesmo, refletido em uma causa secundária ou manifesta. Brahma (neutro), como o *Mysterium Magnum* de Paracelso, é um mistério absoluto para a mente humana. Brahmâ, o macho-fêmea, o aspecto e reflexo antropomórfico de Brahma, é concebível para as percepções de fé cega, embora seja rejeitado pelo intelecto humano quando este atinge a sua maioridade. (Veja, na Parte II deste volume I, "Substância Primordial e Pensamento Divino".)

Por isso há a afirmação de que durante o prólogo, digamos assim, do drama da Criação, ou no começo da evolução cósmica, o Universo ou o "Filho" está ainda escondido "no Pensamento Divino", que ainda não havia penetrado "no Seio

Divino". Esta ideia, e isso deve ficar bem claro, está na origem de todas as imagens simbólicas sobre os "Filhos de Deus" nascidos de virgens imaculadas.

(Volte para o Sumário)

ESTÂNCIA III

COMENTÁRIO [203]

1.A última vibração da sétima eternidade palpita através da infinidade. (*a*) **A mãe incha, expandindo-se de dentro para fora, como o botão do lótus.** (*b*)

(*a*) O uso aparentemente paradoxal da expressão "sétima eternidade", que divide o que é indivisível, está consagrado em filosofia esotérica. Esta filosofia divide a duração ilimitada em duas partes. De um lado está um tempo incondicionalmente eterno e Universal, e de outro um tempo condicionado (*Khandakala*). Um é a abstração ou númeno do tempo infinito (Kala); o outro é o fenômeno que aparece periodicamente como um efeito de *Mahat* (a Inteligência Universal limitada durante o Manvântara). Segundo algumas escolas, Mahat é o "primogênito" de Pradhana (substância indiferenciada, ou o aspecto periódico de Mulaprakriti, a raiz da Natureza). Pradhana é chamado de Maya, a Ilusão. Neste aspecto, creio, o ensinamento esotérico é diferente tanto da doutrina vedantina da escola Advaita quanto da doutrina também vedantina da escola Visishtadwaita. O ensinamento esotérico diz que, enquanto Mulaprakriti, o númeno, é autoexistente e não tem qualquer origem - e é, em resumo, destituído de pais, ou seja, é Anupadaka (já que está em unidade com Brahma); Prakriti, seu fenômeno, é periódico e não passa de um fantasma de Mulaprakriti. Assim também Mahat, segundo os Ocultistas, é o primogênito de Gnana (ou *Gnose*), conhecimento, sabedoria, ou o Logos, e é um fantasma refletido desde o absoluto NIRGUNA (Parabrahm, a realidade una, "destituída de atributos e qualidades", veja os Upanixades); enquanto que, segundo alguns vedantinos, Mahat é uma manifestação de Prakriti, ou Matéria.

(*b*) Portanto, "a última vibração da Sétima Eternidade" foi "pré-ordenada", não por algum Deus em particular, mas em virtude da LEI eterna e imutável que provoca os grandes períodos de Atividade e Descanso, chamados, de modo tão expressivo e ao mesmo tempo tão poético, de "Os Dias e Noites de Brahmâ". A expansão da Mãe, ocorrida "de dentro para fora", e chamada em outro lugar de "Águas do Espaço", de "Matriz Universal", etc., não se refere à expansão de um pequeno centro ou foco, mas, sem referência a tamanho, limitação ou área, significa o desenvolvimento de uma subjetividade ilimitada até tornar-se uma objetividade ilimitada. "A (para nós) sempre invisível e imaterial Substância presente na eternidade lançou desde seu próprio plano a sua sombra periódica ao colo de Maya." Isso implica que esta expansão, não sendo um aumento de tamanho - já que uma extensão infinita não pode crescer - foi uma mudança de estado. Ela "expandiu-se como o botão do

[203] Neste ponto, estamos no alto da página 62 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

lótus"; porque a planta do lótus existe não só como um embrião em miniatura em sua semente (uma característica física), mas também o seu protótipo está presente em forma ideal na Luz Astral desde a "Aurora" até a "Noite" durante o período manvantárico, como todas as outras coisas deste Universo objetivo, na verdade; desde o ser humano até qualquer coisa minúscula, desde a árvore gigantesca até a menor folha de relva.

Tudo isso, segundo ensina a Ciência oculta, é apenas o reflexo temporário, a sombra do eterno protótipo ideal existente no Pensamento Divino. Devemos lembrar novamente que a palavra "eterno" refere-se aqui apenas a um "éon", que corresponde ao ciclo de atividade aparentemente interminável, mas ainda assim limitado, que chamamos de manvântara. Qual é o significado real e esotérico de "manvântara", ou, mais precisamente, "Manu-Antara"? Significa, esotericamente, "entre dois Manus", e existem 14 Manus em cada "Dia de Brahmâ".[204] Um Dia de Brahmâ consiste de 1.000 conjuntos de quatro eras, ou 1.000 "Grandes Eras", Mahayugas. Analisemos agora o termo "Manu". Os orientalistas e seus dicionários dizem que a palavra "Manu" vem da raiz "Man" [205], "pensar", de onde vem a ideia de "homem pensante". Mas esotericamente cada Manu, como protetor antropomorfizado do seu ciclo (ou Ronda) especial, é apenas a ideia personificada do "Pensamento Divino" (como o "Pimander" hermético). Cada Manu é, portanto, o deus especial, o criador e o modelador de tudo o que aparece durante o seu próprio e respectivo ciclo de existência ou Manvântara. Fohat é o mensageiro dos Manus (ou Dhyan-Chohans), e faz com que os protótipos ideais se expandam de dentro para fora - isto é, faz com que eles atravessem gradualmente todos os planos numa escala descendente desde o númeno até o fenômeno mais inferior, para finalmente florescer no último plano e no máximo da objetividade - o ponto extremo da ilusão, a matéria mais densa.

ESTÂNCIA III - Continuação.

2.A vibração se propaga, tocando com sua asa rápida (*simultaneamente*) **o universo inteiro e o germe que reside na escuridão: a escuridão que respira** (*movimenta-se*) **sobre as águas adormecidas da vida.** (*a*)

(*a*) Também se diz da Mônada Pitagórica que ela permanece sozinha e na escuridão, como o "germe". A ideia de que a "respiração" da Escuridão se movimenta sobre "as águas adormecidas da vida", que é a matéria primordial com o Espírito latente, evoca o primeiro capítulo do Gênesis. O seu original é o Narayana bramânico (aquele que se move sobre as águas), a personificação da Respiração eterna do Todo

[204] O leitor deve levar em conta, no entanto, que há diversos tipos de manvântara, e não um só. (Nota do Tradutor)

[205] "Man" significa "homem" em inglês; e também é a raiz da palavra "humanidade". Além disso, a sílaba "man" sugere a palavra "mente". "Mens" significa "mente" em latim, como vemos no ditado "*mens sana in corpore sano*", que significa "mente sã em corpo saudável". (Nota do Tradutor)

inconsciente (ou Parabrahm), dos Ocultistas orientais. As Águas da Vida, ou Caos, que no simbolismo correspondem ao princípio feminino, são o vácuo (do ponto de vista da nossa percepção mental) no qual estão o Espírito e a Matéria latentes. Foi isso que fez Demócrito afirmar, seguindo seu instrutor Leucipo, que os princípios primordiais de tudo eram átomos e um vácuo, no sentido de espaço, mas não de espaço vazio, porque "a Natureza detesta o vazio", de acordo com os peripatéticos e com todos os filósofos antigos.

A "Água" cumpre, em todas as Cosmogonias, o mesmo papel importante. Ela é a base e a fonte da existência material. Os cientistas, confundindo o nome com a coisa, definiram "água" como a combinação química específica de oxigênio e hidrogênio, dando assim um significado específico a um termo usado pelos Ocultistas em um sentido genérico, e que em Cosmogonia é utilizado com um significado místico e metafísico. O gelo não é água, nem é vapor, embora todos os três tenham exatamente a mesma composição química.

ESTÂNCIA III - Continuação.

3.A "escuridão" irradia a luz, e a luz lança um raio solitário nas águas, na profundeza da mãe. O raio atravessa o ovo virgem. O raio faz com que o ovo eterno estremeça e lance de si o germe não-eterno (*periódico*)**, que se condensa no ovo do mundo.** (*a*)

(*a*) O "raio solitário lançado na profundeza da mãe" pode significar que o Pensamento Divino ou a Inteligência Divina impregna o Caos. Isso, no entanto, ocorre no plano da abstração metafísica, ou, mais precisamente, no plano em que aquilo que nós chamamos de abstração metafísica é realidade. O ovo virgem é num sentido abstrato a condição-de-ovo, ou o poder de desenvolver-se através da fecundação, e é portanto eterno e sempre igual. E assim como a fecundação de um ovo ocorre antes de ele ser posto, também o germe periódico e não-eterno, que se transforma mais tarde no simbolismo do ovo do mundo, contém em si, quando emerge, "a promessa e a potência" de todo o Universo. Embora a ideia *em si mesma* seja, naturalmente, uma abstração, uma expressão simbólica, ela é um símbolo real porque sugere a noção da infinitude como um círculo infinito. Ela traz para a visão mental a imagem do Cosmo emergindo do espaço ilimitado, no espaço ilimitado; um Universo que é tão destituído de fronteiras em seu tamanho como na sua manifestação objetiva. A imagem de um ovo também expressa o fato, ensinado em Ocultismo, de que a forma primordial de tudo o que é manifestado, desde um átomo a um globo, desde um ser humano até um anjo, é esferoidal. Em todas as nações, a esfera tem sido o símbolo da eternidade e da infinitude - uma serpente engolindo sua própria cauda. Para compreender o seu significado, no entanto, deve-se pensar a esfera como se ela fosse vista desde o seu centro. O campo de visão ou de pensamento é como uma esfera. Os seus raios saem do nosso ser em todas as direções e vão até o espaço exterior, abrindo visões ilimitadas ao nosso redor. Ela é o círculo simbólico de Pascal e dos Cabalistas, "cujo centro está em toda parte, e

cuja circunferência não está em parte alguma", uma noção que faz parte desta imagem.

O "Ovo do Mundo" talvez seja um dos símbolos mais adotados universalmente, e é altamente sugestivo, tanto no sentido espiritual como no sentido fisiológico e cosmológico. Ele é encontrado, portanto, em todas as teogonias universais, e é amplamente associado ao símbolo da serpente. Esta última é em toda parte, em filosofia como em simbolismo religioso, um emblema da eternidade, da infinitude, da regeneração e do rejuvenescimento, assim como da sabedoria. (Veja "A Adoração da Árvore, da Serpente e do Crocodilo", na Parte II deste Volume I.) O mistério da aparente autogeração e da evolução a partir do seu próprio poder criador repete, no ovo, em miniatura, o processo da evolução cósmica. O fato de que os dois processos se devem ao calor e à umidade sob o efluxo do espírito criador invisível justifica amplamente a escolha deste símbolo bastante expressivo. O "Ovo Virgem" é o símbolo microcósmico do protótipo macrocósmico - a "Mãe Virgem" - o Caos ou a Profundeza Primordial. O Criador masculino (seja qual for o nome dado a ele) surge da fêmea Virgem, a raiz imaculada que frutificou por causa do Raio. Quem, entre os que estão familiarizados com astronomia e ciências naturais, pode deixar de perceber que isso é altamente sugestivo? O Cosmos como Natureza receptiva é um ovo fecundado, e no entanto imaculado; uma vez que seja visto como infinito, ele só pode ser representado sob uma forma esferoidal. O Ovo de Ouro era rodeado por sete elementos naturais (o éter, o fogo, o ar, a água), "quatro disponíveis, três secretos". Isso é encontrado no *Vishnu Purana*, obra em que os elementos são chamados de "envelopes" e em que um *secreto* é acrescentado: "Aham-kara". (Veja *Vishnu Purana*, de Wilson, Livro I, p. 40.) O texto original não tem "Aham-kara": ele menciona sete elementos sem especificar os últimos três. (Veja "O Ovo do Mundo", na Parte II deste volume I.)

ESTÂNCIA III - Continuação.

4.(*Então*) **o três** (*o triângulo*) **cai no quatro** (*o quaternário*)**. A essência radiante converte-se em sete por dentro, sete por fora.** (*a*) **O ovo luminoso** (*Hiranyagarbha*)**, que é três em si mesmo** (*as três hipóstases de Brahmâ, ou Vishnu, os três "Avasthas"*)**, coagula e espalha, em coalhos [206] brancos como o leite, por todas as profundezas da mãe, a raiz que cresce no oceano da vida.** (*b*)

(*a*) É nosso dever explicar o uso de figuras geométricas e as frequentes alusões a números em todas as escrituras antigas (veja os Puranas, os papiros egípcios, o "Livro dos Mortos" [207], e mesmo a Bíblia). No "Livro de Dzyan", assim como na

[206] Coalhos, ou coágulos. (Nota do Tradutor)

[207] "Livro dos Mortos". Esta é uma alusão ao Livro dos Mortos do Egito antigo. O chamado "Livro Tibetano dos Mortos", ou "Bardo Thodol", é uma obra ilegítima. Veja a propósito, nos websites associados, os artigos "**A Teosofia e o Bardo Thodol**", de Carlos Cardoso Aveline, e "**O Livro Tibetano dos Mortos é Ningma**", de John Garrigues. (Nota do Tradutor)

Cabala, há duas espécies de numerais a serem estudados: os algarismos comuns, que às vezes servem apenas para despistar, e os Números Sagrados, cujos valores são todos conhecidos pelos Ocultistas através da Iniciação. Os primeiros são apenas hieróglifos convencionais, os últimos são os símbolos básicos para tudo. Isto é, os primeiros são apenas físicos, os outros, puramente metafísicos. A relação entre os dois grupos de numerais é semelhante à relação entre a matéria e o espírito: os polos extremos da substância ÚNICA.

Como Balzac, o Ocultista inconsciente da literatura francesa, diz em algum lugar, o Número é para a mente a mesma coisa que para a matéria: "um agente incompreensível". (Talvez seja isso para o profano: nunca para a mente do Iniciado.) O Número, segundo pensava o grande escritor, é uma Entidade, e, ao mesmo tempo, é uma Respiração que emana do que ele chamava de Deus e nós chamamos de TODO; a respiração que podia, só ela, organizar o Cosmos físico, "onde nada obtém sua forma exceto através da Divindade, que é um efeito do Número". É instrutivo citar as palavras de Balzac sobre este tema:

"Não é verdade que as menores criações, assim como as imensamente grandes, podem ser diferenciadas umas das outras por suas quantidades, por suas qualidades, suas dimensões, suas forças e atributos, fatores estes que são produzidos, todos, pelo NÚMERO? A infinitude dos Números é um fato comprovado para a nossa mente, mas dele nenhuma prova pode ser dada fisicamente. O matemático nos diz que a infinitude dos números existe mas não pode ser demonstrada. Deus é um número dotado de movimento, fato que é percebido mas não pode ser demonstrado. *Visto como unidade, ele começa os números, com os quais nada tem em comum* ..... A existência do Número depende da Unidade, a qual, sem um só Número, produz eles todos ..... O quê? Sendo incapaz de medir a primeira abstração dada a você pela Divindade, ou mesmo de compreendê-la, você ainda tem esperança de submeter aos seus cálculos o mistério das Ciências Secretas que emanam daquela Divindade? ..... E o que você sentiria, se eu o lançasse ao abismo do MOVIMENTO, a força que organiza o Número? O que pensaria, se eu acrescentasse que o *Movimento* e o *Número* [208] são produzidos pela PALAVRA, a Razão Suprema dos Videntes e Profetas, os quais, nos tempos antigos, percebiam a poderosa Respiração de Deus, conforme indicado no Apocalipse?"

(*b*) "A essência radiante coagulou e espalhou-se pelas profundezas" do Espaço. Desde um ponto de vista astronômico, a explicação disso é fácil: trata-se da "Via Láctea", a substância do mundo, ou a matéria primordial na sua primeira forma. É mais difícil, no entanto, explicá-la em poucas palavras, ou mesmo em poucas linhas, desde o ponto de vista da Ciência e do Simbolismo Ocultos, porque esta é a mais complicada das imagens. Ela contém em si mais de uma dúzia de significados.

[208] O Número, sim, mas o MOVIMENTO, nunca. É o *Movimento* que produz o Logos, a Palavra, em ocultismo. (Nota de H. P. Blavatsky)

Para começar, todo o panteão de objetos misteriosos [209] dos quais cada um possui um significado Oculto definido, a partir da simbólica "agitação do oceano" provocada pelos deuses hindus. Além de *Amrita*, a água da vida ou da imortalidade, "*Surabhi*", a "vaca da abundância", chamada de "fonte do leite e dos coalhos"[210], foi extraída deste "Mar de Leite". Daí surge a adoração universal da vaca e do touro; ela, o poder produtivo: ele, o poder gerador da Natureza. Os dois símbolos estão ligados tanto às divindades solares como às divindades cósmicas. Como as propriedades específicas para propósitos ocultos das "catorze coisas preciosas" são explicadas somente na quarta iniciação, não podem ser dadas aqui; mas algo pode ser dito. O "Satapatha Brahmana" afirma que o bater do "Oceano de Leite" [211] ocorreu em Satya Yuga, a primeira era logo após o "Dilúvio". No entanto, nem o Rig-Veda nem o Manu - ambos anteriores ao "dilúvio" de Vaivasvata, o da maior parte da Quarta Raça - mencionam este dilúvio. É evidente, portanto, que o dilúvio mencionado aqui não é o "grande" dilúvio, nem o dilúvio que levou consigo Atlântida, nem mesmo o dilúvio de Noé. Este "bater" do oceano está ligado a um período anterior à formação da Terra, e se relaciona diretamente com outra lenda universal, cujas várias versões contraditórias culminaram no dogma cristão da "Guerra no Céu" e da queda dos Anjos. (Veja o volume II da presente obra, e também o capítulo XII do Apocalipse.) Os Brahmanas, criticados pelos orientalistas porque suas versões sobre estes temas com frequência contradizem umas às outras, *são obras essencialmente ocultas*, e sua linguagem é usada, portanto, como forma de despistar o público mal informado. Só foi permitido que os Brahmanas permanecessem junto ao público e fossem de propriedade comum apenas porque eles eram absolutamente ininteligíveis para as massas. De outro modo teriam saído de circulação já na época de Akbar. [212]

ESTÂNCIA III - Continuação.

5.A raiz permanece, a luz permanece, os coalhos permanecem, e, ainda, Oeaohoo (*a*) **é um.** (*b*)

(*a*) OEAHOO é descrito como "*Pai-Mãe dos Deuses*" nos Comentários, ou como o SEIS EM UM, *ou a raiz setenária de onde tudo surge*. Tudo depende do acento que é dado a estas sete vogais, que podem ser pronunciadas como *uma*, como três, ou como sete sílabas, acrescentando-se um "e" depois da letra "o". Este nome místico é

[209] As "catorze coisas preciosas". A narrativa ou alegoria faz parte do Satapatha Brahmana e de outras escrituras. A Ciência Secreta japonesa dos místicos budistas, a *Yamabooshi*, tem "sete coisas preciosas". Falaremos delas mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

[210] Coalhos, ou coágulos. (Nota do Tradutor)

[211] O bater do Oceano de Leite: a metáfora se refere ao modo como se bate o leite para produzir a manteiga, ou seja, fazer com que ele adote uma forma mais densa. Este "bater" é também chamado de "malaxar". (Nota do Tradutor)

[212] Como vimos anteriormente, Akbar foi um imperador muçulmano da Índia, que estimulava as artes, a ciência e a literatura. Reinou nos séculos 16 e 17. (Nota do Tradutor)

revelado porque sem um domínio completo da sua pronúncia tríplice ele permanece sempre sem efeito.

(*b*) Isso se refere à Não-Separação de tudo o que vive e existe, seja em estado ativo ou passivo. Em certo sentido, Oeaohoo é a "Raiz Sem Raiz de Todas as Coisas", sendo portanto um com Parabrahmam; em outro sentido, ele é um nome para a VIDA UNA manifestada, a Unidade Eterna e viva. A ideia de "Raiz" significa, como foi explicado, puro conhecimento (*Sattva*) [213], a realidade eterna (*Nitya*) e incondicionada, ou SAT (*Satya*), quer nós a chamemos de Parabrahmam ou de Mulaprakriti, porque estes são dois aspectos do UNO. A "Luz" é o mesmo Raio Espiritual Onipresente, que penetrou e agora fecundou o Ovo Divino, e faz com que a matéria cósmica comece a sua longa série de diferenciações. Os coalhos são a primeira diferenciação, e provavelmente se referem também àquela matéria cósmica que se supõe ser a origem da "Via Láctea" - a matéria que nós conhecemos. Esta "matéria", segundo a revelação recebida dos primeiros Dhyani-Buddhas, é, durante o sono periódico do Universo, do mais alto grau de sutileza perceptível ao olhar do perfeito Bodhisatva. Esta matéria, fria e radiante [214], se espalha, ao primeiro redespertar da movimentação cósmica, por todo o Espaço. Quando vista desde a Terra, ela aparece em enxames [215] e acumulações, como coalhos em leite magro. Estas são as sementes dos mundos futuros, "a substância das estrelas".

ESTÂNCIA III - Continuação.

6.A raiz da vida estava em cada gota do oceano da imortalidade (*Amrita*) [216] **, e o oceano era luz radiante, que era fogo, e calor, e movimento. A escuridão se desfez e não existiu mais [217]; ela desapareceu na sua própria essência, o corpo de fogo e água, ou pai e mãe.** (*a*)

---

[213] O termo original para Compreensão é *Sattva*, que Shankara (acharya) chama de *antahkarana*. "Compreensão refinada", diz ele, "por sacrifícios e outras operações santificadoras". No *Katha*, p. 148, Shankara diz que Sattva significa *buddhi* - um uso comum da palavra. (*"The Bhagavatgita with The Sanatsugatiya and the Anugita"*, tradução ao inglês de Kashinath Trimbak Telang, M.A.; editado por Max Müller.) Sejam quais forem os significados que as várias escolas possam atribuir ao termo, *Sattva* é o nome dado entre os estudantes Ocultos da Escola Aryasanga à Mônada dual ou Atma-buddhi, e Atma-Buddhi neste plano corresponde a Parabrahm e Mulaprakriti no plano mais elevado. (Nota de H. P. Blavatsky)

[214] "Radiante". Temos "radical" na edição original da obra. H.P.B. assinalou o erro dos editores em reunião realizada em Londres no dia 28 de fevereiro de 1889, e cuja transcrição foi publicada. Ela esclareceu que o correto é "radiante". Veja o volume "The Secret Doctrine Dialogues" (Theosophy Co., Los Angeles, 2014, 722 pp.), p. 226. (Nota do Tradutor)

[215] Enxames. E na astronomia atual temos os conceitos de "enxames de estrelas", "enxames de galáxias, e "superenxames de galáxias". (Nota do Tradutor)

[216] Amrita é "imortalidade". (Nota de H. P. Blavatsky)

[217] Veja o primeiro comentário a esta Estância. (Nota de H. P. Blavatsky)

(*a*) Como a essência da escuridão é luz absoluta, a Escuridão é encarada como a representação alegórica adequada para a condição do Universo durante o Pralaya, o período de absoluto descanso, de não-ser, do ponto de vista das nossas mentes finitas. O "fogo", o "calor", e o "movimento" de que se fala aqui não são, naturalmente, o fogo, o calor e o movimento da ciência física, mas as abstrações subjacentes, os númenos, ou a alma, da essência destas manifestações materiais - as "coisas em si", que, como a ciência moderna confessa, escapam completamente aos instrumentos do laboratório, e que mesmo a mente não consegue captar, embora tampouco possa evitar a conclusão de que essas essências subjacentes devem existir. O Fogo e a Água, ou Pai [218] e Mãe podem ser vistos aqui como significando o Raio divino e o Caos. "O Caos, obtendo uma capacidade de sentir a partir desta união com o Espírito, brilhou com prazer, e assim foi produzido o Protogonos (a luz primogênita)", segundo afirma um fragmento de Hérmias. Damáscio [219] o chama de "Dis" em sua "Teogonia" - "o que ordena todas as coisas". (Veja "Ancient Fragments", de Cory, p. 314.)

De acordo com os ensinamentos rosacruzes tal como transmitidos e explicados pelos profanos - e esta vez corretamente, ainda que apenas em parte - "a Luz e a Escuridão são idênticas em si mesmas, sendo divisíveis apenas na mente humana". Segundo Robert Fludd, "a escuridão adotou a luz para tornar-se visível". (*On Rosenkranz.*) O Ocultismo Oriental afirma que a ESCURIDÃO é a única realidade verdadeira. Ela é a base e a origem da luz, sem a qual esta última jamais poderia manifestar-se, nem mesmo existir. A luz é matéria, e a ESCURIDÃO é o Espírito puro. Na sua base metafísica radical, a Escuridão é luz absoluta e subjetiva; enquanto que a luz, apesar de todo o seu brilho e sua glória aparentes, constitui apenas uma massa de sombras, porque nunca pode ser eterna e é simplesmente uma ilusão ou Maya.

Mesmo no Gênesis, que nega a ciência e confunde a mente, a luz é criada a partir da escuridão [220], "e havia escuridão sobre a face do abismo" (capítulo 1, versículo 2), e não *vice-versa*. "A vida estava nele (na escuridão) e a vida *era a luz dos homens*." (João, I, 4) Pode acontecer que um dia os olhos dos homens se abram e eles compreendam melhor do que hoje aquele versículo do Evangelho de João que diz: "A luz resplandece na escuridão, e a escuridão não a compreende". [221] A humanidade verá então que a palavra "escuridão" não se aplica à visão espiritual do ser humano, mas à "Escuridão" absoluta, que não compreende a luz transitória, não pode ter uma visão cognitiva dela, por mais transcendente que ela seja para a visão dos humanos. *Demon est Deus inversus*. O demônio é agora chamado de Escuridão

[218] O verdadeiro nome não pode ser dado. Veja o texto "Kwan-Shi-Yin", na Parte II deste volume I. (Nota de H. P. Blavatsky)

[219] Damáscio - Filósofo neoplatônico nascido em torno de 458 da era cristã. Ensinou em Atenas. (Nota do Tradutor)

[220] Gênesis, 1:3-4, afirma: "Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez a separação entre a luz e as trevas." (Nota do Tradutor)

[221] João, I, 5. (Nota do Tradutor)

pela Igreja, enquanto que na Bíblia ele é chamado de "Filho de Deus" (veja o livro de Jó), a clara estrela da madrugada, Lúcifer (leia Isaías). Há toda uma filosofia dogmática atrás do fato de que o primeiro Arcanjo, surgido das profundezas do Caos, foi chamado de Lux (Lúcifer), o "Filho Luminoso da Manhã", isto é, da aurora manvantárica. Ele foi transformado pela igreja em Lúcifer ou Satã, porque ele era mais elevado e mais velho que Jeová, e tinha que ser sacrificado no surgimento do novo dogma. (Veja o Volume II.)

ESTÂNCIA III - Continuação.

7.Observa, ó Lanu! [222] O filho radiante dos dois, a Glória resplandecente sem igual: o Espaço Claro, filho do Espaço Escuro, que emerge das profundezas das grandes Águas Escuras. É Oeaohoo, o mais jovem, o * * * (*que agora conheces como Kwan-Shi-Yin - ver Comentário*). (*a*) **Ele brilha como o Sol [223]. Ele é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria. O Eka é Chatur** (*quatro*)**, e o Chatur toma para si o Três , e a União produz o Sapta** (*sete*), **no qual está o sete que se torna o Tridasa [224]** (*os três vezes dez*) **[225], as hostes e as multidões.** (*b*) **Observa como ele ergue o Véu e como o desdobra desde o Leste até o Oeste. Ele oculta o que está acima, e deixa o que está abaixo ser visto como a grande Ilusão. Ele marca os lugares para os seres luminosos** (*as estrelas*)**, e transforma o mais elevado** (*o espaço*) **num Mar de Fogo que não tem praias, e faz com que o Único** (*elemento*) **manifestado se transforme nas Grandes Águas.** (*c*)

---

[222] Um Lanu é um estudante, um chela que estuda Esoterismo prático. (Nota de H. P. Blavatsky)

[223] O leitor deve levar em conta que a transcrição das Estâncias (estrofes) e de seus slokas (versos), feita em meio aos Comentários, não é necessariamente igual ao texto das Estâncias apresentado antes. Há com frequência diferenças e elas podem ser significativas. Este sloka número 7, por exemplo, está todo ele bastante distinto. Na transcrição completa e sem comentários das Estâncias feita mais acima neste volume I, temos neste ponto (p. 29 do original em inglês): "Ele brilha como o filho". Porém, na presente página, em que o sloka é transcrito junto a seus comentários, temos "Ele brilha como o Sol" (p. 71 do original em inglês). As palavras "Filho" e "Sol" possuem grafia e som parecidos em inglês: "Son" e "Sun". Não por acaso, na mística cristã, o "filho de Deus" é como um "Sol". (Nota do Tradutor)

[224] A palavra "Tri-dasa" ou três vezes dez (30) se refere às divindades védicas, em números redondos, ou, mais precisamente, 33 - um número sagrado. Tais deuses são os 12 Adityas, os 8 Vasus, os 11 Rudras e os 2 Aswins, os filhos gêmeos do Sol e do Céu. Este é o número original do Panteão hindu, que enumera 33 "crores" (ou 330 milhões) de deuses e deusas. (Nota de H. P. Blavatsky)

[225] Na nota anterior, sobre Tridasa, HPB menciona os "Aswins" ou "Ashvins", dois Kumaras da mitologia védica. Estes deuses andam pelo cosmo a cavalo (isto é, possuem veículos físicos), e simbolizam a aurora e o anoitecer. (Nota do Tradutor)

(*a*) O "Espaço Claro, filho do Espaço Escuro" corresponde ao Raio que caiu quando houve a primeira vibração da nova "Aurora" nas grandes profundezas cósmicas, de onde ele emerge outra vez diferenciado como Oeaohoo, o mais jovem (a "nova VIDA"), para tornar-se, no fim do seu ciclo vital, o germe de todas as coisas. Ele é "o homem Incorpóreo que contém em si mesmo a Ideia divina", ou o gerador de Luz e de Vida, para usar uma expressão de Fílon de Alexandria. Ele é chamado de "Dragão Resplandecente da Sabedoria" porque, em primeiro lugar, ele é aquilo que os filósofos gregos chamavam de Logos, o *Verbum* do Pensamento Divino; e, em segundo lugar, porque para a filosofia esotérica esta primeira manifestação, sendo a síntese ou o agregado da Sabedoria Universal, Oeaohoo, "o Filho do Filho", contém em si as Sete Hostes Criadoras (os Sefirotes) e é, portanto, a essência da Sabedoria manifestada. "Aquele que é banhado pela luz de Oeaohoo nunca será enganado pelo véu de Maya."

Kwan-Shi-Yin é idêntico e equivalente a *Avalokitesvara* (termo sânscrito), e como tal é uma divindade andrógina, como o Tetragrammaton e todos os Logoi [226] da antiguidade. Só algumas seitas da China dão forma humana a Kwan-Shi-Yin, e o apresentam com características femininas.[227] Ao assumir aspecto feminino ele se torna Kwan-Yin, a deusa da compaixão, conhecida como "a Voz Divina".[228] Esta última é a divindade protetora do Tibete e da ilha de Putuo, na China, onde há

---

[226] Assim, todos os deuses mais elevados da antiguidade são "Filhos da Mãe", antes de se tornarem "Filhos do Pai". Os Logoi, como Júpiter ou Zeus, filho de Cronos-Saturno, "Tempo Infinito" (ou Kala), eram representados em sua origem como machos-fêmeas. Afirma-se de Zeus que ele era "a bela Virgem", e Vênus aparece com barba. Apolo é originalmente bissexual, assim como Brahma-Vach em Manu e nos Puranas. Osíris é intercambiável com Ísis, e Hórus é dos dois sexos. Finalmente, no Apocalipse, a visão de São João sobre o Logos, que agora é associada a Jesus, é hermafrodita, porque a figura é descrita como tendo peitos de mulher. O mesmo ocorre com Tetragrammaton = Jehovah. Mas existem dois Avalokitesvaras no Esoterismo: o primeiro e o segundo *Logos*. (Nota de H. P. Blavatsky)

[227] Nenhum símbolo religioso pode evitar profanação ou ridicularização em nossos dias de política e de ciência. No sul da Índia, a autora viu um nativo convertido ao catolicismo fazendo homenagens e oferendas diante de uma estátua de Jesus vestido com roupas de mulher e com um anel em seu nariz. Ao perguntar o significado daquilo, foi-nos dito que se tratava de Jesus e Maria combinados em uma só figura, e que isso era feito com a permissão dos padres, porque o zeloso recém-convertido não tinha dinheiro para comprar duas estátuas - ou "ídolos", para usar o termo muito adequado empregado por uma testemunha, também hindu mas não convertida ao catolicismo. O gesto parecerá uma blasfêmia para um cristão dogmático, mas o teosofista e o ocultista devem reconhecer que há uma lógica na atitude do hindu convertido. O Cristo esotérico na *Gnose* é naturalmente destituído de sexo, mas na *teologia* exotérica ele é macho e fêmea. (Nota de H. P. Blavatsky)

[228] A *Sofia* gnóstica, "Sabedoria", que é também "A Mãe" do Ogdoad (Aditi, em certo sentido, com seus oito filhos), é o Espírito Santo e o Criador de tudo, como nos sistemas antigos. O "pai" é uma invenção muito posterior. O primeiro Logos manifestado era em todos os lugares feminino - a mãe dos sete poderes planetários. (Nota de H. P. Blavatsky)

grande número de monastérios dedicados a estas duas divindades. [229] (Veja a Parte II do volume I, "Sobre Kwan-Shi-Yin e Kwan-Yin".)

(*b*) O "Dragão da Sabedoria" é o Um, o "Eka" (sânscrito) ou Saka. É curioso o fato de que o nome de Jeová em hebraico também significa Um, Echod. "Seu nome é Echod", dizem os Rabinos. Os filólogos deveriam decidir qual dos dois deriva do outro, linguisticamente e simbolicamente: a fonte não será o sânscrito? O "Um" e o Dragão são expressões usadas pelos antigos em relação aos seus respectivos Logoi. Jeová - esotericamente (como Elohim) - é também a serpente ou Dragão que tentou Eva, e o "Dragão" é um velho símbolo da "Luz Astral" (o Princípio Primordial), "que é a Sabedoria do Caos". A filosofia arcaica não reconhece nem o Bem nem o Mal como um poder fundamental ou independente, mas os vê como princípios que emergem do TODO Absoluto (a eterna Perfeição Universal), e percorrem o curso natural de evolução até a pura Luz, se condensam gradualmente em formas, fazendo surgir assim a Matéria ou o Mal. Coube aos primeiros e ignorantes pais da cristandade degradar a ideia altamente filosófica e científica desta imagem simbólica (o Dragão) até transformá-la na superstição absurda chamada de "Diabo". Tiraram a ideia dos zoroastristas mais recentes, que viam diabos ou o Mal nos Devas hindus, e a palavra Mal tornou-se então através de uma dupla transmutação o Diabo em todas as línguas (Diabolos, Diable, Diavolo, Teufel). Mas os pagãos sempre preservaram um discernimento filosófico em seus símbolos. O símbolo primitivo da serpente representava a Sabedoria divina e a Perfeição, e sempre significou a Regeneração psíquica e a Imortalidade. Assim, Hermes qualificou a serpente como o mais espiritual de todos os seres; Moisés, iniciado na sabedoria de Hermes, fez o mesmo no Gênesis; a Serpente Gnóstica tem as sete vogais sobre sua cabeça e é um emblema das sete hierarquias dos Criadores Setenários ou Planetários. Por isso temos também a serpente hindu Sesha ou Ananta, "o Infinito", um nome de Vishnu, cujo primeiro Vahan ou veículo nas águas primordiais é esta serpente. [230] No entanto todos eles estabelecem uma diferença entre a boa e a má Serpente (a Luz Astral dos Cabalistas), sendo a primeira a expressão da Sabedoria divina na região do Espiritual, e a segunda, o Mal, no plano da matéria. [231] Jesus aceitou a serpente como um sinônimo de Sabedoria, e isso faz parte do seu ensinamento: "sejam sábios

---

[229] Veja "Chinese Buddhism", do Rev. J. C. Edkins, que sempre fornece fatos corretos, embora as suas conclusões sejam frequentemente errôneas. (Nota de H. P. Blavatsky)

[230] Assim como os *logoi* e as Hierarquias de Poderes, no entanto, as "Serpentes" devem ser diferenciadas uma da outra. Sesha ou Ananta, "o veículo de Vishnu", é uma abstração alegórica simbolizando o Tempo infinito no Espaço, que contém o germe e que lança de si periodicamente a florescência deste germe, o Universo *manifestado*; enquanto que a *Ofis* gnóstica continha o mesmo tríplice simbolismo nas suas sete vogais, como o *Oeaohoo* de uma, três e sete sílabas da doutrina arcaica; isto é, o Logos Uno Imanifestado, o Segundo manifestado, o triângulo manifestando-se no Quaternário ou Tetragrammaton, e os raios deste último no plano material. (Nota de H. P. Blavatsky)

[231] A Luz Astral ou Éter dos antigos pagãos (porque o nome Luz Astral é bastante moderno) é Espírito-Matéria. Começando com o plano puramente espiritual, a Luz Astral se torna mais densa à medida que desce até tornar-se *Maya* ou a serpente tentadora e ardilosa em nosso plano. (Nota de H. P. Blavatsky)

como as serpentes" [232], diz ele. "No começo, antes que a Mãe se tornasse Pai-Mãe, o Dragão de fogo se movimentava sozinho pelas infinitudes" (*Livro de Sarparajni*). O Brahmana Aitareya chama a Terra de Sarparajni, "a Rainha Serpente", "Mãe de tudo o que se movimenta". Antes que o nosso globo adotasse a forma de um ovo (e antes que o Universo fizesse o mesmo) "uma longa trilha de pó cósmico (ou névoa de fogo) se movimentava e contorcia como uma serpente no Espaço." O "Espírito de Deus se movimentando no Caos" era simbolizado em todas as nações como tendo a forma de uma serpente ígnea, que lançava com sua respiração fogo e luz sobre as águas primordiais, até que terminava de incubar a matéria cósmica e fazia com que ela assumisse a forma de anel, como uma serpente com sua cauda em sua boca, o que simboliza não só a Eternidade e Infinitude, mas também a forma globular de todos os corpos formados dentro do universo a partir daquela névoa de fogo. O Universo, tanto como a Terra e o Ser Humano, lança de si periodicamente, como uma serpente, suas velhas peles, e adota novas peles depois de um período de descanso. A serpente seguramente não é uma imagem menos graciosa ou poética que a lagarta e a crisálida, das quais surge a borboleta, o símbolo grego da Psiquê, a alma humana. O "Dragão" era também o símbolo do Logos entre os egípcios, e entre os gnósticos. No "Livro de Hermes", Pimandro, o mais velho e mais espiritual dos Logoi do Continente Ocidental, aparece diante de Hermes na forma de um Dragão Ígneo feito de "Luz, Fogo e Chama". Pimandro, o "Pensamento Divino" personificado, diz: "A Luz sou eu, eu sou o *Nous* (a mente ou Manu), eu sou teu Deus, e sou muito mais velho que o princípio humano que escapa da sombra (a '*Escuridão*' ou Divindade oculta). Eu sou o germe do pensamento, a *Palavra* resplandecente, o *Filho* de Deus. Assim, tudo aquilo que vê e escuta, em ti, é o *Verbum* do Mestre, é o Pensamento (*Mahat*) que é Deus, o Pai.[233] O Oceano celeste, o Éter ……. é a *Respiração* do Pai, o princípio que dá vida, a *Mãe*, o Espírito Santo, ……. porque eles não estão separados, e a união deles é a VIDA."

Aqui encontramos o eco inconfundível da Doutrina Secreta Arcaica, tal como ela é exposta atualmente. Só que esta última não coloca à frente da Evolução da Vida "o Pai", que vem em terceiro lugar e é o "Filho da Mãe", mas sim "a Eterna e Incessante Respiração do TODO". O *Mahat* (a Compreensão, a Mente Universal, o Pensamento, etc.), antes de manifestar-se como Brahmâ ou Shiva [234], aparece como Vishnu, diz o *Sankhya Sara* (p. 16); portanto *Mahat* tem vários aspectos, assim como tem o *logos*. *Mahat* é chamado de *O Senhor* na *Primeira* Criação, e é, neste sentido, o Conhecimento Universal ou *Pensamento Divino*; mas "Aquele Mahat que foi produzido pela primeira vez é (mais tarde) chamado de *Ego-ísmo*, quando nasceu como um 'Eu', e esta é considerada a *segunda* Criação" (*Anugita*, capítulo

[232] Mateus, 10: 16. (Nota do Tradutor)

[233] A expressão "Deus, o Pai" se refere indiscutivelmente ao sétimo princípio no Homem e no Cosmos. Este princípio é inseparável em sua essência e natureza do sétimo princípio cósmico. Em certo sentido, é o Logos dos gregos e o Avalokitesvara dos budistas esotéricos. (Nota de H. P. Blavatsky)

[234] Como vimos no Proêmio, *Brahma*, neutro, é o Universo oculto e imanifestado; e *Brahmâ* é o manifestado, o Criador, masculino-feminino. (Nota do Tradutor)

XXVI). E o tradutor (um brâmane erudito e capacitado, e não um orientalista europeu) explica em uma nota de pé de página (6), isto é, "quando Mahat se transforma no sentimento de autoconsciência - eu -, então ele assume o nome de Egoísmo", o que, traduzido para a nossa fraseologia esotérica, significa: "quando *Mahat* é transformado no *Manas* [235] humano (ou mesmo no Manas dos deuses finitos) e alcança a condição de egoidade" [236]. O motivo pelo qual ele é chamado de *Mahat* da *segunda* Criação (ou da *nona*, a Criação do *Kumara* na obra *Vishnu Purana*) será explicado no volume II. O "Mar de Fogo" é, então, a Luz Super-Astral (isto é, numenal), a primeira radiação da *Raiz*, Mulaprakriti, a Substância Cósmica indiferenciada, que se transforma em Matéria *Astral*. Também é chamada de "Serpente Ígnea", como indicamos acima. Se o estudante levar em consideração que existe apenas um Único Elemento Universal, que é infinito, que não nasceu e não morrerá jamais, e que todo o resto, no mundo dos fenômenos, são apenas aspectos diferenciados e variações (correlações, como são chamados agora) daquele Um, desde os efeitos Cósmicos até os efeitos microcósmicos, e desde os seres super-humanos até os seres humanos e sub-humanos, a totalidade, enfim, da existência objetiva, então a primeira e principal dificuldade desaparecerá e a Cosmologia Oculta poderá ser compreendida.[237] Todos os cabalistas e ocultistas, orientais e ocidentais, reconhecem: **a)** a identidade de "Pai-Mãe" com o *Éter* primordial ou *Akasha* (Luz Astral) [238]; e **b)** a sua homogeneidade antes da evolução do "Filho", cosmicamente *Fohat*, porque *Fohat* é a eletricidade cósmica. "Fohat endurece e espalha os sete irmãos" (Livro III, Dzyan); o que significa que a Entidade Elétrica primordial - já que os Ocultistas Orientais insistem em que a Eletricidade é uma Entidade - eletrifica a substância primordial transformando-a em vida e separa esta substância ou matéria pré-genética em átomos, os quais, por sua vez, são a fonte de toda vida e de toda consciência. "Existe um *agente único* universal de todas as formas e da vida, e ele é chamado de Od [239], Ob e Aour; é ativo e passivo, positivo e negativo, como o dia e a noite; é a primeira luz da Criação" (Eliphas Levi,

---

[235] Manas: a Mente. (Nota do Tradutor)

[236] Egoidade: *Aham*-ship no original em inglês. *Aham* indica "eu", e o sufixo "ship" significa um estado ou condição. Ou seja, "estado em que há um sentido de eu", *egoidade*. (Nota do Tradutor)

[237] Na teogonia do Egito e da Índia, havia uma divindade *oculta*, o UM, e o deus criador, andrógino. Assim, *Shoo* é o deus da criação e Osíris é, na sua forma primária original, o "deus cujo nome é desconhecido". (Veja *Abydos*, de Mariette-Bey, vol. II, p. 63, e vol. III, pp. 413, 414, número 1122.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[238] Veja a próxima nota. (Nota de H. P. Blavatsky)

[239] *Od* é a pura Luz que distribui a vida, ou fluido magnético; *Ob* é o mensageiro da morte usado pelos feiticeiros, o nefasto *mau fluido*; *Aour* é a síntese dos dois, a Luz Astral propriamente dita. Será que os filólogos podem dizer por que Od - um termo usado por Reichenbach para denominar o fluido vital - é também uma palavra tibetana que significa luz, claridade, radiância? O termo também significa "céu" em um sentido oculto. De onde vem a raiz da palavra? No entanto o *Akasha* não corresponde exatamente ao Éter, e é muito mais elevado que este último, conforme será demonstrado. (Nota de H. P. Blavatsky)

"Cabala"): - a primeira Luz dos Elohim primordiais - do Adão, "macho e fêmea", ou, em linguagem científica, ELETRICIDADE E VIDA.

(*c*) Os antigos o representavam com uma serpente, porque "Fohat sibila enquanto desliza para lá e para cá" (em ziguezague). A Cabala o representa com a letra hebraica Teth ט, cujo símbolo, a serpente, cumpria um papel tão central nos Mistérios. O seu valor universal é nove, porque é a nona letra do alfabeto e a nona porta dos cinquenta portais ou portões que levam aos mistérios ocultos do ser. É o agente mágico por excelência, e designa na filosofia hermética "a Vida transmitida à matéria primordial", a essência que compõe todas as coisas, e o espírito que determina a forma delas. Mas há duas operações herméticas secretas, uma das quais espiritual, a outra relacionada à matéria, e unidas para sempre. "Separe a terra do fogo, o sutil do sólido ……. aquilo que sobe da terra para o céu e desce de novo do céu para a terra. Isso (a luz sutil) é a força mais forte em toda força, porque vence qualquer coisa sutil e penetra em todos os sólidos. O mundo foi formado assim." (*Hermes*) [240]

Não foi só Zeno, o fundador do estoicismo, que ensinou sobre a evolução do Universo e disse que a sua substância primária é transferida do estado de fogo para o estado de ar, depois para o estado de água, etc. Heráclito de Éfeso afirmava que o princípio único subjacente a todos os fenômenos da Natureza é o fogo. A inteligência que movimenta o Universo é fogo, e fogo é inteligência. E embora Anaxímenes tenha dito o mesmo em relação ao ar, e Tales de Mileto (600 anos antes da era cristã) em relação à água, a Doutrina Esotérica reconcilia todos estes filósofos ao mostrar que embora cada um deles estivesse certo, nenhum dos seus sistemas filosóficos era completo.

ESTÂNCIA III - Continuação.

8.Onde estava o germe e onde estava agora a escuridão? Onde está o espírito da chama que arde em tua lâmpada, ó Lanu? O germe é Aquilo, e Aquilo é luz, o filho branco e brilhante do pai oculto e escuro. (*a*)

(*a*) A resposta à primeira pergunta é sugerida pela segunda pergunta, que é feita pelo instrutor como modo de responder ao aluno, e contém em uma só frase uma das verdades mais essenciais da filosofia oculta. Ela indica a existência de coisas imperceptíveis para os nossos sentidos físicos e que são de uma importância muito maior, e mais reais e mais permanentes, que as coisas que apelam a estes sentidos. Antes que o Lanu possa ter esperança de compreender o problema transcendental e metafísico contido na primeira questão, ele deve ser capaz de responder à segunda.

[240] Esta é uma versão da Tábua de Esmeralda. Outra versão, apresentada por HPB em "Ísis Sem Véu", é reproduzida no texto "**A Tábua de Esmeralda**", de Carlos Cardoso Aveline. O artigo está disponível em nossos websites associados. (Nota do Tradutor)

A própria resposta que ele der à segunda pergunta colocará ao alcance dele os elementos necessários para uma resposta correta à primeira.

No Comentário em sânscrito a esta estância, são muitos os termos usados para designar o Princípio oculto e não-revelado. No manuscrito mais antigo da literatura indiana, esta Divindade Não-Revelada e Abstrata não tem nome. É geralmente chamada de "*Aquilo*" (*Tad* em sânscrito), e significa tudo o que existiu, existe ou existirá, ou que pode ser percebido como tal pela mente humana.

Entre as diversas designações - que são dadas, naturalmente, apenas em filosofia esotérica e incluem expressões como "Escuridão Insondável", "Redemoinho de Vento", etc. - são também usadas as palavras "Isso do Kalahansa, o Kala-ham-sa", e mesmo "Kali Hamsa" (cisne preto). Aqui o *m* e o *n* são convertíveis, e ambos soam como o *an* e o *am* nasais em francês, ou ainda como o *en* e o *em* (*Ennui*, *Embarras*, etc.). Como no caso da Bíblia hebraica, um grande número de nomes sagrados misteriosos em sânscrito soam ao ouvido profano como uma palavra comum e frequentemente vulgar, porque está ocultada de modo anagramático ou de alguma outra maneira. Isso é exatamente o que ocorre com a palavra *Hansa* ou, esotericamente, "hamsa". Hamsa é igual a a-ham-sa, três palavras que significam "eu sou ele", e que divididas ainda de outro modo significarão "So-ham" ("ele [*é*] eu"). Soham é o mesmo que Sah, "ele", e aham é "eu" ou "eu sou ele". Nesta ideia - para aquele que compreende a linguagem divina - está contido o mistério universal, a doutrina da identidade do ser humano essencial com a essência divina. Por isso há o símbolo e a alegoria de Kalahansa (ou hamsa), assim como o nome dado a Brahma neutro (e mais adiante ao Brahmâ masculino), que é "Hansa-Vahana" ou "aquele que usa Hansa como seu veículo". A mesma palavra pode ser lida como "Kalaham-sa", ou "eu sou eu" na eternidade do tempo, em resposta à expressão bíblica, ou melhor, zoroastrista, "eu sou o que sou". A mesma doutrina é encontrada na Cabala, conforme o testemunho do trecho reproduzido a seguir, de um manuscrito inédito do Sr. S. Liddell McGregor Mathers, o erudito cabalista:

"Os três pronomes **נ א ה, ה ת א, י י א**, Hoa, Atah, Ani, ou Ele, Tu, Eu, são usados na Cabala Hebraica para simbolizar as ideias de Macroprósopo e Microprósopo. Hoa, 'Ele', é aplicado ao Macroprósopo oculto e ocultado; Atah, 'Tu', ao Microprósopo; e Ani, 'Eu', a este último quando Ele é representado como falando. (Veja *Lesser Holy Assembly*, pp. 204 e seguintes.) Deve-se levar em conta que cada um destes nomes consiste de três letras, das quais a letra Aleph, **א**, A, forma o final da palavra Hoa, e o começo de Atah e Ani, como se fosse o elo de ligação entre elas. Mas **א** é o símbolo da Unidade e consequentemente da Ideia invariável do Divino operando através de todos estes fatores. Atrás do **א** no nome Hoa estão as letras **י** e **ה**, símbolos dos números Seis e Cinco, o Macho e a Fêmea, o Hexagrama e o Pentagrama. E os números destas três palavras, Hoa Atah Ani, são 12, 406, e 61, que

são resgatados nos números-chave 3, 10 e 7, na Cabala das Nove Câmaras, que é uma forma da regra exegética de Temura." [241]

Seria inútil tentar explicar por completo o mistério. Os materialistas e os cientistas modernos nunca o entenderão, já que para obter uma clara percepção dele é preciso em primeiro lugar admitir o postulado de uma Divindade na Natureza que é universalmente difundida, onipresente, e eterna; em segundo lugar, é necessário haver explorado o mistério da eletricidade em sua verdadeira essência; e, em terceiro lugar, é necessário ver o ser humano como o símbolo setenário, no plano terrestre, da Única Grande UNIDADE (o Logos), que é Ela Própria a palavra de sete vogais, a Respiração, cristalizada na PALAVRA.[242] Aquele que acredita em tudo isso tem também de acreditar na combinação múltipla dos sete planetas do Ocultismo e da Cabala, com os doze signos zodiacais; e atribuir, como nós fazemos, a cada planeta e a cada constelação uma influência que, nas palavras de Ely Star (um ocultista francês), "é própria sua, sendo benéfica ou maléfica [243] conforme o espírito planetário que o governa [ou a governa], e que, por sua vez, é capaz de influenciar os seres humanos e as coisas que se encontram em harmonia com ele e com os quais ele tem alguma afinidade." Por estas razões, e já que poucos acreditam no que foi mencionado acima, tudo o que pode ser dito agora é que nos vários casos o símbolo de Hansa (seja "Eu", "Ele", Ganso ou Cisne) é um símbolo importante, representando, por exemplo, a Sabedoria Divina, a Sabedoria na escuridão que fica além do alcance dos homens. Para todos os efeitos exotéricos, Hansa, como todos os hindus sabem, é um pássaro lendário que, quando recebeu como alimento leite misturado com água (na alegoria) separou os dois, bebendo o leite e deixando de lado a água, e demonstrou assim uma sabedoria inerente: o leite representa o espírito, e a água, a matéria.

---

[241] *Temura* é um dos três métodos antigos usados pelos cabalistas para alterar a sequência e combinação de palavras e frases na Bíblia, de modo a descobrir o seu significado esotérico. Os outros dois métodos são a Gematria e o Notarikon. (Nota do Tradutor)

[242] Isso é também similar à doutrina de Fichte e dos panteístas alemães. Fichte reverencia Jesus como o grande instrutor que ensinou a unidade do espírito do ser humano com o Deus-Espírito (na doutrina Advaita), ou Princípio Universal. É difícil encontrar na metafísica ocidental uma só especulação que não tenha sido antecipada pela filosofia Arcaica Oriental. Desde Kant até Herbert Spencer, tudo são ecos mais ou menos distorcidos das doutrinas gerais das filosofias Dvaita, Advaita e Vedanta. (Nota de H. P. Blavatsky)

[243] "Benéfica ou maléfica". As palavras são do ocultista francês citado por HPB. Desde um ponto de vista mais preciso, a influência de um planeta ou constelação sobre o ser humano não é benéfica ou maléfica, mas, sim, cômoda ou incômoda, fácil ou difícil, estável ou desafiante. As influências difíceis trazem provações e testes perigosos, mas cujas lições são valiosas e mesmo indispensáveis ao aprendizado humano. As influências fáceis ou harmônicas, por sua vez, podem levar a um marasmo evolutivo. Portanto, é filosoficamente pouco exato chamar as influências planetárias de *maléficas ou benéficas*. Sobre Bem e Mal, veja a Carta 88 em "Cartas dos Mahatmas", Ed. Teosófica, Brasília, volume II. (Nota do Tradutor)

O fato de que esta alegoria é muito antiga e data do período mais arcaico fica demonstrado pela menção (no Bhagavata Purana) de uma certa casta chamada de "Hamsa" ou "Hansa", que era a "única casta" *por excelência*; porque muito tempo atrás, nos registros pouco nítidos de um passado esquecido, havia, entre os hindus, apenas "um Veda, uma Divindade, e uma Casta". Existe também uma cordilheira, nos Himalaias, que é descrita nos livros antigos como situada ao norte do Monte Meru e cujo nome é "Hamsa". Ela está ligada a episódios que pertencem à história dos mistérios e das iniciações religiosas. A ideia segundo a qual Kala-Hansa é o suposto veículo de Brahmâ-Prajapati, que aparece nos textos e traduções exotéricos dos orientalistas, é completamente errada. Brahma, o neutro, é chamado por eles de Kala-Hansa, e Brahmâ, o masculino, é chamado de Hansa-Vahana, porque na verdade "seu veículo ou Vahan é um cisne ou ganso" (veja o "Hindu Classical Dictionary"). Este é um comentário puramente exotérico. Esotericamente, e do ponto de vista lógico, se Brahma, o infinito, é como os orientalistas afirmam, isto é, coerente com os textos vedantas e uma divindade abstrata que não pode ser de modo algum descrita com características humanas, e se é alegado ainda que Brahma é chamado de Kala-Hansa, então de que modo ele poderia jamais tornar-se o Vahan de Brahmâ, o deus manifestado e finito? Ocorre precisamente o contrário. O "Cisne ou Ganso" (Hansa) é o símbolo daquela divindade masculina ou temporária, assim como ele, a emanação do Raio primordial, é descrito como servindo de veículo ou Vahan para aquele Raio divino, que de outra maneira não poderia manifestar-se no Universo, já que é, como numa antífrase, ele próprio uma emanação da "Escuridão", pelo menos para o nosso intelecto. É Brahmâ, então, que corresponde a Kala-Hansa, e o Raio a Hansa-Vahana.

Quanto ao estranho símbolo escolhido, ele é igualmente sugestivo. A sua verdadeira importância mística é a ideia de uma matriz universal, representada pelas águas primordiais do "profundo", ou a abertura para a recepção e depois para a saída do único raio (o Logos) que contém em si os outros sete raios ou poderes procriativos (os logoi ou construtores). Disso surge a escolha pelos Rosacruzes do pássaro aquático - seja cisne ou pelicano [244] -, com sete filhotes, como um símbolo modificado e adaptado à religião de cada país. En-Soph [245] é chamado de "Alma Ígnea do Pelicano" no Livro dos Números [246]. (Veja a Parte II deste volume I, item

---

[244] Que o gênero do pássaro seja *cygnus*, *anser* ou *pelecanus* não importa. É um pássaro aquático flutuando ou movendo-se sobre as águas como o Espírito, e depois surgindo dessas águas para fazer com que outros seres nasçam. A verdadeira importância do símbolo do Grau Dezoito da Rosacruz é precisamente este, embora tenha sido poetizado mais adiante e transformado no sentimento materno do Pelicano que oferece seu peito para alimentar sete filhotes com seu próprio sangue. (Nota de H. P. Blavatsky)

[245] En-Soph: o termo também é grafado como "Ain-Soph". (Nota do Tradutor)

[246] A razão por que Moisés proíbe comer carne de pelicano e de cisne, classificando os dois animais como aves impuras, e permite comer "locustídeos, besouros, e os gafanhotos segundo sua espécie" (Levítico XI, e Deuteronômio, XIV) é puramente fisiológica, e se relaciona com a simbologia mística apenas no que se refere à palavra "impuras". Como qualquer outra palavra, esta palavra não deve ser entendida literalmente, já que tem sentido esotérico como todo o resto, e pode também significar "sagradas". É um modo de despistar,

5, “A Divindade Oculta, Seus Símbolos e Glifos”.) En-Soph aparece em cada Manvântara como Narayan, ou Swayambhuva (o Autoexistente), e penetra no Ovo do Mundo, emergindo dele no final da incubação divina como Brahmâ ou Prajapati, um progenitor do futuro Universo, no qual ele se transforma ao expandir-se. Ele é Purusha (espírito), mas ele também é Prakriti (matéria). Portanto, só depois de dividir-se em duas metades - Brahmâ-vach (a fêmea) e Brahmâ-Viraj (o macho) - é que Prajapati se torna o Brahmâ masculino.[247]

ESTÂNCIA III - Continuação.

9.A luz é uma chama fria, e chama é fogo, e o fogo produz calor, que produz água; a água da vida na grande mãe (*Caos*)**.** (*a*)

(*a*) Devemos lembrar que as palavras “Luz”, “Fogo” e “Chama”, usadas nas Estâncias, têm sido adotadas pelos tradutores a partir do vocabulário dos antigos “filósofos do Fogo” [248], para representar melhor o significado dos termos e símbolos arcaicos empregados no original. De outra maneira, eles teriam permanecido completamente ininteligíveis para o leitor europeu.[249] Mas para um leitor do Oculto os termos usados serão suficientemente claros.

Todas estas ideias - “Luz”, “Chama”, “Quente”, “Frio”, “Fogo”, “Calor”, “Água” e “água da vida” - são, em nosso plano, os filhos ou, como um físico moderno diria, as correlações da ELETRICIDADE. É uma palavra forte e um símbolo ainda mais poderoso! É o gerador sagrado de uma família não menos divina, feita de fogo - o criador, preservador e destruidor -; de luz - a essência de nossos ancestrais divinos -; e de Chama - a Alma das coisas. A Eletricidade, a Vida UNA no degrau superior do Ser, e o Fluido Astral, o Athanor dos Alquimistas, no degrau mais inferior; DEUS e o DEMÔNIO, o BEM e o MAL …….

---

e tem uma relação muito sugestiva com certas superstições. O povo russo, por exemplo, não usa pombos como alimento, não porque eles sejam “impuros”, mas porque considera-se que o Espírito Santo apareceu sob a forma de uma pomba. (Nota de H. P. Blavatsky)

[247] Em “Ísis Sem Véu” (Ed. Pensamento, SP, quatro volumes), HPB apresenta uma comparação detalhada dos sistemas cosmológicos Judaico-Caldeu, de um lado, e Hindu, de outro. Veja as pp. 223 e seguintes do volume III. À p. 238 fica claro que, assim como o Brahmâ oriental, o Jehovah judaico é masculino e feminino. (Nota do Tradutor)

[248] Não se trata dos alquimistas medievais, mas dos Magos e adoradores do fogo, dos quais os Rosacruzes ou filósofos *per ignem*, sucessores dos teurgistas, adquiriram todas as suas ideias em relação ao Fogo como elemento místico e divino. (Nota de H. P. Blavatsky)

[249] “Leitor europeu” - isto é, o leitor ocidental. A atual civilização é de origem europeia, sendo filha de civilizações orientais. Nas “Cartas dos Mahatmas” (veja por exemplo as linhas finais da Carta 24, volume I) os Mestres dos Himalaias que colaboraram na produção de “A Doutrina Secreta” com frequência se referem aos cidadãos dos países ocidentais usando o mesmo termo que empregam para designar os cidadãos europeus, “peling”. (Nota do Tradutor)

Então, por que a Luz é chamada de "chama fria" nas Estâncias? Porque na ordem da evolução cósmica (tal como é ensinado pelo Ocultista) a energia que coloca a matéria em ação depois da sua primeira formação como átomos é gerada em nosso plano por calor cósmico; e porque o Cosmos, no sentido de matéria dissociada, não existia antes daquele período. A primeira matéria primordial, eterna e simultânea com o Espaço, "que não tem nem um começo nem um final", não é "quente nem fria mas tem a sua própria natureza especial", diz o Comentário (Livro II) [250]. Calor e frio são qualidades relativas e pertencem aos reinos dos mundos manifestados, todos os quais procedem do *Hyle* manifestado, o qual, no seu aspecto absolutamente latente, é designado como "a Virgem fria", e quando despertado para a vida, como "Mãe". Os mitos cosmogônicos antigos do Ocidente afirmam que no início havia apenas uma neblina fria que era o Pai, e um lodo prolífico (a Mãe, Ilus ou Hyle), de onde rastejou a cobra-matéria do Mundo ("Ísis Sem Véu", Ed. Pensamento, Volume I, p. 217). A matéria primordial, então, antes de emergir do plano que nunca se manifesta e acordar para as vibrações da ação sob o impulso de Fohat, é apenas um "Resplendor frio, sem cor, sem forma, sem gosto, e destituído de qualquer qualidade ou aspecto." Assim também são os primeiros a nascerem dela, os "quatro filhos", "que são Um e se tornam Sete" - as entidades por cujas qualificações e nomes os antigos Ocultistas Orientais chamavam os quatro dos sete "centros de Forças" primordiais, ou átomos. Estes centros se desenvolveram mais tarde nos grandes "Elementos" Cósmicos, agora divididos nos cerca de setenta subelementos conhecidos pela ciência. As quatro naturezas primordiais dos primeiros Dhyan Chohans são (por falta de nomes melhores) a "Akáshica", a "Etérea", a "Aquática" e a "Ígnea". Elas correspondem na terminologia do ocultismo prático às definições científicas dos gases, que são, para transmitir uma ideia que é clara tanto para os ocultistas quanto para os leigos, parahidrogênicos [251], paraoxigênicos, oxihidrogênicos, e ozônicos, ou talvez Nitr-ozônicos. Estas forças ou gases (em Ocultismo, substâncias acima do mundo sensorial, embora feitas de átomos) são mais eficazes e ativas quando se energizam no plano da matéria mais densamente diferenciada.[252] Estas forças são tanto eletropositivas como eletronegativas.

---

[250] "Livro II". Esta é muito provavelmente uma menção ao "Livro II" do "*Livro de Dzyan*", obra esotérica que permanece inédita e é uma das fontes em que se baseia "A Doutrina Secreta". Veja por exemplo a seguinte referência dada por HPB na p. 109 da presente edição: "(Livro III, Dzyan)". (Nota do Tradutor)

[251] ***παρὰ***, "além", fora. (Nota de H. P. Blavatsky)

[252] Cada um deles e muitos outros são provavelmente os elos perdidos da Química. Eles são conhecidos por outros nomes em Alquimia e por parte dos Ocultistas que usam poderes fenomenais. É ao combinar e recombinar de certa maneira (ou ao dissociar) os "Elementos" por meio do fogo astral que os maiores fenômenos são realizados. (Nota de H. P. Blavatsky)

ESTÂNCIA III - Continuação.

10.O pai-mãe tece uma rede cuja extremidade superior fica unida ao Espírito (*Purusha*) **- a luz da Escuridão una -, e cuja extremidade inferior fica ligada à Matéria** (*Prakriti*), **o seu aspecto sombrio** (*do espírito*)**; e esta rede é o universo tecido com as duas substâncias que se tornaram uma, Svabhavat.** (*a*)

(*a*) Está escrito no Mandukya (Mundaka) Upanixade: "Assim como a aranha lança sua teia e a recolhe de volta, assim como as ervas brotam no solo ……. assim também o Universo surge daquele que não decai" (I., i., 7). Brahmâ, como "o germe da Escuridão desconhecida", é o material do qual tudo surge e se desenvolve, "assim como a teia da aranha, como a espuma da água", etc. Isso é claro e verdadeiro, se Brahmâ, o "Criador", é um termo derivado da raiz *brih*, que significa aumentar ou expandir. Brahmâ "expande" e se torna o Universo, tecido com sua própria substância.

Esta mesma ideia foi belamente colocada por Goethe, que escreveu:

"Assim, eu trabalho no tear extraordinário do Tempo,
E teço para Deus a vestimenta com a qual você O vê."

ESTÂNCIA III - Continuação.

11.Ele (*a Teia*) **se expande quando a respiração do fogo** (*o Pai*) **está sobre ele; ele se contrai quando a respiração da mãe** (*a raiz da matéria*) **o toca. Então os filhos** (*os Elementos, com seus respectivos Poderes, ou Inteligências*) **se separam e se espalham, retornando para o seio de sua mãe ao final do "grande dia", e formando outra vez uma unidade com ela. Quando ele** (*a Teia*) **está esfriando, ele se torna radiante, seus filhos se expandem e contraem através dos seus próprios seres e corações; eles abraçam a infinitude.**(*a*)

(*a*) A ideia da expansão do Universo sob a respiração do FOGO é bastante sugestiva quando a relacionamos com o período de "neblina ígnea" do qual a ciência moderna fala com tanta frequência, e do qual sabe na realidade tão pouco.[253]

[253] A metáfora mais recente do "Big-Bang" também procura descrever a expansão do Universo desde o plano sutil para o plano denso. Um cientista convencional poderia alegar que o Big-Bang é muito diferente da abordagem de "A Doutrina Secreta" porque ocorreu (do ponto de vista cronológico) em uma fração quase incomparavelmente pequena de um segundo. A isso o teosofista responderá perguntando em primeiro lugar quem *estava lá com um relógio de precisão para medir as frações de segundo* do tempo do pequeno planeta "Terra". Ou seja, o teosofista perguntará até que ponto o tempo terrestre de hoje pode medir o "tempo" transcorrido durante *o nascimento do Espaço-Tempo*, que é o Universo. Em seguida, o estudante de teosofia lembrará o cientista de que aquela "fração quase incomparavelmente pequena de um segundo" era também *todo o tempo que havia*, no

Um grande calor quebra os elementos componentes e reduz os corpos celestes ao seu elemento único primordial, segundo explica o comentário. Uma vez desintegrado e de volta ao seu componente primário por ter caído no campo de atração e no alcance de um foco ou centro de calor (energia), dos quais muitos são arrastados numa e noutra direção no espaço, um corpo, esteja ele vivo ou morto, será vaporizado e mantido "no seio da Mãe" até que Fohat, reunindo alguns dos aglomerados de matéria cósmica (nébulas), dê a ele um impulso que o coloque novamente em movimento, e desenvolva o calor necessário, deixando então que ele avance em seu próprio crescimento.

A expansão e contração da Teia - isto é, dos átomos ou substância do mundo - expressa aqui o movimento de pulsação; porque é a contração e expansão regulares do Oceano infinito e sem praias daquilo que podemos chamar de númeno da matéria emanada por Svabhavat, que causa a vibração universal dos átomos. Mas o fato sugere algo mais. Também demonstra que os antigos estavam familiarizados com aquilo que agora é o quebra-cabeça de muitos cientistas e especialmente dos astrônomos: a causa da primeira ignição da matéria ou substância do mundo, o paradoxo do calor produzido pela contração resfriadora e outros enigmas cósmicos semelhantes. A alusão indica inequivocamente que os antigos tinham conhecimento de tais fenômenos. "Há calor interno e calor externo em cada átomo", diz o manuscrito dos Comentários, ao qual a autora teve acesso; "a respiração do Pai (ou Espírito) e a respiração (ou calor) da Mãe (matéria)"; e o manuscrito dá explicações mostrando que a teoria moderna da extinção dos fogos solares pela perda de calor através de radiação é errônea.[254] A ideia é falsa até mesmo segundo os próprios cientistas admitem. Conforme o professor Newcomb destaca ("Popular Astronomy", pp. 506-508) [255], "ao perder calor, um corpo gasoso se contrai, e o calor gerado pela contração excede o calor que o corpo gasoso perdeu, provocando a contração." Este paradoxo, de que um corpo se torna mais quente na medida em que a contração produzida pelo seu próprio esfriamento é maior, levou a longas discussões. Argumentou-se que o superavit de calor é perdido por radiação, e supor que a temperatura não cai na mesma medida em que ocorre a redução de volume sob uma pressão constante seria anular a lei de Charles (Teoria Nebular, Winchell). É verdade que a contração produz calor. Mas a contração (provocada por esfriamento) é incapaz de produzir a quantidade de calor que existe em qualquer momento na massa, ou mesmo de manter um corpo em uma temperatura constante, etc. O

---

instante do chamado Big-Bang. Aquela "fração de segundo" era portanto também incomparavelmente extensa como "porção de tempo", e continha em si longas eras. (Nota do Tradutor)

[254] Através desta frase HPB deixa claro que os manuscritos dos Comentários esotéricos às Estâncias de Dzyan, em que ela se baseia para escrever, não são todos antigos. Isso é dito por ela de modo mais direto em uma nota de rodapé à p. 129 da presente edição em português (p. 97 da edição original em inglês). As Estâncias de Dzyan recebem comentários antigos e modernos, no âmbito da literatura oriental de uso restrito aos Iniciados. (Nota do Tradutor)

[255] Edição de 1878, segundo acrescenta Boris de Zirkoff em sua edição de "A Doutrina Secreta". (Nota do Tradutor)

professor Winchell tenta reconciliar o paradoxo - que só é paradoxo na aparência, conforme Homer Lane comprovou - sugerindo a existência de "algo além do calor". "Não será possível", pergunta ele, "que haja simplesmente uma repulsão entre as moléculas, que varia segundo alguma lei da distância?" Mas mesmo isso será reconhecido como irreconciliável, a menos que este "algo além do calor" seja rotulado como "Calor sem Causa", a "Respiração do Fogo", a Força todo-criativa somada à INTELIGÊNCIA ABSOLUTA, que a ciência física dificilmente aceitará.

Seja como for, a leitura desta Estância mostra que, apesar da sua linguagem arcaica, ela é mais científica do que a própria ciência moderna.

ESTÂNCIA III - Continuação.

12.Então Svabhavat manda Fohat para que ele endureça os átomos. Cada um (*deles*) **é uma parte da Rede** (*o Universo*)**. Refletindo, como um espelho, o "Senhor que Existe Por Si Mesmo"** (*a Luz Primordial*)**, cada um deles se torna, por sua vez, um mundo.[256] …..**

"Fohat endurece os átomos", isto é, coloca energia no interior deles; Fohat espalha os átomos ou matéria primordial. "Ele se espalha enquanto espalha matéria pelos átomos." (Do manuscrito dos Comentários.)

É através de Fohat que as ideias da Mente Universal são impressas na matéria. Pode-se alcançar uma vaga ideia da natureza de Fohat através da expressão "Eletricidade Cósmica", que é aplicada a ele algumas vezes. Mas neste caso, além das propriedades da eletricidade que são normalmente conhecidas, deve-se atribuir a Fohat mais algumas, inclusive a inteligência. Cabe registrar que a ciência moderna chegou à conclusão de que toda atividade cerebral é assistida por fenômenos elétricos. (*Para mais detalhes em relação a "Fohat", veja a Estância V e seus Comentários.*)

(Volte para o Sumário)

ESTÂNCIA IV

COMENTÁRIO [257]

1.Filhos da Terra, escutem vocês aos seus instrutores - os Filhos do Fogo. (*a*) **Aprendam que não existe nem primeiro nem último, pois tudo é um número, saído do não-número.** (*b*)

---

[256] Isso é afirmado no sentido de que a chama de um fogo não tem fim, e as luzes de todo o Universo poderiam ser acesas em uma só vela sem que a luz dela ficasse diminuída. (Nota de H. P. Blavatsky)

[257] Neste ponto, estamos no alto da página 86 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

(*a*) Estas expressões, "Filhos do Fogo", "Filhos da Névoa Ígnea" e termos similares, requerem uma explicação. Elas estão ligadas a um grande mistério universal e primordial, que não é fácil tornar compreensível. Há uma passagem no *Bhagavad Gita* (capítulo 8) em que Krishna, falando de modo simbólico e *esotérico*, diz:

"Direi os tempos (as condições) ……. em que os devotos que partem (desta vida) fazem isso para nunca voltar (nunca renascer) ou para voltar (nascer de novo). O Fogo, a Chama, o dia, a quinzena luminosa (afortunada) [258], os seis meses do solstício do Norte: partindo (morrendo) nestas condições, aqueles que conhecem o Brahman (Iogues) vão para o Brahman. Fumaça, noite, a quinzena escura (desafortunada), os seis meses do solstício do Sul: (morrendo) nestas condições, o devoto vai para a luz lunar (ou mansão da luz astral, também) e retorna (renasce). Afirma-se que estes dois caminhos, claro e escuro, são eternos neste mundo (ou grande kalpa, 'Era'). Através de um deles o homem nunca voltará, através do outro, ele voltará."

Estes termos, "Fogo", "Chama", "Dia", "quinzena luminosa", etc., assim como "Fumaça", "Noite" e assim sucessivamente, que se referem ao final do caminho lunar, são incompreensíveis sem um conhecimento esotérico. Estes são *todos nomes de várias divindades* que presidem os Poderes Cosmo-psíquicos. Nós falamos com frequência da Hierarquia de "Chamas" (ver o volume II da presente obra), dos "Filhos do Fogo", etc. Segundo o maior mestre esotérico da Índia, Shankaracharia, o *fogo* simboliza uma divindade que preside o Tempo (kala). O eficiente tradutor do Bhagavad Gita, Kashinâth Trimbak Telang, M. A., de Mumbai [259], confessa "não ter uma noção clara do significado destes versos" (p. 81, nota de rodapé). Eles parecem, ao contrário, muito claros para quem conhece a doutrina oculta. Estes versos estão ligados ao sentido místico dos símbolos solares e lunares: os Pitris são divindades *lunares* e são nossos ancestrais, porque eles *criaram o homem físico*. Os Agnishwatha, os Kumaras (os sete sábios místicos), são divindades solares, embora os mencionados mais acima sejam Pitris também; os Kumaras são os "formadores do Homem *interno*". (Veja o volume II.) Eles são:

"Os Filhos do Fogo" - porque são os primeiros Seres (na Doutrina Secreta eles são chamados de "Mentes") saídos do Fogo Primordial. "O Senhor é um Fogo que consome" (Deuteronômio, 4: 24); "O Senhor (Cristos) se manifestará com os seus poderosos anjos em um fogo flamejante" (2 Tessalonicenses, 1: 7-8). O Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos como "línguas de fogo" (Atos, 2: 3); Vishnu retornará em *Kalki*, o Cavalo Branco, na condição de último avatar, em meio a fogo

[258] Alusão simbólica ao ciclo lunar, durante metade do qual a luz da lua cresce de intensidade. (Nota do Tradutor)

[259] No original, *Bombay* (*Bombaim* em português), o nome antigo da cidade. O mesmo tradutor também traduziu a obra *Anugita*, que HPB já citou e voltará a citar algumas linhas mais adiante. (Nota do Tradutor)

e chamas; e *Sosiosh* [260] virá igualmente cavalgando um Cavalo Branco, em um "tornado de fogo". "Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco, e o seu cavaleiro ..... se chama o Verbo de Deus" (Apocalipse, 19: 11-13); os seus olhos são chama de fogo. O Fogo é a forma mais pura de Éter, e por isso não é considerado matéria, mas constitui a unidade do Éter - a segunda divindade manifestada - em sua universalidade. Mas há dois "Fogos": os ensinamentos Ocultos fazem uma distinção entre eles. O primeiro é o Fogo puro, *sem Forma* e *invisível*, oculto no *Sol Central Espiritual*. Afirma-se que ele é "tríplice" (metafisicamente), enquanto o Fogo do Cosmos manifestado é setenário em todo o Universo e em nosso sistema solar. "O fogo ou conhecimento queima todas as ações no plano da ilusão", diz o comentário.[261] "Portanto, aqueles que o adquiriram e se emanciparam são chamados de 'Fogos'." Falando dos *sete* sentidos simbolizados como *Hotris*, sacerdotes, o brâmane diz em *Anugita*: "Assim estes *sete* (sete sentidos; cheiro e gosto, e cor, e som, etc., etc.) são as causas da emancipação"; e o comentador acrescenta: "É destes sete que o Ser deve emancipar-se. O 'Eu' (que é destituído de qualidades) deve ser o eu superior e não o brâmane que fala." (*Anugita*, "Sacred Books of the East", ed. by Max Müller, vol. VIII, p. 278.) [262]

(*b*) A expressão "tudo é um número, saído do não-número" está relacionada com aquele princípio universal e filosófico explicado pouco acima, na Estância III, comentário 4. Aquilo que é absoluto é naturalmente o Não-Número; mas no seu significado posterior ele é aplicado tanto no Espaço quanto no Tempo. Como resultado, não só todo aumento de tempo é parte de um aumento mais amplo - até a duração mais indefinidamente prolongada que o intelecto humano possa conceber -, mas, também, qualquer coisa que pertença ao mundo manifestado terá de ser pensada como parte de um todo maior: o todo acumulado é o Único Universo manifestado que sai do Absoluto ou imanifestado, chamado de Não-Ser ou "Não-Número" para distingui-lo do SER ou "Único Número".

ESTÂNCIA IV - Continuação.

2.Aprendam o que nós, que descendemos do Sete Primordial, nós, que nascemos da Chama Primordial, aprendemos dos nossos Pais. (*a*)

(*a*) Isso é explicado no volume II, e este nome, "Chama Primordial", corrobora o que foi afirmado no primeiro parágrafo no Comentário anterior sobre a Estância IV.

---

[260] *Sosioh*: profeta de Ormuzd no zoroastrismo; libertador do mundo; símbolo de um fluir de energias divinas nos corações humanos que se atribui ao fim do ciclo atual. ("Dictionary of All Scriptures & Myths", G. A. Gaskell.) (Nota do Tradutor)

[261] Séculos antes de HPB, Paracelso escreveu essencialmente a mesma coisa: "Através da ação do fogo, o verdadeiro é separado do falso". A frase de Paracelso, que coincide com este Comentário ao livro de Dzyan, abre o capítulo primeiro da obra "The Fire and Light of Theosophical Literature", de Carlos Cardoso Aveline, The Aquarian Theosophist, Portugal, 2013, 255 pp. (Nota do Tradutor)

[262] A obra *Anugita* foi editada também por Wizards Bookshelf em 1981. Os *sete sentidos* são, além dos cinco sentidos físicos, o *pensamento* e a *compreensão*. (Nota do Tradutor)

A diferença entre o "Primordial" e os sete Construtores subsequentes é que o Primordial é o Raio e a emanação direta do primeiro "Quatro Sagrado", a *Tétrade*[263], isto é, o Um eternamente Autoexistente (Eterno em *Essência*, tenhamos isso claro, e não em sua manifestação, e diferente do UM universal). Latente durante o Pralaya e ativo durante o Manvântara, o "Primordial" surge do "Pai-Mãe" (Espírito-Hyle ou *Ilus*); enquanto o outro Quaternário manifestado e o Sete surgem somente da Mãe. Esta última é a imaculada Virgem-Mãe, que é influenciada - não impregnada - pelo MISTÉRIO Universal quando ela emerge do seu estado de Laya ou condição indiferenciada. Na realidade, eles são todos um, é claro; mas os seus aspectos nos vários planos de existência são diferentes. (Veja a Parte II deste Volume I, "A Teogonia dos Deuses Criadores".)

O primeiro "Primordial" reúne os Seres mais elevados na Escala da Existência. Eles são os Arcanjos do Cristianismo, aqueles que se recusam - como o Miguel dos cristãos e os "filhos mais velhos nascidos da Mente" de Brahmâ (Veddhas) - a criar, ou mais precisamente a multiplicar.

ESTÂNCIA IV - Continuação.

3.Do resplendor da luz - o raio da eterna escuridão - surgiram no espaço as energias despertadas outra vez (*Dhyan Chohans*)**; o um do ovo, o seis, e o cinco.**(*a*) **E então o três, o um, o quatro, o um, o cinco - o duas vezes sete, a soma total.** (*b*) **E estas são as essências, as chamas, os elementos, os construtores, os números, os arupa** (*sem forma*)**, os rupa** (*com corpos*) **e a força ou Homem Divino - a soma total. E do Homem Divino emanaram as formas, as centelhas, os animais sagrados, e os mensageiros dos Pais Sagrados** (*os Pitris*) (*c*) **dentro do Quatro Sagrado.**[264]

(*a*) Isso se relaciona com a Ciência sagrada dos Numerais: tão sagrada, na verdade, e tão importante no estudo de Ocultismo, que o assunto dificilmente pode ser esboçado, mesmo em uma obra tão larga como esta. É sobre a base das Hierarquias e dos números corretos destes Seres (para nós) invisíveis, exceto em ocasiões muito raras, que é construído o Universo inteiro em seu mistério. Os *Kumaras*, por exemplo, são chamados de "Os Quatro" embora na verdade sejam sete, porque Sanaka, Sananda, Sanatana e Sanat-Kumara são os principais Vaidhatra (nome

[263] Tétrade: *Tetraktis*, no original. (Nota do Tradutor)

[264] O 4 é representado nos numerais Ocultos pela Tétrade, o Quadrado Sagrado ou Perfeito. Trata-se de um Número Sagrado para os místicos de todas as raças e nações. Tem o mesmo significado para o bramanismo, o budismo, a cabala e os sistemas numéricos egípcio, caldeu e outros. (Nota de H. P. Blavatsky)

patronímico [265] deles), já que surgem do "mistério quádruplo". Para tornar o tema todo mais claro devemos usar como ilustração princípios bramânicos, que são mais conhecidos de alguns dos nossos leitores.

De acordo com o Manu, Hiranyagarbha é Brahmâ, *o primeiro ser masculino* formado pela imperceptível CAUSA Sem Causa em um "Ovo Dourado tão resplandecente como o Sol", conforme o *Hindu Classical Dictionary*. "Hiranyagarbha" significa Ventre ou Ovo "Dourado" ou, mais precisamente, "Resplandecente". O significado não combina bem com o adjetivo "masculino". Seguramente o significado esotérico da frase é bastante claro. No Rig Veda está dito: "AQUILO, o único Senhor de todos os seres ..... o princípio animador único dos deuses e do homem", ergueu-se, no começo, no Ventre Dourado, Hiranyagarbha, que é o Ovo do Mundo ou a esfera do nosso Universo. Este Ser é seguramente andrógino, e a alegoria de Brahmâ dividindo-se em duas metades e recriando a si mesmo como Viraj em uma das suas metades (a feminina Vach [266]) é uma comprovação disso.

As palavras "o Um do Ovo, o Seis e o Cinco" formam o número 1065, o valor do primogênito (mais tarde o Brahmâ-Prajapati masculino e feminino), que responde aos números 7, e 14, e 21, respectivamente. Os Prajapati são, como os Sefirotes, apenas sete, incluindo a Sefira sintética da tríade da qual eles surgem. Assim, de Hiranyagarbha ou Prajapati, o *triuno* (a Trimurti védica primordial, Agni, Vayu, e Surya), emanam os outros sete, ou dez, se separarmos os primeiros três que existem em um, e um nos três. Todos eles, além disso, estão incluídos no único e "supremo" Parama, chamado de Guhya ou "secreto", e de Sarvatma, a "Super-Alma". "Os sete Senhores do Ser estão ocultos em Sarvatma como pensamentos em um cérebro." O mesmo ocorre com os Sefirotes. Eles são sete, quando contamos desde a Tríade superior encabeçada por Kether - ou dez, exotericamente. No Mahabharata, os Prajapati são 21 em número, ou dez, seis e cinco (1065), três vezes sete.[267]

---

[265] Nome patronímico - no sentido convencional, sobrenome de família, especialmente sobrenome paterno. Neste caso, a palavra não deve ser interpretada no sentido literal. (Nota do Tradutor)

[266] *Vach* - do sânscrito: som, voz, palavra, "Verbo", veículo do pensamento divino. O Universo é uma manifestação de Vach. (*Encyclopedic Theosophical Glossary*.) (Nota do Tradutor)

[267] Na Cabala os mesmos números representam Jeová, isto é, 1065, já que os valores numéricos das três letras que compõem o seu nome - Jod, Vau e duas vezes He -, são respectivamente 10 (י), 6 (ו) e 5 (ה) ou, novamente, três vezes sete, 21. "O Dez é a Mãe da Alma, porque a Vida e a Luz estão unidas nele", diz Hermes. "Porque o número um nasce do Espírito e o número dez da matéria (o caos, o feminino); a unidade fez o dez, e o dez, a unidade" (*O Livro das Chaves*). Através da Temura, o método anagramático da Cabala, e do conhecimento de 1065 (21), pode ser obtido um conhecimento universal em relação ao Cosmos e seus mistérios (Rabino Yogel). Os rabinos consideram os números 10, 6 e 5 como os mais sagrados entre todos. (Nota de H. P. Blavatsky)

(*b*) “O Três, o Um, o Quatro, o Um, o Cinco” (em sua totalidade - duas vezes sete) representam o 31415 - a hierarquia numérica dos Dhyan-Chohans de vários tipos, e do mundo interior ou circunscrito.[268] Quando colocados na fronteira do grande círculo do “Não-Passem” (veja a Estância V), chamado também de Dhyanipasa, “a corda dos Anjos”, a “corda” que separa o cosmos fenomênico do cosmos numenal (que não está ao alcance da nossa atual consciência objetiva); este número, quando não é ampliado por permutação e expansão, é sempre 31415 anagramaticamente e cabalisticamente, e é tanto o número do círculo quanto o da Suástica mística [269], o duas vezes sete renovado; porque, seja qual for a maneira como os dois conjuntos de números sejam contados, quando são somados separadamente, um número depois do outro, seja da esquerda para a direta ou da direita para a esquerda, eles sempre somam catorze. Matematicamente, representam o famoso cálculo segundo o qual a razão entre o diâmetro e a circunferência de um círculo é a de 1 para 3,1415, ou o valor do π (*pi*), como é conhecida esta razão. O símbolo π é sempre usado em fórmulas matemáticas para expressar este fato. Este conjunto de números deve ter o mesmo significado, já que o 1 : 314,159 , e depois novamente 1: 3 : 1,415,927 são trabalhados nos cálculos secretos de modo a expressar os vários ciclos e eras do “primogênito”, ou 311.040.000.000.000 com frações, e de modo a produzir o mesmo 13,415 por um processo que não abordaremos no momento. E pode ser demonstrado que o Sr. Ralston Skinner, autor de *The Source of Measures* (*A Origem das Medidas*), lê a palavra hebraica *Alhim* com os mesmos valores numéricos, omitindo, como foi dito, os zeros e por permutação, 13,514: já que א (a) é 1: ל (l) é 3 (ou 30); ה (h) é 5; י (i) 1 para 10; e מ (m) é 4 (40), e anagramaticamente é 31,415 segundo explicado por ele.

Assim, enquanto no mundo metafísico o círculo com um Ponto central em si não tem número e é chamado de Anupadaka (sem pais e sem números) - não podendo ser sujeito a cálculos - no mundo manifestado o Ovo ou Círculo do mundo é circunscrito dentro dos grupos chamados de a Linha, o Triângulo, o Pentagrama, a segunda Linha e o Cubo (ou 13514); e quando o Ponto, tendo gerado uma Linha, se transforma num diâmetro que representa o Logos Andrógino, então os números se tornam 31415, ou um triângulo, uma linha, um cubo, a segunda linha, e um pentagrama. “Quando o Filho se separa da Mãe ele se torna o Pai”; o diâmetro representa a Natureza, ou princípio feminino. Afirma-se, portanto: “No mundo do ser, o Ponto único tem como fruto a Linha - a Matriz virgem do Cosmo (o zero com forma de ovo) - e a Mãe imaculada dá à luz a forma que combina todas as formas.”

---

[268] Um cabalista norte-americano descobriu recentemente que o mesmo número é válido para os Elohim. Este dado veio desde os Caldeus para os judeus. Veja “Hebrew Metrology”, na revista maçônica (Masonic Review) de julho de 1885, McMillan Lodge, número 141. (Nota de H. P. Blavatsky)

[269] *Suástica*. A suástica é um antigo símbolo sagrado do hinduísmo e do budismo, que foi distorcido pelos nazistas durante o século 20 e usado por eles enquanto promoviam crimes contra a humanidade. Veja o artigo “**O Significado da Suástica**”, de Joaquim Duarte Soares. Leia também os textos “**A Teosofia e a Segunda Guerra Mundial**” e “**Blavatsky, ONU e Democracia**”, de Carlos Cardoso Aveline. Todos eles estão disponíveis em nossos websites associados. (Nota do Tradutor)

Prajapati é qualificado como o primeiro macho procriador e visto como "o marido da sua Mãe". [270] Isto estabelece a nota-chave para todos os filhos divinos de mães imaculadas que vêm depois. O fato é fortemente corroborado por outra circunstância: Ana (a mãe da Virgem Maria) é agora descrita pela igreja católica romana como tendo dado à luz sua filha de modo imaculado ("Maria concebida sem pecado"). O nome *Ana* é derivado do idioma caldeu, no qual significa *céu*, ou *Luz Astral*, *Anima Mundi*; de onde vem o fato de que *Anaitia*, *Devi-durga*, a esposa de Shiva, é também chamada de Annapurna, e de Kanya, a Virgem; "Uma-Kanya" é o nome esotérico dela e significa "a Virgem de luz". A Luz Astral é um dos seus múltiplos aspectos.

(*c*) Os Devas, Pitris, Rishis; os Suras e os Asuras; os Daityas e Adityas; os Danavas e os Gandharvas, etc., todos têm os seus sinônimos em nossa Doutrina Secreta, assim como na Cabala e na Angeologia Hebraica; mas é inútil indicar os seus nomes antigos, porque isso apenas criaria confusão. Muitos deles também podem ser encontrados agora, mesmo na hierarquia cristã de poderes divinos e celestiais. Todos os Tronos e Domínios, Virtudes e Principados, Querubins, Serafins e demônios, os vários habitantes do Mundo Sideral, são as cópias modernas dos protótipos arcaicos. O próprio simbolismo dos seus nomes, quando eles são transliterados e arranjados em grego e latim, é suficiente para demonstrar este fato, conforme comprovaremos em vários casos mais adiante.

Os "Animais Sagrados" são mencionados na Bíblia e na Cabala, e têm seu significado (muito profundo) mencionado na página das origens da Vida. O Sepher Yetzirah afirma que "Deus gravou no Quatro Sagrado o trono da sua glória, as Ofanim [271] (rodas ou esferas do mundo), os serafins [272], os Animais Sagrados e os anjos servidores, e a partir destes três (o Ar, a Água e o Fogo ou Éter) ele formou

---

[270] Encontramos a mesma expressão no Egito. A palavra *Mout* significa "Mãe", entre outras coisas, e demonstra o personagem atribuído a esta instância divina na tríade daquele país. Ela era tanto a mãe como a esposa de Ammon, e um dos principais títulos do deus era o de "marido da sua mãe". A deusa Mout, ou Mût, é chamada de "nossa senhora", de "rainha do céu" e "da Terra", e ela "compartilha estes títulos com outras deusas-mães como Ísis, Hathor, etc." (Maspero) (Nota de H.P. Blavatsky)

[271] Ofanim, termo hebraico. (Nota do Tradutor)

[272] Esta é a tradução literal das Seções IX e X: "Dez números sem o quê? Um: o espírito do Deus vivo ..... que vive em eternidades! Voz e Espírito e Palavra, este é o Espírito Santo. Dois: Espírito que sai do Espírito. Ele definiu e esculpiu toscamente em seguida vinte e duas letras fundamentais, três Mães, sete duplos e Doze individuais, e um espírito a partir deles. Três: Água a partir do espírito; ele definiu e esculpiu toscamente o estéril e o vazio, a lama e a terra. Ele os chamou de canteiro de flores, formou-os como um muro, cobriu-os com um revestimento. Quatro: O fogo a partir da água. Ele definiu e esculpiu toscamente com isso o trono da glória e as rodas, e os serafins e os animais sagrados e os anjos servidores, e com os três Ele criou sua moradia, segundo afirma-se; Ele transforma seus anjos em espíritos e seus servidores em chamas de fogo!" As palavras acima "criou sua moradia" mostram claramente que na Cabala, assim como na Índia, a Divindade era definida como o Universo, e não era, originalmente, o Deus extracósmico de agora. (Nota de H. P. Blavatsky)

sua habitação." Assim, o mundo foi feito "através de três Serafins - Sefer, Safar e Sipur", ou "através do Número, dos Números, e dos Numerados". Com a chave astronômica estes "Animais Sagrados" se tornam os signos do Zodíaco.

ESTÂNCIA IV - Continuação.

4.Este foi o Exército da Voz - o Setenário Divino.[273] As centelhas dos sete são súditas e servidoras do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto, do sexto e do sétimo dos sete.(*a*) **Estas** (*"centelhas"*) **são chamadas de esferas, triângulos, cubos, linhas, e modeladores; porque assim permanece o Eterno Nidana, o Oi-Ha-Hou** (*a permutação do Oeaohoo*)**.** (*b*) **[274]**

(*a*) Este Sloka faz novamente uma breve análise das Hierarquias dos Dhyan Chohans, que são chamados de Devas (deuses) na Índia e constituem os poderes inteligentes conscientes na Natureza. A esta Hierarquia correspondem os tipos reais em que a humanidade pode ser dividida; porque a humanidade, como um todo, é na verdade uma expressão material embora ainda imperfeita desta Hierarquia. "Exército da Voz" é uma expressão intimamente ligada ao mistério do Som e da Fala, na condição de efeito e corolário da sua causa, o Pensamento Divino. Como foi belamente colocado por P. Christian, o erudito autor de "The History of Magic" e de "L'Homme Rouge des Tuileries", as palavras que cada indivíduo diz, assim como o seu nome, determinam em grande parte o seu destino futuro. Por que motivo? Pelo seguinte:

"Quando nossa Alma (mente) cria ou evoca um pensamento, o sinal representativo desta ideia é autorregistrado no fluido astral, que é o receptáculo e, de certo modo, o espelho de todas as manifestações da existência."

"O sinal expressa a coisa: a coisa é a virtude (oculta ou invisível) do sinal."

---

[273] A transcrição das Sete Estâncias feita nos Comentários não é sempre literal, e às vezes difere de modo significativo da versão das mesmas Estâncias apresentada mais acima. Uma comparação mostrará ao leitor mais de uma diferença significativa entre as duas versões deste item 4 da Estância IV. Neste ponto, por exemplo, onde se lê "Setenário Divino", na primeira versão das sete estâncias HPB diz "a mãe divina dos sete". Esta diferença, desconcertante para o leitor mais atento, serve, no entanto, como lembrete de um fato oculto da maior importância: a versão original das Estâncias, a que HPB teve acesso, pode ser traduzida de várias maneiras e não de uma só. HPB preferiu a flexibilidade ao traduzi-las. Assim ela evitou eliminar o Mistério e não escondeu o caráter transcendente de um ensinamento multidimensional, que não pode ser reduzido às palavras e expressões de um idioma do Ocidente. (Nota do Tradutor)

[274] O significado literal da palavra, entre os Ocultistas Orientais do Norte, é um vento circular, ou redemoinho; mas, neste caso, o termo simboliza o Movimento Cósmico eterno e incessante; ou, mais precisamente, a Força que o movimenta, Força que é tacitamente aceita como a Divindade, mas nunca de modo ostensivo. É a eterna *Karana*, a Causa que atua sempre. (Nota de H. P. Blavatsky)

"Pronunciar uma palavra é evocar um pensamento, e torná-lo presente: a potência magnética da fala humana é o começo de toda manifestação no Mundo Oculto. Dizer um Nome é não só definir um Ser (uma Entidade) mas também colocá-lo sob a influência e condená-lo à influência de uma ou mais potências Ocultas através da emissão da Palavra (Verbum). Para cada um de nós, as coisas são aquilo que (a Palavra) faz com que sejam, enquanto as nomeia. A Palavra (Verbum) ou a fala de todo ser humano é, de modo muito inconsciente para ele próprio, uma BÊNÇÃO ou uma MALDIÇÃO; e por esse motivo a nossa ignorância atual em relação às propriedades ou características da IDEIA, assim como em relação às características e propriedades da MATÉRIA, é frequentemente fatal para nós."

"Sim, os nomes (e as palavras) são BENÉFICOS ou MALÉFICOS; eles são, em certo sentido, venenosos ou curativos, conforme as influências ocultas que a Suprema Sabedoria associou aos elementos deles, isto é, às LETRAS que os compõem, e aos NÚMEROS correlacionados com estas letras."

Isso é estritamente verdadeiro e é aceito como um ensinamento esotérico por todas as Escolas Orientais de Ocultismo. No alfabeto sânscrito, assim como no alfabeto hebraico e outros, cada letra tem o seu significado oculto e sua explicação; constitui uma causa e um efeito de uma causa anterior, e uma combinação de letras frequentemente produz um efeito extremamente mágico. As vogais, especialmente, contêm as potências mais ocultas e formidáveis. Os Mantras (esotericamente mais mágicos que religiosos) são cantados pelos brâmanes, e eles fazem o mesmo com os Vedas e outras escrituras.

O "Exército da Voz" é o protótipo da "Hoste do Logos", ou a "PALAVRA" do Sepher Yetzirah, chamada na Doutrina Secreta de "o Número Único, saído do Não-Número" - o Eterno Princípio Único. A teogonia esotérica começa com o Um, manifestado, e portanto não eterno em sua presença e em seu ser, embora seja eterno em sua essência; o número dos números e dos numerados, estes últimos procedendo da Voz, a Vach feminina, Satarupa "das cem formas", ou Natureza. É deste número 10, ou natureza criativa, a Mãe, que o universo inteiro emergiu. (O algarismo oculto, ou "nada", sempre procria e multiplica em união com a Unidade, "I", um, ou o Espírito da Vida.)

Em *Anugita* é dado o diálogo (capítulo VI, 15) entre um brâmane e sua esposa sobre a origem da Fala e as suas propriedades ocultas.[275] A esposa pergunta como a Fala passou a existir, e qual surgiu primeiro, a Fala ou a Mente. O brâmane diz a ela que quando o Apana (*respiração inspiracional*) se torna senhor, muda aquela inteligência que não compreende a Fala ou as Palavras e a leva para o estado de Apana, abrindo assim a mente. Então ele conta a ela uma história, um diálogo entre a Fala e a Mente.

[275] O *Anugita* faz parte do Asvamedha Parvan do "Mahabharata". O tradutor do Bhagavad Gita, obra editada por Max Müller, vê o *Anugita* como uma continuação do Bhagavad Gita. O seu original é um dos Upanixades mais antigos. (Nota de H. P. Blavatsky)

"Ambas foram até o Eu do Ser [276] (*isto é*, ao Eu Superior individual, segundo Nilakantha pensa, ou a Prajapati, de acordo com o comentador Arjuna Misra) e pediram a ele para eliminar as suas dúvidas e decidir qual delas precedia e era superior à outra. A isso o senhor respondeu: 'A Mente é superior'. Mas a Fala argumentou com o Eu do Ser: 'Na verdade eu é que cedo aos seus desejos', querendo dizer que ele conseguia o que queria através da fala. Então, novamente, o Eu disse a ela que há duas mentes, a 'móvel' e a 'imóvel'. 'A imóvel está comigo', disse ele, 'a móvel está sob seu domínio' (isto é, sob controle da Fala), no plano da matéria. A este plano você é superior. Mas levando em conta que você, ó bela, veio até mim (do modo como veio, isto é, com orgulho), por este motivo, ó Sarasvati!, você nunca falará depois de uma exalação (completa)'."

"A deusa da Fala" (Sarasvati, que é uma forma ou aspecto tardio de Vach, deusa também do conhecimento secreto ou Sabedoria Esotérica) "verdadeiramente ficava sempre entre o Prana e o Apana. Mas ó ser nobre! Indo com o vento Apana (o ar vital), ainda que impelido, sem o Prana (respiração expiracional), ela correu até Prajapati (Brahmâ) dizendo: 'Esteja contente, ó venerável senhor!' Então o Prana apareceu novamente, dando alimento à Fala. E, por isso, a Fala nunca toma a palavra depois de uma exalação (completa ou inspiracional). É sempre ruidosa ou sem ruído. Destas duas, a sem ruído é superior à (Fala) ruidosa ..... A (fala) que é produzida no corpo através do Prana, e que então segue para (é transformada em) Apana, e depois, sendo assimilada com os Udana (órgãos físicos da Fala)..... finalmente se fixa em Samana ('no umbigo em forma de som, como causa material de todos os mundos', diz Arjuna Misra). Assim falava a Fala anteriormente. Por isso a Mente se distingue pelo fato de ser imóvel, e a Deusa (a Fala) pelo fato de ser móvel."

Esta imagem simbólica está na raiz da lei Oculta, que recomenda silêncio sobre o conhecimento de certas coisas secretas e invisíveis, que são perceptíveis apenas para a mente espiritual (o sexto sentido), e que não podem ser expressas através da fala "ruidosa" ou pronunciada. Este capítulo de *Anugita* [277] explica, segundo Arjuna Misra, o Pranayama, ou a regulação da respiração nas práticas da Ioga. Esta prática, no entanto, sem a prévia aquisição ou pelo menos completa compreensão dos dois sentidos mais elevados - dos quais há sete, conforme será demonstrado -, pertence propriamente à Ioga inferior. A chamada *Hatha* Ioga era e ainda é desaprovada pelos Arhats. Ela é prejudicial à saúde [278] e sozinha nunca pode transformar-se em Raja Ioga. A história acima é mencionada para mostrar como os seres inteligentes, ou

---

[276] "Eu do Ser". No original em inglês, "Self of Being". (Nota do Tradutor)

[277] Capítulo Seis. Os comentários de Arjuna Misra fazem parte da edição de *Anugita* que HPB está citando. (Nota do Tradutor)

[278] A Hatha Ioga, definida como "ioga meramente física", é condenável; a menos que seja parte de uma Ioga mais ampla, cuja meta central é a expansão de Antahkarana, e neste caso não será exatamente Hatha Ioga. São perigosos e desaconselháveis, por exemplo, os exercícios de retenção da respiração. No entanto, cabe lembrar que os ásanas de Ioga, as suas *posturas* ou a ginástica propriamente dita, fazem parte dos Ioga Sutras de Patañjali, o tratado mais importante de Raja Ioga (Livro II, 29). Ali vemos inclusive menções à retenção da respiração (Livro I, 34, entre outros trechos). A retenção não deve ser praticada por quem vive na aura de uma civilização materialista. (Nota do Tradutor)

mais precisamente as "Inteligências", estão inseparavelmente conectados, na metafísica dos tempos antigos, com todos os sentidos ou funções, sejam físicos ou mentais. A afirmação do Ocultismo de que há sete sentidos no homem e na natureza, assim como há sete estados de consciência, é corroborada no capítulo sete da mesma obra, sobre Pratyahara (a restrição e a regulação dos sentidos, enquanto que Pranayama é a restrição dos "ventos vitais" ou respiração). O brâmane fala sobre "a instituição dos sete Sacerdotes sacrificiais (Hotris)". Ele diz: "O nariz e os olhos, e a língua, e a pele, e o ouvido como o quinto (ou odor, vista, paladar, tato e audição), e mente e a compreensão constituem os sete sacerdotes sacrificiais vistos separadamente"; os quais, "morando em um espaço pequeno, (ainda) não percebem uns aos outros", neste plano sensorial, nenhum deles faz isso exceto a mente. Porque a mente diz: "O nariz não sente cheiro sem mim, os olhos não percebem uma cor, etc., etc. Eu sou o eterno chefe entre todos os elementos (isto é, sentidos). Sem mim, os sentidos nunca brilham, como se fossem uma casa vazia, ou como se fossem fogueiras cujas chamas estão apagadas. Sem mim, todos os seres, como combustível meio seco e meio úmido, são incapazes de perceber qualidades ou objetos mesmo enquanto os sentidos estão em atividade."[279]

Isso se refere, é claro, apenas à *mente que atua no plano sensorial*. A mente espiritual (a parte ou aspecto superior de MANAS *impessoal*) não toma conhecimento dos sentidos do homem físico. A extrema familiaridade dos antigos com a correlação de energias e com todos os fenômenos recentemente descobertos na área das funções e faculdades mentais e físicas - e com muitos outros mistérios também - pode ser constatada nos capítulos VII e VIII desta obra[280], cujo valor, em filosofia e conhecimento místico, é inestimável. Veja a disputa entre os sentidos em torno da sua respectiva superioridade e o fato de que eles adotaram Brahman, o senhor de todas as criaturas, como seu árbitro. "Vocês são todos os maiores e não maiores", ou superiores aos objetos, como A. Misra afirma, pois nenhum é independente dos outros. "Vocês todos possuem as qualidades uns dos outros. Todos são os maiores em suas próprias esferas e todos apoiam uns aos outros. Há um que não oscila (o vento vital ou respiração vital, a chamada '*inalação da Ioga*', que é a respiração do *Um* ou do EU Superior). Este é o (ou o meu) EU em si mesmo, acumulado em várias (formas)."

Esta Respiração, Voz, Eu ou "Vento" (*pneuma?*) é a Síntese dos Sete Sentidos, *numenalmente* todas as divindades menores; e, esotericamente, o *setenário* e o "Exército da VOZ".

(*b*) A seguir vemos a matéria Cósmica espalhando-se e transformando-se nos elementos, agrupados no quatro místico dentro do quinto elemento - o Éter , o tecido interno do Akasha, a Anima Mundi ou Mãe do Cosmos. "Pontos, Linhas, Triângulos, Cubos, Círculos", e finalmente "Esferas" - por quê, ou como? Porque,

---

[279] Isso mostra que os metafísicos modernos, inclusive todos os Hegels, Berkeleys, [*Arthur*] Schopenhauers, [*Karl Robert Eduard von*] Hartmanns, e Herbert Spencers presentes e passados, e mesmo os modernos Hylo-Idealistas, não são melhores que os modestos copistas da antiguidade remota. (Nota de H. P. Blavatsky)

[280] "*Desta obra*", isto é, do Anugita. (Nota do Tradutor)

diz o Comentário, esta é a primeira lei da Natureza, e porque a Natureza geometriza universalmente em todas as suas manifestações. Há uma lei inerente, não só na matéria primordial, mas também na matéria manifestada do nosso plano fenomênico, pela qual a Natureza correlaciona as suas formas geométricas e, mais tarde, os seus elementos compostos; e nisso não há lugar para acasos ou acontecimentos ao azar. Uma lei fundamental do Ocultismo afirma que não existe descanso ou ausência de movimento na Natureza.[281] Aquilo que parece ser um repouso é apenas a mudança desde uma forma para outra; a mudança de substância acontece passo a passo com a mudança de forma - segundo aprendemos no estudo da Física Oculta, que parece ter se antecipado em muito na descoberta da "conservação da matéria" [282]. Diz o antigo Comentário[283] à Estância IV:

*"A Mãe é o ígneo Peixe da Vida. Ela espalha as suas ovas, e a Respiração (o Movimento) as aquece e as anima. Os grãos (das ovas) são atraídos em seguida uns pelos outros e formam os coágulos no Oceano (do Espaço). Os aglomerados maiores se reúnem e recebem mais ovas - em pontos, triângulos e cubos de fogo, que amadurecem; e, no momento previamente determinado, alguns dos aglomerados se separam e adotam uma forma esferoidal, processo que efetuam apenas quando não sofrem interferência por parte dos outros. Depois disso, a lei número * * * entra em operação. O Movimento (a Respiração) se torna o Redemoinho e os coloca em rotação."* [284]

---

[281] É o conhecimento desta lei que permite e ajuda o Arhat a usar os seus *Siddhis*, ou vários fenômenos tais como a desintegração da matéria e o transporte de objetos de um lugar para outro. (Nota de H.P. Blavatsky)

[282] "Conservação da matéria" - referência à Lei de Lavoisier, segundo a qual "*na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma*". (Nota do Tradutor)

[283] Estes são Comentários antigos combinados com glossários modernos destas Estâncias, já que os Comentários em sua linguagem simbólica são normalmente tão difíceis de entender quanto as próprias Estâncias. (Nota de H.P. Blavatsky)

[284] Em um trabalho científico polêmico, "The Modern Genesis", o autor, o Rev. W. B. Slaughter, critica a posição assumida pelos astrônomos e pergunta: "Lamentamos que os advogados desta teoria (nebular) não tenham entrado mais profundamente na discussão (do começo da rotação). Ninguém tem a bondade de partilhar conosco a sua explicação *racional*. Como pode o processo de esfriamento e de contração da massa provocar nela um movimento rotativo?" A questão é amplamente tratada nos Adendos (Parte Três do Vol. I da presente obra). A ciência materialista jamais poderá resolvê-la. "O movimento é eterno no imanifestado e periódico no manifestado", diz um ensinamento Oculto. É "quando o calor causado pela descida da CHAMA até a matéria primordial faz com que suas partículas se movimentem que o movimento se torna um Redemoinho". Uma gota de um líquido assume a forma esferoidal devido ao fato de que os seus átomos se movimentam em torno de si mesmos em sua essência última, inextricável, e numenal; inextricável para a ciência física, pelo menos. (Nota de H. P. Blavatsky)

ESTÂNCIA IV - Continuação.

5. ..... que é: -
"Escuridão", o que Não Tem Limite, ou o Não-Número, Adi-Nidana

Svabhavat: o (*por x, quantidade desconhecida*)**:**

I.O Adi-Sanat, o Número, porque ele é Um. (*a*)

II.A Voz da Palavra, Svabhavat, os Números, porque ele é Um e Nove.[285]

III.O "Quadrado sem Forma". (*Arupa*.)

E estes três, situados dentro do (*círculo ilimitado*) (*b*)**, são o quatro sagrado; e os dez são o Universo Arupa** (*subjetivo, sem forma*)**. Neste ponto vêm os "Filhos", os sete Lutadores, o Um, o oitavo é deixado de fora** (*c*)**, e a sua Respiração, que é a produtora-da-luz** (*Bhaskara*)**.** (*d*) [286]

(*a*) "Adi-Sanat", traduzido literalmente, é o Primeiro ou "primitivo" antigo, cujo nome identifica os termos cabalísticos "Ancião dos Dias" e "Idoso Sagrado" (Sefira e Adão Cadmon) com Brahmâ, o Criador, chamado também de *Sanat* entre outros nomes e títulos.

Svabhavat é a essência mística, a raiz plástica da Natureza física - "Números" quando manifestada; o Número, na sua Unidade de Substância, no plano mais elevado. O nome é usado no budismo e constitui um sinônimo para a Anima-Mundi quádrupla, o "Mundo Arquetípico" dos cabalistas, de onde procedem os mundos "Criativo, Formativo e Material"; as Centelhas ou Faíscas - os vários outros mundos contidos nestes três. Os Mundos estão todos sujeitos a Governantes e Regentes -

---

[285] O que faz dez, o número perfeito atribuído ao "Criador", nome dado à totalidade dos Criadores, que os monoteístas tratam como se fossem Um só; já que os "Elohim", Adão Cadmon, ou Sefira - a Coroa - são a síntese andrógina dos 10 sefirotes, que simbolizam o universo manifestado na Cabala popularizada. Os cabalistas esotéricos, no entanto, seguindo os Ocultistas orientais, dividem o triângulo sefirotal superior do resto (ou Sefira, Chochmah, e Binah), o que deixa sete Sefirotes. Quanto a Svabhavat, os orientalistas dão ao termo o significado de substância plástica Universal, difundida através do Espaço, deixando aberta a possibilidade de associá-lo ao Éter da ciência. Mas os Ocultistas o identificam com o "PAI-MÃE" no plano místico. (Veja acima.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[286] Como registramos em nota anterior, a transcrição das Sete Estâncias feita nos Comentários a elas não é sempre literal e às vezes difere fortemente da versão das Estâncias apresentada logo após o Proêmio. Neste Sloka 5 da Estância IV, a diferença é particularmente forte e uma comparação vale a pena. (Nota do Tradutor)

chamados de Rishis e Pitris pelos hindus, de Anjos pelos judeus e cristãos, e de Deuses, pelos antigos em geral.

(*b*) Isso significa que o "Círculo Ilimitado" (Zero) se torna um número só quando um dos nove algarismos o precede, manifestando assim o seu valor e sua potência; a Palavra ou Logos, unida à VOZ e ao Espírito [287] (a expressão e fonte da Consciência), representa os nove algarismos e forma assim, com o Zero, a Década que contém em si todo o Universo. A tríade forma dentro do círculo a Tétrade ou Quatro Sagrado. O Quadrado dentro do Círculo é o mais potente de todos os números mágicos.

(*c*) O "Rejeitado" é o Sol do nosso sistema. A versão exotérica é encontrada nas Escrituras Sânscritas mais antigas. No Rig Veda, Aditi, "O Ilimitado", o Espaço infinito, traduzido pelo Sr. Max Müller como sendo "o infinito visível a olho nu (!), a extensão sem fim situada além da Terra, além das nuvens, além do céu", é o equivalente da "Mãe-Espaço", contemporânea da "Escuridão". Ela é chamada corretamente de "Mãe dos Deuses", DEVA-MATRI, porque é da sua matriz cósmica que nasceram todos os corpos celestes do nosso sistema, o Sol e os planetas. Ela é descrita alegoricamente do seguinte modo: "Oito Filhos nasceram do corpo de Aditi; ela aproximou-se dos deuses com sete, mas lançou fora o oitavo, Martanda", nosso Sol. Os sete filhos chamados de Aditya são, cósmica e astronomicamente, os sete planetas; e o fato de que o Sol foi excluído do conjunto mostra claramente que os hindus conheciam um sétimo planeta, sem chamá-lo de Urano.[288] Mas esotérica e teologicamente, digamos assim, os Adityas são, em seus significados primitivos mais antigos, os oito, e também os doze grandes deuses do panteão hindu. "Os Sete

---

[287] A expressão "em união com o Espírito e a Voz" se refere ao Pensamento Abstrato e à Voz Concreta, ou a manifestação do Espírito, o efeito da Causa. Adão Cadmon ou Tetragrammaton é o Logos, na Cabala; portanto, esta tríade corresponde na Cabala ao triângulo mais elevado, formado por Kether, Chochmah e Binah, no qual Binah é ao mesmo tempo uma potência feminina e o Jeová masculino, e possui a mesma natureza de Chochmah, ou sabedoria masculina. (Nota de H. P. Blavatsky)

[288] A Doutrina Secreta ensina que o Sol é uma estrela central e não um planeta. No entanto, os Antigos conheciam e adoravam sete grandes deuses, fora o Sol e a Terra. Qual era aquele "Deus Misterioso" que eles colocavam de lado? Naturalmente não era Urano, descoberto apenas em 1781 por Herschel. Mas não poderia ser Urano, sob outro nome? Diz o autor de "Maçonnerie Occulte": "Como as ciências ocultas descobriram por cálculos astronômicos que o número dos planetas deve ser sete, os antigos foram levados a introduzir o Sol na escala das harmonias celestiais, fazendo com que ele ocupasse o lugar vago. Deste modo, sempre que eles percebiam uma influência que não pertencia a nenhum dos seis planetas conhecidos, eles a atribuíam ao Sol. O erro parece importante, mas não tinha importância em termos práticos, se os antigos substituíam Urano pelo Sol, que é uma Estrela central relativamente imóvel, girando apenas em torno do seu eixo e regulando o tempo e as medidas; e que não pode ser afastada das suas verdadeiras funções." ... A nomenclatura dos dias da semana é, portanto, falha. "O Domingo, *Sun-day*, Dia do Sol, deveria ser o Dia de Urano, Uran-day (Urani dies, Urandi)", diz o erudito escritor, Ragon. (Nota de H. P. Blavatsky)

permitem aos mortais verem as suas moradas, mas se revelam apenas para os Arhats", diz um antigo provérbio; e a expressão "as suas moradas" significa neste contexto "os seus planetas". O Comentário antigo dá uma alegoria e explica:

"Oito casas foram construídas pela Mãe. Oito casas para os seus Oito Filhos Divinos: quatro grandes, e quatro pequenas. Oito sóis brilhantes, de acordo com as idades e os méritos deles. Bal-ilu (Martanda) não ficou satisfeito, embora sua casa fosse a maior. Ele começou (a trabalhar) como fazem os elefantes enormes. Ele respirou absorvendo (trazendo para si) os ares vitais dos seus irmãos. Ele tentou devorá-los. Os quatro maiores se afastaram: para longe, para o limite do reino deles.[289] *Eles não foram roubados (afetados), e se riram. 'Faça o pior que puder, Senhor, mas não poderá atingir-nos.' Porém o menor deles chorou. Eles reclamaram para a Mãe. Ela exilou Bal-ilu para o centro do Reino dela, de onde ele não poderia mais mover-se. (Desde então) ele (apenas) olha e ameaça. Ele os persegue, girando lentamente em torno de si mesmo. Eles afastam-se rapidamente dele, e ele segue de longe a direção em que seus irmãos se movimentam no caminho que rodeia as casas deles.*[290] *Desde aquele dia ele se alimenta com o suor do corpo da Mãe. Ele se preenche com a respiração e os rejeitos dela. Portanto, ela o rejeitou."*

Assim, como o "Filho rejeitado" é o nosso Sol, fica evidente que, conforme foi mostrado acima, a expressão "Filhos-Sóis" não se refere apenas aos nossos planetas, mas aos corpos celestes em geral.[291] *Surya* [292] é em si mesmo apenas um reflexo do Sol central espiritual, e constitui o protótipo de todos os corpos que surgiram depois dele. Nos Vedas, ele é chamado de *Loka-Chakshuh*, "o olho do Mundo" (do nosso mundo planetário) [293], e é uma das três divindades principais. Ele é chamado tanto de Filho de *Dyaus* quanto de Filho de *Aditi*, porque não é feita diferença alguma em relação ao significado esotérico. Assim, afirma-se que ele é puxado por sete cavalos, e também que é puxado por um cavalo que possui sete cabeças. A primeira imagem se refere aos seus sete planetas; a segunda imagem se refere à origem comum deles, a partir do Elemento Cósmico Único. Este "Elemento Único" é chamado simbolicamente de "FOGO". Os Vedas (e também o *Aitareya-Brahmana* de Haug, ver p. 01) ensinam que "o fogo é verdadeiramente todas as divindades". (Veja Narada em *Anugita*.)

---

[289] O sistema planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

[290] A astronomia ensina que "o Sol gira sobre o seu eixo sempre na mesma direção em que os planetas giram em suas respectivas órbitas". (Nota de H. P. Blavatsky)

[291] Veja o Sloka 6 da Estância IV, que diz: "O Filho rejeitado é um. Os 'Filhos-Sóis' são inúmeros." (Nota do Tradutor)

[292] "Surya": o nosso Sol. (Nota do Tradutor)

[293] Veja a propósito a obra "A Visão de Deus", de Nicolau de Cusa. Sob o verniz cristão, o Cardeal de Cusa foi um pitagórico e um ocultista, segundo Helena Blavatsky; e neste livro Cusa aborda o Sol como representando "a visão do absoluto". Veja a edição portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian, 242 pp., Lisboa, 1998. A imagem do "olho que tudo vê" pertence também à tradição maçônica. (Nota do Tradutor)

O significado da alegoria é claro, porque temos as explicações do Comentário de Dzyan e também da ciência moderna a seu respeito, embora as duas sejam diferentes em mais de um detalhe. A Doutrina Oculta rejeita a hipótese, nascida da Teoria Nebular, segundo a qual os (sete) grandes planetas surgiram da massa central do Sol; pelo menos eles não surgiram desse nosso Sol visível. A primeira condensação da matéria cósmica aconteceu naturalmente em torno de um núcleo central, o Sol progenitor; mas o nosso Sol, segundo afirma o ensinamento, apenas afastou-se antes que todos os outros, à medida que a massa em rotação se contraía, e é portanto o seu irmão maior e mais velho, não o seu pai. Os oito Adityas, "os deuses", são todos formados a partir da substância eterna (matéria cometária [294] - a Mãe), ou "Substância-do-Mundo", que é tanto o quinto como o sexto princípio CÓSMICOS, o Upadhi ou base da Alma Universal, assim como, no ser humano, o Microcosmo, Manas [295], é o Upadhi de Buddhi.[296]

(*d*) Há um poema inteiro dedicado às batalhas pré-genéticas travadas pelos planetas em crescimento antes da formação final do Cosmo. Isso explica as posições aparentemente desarmônicas dos sistemas de vários planetas. O plano dos satélites de alguns deles (Netuno e Urano, por exemplo, dos quais se afirma que os antigos nada sabiam) está fortemente inclinado para um lado, o que dá a eles a aparência de um movimento retrógrado. Estes planetas são chamados de guerreiros, e de Arquitetos, e são vistos pela Igreja Romana como líderes das Hostes celestiais, o que confirma as tradições mencionadas. Tendo surgido do Espaço Cósmico antes da formação final dos protótipos [297] e da anulação da nébula planetária, o Sol, diz o ensinamento, colocou nas profundezas da sua massa toda a vitalidade cósmica que pôde, ameaçando absorver os seus "irmãos" mais frágeis antes que a lei da atração e da repulsão fosse finalmente ajustada; depois disso ele começou a alimentar-se "do suor e dos rejeitos da Mãe"; em outras palavras, daqueles aspectos do Éter ("a respiração da Alma Universal") cuja existência e constituição a ciência até agora absolutamente desconhece. Uma teoria deste tipo foi proposta por Sir William Grove (veja "*Correlation of the Physical Forces*", 1843, p. 81; e "*Address to the*

---

[294] Esta Essência de matéria Cometária, segundo ensina a Ciência Oculta, é totalmente diferente de qualquer característica física ou química conhecida pela ciência moderna. Ela é homogênea na sua forma primitiva, que vai além dos sistemas solares, e se diferencia inteiramente quando atravessa a fronteira da região da nossa Terra. Ela é influenciada pelas atmosferas dos planetas e pela matéria já composta da substância interplanetária, que só é heterogênea em nosso mundo manifestado. (Nota de H. P. Blavatsky)

[295] Manas, o princípio mental, ou alma humana. (Nota de H. P. Blavatsky)

[296] Buddhi, a alma divina. (Nota de H. P. Blavatsky)

[297] Protótipos. No original em inglês, "primaries". Levando em conta o uso do termo "primaries" por parte de HPB neste contexto e em outros lugares, deduzimos que o seu significado é o de "protótipo, modelo, tipo", ou mesmo de "hierarquias" e " inteligências". As hierarquias divinas produzem os protótipos e zelam por eles ao longo dos períodos de manifestação e descanso do universo. (Nota do Tradutor)

British Association", 1866). Ele afirmou que os sistemas "estão mudando gradualmente devido a acréscimos ou subtrações atmosféricas, ou aumentos e diminuições causados por substâncias nebulares" ….. e também que "o Sol pode condensar matéria gasosa à medida que ele viaja pelo Espaço e assim calor pode ser produzido". O ensinamento arcaico parece bastante científico, mesmo nos tempos atuais.[298] O senhor W. Mattieu Williams sugeriu que a matéria difusa ou Éter, que recebe as radiações caloríficas do Universo, é atraída por elas até a profundeza da massa solar. Sendo expelido de lá o Éter que havia sido previamente condensado e termicamente esgotado, ele fica comprimido e perde seu calor, sendo afastado em um estado rarefeito e frio, até absorver um novo suprimento de calor, que o cientista supõe ser assim absorvido pelo Éter, e novamente concentrado e redistribuído pelos Sóis do Universo.[299]

A ideia está tão próxima dos ensinamentos Ocultos quanto a ciência jamais imaginou; porque o Ocultismo explica isso pela "respiração morta" dada de volta por Martanda e pelo fato de que Martanda se alimenta com "o suor e os rejeitos" da "Mãe Espaço". Aquilo que só poderia afetar muito pouco Netuno [300], Saturno e Júpiter teria matado "Casas" comparativamente pequenas como Mercúrio, Vênus e Marte. Como Urano só foi descoberto nas décadas finais do século 18, o nome do quarto planeta mencionado na alegoria deve permanecer um mistério para nós, por enquanto.

Afirma-se que a "Respiração" dos "sete" é "Bhaskara" (produtora de luz), porque eles (os planetas) foram todos cometas e sóis em sua origem. Eles evoluem transformando-se em vida Manvantárica a partir do Caos primordial (agora o númeno das nébulas indivisíveis) através da agregação e da acumulação das diferenciações primárias da matéria eterna, segundo a bela expressão no Comentário: "Assim os Filhos da Luz se vestiram com o tecido da Escuridão." Eles são chamados alegoricamente de "Caracóis Celestes" por causa das suas INTELIGÊNCIAS (para nós) sem forma, que habitam, invisíveis, as suas casas estelares e planetárias, e porque, de certo modo, eles carregam suas casas consigo em suas órbitas, assim como fazem os caracóis. A doutrina da origem comum de todos os corpos e planetas celestes foi, como podemos ver, inculcada pelos astrônomos antigos, antes de Kepler, Newton, Leibniz, Kant, Herschel e Laplace. O calor (ou Respiração), a atração e a repulsão, são os três grandes fatores do

---

[298] Há ideias muito semelhantes em "*The Fuel of the Sun*", do Sr. W. Mattieu Williams; em "*On the Conservation of Solar Energy*", do Dr. C. William Siemens ("Nature", XXV, pp. 440-444, March 9, 1882), e também no "*Address of the President of the Geological Society*", do Dr. P. Martin Duncan (London, May 1877). (Nota de H. P. Blavatsky)

[299] Veja "*Comparative Geology*", de Alexander Winchell, LL.D., p. 56. (Nota de H. P. Blavatsky)

[300] Quando falamos de Netuno, não o fazemos como Ocultista, mas como alguém da Europa. O verdadeiro Ocultista Oriental dirá que, embora ainda haja muitos planetas não descobertos em nosso sistema solar, Netuno não pertence a ele. Apesar da aparente conexão de Netuno com o nosso Sol e da influência do nosso Sol sobre ele, esta ligação é imaginária, *mayávica*, dizem eles. (Nota de H. P. Blavatsky)

Movimento, e são as condições sob as quais todos os membros desta família primitiva nascem, se desenvolvem e morrem, para renascer de novo após uma "Noite de Brahmâ", durante a qual a matéria eterna recai periodicamente em seu estado primário indiferenciado. O físico moderno não consegue ter uma ideia da natureza dos gases mais rarefeitos. Sendo no início Centros de Força, as centelhas invisíveis dos átomos primordiais se diferenciam em moléculas e passam gradualmente à objetividade, tornando-se Sóis, gasosos, radiantes e cósmicos: o "Redemoinho" (ou movimento) único finalmente dá impulso à forma e ao movimento inicial, de um modo que é regulado e sustentado pelas incessantes Respirações, os Dhyan Chohans.

ESTÂNCIA IV - Continuação.

6. ..... E então o Segundo grupo de Sete, que são os Lipikas, produzidos pelos Três (a *Palavra*, a *Voz* e o *Espírito*)**. O Filho rejeitado é Um. Os "Filhos-Sóis" são inúmeros.**

A expressão "os *Lipi-kas*", derivada do termo *Lipi*, "escrever", significa literalmente "os escribas".[301] Misticamente, estes Seres Divinos estão conectados com o Carma, a Lei da Retribuição, porque são os Registradores ou Historiadores que imprimem nas (para nós) invisíveis tabuletas [302] da Luz Astral, "a grande galeria de imagens da eternidade", um registro fiel de cada ação, e mesmo de cada pensamento do homem, de tudo o que foi, é, ou será, no Universo fenomênico. Como foi dito em *Ísis Sem Véu*, esta tela divina, situada fora do campo de visão, é o LIVRO DA VIDA. Como são os *Lipikas* que a partir da Mente Universal passiva projetam na objetividade o plano ideal do universo, com base no qual os "Construtores" reconstroem o Cosmos após cada Pralaya, são eles que trabalham em paralelo com os Sete Anjos da Presença, que os cristãos reconhecem como os Sete "Espíritos Planetários" ou "Espíritos das Estrelas"; porque são eles os escrivães da Ideação Eterna, que foi chamada por Platão de "Pensamento Divino".[303] A ideia do Registro Eterno não é um sonho fantástico, porque temos os mesmos registros no mundo da matéria densa.

---

[301] Estes são os quatro "Imortais" mencionados no *Atharva Veda* como os "Vigilantes" ou Guardiães dos quatro cantos do céu. (Veja o capítulo lxxvi, pp. 1-4 e seguintes.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[302] Tabuletas. No original, "tablets"; tabuletas, placas, chapas, lâminas, blocos. (Nota do Tradutor)

[303] Um Mestre de Sabedoria escreveu: "Por incontáveis gerações os adeptos vêm construindo um templo de rochas imperecíveis, uma Torre gigantesca de PENSAMENTO INFINITO, onde o Titã morava, e onde, se for necessário, voltará a morar solitário, saindo dela somente no final de cada ciclo, para convidar os eleitos da humanidade a cooperarem com ele e o auxiliarem por sua vez a iluminar o homem supersticioso. E continuaremos nesse nosso trabalho periódico; e não deixaremos de lado as nossas intenções filantrópicas até aquele dia em que os alicerces de um novo continente de pensamento estejam tão firmemente consolidados que nenhuma opressão ou maldade ignorante, guiada pelos Irmãos das Sombras, possa prevalecer." (Carta 18, p. 129, no volume I de "Cartas dos Mahatmas", Ed. Teosófica, Brasília.) (Nota do Tradutor)

"Uma sombra nunca cai sobre um muro sem deixar nele um traço permanente que pode ser transformado em visível pela realização de alguns processos", diz o Dr. Draper. (.....) "Os retratos de nossos amigos e as imagens da natureza podem estar fora do alcance da superfície sensível do olho, mas estão prontos a aparecer tão logo os processos adequados de revelação sejam usados. Um espectro é ocultado em uma superfície de prata ou vidro até que, através da necromancia, fazemos com que ele venha para o mundo visível. Nas paredes das nossas habitações mais privadas, onde pensamos que o olhar intruso não pode ter alcance e nosso ambiente particular não poderia ser invadido, lá estão os vestígios de todas as nossas ações e as silhuetas de tudo o que fizemos." [304] Os doutores Jevons e Babbage acreditam que cada pensamento, ao deslocar as partículas do cérebro e colocá-las em movimento, as espalha por todo o Universo. Eles pensam que "cada partícula da matéria existente deve ser um registrador de tudo o que ocorreu". ("Princípios da Ciência", vol. II, p. 455.) Assim a doutrina antiga já começou a adquirir direitos de cidadania nas especulações do mundo científico.

Os quarenta "Assessores" que ficam na região de *Amenti* [305] como acusadores da Alma diante de *Osíris* pertencem ao mesmo tipo de divindade que os *Lipikas*, e poderiam ser comparáveis a eles, se o significado esotérico dos deuses egípcios não fosse tão desconhecido. O *Chitra-Gupta* hindu que lê o relato da vida de cada Alma em seus registros, chamados de Agra-Sandhani; e os "Assessores", que leem os seus registros a partir do coração de quem morreu, o qual se torna um livro aberto diante de Yama, Minos, Osíris ou Carma, são, todos eles, cópias ou variantes dos *Lipikas* e dos seus Registros Astrais. No entanto, os *Lipi-kas* não são divindades ligadas à Morte, e sim à Vida Eterna.

Eles têm uma relação com o destino de cada ser humano e com o nascimento de cada criança, cuja vida já está traçada na Luz Astral - não de modo fatalista, mas apenas porque o futuro, como o PASSADO, está sempre vivo no PRESENTE. Também é possível afirmar que os *Lipikas* exercem uma influência sobre a Ciência do Horóscopo. Queiramos ou não, devemos admitir a legitimidade desta Ciência, porque, conforme foi observado por um estudioso moderno da Astrologia [306], "agora que a fotografia nos revelou a influência química do sistema sideral, ao fixar na chapa sensível da máquina fotográfica milhões de estrelas e planetas que até agora haviam frustrado os esforços dos mais poderosos telescópios por localizá-los, fica mais fácil entender como o nosso sistema solar pode, no momento em que nasce uma criança, influenciar o seu cérebro - até aquele momento destituído de qualquer

---

[304] "History of the Conflict Between Religion and Science", Draper, pp. 132-133. (Nota de H. P. Blavatsky, revisada por Boris de Zirkoff)

[305] *Amenti*: o reino dos mortos, na mitologia egípcia. (Nota do Tradutor)

[306] Dr. Él y Star, segundo Boris de Zirkoff informa em sua edição de "A Doutrina Secreta". (Nota do Tradutor)

impressão - de um modo definido e de acordo com a presença, no zênite, desta ou daquela constelação zodiacal.” [307]

(Volte para o Sumário)

ESTÂNCIA V

COMENTÁRIO [308]

1.Os Sete Primordiais, as Sete Primeiras Respirações do Dragão da Sabedoria, produzem por sua vez - a partir dos seus Sopros Sagrados que se movimentam em círculo - o Redemoinho de Fogo. (*a*)

(*a*) Entre todas as Estâncias, esta talvez seja a mais difícil de explicar. A sua linguagem é compreensível apenas para quem está por completo familiarizado com as alegorias Orientais e sua fraseologia intencionalmente vaga. Surge neste ponto a pergunta: “Será que os Ocultistas acreditam em todos estes ‘Construtores’, ‘Lipikas’, e ‘Filhos da Luz’ como entidades, ou serão eles apenas imagens simbólicas?” A resposta dada a esta questão é igualmente clara: “Levando devidamente em conta o caráter simbólico dos Poderes personificados, devemos admitir a existência destas Entidades, se não quisermos negar a existência da humanidade espiritual dentro da espécie humana física. Porque as hostes destes Filhos da Luz e ‘Filhos nascidos da Mente’, que constituem o primeiro raio manifestado do TODO DESCONHECIDO, são a própria raiz do homem espiritual.” A menos que queiramos acreditar no dogma antifilosófico de uma alma especialmente criada para cada nascimento humano, com um estoque renovado de almas a cada dia, desde “Adão”, teremos que aceitar os ensinamentos ocultos. Isso será explicado no momento adequado. Vejamos, agora, qual pode ser o significado oculto desta Estância.

A Doutrina Secreta ensina que, para tornarem-se seres divinos e deuses completamente conscientes - sim, até mesmo os mais elevados - as INTELIGÊNCIAS Espirituais primordiais devem passar pelo estágio humano. E quando nós dizemos “estágio humano”, isso não se aplica apenas à nossa humanidade terrestre, mas aos mortais que habitam qualquer mundo, isto é, a aquelas Inteligências que alcançaram o equilíbrio adequado entre matéria e espírito, um equilíbrio como *nós* temos agora, desde que foi ultrapassado o ponto médio da Quarta Raça-Raiz da Quarta Ronda. Cada Entidade deve conquistar por mérito próprio o direito de tornar-se divina através da autoexperiência. Hegel, o grande pensador alemão, deve ter conhecido ou percebido intuitivamente esta verdade quando disse que o Inconsciente fez com que o Universo surgisse apenas “na esperança de obter uma clara autoconsciência”, ou, em outras palavras, na esperança de tornar-se um SER HUMANO. Porque este é

---

[307] “Les Mystères de l’Horoscope”, p. XI. (Nota de H. P. Blavatsky)

[308] Neste ponto, estamos no alto da página 106 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

também o significado secreto da usual frase purânica segundo a qual Brahmâ "se movimenta constantemente devido ao desejo de criar". Isso explica também o significado cabalístico oculto da frase: "A *Respiração* se torna uma pedra; a pedra, uma planta; a planta, um animal; o animal, um homem; o homem, um espírito; e o espírito, um deus." Os Filhos nascidos da Mente, os Rishis, os Construtores, etc., foram todos eles seres humanos - de todos os tipos e formas - em outros mundos e nos Manvântaras anteriores.

Sendo tão místico, este assunto é extremamente difícil de explicar em todos os seus detalhes e desdobramentos; todo o mistério da criação evolutiva está presente nele. Uma ou duas frases relativas ao tema nos trazem vividamente à consciência frases similares na Cabala e na fraseologia do Rei Salmista [309] (Salmo 104), já que a Cabala e o Salmo, ao falar de Deus, afirmam que ele fez do vento o seu mensageiro e "de um fogo flamejante os seus ministros". Mas na Doutrina Esotérica isso é dito de modo simbólico. O "Vento de fogo" é a poeira cósmica incandescente que segue apenas magneticamente o pensamento orientador das "Forças Criativas", assim como fragmentos de ferro seguem o ímã. No entanto, esta poeira cósmica é algo mais, porque cada átomo do Universo tem a potencialidade da autoconsciência em si, e é, como a Mônada de Leibniz, um universo em si próprio e *para* si próprio. *É um átomo e um anjo*.

Em relação a isso, devemos ter em conta que um dos pensadores de maior destaque na Escola Evolucionista moderna, o sr. A. R. Wallace, ao discutir o erro dos que consideram a "seleção natural" como único fator no desenvolvimento do ser humano físico, praticamente admite todo o ponto aqui colocado. Ele sustenta que a evolução do homem foi dirigida e impulsionada por Inteligências Superiores, cuja influência é um fator necessário no esquema da Natureza. Mas depois que a operação destas Inteligências é admitida em um determinado aspecto da vida, a dedução lógica fará com que ela seja reconhecida também em outros aspectos. Não é possível estabelecer uma linha divisória fixa e definitiva.

ESTÂNCIA V - Continuação.

2.Eles fazem dele o mensageiro da sua vontade.(*a*) **O Dzyu se torna Fohat; o Filho Veloz dos Filhos Divinos, cujos filhos são os Lipikas [310], distribui mensagens circulares. Fohat é o cavalo, e o pensamento é o cavaleiro** (*isto é, ele está sob a influência do pensamento orientador deles*)**. Ele passa como um relâmpago através das nuvens de fogo** (*neblina cósmica*) (*b*)**; ele dá três, cinco e sete passos através das sete regiões acima, e das sete regiões abaixo** (*o mundo*

[309] Rei Davi. (Nota do Tradutor)

[310] Não deve ser esquecida a diferença entre os "Construtores", os Espíritos Planetários, e os Lipikas. (Veja os itens 5 e 6 deste Comentário.) (Nota de H. P. Blavatsky)

que passará a existir)**. Ele ergue sua voz e chama as inúmeras centelhas** (*átomos*)**, e se une a elas.**(*c*)

(*a*) Isto mostra os "Sete Primordiais" usando Fohat como seu *Vahan* (veículo, ou sujeito manifestado que se torna o símbolo do Poder que o dirige). Fohat, em consequência, é chamado de "Mensageiro da sua vontade", o redemoinho de fogo.

"O Dzyu se torna Fohat"; a própria expressão mostra isso. Dzyu é o conhecimento único e real (mágico), ou Sabedoria Oculta, o qual, lidando com as verdades eternas e as causas primordiais, passa a ser quase onipotência quando aplicado na direção correta. A sua antítese é Dzyu-mi, aquilo que lida apenas com ilusões e falsas aparências, como nas nossas ciências modernas exotéricas. Neste caso, Dzyu é a expressão da Sabedoria coletiva dos Dhyani-Buddhas.

(*b*) Como se supõe que o leitor não esteja familiarizado com a ideia de Dhyani-Buddhas, cabe dizer desde já que, *de acordo com os Orientalistas*, há cinco Dhyanis, que são os Buddhas "celestiais", dos quais os Buddhas humanos são manifestações no mundo da matéria e da forma. Esotericamente, no entanto, os Dhyani-Buddhas são sete, dos quais até hoje apenas cinco já se manifestaram [311], e os outros dois deverão surgir na sexta raça-raiz e na sétima raça-raiz. Eles são, de certo modo, os protótipos eternos dos Buddhas que aparecem nesta Terra, cada um dos quais tem o seu protótipo divino particular. Assim, por exemplo, Amitabha é o Dhyani-Buddha de Gautama Sakyamuni, manifestando-se através dele sempre que esta grande Alma encarna na Terra, como fez no caso de Tsong-kha-pa.[312] Como síntese dos sete Dhyani-Buddhas, Avalokitesvara foi o primeiro Buddha (o logos). Assim também Amitabha é o "Deus" interior de Gautama, que, na China, é conhecido como Amida (Buddha).[313] Eles são, como o sr. Rhys Davids afirma com razão, "as contrapartes gloriosas, no mundo místico, livres das condições degradantes desta vida material" de cada Buddha mortal e terrestre - os Manushi-Buddhas livres, designados para governar a Terra na Ronda atual. São os "Buddhas da Contemplação", e são todos "Anupadaka" (sem pais), isto é, auto-originados a partir da essência divina. O ensinamento exotérico afirma que cada Dhyani-Buddha tem a capacidade de criar a partir de si mesmo um filho igualmente celestial, um Dhyani-Bodhisatva, que, depois da morte do Manushi-Buddha, o Buddha humano, deve prosseguir o trabalho daquele que morreu. Esta ideia tem como base o fato de que, graças à iniciação mais elevada vivida por quem está sob a influência direta do "Espírito de Buddha" - (a quem os orientalistas atribuem a criação dos cinco

---

[311] Veja a obra "Esoteric Buddhism", de A. P. Sinnett, quinta edição com notas, pp. 171-173. (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor*:** *Na edição brasileira, "O Budismo Esotérico", de A.P. Sinnett; Ed. Pensamento, capítulo 9, pp. 124-127.*]

[312] O primeiro e o maior reformador, que fundou a linhagem dos "gorros amarelos", os Gelugpas. Nasceu no ano de 1355 da era atual, em Amdo, e foi o *avatar* de Amitabha, o nome celestial de Gautama Buddha. (Nota de H. P. Blavatsky)

[313] Veja mais informações sobre Buddha, transmitidas por um Mestre de Sabedoria, na Carta 18 do volume I de "Cartas dos Mahatmas", pp. 119-120. (Nota do Tradutor)

Dhyani-Buddhas!) - o candidato se torna virtualmente um Bodhisatva, constituído como tal pelo Grande Iniciador.

(*c*) Fohat precisa ser descrito em detalhe porque é um dos personagens mais importantes, se não for o mais importante, da Cosmogonia esotérica. Na cosmogonia grega mais antiga, que difere da mitologia posterior, Eros é a terceira pessoa da trindade primordial: Caos, Gaia e Eros, o que corresponde no esquema Cabalístico a En-Soph (porque o Caos é o ESPAÇO, χαὶνο, "vazio"), o TODO Ilimitado, Shekinah e o Ancião dos Dias, ou Espírito Santo. Do mesmo modo Fohat é uma coisa no Universo ainda imanifestado e outra coisa no Mundo Cósmico e fenomênico. Neste último, Fohat é aquela força oculta, elétrica, vital, que, atuando sob a Vontade do Logos criativo, une e aproxima todas as formas, dando a elas o primeiro impulso que com o tempo se torna lei. Mas no Universo imanifestado, Fohat não é isso, assim como Eros não corresponde à ideia posterior de um brilhante Cupido alado, ou AMOR. Fohat nada tem a ver com o Cosmos ainda, já que o Cosmos ainda não nasceu, e os deuses ainda dormem no colo de "Pai-Mãe". Fohat é uma ideia filosófica abstrata. Por enquanto ele não produz nada por si mesmo. Ele é apenas aquele poder criativo potencial cuja ação faz com que o NÚMENO de todos os futuros fenômenos se divida, por assim dizer, apenas para reunir-se novamente em uma ação mística suprassensorial, emitindo o raio criativo. Quando o "Filho Divino" surge, então Fohat se torna a força impulsora, o Poder ativo graças ao qual o UM se torna DOIS e TRÊS, no plano cósmico de manifestação. O tríplice Um se diferencia nos muitos, e então Fohat é transformado naquela força que reúne os átomos elementais e faz com que eles se agreguem e se combinem. Encontramos um eco deste ensinamento primordial na mitologia grega mais antiga. Érebo e Nix nascem do Caos, e, sob a ação de Eros, dão nascimento por sua vez a Éter e Hemera, a luz do superior e a luz do inferior, ou das regiões terrestres. A escuridão gera luz. Veja, nos Puranas, a "Vontade" ou desejo de Brahmâ de criar; e, na cosmogonia fenícia de Sanconíaton [314], a doutrina segundo a qual o Desejo, πόθος, é o princípio da criação.

Fohat está intimamente relacionado com a "VIDA UNA". Do "Um Desconhecido" emana a TOTALIDADE Infinita, o UM manifestado, ou a Divindade Manvantárica periódica; e esta é a Mente Universal, que, separada da sua Fonte, constitui o Demiurgo ou Logos Criador dos Cabalistas ocidentais, e o Brahmâ de quatro faces da religião hindu. Na sua totalidade, desde o ponto de vista do Pensamento Divino manifestado na doutrina esotérica, este Demiurgo ou Logos representa as hostes dos Dhyan Chohans criativos mais elevados. De modo simultâneo com a evolução da

[314] Sanconíaton; "Sanchoniathon" ou "Sanchuniathon" em inglês. Escritor fenício que provavelmente viveu antes dos tempos de Troia. Uma valiosa parte dos seus escritos foi preservada por Filo de Biblos e, mais tarde, por Eusébio de Cesareia. A presente alusão a Sanconíaton está à p. I-110 do original em inglês. Outra menção a ele é feita na p. I-340. Sanconíaton é mencionado por HPB em "Ísis Sem Véu": ver a p. 52 do volume II, na edição brasileira da Ed. Pensamento, ou a p. 342 do volume I, na edição original em inglês. O bispo de Cesareia, por sua vez, é mencionado de modo crítico por HPB na Introdução da presente obra (p. XXVI da edição original em inglês). (Nota do Tradutor)

Mente Universal, a Sabedoria oculta de Adi-Buddha - o Uno Supremo e eterno - manifesta-se como Avalokitesvara (ou Ishwara manifestado), que é o Osíris dos egípcios, o Ahura-Mazda dos zoroastristas, o Homem Celestial do filósofo hermético, o Logos dos platônicos, e o Atma dos vedantinos.[315] É pela ação da Sabedoria manifestada, ou Mahat, representada por estes inúmeros centros de Energia espiritual no Cosmo, que o reflexo da Mente Universal - a Ideação Cósmica e a Força intelectual que acompanha tal ideação - se transforma, objetivamente, no Fohat do filósofo budista esotérico. Fohat, percorrendo os sete princípios do AKASHA, age sobre a substância manifestada ou Elemento Único, como foi dito acima. Ao diferenciar o Elemento Único em vários centros de Energia, Fohat coloca em movimento a lei da Evolução Cósmica. Esta lei, obedecendo à Ideação da Mente Universal, faz com que passem a existir todos os vários estados de ser no Sistema Solar manifestado.

O Sistema Solar começa a existir graças a estas agências e consiste de Sete Princípios, como tudo o que existe nestes centros. Assim afirma o ensinamento do Esoterismo Trans-Himalaiano.[316] Cada filosofia, no entanto, tem a sua própria maneira de dividir estes princípios.

Fohat, então, é a força vital elétrica personificada, a Unidade transcendental que enlaça todas as Energias Cósmicas tanto nos planos invisíveis como nos planos manifestados. A sua ação se assemelha, numa escala imensa, à ação de uma Força viva criada pela VONTADE, naqueles fenômenos em que o aparentemente subjetivo age sobre o aparentemente objetivo e o coloca em movimento. Fohat é não só o Símbolo e Receptáculo vivo daquela Força, mas é visto pelos Ocultistas também como uma Entidade. As forças sobre as quais ele atua são cósmicas, humanas e terrestres, e exercem influência em todos estes planos, respectivamente. No plano terrestre, a influência de Fohat é sentida na força magnética e ativa gerada pelo desejo forte do magnetizador. No plano cósmico, sua influência está presente no poder construtivo que realiza, no processo de formação das coisas - desde um sistema planetário até um pirilampo ou uma simples margarida - o plano que existe na mente da natureza, ou no Pensamento Divino, com relação ao desenvolvimento e crescimento daquela operação em particular. Fohat é, metafisicamente, o pensamento dos deuses tornado objetivo; a "materialização da Palavra", em uma escala inferior, e o mensageiro das ideações cósmicas e humanas: a força ativa na Vida Universal. Em seu aspecto secundário, Fohat é a Energia Solar, o fluido vital

---

[315] O sr. Subba Row parece identificá-lo com o Logos, e também chamá-lo de LOGOS. (Veja a transcrição das suas quatro palestras sobre o "Bhagavad Gita", na revista "Theosophist".) (Nota de H. P. Blavatsky)

[316] Trans-Himalaiano, isto é, além dos Himalaias; ao Norte desta Cordilheira. HPB afirmou na Introdução que a sede central das escolas esotéricas orientais está "além dos Himalaias", embora elas incluam centros de ação nos diferentes continentes, incluindo América do Sul e países como China, Japão e Síria. (Nota do Tradutor)

elétrico [317], e o quarto princípio, o princípio preservador, a Alma animal da Natureza, por assim dizer, ou a Eletricidade. Na Índia, Fohat está ligado a Vishnu e a Surya. No caso de Vishnu, isso diz respeito ao seu caráter inicial, porque Vishnu não é um deus dos mais elevados no Rig Veda. O nome Vishnu vem da raiz *vish*, "permear", e Fohat é chamado de "Permeador" e "Produtor", porque dá forma aos átomos a partir do material bruto.[318] Nos textos sagrados do Rig Veda, também, Vishnu é "uma manifestação da Energia Solar", e é descrito como percorrendo as Sete regiões do Universo em três passos. O deus Védico tem pouco em comum com o Vishnu dos tempos posteriores. Portanto Vishnu e Fohat são idênticos neste aspecto particular, e um é a cópia do outro.

Os "três e sete" passos se referem às Sete esferas habitadas pelo ser humano, segundo a Doutrina Esotérica, assim como às Sete regiões da Terra. Apesar das frequentes objeções feitas por supostos Orientalistas, os Sete Mundos ou esferas da nossa cadeia planetária são nitidamente mencionados nas escrituras hindus exotéricas. Mas a estranha maneira como todos estes números estão conectados com números semelhantes em outras cosmogonias, e com os seus símbolos, pode ser vista através das comparações e dos paralelismos feitos pelos estudantes das religiões antigas. Os "três passos de Vishnu" através das "sete regiões do Universo", segundo o Rig Veda, têm sido explicados de várias maneiras por comentadores como sendo referências "ao fogo, ao relâmpago e ao Sol", no plano cósmico, ou

---

[317] Em 1882 o presidente da Sociedade Teosófica, Coronel Olcott, foi criticado por afirmar em uma das suas palestras que a Eletricidade é matéria. No entanto, este é o ensinamento da Doutrina Oculta. "Força" e "Energia" podem ser dois nomes melhores para ela, enquanto a Ciência Europeia tiver um conhecimento tão escasso da sua verdadeira natureza; no entanto, a Eletricidade é matéria, assim como o Éter é matéria, já que é igualmente atômico, embora o Éter tenha vários graus de sutileza a mais. Parece ridículo argumentar que, se uma coisa é imponderável para a Ciência, já não pode ser chamada de matéria. A Eletricidade é "imaterial" no sentido de que as suas moléculas não estão sujeitas à percepção e ao experimento; no entanto, ela pode ser - e o Ocultismo diz que é - atômica: portanto, ela é material. Mas mesmo supondo que fosse anticientífico falar desta maneira, uma vez que a Eletricidade é definida em ciência como uma fonte de Energia, simplesmente Energia, e como uma Força - perguntamos: qual é a Força, ou Energia, que pode ser pensada sem pensar em matéria? Maxwell, um matemático e uma das maiores autoridades em Eletricidade e nos seus fenômenos, disse, anos atrás, que Eletricidade é Matéria, e não meramente movimento. "Se aceitarmos a hipótese de que as substâncias elementares são compostas de átomos, não podemos deixar de concluir que também a eletricidade, positiva e negativa, está dividida em partes elementares definidas, que se comportam como átomos de eletricidade." (Helmholtz, *Faraday Lecture*, 1881.) Nós vamos além desse ponto, e afirmamos que a Eletricidade é não só Substância, mas constitui também uma emanação de uma Entidade que não é nem Deus nem demônio, mas uma das inúmeras Entidades que governam e guiam o nosso mundo de acordo com a eterna Lei do CARMA. (Veja os Adendos na parte três deste Volume I.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[318] É bem sabido que a areia, quando colocada sobre uma lâmina de metal em vibração, forma uma série de figuras curvas regulares diferentes. A ciência pode dar uma explicação *completa* sobre este fato? (Nota de H. P. Blavatsky)

como sendo passos dados na Terra, na atmosfera, e no céu; e também como "os três passos" do anão (encarnação de Vishnu), embora desde um ponto de vista mais filosófico - e também de modo perfeitamente correto num sentido astronômico - eles sejam explicados por Aurnavabha como sendo as várias posições do Sol no alvorecer, ao meio-dia e ao final do dia. Só a filosofia esotérica explica o tema com clareza, e o Zohar o aborda de modo filosófico e abrangente. É dito e é fortemente demonstrado no Zohar que no começo os Elohim (Elhim) eram chamados de Echod, "um", ou "a Divindade é uma em muitos", uma ideia muito simples numa perspectiva filosoficamente panteísta. Mais tarde veio a mudança, "Jeová é Elohim", e unificou-se a multiplicidade e deu-se o primeiro passo para o monoteísmo. Diante da pergunta "De que modo Jeová pode ser Elohim?", a resposta é "Através de três Passos", desde o ponto de vista inferior. O significado é claro.[319] Eles são todos símbolos. São emblemáticos, mutuamente e correlativamente, do Espírito, da Alma e do Corpo (SER HUMANO); do círculo transformado em Espírito, da Alma do Mundo, e do seu corpo (a Terra). Saindo do Círculo da Infinidade, que nenhum ser humano compreende, En-Soph (o sinônimo cabalístico de *Parabrahm*, e do *Zeroana Akerne*, dos zoroastristas; e também o "INCOGNOSCÍVEL") se torna "Um", o ECHOD[320], o EKA, o AHU [321], que depois é transformado pela evolução no Um que é muitos, os Dhyani-Buddhas ou Elohim, ou também os Amshaspends.[322] O seu terceiro Passo é dado na geração da carne, ou "Homem". E do homem ou Jah-Hova, "macho-fêmea", a entidade divina *interna* se transforma outra vez nos Elohim, no plano metafísico.

A ideia cabalística é idêntica à do Esoterismo do período Arcaico. Este esoterismo é propriedade comum de todos, e não pertence nem à quinta raça ariana, nem a qualquer uma das suas numerosas sub-raças. Não pode ser reivindicado pelos

---

[319] Os números 3, 5 e 7 têm destaque na maçonaria especulativa, conforme foi demonstrado em "Ísis Sem Véu". Um maçom escreve: "Há os 3, 5 e 7 passos para mostrar uma caminhada circular. As três faces de 3, 3; 5, 3; e 7, 3; etc., etc. Às vezes isto vem desta forma: $\frac{753}{2}$ = 376,5 e $\frac{7635}{2}$ = 3817,5 ; e a razão de $\frac{20612}{6561}$ pés por medida cúbica resulta nas medidas da Grande Pirâmide", etc., etc. Três, cinco e sete são números místicos, e o primeiro e o último são grandemente celebrados tanto pelos parsis como pelos maçons. O triângulo é em toda parte um símbolo da divindade. (Veja *Masonic Cyclopedia*, e "Pythagorean Triangle", Oliver.) Normalmente, os doutores em divindade (Cassel, por exemplo) descrevem o Zohar como se ele explicasse e apoiasse a trindade cristã (!). É esta última, no entanto, que deve a sua origem ao △ dos pagãos, do Ocultismo, e da simbologia arcaica. Os três passos se relacionam metafisicamente com a descida do Espírito na matéria; a queda do Logos como um raio no Espírito, e depois na Alma, e finalmente na forma física humana, na qual o Logos se torna VIDA. (Nota de H. P. Blavatsky)

[320] *Echod* ou *Echad*: (hebraico), "Um", termo aplicado a Jeová (*Glossário Teosófico*). (Nota do Tradutor)

[321] AHU: "Um", na tradição escandinava (*Glossário Teosófico*). (Nota do Tradutor)

[322] *Amshaspends*, também *Amesha spenta*: termo persa que designa seis arcanjos ou divindades auxiliares de Ahura-Mazda (o "Senhor"), no zoroastrismo. (Nota do Tradutor)

chamados turanianos [323], nem pelos egípcios, chineses, caldeus, nem qualquer uma das Sete divisões da Quinta Raça-Raiz, mas originalmente pertence à Terceira e à Quarta Raças-Raízes, cujos descendentes encontramos na Semente da Quinta Raça, os primeiros arianos. Em todas as nações, o Círculo era o símbolo do Desconhecido, o "Espaço Ilimitado", a veste abstrata de uma abstração sempre presente, a Divindade Incognoscível. Representa o Tempo Ilimitado na Eternidade. O Zeroana Akerne é também o "Círculo sem Fronteiras do Tempo Desconhecido", do qual surge a luz radiante, o SOL Universal, ou Ormuzd [324], e este último é idêntico a Cronos, em sua forma eoliana, que é um círculo. Porque o círculo é Sar, e Saros, ou ciclo, e foi o deus babilônico cujo horizonte circular era o símbolo visível do invisível, enquanto que o Sol era o ÚNICO Círculo de onde procediam as esferas cósmicas, e das quais ele era considerado o líder. Zeroana [325] é o chacra ou círculo de Vishnu, o misterioso emblema que, segundo a definição de um místico, é "uma curva de uma tal natureza que se uma das suas extremidades for esticada indefinidamente, ela se expandirá até reingressar na curva, formando o que chamamos de círculo". Não poderia haver uma definição melhor que esta para o símbolo natural e para a natureza evidente da Divindade, que tem a sua circunferência em toda parte (sendo ilimitada) e, portanto, possui um ponto central que também está situado em todo lugar; em outras palavras, em cada ponto do Universo. Deste modo, a Divindade invisível é também os Dhyan Chohans, ou Rishis, os sete primordiais, e os nove, externamente, e os dez, incluindo a unidade sintetizadora deles, dos quais ELA avança para a condição humana. Voltemos ao Comentário sobre o sloka 4 da Estância IV. O leitor entenderá por que, enquanto o Chacra Trans-Himalaiano tem inscrito no seu interior △ | □| ✡ (triângulo, primeira linha, cubo, segunda linha, e um pentáculo com um ponto no centro, deste modo, ✡, e algumas outras variações), o círculo cabalístico dos Elohim revela, quando as letras da palavra אלהים (Alhim ou Elohim) são lidas numericamente, os famosos numerais **13514**, ou, por anagrama, **31415**. Este é o número astronômico π (pi), ou o significado oculto dos Dhyani-Buddhas, dos Gebers, dos Geborim, dos Kabeiri e dos Elohim, todos significando "grandes homens", "titãs", "homens celestes", e, na Terra, "gigantes".

O Sete era um número sagrado para todas as nações; mas ninguém o usava de modo mais fisiologicamente materialista que os hebreus. Para eles, o sete era predominantemente o número gerador, e nove o número causador masculino, formando, como demonstrado pelos cabalistas, o עֵצ (90 70) ou ***otz***, "a Árvore do Jardim do Éden" [326], a "dupla haste hermafrodita" da quarta raça. Enquanto entre os hindus

---

[323] Turanianos: termo referente aos povos da Rússia e da região conhecida como Turquestão. (Nota do Tradutor)

[324] Ormuzd é o Logos, o "primogênito", e o Sol. (Nota de H. P. Blavatsky)

[325] Zeroana ou Zero-ana: o tempo infinito dos zoroastristas. Neste ponto, estamos na página 114 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[326] Este era o símbolo do "Santo dos Santos", o 3 e o 4 da separação dos sexos. Quase todas as 22 letras do alfabeto hebreu são apenas símbolos fálicos. Das duas letras mostradas

e árias em geral o significado era variado e se relacionava quase inteiramente com verdades metafísicas e astronômicas.[327] Os Rishis e os Deuses dos hindus, seus demônios e heróis, têm significados históricos e éticos. Ao contrário dos antigos hebreus, os árias nunca fizeram sua religião repousar exclusivamente sobre símbolos fisiológicos. Isso é encontrado nas escrituras hindus exotéricas. A prova de que estes relatos são camuflagens está no fato de que eles contradizem uns aos outros. Construções diferentes são encontradas em quase todos os Puranas e poemas épicos.[328] Lidos esotericamente, todos eles têm o mesmo significado. Assim, um

---

acima, uma, *ayin*, é uma letra *negativa* feminina, simbolicamente um olho; a outra é uma letra masculina, *tza*, um anzol ou dardo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[327] Um cabalista, autor de uma obra ainda não publicada na qual é feito um paralelo da Cabala e do Zohar com o esoterismo hindu, nos diz que "Os modos hebreus, claros, curtos, concisos e exatos, superam nitidamente a linguagem infantil dos hindus, como nos paralelismos do Salmista que afirma: 'A minha boca falará da tua justiça e da tua salvação todo dia, embora eu não saiba como descrevê-las…' (Salmo 71:15) (……) O glifo hindu mostra pela sua insuficiência e pela grande mistura de aspectos acidentais a mesma plumagem emprestada que os gregos (os gregos mentirosos) tinham, e que a maçonaria tem: enquanto que a áspera, monossilábica e (aparentemente) pobre expressão hebraica demonstra que esta vem de uma antiguidade muito mais remota do que as outras, e que é a fonte (!?) ou a raiz antiga e original delas." Isso é inteiramente errôneo. O nosso erudito irmão e correspondente aparentemente julga os sistemas religiosos hindus com base nos Shastras e Puranas. Provavelmente está limitado aos Puranas, e, além disso, os avalia em suas traduções modernas, que estão desfiguradas pelos orientalistas até um ponto em que já não se pode reconhecer o original. Se alguém deseja fazer um estudo comparado, é preciso voltar-se para os sistemas filosóficos dos hindus, para o seu ensinamento esotérico. Não há dúvida de que a simbologia do Pentateuco, e mesmo a do Novo Testamento, vem da mesma fonte. Mas seguramente a pirâmide de Quéops, cujas medidas o professor Piazzi Smyth descobriu serem todas as mesmas do suposto e mítico templo de Salomão, não pode ser de uma data posterior à dos livros de Moisés? Portanto, caso haja algo como a grande identidade reivindicada, ela deve ter como causa uma humilde cópia feita pelos judeus, e não pelos egípcios. Os glifos judeus, e mesmo o idioma deles, o hebraico, não são originais. Foram tomados por empréstimo dos egípcios, de quem Moisés obteve a sua sabedoria; dos coptas, que provavelmente tinham origens comuns ou eram parentes dos antigos fenícios e dos hicsos, os seus (supostos) ancestrais, conforme Josefo mostra em sua obra "Contra Apião", I, p. 25. Sim, mas quem são os pastores hicsos? E quem são os egípcios? A História não conhece coisa alguma da questão, mas especula e teoriza a partir das profundas consciências dos seus historiadores. (Veja "Ísis Sem Véu", Ed. Pensamento, volume IV, pp. 74-81; ou, na edição original em inglês, volume II, pp. 430-438.) "O khamismo, ou antigo idioma copta", diz Bunsen, "é da Ásia Ocidental, e contém germes do semítico, o que demonstra a antiga unidade das raças ariana e semítica". E ele situa os grandes eventos do Egito em 9.000 anos antes da era cristã. O fato é que no esoterismo arcaico e no pensamento ário nós encontramos uma filosofia sublime, enquanto nos registros hebraicos encontramos apenas a mais surpreendente habilidade de inventar apoteoses para a adoração fálica e a teogonia sexual. (Nota de H. P. Blavatsky)

[328] Esta ideia é importante para que se perceba o modo correto de estudar "A Doutrina Secreta", ou as Cartas dos Mahatmas, entre outras obras clássicas da teosofia original. As imperfeições externas servem para testar o discernimento do estudante e ocultar o ensinamento interior da visão dos que ainda não estão preparados. A leitura tem muitos e diferentes níveis de compreensão. Por outro lado, cabe registrar o caráter moderado da

relato enumera Sete mundos, sem contar os mundos inferiores, que também são sete; estes catorze mundos inferiores e superiores nada têm a ver com a classificação da cadeia setenária, e pertencem aos mundos puramente etéreos e invisíveis. O tema será examinado em outro momento. É suficiente por agora mostrar que eles são mencionados propositalmente como se pertencessem à cadeia. "Outra enumeração chama os Sete mundos - Terra, céu, região celestial, região média, local de nascimento, mansão do abençoado, e moradia da verdade; e coloca os 'Filhos de Brahmâ' na sexta divisão, afirmando que a quinta divisão, ou Jana Loka, é onde nascem outra vez os animais destruídos na grande conflagração." (Veja o *Hindu Classical Dictionary*.) Algum significado esotérico verdadeiro é transmitido no "Simbolismo". Aquele que estiver preparado irá compreender o significado oculto.

ESTÂNCIA V - Continuação.

3.Ele é o seu espírito-guia e seu líder. Quando começa a trabalhar, separa as centelhas do Reino Inferior (*átomos minerais*) **que flutuam e vibram alegres nas suas moradas radiantes** (*nuvens gasosas*)**, e forma com elas os germes das rodas. Ele as coloca nas seis direções do espaço, e uma no meio - a roda central.**(*a*)

(*a*) As "rodas", como já foi explicado, são os centros de força em torno dos quais a matéria Cósmica primordial se expande, e, passando através de todos os seis estágios de consolidação, se torna esferoidal e termina por ser transformada em globos ou esferas. Um dos princípios fundamentais de Cosmogonia Esotérica afirma o seguinte: ao longo dos Kalpas (ou éons) de vida, o MOVIMENTO, que durante os períodos de Descanso "pulsa e estimula cada átomo adormecido" [329] (Comentário sobre Dzyan), tem uma tendência cada vez mais forte de adotar o movimento circular, desde o primeiro despertar do Cosmos para um novo "Dia". A "Divindade se transforma em um REDEMOINHO". Estes centros de força são também chamados de *Rotae* - as rodas em movimento dos orbes celestiais, participantes da criação do

---

crítica de HPB ao judaísmo. Suas críticas ao cristianismo são muito mais intensas e radicais, e ela praticamente não menciona o Islamismo em seus escritos, limitando-se a dizer que é uma religião que, como o cristianismo, conquista "devotos" através da violência física. O que HPB está fazendo nesta passagem é essencialmente mostrar que o hinduísmo é a origem do judaísmo, e que o judaísmo deve reencontrar-se com suas origens. (Nota do Tradutor)

[329] O leitor poderá perguntar, assim como a autora perguntou: "Quem está lá para verificar o caráter do movimento, já que toda a natureza está reduzida à sua essência primordial, e não pode haver ninguém - nem mesmo algum dos Dhyani-Chohans, que estão todos no Nirvana, - para olhar e ver?" E a resposta foi a seguinte: "Tudo na Natureza deve ser avaliado por analogia. Embora as mais altas Divindades (Arcanjos ou Dhyani-Buddhas) sejam incapazes de perceber diretamente os mistérios que estão muito além do nosso sistema planetário e do Cosmo visível, ainda assim, houve no passado grandes videntes e profetas que possuíam a capacidade de perceber retrospectivamente o mistério da Respiração e do Movimento quando os sistemas de mundos estavam em repouso e mergulhados no seu sono periódico." (Nota de H. P. Blavatsky)

mundo - quando o significado se refere ao princípio que anima as estrelas e os planetas; porque na Cabala eles são representados pelos Ophanim, os Anjos das Esferas e das estrelas, das quais eles são as Almas formadoras. (Veja *Kabala Denudata*, "*De Anima*", p. 113.)

Esta lei do movimento em vórtices na matéria primordial é uma das concepções mais antigas da filosofia grega, cujos primeiros Sábios históricos eram quase todos Iniciados dos Mistérios. Os gregos obtiveram este conceito dos egípcios, e estes dos caldeus, que haviam sido discípulos dos brâmanes da escola esotérica. Leucipo e Demócrito de Abdera - o discípulo dos Magos - ensinaram que este movimento giratório dos átomos e das esferas existe desde a eternidade.[330] Hicetas, Heráclides, Ecfanto, Pitágoras e todos os seus alunos ensinavam a rotação da Terra; e Aryabhata, da Índia, Aristarco, Seleuco, e Arquimedes calcularam a sua revolução de modo tão científico como os astrónomos de hoje; enquanto a teoria dos Vórtices Elementais era conhecida por Anaxágoras, e defendida por ele em 500 AEC, ou cerca de 2000 anos antes de ser adotada por Galileu, Descartes, Swedenborg, e, finalmente, com poucas modificações, por Sir W. Thomson. (Veja, dele, "*Vortical Atoms*".) Todo este conhecimento, se for feita justiça a ele, é um eco da doutrina arcaica, conforme tentamos explicar. A maneira pela qual homens dos séculos recentes chegaram às mesmas ideias e conclusões que eram ensinadas como verdades axiomáticas nos templos secretos de dezenas de milhares de anos atrás constitui uma questão a ser tratada separadamente. Alguns foram levados a elas pelo progresso natural da ciência física e pela observação independente. Outros, como Copérnico, Swedenborg e mais alguns, apesar da sua grande erudição, alcançaram esse conhecimento graças muito mais a ideias intuitivas do que a ideias adquiridas ou desenvolvidas de maneira costumeira ao longo de um estudo. [331] (Veja "O Mistério de Buddha". [332])

---

[330] "A doutrina da rotação da Terra em torno de um eixo era ensinada pelo pitagórico Hicetas provavelmente já em 500 AEC. Foi ensinada também por seu aluno Ecfanto, e por Heráclides, um aluno de Platão. A imobilidade do Sol e a rotação orbital da Terra foram apresentadas por Aristarco de Samos já em 281 AEC como suposições que se harmonizam com os fatos observados. A teoria heliocêntrica era ensinada em torno de 150 AEC, por Seleuco de Selêucia, no Tigre." [*Era ensinada em 500 AEC por Pitágoras, H.P.B.*] "Afirma-se também que Arquimedes, numa obra intitulada *Psammites*, ensinava a teoria heliocêntrica. A esfericidade da Terra foi nitidamente ensinada por Aristóteles, que, como elemento de prova, usava a figura da sombra da Terra na Lua, durante os eclipses. (Aristóteles, *De Caelo*, lib. II, Cap. XIV.) A mesma ideia foi defendida por Plínio (Nat. Hist., II, 65). Estes pontos de vista parecem ter sido esquecidos durante mais de mil anos….." ("*Comparative Geology*", Part IV, "Pre-Kantian Speculation", p. 551, by Alex. Winchell, LL.D.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[331] O fato de que Swedenborg, que não teria podido saber nada sobre as ideias esotéricas do budismo, aproximou-se por seus próprios meios do ensinamento Oculto nas suas concepções gerais, é demonstrado pelo seu ensaio sobre a Teoria dos Vórtices. Na tradução do texto feita por Clissold, citada pelo prof. Winchell, encontramos o seguinte resumo: "A Causa primeira é o Infinito ou Ilimitado. Este dá origem ao Primeiro Finito ou Limitado." (O Logos em Sua manifestação e o Universo.) "Aquilo que produz um limite é análogo ao

A expressão “Seis direções do Espaço” significa aqui o “Duplo Triângulo”, a junção e a combinação do puro Espírito e da Matéria, do Arupa e do Rupa, simbolizadas pelos Triângulos. Este duplo Triângulo é um signo de Vishnu, além de ser o selo de Salomão e o Sri-Antara dos brâmanes.[333]

ESTÂNCIA V - Continuação.

4.Fohat lança linhas espirais para unir o sexto ao sétimo - a coroa (*a*)**; um exército dos Filhos da Luz permanece em cada ângulo, e os Lipikas na roda do meio. Eles** (*os Lipikas*) **dizem: “Isto é bom”** (*b*)**. O primeiro mundo divino está pronto, o primeiro** (*agora é*) **o segundo** (*mundo*)**. Então o “Divino Arupa”** (*o Universo de Pensamento, sem forma*) **lança um reflexo de si mesmo em Chhaya Loka** (*o mundo das sombras da forma primordial, ou intelectual*)**, a primeira veste de Anupadaka.** (*c*) [334]

(*a*) Este lançamento de “linhas espirais” se refere à evolução tanto dos princípios humanos como dos princípios da Natureza; uma evolução que ocorre gradualmente (como será visto no volume II, ao estudarmos a origem das raças humanas). O sexto princípio do homem (Buddhi, a alma divina), embora seja apenas um sopro, do ponto de vista da nossa observação, ainda assim é algo material, quando comparado com o “Espírito” divino (Atma), do qual ele é o veículo ou transmissor. Fohat, em

---

movimento. (Veja a primeira Estância, *acima*.) O limite produzido é um ponto, cuja Essência é movimento; mas, como não possui partes, essa Essência não é o Movimento em si, mas apenas um conato dele.” (Em nossa Doutrina não é um “conato”, mas uma mudança de uma vibração eterna no imanifestado, para um Movimento Vorticoso no Mundo manifestado ou fenomênico.) ….. “A partir deste primeiro procedem a Extensão, o Espaço, a Figura e a Sucessão, ou Tempo. Assim como em Geometria um ponto gera uma linha, a linha gera uma superfície, e a superfície produz um sólido, assim também o conato de um ponto tende na direção das linhas, das superfícies e dos sólidos. Em outras palavras, o Universo está contido *como um ovo* em seu primeiro ponto natural …… o Movimento em cuja direção o conato se inclina é circular, já que o círculo é a mais perfeita de todas as figuras …… A imagem mais perfeita do Movimento ….. deve ser perpetuamente circular, isto é, deve proceder do centro para a periferia e da periferia para o centro.” (Citado de *Principia Rerum Naturalia*.) Isso é Ocultismo puro e simples. (Nota de H. P. Blavatsky)

[332] O texto “The Mystery of Buddha” (“O Mistério de Buddha”) e outros fragmentos relacionados a ele estão disponíveis às pp. 370-421 do volume XIV de “Collected Writings”, H. P. Blavatsky (TPH). O texto específico “The Mystery of Buddha” está às pp. 388-399. (Nota do Tradutor)

[333] Neste ponto, estamos na página 118 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[334] O leitor deve levar em conta, como assinalado anteriormente, que a transcrição das Estâncias e de seus Slokas feita em meio aos Comentários não é necessariamente igual ao texto das Estâncias apresentado antes. Há com frequência pequenas diferenças. (Nota do Tradutor)

seu caráter de AMOR DIVINO (*Eros*), constitui o Poder elétrico da afinidade e da simpatia, e é descrito alegoricamente como se tentasse colocar o Espírito puro, o raio inseparável do UM absoluto, em união com a Alma. Os dois constituem no ser humano a MÔNADA, e na Natureza o primeiro vínculo entre o eternamente incondicionado e o manifestado. A expressão "o primeiro agora é o segundo (mundo)", dos Lipikas, se refere a este fato.

(*b*) O "exército" em cada ângulo é a Hoste de seres angélicos (Dhyan-Chohans) designados para guiar e zelar por cada região respectiva, desde o início até o final do Manvântara. Eles são os "Vigilantes Místicos" dos cabalistas e alquimistas cristãos, e se relacionam, simbólica e cosmologicamente, com o sistema numérico do Universo. Os números aos quais estes Seres celestiais estão ligados são extremamente difíceis de explicar. Cada número se refere a vários grupos de ideias diferentes, de acordo com o tipo especial de "Anjos" que o número representa. Este é o *nó* central do estudo da simbologia, diante do qual, incapazes de desfazê-lo desamarrando-o, tantos eruditos preferem fazer como Alexandre fez diante do nó Górdio [335]. O resultado direto disso são as concepções falsas e os ensinamentos errados.

O "Primeiro é o Segundo" porque o "Primeiro" não pode realmente ser numerado ou visto como Primeiro, porque isso seria colocá-lo como primeira manifestação do reino dos fenômenos, o portal do Mundo da Verdade, ou SAT, através do qual a energia direta que surge da REALIDADE UNA - A Divindade Sem Nome - chega até nós. Aqui novamente o termo intraduzível SAT (*Existencialidade*) provavelmente levará a conclusões erradas, já que aquilo que é manifestado não pode ser SAT, mas é algo fenomênico, não-eterno, e passageiro. Ele é contemporâneo da Vida Una e coexiste com ela. É "Sem Igual", mas, como uma manifestação, ele ainda é Maya, do mesmo modo que o resto. Este "Mundo da Verdade" só pode ser descrito pelas palavras do Comentário: "Uma estrela brilhante caída do coração da Eternidade; o farol da esperança, de cujos Sete Raios pendem os Sete Mundos da Existência." [336] E é verdadeiramente assim, já que estas são as Sete Luzes das quais são reflexos as mônadas humanas imortais, o Atma ou o espírito radiante de cada criatura da família humana. Primeiro, esta Luz setenária; depois -

(*c*) O "Mundo Divino", as incontáveis Luzes acendidas na Luz primordial, os Buddhis, ou Almas divinas sem forma, do último mundo Arupa (sem forma); a "Soma Total", na linguagem misteriosa da antiga Estância. No Catecismo, o Mestre pergunta ao aluno:

---

[335] Nó Górdio. Alusão a uma lenda que narra o modo como Alexandre, o Grande, enfrentou o desafio de desfazer um nó de uma corda que era considerado impossível de desatar. Depois de analisar calma e cuidadosamente o problema, Alexandre desembainhou a espada e cortou o nó de um só golpe. (Nota do Tradutor)

[336] O leitor deve levar em conta o termo "existencialidade", visto algumas linhas acima e em várias páginas anteriores, inclusive no Proêmio. (Nota do Tradutor)

"Ergue tua cabeça, ó Lanu; vês uma, ou talvez incontáveis luzes acima de ti, ardendo no céu escuro da meia-noite?"

"Eu vejo uma Chama, ó Gurudeva [337]*, vejo incontáveis centelhas unidas brilhando nela."*

"Tu estás certo. E agora olha em torno, e olha o teu interior. Sentes a luz que arde dentro de ti como algo diferente, de alguma maneira, da luz que brilha nos teus irmãos humanos?"

"Não é de modo algum diferente, embora o prisioneiro esteja encarcerado pelo Carma, e apesar do fato de que as suas aparências externas enganam o ignorante levando-o a falar sobre 'Tua Alma e Minha Alma'."

A unidade radical da essência última de todas as partes constituintes dos compostos na Natureza, desde a Estrela até o átomo mineral, desde o mais elevado Dhyan Chohan até o mais diminuto dos infusórios [338], na mais completa acepção do termo, e seja ele aplicado ao mundo espiritual, intelectual ou físico; esta é a lei fundamental da Ciência Oculta. "A Divindade é uma extensão ilimitada e infinita", diz um axioma Oculto, e disso resulta, como já foi dito, o nome de Brahmâ.[339] Há uma profunda filosofia subjacente às primeiras formas de adoração religiosa no mundo, a adoração do Sol e do Fogo. De todos os elementos conhecidos da ciência física, o fogo é o único que sempre escapou a uma análise definida. Afirma-se de modo muito confiante que o ar é uma mistura contendo os gases oxigênio e nitrogênio. Nós vemos o Universo e a Terra como uma matéria composta de moléculas químicas definidas. Falamos das dez Terras primitivas, dando a cada uma um nome grego ou latino. Dizemos que a água é, quimicamente, um composto de oxigênio e hidrogênio. Mas o que é o FOGO? "Ele é o efeito da combustão", afirma-se, com um ar grave. "É calor, luz e movimento, e uma correlação de forças físicas e químicas, em geral." E esta definição científica é filosoficamente suplementada pela definição teológica, no dicionário Webster, que descreve o fogo como "o instrumento de punição, ou a punição do impenitente em outro estado", um "estado", diga-se de passagem, que se supõe ser espiritual; mas, lamentavelmente, a presença do fogo parece ser uma prova irrefutável da sua natureza material. No entanto, falando da ilusão de considerar os fenômenos como fatos simples apenas porque são algo familiar, o professor Bain diz (em *Logic*, Parte II):

---

[337] Gurudeva: divino mestre, em sânscrito. (Nota do Tradutor)

[338] Os infusórios são zoófitos microscópicos de consistência gelatinosa que vivem nos líquidos. Zoófitos são animais com aparência de plantas. (Nota do Tradutor)

[339] No Rig Veda, encontramos os nomes *Brahmanaspati* e *Brihaspati* alternando-se e equivalendo um ao outro. Veja também o *Brihad Upanixade*: Brihaspati é uma divindade qualificada como "o Pai dos deuses". (Nota de H. P. Blavatsky)

"Fatos muito familiares parecem não necessitar de explicação e são usados como meios para explicar tudo o que pode ser assimilado a eles. Assim, a fervura e a evaporação de um líquido são vistas como um fenômeno muito simples e que não requer explicação, e que pode ser usado para explicar fenômenos menos comuns. Que a água possa secar é, para a mente desinformada, algo inteiramente compreensível; enquanto para o homem familiarizado com a ciência física trata-se de algo anômalo e inexplicável. Acender um fogo com uma chama é uma GRANDE DIFICULDADE CIENTÍFICA, e no entanto poucas pessoas pensam assim." (p. 125)

O que diz o ensinamento esotérico em relação ao fogo? "O fogo", afirma ele, "é o reflexo mais perfeito e não-adulterado, assim no Céu como na Terra, da CHAMA ÚNICA. Ele é a Vida e a Morte, o início e o fim de tudo o que é material. É a 'SUBSTÂNCIA' divina." Assim, não só o ADORADOR DO FOGO, o parsi [340], mas também as tribos nômades selvagens da América do Norte, que proclamam terem "nascido do fogo", demonstram possuir mais ciência em suas crenças e mais verdade em suas superstições do que todas as especulações da física moderna e sua erudição. O cristão que diz: "Deus é um Fogo vivo", ou fala das "Línguas de Fogo" pentecostais, assim como do "arbusto ardente" de Moisés, é tão adorador do fogo como qualquer "pagão". Entre todos os místicos e cabalistas, foram os rosacruzes [341] que definiram o Fogo do modo mais correto e adequado. Se você pegar uma lamparina comum e a mantiver abastecida com óleo, poderá acender em sua chama as velas, os lampiões e os fogos do planeta inteiro, sem que a chama inicial diminua.[342] Se a Divindade, o Um radical, é uma substância eterna e infinita ("o Senhor teu Deus é um fogo devorador"[343]) e que nunca se extingue, então não parece razoável que o ensinamento oculto seja considerado pouco filosófico quando afirma: "Assim foram formados o Arupa e o Rupa. De UMA luz, sete luzes. De cada uma das sete, sete vezes sete luzes", etc., etc. [344]

---

[340] Os parsis são seguidores do profeta persa-iraniano Zoroastro. Emigraram para a Índia para evitar a perseguição sangrenta promovida pelos muçulmanos. Na sua origem, a palavra "parsi" significa "persa". (Nota do Tradutor)

[341] Rosacruzes: HPB se refere aos rosacruzes clássicos e autênticos, muito pouco numerosos, e não às organizações criadas mais recentemente que usam este termo e estudam a tradição rosacruz. Nas "Cartas dos Mahatmas", por exemplo, podemos ver esta evidência da raridade dos verdadeiros rosacruzes: "Eliphas [Levi] estudou os manuscritos Rosacruzes (agora reduzidos a três exemplares na Europa)." ("Cartas dos Mahatmas", volume I, Carta 20, p. 131.) (Nota do Tradutor)

[342] Esta frase se relaciona com o que HPB escreve no parágrafo final da Introdução da presente obra. Trata-se da lei, modo ou mistério da propagação do bom carma. (Nota do Tradutor)

[343] Veja por exemplo Deuteronômio, 4:24, na Torá judaica ou no Velho Testamento. (Nota do Tradutor)

[344] HPB está citando aqui palavras da Estância V, Sloka 6, deste volume I. (Nota do Tradutor)

ESTÂNCIA V - Continuação.

5.Fohat dá cinco passos (*tendo já dado os três primeiros*) (*a*) **e constrói uma roda alada em cada canto do quadrado, para os quatro seres sagrados …….. e seus exércitos** (*hostes*)**.** (*b*)

(*a*) Os "passos", como foi explicado nos comentários à Estância IV, se referem tanto aos princípios cósmicos como aos princípios humanos, os últimos dos quais são três na divisão exotérica (Espírito, Alma e Corpo), e sete na classificação esotérica, sendo eles três raios da Essência e quatro aspectos.[345] Aqueles que estudaram a obra "*O Budismo Esotérico*", do sr. Sinnett, podem compreender facilmente a nomenclatura. Há duas escolas esotéricas - ou uma escola, dividida em duas partes -; uma para os lanus internos, outra para os chelas externos ou semileigos que estão além dos Himalaias. A primeira escola ensina uma divisão setenária dos princípios humanos; a segunda, uma divisão em seis.

Desde um ponto de vista cósmico, os "cinco passos" dados por Fohat se referem aqui aos cinco planos superiores de Ser e de Consciência. Contando-os de cima para baixo, o sexto e o sétimo são os dois planos inferiores, o astral e o terrestre.

(*b*) "Uma roda alada em cada canto do quadrado …. para os quatro seres sagrados …….. e seus exércitos (hostes)" …… Estes são os "quatro Maharajás" ou grandes Reis dos Dhyan-Chohans, os Devas que presidem cada um dos quatro pontos cardeais. São os Regentes ou Anjos que governam as Forças Cósmicas do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste. Estas Forças têm cada uma a sua função oculta própria. Tais SERES estão também conectados com o Carma, já que este necessita de agentes físicos e materiais que executem as suas determinações, assim como os quatro tipos de vento, por exemplo, que a ciência admite terem as suas influências más e benéficas sobre a saúde dos seres humanos e de cada ser vivo. Há uma filosofia oculta naquela doutrina católica romana segundo a qual as várias calamidades públicas, como as doenças epidêmicas, guerras, etc., têm sua origem ligada aos invisíveis "Mensageiros" do Norte e do Oeste. "A glória de Deus vem pelo caminho do Leste", diz Ezequiel, enquanto Jeremias, Isaías, e o Salmista afirmam aos seus leitores que todo o mal existente sob o Sol vem do Norte e do Oeste. A ideia soa como uma inegável profecia, quando aplicada à nação judaica. O fato explica também a afirmação de Santo Ambrósio (em "Sobre Amós", capítulo IV) segundo a qual é precisamente por esta razão que "nós amaldiçoamos o Vento Norte, e que durante a cerimônia do batismo nos voltamos para o Oeste (sideral), para renunciar melhor a aquele que mora ali; e depois disso nos voltamos para o Leste."

---

[345] Os quatro aspectos são: o corpo, a sua vida ou vitalidade, e o "duplo" do corpo - os quais formam a "tríade" que desaparece com a morte da pessoa -, e o *Kama-rupa*, que se desintegra no *Kama-loka*. (Nota de H. P. Blavatsky)

A crença nos "Quatro Maharajás" - os Regentes dos Quatro pontos cardeais - era universal e agora é usada pelos cristãos [346], que, como Santo Agostinho, os chamam "Virtudes Angélicas" e "Espíritos" quando mencionados por eles próprios, e de "Demônios", quando mencionados pelos pagãos. Mas onde está a diferença entre os cristãos e os pagãos, neste caso? Seguindo os passos de Platão, Aristóteles explicou que o termo **στοιχεῖα** era visto como significando apenas os princípios incorpóreos colocados em cada uma das quatro grandes divisões do nosso mundo cósmico, para supervisioná-las. Assim, tanto quanto os cristãos, os pagãos não *adoram* e *cultuam* os Elementos e os pontos cardeais (imaginários), mas sim os "deuses" que os regulam respectivamente. Segundo a igreja, há dois tipos de seres siderais, os Anjos e os Demônios. Para o Cabalista e o Ocultista há um tipo apenas, e eles não estabelecem diferença alguma entre os "Reitores da Luz" e os Cosmocratores [347], ou "Rectores tenebrarum harum", que a igreja católica imagina "descobrir" num "Reitor da Luz" sempre que ele é chamado por um nome diferente do nome usado por ela. Não é o "Reitor" ou "Maharajá" que pune ou recompensa, com ou sem a permissão ou a ordem de "Deus", mas o próprio ser humano, pelas suas ações e seu carma, que atrai individual e coletivamente (como no caso de nações inteiras, às vezes) todo tipo de maldade e calamidade. Produzimos CAUSAS, e estas despertam as forças correspondentes no mundo sideral. Tais forças são magneticamente e irresistivelmente atraídas para aqueles que produziram as causas relativas a elas, e reagem sobre eles, sejam estas pessoas praticantes de maldades, ou simplesmente Pensadores que geram engano e ilusão. O pensamento é material [348], segundo afirma a ciência moderna; e "cada partícula de matéria existente registra tudo o que aconteceu", conforme os senhores Jevons e Babbage explicam aos profanos em "*Principles of Science*". A ciência moderna é atraída cada dia com mais força para o redemoinho do Ocultismo; de modo inconsciente, sem dúvida, mas muito perceptivelmente. As duas principais teorias da ciência, diante da relação entre a Mente e a Matéria, são o Monismo e o Materialismo. Estes dois pontos de vista

---

[346] O erudito pensador Vossius afirma em sua *Theologia Gentili, etc.,* Bk. VII: "Embora Santo Agostinho tenha dito que cada uma das coisas visíveis neste mundo tem uma virtude angélica como supervisora perto de si, isso não se aplica aos indivíduos mas às espécies inteiras; cada uma delas tem de fato um anjo que a observa. Nesse ponto, Santo Agostinho está em harmonia com todos os filósofos …. Para nós estes anjos são espíritos separados dos objetos …. enquanto que para os filósofos (pagãos) eles eram deuses." Levando em conta o Ritual estabelecido pela igreja católica romana para os "Espíritos das Estrelas", estes últimos parecem muito semelhantes a "Deuses" e têm sido objetos de homenagem e de orações, tanto por parte dos povos ignorantes e pagãos antigos e modernos quanto por parte dos cultos e bem-educados cristãos católicos de hoje em Roma. (Nota de H. P. Blavatsky)

[347] Cosmocratores: do grego, "governantes do mundo". (Nota do Tradutor)

[348] Naturalmente não no sentido do materialista alemão Moleschott, que nos assegura que "o pensamento é um movimento da matéria", uma afirmação singularmente absurda. Os estados mentais e corporais são em si totalmente diferentes. Mas isso não nega que cada pensamento, além do fato físico que o acompanha (mudança cerebral), tem um aspecto objetivo no plano astral, embora esta objetividade seja suprassensorial. (Veja "**The Occult World**", pp. 89-90.) (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor****: na edição brasileira, "O Mundo Oculto", de Alfred P. Sinnett, Ed. Teosófica, pp. 129-131.*]

abrangem todo o espectro da psicologia negativa, [349] com a exceção das perspectivas quase ocultas das escolas panteístas alemãs.[350]

Nos templos egípcios, de acordo com Clemente de Alexandria, uma imensa cortina separava o tabernáculo do lugar em que ficava a congregação. Os judeus adotavam o mesmo procedimento. Nos dois casos, a cortina era puxada sobre cinco pilares (o Pentáculo) simbolizando os nossos cinco sentidos e, esotericamente, as cinco raças-raízes, enquanto que as quatro cores da cortina representavam os quatro pontos cardeais e os quatro elementos terrestres. O conjunto era um símbolo alegórico. É através dos quatro altos Governantes dos quatro pontos e Elementos que os nossos cinco sentidos podem conhecer as verdades ocultas da Natureza, e Clemente está completamente errado ao afirmar que são os elementos *em si* que deram aos pagãos conhecimento divino ou o conhecimento de Deus.[351] Enquanto o emblema egípcio era espiritual, o emblema dos judeus era puramente materialista, e, na verdade, homenageava apenas os Elementos cegos e os "Pontos" imaginários. De fato, qual era o significado do tabernáculo quadrado levantado por Moisés no deserto, se não tinha o mesmo significado cósmico? "E farás uma cortina …. de azul, púrpura e carmesim" e "cinco pilares de madeira de acácia para a cortina …… quatro argolas de bronze nos seus quatro cantos …….. extremidades de madeira fina para os quatro cantos, Norte, Sul, Oeste e Leste ……. do Tabernáculo ….. com trabalho

---

[349] Os enfoques dos pensadores científicos atuais diante da relação entre mente e matéria podem ser reduzidos a duas hipóteses. As duas visões coincidem em excluir a possibilidade de uma Alma independente, diferente do cérebro físico através da qual ela funciona. Elas são: **1 - O MATERIALISMO**, a teoria que considera os fenômenos mentais como produto de mudanças moleculares no cérebro, isto é, como resultado de uma transformação de movimento em sentimento (!). A escola mais grosseira em certa ocasião chegou ao ponto de identificar a mente com "um modo peculiar de movimento" (!!), mas esta opinião é agora felizmente vista como absurda pela maior parte dos cientistas. **2 - O MONISMO**, ou Teoria da Substância Única, é a forma mais sutil de psicologia negativa. Um dos seus defensores, o professor Bain, habilmente a chama de "materialismo cauteloso". Esta doutrina, amplamente influente, conta entre seus apoiadores com homens como Lewis, Spencer, Ferrier e outros. Ao mesmo tempo que postula em geral que o pensamento e os fenômenos mentais contrastam radicalmente com a matéria, vê as duas coisas como dois lados ou aspectos da mesma substância, em certas condições. O pensamento em si, dizem eles, é completamente diferente dos fenômenos materiais, mas ele também pode ser visto como apenas "o lado subjetivo da movimentação nervosa" - seja o que for que esses eruditos queiram dizer com isso. (Nota de H. P. Blavatsky)

[350] Spinoza é uma referência, quando se pensa em panteísmo na filosofia alemã. (Nota do Tradutor)

[351] Deste modo, a frase "Natura Elementorum obtinet revelationem Dei" (em *Stromata*, de Clemente, Book V, Chapter 6) é aplicável a ambos ou a nenhum. Consulte o *Zend-Avesta*, vol. II, p. 228, e Plutarco, *De Iside*, parágrafo 30, tal como comparados por J.-B. Félix Lajard, *Mémoires de L'Institut de France, Académie des Inscriptions*, Paris, 1854, Tome XX, p. 8, nota de rodapé 2. (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *A frase "Natura Elementorum obtinet revelationem Dei" significa "Os elementos da natureza obtêm a revelação de Deus". Nos dados bibliográficos da nota acima, seguimos a edição da DS de Boris de Zirkoff, que dá informações mais precisas que a edição inicial de 1888.*]

artístico de Querubins." (Êxodo, capítulos XXVI e XXVII.) O Tabernáculo e o pátio quadrado, com Querubins e tudo mais, eram exatamente iguais aos dos templos egípcios. A forma quadrada do Tabernáculo significava exatamente o mesmo que ainda significa hoje no culto exotérico dos chineses e dos tibetanos, com os quatro pontos cardeais simbolizando aquilo que os quatro lados das pirâmides, dos obeliscos e de outras construções quadradas similares também simbolizavam. Flávio Josefo teve o cuidado de explicar isso tudo. Ele afirma que os pilares do Tabernáculo são iguais aos erguidos em Tiro e dedicados aos quatro Elementos, que foram colocados em pedestais cujos quatro ângulos estavam de frente para os quatro pontos cardeais, e acrescenta que "os quatro ângulos dos pedestais tinham igualmente as quatro figuras do Zodíaco" inscritas em si, o que representava a mesma orientação. (*Antiguidades dos Judeus*, Livro VIII, capítulo iii, parágrafos 4, 6, 9.) [352]

Indícios desta ideia são encontrados nas cavernas Zoroastristas e nos templos da Índia esculpidos nas rochas, assim como nas construções quadradas e sagradas da antiguidade que foram preservadas até o dia de hoje. Isso é claramente demonstrado por Lajard [353], que vê os quatro pontos cardeais, e os quatro elementos primitivos, na religião de todos os países, sob a forma de obeliscos quadrados, dos quatro lados das pirâmides, etc., etc. Os Maharajás eram os regentes e diretores destes elementos e dos seus pontos.

O estudante que quiser saber mais sobre eles deve apenas comparar a Visão de Ezequiel (capítulo 1) [354] com o que se sabe do budismo chinês (mesmo nos seus ensinamentos exotéricos) e examinar a forma externa destes "Grandes Reis". Na opinião do rev. Joseph Edkins, eles são "os Devas cada um dos quais preside um dos quatro continentes em que os hindus dividem o mundo." [355] Cada um dirige um exército de seres espirituais na proteção da humanidade e do budismo. Deixando-se de lado o favoritismo budista, os quatro seres celestiais são precisamente isso. São os protetores da humanidade e também os Agentes do Carma na Terra, enquanto que os Lipikas se preocupam com o futuro da humanidade. Ao mesmo tempo, eles são as quatro criaturas vivas "que têm a aparência de um homem", como nas visões de Ezequiel, e são chamados pelos tradutores da Bíblia de "Querubins", "Serafins", etc., e, pelos ocultistas, de "Globos Alados", "Rodas Ígneas", e recebem grande número de nomes diferentes no panteão hindu. Todos estes Gandharvas, os

---

[352] Seguimos aqui os dados bibliográficos revisados e mais precisos indicados por Boris de Zirkoff na sua edição da DS. (Nota do Tradutor)

[353] Lajard: no original de 1888, "Layard". Seguimos aqui a edição da DS feita por Boris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

[354] Sobre Ezequiel, veja as pp. 90 a 104 do volume IV de "Ísis Sem Véu", Ed. Pensamento; e também o capítulo V do volume III da mesma obra. (Nota do Tradutor)

[355] Na verdade os hindus dividem o mundo em sete continentes, tanto esotérica como exotericamente, e os seus quatro Devas cósmicos são oito, presidindo os oito pontos da bússola e não os continentes. (Compare com "Chinese Buddhism", p. 216.) (Nota de H. P. Blavatsky)

"Venerados Bardos", os Asuras, Kinnaras, e Nagas, são descrições alegóricas dos "quatro Maharajás". Os Serafins são as Serpentes ígneas do Céu, que encontramos em uma passagem descrevendo o Monte Meru como "a concentração exaltada de Glória, a venerável atmosfera dos deuses e dos membros dos coros celestiais ……. que não podem ser alcançados por humanos pecaminosos ……. porque estão protegidos por Serpentes." Eles são chamados de "Vingadores" e de "Rodas Aladas".

Tendo explicado a missão e o caráter deles, veremos agora o que os intérpretes da Bíblia Cristã dizem dos Querubins: "A palavra significa em hebraico *plenitude de conhecimento;* estes anjos são chamados deste modo por causa do seu singular Conhecimento, e eram, portanto, usados para a punição dos homens que fingiam ter conhecimento divino." (Segundo a interpretação de Cruden em sua "Concordance", a partir de Gênesis, III, 24.) Muito bem; e apesar de esta informação ser vaga, ela mostra que o Querubim colocado no portão do jardim do Éden depois da "Queda" sugere aos veneráveis intérpretes a ideia de punição, ligada à Ciência proibida ou Conhecimento divino; um conhecimento que geralmente leva a outra "Queda", a queda dos deuses, ou de "Deus", no conceito dos homens. Mas como o velho Cruden não sabia coisa alguma sobre Carma, ele deve ser perdoado. No entanto a alegoria é sugestiva. Desde Meru, a morada dos deuses, até o Éden, a distância é muito pequena, e a distância é ainda menor entre as Serpentes hindus e os sete Querubins Ofitas [356], dos quais o terceiro era o Dragão, porque todos eles vigiam a entrada para o reino do Conhecimento Secreto. Mas Ezequiel dá uma descrição completa dos quatro Anjos Cósmicos: "Eu olhei, e vi um redemoinho tempestuoso, uma nuvem e um fogo envolvendo-o …… No centro, algo com forma semelhante a quatro criaturas vivas ..... mas cuja aparência fazia lembrar uma forma humana. E todos elas tinham quatro faces e quatro asas ……. A face de um homem, a face de um leão, a face de um boi e a face de uma águia ……" (A palavra "homem" foi aqui colocada em lugar de "Dragão". Compare com os "*Espíritos Ofitas*".[357]) …… "Ao olhar as criaturas vivas, enxerguei uma roda sobre a Terra com suas quatro faces ….. como se fosse uma roda dentro de uma roda …… porque a sustentação da criatura viva estava na roda ……. elas pareciam brasas ardentes [358] ……..", etc. (Ezequiel, cap. 1.)

Há três grupos principais de Construtores e igual número de grupos de Espíritos Planetários e de Lipikas, e cada grupo é dividido em Sete subgrupos. Mesmo numa obra grande como esta, é impossível fazer um exame minucioso destes três grupos principais, porque isso tornaria necessário fazer um volume extra. Os "Construtores" são os representantes das primeiras Entidades "Nascidas da Mente", e, portanto, dos

---

[356] Ofita: do grego, "serpente". (Nota do Tradutor)

[357] Para os ofitas [***Subnota do Tradutor****: membros de uma fraternidade gnóstica do Egito, conhecida pelo nome de "Irmandade da Serpente"*], os anjos reconhecidos pela igreja católica romana que correspondem a estas "faces" eram: Dragão - Rafael; Leão - Miguel; Touro, ou Boi - Uriel; e Águia - Gabriel. Eles permanecem em companhia dos Evangelistas e prefaciam os Evangelhos. (Nota de H. P. Blavatsky)

[358] "Brasas ardentes": esta expressão específica está em Ezequiel, 1: 13-14 ("A Bíblia de Jerusalém"). (Nota do Tradutor)

Rishi-Prajapati primordiais; também dos Sete grandes Deuses do Egito, do qual Osíris era o principal: dos sete Amshaspends dos Zoroastristas, com Ormuzd à sua frente; ou os "Sete Espíritos da Face"; os Sete Sefirotes separados da primeira Tríade, etc., etc.[359]

Eles constroem, ou melhor, reconstroem, cada "Sistema" depois da "Noite". O segundo grupo de Construtores constitui o Arquiteto da nossa cadeia planetária, exclusivamente; e o terceiro é o progenitor da nossa Humanidade, o protótipo macrocósmico do microcosmo.

Os Espíritos Planetários são os espíritos que orientam as Estrelas em geral, e os Planetas em particular. Eles dirigem os destinos dos humanos, que nascem todos sob uma ou outra das suas constelações. O segundo e o terceiro grupo pertencem a outros sistemas e têm as mesmas funções, e todos dirigem vários departamentos da Natureza. No panteão exotérico hindu, eles são as divindades guardiãs que presidem os oito pontos da bússola; os quatro pontos cardeais e os quatro pontos intermediários. São chamados de "*Loka-Palas*", "Sustentáculos ou Guardiões do Mundo" (no nosso Cosmo visível), do qual Indra (Leste), Yama (Sul), Varuna (Oeste) e Kuvera (Norte) são os principais; os seus elefantes e as suas esposas pertencem, é claro, ao plano da fantasia e da reflexão, embora todos eles tenham um significado oculto.

Os Lipikas (dos quais é dada uma descrição no Comentário da Estância IV, item 6) são os Espíritos do Universo, enquanto que os Construtores são apenas as nossas próprias divindades planetárias. Os Lipikas pertencem à parte mais oculta da Cosmogênese, que não pode ser transmitida aqui. A autora não tem condições de dizer se os Adeptos (e mesmo os mais elevados) conhecem completamente esta ordem angélica em seus três graus ou se conhecem apenas o grau inferior, ligado aos registros do nosso mundo; mas tende a pensar nesta última hipótese. Do grau mais elevado é ensinada apenas uma coisa: os Lipikas estão ligados ao Carma, e são os seus Registradores diretos. [360]

---

[359] Os judeus, com exceção dos cabalistas, não tinham nomes para o Leste, o Oeste, o Sul e o Norte, e expressavam estas ideias através de palavras significando frente, atrás, direita e esquerda, e com frequência confundiam os termos exotericamente, tornando assim os mecanismos de ocultamento de significado na Bíblia ainda mais confusos e difíceis de decodificar. Acrescentando-se a isso o fato de que dos quarenta e sete tradutores da versão King James I, da Bíblia inglesa, "só três sabiam hebraico, e dois deles morreram antes da tradução dos Salmos" (*Royal Masonic Cyclopaedia*), será fácil compreender até que ponto é possível confiar na versão inglesa da Bíblia. Na presente obra seguimos, em geral, a versão romana católica Douay. (Nota de H. P. Blavatsky)

[360] Na antiguidade o Símbolo universalmente aceito do Conhecimento Sagrado e Secreto era uma Árvore, e a imagem implicava também uma Escritura e um Registro. Disso se origina a palavra Lipikas, "escritores", ou escribas; os "Dragões", símbolos da sabedoria, que guardam a Árvore do Conhecimento, a macieira "de ouro" ou Árvore das Hespérides; as "Árvores Luxuriantes", e a vegetação do Monte Meru, guardada por uma serpente. Juno deu a Júpiter, quando ela casou-se com ele, uma árvore de frutos de ouro, o que constitui outra forma de Eva oferecer a Adão a maçã da Árvore do Conhecimento. (Nota de H. P. Blavatsky)

ESTÂNCIA V - Continuação. [361]

6.Os Lipikas traçam um limite circular em torno do triângulo, o primeiro (*a linha vertical ou figura I.*)**, do cubo, o segundo, e do pentagrama dentro do ovo** (*círculo*) (*a*)**. Este é o anel chamado "Não-Passem", para aqueles que descem e que sobem.** (*E também para*) **aqueles que, durante o Kalpa, estão progredindo em direção ao grande dia "Estejam-Conosco"** (*b*)**. ……. Assim foram formados o Arupa e o Rupa** (*o Mundo sem Forma e o Mundo das Formas*)**. De uma luz, sete luzes. De cada uma das sete, sete vezes sete luzes. As "rodas" observam o anel.[362]**

A Estância prossegue com uma detalhada classificação das Ordens da Hierarquia Angélica. Do grupo de Quatro e Sete emanam os "nascidos-da-mente"; o grupo de Dez, de Doze, de Vinte-e-Um, etc., todos eles divididos em subgrupos de setenários, novenários[363], duodecimais e assim sucessivamente, até que a mente se perde na sua enumeração interminável de hostes e Seres celestiais, cada um com a sua tarefa específica na direção do Cosmos visível, enquanto ele existir.

(*a*) O significado esotérico da primeira frase do Sloka é que aqueles a quem temos chamado de Lipikas, os Registradores do livro cármico de débitos e créditos, formam uma barreira invencível entre o Eu pessoal e o SER impessoal, que é o númeno e a Fonte Parental do primeiro. Disso surge a alegoria. Eles circunscrevem o mundo manifestado material dentro do ANEL "Não-Passem".[364] Este mundo é o símbolo (objetivo) do UM dividido nos muitos, nos planos de Ilusão; de Adi (o "Primeiro") ou de Eka (o "Um"); e este Um é o agregado coletivo ou a totalidade dos principais Criadores, ou Arquitetos, deste universo visível. No Ocultismo Hebraico, o nome deles é ao mesmo tempo *Achath*, feminino, "Uma", e *Achod*,

---

[361] Neste ponto, estamos no alto da página 129 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[362] Como já foi assinalado, a transcrição das Estâncias e seus Slokas feita ao longo dos Comentários tem com frequência pequenas diferenças em relação ao texto das Estâncias apresentado no início da obra. O Sloka 6 da Estância V é mais um exemplo. (Nota do Tradutor)

[363] Novenários: há um erro no original em inglês, que apresenta "*novems*"; a palavra não faz sentido neste contexto. Boris de Zirkoff corrige acertadamente para "novenaries". (Nota do Tradutor)

[364] A barreira "Não-Passem", situada entre o eu pessoal e o SER impessoal, opera também em pequena escala na busca do discipulado. A regra 12 da primeira série de regras, em "Luz no Caminho", afirma: "... Dentro de ti está a luz do mundo - a única luz que pode iluminar o Caminho. Se fores incapaz de percebê-la dentro de ti, será inútil procurar fora. Ela está além de ti; porque quando a tocares terás perdido a ti mesmo. Ela é inalcançável, porque sempre recua. Tu entrarás na luz, mas nunca tocarás a chama." ("Luz no Caminho", M.C., The Aquarian Theosophist, Portugal, 2014, pp. 22-23.) (Nota do Tradutor)

masculino, "Um". Os monoteístas aproveitaram (e ainda aproveitam) o profundo esoterismo da Cabala para atribuir o nome que designa a Suprema Essência Única à SUA manifestação, os Elohim-Sefirotes, e chamá-la de Jeová. Mas isto é completamente arbitrário e contraria toda razão e lógica, porque o termo *Elohim* é um nome plural, idêntico à palavra plural *Chiim*, com frequência associada aos Elohim.[365] Além disso, há na metafísica Oculta, propriamente falando, dois "UMs"; o Um no plano inalcançável do Absoluto e do Infinito, sobre o qual nenhuma especulação é possível, e o segundo "Um" no plano das Emanações. O primeiro deles não pode nem emanar nem ser dividido, porque é eterno, absoluto e imutável. O segundo pode fazer isso tudo [366], já que constitui de certo modo o reflexo do primeiro Um (porque é o Logos, ou Ishwara, no Universo da Ilusão). Ele emana de si mesmo [367], assim como a Tríade Sefirotal superior faz emanarem os sete Sefirotes inferiores, os sete Raios ou Dhyan Chohans; em outras palavras, o Homogêneo se torna Heterogêneo; o "protilo"[368] se diferencia formando os elementos. Estes,

---

[365] A frase em *Sepher Yetzirah* e em outras obras é "Achath-Ruach-Elohim-Chiim" e mostra os Elohim como andróginos, no mínimo, com o elemento feminino quase predominando, porque sendo traduzida ela diria: "O UM é Ela, o Espírito dos Elohim da Vida." Como foi dito acima, Echath (ou Achath) é feminino, e Echod (ou Achod) masculino, ambos significando a UNIDADE. (Nota de H. P. Blavatsky)

[366] Este princípio metafísico dificilmente poderia ser melhor descrito do que nas palestras do sr. Subba Row sobre o *Bhagavad Gita*: "Mulaprakriti (o véu de Parabrahmam) age como a energia única através do Logos (ou 'Ishwara'). Parabrahmam é a essência única da qual vem a existir um centro de energia que eu chamarei por enquanto de Logos ….. Ele é chamado de Verbo …… pelos cristãos, e constitui o Cristo divino que é eterno no âmago do seu pai. É chamado de Avalokitesvara pelos budistas …… Em quase todas as doutrinas está postulada a existência de um centro de energia espiritual que é incriado, eterno, e existe no seio de Parabrahmam durante o Pralaya, e passa a ser um centro de energia espiritual consciente durante o período de atividade cósmica ……". Conforme a premissa adotada por Subba Row ao dizer que Parabrahmam não é isso ou aquilo, ocorre que Parabrahmam não é nem sequer consciência, porque não tem relação com matéria nem com qualquer coisa condicionada. Ele não é um Eu nem é Não-Eu, nem mesmo Atma, mas constitui realmente a fonte única de toda manifestação e todos os modos de existência. (Nota de H. P. Blavatsky)

[367] Em "Cartas dos Mahatmas", um Mestre de Sabedoria afirma: "…Avalokitesvara é tanto o *Pai* imanifestado como o *Filho* manifestado, sendo que este último procede do outro e é idêntico a ele; isto é, o *Parabrahm* e *Jivatman*, o sétimo princípio Universal e individualizado - o Passivo e o Ativo, este último sendo a Palavra, Logos, o Verbo. Chame-o por qualquer nome, mas deixe apenas que os infelizes cristãos saibam que o verdadeiro *Cristo* de todo cristão é *Vach*, a 'Voz mística', enquanto o homem *Jeshu* foi apenas um mortal como qualquer um de nós, um adepto mais por sua pureza inerente e sua ignorância do verdadeiro Mal que pelo que ele tenha aprendido com seus Rabinos iniciados e os Hierofantes e sacerdotes egípcios, já (àquela época) em rápida degeneração." ("Cartas dos Mahatmas", Ed. Teosófica, Carta 111, volume II, p. 212.) (Nota do Tradutor)

[368] Protilo: neologismo criado por William Crookes no século 19 para designar a matéria primordial, que existe em estado "abstrato". (Nota do Tradutor)

porém, não conseguem jamais ultrapassar Laya, o ponto-zero, a menos que retornem ao seu Elemento primordial.

Disso surge a alegoria. Os Lipikas separam o mundo (ou plano) do puro espírito do mundo da Matéria. Aqueles que "descem e sobem", as Mônadas reencarnando e os humanos que buscam a purificação e a "subida" mas ainda não alcançaram completamente a meta, podem atravessar o "círculo do Não-Passem" só no dia do "Estejam-Conosco". Este é o dia em que o ser humano, libertando-se dos obstáculos criados pela ignorância, e reconhecendo completamente que o Eu Superior dentro da sua personalidade, erradamente considerado como pertencendo a ele, está unido ao EU UNIVERSAL (Anima Supra-Mundi), se unificará com a Essência Única para tornar-se um, não só "conosco" (com as vidas universais manifestadas que são a VIDA "UNA"), mas com aquela própria vida em si mesma.

Astronomicamente, um fato fica claro. O "Anel NÃO-PASSEM" que os Lipikas traçam em torno do Triângulo, o Primeiro, do Cubo, o Segundo, e do Pentáculo, para circunscrever estas figuras, contém o símbolo 31415, o coeficiente usado constantemente em tabelas matemáticas (o valor de **π**, pi). Aqui as figuras geométricas representam números. De acordo com os ensinamentos filosóficos gerais, este anel está além da região do que é chamado em astronomia de "nebulosas".[369] Mas esta é uma concepção tão errônea quanto a topografia e as descrições dadas exotericamente, nas escrituras purânicas e outras, sobre os 1008 mundos e firmamentos de Devaloka. Há mundos, é claro, tanto nos ensinamentos esotéricos como nos ensinamentos científicos profanos, e eles estão a distâncias tão incalculáveis que a luz do mais próximo deles, que chegou há pouco aos nossos Caldeus modernos [370], saiu do seu luminar muito antes do dia em que as palavras "Faça-se a Luz" foram pronunciadas; mas estes não são mundos do plano Devaloka, e sim do nosso Cosmos.

O estudioso de Química vai até o ponto zero ou *laya* do plano material em que ele trabalha, e não avança além. O físico e o astrônomo contam bilhões de quilômetros além da nebulosa, e tampouco vão mais além; o Ocultista semi-iniciado representará este ponto-laya como algo existente em um plano que, embora não seja físico, ainda é concebível para o intelecto humano. Mas o Iniciado completo *sabe* que o anel "Não-Passem" não é um local nem pode ser medido através de distâncias, porque existe no absoluto da infinidade. Nesta "Infinitude" do Iniciado completo não há altura nem largura ou espessura. Tudo é de uma profundidade insondável, como num mergulho desde o físico até o "para-parametafísico". Ao usar a palavra "mergulho", nos referimos à profundidade essencial - que ocorre ao mesmo tempo "em lugar algum e em todos os lugares" -, e não nos referimos à profundidade da matéria física.

---

[369] Nebulosa: uma nuvem de gás ou pó no espaço, que às vezes pode ser vista à noite; ou um grupo de estrelas distantes que à noite parecem uma nuvem clara. (Nota do Tradutor)

[370] A palavra "caldeus" é aqui usada ironicamente no sentido de "sábios". (Nota do Tradutor)

Se alguém pesquisar com cuidado as alegorias exotéricas e grosseiramente antropomórficas das religiões populares, poderá identificar vagamente nelas a presença da doutrina do círculo "Não-Passem", preservada deste modo pelos Lipikas. Ela é perceptível até mesmo nos ensinamentos da seita Vedantina Visishtadwaita, a mais tenazmente antropomórfica de toda a Índia. Porque lemos o seguinte a respeito da alma liberada:

Depois de alcançar Moksha (uma forma de bem-aventurança que significa "estar livre de Bandha", ou dependência) a bem-aventurança é desfrutada pela alma livre em um lugar chamado PARAMAPADHA. Este lugar não é material, mas feito de Suddasatwa (a essência da qual o corpo de Ishwara, "o Senhor", é formado). Lá, os Muktas ou Jivatmas (Mônadas) que obtiveram Moksha nunca mais estarão sujeitos às qualidades do mundo material ou do Carma[371]. "Mas eles podem encarnar na Terra se decidirem fazer isso *com o objetivo de beneficiar o mundo*." [372] O caminho desde este mundo até Paramapadha, os mundos imateriais, é chamado de Devayana. Quando uma pessoa alcançou Moksha e o corpo morre, -

"O Jiva (a Alma) vai com Sukshma Sharira [373] do coração do corpo para o Brahmarandra no alto da cabeça, atravessando Sushumna, um nervo que conecta o coração com o Brahmarandra. O Jiva irrompe através do Brahmarandra e vai até a região do Sol (Suryamandala) através dos raios solares. Depois ele vai, através de um ponto escuro no Sol, para Paramapadha. O Jiva é dirigido na sua trajetória pela Suprema Sabedoria adquirida através de Ioga. [374] Assim, o Jiva prossegue até Paramapadha com a ajuda dos Athivahikas (carregadores em trânsito), conhecidos pelos nomes de Archi-Ahas ….. Aditya, Prajapati, etc. Os Archis aqui mencionados

---

[371] HPB se refere aqui à palavra "Carma" no sentido inferior e denso, naturalmente. Tudo o que há, inclusive o Nirvana e o Universo durante os Pralayas, obedece rigorosamente à Lei do Carma. Os Mestres de Sabedoria são humildes Auxiliares da Lei. (Nota do Tradutor)

[372] Estas reencarnações voluntárias são mencionadas em nossa Doutrina como Nirmanakayas (os princípios espirituais que sobrevivem nos seres humanos). (Nota de H. P. Blavatsky)

[373] Sukshma Sharira, o ilusório corpo "que parece de sonho", com o qual estão encobertos os Dhyanis inferiores da Hierarquia celestial. (Nota de H. P. Blavatsky)

[374] Compare este princípio esotérico com a doutrina gnóstica presente em "Pistis-Sophia" (Conhecimento = Sabedoria), um tratado em que Sophia Achamoth é representada como perdida nas águas do Caos (a matéria), a caminho da Suprema Luz. Cristo a ajuda e a liberta ao longo do Caminho correto. Tenha-se presente que "Cristo", para os gnósticos, significava o princípio impessoal, o Atma do Universo, e o Atma dentro da alma de cada ser humano, e não Jesus; embora no velho manuscrito copta do Museu Britânico "Christos" seja quase sempre substituído pela palavra "Jesus". (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *O livro "Pistis Sophia" foi publicado em português pela Editora Teosófica, de Brasília.*]

são determinadas Almas puras, etc., etc." (*Visishtadwaita Catechism*, by Pundit Bhashyacharya, M.S.T.) [375]

Nenhum Espírito exceto os "Registradores" (Lipikas) jamais cruzou a linha proibida, e nenhum deles o fará até o momento do próximo Pralaya, porque ela é a fronteira que separa o finito - mesmo que seja infinito desde o ponto de vista do ser humano - e o verdadeiramente INFINITO. Portanto, os Espíritos mencionados como aqueles que "descem e sobem" são as "Hostes" do que nós podemos chamar de um modo geral de "Seres celestiais". Mas na verdade eles não são nada disso. São Entidades dos mundos mais elevados na hierarquia do Ser, e tão incalculavelmente elevados que, para nós, devem parecer Deuses, e, coletivamente, Deus. Nós, humanos mortais, também devemos parecer o mesmo para uma formiga, que raciocina dentro da escala das suas possibilidades específicas. Até onde sabemos, a formiga também pode ver o dedo vingador de um Deus pessoal na mão do garoto travesso que, brincando de destruir, desmancha o seu formigueiro - um fruto do trabalho de muitas semanas, ou vários anos na cronologia dos insetos. A formiga, sentindo o fato profundamente e atribuindo a calamidade imerecida a uma combinação de Providência e pecado, pode, como faz o ser humano, ver nisso o resultado do pecado da sua primeira geração. Quem sabe, e quem pode afirmar ou negar? A decisão de não admitir a existência em todo o Sistema solar de quaisquer outros seres racionais e intelectuais no plano humano é a maior presunção da nossa época. A ciência só tem o direito de afirmar que não há Inteligências invisíveis vivendo sob as mesmas condições que nós. Não pode negar definitivamente a possibilidade de haver outros mundos dentro de mundos, sob condições totalmente diferentes das que constituem a natureza do nosso. Tampouco pode negar que talvez haja uma certa comunicação limitada [376] entre alguns destes mundos e o nosso próprio. O ensinamento dado a nós afirma que ao mundo mais elevado pertencem as sete ordens dos Espíritos puramente divinos; aos seis mundos inferiores pertencem as hierarquias que podem ocasionalmente ser vistas e escutadas pelos seres humanos, e que se comunicam com os seus descendentes terrestres. Os descendentes estão indissoluvelmente ligados a eles; cada princípio dos seres humanos tem sua fonte direta na natureza daqueles grandes Seres, que nos fornecem os respectivos elementos invisíveis presentes em nós. A Ciência Física tem todo direito de especular sobre os mecanismos fisiológicos dos seres vivos, e de prosseguir nos seus

---

[375] M.S.T.: Membro da Sociedade Teosófica. Referência à Sociedade original, fundada por HPB e que deixou de existir pouco depois da sua morte em 1891. Desde o início do século 20 o movimento teosófico possui uma diversidade de sociedades e associações. (Nota do Tradutor)

[376] O maior filósofo nascido na Europa, Immanuel Kant, assegura que tal comunicação não é de modo algum improvável: "Confesso que me inclino fortemente a afirmar a existência de naturezas Imateriais no mundo, e a incluir minha própria alma na classe destes seres. No futuro, não sei onde ou quando, ainda será provado que mesmo nesta vida a alma humana tem uma conexão indissolúvel com todas as naturezas imateriais no mundo do espírito, e age reciprocamente com elas e recebe impressões delas." (*Träume eines Geistersehers*, citado por C. C. Massey em seu prefácio da obra "Spiritismus", de Von Hartmann.) (Nota de H. P. Blavatsky)

esforços inúteis para explicar os nossos sentimentos, nossas sensações, mentais e espirituais, como funções de instrumentos inorgânicos. No entanto, tudo o que poderia em algum momento ser feito nesta direção já foi realizado, e a ciência não poderá ir mais além. Ela está diante de um muro intransponível, diante do qual ela prepara, segundo imagina, grandes descobertas fisiológicas e psíquicas, todas as quais serão reconhecidas mais tarde como teias de aranha produzidas pelas fantasias e ilusões científicas. Só o tecido da nossa estrutura objetiva obedece à análise e às pesquisas da ciência fisiológica.[377] Os seus seis princípios mais elevados escaparão sempre à visão de quem decide ignorar e rejeitar as Ciências Ocultas.

O "Grande Dia do ESTEJAM-CONOSCO" é, portanto, uma expressão cujo único mérito está em sua tradução literal. A sua importância não pode ser facilmente revelada a um público que desconhece os princípios místicos do Ocultismo, ou mais precisamente da Sabedoria Esotérica ou "Budhismo" [378]. É uma expressão peculiar da Sabedoria Esotérica, e é tão vaga para os profanos quanto a usada pelos egípcios, que davam ao mesmo conceito o nome de "Dia do VENHAM-ATÉ-NÓS" [379]. A

---

[377] Isto é, devido à natureza das coisas, tudo o que a pesquisa fisiológica moderna tem mostrado ou poderia ter mostrado em relação aos problemas psicológicos é que cada pensamento, sensação, e emoção é acompanhado por uma reorganização das moléculas de certos nervos. A inferência feita por cientistas como Büchner, Vogt e outros, de que o pensamento é movimentação molecular, ignora completamente a existência da nossa consciência subjetiva. (Nota de H. P. Blavatsky)

[378] HPB explicou nos primeiros parágrafos da Introdução que, no seu sentido mais antigo e original, a palavra "Budismo" ou "Budhismo" não se refere a Buddha mas surge da raiz sânscrita "Budh", *saber*. O termo "Buda" ou "Buddha" significa "o sábio, o iluminado". (Nota do Tradutor)

[379] Veja "Le Livre des Morts", de Paul Pierret: "Le Jour de 'Viens à nous' ……. c'est le jour où Osiris a dit au Soleil: Viens! Je le vois rencontrant le Soleil dans l'Amenti." (Capítulo XVII, p. 61.) O Sol aqui significa o Logos (ou Cristo, ou Hórus) como essência central, sinteticamente, e como uma essência difusa de Entidades radiadas, diferentes em substância, mas não em essência. Tal como foi expressado pelo autor de palestras sobre o *Bhagavad Gita*, "não devemos supor que o Logos é um só centro de energia manifestada de Parabrahmam; há muitos outros centros …… e o número deles é quase infinito no seio de Parabrahmam." Desse fato surgem as expressões "O Dia de Venham Até Nós", "O Dia do Estejam-Conosco", etc. Assim como o Quadrado é o símbolo das quatro Forças ou quatro Poderes sagrados - Tetraktis - assim também o Círculo mostra a fronteira dentro da Infinitude que nenhum humano pode ultrapassar, nem mesmo em espírito, e nem tampouco um Deva ou Dhyan Chohan. Os Espíritos daqueles que "descem e sobem" durante o curso da evolução cíclica só irão cruzar o mundo "com fronteiras de ferro" no dia em que eles se aproximarem do limiar do Paranirvana. Se eles o alcançarem, descansarão no seio de Parabrahmam, a "Escuridão Desconhecida", que se tornará então para todos a Luz, durante todo o período do Mahapralaya, a "Grande NOITE", mais precisamente 311.040.000.000.000 anos de absorção em Brahma. O dia do "Estejam-Conosco" é este período de descanso ou paranirvana. Para obter mais informações sobre esta expressão peculiar, o dia do "Estejam Conosco", veja também "Études sur le Rituel funéraire des anciens Égyptiens", Viscount de Rougé. A expressão corresponde ao Dia do Julgamento dos Cristãos, que foi lamentavelmente materializado pela religião deles. (Nota de H. P. Blavatsky, revisada conforme Boris de Zirkoff em relação à informação bibliográfica)

expressão egípcia é idêntica à anterior, embora o verbo "estejam", neste sentido, pudesse ser substituído com vantagem por "Permaneçam-Conosco" ou "Descansem-Conosco", já que se refere àquele longo período de DESCANSO a que se dá o nome de Paranirvana. Na interpretação exotérica dos ritos egípcios, a alma de todo ser morto - desde o hierofante até o touro sagrado Apis - se tornava um Osíris, ficando Osirificado, embora a Doutrina Secreta tivesse sempre ensinado que a real Osirificação era o destino de toda Mônada só depois de 3.000 ciclos de Existências. O mesmo ocorre neste caso. A "Mônada", nascida da natureza e da própria Essência dos "Sete" (e o seu princípio mais elevado fica imediatamente preservado e instalado no Sétimo Elemento Cósmico) tem que realizar o seu giro setenário por todo o Ciclo da Existência e das formas, desde o mais alto até o mais inferior, e depois novamente, desde o ser humano até Deus. No limiar do Paranirvana, a Mônada reassume a sua Essência primordial e se transforma mais uma vez no Absoluto.

(Volte para o Sumário)

ESTÂNCIA VI

COMENTÁRIO [380]

1.Pelo poder da Mãe de Misericórdia e Conhecimento (*a*) **- Kwan-Yin[381] - a "tríplice" de Kwan-Shai-Yin, que reside em Kwan-Yin-Tien** (*b*)**, e tendo Fohat, a Respiração dos seus Filhos, o Filho dos Filhos, evocado, desde o abismo inferior** (*o caos*)**, a forma ilusória de Sien-Tchang** (*nosso Universo*) **e os Sete Elementos:**

---

[380] Neste ponto, estamos no alto da página 136 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[381] Esta Estância é traduzida do texto chinês, e os nomes, assim como os equivalentes dos termos originais, são preservados. A real nomenclatura esotérica não pode ser dada porque só iria confundir o leitor. A doutrina bramânica não possui termos equivalentes à nomenclatura esotérica. *Vach* parece semelhante em muitos aspectos a *Kwan-Yin*, da China, mas não há uma adoração regular de Vach sob este nome na Índia, embora exista na China em relação a Kwan-Yin. Nenhum sistema religioso exotérico jamais adotou uma Criadora feminina, e assim, desde o surgimento das religiões populares, a mulher foi vista e tratada como inferior ao homem. É somente na China e no Egito que Kwan-Yin e Ísis são colocadas no mesmo nível que os deuses masculinos. O Esoterismo ignora os dois sexos. A sua Divindade mais elevada não tem sexo, assim como não possui forma e nem um Pai ou uma Mãe; e os seus primeiros seres manifestados, tanto celestiais como terrestres, só gradualmente se tornam andróginos, para finalmente separarem-se em dois sexos diferentes. (Nota de H. P. Blavatsky)

(*a*) A Mãe de Misericórdia e Conhecimento é chamada de "tríplice" de Kwan-Shai-Yin porque nas suas correlações metafísicas e cósmicas ela é a "Mãe, a Esposa e a Filha" do *Logos,* assim como nas traduções teológicas posteriores ela se transformou em "Pai, Filho e (o feminino) Espírito Santo"; a *Shakti* ou Energia, a Essência dos três. Assim, no Esoterismo dos vedantinos, *Daiviprakriti*, a Luz manifestada através de Ishwara, o *Logos* [382], é ao mesmo tempo a Mãe e a Filha do Logos ou Verbo de Parabrahmam; enquanto que no Esoterismo dos ensinamentos Trans-Himalaianos ela é, na hierarquia da teogonia alegórica e metafísica, "a MÃE", a matéria abstrata e ideal, Mulaprakriti, a Raiz da Natureza; e do ponto de vista metafísico, ela é uma correlação de Adi-Bhuta, manifestada no Logos, Avalokitesvara. Desde o ponto de vista puramente oculto e Cósmico, é Fohat [383], o "Filho do Filho", a energia andrógina que resulta desta "Luz do Logos", e que se manifesta no plano do Universo objetivo como a Eletricidade - oculta e revelada - que é VIDA.

(*b*) *Kwan-Yin-Tien* significa "o céu melodioso do Som", a morada de Kwan-Yin, a "*Voz Divina*", literalmente. Esta "Voz" é um sinônimo do *Verbo* ou Palavra: a "Fala", como expressão do pensamento. Deste modo pode ser identificada a conexão e a origem da expressão hebraica *Bath-Kol*, "a filha da Voz Divina", ou *Verbo*, ou o Logos masculino e feminino, o "Homem Celestial" ou Adão Cadmon, que é ao mesmo tempo Sefira. Esta última foi seguramente antecipada pela Vach hindu, a deusa da Fala, ou Palavra. Porque Vach, a filha e a porção feminina, segundo se afirma, de Brahmâ, foi "gerada pelos deuses", e é, ao lado de Kwan-Yin, de Ísis (também a *filha*, esposa e *irmã* de Osíris) e de outras deusas, o *Logos* feminino, de certo modo, a deusa das forças *ativas* da Natureza, a Palavra, Voz, ou Som, e a Fala. Se Kwan-Yin é a "Voz melodiosa", Vach também o é; "a vaca melodiosa cujo leite era a sustentação e a água" (o princípio feminino) -; e "que nos dá nutrição e força", como Mãe Natureza. Ela está associada com Prajapati no trabalho de criação. Ela é macho ou fêmea, conforme quiser, como Eva é com Adão. E ela é uma forma de Aditi - o princípio mais elevado que o *Éter* - no Akasha, a síntese de todas as forças da Natureza; assim, Vach e Kwan-Yin são, ambas, a potência mágica do som Oculto na Natureza e no Éter, cuja "Voz" evoca Sien-Tchan[384], a enganadora forma do Universo, a partir do Caos e dos Sete Elementos.

---

[382] "The Theosophist", fevereiro 1887, p. 305; primeira palestra sobre o "Bhagavad Gita". (Nota de H. P. Blavatsky)

[383] Diz T. Subba Row: "A Evolução é começada pela energia intelectual do *Logos*, e não só devido às potencialidades preservadas em *Mulaprakriti*. Esta luz do Logos é o elo …… entre a matéria objetiva e o pensamento subjetivo de *Ishwara* (ou Logos). É chamada de *Fohat* em várias obras budistas. Ela é o único instrumento utilizado pelo *Logos*." ("The Theosophist", fevereiro de 1887, p. 306.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[384] *Sien-Tchan*: também grafado como "Tsien-Tchang" ou como "Sien-Tchang". (Nota do Tradutor)

Deste modo, no *Manu Brahmâ* o *Logos* também é descrito como dividindo seu corpo em duas partes, macho e fêmea, e nesta última, que é Vach, ele cria Viraj, que é ele próprio, ou Brahmâ. É desta maneira que um erudito Ocultista Vedantino fala daquela "deusa", explicando a razão por que Ishwara (ou Brahmâ) é chamado de *Verbo* ou *Logos*; e por que de fato ele é chamado de Sabda Brahmam: -

"A explicação que vou dar a vocês parece inteiramente mística. Embora seja mística, ela possui uma tremenda importância quando é adequadamente compreendida. Nossos escritores antigos diziam que *Vach* tem quatro quatro variedades (vejam o Rig Veda e os Upanixades). *Vaikhari-Vach* é o que nós pronunciamos. Cada um dos tipos de *Vaikhari-Vach* existe em sua *Madhyama*, mais tarde em sua *Pasyanti*, e finalmente na sua forma *Para*.[385] A razão pela qual este Pranava [386] é chamado de Vach está no fato de que os quatro princípios do grande Cosmos correspondem a estas quatro formas de *Vach*. Todo o sistema solar manifestado existe, em sua forma *Sukshma* [387], na luz ou energia do *Logos*, porque a sua energia é captada e transferida à matéria cósmica ……. O Cosmos inteiro, em sua forma objetiva, é *Vaikhari-Vach*, a luz do *Logos* é a forma *Madhyama*, e o próprio Logos é a forma *Pasyanti*, assim como Parabrahm é a forma ou aspecto *Para* daquela *Vach*. É à luz desta explicação que devemos tentar entender certas afirmações feitas por vários filósofos no sentido de que o Cosmos manifestado é o *Verbo* manifestado como Cosmos." (Veja a transcrição de palestra sobre o *Bhagavad Gita* mencionada acima.[388])

ESTÂNCIA VI - Continuação.

2.O Ser Veloz e Radiante produz os Sete Centros *Laya* [389] (*a*), contra os quais nada poderá prevalecer até o grande dia "Estejam-Conosco", e coloca o Universo sobre estes Alicerces Eternos, que rodeiam Sien-Tchan [390] junto com os Germes dos Elementos. (*b*)

(*a*) Os sete centros *Laya* são os sete pontos Zero. Usamos o termo Zero no mesmo sentido que os químicos, para indicar um ponto em que começa a escala de registro

---

[385] *Madhya* é descrita como algo cujo começo e cujo final são desconhecidos, e *Para* significa infinito. Estas expressões se relacionam todas com a infinitude e a divisão do tempo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[386] *Pranava*: termo sânscrito que significa "som cósmico" ou "som sagrado". (Nota do Tradutor)

[387] *Sukshma*: do sânscrito, "sutil, astral, etéreo". (Nota do Tradutor)

[388] Boris de Zirkoff acrescenta: "The Theosophist", fevereiro de 1887, p. 307. (Nota do Tradutor)

[389] "Laya" (termo sânscrito) é o ponto da matéria em que toda diferenciação cessou. (Nota de H. P. Blavatsky)

[390] *Sien-Tchan*: conforme vimos acima, este termo também é grafado como "Tsien-Tchang" ou como "Sien-Tchang". (Nota do Tradutor)

da diferenciação no contexto do esoterismo. Mais além dos limites destes centros, a filosofia esotérica nos permite perceber as vagas figuras dos "Sete Filhos" da Vida e da Luz, os Sete Logoi dos filósofos herméticos e de todos os outros filósofos. A partir destes centros começa a diferenciação dos elementos que entram na constituição do nosso Sistema Solar. Tem sido perguntado com frequência qual é a definição exata de Fohat, e dos seus poderes e funções, já que ele parece atuar como o Deus Pessoal das religiões populares. A resposta foi dada acima, no comentário sobre a Estância V. Como colocado de modo correto nas palestras sobre o Bhagavad Gita, "o Cosmos inteiro deve existir necessariamente na Fonte Única de energia da qual esta luz (*Fohat*) emana." Quer contemos os princípios do Cosmos e do ser humano como sete ou apenas como quatro, as forças da, e na, Natureza física são Sete; e a mesma autoridade afirma que "*Pragna*, a capacidade de percepção, existe em sete diferentes aspectos, que correspondem às sete condições da matéria" (*Deus pessoal e impessoal*). Porque, "assim como um ser humano é composto de sete princípios, a matéria diferenciada no sistema solar existe em sete condições diferentes" (*ibid.*). O mesmo ocorre com Fohat. [391] Ele é Um e é Sete, e no plano Cósmico está na base de todas manifestações como luz, calor, som, aderência, etc., etc., e também é o "espírito" da ELETRICIDADE, que é a VIDA do Universo. Como abstração, nós o chamamos de VIDA UNA; como Realidade objetiva e evidente, falamos de uma escala setenária de manifestação, que começa no degrau superior com a Única e Incognoscível CAUSALIDADE, e termina como a Mente e a Vida onipresentes, imanentes em cada átomo de Matéria. Assim, enquanto a ciência fala da evolução através da matéria bruta, da força cega e do movimento insensível, os Ocultistas apontam para a LEI *inteligente* e a VIDA *sensível*, e acrescentam que Fohat é o Espírito orientador de tudo isso. E no entanto ele não é de modo algum um deus pessoal. Ele é a emanação daqueles outros Poderes que os cristãos chamam de "Mensageiros" do Deus deles (Deus que é, na verdade, apenas os Elohim, ou mais precisamente um dos Sete Criadores chamados Elohim). Nós o chamamos de "Mensageiro dos Filhos primordiais da Vida e da Luz".

(*b*) Os "Germes dos Elementos" com os quais ele preenche Sien-Tchan (o "Universo") a partir de Tien-Sin (o "Céu da Mente", literalmente, ou aquilo que é absoluto), são os Átomos da Ciência e as Mônadas de Leibniz.

ESTÂNCIA VI - Continuação.

3.Dos Sete (*elementos*) **- o primeiro deles manifestado, seis ocultos; dois manifestados, cinco ocultos; três manifestados, quatro ocultos; quatro visíveis, três ocultos; quatro e um Tsan** (*uma fração*) **revelados, dois e meio ocultos; seis por serem manifestados, um deixado à parte.** (*a*) **Finalmente, sete pequenas rodas giram; cada uma dá nascimento a outra.** (*b*)

---

[391] A palavra "Fohat" tem diversos significados. (Veja os comentários à Estância V.) Ele é chamado de "Construtor dos Construtores", e a Força que ele personifica formou a nossa cadeia setenária. (Nota de H. P. Blavatsky)

(*a*) Estas Estâncias se referem ao universo inteiro depois de um Maha-pralaya (destruição universal). Apesar disso, esta frase, como qualquer estudante de Ocultismo pode ver, também se aplica por analogia à evolução e à formação final dos Sete Elementos primordiais (embora compostos) em nossa Terra. Deles, quatro elementos estão agora completamente manifestados, enquanto que o Quinto, o Éter, só está parcialmente manifestado, já que estamos ainda no início da segunda metade da Quarta Ronda, e o Quinto Elemento se manifestará por completo apenas na Quinta Ronda. Naturalmente os Mundos, inclusive o nosso próprio, surgiram primeiro como Germes a partir do Elemento ÚNICO no segundo estágio dele (o estágio "Pai-Mãe", a *Alma do Mundo diferenciada*, e não o que é chamado de "Supra-Alma" por Emerson). Não faz diferença se os chamamos de Poeira Cósmica ou Névoa de Fogo, como a ciência moderna, ou de Akasha, Jivatma, divina Luz Astral e "Alma do Mundo", como o Ocultismo. Este primeiro estágio da Evolução deu lugar a seu devido tempo ao estágio seguinte. Nenhum mundo, assim como nenhum corpo celeste, poderia ser construído no plano objetivo se os Elementos não tivessem se diferenciado o suficiente do *Ilus* primordial deles, passando a estar em *Laya*. O termo *Laya* é sinônimo de Nirvana. Laya é na verdade a dissociação nirvânica de todas as substâncias, que mergulham depois de um ciclo vital na latência das suas condições primordiais. É a sombra, luminosa mas sem corpo, da matéria *que era*; o reino da negatividade - onde permanecem latentes durante o seu período de descanso as Forças ativas do Universo. A respeito dos Elementos, paira contra os Antigos a crítica segundo a qual eles "viam os Elementos deles como simples e não podendo ser decompostos." [392] Esta é mais uma afirmação sem

---

[392] As sombras dos nossos ancestrais pré-históricos também poderiam criticar os físicos modernos, agora que novas descobertas em Química levaram o sr. Crookes, membro da Royal Society, a admitir que a ciência ainda está a dez mil quilômetros do conhecimento da natureza composta da mais simples molécula. Graças a ele ficamos sabendo que algo como uma molécula realmente simples e inteiramente homogênea é uma *coisa desconhecida* em Química. "Onde devemos estabelecer um limite?", pergunta ele. "Qual é a saída para esta perplexidade? Devemos tornar os exames elementares tão rigorosos que só 60 ou 70 por cento dos candidatos podem ser admitidos, ou devemos abrir as portas do exame de modo que o número de admissões seja igual ao número de candidatos?" E a seguir o erudito cavalheiro dá alguns exemplos significativos. Ele diz: "Vejamos o caso do ítrio. Ele tem um peso atômico definido, ele se comporta em todos os aspectos como um corpo simples, um elemento, ao qual podemos acrescentar, mas do qual nada podemos tirar. E no entanto este ítrio, este todo supostamente homogêneo, ao ser submetido a determinado método de fracionamento, é dividido em frações não exatamente idênticas entre si, e que demonstram uma escala de propriedades. Ou vejamos o exemplo do didímio. Aqui estava um corpo com todos os indícios de um elemento. Havia sido separado com muita dificuldade de outros corpos que estavam perto dele em suas propriedades, e durante este processo crucial ele foi submetido a tratamento severo sob exame muito atento. Mas surgiu outro pesquisador em Química que, submetendo este corpo supostamente homogêneo a um processo peculiar de fracionamento, dividiu-o em dois corpos, praseodímio e neodímio, entre os quais algumas diferenças são perceptíveis. Além disso, mesmo agora nós não temos certeza de que o neodímio e o praseodímio são corpos simples. Ao contrário; ambos exibem sintomas de possível divisão interna. Se um suposto elemento, sob um tratamento adequado, revelar-se como composto de moléculas diferentes, estaremos seguramente autorizados a perguntar se

fundamento. Os filósofos iniciados da antiguidade dificilmente podem ser acusados disso, porque em primeiro lugar foram eles que inventaram os mitos e as alegorias religiosas. Se não conhecessem a heterogeneidade dos seus Elementos, não teriam criado personificações do Fogo, do Ar, da Água, da Terra, e do Éter; os seus deuses e deusas do Cosmos não teriam sido abençoados com tamanha posteridade, com tanta quantidade de filhos e filhas, e elementos nascidos *de*, e *desde o interior de*, *cada respectivo Elemento*. A Alquimia e os fenômenos ocultos teriam sido uma ilusão e uma armadilha, mesmo em teoria, se os Antigos não conhecessem as potencialidades, funções correlativas e atributos de cada elemento que entra na composição do Ar, da Água, da Terra, e mesmo do *Fogo*. Este último é ainda hoje desconhecido da ciência moderna, que é obrigada a chamá-lo de Movimento, de evolução de luz e calor, estado de ignição, definindo-o pelos seus aspectos externos, e permanecendo ignorante da sua natureza. Mas há algo que a ciência moderna aparentemente não consegue perceber. Por mais diferenciados que possam ser aqueles átomos químicos simples que a filosofia arcaica chamava de "criadores dos seus progenitores respectivos", pais, irmãos, maridos das suas mães, enquanto estas mães eram filhas dos seus próprios filhos, como Aditi e Daksha, por exemplo; por mais diferenciados que fossem estes elementos no início, dizemos, eles ainda não eram os corpos compostos que são hoje e que a ciência conhece. Nem a Água, nem o Ar, ou a Terra (sinônimo para sólidos em geral) existiam na sua forma atual; e eles representam os três únicos estados da matéria reconhecidos pela ciência. Porque todos eles são produtos já recombinados pelas atmosferas de globos completamente formados - mesmo no que diz respeito ao fogo - de modo que nos períodos iniciais da formação da Terra eles ainda eram muito *sui generis*. Agora que as condições e leis reguladoras do nosso sistema solar estão completamente desenvolvidas e que a atmosfera da nossa Terra, como a de todos os outros globos, tornou-se de certo modo um cadinho com sua dinâmica própria, a ciência oculta ensina que há um intercâmbio perpétuo no espaço das moléculas, ou mais precisamente dos átomos, correlacionando, e por isso mudando, as combinações dos seus equivalentes em cada planeta.[393] Alguns cientistas que estão entre os maiores físicos e químicos começam a suspeitar deste fato, que é conhecido há eras pelos Ocultistas. O espectroscópio mostra apenas a provável semelhança (no nível das evidências externas) entre as substâncias terrestres e siderais. Ele é incapaz de ir além disso, ou de revelar se os átomos siderais gravitam uns em torno dos outros da mesma forma e nas mesmas condições que se supõe que eles façam em nosso planeta, fisicamente e

---

resultados similares não poderiam ser obtidos em relação a outros elementos, e talvez em relação a todos os elementos, caso eles sejam tratados da maneira correta. Podemos até perguntar onde irá parar o processo de separação. É um processo que naturalmente pressupõe variações entre as moléculas individuais de cada espécie. E nestas sucessivas separações nós naturalmente encontramos corpos cada vez mais semelhantes uns aos outros." (Discurso presidencial, ou "presidential address", na Royal Society of Chemists, em março de 1888.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[393] Esta frase merece em si mesma uma cuidadosa reflexão. Ela não só aponta para a atividade das partículas atômicas, mas possui uma dimensão astrológica ao mencionar o intercâmbio astral entre os planetas do nosso sistema solar, que é *subatômico* e *meta-atômico*. O mesmo pode-se dizer das frases seguintes. (Nota do Tradutor)

quimicamente. A escala de temperaturas, desde o mais alto grau até o mais baixo que se possa conceber, pode ser imaginada como uma só para todo o Universo. No entanto, as suas propriedades, exceto as de dissociação e reassociação, diferem em cada planeta; e deste modo os átomos entram em formas de existência novas, jamais sonhadas pela ciência física e incognoscíveis para ela. Como já foi dito em "Five Years of Theosophy"[394], a essência da matéria dos cometas, por exemplo, "é totalmente diferente de qualquer uma das características físicas ou químicas conhecidas pelos maiores químicos e físicos da Terra" (pp. 241-242). E mesmo esta matéria, durante uma rápida passagem pela nossa atmosfera, experimenta uma certa mudança em sua natureza. Deste modo, não só os elementos dos nossos planetas, mas também os elementos de todas as irmãs deles em nosso sistema solar, diferem tão amplamente uns dos outros, em suas combinações, quanto os elementos cósmicos que estão além dos nossos limites solares. [395] Portanto, não podem ser adotados como padrão para comparar os mesmos elementos em outros mundos.[396] Recolhido em seu estado primordial e virginal no seio da Mãe Eterna, cada átomo nascido além do limite do reino dela está condenado à incessante diferenciação. "A Mãe dorme, e no entanto está sempre respirando." E cada respiração manda para fora, para o plano da manifestação, os seus produtos proteanos [397], que, levados

---

[394] O volume "**Five Years of Theosophy**" é uma seleção dos cinco primeiros anos da revista "The Theosophist", da Índia, e sua edição em papel é distribuída atualmente pela Theosophy Company, de Los Angeles. Possui 575 pp. (Nota do Tradutor)

[395] Isso também é corroborado pelo mesmo cientista [***Subnota do Tradutor**: William Crookes*], na mesma palestra. Ele cita Clerk Maxwell dizendo "que os elementos não são absolutamente homogêneos". E escreve: "É difícil conceber a seleção e a eliminação de variedades intermediárias, porque para onde poderiam ter ido estas moléculas eliminadas, se, como temos razões para pensar, o hidrogênio, etc., das estrelas fixas é composto de moléculas idênticas em todos os aspectos às nossas próprias?" Ele acrescenta: "Em primeiro lugar podemos questionar esta identidade molecular absoluta, já que até agora não tivemos meios de chegar a uma conclusão exceto pelo espectroscópio, e é sabido que, para comparar e discernir os espectros de dois corpos, eles deveriam ser examinados sob estados idênticos de temperatura, pressão, e todas as outras condições físicas. Certamente temos visto, no espectro do Sol, raios que não somos capazes de identificar." (Nota de H. P. Blavatsky)

[396] "Cada mundo tem o seu Fohat, que é onipresente em sua própria esfera de atuação. Mas há tantos Fohats quantos mundos, todos eles variando em poder e grau de manifestação. Os Fohats individuais formam um Fohat Universal, Coletivo, o aspecto-de-Entidade da Não-Entidade única e absoluta, que é absoluta Existencialidade, 'SAT'. Milhões e bilhões de mundos são produzidos em cada Manvântara", afirma-se. Deve haver portanto muitos Fohats, que vemos como Forças conscientes e *inteligentes*. A ideia, naturalmente, é desagradável para as mentes científicas. No entanto os Ocultistas têm fortes motivos para considerar todas as forças da natureza como verdadeiros estados da matéria, embora suprassensoriais; e como possíveis objetos de percepção para Seres que possuam os sentidos necessários. (Nota de H. P. Blavatsky)

[397] *Proteanos*: relativos a Proteu, divindade marinha da mitologia grega, pastor dos rebanhos de Poseidon. A palavra implica a capacidade de mudar constantemente no aspecto externo. Proteu conhecia o presente, o passado e o futuro, e assumia todas as formas possíveis. Proteu é citado na Carta 88 de "Cartas dos Mahatmas". (Nota do Tradutor)

adiante pela onda do efluxo, são espalhados por Fohat e levados para além desta ou de outra atmosfera planetária. Uma vez capturado pela atmosfera, o átomo é perdido; a sua pureza primordial é desfeita para sempre, a menos que o Destino o desassocie levando-o para uma "corrente de EFLUXO" (termo oculto cujo significado é bem diferente do que as palavras sugerem no plano convencional). Quando o átomo pode ser transportado outra vez até a fronteira onde havia perecido, e lança-se em um voo, não pelo Espaço *acima*, mas no Espaço *interior*, ele é levado até um estado de equilíbrio diferencial e reabsorvido de maneira satisfatória. Se um Ocultista-Alquimista verdadeiramente bem informado fosse escrever "A Vida e as Aventuras de um Átomo", ele ficaria sujeito por causa disso ao desprezo eterno do químico moderno, e talvez, mais tarde, à sua gratidão. [398] Seja como for, "*A Respiração do Pai-Mãe sai fria e radiante e se torna quente e impura, para esfriar outra vez, e ser purificada no seio eterno do Espaço interior*", diz o Comentário. O ser humano absorve ar puro no alto da montanha, e o lança de volta impuro, quente e alterado.[399] Assim, já que a temperatura mais alta é a boca e a temperatura mais baixa corresponde aos pulmões de todos os globos, o homem do nosso planeta respira apenas os rejeitos da sua "Mãe". Portanto, "está condenado a morrer neles".[400]

(*b*) O processo mencionado como "as pequenas rodas dão nascimento uma a outra" ocorre na sexta região a contar de cima, e no plano do mundo mais material de todos no Cosmos manifestado - o nosso plano terrestre. Estas "Sete Rodas" são a nossa cadeia planetária (veja os Comentários 5 e 6, a seguir). A palavra "Rodas" em geral significa as várias esferas e os vários centros de força; mas neste caso se refere ao nosso anel setenário.

---

[398] Na verdade, se um tal especialista imaginário em Química fosse intuitivo e saísse por um momento da rotina habitual da "ciência estritamente exata", como os alquimistas de antigamente faziam, ele poderia ver sua audácia recompensada. (Nota de H. P. Blavatsky)

[399] Maine de Biran fez observações sobre a relação entre condições climáticas ou atmosféricas e a consciência individual ("Journal", Février 1814 - 31 Décembre 1816). Todos podemos sentir diferenças em nossos corpos físicos e estados de consciência, se nos deslocarmos de um continente para outro em nosso planeta, ou se formos para o alto de uma cordilheira. Deslocamentos espaciais mais modestos também produzem efeitos. (Veja-se por exemplo "The Power of Place", an anthology by James A. Swan.) A Astrologia estuda a alteração caleidoscópica do modo como se organiza o carma individual, em seu diálogo com o sistema solar, segundo o tempo e o local em que um indivíduo nasce, ou em que está em determinado momento. (Nota do Tradutor)

[400] Aquele que fizer uma transposição alotrópica do lento Oxigênio em *Ozônio* com uma certa intensidade de ação alquímica, reduzindo-o à sua pura essência (e há meios de fazer isso) irá descobrir deste modo um substituto para um "Elixir da Vida" e poderá prepará-lo para uso prático. (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *Esta afirmativa de HPB reforça a ideia ecológica de que a camada de ozônio presente na estratosfera terrestre se relaciona com a manutenção da vitalidade do planeta como um todo.*]

ESTÂNCIA VI - Continuação.

4.Ele as constrói à semelhança de Rodas (*mundos*) **mais antigas, colocando-as nos centros imperecíveis.**(*a*)

Como Fohat as constrói? Ele reúne o pó de fogo. Ele faz bolas de fogo, passa através delas e ao redor delas, dando-lhes vida, e então as coloca em movimento; algumas delas num sentido, outras em outro sentido. Elas são frias, ele as torna quentes. Elas são secas, ele as torna úmidas. Elas brilham, ele as abana e as resfria.(*b*)

Assim age Fohat desde um *Crepúsculo* a outro, durante Sete Eternidades.[401]

(*a*) Os Mundos são construídos "à semelhança de Rodas mais antigas", isto é, aquelas que existiram em Manvântaras anteriores e que entraram em Pralaya, porque a LEI que estabelece o nascimento, o crescimento e a decadência de tudo no Cosmos, desde o Sol até o pirilampo que vive na relva, é UMA. É um trabalho eterno de aperfeiçoamento com cada nova aparição, mas a Substância-Matéria e as Energias são uma só em todos os casos. Esta LEI atua em cada planeta através de leis menores e variadas. Os "Centros Laya imperecíveis" têm uma grande importância, e o significado deles deve ser completamente compreendido se quisermos ter uma concepção clara da Cosmogonia Arcaica, cujas teorias agora se relacionam com o Ocultismo. De momento, uma coisa pode ser afirmada. Os mundos não são construídos nem *sobre*, nem *acima*, nem *nos* Centros *Laya*, porque o ponto-zero é uma condição, e não um ponto matemático.

(*b*) Devemos levar em conta que Fohat, a Força construtiva da Eletricidade Cósmica, é descrito metaforicamente como tendo surgido do mesmo modo que Rudra surgiu de Brahmâ, "desde o cérebro do Pai e do seio da Mãe", para então metamorfosear-se como macho e como fêmea, isto é, na polaridade da eletricidade positiva e negativa. Ele tem *sete filhos* que são *seus irmãos*; e Fohat é forçado a nascer uma e outra vez sempre que dois dos seus filhos-irmãos entram *em contato demasiado próximo* entre si, seja em um abraço ou em uma luta. Para evitar isso, ele une e associa os que têm naturezas diferentes, e separa aqueles cujos temperamentos são semelhantes. É claro que isso se refere, como se pode ver, à eletricidade gerada por atrito e à lei que envolve a atração entre objetos de polaridade diferente e a repulsão entre objetos cuja polaridade é a mesma. Os sete "filhos-irmãos", no entanto, representam e personificam as sete formas do magnetismo cósmico, chamados em *Ocultismo prático* de "Sete Radicais", cujos descendentes ativos e cooperativos são, entre outras energias, Eletricidade, Magnetismo, Som, Luz, Calor, Coesão, etc. A Ciência Oculta define todos eles como efeitos suprassensoriais em seu comportamento irrevelado, e como fenômenos objetivos no mundo dos sentidos. O nível oculto deles requer faculdades anormais para ser percebido; a sua dimensão objetiva é percebida

[401] Um período de 311.040.000.000.000 anos, de acordo com os cálculos bramânicos. (Nota de H. P. Blavatsky)

pelos sentidos físicos comuns. Todos eles pertencem a qualidades espirituais ainda mais suprassensoriais, e são emanações delas. Estas qualidades mais suprassensoriais não são personificadas, mas pertencem a CAUSAS reais e conscientes. Tentar descrever tais ENTIDADES seria pior que inútil. O leitor deve levar em conta que segundo o nosso ensinamento, que vê este Universo fenomênico como uma grande *Ilusão*, quanto mais próximo está um corpo da SUBSTÂNCIA DESCONHECIDA, mais ele se aproxima da *realidade*, e mais distante estará deste mundo de *Maya*. Portanto, embora a constituição molecular dos seus corpos não seja deduzível a partir da sua manifestação neste plano de consciência, eles, mesmo assim (desde o ponto de vista do adepto Ocultista) possuem uma nítida estrutura objetiva, se não material, no Universo relativamente numenal, por oposição ao Universo fenomênico. Os cientistas podem considerá-los se quiserem como Energia ou Energias geradas pela matéria, ou como "modos de movimentação da matéria". O Ocultismo, vê em seus efeitos, (energias) "Elementais"; e, nas causas diretas que os produzem, operários DIVINOS e inteligentes. A íntima conexão destes Elementais (guiados pela mão certeira dos Governantes) com os elementos da pura Matéria - a sua *correlação*, poderíamos dizer - resulta nos nossos fenômenos terrestres como luz, calor, magnetismo, etc., etc. Naturalmente jamais concordaremos com os Substancialistas norte-americanos [402], que consideram uma "Entidade" toda Força ou Energia, seja Luz, Calor, Eletricidade ou Coesão; porque isso seria o mesmo que considerar o barulho produzido pelo movimento das rodas de uma carruagem como uma *Entidade*. Seria confundir e identificar o "barulho" com o condutor *externo* do veículo e com a inteligência-mestra que orienta desde o *interior* do veículo. Mas nós certamente damos este nome aos "condutores" e às inteligências orientadoras - os Dhyan Chohans Governantes, como foi mostrado acima. Os "Elementais", as Forças-da-Natureza, são as Causas secundárias, ativas, embora invisíveis, ou mais precisamente imperceptíveis. Elas são em si mesmas os efeitos de Causas primárias que estão além do Véu de todos os fenômenos terrestres. A eletricidade, a luz, o calor, etc., têm sido corretamente chamados de "Espírito ou Sombra da Matéria em Movimento", isto é, estados suprassensoriais de matéria da qual só podemos conhecer os efeitos. Vamos expandir, então, a imagem simbólica dada acima.[403] A sensação de luz é como o som das rodas em movimento: um efeito puramente fenomênico, que não existe exceto para o observador. A causa imediata da sensação é comparável ao condutor - um estado suprassensorial de matéria em movimento, uma Força-da-Natureza ou Elemental. Mas, assim como o proprietário da carruagem dá ordens ao condutor desde o interior do veículo, atrás do Elemental também estão causas mais elevadas e *numenais*, as *Inteligências* de cuja essência se irradiam estes Estados da "*Mãe*", gerando incontáveis bilhões de Elementais ou Espíritos-da-Natureza psíquicos, tal como cada gota de água gera os seus infinitesimais infusórios físicos. (Veja "Deuses, Mônadas e Átomos", na Parte III do volume I da

[402] Veja "Scientific Arena", um *Journal* mensal dedicado aos ensinamentos filosóficos atuais e sua influência sobre o pensamento religioso da nossa Era. Nova Iorque, A. Wilford Hall, Ph.D., LL.D., Editor. (1886, July, August and September.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[403] Tudo o que existe na natureza e no universo é cíclico. Os ciclos são as "rodas da vida", ou da carruagem do universo manifestado, que é dirigida em seus inúmeros níveis e dimensões pelas inteligências divinas. (Nota do Tradutor)

presente obra.) É Fohat que guia a transferência dos princípios de um planeta para outro, e de uma estrela para outra - uma estrela-criança. Quando um planeta morre, os seus princípios orientadores são transferidos para um centro *laya* ou centro adormecido, com energia potencial mas latente, que é deste modo despertada para a vida e começa a constituir-se como um novo corpo sideral. (Ver mais adiante "Algumas Concepções Teosóficas Iniciais e Erradas…".)

É notável o fato de que os físicos, ao mesmo tempo que confessam honestamente a sua completa ignorância sobre a verdadeira natureza até mesmo da matéria terrestre, considerando a substância primordial mais como um sonho do que uma realidade sóbria, também se estabeleçam como juízes desta mesma matéria e aleguem saber o que ela pode ou não pode fazer em suas várias combinações. Os cientistas têm um conhecimento escasso e superficial da matéria, e mesmo assim adotam uma atitude dogmática a respeito. Para eles, é "um modo de movimento" e nada mais. Mas a *energia* inerente na respiração de uma pessoa que assopra um grão de poeira situado em cima de uma mesa, também é, inegavelmente, "um modo de movimento", e é inegavelmente não uma qualidade da matéria, ou das partículas da poeira, mas emana da Entidade viva e consciente que assoprou, quer o impulso tenha sido dado de modo consciente ou inconsciente. De fato, atribuir à matéria - algo do qual nada é sabido até o momento - uma qualidade inerente chamada Energia, sobre a qual se sabe ainda menos, significa criar uma dificuldade muito mais séria do que a de aceitar a intervenção dos nossos "Espíritos-da-Natureza" em todos os fenômenos naturais.

Quando querem expressar-se de modo correto, os Ocultistas não dizem que a *matéria* é indestrutível e eterna, porque só a *substância* ou *essência* da matéria tem estas características (isto é, a Raiz de tudo, *Mulaprakriti*). Eles asseguram que todas as chamadas Forças da Natureza, Eletricidade, Magnetismo, Luz, Calor, etc., etc., ao contrário de serem modos de movimento de partículas materiais, são, *em essência*, isto é, em sua constituição última, aspectos diferenciados daquele Movimento Universal que foi discutido nas primeiras páginas desta obra (veja o *Proêmio*). Quando se afirma que Fohat produz "Sete Centros Laya", a ideia significa que, no que diz respeito a efeitos formadores ou criativos, a GRANDE LEI (chamada de Deus pelos teístas) interrompe, ou, mais precisamente, *modifica* o movimento perpétuo em sete pontos invisíveis dentro da área do Universo manifestado. "*A grande Respiração abre no Espaço sete buracos até Laya, para fazer com que eles girem durante o Manvântara*" (Catecismo Oculto). Nós dissemos que Laya é o que a ciência chama de ponto-zero ou linha zero; o reino da negatividade absoluta, ou da única Energia real e absoluta; o NÚMENO do Sétimo Estado daquilo que nós, em nossa ignorância, chamamos de "Energia" e reconhecemos como "Energia"; ou seja, o Númeno da Substância Cósmica Indiferenciada, que é em si mesmo um objeto inalcançável e incognoscível desde o ponto de vista da percepção finita. É a raiz e a base de todos os estados de objetividade, e também de subjetividade. É o eixo neutro; não constitui um dos seus muitos aspectos, mas o seu centro. Será útil, para elucidar o significado, que imaginemos um centro neutro - o sonho daqueles que buscam descobrir o segredo do movimento perpétuo. Um "centro neutro" é, de certo modo, o ponto-limite de qualquer conjunto de sentidos. Imagine dois planos

consecutivos de matéria como já formados, e cada um deles correspondendo a um conjunto apropriado de órgãos perceptivos. Somos forçados a admitir que entre estes dois planos de matéria ocorre uma incessante circulação; e se nós seguirmos os átomos e moléculas do que pode ser chamado de inferior em sua transformação a caminho do superior, eles irão chegar a um ponto em que passarão em conjunto para além do alcance das faculdades que usamos no plano inferior. Na verdade, a matéria do plano inferior desaparece do nosso campo de percepção e se transforma em nada, ou mais precisamente se transfere para o plano superior. O estado de matéria correspondente a este ponto de transição deve certamente possuir propriedades especiais e não facilmente identificáveis. Estes "Sete Pontos Neutros" [404], então, são produzidos por Fohat, o qual, segundo Milton escreve, quando

"Os alicerces adequados (estão) estabelecidos para a construção ....."

acelera a matéria colocando-a em atividade e fazendo-a evoluir.

O *Átomo Primordial (anu)* não pode ser multiplicado em seu estado pré-genético, nem em sua condição de primogênito; portanto ele é chamado de "SOMA TOTAL", figurativamente, é claro, já que esta "SOMA TOTAL" não tem limites. (Veja os Adendos ou Parte III deste volume I.) Aquilo que constitui o abismo do nada para o físico, que só conhece o mundo das causas e dos efeitos visíveis, é o Espaço do Divino *Plenum* para o Ocultista. A doutrina de uma evolução e re-involução (ou reabsorção) ilimitada do Cosmos é um processo que, de acordo com a Doutrina Esotérica e com o bramanismo, não tem um começo ou um final. Entre muitas outras objeções a esta doutrina, alega-se para o Ocultista que isso não pode ser real porque "segundo todas as evidências reunidas pela filosofia científica moderna há uma necessidade de que a Natureza chegue a um final." Se a tendência da Natureza a "chegar a um final" tiver que ser considerada uma objeção tão importante à Cosmogonia Oculta, nós podemos perguntar: "Como vocês, positivistas, livres-pensadores e cientistas explicam as miríades de sistemas estelares ativos que existem em torno de nós?" Eles tiveram a eternidade para "chegar a seu final": por que, então, o Cosmos não é uma enorme massa inerte? Até mesmo a lua é só hipoteticamente considerada como um planeta morto, "que chegou ao seu final", e a astronomia não parece conhecer muitos planetas mortos neste sentido da palavra.[405] É impossível responder à pergunta. Mas além desta questão devemos levar em conta que a ideia de que a quantidade de "energia transformável" em nosso pequeno sistema deve chegar a um fim está baseada apenas na concepção falaciosa de um "Sol incandescente e branco de tanto calor", perpetuamente irradiando para longe de

---

[404] Este, acreditamos, é o nome usado pelo sr. Keely, da Filadélfia, que inventou o famoso "Motor" destinado, segundo esperam os seus admiradores, a revolucionar o uso de motores no mundo, com base no que ele chama da "Centros Etéricos". (Nota de H. P. Blavatsky)

[405] A lua está *morta* só no que se refere a seus "princípios" *internos*, isto é, *psiquicamente* e *espiritualmente*, por absurda que a afirmação possa parecer. Fisicamente, ela é apenas um corpo semiparalisado, talvez. Ela é descrita de modo correto em Ocultismo como "a mãe insana", a grande *lunática* sideral. (Nota de H. P. Blavatsky)

si no Espaço o seu calor, sem que haja uma compensação. A isso nós respondemos que a natureza chega a um fim e desaparece do plano objetivo apenas para reemergir depois de um tempo de descanso, saindo do plano subjetivo e subindo outra vez. Nosso Cosmo e nossa Natureza chegarão ao seu final apenas para reaparecer depois de cada PRALAYA em um plano mais aperfeiçoado. A *matéria* dos filósofos orientais não é a "matéria" e a Natureza dos metafísicos ocidentais. Pois, o que é Matéria? E, sobretudo, o que é a nossa filosofia científica, exceto aquilo que é definido de modo tão justo e amável por Kant como "a ciência dos *limites* do nosso Conhecimento"? Onde nos levaram as muitas tentativas feitas pela ciência no sentido de reunir, conectar e definir todos os fenômenos da vida orgânica como manifestações meramente físicas e químicas? Levaram-nos em geral a especulações - a meras bolhas de sabão que explodem umas depois das outras antes que os cientistas consigam descobrir fatos reais. Tudo isso poderia ter sido evitado, e o progresso do conhecimento teria prosseguido com passos gigantescos, se a Ciência e a sua filosofia tivessem evitado aceitar hipóteses baseadas apenas no conhecimento unilateral da matéria tal como *elas* a conhecem.[406]

Se nenhum intelecto físico é capaz de contar os grãos de areia que cobrem uns poucos quilômetros de praia de mar, ou sondar a natureza última e a essência daqueles grãos, embora eles estejam palpáveis e visíveis na mão do naturalista, como poderia qualquer materialista limitar as leis que alteram as condições e a existência dos átomos no caos primordial, ou saber com certeza alguma coisa sobre as capacidades e a potência dos seus átomos e moléculas antes e depois da sua transformação em mundos? Estas moléculas imutáveis e eternas - muito mais grossas no espaço que os grãos de uma praia de mar - podem diferir em sua constituição conforme os seus planos de existência, tal como a substância-da-alma difere do seu veículo, o corpo. Cada átomo tem sete planos de ser ou de existência,

---

[406] O fato de que os satélites de Urano e Netuno, respectivamente quatro e um [***Subnota do Tradutor****: quatro e um satélites segundo a ciência do século 19*], giravam, segundo se pensava, em suas órbitas desde o Leste para o Oeste, enquanto todos os outros satélites giram desde o Oeste para o Leste, constitui um bom exemplo, porque mostra quão pouco confiáveis são todas as especulações *a priori*, mesmo quando baseadas na mais estrita análise matemática. A famosa hipótese da formação do nosso Sistema Solar a partir de anéis de nebulosa, formulada por Kant e Laplace, era baseada principalmente no fato de que todos os planetas giram na mesma direção. Foi com base neste fato, matematicamente demonstrado na época de Laplace, que este grande astrônomo, fazendo cálculos conforme a teoria das probabilidades, ofereceu-se para apostar três bilhões contra um que o próximo planeta a ser descoberto teria em seu sistema a mesma peculiaridade do movimento na direção do Oriente. Afirmou-se que as leis imutáveis da matemática científica eram "prejudicadas por mais experimentos e observações". Esta ideia do erro de Laplace prevalece em geral até hoje; mas alguns astrônomos finalmente conseguiram demonstrar (?) que o erro havia sido aceitar que a afirmativa de Laplace era um erro; e agora estão sendo dados passos na direção de corrigi-lo sem chamar a atenção de todos para o *deslize*. Muitas destas surpresas desagradáveis aguardam até mesmo pelas hipóteses de caráter puramente físico. Quantas desilusões mais podem ocorrer, então, em assuntos de natureza transcendental e Oculta? De qualquer modo, o Ocultismo ensina que a chamada "rotação reversa" é um fato. (Nota de H. P. Blavatsky)

segundo nos é ensinado; e cada plano é governado por suas leis de evolução e absorção específicas. Sem ter acesso a quaisquer dados cronológicos, nem sequer aproximados, a partir dos quais pudessem tentar tomar uma decisão sobre a idade do nosso planeta ou a origem do sistema solar, os astrônomos, geólogos e físicos [407] avançam à deriva com cada nova hipótese, para longe da praia dos fatos e na direção das profundezas insondáveis da ontologia especulativa.[408] A Lei da Analogia no plano da estrutura entre os sistemas trans-solares e os planetas intrassolares não opera necessariamente nas condições finitas a que cada corpo visível está sujeito, neste ou em outro plano de existência. Na Ciência Oculta, esta lei é a primeira e a mais importante das chaves para a Física cósmica; mas precisa ser estudada nos seus mínimos detalhes, e é uma chave que "precisa ser girada sete vezes" para que possa ser compreendida. A filosofia oculta é o único campo de conhecimento que pode ensinar isso. Como então poderia alguém qualificar como verdadeira ou inverdadeira a proposição dos Ocultistas segundo a qual "o Cosmos é eterno em sua coletividade incondicionada, e finito apenas em suas manifestações condicionadas", com base na enunciação unilateral e física de que "é uma necessidade da Natureza chegar a um final"?

000000000000

Com estes versos, do quarto Sloka da Estância VI, termina a parte das Estâncias que se refere à Cosmogonia Universal, após o último Mahapralaya ou destruição Universal. Quando o Mahapralaya ocorre, ele tira do Espaço como folhas secas tudo o que é diferenciado, incluindo Deuses e átomos. A partir do presente verso, as Estâncias se referem apenas ao nosso Sistema Solar em geral, com suas cadeias planetárias, implicitamente; e, mais especialmente, à história do nosso globo (o quarto globo, e sua cadeia). A partir de agora, as Estâncias e versos deste volume I se referem exclusivamente à evolução da nossa Terra e à evolução *na* nossa Terra. Com relação a esta última, há um estranho princípio - estranho naturalmente apenas desde o ponto de vista da ciência moderna - que deveria ser divulgado de público.

Mas antes que teorias inteiramente novas e até certo ponto surpreendentes sejam apresentadas ao leitor, elas devem ser prefaciadas por algumas palavras de explicação. Isso é absolutamente necessário, já que estas teorias entram em choque não só com a ciência moderna, mas também contradizem, em certos pontos, afirmações anteriores feitas por outros teosofistas, que alegam ter como fonte das suas explicações e apresentações destes ensinamentos a mesma autoridade que nós.[409]

---

[407] Do século 19. (Nota do Tradutor)

[408] Os Ocultistas, tendo a mais completa confiança em seus próprios e precisos registros astronômicos e matemáticos, calculam a idade da Humanidade e afirmam que ela, dividida em sexos, existe na Ronda atual há 18.618.727 anos, segundo os ensinamentos bramânicos e mesmo alguns calendários hindus. (Nota de H. P. Blavatsky)

[409] "O Budismo Esotérico" e "Man: Fragments of Forgotten History", by Two Chelas, second edition, London, Reeves and Turner, 1887, 165 pp. (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor****: Os "Two Chelas" ou "Dois Discípulos" que escreveram o livro "Man: Fragments of Forgotten History" foram Mohini Chatterjee e Laura Holloway, conforme podemos ver nas Cartas dos Mestres.*]

Isso poderia dar a impressão de que há uma nítida contradição entre os expositores da mesma doutrina. Na verdade, a diferença surge do caráter incompleto da informação transmitida [410] aos autores anteriores, que, assim, tiraram algumas conclusões errôneas e fizeram especulações prematuras em seu esforço por apresentar um sistema completo ao público. Deste modo, o leitor que já é estudante de teosofia não deve ficar surpreso ao encontrar nestas páginas a retificação de algumas afirmações feitas em várias obras teosóficas, e também a explicação de certos pontos que têm permanecido obscuros, porque foram deixados de modo necessariamente incompleto. São muitas as questões que mesmo o autor de "O Budismo Esotérico" (a melhor e mais precisa entre tais obras) deixou sem abordar. Por outro lado, ele também introduziu diversas noções errôneas que agora devem ser apresentadas em sua verdadeira luz mística, na medida em que a presente autora for capaz de fazer isso.

Façamos então um pequeno intervalo entre os Slokas já explicados e os que se seguirão, porque os períodos Cósmicos que os separam são de uma duração imensa. Isso nos permitirá um tempo amplo para construir uma visão de conjunto de alguns pontos da Doutrina Secreta que têm sido apresentados ao público de uma maneira mais ou menos incerta e às vezes equivocada.[411]

000

(Volte para o Sumário)

Algumas Concepções Teosóficas Iniciais e Erradas Sobre os Planetas, as Rondas, e o Ser Humano

Entre as onze Estâncias omitidas [412], há uma que faz uma descrição completa da formação das cadeias planetárias, uma após a outra, depois que a primeira diferenciação Cósmica e Atômica começou, durante o *Acosmismo* primordial. É inútil falar "das leis que surgem quando a Divindade se prepara para criar", porque, (**a**), as leis são, ou melhor, *a* LEI é eterna e não-criada; e (**b**), a Divindade é a Lei, e *vice-versa*. Além disso, a LEI única e eterna desenvolve tudo (o que haverá) na Natureza manifestada com base em um princípio setenário. As incontáveis cadeias circulares de mundos, compostas de sete globos, são graduadas nos quatro planos inferiores do mundo de formação (os três outros planos pertencem ao Universo Arquetípico). Destes sete apenas *um, o mais baixo e mais material destes globos*, está em nosso plano de percepção e ao alcance de nossos meios de percepção. Os outros seis estão fora de alcance e são, portanto, invisíveis ao olhar terrestre. Todas

---

[410] Informação transmitida pelos Mestres. (Nota do Tradutor)

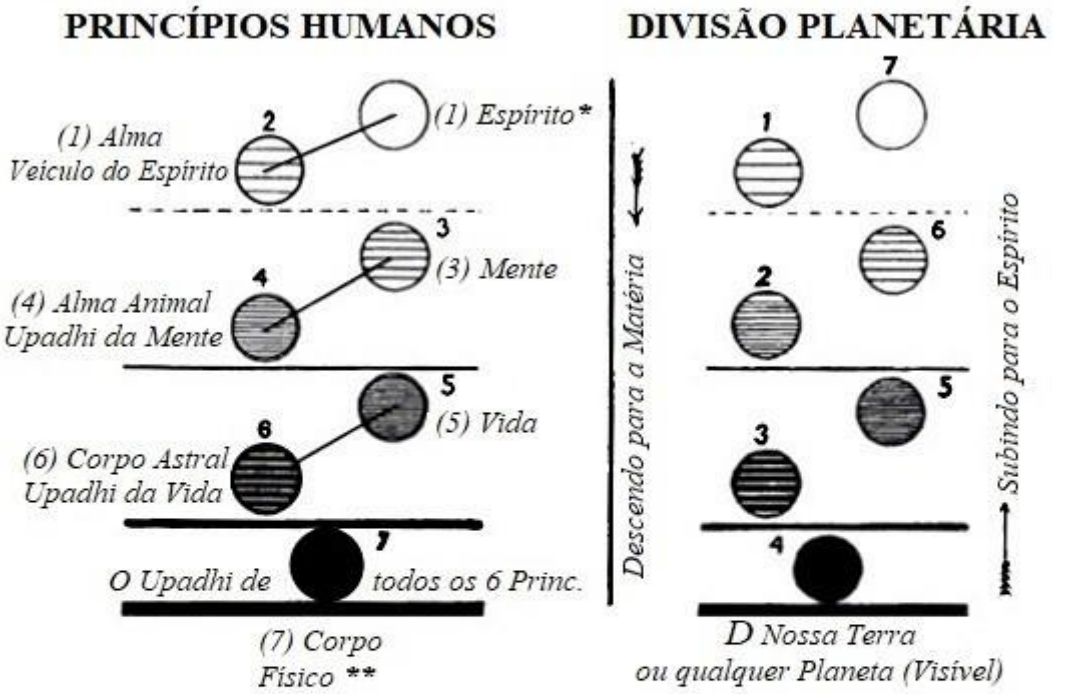
[411] Neste ponto, estamos à altura da página 152 do volume I da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[412] Reveja a propósito a página anterior e, voltando mais atrás, examine as páginas finais do Proêmio, inclusive a "Nota" pouco antes do final do Proêmio. (Nota de H. P. Blavatsky)

estas cadeias de mundos são as *filhas* e a criação de outra cadeia *inferior* e *morta* -; são *a sua reencarnação*, de certa maneira. Em outras palavras, é dito a nós o seguinte sobre os planetas. *Apenas sete* deles eram considerados sagrados e governados pelos regentes ou deuses mais elevados, o que não quer dizer de modo algum que os antigos não soubessem de outros planetas.[413] E cada um dos planetas, seja ele conhecido ou desconhecido, é setenário, tal como a cadeia à qual a Terra pertence (veja "O Budismo Esotérico"). Por exemplo, todos os planetas como Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, etc., etc., e a nossa Terra, são tão visíveis para nós assim como o nosso globo provavelmente é visível para os habitantes dos outros planetas - se há algum habitante -, porque todos eles estão no mesmo plano; enquanto que os globos superiores destes mesmos planetas estão em outros planos completamente fora do plano dos nossos sentidos terrestres. Como a posição relativa deles é dada mais adiante, e também no Diagrama junto ao Comentário do Sloka 6 da Estância VI, algumas palavras de explicação são de momento suficientes. Estes companheiros invisíveis correspondem curiosamente a aquilo que chamamos de "princípios no ser humano". Os sete estão em três planos materiais e um plano espiritual, correspondendo aos três *Upadhis* (bases materiais) e a um veículo espiritual (*Vahan*) dos nossos sete princípios na divisão humana. Se para obter uma concepção mental mais clara imaginarmos os princípios humanos organizados em um esquema, obteremos o seguinte diagrama de correspondências:

[413] Nos Livros Secretos são listados muitos mais planetas do que nas obras astronômicas modernas. (Nota de H. P. Blavatsky)

Diagrama I



* Como estamos avançando aqui desde o Universal para o Particular, ao invés de usar o método indutivo ou Aristotélico, os números estão em ordem reversa. O Espírito é colocado como primeiro e não como sétimo, como normalmente; mas, na verdade, isso *não deveria ser feito*. (Nota de H.P. Blavatsky)

** Ou, adotando os nomes usados normalmente à maneira de "O Budismo Esotérico" e outras obras: 1) Atma; 2) Buddhi (ou Alma Espiritual); 3) Manas (Alma Humana); 4) Kama Rupa (veículo dos desejos e sentimentos); 5) Linga Sharira; 6) Prana; 7) Sthula Sharira. (Nota de H.P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *No item 4, temos no original a palavra "passions", usada no sentido clássico de "sentimentos" ou "emoções".*]

As linhas horizontais escuras dos planos inferiores são os Upadhis em um caso, e os planos no caso da cadeia planetária. Naturalmente, no que diz respeito aos princípios humanos, o diagrama não os coloca exatamente em ordem, mas mostra a correspondência e a analogia, para as quais agora chamamos atenção.[414] Como o

[414] O Globo D é como a vida física individual. O corpo de um ser humano equivale ao Globo D, e a sua vida física corresponde ao período de atividade do Globo D. A escala de correspondências entre a consciência individual e a consciência planetária, tal como apresentada neste e em outros trechos de "A Doutrina Secreta", é parte central dos ensinamentos esotéricos e iniciáticos. Assim, o Diagrama acima aponta para o discipulado e o caminho das grandes iniciações, que correspondem a graus de compreensão da consciência planetária e solar, e de autoidentificação com esta consciência. O ciclo também se relaciona com a jornada da reencarnação individual. (Nota do Tradutor)

leitor verá, é um processo de descida até a matéria, de ajustamento entre os dois - tanto no sentido místico como no sentido físico -, e de mistura para a grande "luta da vida" que espera pelas duas *entidades*. Pode ser considerado estranho o uso do termo "entidade" no caso de um globo; mas os filósofos antigos, que viam a Terra como um enorme "animal", eram mais sábios em sua época do que os modernos geólogos são nos tempos atuais. Plínio, que via nossa Terra como uma amável mãe e protetora, o único elemento que não é nocivo ao homem, estava mais certo que Watts, que imaginou ver nela um banquinho para Deus descansar os seus pés.[415] Porque a Terra é o único banco de apoio para os pés do homem em sua subida para regiões mais elevadas; a antecâmara

"…….. de mansões gloriosas,
na qual uma multidão em movimento se esforça."

Mas isso só mostra a maneira admirável como a filosofia oculta vale para todas as coisas da Natureza, e como os seus princípios são muito mais lógicos do que as especulações hipotéticas, e sem vida, da ciência física.

Tendo aprendido isto, o místico estará mais preparado para compreender o ensinamento oculto, ainda que todo estudante formal da ciência moderna possa considerá-lo, e provavelmente o considere, ridículo e absurdo. O estudante de ocultismo, porém, defende a ideia de que a teoria que estamos discutindo é muito mais filosófica e provável do que qualquer outra. Ela é mais lógica, pelo menos, do que a teoria recentemente formulada que vê a Lua como projeção de uma parte da Terra expulsada quando esta última era apenas um globo em estado de fusão, uma massa plástica derretida.[416]

Afirma-se que as cadeias planetárias têm os seus "Dias" e suas "Noites", isto é, períodos de atividade ou vida, e períodos de inércia ou morte; e se comportam no céu como os seres humanos se comportam na Terra: eles geram seres semelhantes a si, envelhecem, e se extinguem, pessoalmente. Apenas os seus princípios espirituais vivem, como sua continuação, nos descendentes deles.

---

[415] Em Isaías, 66:1, Jeová afirma: "O céu é o meu trono, e a terra o escabelo [*pequeno banco*] dos meus pés." (Nota do Tradutor)

[416] Diz Samuel Laing, autor de "Modern Science and Modern Thought": "As conclusões astronômicas [***Subnota do Tradutor:*** *do século 19*] são teorias baseadas em fatos tão incertos que, enquanto em alguns casos elas apontam para quantidades incrivelmente pequenas, como o tempo de 15 milhões de anos para todo o processo passado de formação do sistema solar, em outros casos elas dão resultados inacreditavelmente longos, como *a suposição de que a Lua tenha sido expelida da Terra quando esta rotava em torno do seu eixo em três horas, quando na verdade o período necessário para tornar mais lenta a rotação, com base em observações, teria que ser* de 600 milhões de anos para fazer a Terra girar em vinte e três horas ao invés de vinte e quatro." (p. 48) E se os físicos insistirem, com que fundamento a cronologia dos hindus pode ser motivo de riso, como se ela fosse exagerada? (Nota de H.P. Blavatsky)

Sem tentar a tarefa muito difícil de revelar o processo inteiro em todos seus detalhes cósmicos, podemos revelar o suficiente para transmitir uma ideia aproximada. Quando uma cadeia planetária está em sua última Ronda, o seu Globo 1 ou A, antes de *morrer*, manda toda a sua energia e seus "princípios" para um centro neutro de força latente, um "centro laya", e deste modo *informa* um novo núcleo de substância ou matéria indiferenciada, isto é, coloca-o em atividade e lhe dá vida. Suponhamos que este processo tenha ocorrido na cadeia "planetária" lunar; suponhamos também, hipoteticamente (embora a teoria do sr. Darwin, citada mais adiante, tenha sido recentemente prejudicada, ainda que isso não tenha sido comprovado por cálculos matemáticos), que a Lua seja muito mais velha que a Terra. Imaginemos os seis globos companheiros da Lua - éons antes que surgisse o primeiro dos nossos sete globos - exatamente na mesma posição em relação uns aos outros que os globos companheiros da nossa cadeia ocupam agora em relação à Terra. (Veja, em "O Budismo Esotérico", os capítulos "A Constituição do Homem" e "A Cadeia Planetária".) Agora será fácil imaginar também o Globo A da cadeia lunar transmitindo a constituição interior do Globo A da cadeia terrestre e - morrendo; o Globo B mandando, depois disso, a sua energia para o Globo B da nova cadeia; mais tarde o Globo C da cadeia lunar criando sua "filha", a esfera C da cadeia terrestre; e na sequência a Lua (nosso satélite [417]) passando para o globo mais baixo do nosso anel planetário - o Globo D, nossa Terra - toda a sua vida, sua energia e seus poderes; e, tendo transferido eles todos para um novo centro, transformando-se virtualmente em *um planeta morto*, no qual a rotação quase não existe desde o nascimento do nosso globo. A Lua é agora a quantidade residual fria, a sombra que segue atrás do novo corpo, para o qual os seus poderes vitais e "princípios" foram transferidos. Ela está agora condenada a permanecer sempre seguindo a Terra, por longas eras, sendo atraída pela sua descendente e exercendo atração sobre ela. Constantemente *vampirizada* pela sua filha, ela se vinga em todos os aspectos através da influência nociva, invisível e envenenada que emana do lado oculto da sua natureza. Porque ela é um corpo *morto*, que no entanto *vive*. As partículas decadentes do cadáver dela estão cheias de vida ativa e destrutiva, embora o corpo

---

[417] Ela é nosso satélite, inegavelmente, mas isso não invalida a teoria segundo a qual ela deu à Terra tudo, exceto o seu cadáver. Para que a teoria de Darwin fosse verdadeira, além da hipótese derrubada acima (veja a nota de rodapé anterior), seria necessário inventar outras especulações ainda mais incongruentes. A Lua, afirma-se, esfriou cerca de seis vezes mais rápido que a Terra ("World-Life", de Winchell): "A Lua, se a Terra tem 14 milhões de anos de idade desde a sua incrustação, tem apenas onze milhões e dois terços de milhão de anos de idade desde aquele estágio…", etc. E se a nossa Lua é apenas algo que se separou da nossa Terra, por que uma dedução semelhante não é feita em relação às luas dos outros planetas? Os astrônomos "não sabem". Por que razão Vênus e Mercúrio não têm satélites, e com o quê foram formados quando passaram a existir? Nós dizemos que a ciência possui uma chave apenas - a chave material - para abrir os mistérios da natureza; enquanto a filosofia oculta possui sete chaves e explica aquilo que a ciência não consegue ver. Mercúrio e Vênus não têm satélites mas eles têm "progenitores", assim como a Terra os teve. Ambos são muito mais velhos que a Terra e, antes que esta chegue à sétima Ronda, a sua mãe, a Lua, se terá dissolvido no espaço, como as "Luas" de outros planetas já fizeram, ou não, conforme o caso; já que há planetas que possuem *várias* luas, outro mistério que nenhum Édipo da astronomia descobriu até hoje. (Nota de H.P. Blavatsky)

que elas formavam esteja sem alma e sem vida. Portanto, as suas emanações são ao mesmo tempo benéficas e maléficas. Esta circunstância encontra o seu paralelo no fato de que a relva e as plantas são extremamente fortes e cheias de vida ao redor das sepulturas, e ao mesmo tempo o cemitério e as emanações dos cadáveres são nocivas à vida. E como todos os vampiros, a Lua é amiga dos feiticeiros e inimiga dos descuidados. Nos éons mais antigos, assim como nos tempos posteriores das bruxas de Tessália [418] e até entre alguns dos seguidores atuais do *tantra* em Bengala, a sua natureza e suas propriedades eram conhecidas por todo Ocultista, mas permaneceram como um livro fechado para os físicos.

Assim é a Lua desde os pontos de vista astronômico, geológico, e físico. Quanto à sua natureza psíquica e metafísica, ela deve permanecer como um segredo oculto na presente obra, tal como permaneceu no volume "O Budismo Esotérico", apesar da afirmação audaz feita na p. 113 da quinta edição da obra [419], no sentido de que "não há, na atualidade, muito mistério quanto ao enigma da oitava esfera". Estes são, sem dúvida, temas "sobre os quais os adeptos são muito reservados em sua comunicação com discípulos não-iniciados". Já que, além disso, eles jamais aprovaram ou permitiram quaisquer especulações públicas sobre estes assuntos, quanto menos se falar deles, melhor. [420]

No entanto, sem entrar no território proibido da "oitava esfera", pode ser útil acrescentar alguns fatos adicionais com relação às ex-mônadas da cadeia lunar - os "ancestrais lunares" - porque eles cumprem um papel na *Antropogênese* a ser abordada mais adiante. Isso nos leva diretamente à constituição setenária do homem, e na medida em que tem surgido alguma discussão ultimamente sobre a melhor classificação a ser adotada para a divisão da entidade microcósmica, trazemos aqui dois sistemas com o objetivo de facilitar a comparação. O curto texto reproduzido é da autoria do sr. T. Subba Row, um bem informado erudito vedantino. Ele prefere a classificação bramânica da Raja Ioga, e desde um ponto de vista metafísico ele está correto. Porém, como esta é uma questão de escolha e de conveniência, nós adotamos nesta obra a classificação, consagrada pelo tempo, da "Escola Esotérica dos Arhats" - que é Trans-Himalaiana. O gráfico a seguir e o seu texto explicativo são reimpressos da revista "The Theosophist", de Madras [421], e também estão incluídos em "**Five Years of Theosophy**"[422]:

---

[418] Bruxas de Tessália. Lúcio Apuleio escreveu sobre elas em "O Asno de Ouro". A Tessália é uma região geográfica da Grécia. (Nota do Tradutor)

[419] Veja-se a p. 88 da edição brasileira de "O Budismo Esotérico" (Ed. Pensamento). (Nota do Tradutor)

[420] O leitor encontrará uma breve menção à oitava esfera na carta 70-C, volume I, p. 329, de "Cartas dos Mahatmas". Cabe ver também as Cartas 70-A e 70-B, especialmente 70-B, em que o tema é levantado. (Nota do Tradutor)

[421] Madras: atual Chennai. (Nota do Tradutor)

[422] O volume "**Five Years of Theosophy**" foi reeditado em papel pela Theosophy Co., de Los Angeles. (Nota do Tradutor)

"Reproduzimos abaixo em forma de gráfico as classificações dos princípios do homem adotadas pelos instrutores budistas e vedantinos:

A DIVISÃO SETENÁRIA EM DIFERENTES SISTEMAS DA ÍNDIA

Classificação no Budismo Esotérico	Classificação Vedantina	Classificação na Raja Ioga Taraka
1. Sthula Sharira	Annamaya Kosha*	Sthulopadhi****
2. Prana**	Pranamaya Kosha	
3. O veículo de Prana***		
4. Kama Rupa	Manomaya Kosha	Sukshmopadhi
5. Mente (*a*) Volições e sentimentos, etc.		
5. Mente (*b*) Vignanam	Vignanamaya Kosha	
6. Alma Espiritual*****	Anandamaya Kosha	Karanopadhi
7. Atma	Atma	Atma

*Kosha é literalmente "bainha de uma espada", a bainha (de espada) de cada princípio. (Nota de H.P.B.)

** "Vida". (Nota de H.P.B.)

*** Corpo astral ou Linga Sharira. (Nota de H.P.B.)

**** Sthula-Upadhi, ou base do princípio. (Nota de H.P.B.)

***** Buddhi. (Nota de H.P.B.)

"A partir do gráfico acima pode-se ver que o terceiro princípio na classificação budista não é mencionado separadamente na divisão vedantina, já que é apenas o veículo de Prana. Fica claro também que o quarto princípio está incluído na terceira Kosha (bainha), já que este princípio é apenas o veículo da força-de-vontade, a qual consiste em uma energia da mente, não mais do que isso. Deve-se levar em conta também que Vignanamaya Kosha é considerada como diferente de Manomaya Kosha, porque após a morte é feita uma divisão entre a parte inferior da mente, digamos assim, que tem uma afinidade maior com o quarto princípio do que com o sexto princípio; e a sua parte mais elevada, que se apega ao sexto princípio, e que é, na realidade, a base para a individualidade espiritual mais alta do ser humano."

"Podemos ainda indicar aqui aos nossos leitores que a classificação mencionada na coluna da direita está ligada, para todos os efeitos práticos, à Raja Ioga, e é a melhor e a mais simples.[423] Embora haja sete princípios no homem, há apenas três Upadhis (bases) diferentes, em cada um dos quais o seu Atma pode trabalhar independentemente do resto. Estes três Upadhis podem ser separados por um Adepto sem que ele morra. Ele não pode separar os sete princípios, individualmente, sem destruir a sua constituição." [424]

O estudante está agora mais preparado para ver que entre os três Upadhis da Raja Ioga e o seu Atma, e os nossos três Upadhis, Atma e as três divisões adicionais, há na verdade muito pouca diferença. Além disso, todo adepto, deste lado ou do outro lado dos Himalaias da Índia e quer seja ele da escola de Patañjali, da escola de Aryasanga ou da escola Mahayana, tem que tornar-se um Raja Iogue, e tem, portanto, de aceitar a classificação da Raja Ioga Taraka em princípio e teoria, seja qual for a classificação que ele use para propósitos práticos e ocultos. Deste modo, faz pouca diferença o fato de ele falar dos *três Upadhis com seus três aspectos* e de Atma, a sua síntese eterna e imortal, ou de referir-se a eles como "os sete princípios".

Para ajudar aqueles que podem não ter lido, ou, se leram, não compreenderam com clareza nos escritos teosóficos a doutrina das cadeias setenárias de mundos em nosso Cosmos Solar, o ensinamento é em resumo o seguinte:

1. Tudo é setenário, tanto no Universo metafísico como no Universo físico. Em consequência disso, cada corpo sideral e todo planeta, seja visível ou invisível, possui seis globos companheiros. (Veja mais adiante o Diagrama incluído no comentário ao Sloka 6 desta Estância VI.) A evolução da vida avança por estes sete globos ou corpos desde o primeiro até o sétimo e através de Sete RONDAS ou Sete Ciclos.

2. Estes globos são formados por um processo que os Ocultistas chamam de "renascimento de cadeias planetárias (ou anéis planetários)". Quando chega-se à sétima e última Ronda de um destes anéis, o primeiro e mais alto globo, "A", seguido por todos os outros até o último, ao invés de entrar em um certo tempo de descanso ou "obscurecimento", como nas suas Rondas anteriores, começa a morrer. A dissolução "planetária" (*pralaya* planetário) é iminente, e a sua hora soou; cada globo deve transferir a sua vida e sua energia para outro planeta. (Veja o Diagrama II, a seguir, "A Lua e a Terra".)

---

[423] O leitor deve levar em conta que estas palavras são de Subba Row e estão sendo citadas por HPB. Subba Row discordava do uso público da classificação setenária ensinada por HPB. Ele disse aqui que a classificação em quatro é a melhor "para efeitos práticos" porque pensava que a visão setenária do processo deveria permanecer em segredo. Nisso, como em algumas outras coisas, ele estava errado. (Nota do Tradutor)

[424] A inseparabilidade dos sete princípios, e a relativa separabilidade dos três Upadhis constituem dois pontos centrais para a compreensão do funcionamento dos sete princípios. (Nota do Tradutor)

3. Nossa Terra, o representante visível dos seus globos companheiros superiores e invisíveis, os seus "senhores" ou "princípios" (veja o Diagrama I) precisa viver, assim como os outros globos, através de sete Rondas. Durante as três primeiras, ela se forma e se consolida; durante a quarta Ronda ela se estabelece e endurece; durante as três últimas ela volta gradualmente à sua primeira forma etérea; ela é espiritualizada, digamos assim.

4. A Humanidade da nossa Terra só se desenvolve plenamente na Quarta Ronda, a Ronda em que estamos. Até este quarto Ciclo de Vida, ela é mencionada como "humanidade" apenas por falta de um termo mais adequado. Assim como a larva que se transforma em crisálida e borboleta, o ser humano, ou melhor, aquilo que se transforma em ser humano, passa por todas as formas e reinos durante a primeira Ronda e por todas as formas humanas durante as duas Rondas seguintes. Chegado à nossa Terra no começo da Quarta Ronda na série atual de ciclos de vida e raças, o HOMEM é a primeira forma que ali aparece, sendo precedido apenas pelos reinos mineral e vegetal. E mesmo este último *precisa desenvolver e continuar a sua evolução através do homem*. Isso será explicado no Volume II. Durante as três próximas Rondas, a Humanidade, assim como o globo no qual ela vive, terá sempre a tendência de reassumir a sua forma primordial, a forma de uma Hoste Dhyan-Chohânica. Como todos os outros átomos do Universo, o homem tende a se tornar *um* Deus, e, mais tarde, DEUS.

"Começando logo na segunda ronda, a Evolução prossegue já em um plano bastante diferente. É somente na primeira ronda que o homem (celestial) se torna um ser humano no globo A, transforma-se (outra vez) em um mineral, uma planta, um animal, nos globos B e C, etc.[425] Este processo muda inteiramente a partir da segunda ronda; mas você aprendeu a ser prudente ……. e aconselho que *não diga nada antes que chegue o tempo certo para dizer ……*." (trechos de cartas do Mestre sobre vários temas).[426]

5. Cada um dos ciclos de vida no Globo D (nossa Terra) [427] é composto de sete raças-raízes. Elas começam com o etéreo e terminam com o espiritual, na linha dupla da evolução física e moral - desde o começo da ronda terrestre até o seu final. (Uma é uma "ronda planetária" desde o Globo A até o Globo G, o sétimo; a outra é a "ronda do Globo", ou *ronda terrestre*.)

---

[425] Veja a propósito toda a Carta 67, e mais especialmente a p. 284, a metade inferior da p. 288, e a p. 291, no volume I de "Cartas dos Mahatmas", Editora Teosófica, Brasília, edição em dois volumes. (Nota do Tradutor)

[426] O parágrafo equivalente a este, em "Cartas dos Mahatmas", é o parágrafo final da Carta 93B, na p. 150 do volume II. As citações que HPB faz das Cartas não são sempre literais. (Nota do Tradutor)

[427] Nesta obra não nos referimos a outros Globos, com a exceção de alusões feitas de passagem. (Nota de H.P. Blavatsky)

Isto está muito bem descrito no livro "O Budismo Esotérico" e não necessita mais explicações, por enquanto.

6. A primeira raça-raiz, isto é, os primeiros "seres humanos" na Terra (ignorando-se a questão da forma) eram os descendentes dos "homens celestiais", chamados corretamente na filosofia hindu de "Ancestrais Lunares", ou Pitris, dos quais há sete tipos ou Hierarquias. Como tudo isso será suficientemente explicado nas próximas seções da obra e no volume II, não é necessário acrescentar mais nada aqui.

Mas as duas obras já mencionadas, que abordam assuntos da doutrina oculta, necessitam uma atenção especial. "O Budismo Esotérico" é um livro bem conhecido nos círculos teosóficos, e mesmo no mundo externo, e não cabe abordar aqui os seus méritos. É uma obra muito boa, e tem tido efeitos ainda mais excelentes. Isso não altera o fato de que contém algumas noções erradas, ou de que levou muitos teosofistas e leitores leigos a formar uma ideia equivocada das Doutrinas Secretas Orientais. Além disso, talvez a obra pareça um pouco materialista em excesso.

"Man: Fragments of Forgotten History" [428], que veio mais tarde, foi uma tentativa de apresentar a doutrina arcaica desde um ponto de vista mais ideal. Foram traduzidas algumas visões obtidas na Luz Astral, e a partir da Luz Astral, para transmitir alguns ensinamentos reunidos a partir dos pensamentos de um Mestre, que infelizmente foram mal compreendidos. Esta obra também fala da evolução das primeiras raças dos homens na Terra, e contém algumas páginas excelentes de caráter filosófico. No entanto é apenas uma pequena narrativa romanceada, mística e interessante. Falhou na sua missão, porque faltavam as condições necessárias para uma tradução correta destas visões. Portanto, o leitor não deve ficar surpreso se os nossos volumes contradizem em vários detalhes estas descrições anteriores. [429]

A "Cosmogonia" esotérica em geral, e especialmente a evolução da Mônada humana, são apresentadas de modo tão essencialmente diferente nestes dois livros e em outras obras teosóficas escritas independentemente por estudantes *pouco experientes*, que é impossível prosseguir com a presente obra sem uma referência especial a estes dois volumes anteriores, porque ambos têm um número expressivo de admiradores, especialmente "O Budismo Esotérico". Chegou o tempo certo para esclarecer algumas questões. Os erros devem ser verificados por comparação com os

---

[428] "Man: Fragments of Forgotten History", by Two Chelas, second edition, London, Reeves and Turner, 1887, 165 pp. O livro está disponível online. (Nota do Tradutor)

[429] No primeiro parágrafo da Carta 128 de "Cartas dos Mahatmas", um Mestre admite, ao comentar o esforço feito por Alfred Sinnett em "O Budismo Esotérico": "Agora vemos que ninguém, exceto aqueles que passaram pelo menos pela sua terceira iniciação, é capaz de escrever de modo compreensível sobre estes assuntos." ("Cartas dos Mahatmas", volume II, p. 282.) A frase afirma implicitamente um fato de grande importância: fica claro que Helena Blavatsky tinha pelo menos a terceira grande iniciação. No mesmo parágrafo de abertura da Carta 128 (p. 283), o mestre anuncia que "A Doutrina Secreta" irá explicar muitas coisas e "esclarecerá mais de um estudante perplexo". (Nota do Tradutor)

ensinamentos originais, e corrigidos. Se uma destas obras tem uma tendência muito forte de favorecer a ciência materialista, a outra é demasiado idealista e, às vezes, fantasiosa.

As primeiras perplexidades e concepções errôneas surgiram diante da doutrina - até certo ponto incompreensível para as mentes ocidentais - que diz respeito aos periódicos "obscurecimentos" e às sucessivas "Rondas" dos Globos, ao longo das suas cadeias circulares. Uma delas é sobre "os indivíduos da *Quinta* Ronda" e até da "*Sexta* Ronda". Aqueles que sabiam que uma Ronda é precedida e seguida por um longo *Pralaya*, uma pausa de descanso que cria um abismo intransponível entre duas Rondas até a chegada da época própria para um ciclo renovado de vida, não podiam entender a "falácia" de falar sobre "indivíduos da *quinta* ronda" e da "*sexta* ronda" em nossa *Quarta* Ronda. Gautama Buddha, foi afirmado, era um indivíduo da Sexta Ronda; Platão e alguns outros grandes filósofos e mentes elevadas eram "indivíduos da Quinta Ronda". Como poderia ser uma coisa destas? Um Mestre ensinou e afirmou que havia tais "indivíduos da *Quinta* Ronda" agora mesmo na Terra; e embora *tenha sido compreendido que ele dissera* que a humanidade ainda estava "na Quarta Ronda", em outro trecho ele *pareceu* dizer que estávamos na Quinta. Diante disso foi dada uma "resposta apocalíptica" por outro Instrutor: "Algumas gotas de chuva não fazem uma monção, embora a pressagiem." ……. "Não, nós não estamos na quinta ronda, mas homens da quinta ronda têm estado nascendo há alguns milhares de anos."[430] Isso foi pior que o enigma da Esfinge! Estudantes de Ocultismo sujeitaram os seus cérebros aos esforços mais radicais de especulação. Durante um tempo considerável eles tentaram ser mais sábios que Édipo e reconciliar as duas afirmativas. E como os Mestres permaneceram tão silenciosos como a própria Esfinge de pedra, foram acusados de incoerência, "contradição" e "discrepâncias". Porém eles estavam simplesmente deixando que as especulações prosseguissem, com o objetivo de *ensinar uma lição* de que a mente ocidental tem extrema necessidade. Em sua presunção e arrogância, assim como no seu hábito de materializar todos os conceitos e termos metafísicos sem deixar qualquer espaço para a metáfora e a alegoria orientais, os Orientalistas transformaram numa confusão a filosofia exotérica hindu; e os teosofistas estavam agora fazendo o mesmo em relação aos ensinamentos esotéricos. Está claro que até hoje estes últimos fracassaram completamente na tentativa de compreender o significado da expressão "Indivíduos da Quinta e da Sexta Rondas". Mas trata-se simplesmente do seguinte: cada "Ronda" traz um novo desenvolvimento e até mesmo uma mudança completa na constituição mental, psíquica, espiritual e física do ser humano, com todos estes princípios evoluindo numa escala sempre ascendente. Disso resulta que as pessoas como Confúcio e Platão que pertenciam psíquica, mental e espiritualmente aos planos mais elevados de evolução estavam em nossa Quarta Ronda do mesmo modo como o homem médio estará na Quinta Ronda, cuja humanidade está destinada a ser, nesta escala de Evolução, imensamente mais elevada que a nossa humanidade atual. De modo similar, Gautama Buddha - a sabedoria encarnada - estava ainda mais acima e era maior que todos os homens que mencionamos, e a quem

[430] Este trecho faz parte da Carta 66 em "Cartas dos Mahatmas" (volume I, p. 279). (Nota do Tradutor)

chamamos de Indivíduos da Quinta Ronda, enquanto Buddha e Shankaracharya são qualificados, alegoricamente, como Indivíduos da Sexta Ronda. Fica deste modo demonstrada outra vez a sabedoria oculta da frase - catalogada na ocasião como "evasiva" - segundo a qual "Algumas gotas de chuva não fazem uma monção, *embora a pressagiem*."

E agora o caráter verdadeiro do comentário feito em "O Budismo Esotérico" pelo seu autor ficará completamente claro:

"… É impossível que, *quando pela primeira vez são apresentados a inteligências profanas os fatos complicados de uma ciência completamente desconhecida,* se possam expô-los com todas as suas devidas qualificações …… e desenvolvimentos anormais ……. . Devemos contentar-nos em tratar primeiro das regras gerais, para passarmos depois às exceções, e isso ocorre muito particularmente no estudo do ocultismo, *cujos métodos tradicionais de ensino, geralmente seguidos, têm por objetivo gravar na memória cada ideia nova, provocando uma perplexidade que é logo atenuada*." [431]

Como o autor da frase tem, segundo ele próprio afirma, "uma mente sem treinamento" em Ocultismo, ele foi levado pelas suas próprias deduções e pelo seu conhecimento melhor das especulações astronômicas modernas do que das doutrinas arcaicas, e de modo muito natural, sem que ele percebesse, a cometer alguns erros de detalhe, mais do que erros em relação à "regra geral". Um destes equívocos será agora examinado. Embora seja pequeno, ele pode levar muitos iniciantes a concepções errôneas. Como as ideias erradas das edições anteriores foram corrigidas nos *Comentários* da quinta edição, assim também uma sexta edição deverá ser revisada e aperfeiçoada. Há várias razões para tais erros. (1) Eles foram provocados pela necessidade, percebida pelos instrutores, de dar o que foi chamado de "respostas evasivas": porque as perguntas faziam uma pressão demasiado persistente para serem ignoradas, e, ao mesmo tempo, *só podiam ser respondidas parcialmente*. (2) Apesar desta situação, a confissão de que "algo incompleto é melhor do que nada" [432] foi com demasiada frequência mal compreendida e não tem sido apreciada como seria correto. Como resultado disso, os chelas leigos europeus fizeram em algumas oportunidades especulações sem base. Entre elas estão: (a) o "Mistério da Oitava Esfera" em sua relação com a Lua; e (b) a afirmação errônea de que dois dos Globos superiores da cadeia terrestre eram dois dos nossos planetas bem conhecidos: "Além da Terra ….. *somente há dois mundos de nossa cadeia que são visíveis* …… Marte e Mercúrio…..". (***Esoteric Buddhism***, p. 136.) [433]

---

[431] "O Budismo Esotérico", A. P. Sinnett, Ed. Pensamento, ver p. 107. (Nota do Tradutor)

[432] Em inglês temos no original uma expressão idiomática: "half a loaf is better than no bread" ("metade de um pão é melhor do que nenhum pão"). (Nota do Tradutor)

[433] "O Budismo Esotérico", p. 102. (Nota do Tradutor)

Este foi um grande erro. Mas a responsabilidade pelo equívoco deve ser atribuída tanto ao caráter vago e incompleto da resposta do Mestre quanto à própria pergunta do aprendiz, igualmente vaga e indefinida.

Foi perguntado: "Que planetas, entre os que são conhecidos pela ciência comum, pertencem ao nosso sistema de mundos, além de Mercúrio?" Se a expressão "Sistema de Mundos" significa para o perguntador a nossa *cadeia terrestre* ou "cordão terrestre", ao invés de "Sistema Solar de Mundos", como deveria ser, então é claro que a resposta iria ser provavelmente mal compreendida. Porque a resposta foi: "Marte, etc., e quatro outros planetas dos quais a Astronomia nada sabe. Nem A, B, ou YZ são conhecidos nem podem ser vistos por meios físicos, mesmo que aperfeiçoados."[434] Isto é claro: (a) A Astronomia até o momento nada sabe em realidade dos planetas; nem dos antigos, nem dos que foram descobertos na época moderna. (b) Nenhum planeta *companheiro*, de A a Z, isto é, nenhum globo superior de qualquer cadeia no Sistema Solar pode ser visto. [435] Quanto a Marte, Mercúrio e "os outros quatro planetas", eles têm uma relação com a Terra sobre a qual nenhum mestre ou alto Ocultista falará jamais, ou - muito menos - explicará a sua natureza.[436]

Que fique portanto bem clara agora a afirmação de que a teoria abordada é impossível, com ou sem evidências adicionais dadas pela Astronomia moderna. A ciência física pode fornecer evidências para corroboração, mas elas ainda assim são muito incertas, e são válidas apenas com relação a corpos celestes que estejam no mesmo plano de materialidade que o nosso Universo objetivo. Marte e Mercúrio, Vênus e Júpiter, como cada planeta descoberto até hoje (e aqueles que ainda estão por serem descobertos), são todos, *em si mesmos*, os representantes de tais cadeias em nosso plano. Tal como foi claramente afirmado em uma das numerosas cartas do "professor" do sr. Sinnett, "existem outras e inumeráveis cadeias Manvantáricas de

---

[434] Veja neste caso específico a Carta 93B de "Cartas dos Mahatmas", volume II, p. 148. (Nota do Tradutor)

[435] Com a exceção, é claro, de todos os planetas que correspondem ao número *quatro,* como a nossa Terra, a Lua, etc., etc. As cópias de todas as cartas alguma vez recebidas ou mandadas, com a exceção de algumas poucas cartas reservadas - "*nas quais não havia ensinamento algum*", diz o Mestre -, estão com a redatora. Como era o dever da redatora, no começo, responder e explicar alguns pontos não abordados, é mais do que provável que apesar das muitas anotações nestas cópias, a redatora, na sua ignorância da língua inglesa e com o seu receio de falar demasiado, tenha sido desastrada ao dar informações. *Ela assume total responsabilidade em todas as situações e todos os aspectos*. Mas é impossível para ela permitir que os estudantes permaneçam com ideias erradas, ou acreditem que os erros são do sistema esotérico. (Nota de H.P. Blavatsky)

[436] Na mesma carta esta impossibilidade é afirmada claramente: "…… Tente compreender que você está fazendo perguntas para mim que são pertinentes às mais altas iniciações. Que eu posso dar a você uma visão geral, mas *que não ouso entrar e não entrarei em detalhes…....*", escreveu um dos Instrutores para o autor de "O Budismo Esotérico". (Nota de H.P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor***: *Ver trecho da Carta 93B, em "Cartas dos Mahatmas", volume II, metade superior da p. 150*.]

globos que abrigam Seres inteligentes - tanto no nosso sistema solar como fora dele".[437] Mas nem Marte nem Mercúrio pertencem *à nossa cadeia*. Assim como os outros planetas, eles são *Unidades* setenárias na grande hoste de "cadeias" do nosso sistema, e todos são tão visíveis quanto os seus globos *superiores* são invisíveis.

Se ainda for argumentado que certas expressões nas cartas do Instrutor podem levar a equívoco, a resposta é a seguinte: "Amém, é verdade. O autor de '*O Budismo Esotérico'* estava certo ao dizer que estes são os 'métodos tradicionais de ensino ….. que provocam uma perplexidade' …… a qual *pode ser aliviada ou não* - conforme o caso." Seja como for, se é levantada a ideia de que isso poderia ter sido explicado antes, e que a verdadeira natureza dos planetas poderia ter sido descrita tal como é agora, a resposta que vem é a seguinte: "Não foi considerado conveniente fazer isso naquele momento, porque o fato teria aberto o caminho para uma série de perguntas adicionais *que nunca poderiam ser respondidas devido à sua natureza esotérica*, tornando a situação ainda mais embaraçosa." Foi declarado repetidamente desde o início: (Primeiro) Que nenhum Teosofista, *nem mesmo um chela aceito* - e muito menos estudantes leigos - poderia esperar que os ensinamentos secretos lhe fossem explicados, *total e completamente*, antes *que ele tivesse assumido um compromisso irrevogável com a Fraternidade e passado por pelo menos uma iniciação,* porque números e símbolos não poderiam ser dados ao público, já que constituem a chave do sistema esotérico. (Segundo) Que o que havia sido revelado era apenas o revestimento esotérico do que está contido em quase todas as Escrituras exotéricas das religiões do mundo; principalmente nos Brahmanas, nos Upanixades dos Vedas, e mesmo nos Puranas. Era uma pequena parte do que é divulgado muito mais completamente agora nos presentes volumes; e mesmo isso é bastante incompleto e fragmentário.

Quando a presente obra foi começada, a redatora, tendo certeza de que a especulação sobre Marte e Mercúrio era um erro, pediu aos Instrutores, *através de uma carta*, uma explicação e uma versão oficiais. Ambas chegaram no tempo devido e são reproduzidas agora.

"*……. É muito correto dizer que Marte está em um estado de obscurecimento atualmente, e que Mercúrio está apenas começando a sair do obscurecimento. Você poderia acrescentar que Vênus está em sua última Ronda. ……Se nem Mercúrio nem Vênus têm satélites, é devido às razões ……* (veja a nota de rodapé mais acima, em que as razões são dadas) *e também porque Marte tem dois satélites aos quais não tem direito …… Fobos, o suposto satélite INTERIOR, não é de modo algum satélite. Como foi destacado há muito tempo por Laplace e agora por Faye (veja* COMPTES RENDUS, *Tome XC, p. 569), Fobos mantém um período de tempo demasiado curto, e portanto 'deve haver algum erro na ideia central da teoria', segundo Faye observa corretamente …… Outra vez, ambos (Marte e Mercúrio) são cadeias setenárias, tão independentes dos senhores siderais e superiores da*

[437] Este trecho faz parte da Carta 62 em "Cartas dos Mahatmas" (volume I, p. 256). (Nota do Tradutor)

Terra quanto você é independente dos 'princípios' de Daumling (o Pequeno Polegar [438]), que eram talvez os seus seis irmãos, com ou sem toucas de dormir ……. 'A satisfação da curiosidade é a meta do conhecimento para alguns', escreveu Bacon, que estava certo ao formular este truísmo, assim como estavam certos aqueles que o conheciam antes de Bacon, quando distinguiram a SABEDORIA do Conhecimento e estabeleceram limites para o que pode ser transmitido em determinada época ……..... Lembre:

'…… o conhecimento está
em cabeças cheias de pensamentos de outros homens, e
a Sabedoria, nas mentes atentas aos seus próprios pensamentos ……'

Você nunca poderá registrar a sabedoria de modo demasiadamente profundo nas mentes daqueles a quem você transmite alguns dos ensinamentos esotéricos ……".

E ainda, aqui estão mais trechos de outra carta escrita pela mesma autoridade. Esta vez foi em resposta a algumas objeções levantadas para os Instrutores. As objeções estavam baseadas em raciocínios extremamente científicos e igualmente fúteis sobre como seria aconselhável reconciliar as teorias Esotéricas com as especulações da Ciência Moderna, e foram escritas por um jovem teosofista como uma advertência contra a "Doutrina Secreta" e em referência ao mesmo assunto. Ele havia declarado que se existissem estes globos companheiros da Terra "eles deveriam ser muito pouco menos materiais que o nosso globo". Como então acontece que não os podemos ver? A resposta foi a seguinte:

"….. Se os ensinamentos psíquicos e espirituais fossem mais completamente compreendidos, seria praticamente impossível até mesmo imaginar tamanha incongruência. Nenhum progresso real pode ser feito, a menos que se desista de reconciliar o irreconciliável, isto é, as ciências metafísicas e espirituais com a filosofia física ou natural, sendo 'natural' para eles (os cientistas) um sinônimo daquela matéria que pode ser percebida pelos seus sentidos corporais. O nosso Globo, conforme foi ensinado desde o início, está no fundo do arco descendente, onde a matéria das nossas percepções se mostra em sua forma mais grosseira ……. Portanto é perfeitamente racional concluir que os globos que inspiram a nossa Terra devem estar em planos diferentes e superiores. Em resumo, como Globos, eles estão em COADUNAÇÃO [439] mas não EM CO-SUBSTANCIALIDADE COM A NOSSA TERRA, e portanto pertencem a um estado de consciência bastante diferente. Nosso planeta (como todos os outros planetas que podemos ver) está adaptado para o estado peculiar da sua estirpe humana, aquele estado que nos capacita para ver a olho nu os corpos siderais que são coessenciais com o nosso plano e a nossa substância terrestres, assim como os seus respectivos habitantes, os jupiterianos, os

[438] Pequeno Polegar: famosa história do folclore britânico em que o personagem central e seus seis irmãos enfrentam, e derrotam, um gigante feiticeiro. (Nota do Tradutor)

[439] Coadunação: ajuntamento de vários elementos num só todo ou coletividade. (Nota do Tradutor)

marcianos, e outros podem perceber o nosso mundo [440]*: porque os nossos planos de consciência, embora sejam diferentes em graduação e idênticos em substância, estão na mesma camada de matéria diferenciada. ……. O que eu escrevi foi: 'O Pralaya menor diz respeito apenas aos nossos pequenos CORDÕES DE GLOBOS.' (Nós chamávamos as cadeias de 'Cordões' naqueles tempos de confusão de palavras) ……. 'A este cordão pertence a nossa Terra.' Isso deveria ter mostrado claramente que os outros planetas também eram 'cordões' ou CADEIAS ……. Se ele (o objetor) quisesse perceber pelo menos a vaga silhueta de um destes 'planetas' nos planos mais elevados, ele teria que, primeiro, jogar fora até mesmo as finas nuvens da matéria astral que está situada entre ele e o plano superior ……."* [441]

Fica claro por que razão nós não poderíamos perceber, nem sequer com o uso dos melhores telescópios terrestres, aquilo que está fora do nosso mundo material. Só são capazes de falar com autoridade de tais assuntos aqueles a quem chamamos de adeptos, que sabem como dirigir a sua visão mental e transferir para outros planos de existência a sua consciência tanto física como psíquica. E eles dizem claramente:

"*Viva sua vida da forma necessária para a aquisição deste conhecimento e destes poderes, e a Sabedoria virá naturalmente até você. Quando for capaz de sintonizar a sua consciência com cada uma das sete cordas da 'Consciência Universal', as cordas que atravessam a caixa sonora do Cosmos e vibram de eternidade em eternidade, quando tiver estudado completamente 'a música das Esferas', só então você terá completa liberdade para compartilhar seu conhecimento com aqueles em quem é seguro confiar. Até lá, seja prudente. Não transmita à nossa geração atual as grandes Verdades que são herança das raças futuras. Não tente desvelar o segredo do ser e do não-ser a quem é incapaz de ver o significado oculto do HEPTACORDO de Apolo, a lira do deus radiante, em cada uma de cujas sete cordas vivem o Espírito, a Alma e o Corpo Astral do Cosmos, do qual só a concha externa caiu agora nas mãos da Ciência Moderna ……. Seja prudente, nós dizemos, use de prudência e sabedoria, e acima de tudo tenha cuidado em relação às crenças dos que aprendem com você, para evitar que eles, ao enganar a si mesmos, enganem a outros ……. porque este é o destino de toda verdade com a qual os seres humanos ainda não estão familiarizados ……. Prefira deixar que as cadeias planetárias e outros mistérios supracósmicos e subcósmicos permaneçam como terras de sonho para aqueles que nem podem ver, nem acreditam que outros possam……."*.

---

[440] Cabe destacar que aqui o mestre, citado por HPB, se refere às **cadeias planetárias destes outros planetas**, e não aos seus Globos D, ou às Rondas e Raças dos seus Globos D. Ao contrário da Terra, as cadeias de Marte, Júpiter, etc., não estão hoje no Globo D, e muito menos na quarta Ronda do Globo D. Portanto não há habitantes atualmente nestes planetas físicos. Os habitantes destas cadeias são físicos durante apenas parte do período em que percorrem o Globo D. (Nota do Tradutor)

[441] Veja a Carta 67, volume I, em "Cartas dos Mahatmas". (Nota do Tradutor)

É lamentável que poucos de nós tenham seguido este sábio conselho; e que muitas pérolas de valor incalculável, muitas joias da sabedoria tenham sido jogadas a inimigos incapazes de compreender o seu valor e que se voltaram contra nós.

"*Imaginemos*", escreveu o mesmo Mestre aos seus dois "chelas leigos", como ele chamava o autor de "O Budismo Esotérico" e um outro cavalheiro, que foi colega de estudos dele durante algum tempo - "*imaginemos* QUE A NOSSA TERRA FAÇA PARTE DE UM GRUPO DE SETE PLANETAS OU MUNDOS HABITADOS POR HUMANIDADES …….. (*Os SETE planetas são os planetas sagrados da antiguidade, e todos eles são setenários*.) *Pois bem, o impulso vital alcança 'A', ou melhor, aquilo que está destinado a se tornar 'A' e que, até o momento, é pó cósmico* (um 'centro laya') ……. *etc*." [442]

Nestas primeiras cartas os termos tinham que ser inventados e as palavras criadas. Os "Anéis" frequentemente se tornavam "Rondas", e as Rondas "ciclos de vida", e *vice-versa*. O Instrutor escreveu a um correspondente que chamou uma "Ronda" de "Anel Mundial": "Acredito que isso levará a mais confusão. Nós concordamos em chamar de Ronda a passagem de uma mônada do globo 'A' até o globo 'Z' ou 'G' ……. A expressão 'anel mundial' está correta ……. Aconselhe o sr. ……. enfaticamente a concordar com uma nomenclatura antes de dar qualquer passo adiante…….". [443]

Apesar deste acordo, muitos erros, devido a esta confusão, passaram a fazer parte dos primeiros ensinamentos. As Raças chegaram a ser ocasionalmente confundidas com as "Rondas" e os "Anéis", e houve erros similares em "Man".[444] Desde o início o Mestre havia descrito:

"Como não tenho permissão para dizer-lhe *toda a verdade*, nem para divulgar os números de frações isoladas ……. não posso satisfazer sua curiosidade." [445]

Esta foi a resposta às perguntas, "Se nós estamos certos, então a existência total anterior do período humano é 637", etc., etc. A todas as perguntas sobre números, a resposta foi, "Tente resolver o problema das 777 encarnações ……. *Embora eu seja obrigado a reter informação ..... caso você consiga resolver o problema sozinho, será meu dever dizê-lo.*" [446]

---

[442] Este trecho faz parte da Carta 67 em "Cartas dos Mahatmas" (volume I, p. 290). (Nota do Tradutor)

[443] Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 66 em "Cartas dos Mahatmas" (veja o volume I, p. 275, especialmente as primeiras linhas em negrito do item **4**). (Nota do Tradutor)

[444] "Man: Fragments of Forgotten History", obra citada acima. (Nota do Tradutor)

[445] Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 66 em "Cartas dos Mahatmas" (volume I, p. 276). (Nota do Tradutor)

[446] Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 66 em "Cartas dos Mahatmas" (volume I, p. 278). (Nota do Tradutor)

Mas as questões nunca foram resolvidas, e os resultados foram - uma perplexidade incessante, e erros.

Até mesmo o ensinamento sobre a constituição setenária dos corpos siderais e do macrocosmo - da qual surge a divisão setenária do microcosmo, ou Homem - tem estado até agora entre os mais esotéricos. Em tempos antigos este fato costumava ser divulgado apenas na Iniciação e junto com os números mais sagrados dos ciclos. Agora, como foi dito em uma das publicações periódicas teosóficas [447], a revelação de todo o sistema da cosmogonia não havia sido a meta, nem mesmo havia sido considerada por um só instante como algo possível, num momento em que uns poucos fragmentos de informação foram transmitidos moderadamente em resposta às cartas escritas pelo autor de "O Budismo Esotérico", e nas quais ele formulara uma multiplicidade de perguntas. Entre estas havia questões sobre problemas *que nenhum MESTRE, por mais elevado e independente que fosse, teria o direito de responder, divulgando ao mundo os mistérios mais consagrados pelo tempo e mais antigos dos templos-universidades de outrora.* Por isso só umas poucas doutrinas foram reveladas em suas linhas gerais, enquanto os detalhes eram constantemente omitidos, e todos os esforços feitos para obter mais informações sobre elas foram sistematicamente neutralizados desde o início. Isso é perfeitamente natural. São sete os ramos de Conhecimento mencionados nos Puranas, dos quais fazem parte quatro Vidyas. Desses ramos, quatro, "Yajna-Vidya" (a realização de ritos religiosos para produzir certos resultados); "Maha-Vidya", o grande conhecimento (Mágico), agora degenerado em adoração tântrica; "Guhya-Vidya", a ciência dos Mantras e dos seus verdadeiros ritmos ou cantos, de encantamentos místicos, etc., - é somente o último, "Atma-Vidya", ou a *sabedoria* verdadeiramente *Espiritual* e *Divina*, que pode lançar uma luz absoluta e final sobre os ensinamentos dos três anteriores. Sem a ajuda de Atma-Vidya, os outros três permanecem sendo apenas ciências *superficiais*, magnitudes geométricas que possuem comprimento e largura, mas não profundidade. Eles são como a alma, os membros e a mente de um homem adormecido. São capazes de movimentos mecânicos, de sonhos caóticos e até de sonambulismo; podem produzir efeitos visíveis, mas estimulados por causas instintivas, não por causas intelectuais e muito menos por impulsos espirituais completamente conscientes. Muitas coisas podem ser transmitidas e explicadas pelas três primeiras ciências. Mas, a menos que a chave dos ensinamentos delas seja fornecida por Atma-Vidya, elas permanecerão sempre como fragmentos de um livro destroçado, esboços de grandes verdades, palidamente percebidas pelos que são mais espirituais, mas distorcidas até além de toda proporção por aqueles que se agarram ao mundo material.

Outra grande perplexidade foi criada nas mentes dos estudantes pela exposição incompleta da doutrina da evolução das Mônadas. Para serem completamente

---

[447] Revista "Lucifer", maio de 1888. (Nota de H.P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *Páginas 173 e seguintes. Trata-se do artigo de HPB "Ocultismo Versus Artes Ocultas"("Occultism Versus the Occult Arts"). A respeito do nome da revista, cabe registrar que "Lucifer" é o nome dado na antiguidade ao planeta Vênus, o irmão mais velho da Terra, a estrela d'alva, e estrela vespertina. O nome significa literalmente "portador da luz" e tem sido distorcido desde a Idade Média por teólogos desinformados.*]

compreendidos, tanto este processo como o processo do nascimento dos Globos devem ser examinados muito mais no seu aspecto metafísico do que desde o que poderíamos chamar de ponto de vista estatístico, envolvendo números e outros dados que raramente há permissão para usar de modo amplo. Infelizmente, são poucos os que se sentem inclinados a lidar com estas doutrinas apenas metafisicamente. Até mesmo o melhor dos escritores ocidentais sobre as nossas doutrinas declara em sua obra, ao falar da evolução das Mônadas: "Não nos ocupamos agora de metafísica pura desta espécie". ("***Esoteric Buddhism***", p. 46) [448] E neste caso, conforme o Instrutor comenta em uma carta para ele, "por que esta pregação das nossas doutrinas, todo este trabalho contra a maré, e este nadar *in adversum flumen*? Por que deveria o Ocidente ….. aprender ….. do Oriente ….. algo que nunca poderá atender as exigências dos gostos específicos da sua estética?" [449] E ele chama a atenção do seu correspondente para "as formidáveis dificuldades encontradas por nós (os Adeptos) em cada tentativa que fazemos de explicar nossa metafísica para mentes ocidentais."[450]

E isso é de fato necessário: porque *fora* da metafísica nenhuma filosofia oculta e nenhum esoterismo são possíveis.[451] É como tentar explicar as aspirações e afeições, o amor e o ódio, as dinâmicas mais internas e sagradas da alma e da mente do homem vivo - através da descrição anatômica do tórax e do cérebro de um corpo humano sem vida.

Devemos agora examinar os dois princípios mencionados acima, e que quase não foram mencionados em "O Budismo Esotérico", e suplementar a questão tanto quanto for possível.

Fatos e Explicações Adicionais Sobre os Globos e as Mônadas

(Volte para o Sumário)

Duas afirmações feitas em "O Budismo Esotérico" devem ser examinadas e cabe registrar as opiniões do autor. Na p. 49 (quinta edição em língua inglesa) [452], é dito:

---

[448] Na edição brasileira, "O Budismo Esotérico", Ed. Pensamento, p. 47. (Nota do Tradutor)

[449] Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 104 em "Cartas dos Mahatmas" (volume II, ver p. 183). (Nota do Tradutor)

[450] Transcrição não literal feita por HPB do documento publicado como Carta 104 em "Cartas dos Mahatmas" (volume II, ver página 183). (Nota do Tradutor)

[451] Cabe lembrar: a metafísica é a área da filosofia que trata dos primeiros princípios, incluindo a ontologia e a cosmologia. Ela está sempre conectada com a epistemologia, ou seja, o estudo da natureza ou substância do conhecimento. Todo esoterismo real ocorre *dentro* destas áreas de conhecimento. (Nota do Tradutor)

[452] Página 48 na edição brasileira de "O Budismo Esotérico". (Nota do Tradutor)

"…As mônadas espirituais…que não completam plenamente a sua existência mineral no globo A, completam-na depois no globo B, e assim por diante. Elas passam várias vezes ao redor do círculo completo como minerais. Depois, várias vezes como vegetais e várias vezes como animais. De propósito nos abstemos, por enquanto, de entrar em números," etc., etc.

Esta foi uma opção sábia, tendo em vista o grande segredo mantido em torno de números e cifras. A resistência foi agora parcialmente removida; mas talvez tivesse sido melhor na ocasião que os números reais relativos às Rondas e os giros evolutivos tivessem sido, ou revelados por inteiro, ou inteiramente omitidos. O sr. Sinnett compreendeu bem esta dificuldade, ao dizer, na p. 140 da edição em inglês:

"Por motivos que não são fáceis de adivinhar pelos leigos, os portadores do conhecimento oculto são particularmente pouco comunicativos quanto a dados numéricos sobre a cosmogonia, por mais que para o não iniciado seja incompreensível tal reserva." [453]

Que tais razões existiam é evidente. No entanto, este segredo é a causa da maior parte das ideias confusas de alguns discípulos, tanto orientais como ocidentais. Pareciam ser grandes as dificuldades para que fossem aceitos os dois princípios específicos [454] que agora estamos examinando, exatamente devido à ausência de quaisquer dados a respeito. Mas esta era a realidade. Porque os números dos cálculos ocultos não podem ser divulgados - conforme os Mestres declararam muitas vezes - fora do círculo de chelas juramentados, e nem mesmo estes podem quebrar as regras.[455]

Para tornar as coisas mais claras sem abordar os aspectos matemáticos da doutrina, o ensinamento dado deve ser expandido e alguns pontos obscuros precisam ser explicados. A evolução dos Globos e a evolução das Mônadas são tão intimamente interconectadas que vamos transformar os dois ensinamentos em um só. Em relação às Mônadas, pedimos ao leitor que tenha em consideração o fato de que a filosofia Oriental rejeita o dogma teológico do Ocidente segundo o qual uma nova alma é criada para cada bebê nascido, visto como tão antifilosófico quanto impossível na economia da Natureza. É necessário que haja em cada novo Manvântara um número limitado de Mônadas em evolução e tornando-se cada vez mais perfeitas através da

---

[453] Página 104 na edição brasileira de "O Budismo Esotérico". (Nota do Tradutor)

[454] Isto é, a evolução das mônadas e o nascimento dos globos, ou a divisão setenária dos corpos celestes e a divisão setenária do microcosmo, o ser humano. Veja mais acima. (Nota do Tradutor)

[455] O muro interno que mantém o segredo inclui a dificuldade de compreensão lógica do ensinamento. Ela só é vencida quando há a combinação correta de perseverança, humildade, altruísmo impessoal e *intuição espiritual*. A razão do segredo está na *conexão direta entre o microcósmico e o macrocósmico*. A compreensão do tema só pode e só deve ser alcançada por almas maduras. (Nota do Tradutor)

assimilação das suas muitas personalidades sucessivas. Isso é absolutamente indispensável em função das doutrinas do Renascimento, do Carma, e do retorno gradual da Mônada humana à sua fonte - a Divindade *absoluta*. Assim, embora as hostes das Mônadas mais ou menos avançadas sejam quase incalculáveis, ainda assim elas são finitas, como tudo neste Universo de contraste e finitude.

Como foi mostrado no duplo diagrama com os "princípios" humanos e os Globos ascendentes das cadeias de mundos, há uma eterna concatenação de causas e efeitos e uma perfeita analogia percorre e liga todas as linhas de evolução. Cada um gera o outro; tanto os globos como as personalidades. Mas - comecemos do início.

Foi feito acima o esboço geral do processo pelo qual as sucessivas cadeias planetárias são formadas. Para evitar concepções errôneas no futuro, alguns outros detalhes devem ser oferecidos de modo que também lancem luz sobre a história da humanidade em nossa própria cadeia, que resulta da cadeia da Lua.

Nos diagramas a seguir, a Figura 1 representa a "cadeia lunar" de sete planetas no início da sua sétima e última Ronda, enquanto a Figura 2 representa a "cadeia terrestre" que existirá, mas que ainda não existe.[456] Os sete Globos de cada cadeia são identificados em sua ordem cíclica pelas letras de A até G. Os globos da cadeia terrestre são marcados com uma cruz, +, símbolo da Terra.

Deve ser lembrado que as Mônadas girando em torno de qualquer cadeia setenária são divididas em sete classes ou hierarquias, de acordo com os seus estágios respectivos de evolução, de consciência e de mérito. Sigamos, então, a ordem da sua aparição no planeta A, na primeira Ronda. Os espaços-tempos entre as aparições destas hierarquias em qualquer Globo são tão ajustados que quando a Classe 7, a última, aparece no Globo A, a Classe 1, a primeira, apenas passou para o Globo B, e assim sucessivamente, passo a passo, ao longo de toda a cadeia.

Assim, na Sétima Ronda da cadeia lunar, quando a Classe 7, a última, abandona o Globo A, aquele Globo, ao invés de ficar adormecido, como fez em Rondas anteriores, começa a morrer (isto é, a entrar em seu pralaya planetário) [457]; e enquanto morre ele transfere sucessivamente, conforme foi dito acima, os seus "princípios", ou elementos vitais, energia, etc., um após o outro, para um novo

---

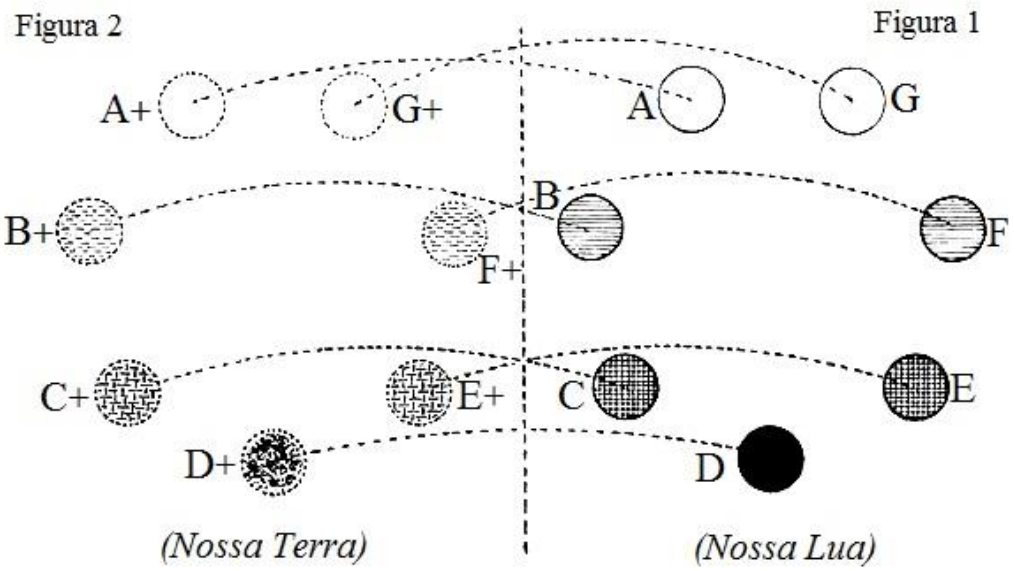
[456] A cadeia terrestre está em construção e ainda não existe como um todo completo. (Nota do Tradutor)

[457] O Ocultismo divide os períodos de Descanso (Pralaya) em vários tipos; há o pralaya *individual* de cada Globo, quando a humanidade e a vida passam para o Globo seguinte; há sete Pralayas menores em cada Ronda; o Pralaya *planetário*, quando são completadas as sete *Rondas*; o Pralaya *Solar*, quando o sistema inteiro chega a uma conclusão; e finalmente o Maha-Pralaya ou Brahmâ-Pralaya, o Pralaya Universal, no final de uma "Idade de Brahmâ". Estes são os três principais *pralayas* ou "períodos de destruição". Há muitos outros Pralayas menores, mas os deixaremos de lado por agora. (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor****: os três principais Pralayas são, pois, o do Globo, o do Sistema Solar, e o do Universo inteiro.*]

"centro laya", que começa a formação do globo A da Cadeia Terrestre. Um processo similar acontece para cada um dos Globos da "cadeia lunar", um após o outro, cada um formando um novo Globo da "cadeia terrestre". A nossa Lua foi o quarto Globo daquela série, e estava no mesmo plano de percepção que a nossa Terra. Mas o Globo A da cadeia lunar não estará completamente "morto" até que as primeiras Mônadas da primeira classe tenham passado do Globo G ou Z, o último da "cadeia lunar", para o Nirvana [458] que espera por elas entre as duas cadeias; e algo similar ocorre com todos os outros Globos, como foi dito. Cada um deles faz nascer o Globo que lhe corresponde da "cadeia terrestre".

Diagrama II

A Lua e a Terra



Na continuação, quando o Globo A da nova cadeia está pronto, a primeira classe ou Hierarquia de Mônadas da cadeia Lunar encarna nela, no seu reino mais inferior, e assim sucessivamente. O resultado disso é que somente a primeira classe de Mônadas atinge o estado humano de desenvolvimento durante a primeira Ronda, já que a segunda classe, em cada planeta, tendo chegado mais tarde, não terá tempo

[458] Tal Nirvana poderia ser descrito simbolicamente como uma espécie de "Devachan Coletivo", guardadas as devidas proporções. (Nota do Tradutor)

suficiente para alcançar este estágio. Assim as Mônadas da classe 2 alcançam o estágio humano incipiente só na Segunda Ronda, e assim sucessivamente, até à metade da Quarta Ronda. Mas neste ponto - e nesta Quarta Ronda em que o estágio humano será *completamente* desenvolvido - a "Porta" para o reino humano se fecha. A partir de então o número de Mônadas "humanas", isto é, de Mônadas que estão no estágio humano de desenvolvimento, está completo. Porque as Mônadas que não atingiram o estágio humano até este ponto irão ficar, devido à própria evolução da humanidade, tão distantes e atrasadas que só alcançarão o estágio humano no final da sétima e última Ronda. Eles não serão seres humanos nesta cadeia, portanto, mas formarão a humanidade de um futuro Manvântara e serão recompensados pelo fato de serem "Homens" em uma cadeia que será toda ela mais elevada, e recebendo assim a sua compensação cármica.[459] Nisso há *apenas uma única solitária exceção*, por fortes razões, da qual nós falaremos mais adiante. Mas isso explica as diferenças entre as raças.

Fica claro, portanto, como é perfeita a analogia entre os processos da Natureza no Cosmos e no homem individual. Este último vive o seu ciclo vital, e morre. Os seus "princípios superiores", que correspondem no desenvolvimento de uma cadeia planetária aos ciclos das Mônadas, passam para o Devachan, que corresponde ao "Nirvana" e aos estados de descanso que há entre duas cadeias. Os princípios "inferiores" do Homem são desintegrados a seu tempo e usados pela Natureza novamente para a formação de novos princípios humanos, e o mesmo processo ocorre na desintegração e formação de Mundos. A analogia é, pois, o guia mais seguro para a compreensão dos ensinamentos Ocultos.

Este é um dos "sete mistérios da Lua", e agora está revelado. Os sete "mistérios" são chamados pelos *Yama-boosis* japoneses, pelos místicos da seita de Lao-tzu e monges ascetas de Quioto, de Dzenodoo, de "as sete joias". Os ascetas e Iniciados chineses e japoneses budistas são, se uma tal coisa é possível, ainda mais resistentes do que os hindus a revelar o seu "Conhecimento".

Mas o leitor não deve perder de vista as Mônadas, e deve receber um esclarecimento sobre a natureza delas, tanto quanto isso é permitido e sem que sejam desrespeitados os grandes Mistérios, sobre os quais a redatora não tem a pretensão de modo algum de possuir um conhecimento completo.

A hoste monádica pode ser dividida de modo geral em três grandes classes:

1. As Mônadas mais desenvolvidas (os Deuses ou "Espíritos" Lunares, chamados na Índia de Pitris), cuja função é passar na primeira Ronda através de todo o ciclo tríplice dos reinos mineral, vegetal e animal nas suas formas mais etéreas, tênues,

---

[459] A peregrinação da Mônada através dos vários reinos da natureza é uma ideia central e recorrente no primeiro volume da presente obra. Veja, entre outros trechos, o comentário ao Sloka 1 da Estância V, e o Sloka 5 da Estância VII. Para avaliar o amplo alcance deste conceito na obra de pensadores de diversos povos, leia nos websites associados o artigo "**As Encarnações de Um Poema**". (Nota do Tradutor)

rudimentares, para se revestirem da, e assimilarem a, natureza da cadeia recentemente formada. Elas são as primeiras a alcançar a forma humana (se podemos dizer que há alguma forma no reino do quase subjetivo), no Globo A da primeira Ronda. São elas, portanto, que abrem caminho e representam o elemento humano durante a segunda e a terceira Rondas, e finalmente produzem as suas sombras no começo da Quarta Ronda para a segunda classe, ou seja, as que vêm atrás delas.

2.As Mônadas que são as primeiras a alcançar o estágio humano durante as três Rondas e meia, tornando-se homens.[460]

3.As atrasadas: as Mônadas que ficaram para trás e devido a impedimentos cármicos não alcançarão o estágio humano durante este ciclo ou Ronda, salvo no caso de uma exceção, que será abordada em outro lugar, como foi anunciado.

A evolução da forma *externa* ou corpo em torno do *astral* é produzida pelas forças terrestres, assim como no caso dos reinos inferiores; mas a evolução do HOMEM interno ou real é puramente espiritual. Já não é atualmente uma passagem da Mônada impessoal através de muitas e variadas formas de matéria - dotada na melhor das hipóteses de instinto e consciência em um plano muito diferente - como no caso da evolução externa, mas uma jornada da "alma-peregrina" através de vários *estados não só de matéria*, mas de autoconsciência e autopercepção, ou de

---

[460] Somos aqui forçados a usar a enganosa palavra "homens", e isso constitui uma clara prova de que os idiomas europeus estão pouco habilitados para expressar estas diferenças sutis.

É evidente que estes "homens" não eram semelhantes aos homens de hoje, nem na forma nem na natureza. Por que, então, eles são chamados de "homens"? Porque não há outro termo em qualquer língua ocidental que transmita aproximadamente a ideia correta. A palavra "homens" pelo menos indica que estes seres foram "MANUS", entidades pensantes, por mais que fossem diferentes de nós em forma e em intelecto. Mas na verdade eles eram mais "deuses" do que "homens", em relação à espiritualidade e à vida intelectual.

A mesma dificuldade de idioma ocorre ao descrevermos os "estágios" através dos quais passa a Mônada. Desde o ponto de vista metafísico, é naturalmente um absurdo falar do "desenvolvimento" de uma Mônada, ou dizer que *ela* se torna "humana". Mas qualquer tentativa de preservar a precisão metafísica da linguagem num idioma como o inglês tornaria necessários pelo menos três volumes a mais, na presente obra, e provocaria uma quantidade extremamente cansativa de repetições verbais. É fácil perceber que uma MÔNADA não pode nem progredir nem desenvolver-se, e nem ser afetada pelas mudanças de estado que experimenta. *Ela não é deste mundo nem deste plano*, e pode ser comparada apenas a uma estrela indestrutível de luz e fogo divinos, lançada aqui embaixo em nossa Terra como uma tábua de salvação para as personalidades em que ela habita. Cabe a estas últimas agarrarem-se a ela, e assim, partilhando da sua natureza divina, alcançar a imortalidade. Em si mesma, a Mônada não se agarrará a coisa alguma; mas, como uma "tábua de salvação", será lançada de uma encarnação para a outra pela incessante corrente de evolução. (Nota de H. P. Blavatsky)

percepção a partir de apercepção.[461] (Veja "Deuses, Mônadas e Átomos", na parte III deste volume I.)

A MÔNADA emerge do seu estado de inconsciência espiritual e intelectual; e, evitando os dois primeiros planos - tão próximos do ABSOLUTO que não permitem qualquer correlação com algo de um plano inferior - chega diretamente ao plano da Mentalidade. Mas não há plano algum em todo o universo com uma margem maior, ou um campo maior de ação em suas gradações quase intermináveis de qualidades perceptivas e aperceptivas, do que este plano, que possui por sua vez um plano menor apropriado para cada "forma", desde a mônada "mineral" até o momento em que aquela mônada floresce graças à evolução como uma MÔNADA DIVINA. Mas o tempo todo ela ainda é a mesma Mônada. Difere apenas em suas encarnações, ao longo de uma permanente sucessão de ciclos de obscurecimento total ou parcial do espírito, ou de obscurecimento total ou parcial da matéria - duas antíteses polares -, enquanto sobe para os reinos da espiritualidade mental, ou desce até à mais profunda materialidade.

Voltemos à obra "O Budismo Esotérico". Nela é afirmado o seguinte em relação ao enorme período que separa a época mineral no globo A da época humana [462]:

"O pleno desenvolvimento da época mineral do globo A prepara terreno para o desenvolvimento vegetal. Tão logo este se inicia, o impulso da vida mineral inunda o globo B. Quando o desenvolvimento vegetal no globo A é completo e inicia-se o desenvolvimento animal, então o impulso de vida vegetal inunda o globo B e o impulso mineral passa ao globo C. Finalmente chega o impulso da vida humana ao globo A." (p. 48 da edição brasileira) [463]

E assim sucessivamente, durante três Rondas, após as quais o processo desacelera, e finalmente se interrompe no limiar do nosso Globo, na Quarta Ronda; porque o período humano (do verdadeiro homem físico que virá a existir), o sétimo, agora foi alcançado. Isso é evidente, porque, como foi dito, "….. existem processos de evolução que antecedem a evolução mineral, e assim ocorre que uma onda de evolução, na verdade várias ondas de evolução, precedem à onda mineral em seus progressos em volta das esferas." (*mesma página 48*)

---

[461] "Apercepção": termo usado por Leibniz para designar a percepção reflexiva que a mente tem de seus próprios estados internos. (*Dicionário Oxford de Filosofia*, Zahar Editor) HPB escreve poucas páginas mais adiante que a apercepção, "junto com a *sensação* dos nervos (mais do que *percepção* dos nervos) expressa o estado da consciência monádica ao longo de todos os Reinos até o ser humano". (Nota do Tradutor)

[462] A expressão "época humana" é usada aqui por causa da necessidade de dar um nome ao quarto reino, que se segue ao reino animal. Mas na verdade o "homem" do Globo A durante a primeira ronda não é um ser humano, mas apenas o seu protótipo, ou a sua imagem das regiões astrais, sem dimensões. (Nota de H. P. Blavatsky)

[463] Páginas 48-49 da quinta edição em inglês. (Nota do Tradutor)

E agora devemos citar outro artigo, “The Mineral Monad” (“A Mônada Mineral”), do livro “**Five Years of Theosophy**”, pp. 273 e seguintes [464]:

“Há sete reinos. O primeiro grupo inclui três graus de elementais, ou centros nascentes de forças; desde o primeiro estágio de diferenciação para fora de Mulaprakriti (ou mais precisamente, Pradhana, a matéria homogênea primordial), até o seu terceiro grau, isto é, desde a completa inconsciência à semipercepção. O segundo grupo, mais elevado, inclui os reinos desde o vegetal até o humano; o reino mineral forma, portanto, o ponto central ou ponto de mutação nos graus da ‘Essência Monádica’, considerada como uma energia em evolução. Três estágios (subfísicos) no lado elemental; o reino mineral; e três estágios no lado físico objetivo [465]; estes são os sete (primeiros ou preliminares) elos da cadeia evolutiva.”

“Preliminares” porque são preparatórios, e embora pertençam de fato à evolução natural, eles poderiam ser descritos com mais precisão como pertencendo à evolução subnatural. Este processo interrompe-se em seu Terceiro estágio, no limiar do Quarto estágio, e se transforma, no plano da evolução natural, no primeiro estágio dirigido para o humano. Deste modo, com os três reinos elementais, ele forma o dez, o número sefirotal. Neste ponto começa -

“Uma descida do espírito à matéria que é equivalente a uma subida em evolução física; uma nova subida desde os níveis mais profundos de materialidade (o mineral) na direção da *situação anterior*, com uma dissipação correspondente do organismo concreto -; até o Nirvana, o ponto em que desaparece a matéria diferenciada.” (“**Five Years of Theosophy**”, p. 276.)

Fica claro, portanto, o motivo pelo qual aquilo que é corretamente chamado em “O Budismo Esotérico” de “onda de evolução”, e “de impulso” mineral, vegetal, animal e humano, se interrompe à porta do nosso Globo, no seu Quarto ciclo, ou Ronda. É neste ponto que a Mônada Cósmica (Buddhi) se combinará com o Raio Átmico e se tornará o seu veículo, isto é, ela (Buddhi) acordará para uma apercepção dele (Atma); e assim entrará no primeiro passo de uma nova escada setenária de evolução que a levará finalmente (contando de baixo para cima), ao décimo nível da árvore Sefirotal: a Coroa.

Tudo no universo segue a lei da analogia. “O que está abaixo é como aquilo que está acima.” O homem é o microcosmo do Universo. Aquilo que ocorre no plano espiritual se repete no plano Cósmico. A concretização segue as linhas da abstração; o mais inferior deve corresponder ao mais elevado; e o material ao espiritual. Assim,

---

[464] “The Mineral Monad” é parte de um artigo mais longo intitulado “Some Inquiries Suggested by Mr. Sinnett’s Esoteric Buddhism”. Esta citação específica está à p. 276. (Nota do Tradutor)

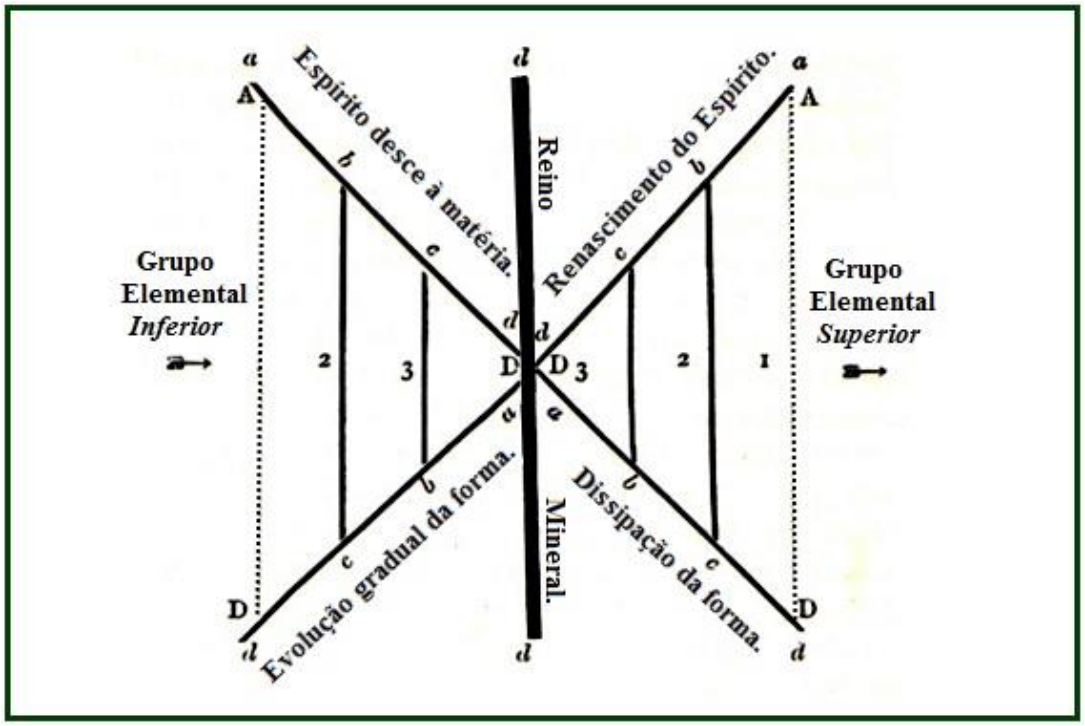
[465] “Físico”, aqui, significa diferenciado desde o ponto de vista do propósito e do funcionamento cósmicos; este “lado físico”, no entanto, embora seja objetivo para a apercepção dos seres de outros planos, é ainda assim bastante subjetivo para nós em nosso plano. (Nota de H. P. Blavatsky)

correspondendo à Coroa sefirotal (ou tríade superior), existem os três reinos elementais, que precedem o reino mineral (ver diagrama na p. 277 de "**Five Years of Theosophy**") [466]. Estes três reinos, usando a linguagem dos Cabalistas, respondem, na diferenciação Cósmica, aos mundos da Forma e Matéria desde o mundo Super-Espiritual até o mundo Arquetípico.

Cabe perguntar: o que é uma "Mônada"? E que relação ela tem com um átomo? A resposta a seguir se baseia nas explicações dadas em resposta a estas perguntas no artigo citado acima, "The Mineral Monad", escrito por esta redatora.

---

[466] Estamos à altura da metade da p. 177 do original em inglês. Reproduzimos aqui o diagrama citado por HPB e publicado à p. 277 de "Five Years of Theosophy", como parte do artigo "Some Inquiries Suggested by Mr. Sinnett's Esoteric Buddhism":



O texto de "**Five Years of Theosophy**" explica assim o diagrama: "A linha A-D representa o gradual obscurecimento do espírito à medida que ele se transfere para a matéria concreta; o ponto D indica a posição evolucionária do reino mineral desde o seu incipiente (*d*) até a sua concretização completa (*a*). E *c*, *b*, *a*, no lado esquerdo da imagem, são os três estágios da evolução elemental, isto é, os três estágios sucessivos percorridos pelo impulso espiritual (através dos elementais, tema sobre o qual há escassa permissão para falar), antes de ser aprisionado na forma mais concreta de matéria. E *a*, *b*, *c*, no lado direito, são os três estágios da vida orgânica: o vegetal, o animal e o humano. O total obscurecimento do espírito é a completa perfeição da sua antítese polar, a matéria, e esta ideia é transmitida pelas linhas A-D e D-A. As setas mostram a linha de progresso do impulso evolucionário ao ingressar em seu vórtice e ao expandir-se novamente na subjetividade do ABSOLUTO. A linha central mais grossa, *d*-*d*, é o Reino Mineral." (Nota do Tradutor)

"Não há qualquer relação", diz a resposta à segunda pergunta, "com o átomo ou molécula tal como concebidos atualmente pela ciência. A Mônada não pode ser comparada com o organismo microscópico, antes classificado como infusórios poligástricos, e agora visto como vegetal e classificado como alga; e tampouco é exatamente a Monas [467] dos peripatéticos. Fisicamente ou constitucionalmente a mônada mineral difere, é claro, da mônada humana, que não é física e cuja constituição não pode ser explicada por elementos ou símbolos químicos." Em resumo, assim como a Mônada espiritual é Uma, Universal, Ilimitada e Indivisível, embora os seus raios formem o que nós, em nossa ignorância, chamamos de "Mônadas Individuais" humanas, assim também a Mônada Mineral, estando no ponto oposto do círculo, é igualmente Uma só, e dela procedem os incontáveis átomos físicos, que a Ciência está começando a ver como individualizados.

De outro modo, como poderíamos explicar matematicamente o progresso evolutivo espiralado dos Quatro Reinos? A "Mônada" é a combinação dos dois últimos "princípios" no ser humano, o sexto e o sétimo, e, na verdade, o termo "mônada humana" só se aplica à alma dual (Atma-Buddhi), e não ao seu princípio espiritual vitalizador mais elevado, Atma, tomado em si mesmo. Mas já que a Alma Espiritual não poderia existir divorciada deste último, Atma, ela tem sido chamada deste modo…….. A Essência Monádica, ou melhor (se um termo como este for permitido) Essência Cósmica, no mineral, vegetal, e animal, embora seja a mesma através da série de ciclos desde o elemental mais inferior até o Reino dos Devas, ainda assim difere na escala de progressão. Seria muito enganoso imaginar uma Mônada como uma entidade separada, abrindo caminho lentamente por um rumo definido através dos Reinos inferiores, e depois de uma série incalculável de transformações, florescendo como ser humano; em resumo, seria enganoso imaginar que a mônada de um Humboldt [468] foi um dia a mônada de um átomo de hornblenda.[469] Ao invés de dizer "Mônada Mineral", o mais correto, na ciência física, que diferencia cada átomo, teria sido é claro falar da "Mônada que se manifesta naquela forma de Prakriti conhecida como Reino Mineral". O átomo, tal como representado na hipótese científica comum, não é uma partícula de alguma coisa, animada por algo psíquico e destinada a florescer como homem depois de longas eras. O átomo é uma manifestação concreta da Energia Universal que em si mesma ainda não se individualizou; é uma manifestação sequencial da *Monas* Universal e única. O oceano (de matéria) só se divide em suas gotas potencialmente constituintes quando a onda do impulso vital chega ao estágio evolutivo do nascimento humano. A tendência na direção de segregar Mônadas individuais é gradual, e nos animais superiores quase chega ao ponto decisivo. Os peripatéticos

[467] Como HPB esclarece mais adiante (à p. 614 do volume I, edição original em inglês), a palavra grega "Monas" significa "Unidade" no seu sentido primordial. Desta palavra surge o termo "monismo", aplicado às filosofias que adotam o princípio da unidade de tudo o que há. (Nota do Tradutor)

[468] Alexander von Humboldt (1769-1859) famoso cientista e naturalista. (Nota do Tradutor)

[469] Mineral do grupo dos anfibólios. (Nota do Tradutor)

aplicavam a palavra *Monas* a todo o Cosmos, no sentido panteístico; e os Ocultistas, ao mesmo tempo que aceitam esta ideia em termos gerais, distinguem os estágios progressivos do surgimento da forma concreta desde o abstrato através de termos como, por exemplo, "Mônada Mineral", "Mônada Vegetal", "Mônada Animal" (etc.). As palavras significam apenas que a onda da maré da evolução espiritual está passando através daquele arco do seu circuito. A "Essência Monádica" começa a se diferenciar imperceptivelmente na direção da consciência individual quando está no Reino Vegetal. Tal como na definição correta de Leibniz, as Mônadas são coisas não-compostas. Por isso, é a essência espiritual que as vivifica em seus graus de diferenciação que constitui propriamente a Mônada, e não a agregação atômica, que é apenas o veículo e a substância através da qual vibram graus inferiores e superiores de inteligência.

Leibniz concebia as Mônadas como unidades elementares e indestrutíveis dotadas do poder de *dar e receber* em relação a outras unidades, e assim de determinar todos os fenômenos espirituais e físicos. Foi ele que inventou o termo *apercepção*, que, junto com a *sensação* dos nervos (mais do que *percepção* dos nervos) expressa o estado da consciência monádica ao longo de todos os Reinos até o ser humano.

Assim, pode ser errado desde um ângulo estritamente metafísico chamar Atma-Buddhi de MÔNADA, já que numa visão materialista ela é dual e portanto composta. Mas a Matéria é Espírito, e *vice-versa*; o Universo e a Divindade que o informa são impensáveis como separados um do outro; e o mesmo ocorre no caso de Atma e Buddhi. Este último é o veículo de Atma. Buddhi tem a mesma relação com Atma que Adão Cadmon, o Logos cabalístico, tem com En-Soph [470], ou Mulaprakriti com Parabrahm.

Mais algumas palavras sobre a Lua.

Cabe examinar o que são as "Mônadas Lunares" de que falamos há pouco. A descrição das sete classes de Pitris virá mais tarde, mas algumas explicações gerais podem ser dadas agora. Deve estar claro para todos que eles são Mônadas que, tendo terminado os seus ciclos vitais na cadeia lunar, que é inferior à cadeia terrestre, encarnaram nesta última. Mas há mais alguns detalhes que podem ser acrescentados, embora eles estejam tão próximos da fronteira do proibido que não podem ser tratados de modo completo. A palavra final do mistério é divulgada apenas para os adeptos; mas é possível afirmar que o nosso satélite é apenas o corpo grosseiro dos seus princípios invisíveis. Vendo então que há sete Terras, vemos que há sete Luas, sendo que só a última delas é visível; e que o mesmo ocorre com o Sol, cujo corpo visível é considerado uma Maya, um reflexo, assim como o corpo humano o é. "O verdadeiro Sol e a verdadeira Lua são tão invisíveis quanto o verdadeiro homem", diz um axioma oculto.

E podemos destacar de passagem que, afinal de contas, não eram tolos aqueles cidadãos antigos que falaram pela primeira vez de "sete luas". Porque, embora esta

[470] En-Soph: o termo também é grafado como "Ain-Soph". (Nota do Tradutor)

concepção seja agora encarada apenas como uma medida astronômica de tempo, e de forma muito materializada, sob a casca ainda podem ser reconhecidos os traços de uma ideia profundamente filosófica.

Na realidade a Lua é satélite da Terra apenas em um aspecto, isto é, no sentido de que fisicamente ela gira em torno da Terra. Mas em todos os outros aspectos é a Terra que constitui um satélite da Lua, e não o contrário. Por mais surpreendente que possa parecer, o fato não carece de confirmação por parte do conhecimento científico. Ele é comprovado pelas marés, pelas mudanças cíclicas em muitas formas de doenças, que coincidem com as fases lunares. O fato pode ser identificado pelo crescimento das plantas, e fica muito nítido nos fenômenos da gestação e da concepção humanas. A importância da Lua e a sua influência na Terra foram reconhecidas em todas as religiões antigas, especialmente na religião judaica, e têm sido destacadas por muitos observadores de fenômenos psíquicos e físicos. Mas, de acordo com os conhecimentos da ciência, a ação da Terra sobre a Lua está limitada à atração física, que faz com que ela gire em sua órbita. E se alguém que rejeite a ideia insistir dizendo que este fato é suficiente para provar que a Lua é verdadeiramente um satélite da Terra em outros planos de ação, podemos responder perguntando se uma mãe que caminha em torno do berço do seu bebê, cuidando da criança, está subordinada à criança ou depende dela; embora em um sentido ela seja um satélite, no entanto ela é certamente mais velha e mais completamente desenvolvida que a criança cuidada por ela.

É a Lua, portanto, que cumpre o papel mais importante, tanto na formação da Terra, em si, quanto no processo de povoação da Terra por seres humanos. As “Mônadas Lunares”, ou Pitris Lunares, ancestrais do homem, se tornaram em realidade seres humanos. Elas são as “Mônadas” que entram no ciclo de evolução no Globo A, e que, percorrendo a cadeia de planetas, produzem a forma humana como foi mostrado acima. No começo do estágio humano da Quarta Ronda neste Globo, elas “retiram a substância” dos seus duplos astrais desde as formas semelhantes a macacos que haviam sido produzidas na Terceira Ronda. E é esta forma sutil, melhorada, que serve de modelo para que a Natureza construa o homem físico.[471] Estas “Mônadas” ou “centelhas divinas” são portanto os ancestrais “Lunares”, os próprios Pitris. Porque estes “Espíritos Lunares” têm que se tornar “Homens” para que as suas “Mônadas” possam alcançar um plano mais alto de atividade e de autoconsciência, isto é, o plano dos Manasa-Putras, aqueles que transmitem na parte final da Terceira Raça-Raiz uma “mente” às cascas “insensíveis” criadas e informadas pelos Pitris.

Do mesmo modo, depois que os nossos próprios Globos A, B, C, D, etc., separando-se da sua energia vital, tiverem informado e chamado à vida outros centros Laya destinados a viver e a agir em planos ainda mais elevados de existência, as “Mônadas” ou Egos dos homens da sétima Ronda da nossa Terra, os “ancestrais” terrestres, criarão aqueles que serão os seus superiores.

---

[471] Neste sentido transcendente, oculto e num processo que envolve mais de um Globo, o ser humano é “descendente do macaco”. (Nota do Tradutor)

Fica agora claro que existe na Natureza um esquema evolucionário tríplice, para a formação dos três *Upadhis periódicos*; ou melhor, três esquemas de evolução distintos, que em nosso sistema estão inextricavelmente entrelaçados e misturados em cada ponto. Estas são as evoluções Monádica (ou espiritual), intelectual e física. Elas são os três aspectos finitos ou reflexos da REALIDADE UNA - o sétimo princípio, ATMA - no campo da Ilusão Cósmica.

1.A evolução monádica, como o nome implica, é o crescimento e o desenvolvimento da Mônada em etapas ainda mais elevadas de atividade, em conjunto com -

2.A evolução intelectual, representada pelos Manasa-Dhyanis (os Devas Solares, ou Agnishwatta Pitris), os "que doam inteligência e consciência" [472] ao homem, e com -

3.A evolução física, representada pelas Chhayas [473] dos Pitris lunares, ao redor das quais a Natureza concretizou o atual corpo físico. Este corpo serve como veículo para o "crescimento" (para usar um termo precário) e para as transformações através de Manas e - devido à acumulação de experiências - para a transformação do finito no INFINITO, do transitório no Eterno e no Absoluto.

Cada um destes três sistemas tem suas próprias leis, e é guiado e regulado por diferentes conjuntos dos mais elevados Dhyanis ou "Logoi". Cada um é representado na constituição do homem, o Microcosmo do grande Macrocosmo; e é a união nele destas três correntes que faz dele o ser complexo que agora é.

A "Natureza", vista como Força evolutiva física, nunca poderia produzir a inteligência sem ajuda. Ela só pode criar "formas insensíveis", como será visto em nossa "ANTROPOGÊNESE". As "Mônadas Lunares" não podem progredir, porque ainda não tiveram contato suficiente com as formas criadas pela "Natureza" para que possam acumular experiências. São os Manasa-Dhyanis que preenchem a lacuna, e eles representam o poder evolutivo da Inteligência e da Mente - o elo entre "Espírito" e "Matéria" - nesta Ronda.

Deve ser levado em consideração também que as Mônadas que ingressam no ciclo evolutivo no Globo A, na primeira Ronda, estão em estágios de desenvolvimento muito diferentes. Devido a isso o tema se torna um pouco complicado ……. Recapitulemos.

As Mônadas mais desenvolvidas (as lunares) alcançam a fase germinal [474] na primeira Ronda. Elas se tornam seres humanos terrestres, embora muito etéreos,

---

[472] Veja o texto "Resumindo", ao final da parte I deste volume I. (Nota de H. P. Blavatsky)

[473] Chhayas: sombras. (Nota do Tradutor)

[474] Tendo em consideração a lei da analogia entre o macrocosmo e o microcosmo, cabe registrar que a expressão "fase germinal" é usada no estudo das fases iniciais da vida do feto humano. (Nota do Tradutor)

perto do final da Terceira Ronda, permanecendo no globo durante o período de "obscurecimento" na condição de sementes da futura humanidade da Quarta Ronda, e assim se tornam os pioneiros da Humanidade no começo da atual Quarta Ronda. Outras mônadas alcançam o estágio humano só durante Rondas posteriores, na segunda Ronda, na terceira Ronda, ou na primeira metade da Quarta Ronda. E finalmente, as mais atrasadas de todas, isto é, aquelas que ainda ocupam formas animais depois do ponto de não-retorno na metade da Quarta Ronda, não se transformarão em seres humanos, de modo algum, durante o Manvântara atual. Elas chegarão ao limiar da humanidade apenas no final da sétima Ronda, para serem, por sua vez, recebidas em uma nova cadeia depois do *pralaya* por pioneiros mais antigos, os progenitores da humanidade, ou a Semente-de-Humanidade (*Sishta*), ou seja, os homens que estarão à frente de todos no final destas Rondas.

O estudante dificilmente necessitará mais alguma explicação sobre o papel desempenhado pelo quarto Globo e pela quarta Ronda no esquema da evolução.

Com base nos diagramas anteriores, que são aplicáveis em termos gerais a Rondas, Globos e Raças, fica claro que o quarto membro de uma série ocupa uma posição muito particular. Ao contrário dos outros, o Quarto não tem um Globo "irmão" no mesmo plano que ele, e constitui portanto a base de apoio da "balança" representada pela cadeia em seu conjunto. É a esfera dos ajustes evolutivos finais, é o mundo da balança cármica, o Salão da Justiça onde é alcançado o equilíbrio determinante do rumo futuro da Mônada durante o que resta da sua encarnação no ciclo. E portanto ocorre que, depois que este ponto de mutação é ultrapassado no Grande Ciclo - isto é, depois do ponto médio da Quarta Raça na Quarta Ronda do nosso Globo - já nenhuma Mônada pode ingressar no reino humano. A porta está fechada neste Ciclo e o equilíbrio foi alcançado.[475] Porque se não fosse assim, se não houvesse reencarnação e se uma nova alma fosse criada para cada um dos bilhões de seres humanos que morreram, seria realmente difícil haver espaço para os "Espíritos" desencarnados; e tampouco poderiam ser explicadas a origem e a causa do sofrimento. Foram a ignorância dos princípios ocultos e a aplicação de concepções falsas sob a aparência de educação religiosa que criaram o materialismo e o ateísmo como protestos contra a crença em uma ordem divina das coisas.

As únicas exceções à regra colocada acima são as "raças mudas", cujas mônadas já estão dentro do estágio humano, devido ao fato de que estes "animais" são posteriores ao homem, e mesmo parcialmente descendentes dele. Os descendentes últimos destes "animais" são os macacos antropoides e outros. Estas "representações humanas" são na verdade apenas as cópias distorcidas da humanidade primitiva. O tema receberá uma atenção detalhada no volume II.

O Comentário, reproduzido em termos gerais, afirma:

---

[475] É neste sentido que a vitória da evolução sobre os fatores antievolutivos ocorre primeiro no plano oculto e invisível. Quando é alcançada a quantidade de carma positivo que assegura a vitória, o êxito evolutivo fica selado, embora a vitória ainda tenha de desdobrar-se, no plano externo, conforme a dinâmica das circunstâncias. (Nota do Tradutor)

1.“ *Cada forma na Terra, e mesmo cada partícula (átomo) no Espaço, tenta em seus esforços no rumo da autoformação seguir o modelo situado para si no* ‘HOMEM CELESTIAL’ *…… A involução e evolução (do átomo), o seu crescimento e desenvolvimento externo e interno, têm todos um só objetivo: o ser humano; o ser humano, como a forma física última e mais elevada nesta Terra; a* MÔNADA, *em sua absoluta totalidade e sua condição desperta - como a culminação das encarnações divinas na Terra.*”

2.“*Os Dhyanis (Pitris) são aqueles que produziram os seus* BHUTAS *(duplos) a partir de si mesmos, e cujo* RUPA *(forma) tornou-se veículo de mônadas (sexto e sétimo princípios) que completaram os seus ciclos de transmigração nos três Kalpas (Rondas) anteriores. Então, eles (os duplos astrais) tornaram-se os homens da primeira Raça Humana da Ronda. Mas eles não estavam completos, e não tinham sentidos.*”

Isso será explicado nos próximos volumes.[476] Enquanto isso, o ser humano - ou melhor, a sua Mônada - existe na Terra desde os primeiros momentos desta Ronda. Mas, até a nossa própria Quinta Raça, as formas externas que cobriam aqueles duplos astrais divinos mudaram e se consolidaram a cada sub-raça; e a forma e a estrutura física da fauna mudavam ao mesmo tempo, porque tinham que estar adaptadas às condições sempre mutáveis da vida neste globo durante os períodos geológicos do seu ciclo formativo. Do mesmo modo estas formas continuarão mudando a cada nova Raça-Raiz e a *cada sub-raça principal* até a última da Sétima Raça nesta Ronda.

3.“*O ser humano interno, agora oculto, era, então (no começo) o homem externo.*[477] *Descendente dos Dhyanis (Pitris), ele era ‘o filho semelhante a seu pai’. Assim como o lótus, cuja forma externa assume gradualmente a aparência do*

---

[476] Neste trecho específico Helena Blavatsky está mencionando especialmente o volume II da obra. HPB pretendia publicar quatro volumes de “A Doutrina Secreta”. A continuação do projeto dependia do modo mais ético ou menos ético como o conhecimento transmitido nos dois volumes iniciais seria recebido pelos leitores e pelos teosofistas. E o resultado do “teste” é que apenas dois volumes foram publicados. Veja, a respeito, as linhas finais do volume II da presente obra, mencionadas na abertura da presente edição no “*Prefácio da Edição Fac-similar Norte-Americana de 1947*”. Talvez Helena Blavatsky tenha previsto a futura publicação de edições adulteradas de sua obra, o que de fato ocorreu ainda na década de 1890 sob a direção de Annie Besant e outros indivíduos eticamente desorientados. Sabe-se que os Mestres de Sabedoria têm uma capacidade de enxergar o futuro de curto e longo prazo. Uma das formas pelas quais o movimento teosófico organizado deixou claro que não estava preparado para receber novos ensinamentos esotéricos foi o fato de abandonar o estudo dos ensinamentos originais e publicar ensinamentos falsificados, poucos anos após a morte de HPB. (Nota do Tradutor)

[477] O ser humano fora-do-corpo, durante o sono, pode dar-nos uma vaga ideia. (Nota do Tradutor)

modelo que tem dentro de si [478]*, assim também a forma do homem no começo evolui de dentro para fora. Depois do ciclo em que o homem começou a procriar sua espécie do mesmo modo que o reino animal atual, ocorreu o contrário. O feto humano segue agora em suas transformações todas as formas que a estrutura física do homem havia assumido ao longo dos três Kalpas (Rondas) durante os esforços tentativos por uma formação plástica em torno da mônada com matéria insensível, porque imperfeita, durante as peregrinações cegas da mônada. Na era atual, o embrião físico é primeiro uma planta, um réptil, um animal mamífero, antes de finalmente tornar-se um ser humano e produzir dentro de si mesmo, por sua vez, a sua própria contraparte etérica.* [479] *No começo era esta contraparte (o homem astral) que, sendo destituída de sentidos, ficava presa na teia da matéria."*

Mas este "homem" pertence à quarta Ronda. Como foi mostrado, a MÔNADA passou por todas as formas transicionais ao longo de cada um dos reinos da natureza durante as três Rondas anteriores, e foi aprisionada por elas e peregrinou através delas. Mas a mônada que se torna humana *não é o Ser Humano*. Nesta Ronda já nenhuma unidade de qualquer um dos reinos é animada por mônadas destinadas a se tornarem humanas no próximo estágio delas, mas só pelos Elementais inferiores dos seus respectivos reinos. [480] Exceção a isso são os mamíferos mais elevados e semelhantes ao homem, os antropoides destinados a deixarem de existir durante esta nossa raça, quando suas mônadas forem liberadas e passarem para formas astrais humanas (os elementais mais elevados) da Sexta [481] e da Sétima Raças, indo depois disso para as formas humanas mais inferiores na quinta Ronda.

A última Mônada humana encarnou antes do começo da quinta Raça-Raiz.[482] O ciclo da *metempsicose* para a mônada humana está fechado, porque estamos na

---

[478] Sobre o fato de que a miniatura do lótus está presente em sua semente, veja mais acima o comentário **(*b*)** do Sloka 3, na Estância II. (Nota do Tradutor)

[479] Esta ideia fundamental é recorrente na teosofia autêntica. Veja por exemplo em nossos websites o artigo "**Um Cosmo Em Cada Feto Humano**". (Nota do Tradutor)

[480] Estes "Elementais" se tornarão mônadas humanas, por sua vez, apenas no próximo grande manvântara planetário. (Nota de H. P. Blavatsky)

[481] A Natureza nunca se repete. Portanto, os antropoides da nossa época não existiram em nenhum momento [***Subnota do Tradutor****: isto é, não existiram exceto agora*] desde a metade do período Miocênico, quando, como ocorre com todas as misturas raciais, eles começaram a mostrar uma tendência, crescente à medida que passava o tempo, de voltar ao tipo do seu primeiro progenitor, o gigante Lemuriano-Atlante preto e amarelo. É inútil procurar o "Elo Perdido". Para os cientistas da parte final da Sexta Raça-Raiz, dentro de milhões e milhões de anos, as nossas raças modernas, ou melhor, os seus fósseis, serão equivalentes aos de macacos insignificantes, uma espécie extinta do gênero *homo*. (Nota de H. P. Blavatsky)

[482] Tais antropoides constituem uma exceção porque não correspondem a uma intenção da Natureza, mas são o produto direto e a criação do homem "insensível". Os hindus atribuem uma origem divina aos macacos porque os homens da Terceira Raça eram deuses de outro plano que se haviam tornado mortais "destituídos de sentidos". Este assunto já foi abordado em "Ísis Sem Véu" doze anos atrás de modo tão claro como era possível naquela época. Nas pp. 278-279 [***Subnota do Tradutor****: no volume II da edição original em inglês e volume III,*

Quarta Ronda e na Quinta Raça-Raiz. O leitor terá de levar em consideração - especialmente se tiver lido "O Budismo Esotérico" - que as Estâncias a seguir neste volume e no volume II falam da evolução apenas em nossa Quarta Ronda. Esta Ronda é o ponto de mutação, a partir do qual a matéria, tendo alcançado o seu ponto mais baixo, começa a esforçar-se para avançar e para tornar-se espiritualizada a cada nova Raça humana e a cada novo ciclo. Portanto, o estudante deve ter cuidado para não ver contradição onde contradições não existem, já que em "O Budismo Esotérico" fala-se em Rondas em termos gerais, enquanto aqui só é abordada a Quarta Ronda, nossa Ronda atual. Antes, era o trabalho de formação; agora, é o trabalho de reforma e de perfeição evolutiva.

Finalmente, e para concluir este capítulo sobre diversas concepções errôneas que não podem ser ignoradas, vamos mencionar uma afirmativa em "O Budismo Esotérico" que produziu uma impressão desastrosa nas mentes de muitos teosofistas. Uma frase pouco feliz da obra tem sido citada constantemente como

---

p. 244 da edição brasileira] daquela obra sugere-se que - se alguém perguntasse a um brâmane erudito sobre a razão do respeito devido aos macacos "talvez aprendesse - se o brâmane o julgasse digno de uma explicação - que os hindus veem no macaco apenas aquilo que Manu queria que ele fosse: a transformação da espécie mais diretamente relacionada com a família humana - um ramo bastardo enxertado em seu próprio tronco antes da perfeição final desta última. Ele aprenderia, além disso, que aos olhos dos 'gentios' cultos, o homem espiritual ou interior é uma coisa e que o seu envoltório físico, terrestre, é outra. Que a natureza física, a grande combinação de correlações físicas de forças que avançam em direção à perfeição, foi obrigada a se servir do material que tinha em mãos; ela modela e remodela enquanto prossegue e, terminando a sua obra no homem, apresenta-o apenas como um tabernáculo apropriado ao obscurecimento do Espírito divino."

Além disso, é mencionado em nota de rodapé na mesma página [***Subnota do Tradutor****: veja, na edição brasileira de "Ísis Sem Véu", a nota de rodapé 77, na p. 255 do volume III*] um trabalho científico alemão. Ele diz que um cientista de Hannover havia publicado recentemente um livro intitulado "Ueber die Auflösung der Arten durch Natürliche Zucht-wahl", no qual ele mostra, com grande habilidade, que Darwin estava inteiramente errado ao vincular a origem do homem ao macaco. Ao contrário, ele sustenta que é o macaco que evoluiu desde a condição humana. Ele mostra que, no começo, os seres humanos eram moral e fisicamente os modelos e protótipos da nossa Raça Humana atual, e da nossa dignidade humana, devido à sua beleza de forma, regularidade de feições, seu desenvolvimento craniano, sua nobreza de sentimentos, seus impulsos heroicos, e à grandeza de suas concepções ideais. Isso é puramente parte das filosofias bramânica, budista e cabalista. O livro é amplamente ilustrado com diagramas, tabelas, etc. A obra afirma que a gradual decadência e degradação do homem, moral e fisicamente, pode ser facilmente localizada ao longo da transformação etnológica até a época atual. E que, assim como uma parte da humanidade já degenerou transformando-se em macacos, assim também o homem civilizado de hoje irá um dia dar lugar a descendentes similares sob a ação da inevitável lei da necessidade. Se nós pudermos julgar o futuro a partir do presente, parece certamente ser possível que um corpo tão pouco espiritual e tão materialista termine como um símio ao invés de como um anjo seráfico. Mas embora os macacos sejam descendentes do homem, certamente não é verdade que a Mônada humana, depois que alcançou o nível da humanidade, encarne alguma outra vez como um animal. (Nota de H. P. Blavatsky)

prova do materialismo da doutrina. Na p. 48 da quinta edição em inglês [483], o autor, referindo-se ao progresso dos organismos nos Globos, diz que "o reino mineral não desenvolverá o reino vegetal ….. do mesmo modo que a Terra não pôde desenvolver o Homem do macaco até que recebeu o impulso de fora."

Não sabemos ao certo se esta frase expressa literalmente o pensamento do autor ou é apenas um erro involuntário. Consideramos mais provável o segundo caso.

Foi uma surpresa constatar o fato de que "O Budismo Esotérico" tem sido tão escassamente compreendido por alguns teosofistas, que eles chegaram a acreditar que o livro apoia totalmente a ideia Darwiniana de evolução, e especialmente a teoria segundo a qual o homem descende de um ancestral pitecoide. [484] Diz um teosofista: "Suponho que você compreende que três quartas partes dos teosofistas e mesmo não-teosofistas imaginam que no que se refere à evolução do homem o darwinismo e a teosofia estão em harmonia." Nada semelhante a isso foi dito, nem há qualquer espaço significativo para isso, até onde sei, em "O Budismo Esotérico". Tem sido afirmado repetidamente que a evolução tal como ensinada pelo Manu e por Kapila, está na base dos ensinamentos modernos, mas nem o Ocultismo nem a Teosofia apoiaram jamais as teorias pouco razoáveis dos atuais darwinistas, e muito menos a ideia de que o homem descende de um macaco. Veremos mais sobre isso, mais adiante. Mas basta examinar a página 57 de "O Budismo Esotérico", quinta edição em inglês, para encontrar a afirmação de que "O homem pertence a um reino nitidamente separado do dos animais".[485] Tendo diante de si uma declaração tão clara e inequívoca, é estranho que qualquer estudante sério possa ter perdido o rumo, a menos que seja apontada uma contradição grosseira por parte daquele autor.

Cada Ronda repete em uma escala mais elevada o trabalho evolutivo da Ronda anterior. Com a exceção de alguns antropoides mais avançados, como foi mencionado há pouco, o fluir monádico, ou evolução interior, está paralisado até o próximo Manvântara. É preciso repetir sempre que as Mônadas humanas completamente desenvolvidas devem ser deixadas de lado antes que a nova safra de candidatos apareça neste Globo no começo do novo ciclo. Há deste modo um período de aquietamento; e é por isto que, durante a Quarta Ronda, o homem aparece na Terra antes que qualquer criação animal, como veremos.

Mas ainda se insiste na ideia de que o autor de "O Budismo Esotérico" o tempo todo "pregou o darwinismo". Algumas passagens sem dúvida parecem reforçar esta inferência. Além disso, os próprios Ocultistas confirmam que a hipótese de Darwin está *parcialmente* correta, em relação a detalhes posteriores das leis da evolução, e após o ponto intermediário da Quarta Raça. Sobre o que aconteceu a ciência física nada pode saber de fato, porque tais questões estão inteiramente fora da sua esfera

---

[483] Páginas 47-48 de "O Budismo Esotérico" (Ed. Pensamento, SP). (Nota do Tradutor)

[484] Pitecoide: referente ou semelhante a macacos. (Nota do Tradutor)

[485] Veja a p. 53 da edição brasileira de "O Budismo Esotérico". (Nota do Tradutor)

de investigação. Mas o que os Ocultistas nunca admitiram, nem vão admitir jamais, é que o homem foi *um macaco nesta Ronda ou em qualquer outra*; e tampouco que ele pudesse ser jamais um macaco, por mais que ele possa ter sido "semelhante a um macaco". Isto é assegurado pela mesma autoridade da qual o autor de "O Budismo Esotérico" obteve suas informações.

Há aqueles que confrontam os Ocultistas com estas linhas do volume: "Isso é suficiente para mostrar que podemos de modo igualmente razoável - e que devemos, se quisermos abordar de algum modo estas questões - conceber um impulso vital que faz nascer a forma mineral, e que é do mesmo tipo de impulso que *transforma uma raça de símios numa raça de homens primitivos*." [486] Aos que indicam esta passagem como demonstração de um "firme darwinismo", os Ocultistas respondem apontando para a explicação do Mestre (o "professor" do sr. Sinnett), que contradiria estas linhas, caso elas tivessem sido escritas no espírito que se atribui a elas. Uma cópia desta carta foi mandada para a autora, junto com outras, há dois anos (em 1886), com comentários adicionais, para que o material fosse citado em "*A Doutrina Secreta*". O texto começa examinando a dificuldade que o estudante ocidental tem ao tratar de reconciliar alguns fatos, dados anteriormente, com a evolução do homem a partir do animal, isto é, a partir dos reinos mineral, vegetal e animal, e aconselha o estudante a utilizar a doutrina da analogia e das correspondências. Depois disso o material aborda o mistério pelo qual os Devas, e mesmo os Deuses, têm de passar através de estados que se convencionou chamar de "metalificação, vegetalização, zoonificação [487] e finalmente encarnação", e explica o fato mencionando a necessidade de fracassos mesmo nas raças etéreas dos Dhyan Chohans. Sobre isso, o texto diz:

"Ainda assim, estes 'fracassos' são demasiado evoluídos e espiritualizados para serem lançados de volta à força pelos Dhyan Chohans no vórtice de uma nova evolução primordial através dos reinos inferiores…… ." Depois disso, é feita uma vaga sugestão sobre o mistério contido na alegoria dos Asuras caídos, que será expandida e explicada no volume II. Quando o Carma chegar a eles no estágio da evolução humana, "eles terão de bebê-lo até a última gota na amarga taça da retribuição. Então eles se tornarão uma força ativa e se combinarão harmoniosamente com os elementais, as entidades evoluídas do puro reino animal, para desenvolver, pouco a pouco, o tipo completo da humanidade." [488]

---

[486] Veja esta mesma citação, com palavras diferentes, na edição brasileira de "O Budismo Esotérico", Ed. Pensamento, p. 47. (Nota do Tradutor)

[487] Metalificação, vegetalização e zoonificação: veja as perguntas e respostas números 3 e 4, na Carta 66 de "Cartas dos Mahatmas". (Nota do Tradutor)

[488] Neste ponto estamos pouco acima da metade da página 188 da edição original em inglês. Veja também a p. 282, na Carta 66 de "Cartas dos Mahatmas". (Nota do Tradutor)

Ao contrário dos Pitris inferiores, estes Dhyan Chohans, como vemos, não passam através dos três reinos; e tampouco encarnam na humanidade até a Terceira Raça Raiz. Deste modo, conforme o ensinamento afirma, - [489]

"O homem na Primeira Ronda e na Primeira Raça no Globo D, nossa Terra, foi um ser etéreo (um Dhyani Lunar, como homem), não-inteligente mas super-espiritual; e, correspondentemente, de acordo com a lei da analogia, na Primeira Raça da Quarta Ronda. Em cada uma das raças e sub-raças subsequentes ……. ele se transforma gradualmente em um ser encarnado e encapsulado, mas ainda predominantemente etéreo. …… Ele é destituído de sexo, e, assim como o animal e o vegetal, desenvolve corpos monstruosos, que correspondem ao seu meio-ambiente mais grosseiro.

"Segunda Ronda. Ele (o Homem) ainda é gigantesco e etéreo mas vai se tornando mais firme e denso em seu corpo, um homem mais físico. No entanto ainda é menos inteligente que espiritual (ver Nota 1 a seguir), porque a mente tem uma evolução mais lenta e mais difícil que a da estrutura física. ……

"Terceira Ronda. Ele agora tem um corpo perfeitamente concreto ou compacto, inicialmente com a forma de um macaco gigantesco, e agora mais inteligente - ou melhor, mais astuto - do que espiritual. Porque, no arco descendente, ele agora alcançou um ponto em que a sua espiritualidade primordial é eclipsada e dominada pela nascente atividade mental (ver Nota 2 a seguir). Na segunda metade da Terceira Ronda a sua estatura gigantesca se reduz, o seu corpo ganha mais textura, e ele se torna um ser mais racional, embora ainda seja mais um macaco que um Deva ……[490] *(Tudo isso é repetido quase exatamente na Terceira Raça-Raiz da Quarta Ronda.)*

"Quarta Ronda. O intelecto tem um desenvolvimento enorme nesta Ronda. As raças (até aqui) mudas adquirem a nossa fala humana (atual) neste globo, no qual, a partir da Quarta Raça, a linguagem é aperfeiçoada e o conhecimento aumenta. Neste ponto intermediário da Quarta Ronda (à altura da Quarta Raça-Raiz ou Atlante) a humanidade passa o ponto axial do pequeno ciclo manvantárico ……. o mundo está repleto com os resultados da atividade intelectual e do declínio espiritual ……. ."

Isso está reproduzido da carta autêntica; o que se segue são os comentários posteriores e explicações adicionais traçados pela mesma mão na forma de notas de rodapé.

---

[489] Uma versão semelhante do mesmo ensinamento será encontrada nos parágrafos finais das "Notas Suplementares", pouco antes do fim da Carta 66, na obra "Cartas dos Mahatmas" (vol. I). (Nota do Tradutor)

[490] A frase demonstra que Darwin captou aspectos importantes da verdade nos planos da evolução que foi capaz de observar e compreender. (Nota do Tradutor)

(Nota 1) - "*…… A carta original continha ensinamentos gerais - 'uma visão de pássaro em voo' - e não detalhava coisa alguma. ……. Falar de 'homem físico' e ao mesmo tempo limitar a afirmativa às primeiras Rondas seria cair de volta na ideia instantânea e miraculosa de 'casacos de pele'. ……. O que se queria mencionar era a primeira 'Natureza', o primeiro 'corpo', a primeira 'mente' no primeiro plano de percepção, no primeiro Globo na primeira Ronda. Porque o Carma e a evolução -*

'ao produzir-nos, combinaram extremos tão estranhos!
Misturando maravilhosamente Naturezas [491] *diferentes ……'*

(Nota 2) - Restaure [492]*: ele agora alcançou o ponto (por analogia, como na Terceira Raça-Raiz na Quarta Ronda) em que a sua (do homem-'anjo') espiritualidade primordial é eclipsada e dominada pela nascente atividade mental humana, e você terá a versão correta em poucas palavras. ……"*

Estas são as palavras do Instrutor - texto, palavras e frases entre parênteses, e notas explicativas. É evidente que deve haver uma enorme diferença entre termos tais como "objetividade" e "subjetividade", "materialidade" e "espiritualidade", quando os mesmos termos são aplicados a planos diferentes de ser e de percepção. Tudo isso deve ser encarado no seu sentido relativo. E, portanto, não há motivo de surpresa se um autor abandonado às suas próprias especulações, disposto a aprender mas inexperiente em relação a estes ensinamentos abstrusos, comete erros. Tampouco a diferença entre as "Rondas" e as "Raças" foi suficientemente definida nas cartas recebidas, e nada semelhante foi solicitado antes, sendo que o discípulo oriental comum teria percebido a diferença de imediato. Além disso, para citar uma carta de um Mestre (da década de 1880), "os ensinamentos foram transmitidos sob protesto …… Eles eram, digamos assim, mercadorias contrabandeadas [493]……. e quando eu permaneci frente a frente com apenas um correspondente, o outro, o sr. _____, havia lançado todas as cartas em tamanha confusão que pouco restava por dizer sem que fosse transgredida a lei." Os teosofistas "a quem possa interessar" entenderão o que isso significa.

Em resumo, nada jamais foi dito, nas "cartas", que autorizasse a afirmação de que a doutrina Oculta ensinou, em algum momento, ou que algum Adepto acreditou, na absurda teoria moderna da descendência do homem a partir de um ancestral comum com o macaco - um antropoide da atual espécie animal - a não ser metaforicamente. Até hoje o mundo tem mais "homens semelhantes a macacos" do que as florestas possuem "macacos semelhantes a homens". O macaco é sagrado na Índia porque

---

[491] Referência às *Naturezas* das sete hierarquias ou tipos de Pitris e Dhyan Chohans que compõem a nossa natureza e os nossos corpos. (Nota de H. P. Blavatsky)

[492] "Restaure" - aqui o Mestre recomenda restaurar ou melhorar este trecho do texto conforme as palavras que seguem. (Nota do Tradutor)

[493] Veja a resposta **(4)** na Carta 66 de "Cartas dos Mahatmas". Toda esta carta é valiosa para o estudante de "A Doutrina Secreta". (Nota do Tradutor)

sua origem é bem conhecida pelos Iniciados, embora oculta por um grosso véu de simbolismo. Hanuman é o filho de Pavana (Vayu, "o deus do vento") com Anjana, fêmea animal de grande porte. A genealogia de Hanuman varia, e seu pai é chamado de Kesari.[494] O leitor que lembrar disso verá em vários pontos do volume II a explicação completa deste criativo simbolismo. Os "homens" da Terceira Raça (que se separaram) eram "Deuses" devido à sua espiritualidade e pureza, embora não tivessem sentidos, e ainda não possuíssem mentes, como homens.

Estes "homens" da Terceira Raça - os ancestrais dos Atlantes - eram apenas gigantes parecidos a macacos, intelectualmente destituídos de sentidos, tal como eram os seres que, durante a Terceira Ronda, representavam a Humanidade.[495] Moralmente irresponsáveis, foram estes "homens" da Terceira Raça que, através de ligações promíscuas com espécies animais inferiores a eles, criaram o elo perdido que se tornou, eras mais tarde (somente no período terciário), o ancestral remoto do verdadeiro macaco [496] tal como o encontramos hoje na família pitecoide.[497]

Deste modo os primeiros ensinamentos, embora insatisfatórios, vagos e fragmentários, não afirmaram que o "homem" descendeu do "macaco". E tampouco o autor de "O Budismo Esotérico" diz isso diretamente em qualquer parte da sua obra; mas, devido à sua inclinação favorável à ciência moderna, ele usa uma linguagem que pode talvez justificar esta inferência. O homem que precedeu a Quarta raça, Atlante, por mais que possa ter sido parecido fisicamente com um "macaco gigantesco", "uma imitação do homem que não tinha a vida do ser humano", era ainda assim um homem que pensava e já falava. A raça "Lemuro-Atlante" era altamente civilizada, e se aceitarmos a tradição, que é uma História melhor que a ficção especulativa que agora ganha esse nome, o homem lemuro-atlante era mais elevado que nós, com todas as nossas ciências e a civilização degradada de hoje: pelo menos assim era o lemuro-atlante do final da Terceira Raça.

---

[494] Vayu, o deus do vento, é visto como o *pai espiritual* de Hanuman, sendo Kesari o seu "pai" em um nível inferior de emanação. (Nota do Tradutor)

[495] Vê-se aqui a relação direta, em espiral, entre a Ronda e a Raça. Cada Raça é de certo modo um *resumo* que recorda ou antecipa em pequena escala a Ronda correspondente. (Nota do Tradutor)

[496] Este ponto demonstra mais uma vez que Darwin fica longe de estar completamente errado, quando colocado no contexto da visão oculta dos fatos. (Nota do Tradutor)

[497] E se isso parece contradizer aquela outra afirmação, que mostra o animal como sendo posterior ao homem, pediremos ao leitor que leve em consideração que isso se refere apenas ao *mamífero placentário*. Naquele tempo havia animais sobre os quais a Zoologia de hoje nem sequer sonha; *e os modos de reprodução não eram idênticos* às ideias que a fisiologia moderna tem a respeito. Não é muito conveniente abordar tais questões em público, mas não existe *qualquer* contradição ou impossibilidade nisso, de modo algum. (Nota de H. P. Blavatsky)

E agora voltamos às Estâncias.[498]

ESTÂNCIA VI - Continuação. (Volte para o Sumário)

5.Na quarta (*Ronda, ou revolução da vida e do ser em torno das "sete rodas menores"*) (*a*)**, é dito aos filhos que criem suas imagens. Um terço se recusa a fazê-lo. Dois** (*terços*) **obedecem. A maldição é pronunciada** (*b*)**; eles vão nascer na quarta** (*Raça*)**, irão sofrer e causar sofrimento; esta é a primeira guerra**(*c*)**.**[499]

O significado completo deste sloka só pode ser inteiramente compreendido depois de ler as detalhadas explicações adicionais na "Antropogênese" e nos seus Comentários, no volume II. Entre este sloka e o anterior - o sloka 4 nesta mesma estância -, existem longas eras, e agora cintilam a aurora e o nascer do sol de outro éon. O drama apresentado em nosso planeta está no começo do seu quarto Ato, mas, para ter uma compreensão mais clara de toda a peça, o leitor terá que retroceder, antes que possa seguir adiante. Porque este verso pertence à Cosmogonia geral dada nos volumes arcaicos, enquanto o volume II fará um relato detalhado da "Criação", ou melhor, da formação dos primeiros seres humanos, seguidos pela segunda humanidade, e depois pela terceira; ou, como elas são chamadas, "primeira, segunda e terceira Raças-Raízes". Assim como a Terra sólida começou na condição de fogo líquido, de poeira incandescente com o seu fantasma protoplasmático, o mesmo ocorreu com o homem.

(*a*) O significado da qualificação de "Quarta" é explicado como sendo "quarta Ronda" apenas com base nos Comentários. A qualificação também pode significar quarta "Eternidade", além de "Quarta Ronda", ou mesmo o (nosso) Quarto Globo. Porque, conforme será repetidamente mostrado, ele é a quarta Esfera, no quarto, ou mais inferior dos planos da vida material. E também ocorre que estamos na Quarta

---

[498] Neste ponto estamos pouco acima da metade da p. 191 do original em inglês. (Nota do Tradutor)

[499] Temos aqui um erro de revisão editorial na edição de 1888. Como sabemos, "sloka" é um par de versos. Veja as pp. 191 e 192 do original em inglês. A reprodução do *Sloka* 5 está ali feita em duas partes, e a segunda parte é erradamente apresentada como fazendo parte do sloka seis. Neste ponto seguimos a edição de Boris de Zirkoff, que corrige este erro de revisão, e apresentamos o sloka cinco em uma só vez e não dividido em duas partes, assim como consolidamos os comentários a ele, apresentando-os como uma única sequência. A correção no sentido de não fragmentar não implica, é claro, qualquer mudança das palavras do original. Cabe lembrar também que no original em inglês a reprodução dos slokas no âmbito dos Comentários raramente é feita de modo exatamente literal. Seguimos o original em todos os casos, inclusive nestas pequenas variações. (Nota do Tradutor)

Ronda, em cujo ponto médio precisava haver o perfeito equilíbrio entre o Espírito e a Matéria. [500] Diz o comentário explicativo deste verso:

"*Os jovens sagrados (os deuses) se recusaram a multiplicar-se e a criar espécies com base na sua imagem, a partir da sua espécie. Eles não são formas (rupas) adequadas para nós. Eles têm de crescer. Eles se recusam a entrar nos chhayas (sombras ou imagens) dos seus inferiores. Deste modo desde o início prevaleceu o sentimento egoísta, mesmo entre os deuses, e eles entraram no campo de observação dos Lipikas Cármicos.*"

Eles tiveram que sofrer por isso em nascimentos posteriores. O modo como o castigo atingiu os deuses será visto no segundo volume.

É uma tradição universal que, antes da "Queda" fisiológica, a propagação da espécie, seja animal ou humana, acontecia através da VONTADE dos Criadores ou dos descendentes deles. Foi a Queda do Espírito no processo de geração, e não a Queda do homem mortal. Já foi afirmado que, para tornar-se um Espírito Autoconsciente, o espírito deve passar através de cada um dos ciclos de existência, culminando no seu ponto mais alto na Terra, no homem. O Espírito *em si* é uma ABSTRAÇÃO inconsciente negativa. A sua pureza é inerente, e não é adquirida por mérito; portanto, como já foi mostrado, para tornar-se o mais alto Dhyan Chohan é necessário que cada Ego alcance a completa autoconsciência como um ser humano, isto é, um Ser consciente, que é sintetizado para nós no Homem. Quando os cabalistas judeus argumentam que nenhum Espírito poderia pertencer à hierarquia divina a menos que Ruach (Espírito) estivesse unido a Nephesh (Alma viva), apenas repetem o ensinamento Esotérico do Oriente. "Um Dhyani tem que ser um Atma-Buddhi; uma vez que um Buddhi-Manas se afasta do seu Atma imortal, do qual ele (Buddhi) é o veículo, Atma passa ao estado de NÃO-SER, que é absoluto Ser." Isto significa que o estado puramente Nirvânico é uma passagem do Espírito de volta para a abstração ideal da Existencialidade [501], que não tem relação com o plano em que o nosso Universo está realizando o seu ciclo.

(*b*) "A maldição é pronunciada" não significa, neste contexto, que algum Ser pessoal, algum deus ou Espírito superior, pronunciou a maldição, mas simplesmente que a causa que só poderia criar maus efeitos havia sido gerada, e que os efeitos de uma causa Cármica só poderiam levar os "Seres" que contrariaram as leis da

---

[500] Foi neste período, como veremos - durante o ponto mais alto da civilização e do conhecimento, assim como da intelectualidade humana, o período da quarta Raça, Atlante - que, devido à crise final de ajuste fisiológico-espiritual das raças, a humanidade se dividiu em dois campos diametralmente opostos: o caminho da mão DIREITA e o caminho da mão ESQUERDA, na direção do conhecimento, ou Vidya. "*Deste modo foram plantadas naqueles dias as sementes da Magia Branca e Negra. As sementes permaneceram latentes por algum tempo, e germinaram só durante o período inicial da (nossa) Quinta (Raça).*" (*Do Comentário*) (Nota de H. P. Blavatsky)

[501] Existencialidade - a potencialidade da existência e a sua condição essencial. (Nota do Tradutor)

Natureza, e que ao fazer isso obstaculizaram o progresso legítimo dela, a más encarnações, e portanto a sofrimento.

(*c*) "Houve muitas guerras" se refere às várias lutas de ajuste, espiritual, cósmico, e astronômico, mas principalmente ao mistério da evolução do homem tal como ele é agora. Quanto à frase sobre os Poderes - puras Essências - aos quais "foi dito que criassem", ela se relaciona a um mistério que será explicado, como já foi dito, em outra parte. Não é apenas um dos segredos mais ocultos da Natureza - o da geração, em busca de cuja solução os embriologistas têm feito esforços inutilmente - mas constitui também uma função divina que envolve aquele outro mistério religioso, ou melhor, dogmático, a chamada "Queda" dos Anjos. Fica claro, quando o significado da alegoria é explicado, que Satã e a sua hoste rebelde se recusaram a criar o homem físico, e se tornaram os Salvadores diretos e os Criadores do "Homem *divino*". O ensinamento simbólico não é apenas místico e religioso. É também puramente científico, como será visto mais tarde. Porque ao invés de permanecer como simples médium operativo e cego, impelido e guiado pela LEI insondável, o Anjo "rebelde" reivindicou e colocou em ação o seu direito a um discernimento e a uma vontade independentes, o seu direito à ação livre e à responsabilidade, já que anjos e homens estão igualmente sujeitos à Lei do Carma.[502]

"E houve guerra no Céu …… Miguel e seus anjos lutaram contra o Dragão; e o Dragão lutou, e os seus anjos, e não venceram, e o lugar deles não foi mais achado no Céu. E o Dragão foi expulso, aquela velha serpente, chamada de diabo e Satã, que enganou o mundo inteiro."

A versão cabalística da mesma história é dada no Codex Nazareus, a escritura dos nazarenos, os verdadeiros místicos cristãos de São João Batista e dos iniciados de Christos. Bahak-Zivo, o "Pai dos Gênios", recebe a ordem de construir criaturas (criar). Mas, como nada sabe sobre "Orco" [503], ele não consegue fazê-lo, e pede pela

[502] Explicando os pontos de vista Cabalísticos, o autor de "*New Aspects of Life*" diz a respeito dos Anjos Caídos que "de acordo com o ensinamento simbólico, o Espírito, depois de ser simplesmente um agente funcionário de Deus, tornou-se dono de vontade própria em sua ação desenvolvida e em desenvolvimento; e, seguindo a sua própria vontade em lugar do desejo Divino, caiu. Por isso o Reino e o âmbito dos Espíritos e da ação espiritual, que fluem desde o Espírito-volição e são produto dele, estão do lado de fora, fazem contraste, e estão em contradição com o Reino das Almas e da ação Divina." Até aqui, tudo bem; mas o que quer dizer o autor quando afirma que "quando o homem foi criado, ele era humano em sua constituição, com afetos humanos, esperanças e aspirações humanas. Deste estado ele caiu - no estado do animal e do selvagem"? Isto é diametralmente oposto ao nosso ensinamento oriental, e também à noção Cabalística tal como a entendemos, e à própria Bíblia. Parece corporalismo e substancialismo influenciando a filosofia positiva, embora seja difícil saber ao certo o que o autor quer dizer (ver p. 235). No entanto, uma QUEDA "do natural no sobrenatural e no animal" - com a palavra "sobrenatural" significando neste caso o puramente espiritual - seria o mesmo que nós estamos sugerindo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[503] Orco: o abismo sem fundo do Codex Nazareus (Glossário Teosófico). (Nota do Tradutor)

ajuda de Fetahil, um espírito ainda mais puro, que fracassa de modo ainda mais completo. Esta é uma repetição da falha dos "Pais", os senhores da luz que falham um após o outro. (Volume II, sloka 17, da presente obra.)

Vamos citar agora nossos volumes anteriores [504]:

Entra então no palco da criação o espírito [505] (da Terra, assim chamado, ou a Alma, Psiquê, que São Tiago chama de "diabólica"), a porção inferior da *Anima Mundi* ou Luz Astral. (Veja a parte final deste Sloka.) Para os nazarenos e os gnósticos, este Espírito era *feminino*. Assim, o espírito da Terra percebe que por causa de Fetahil[506], o *homem mais novo* (o mais recente), o esplendor tinha "mudado", e que no lugar do esplendor havia "decréscimo e prejuízo". Ela acorda Karabtanos[507], "que era desvairado e *sem bom senso ou discernimento*", e diz a ele: "Ergue-te, vê, o esplendor (a luz) do homem *mais novo* (Fetahil) fracassou (deixou de produzir ou criar homens), a redução do seu esplendor é visível. Levanta-te, vem até tua MÃE (o Espírito), e liberta-te dos limites nos quais estás preso, e aqueles que são mais amplos que o mundo inteiro".[508] Depois disso ocorre a união do desvairado com a matéria cega, guiado pelas insinuações do espírito (não o alento *Divino* mas o espírito *Astral*, que, devido à sua dupla essência, já está contaminado pela matéria); e com a aceitação da oferta da MÃE, o Espírito concebe "Sete Figuras" [509], e os sete

---

[504] HPB se refere nesta frase a "Ísis Sem Véu". Os próximos parágrafos são reproduzidos por ela do volume I, pp. 299-300 da edição original em inglês. No entanto, eles não são colocados aqui entre aspas. (Na edição brasileira de "Ísis Sem Véu", veja o volume II, pp. 16-17.) (Nota do Tradutor)

[505] Com base em Irineu, em Justino Mártir e no próprio Codex Nazareno, Dunlap mostra que os nazarenos viam o "Espírito" como uma fêmea e como um *Poder Maligno* em sua relação com a nossa Terra. (Dunlap: "Sod, the Son of the Man", p. 52.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[506] Fetahil é idêntico à hoste dos Pitris que "criaram o homem" apenas como um "invólucro". Ele foi, segundo os nazarenos, o rei da luz e o criador; mas nesse caso ele é o infeliz Prometeu, que não consegue obter o Fogo Vivo necessário para a formação da Alma divina, porque ignora o nome secreto, o nome inefável ou incomunicável dos Cabalistas. (Nota de H. P. Blavatsky)

[507] O espírito da matéria e da concupiscência; "Kamarupa", sem "Manas", a Mente. (Nota de H. P. Blavatsky)

[508] "…e liberta-te dos limites nos quais estás preso, e aqueles que são mais amplos que o mundo inteiro". A omissão de palavras é comum nas escrituras em que se baseia "A Doutrina Secreta". Este trecho, completo, poderia ficar assim, entre outras possibilidades: "…e liberta-te dos limites nos quais estás preso, e [*adota*] aqueles [*limites*] que são mais amplos que o mundo inteiro". (Nota do Tradutor)

[509] No original em inglês, "Seven Figures", que também poderia significar "Sete Números". (Nota do Tradutor)

(planetas) *estelares* que representam também os *sete pecados capitais*, os frutos de uma alma astral separada da sua fonte divina (o espírito), e a *matéria*, o demônio cego da concupiscência. Vendo isso, Fetahil estende sua mão na direção do abismo de matéria e diz: "Que a Terra exista, assim como a morada dos poderes existiu". Mergulhando sua mão no caos, que ele condensa, ele cria o nosso planeta.[510]

Então o Codex prossegue dizendo como Bahak-Zivo foi separado do Espírito, e como os Gênios ou anjos se separaram dos rebeldes.[511] Então Mano [512] (o maior), que mora com o maior FERHO, chama Kebar-Zivo (conhecido também pelo nome de Nebat-Iavar bar Iufin Ifafin), Leme e *Videira* do alimento da vida [513], sendo ele a terceira vida, e tendo comiseração dos Gênios rebeldes e tolos, por causa do tamanho da ambição deles, diz: "Senhor dos Gênios [514] (Éons), veja o que fazem os Gênios, os anjos rebeldes, e sobre o que eles estão consultando.[515] Eles dizem, 'chamemos pelo mundo, e chamemos os *poderes* para que passem a existir'. Os Gênios são os *príncipes*, os 'Filhos da Luz', mas tu és o '*Mensageiro da Vida'*." [516]

E para compensar a influência dos sete princípios "de má disposição", os descendentes do *Espírito*, CABAR-ZIO, o poderoso Senhor do Esplendor, produzem *outras sete vidas* (as virtudes cardeais) [517], que brilham por si mesmas e que iluminam *desde o alto* [518], e assim restabelecem o equilíbrio entre o bem e o mal, a luz e a escuridão.

Vemos aqui uma repetição dos antigos sistemas *alegóricos* duais, tal como o sistema zoroastriano, e podemos perceber uma semente das religiões dogmáticas e dualísticas do futuro. A semente cresceu e se transformou numa árvore exuberante

---

[510] Veja o "Codex Nazareus", de Franck, e "Sod, the Son of the Man", de Dunlap. (Nota de H. P. Blavatsky)

[511] "Codex Nazareus", ii, 233. (Nota de H.P. Blavatsky)

[512] Este Mano dos Nazarenos estranhamente se assemelha ao Manu dos hindus, o homem celestial dos "Rig Vedas". (Nota de H. P. Blavatsky)

[513] "Eu sou a *real videira*, e meu Pai é o agricultor." (João, 15: 1.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[514] Para os Gnósticos, Cristo, assim como Miguel, que é idêntico a ele em alguns aspectos, era o "Chefe dos Éons". (Nota de H. P. Blavatsky)

[515] "Codex Nazareus", i, 135. (Nota de H. P. Blavatsky)

[516] "Codex Nazareus", i, mesma página 135. (Nota de H. P. Blavatsky)

[517] Cabe registrar que em Platão, as virtudes cardeais ou fundamentais são quatro: Prudência, Justiça, Fortaleza (Coragem) e Temperança (Moderação). (Nota do Tradutor)

[518] Veja a Cosmogonia de Ferecides. (Nota de H. P. Blavatsky)

no caso do cristianismo eclesiástico. Este já é o delineamento dos dois "Supremos" - Deus e Satã. Mas nas Estâncias esta ideia não existe.

A maior parte dos cabalistas cristãos ocidentais - entre os quais se destaca Eliphas Levi - fizeram o possível, em seu desejo de reconciliar as Ciências Ocultas com os dogmas da igreja, para reduzir a ideia de "Luz Astral" apenas e predominantemente ao *Pleroma* dos primeiros Pais da Igreja, a morada das Hostes dos Anjos Caídos, dos "Arcontes" e dos "Poderes". Mas a Luz Astral, embora seja apenas o aspecto inferior do Absoluto, é no entanto dual. Ela é a *Anima Mundi* [519], e nunca deveria ser vista de outra forma, exceto para fins cabalísticos. A diferença que existe entre a sua "luz" e o seu "Fogo Vivo" deve estar sempre presente na consciência do Vidente e do "Psíquico". O aspecto superior, sem o qual só podem ser produzidas criaturas materiais a partir daquela Luz Astral, é este Fogo Vivo, e é o Sétimo Princípio. Em "Ísis sem Véu", em uma descrição completa dele, afirma-se:

"A luz astral, ou *anima mundi*, é dual e bissexual. A sua parte masculina (ideal) é puramente divina e espiritual: é a *Sabedoria*, é Espírito ou Purusha; ao passo que a porção feminina (o spiritus dos nazarenos) é maculada, em certo sentido, pela matéria, *é*, de fato, matéria, e, portanto, é maligna. É o princípio de vida de toda criatura viva, e fornece a alma astral, o *perispírito* fluídico, aos homens, aos animais, aos pássaros no ar e a tudo que vive. Os animais têm apenas o germe latente da alma imortal superior. …. Este germe desenvolver-se-á somente através de uma série de inumeráveis evoluções, cuja doutrina está contida no axioma cabalístico: 'Uma pedra se torna uma planta; a planta, um animal; o animal, um ser humano; o ser humano, um espírito; e o espírito, um deus'." [520] ("Ísis", Ed. Pensamento, volume II, p. 44, nota 19. [521])

Os sete princípios dos Iniciados Orientais não haviam sido explicados quando a obra "Ísis" foi escrita, e só eram ensinadas as três *Faces Cabalísticas* da Cabala semiexotérica.[522] Mas estas contêm a descrição das naturezas místicas do primeiro grupo de Dhyan Chohans no *regimen ignis*, a região e a "vigência (ou governo) do fogo", grupo que é dividido em três tipos, sintetizados pelo primeiro deles, o que forma o *quatro* ou o "Tetraktis". (*Veja os Comentários à Estância VII, neste volume I.*) Se alguém estudar os Comentários atentamente, verá a mesma progressão nas naturezas angélicas, isto é, desde o *passivo* até o *ativo*; e os últimos destes Seres estão tão próximos do elemento *Ahamkara* (a região ou plano em que a *Egoidade* ou sentimento de *eu-sou-eu* começa a ser definido) quanto os primeiros estão próximos

---

[519] "Anima Mundi" - literalmente, "Alma do Mundo". (Nota do Tradutor)

[520] A frase se refere às mônadas ou "essência monádica". Ver, páginas acima, o texto "Fatos e Explicações Adicionais Sobre os Globos e as Mônadas". (Nota do Tradutor)

[521] Nossa tradução deste trecho não é exatamente igual à da edição brasileira de "Ísis Sem Véu". A edição original em inglês está disponível nos websites associados: **"Isis Unveiled", volume I**, ver a Nota à p. 301. (Nota do Tradutor)

[522] Eles são encontrados, no entanto, no Livro dos Números caldeu. (Nota de H. P. Blavatsky)

da essência indiferenciada. Os primeiros são *Arupa*, incorpóreos; os últimos, *Rupa*, corpóreos.

No volume III de "Ísis" (Ed. Pensamento, p. 165 e seguintes) são amplamente considerados os sistemas filosóficos dos Gnósticos e dos primitivos Judeus Cristãos, os Nazarenos e os Ebionitas [523]. É mostrada a visão adotada naqueles tempos - fora do círculo dos judeus mosaicos - a respeito de Jeová. Ele era identificado por todos os Gnósticos com o mau princípio, mais do que com o bom princípio. Para eles, ele era o *Ilda-Baoth*, "o filho da Escuridão", cuja mãe, Sofia Achamoth, era a filha de Sofia, a Sabedoria Divina (aspecto feminino do Espírito Santo entre os primeiros cristãos) - *Akasha* [524], enquanto Sofia Achamoth personificava a Luz Astral inferior ou *Éter*. *Ilda-Baoth* [525], ou Jeová, é simplesmente um dos Elohim, os sete Espíritos criativos, e um dos Sefirotes inferiores. Ele produz de si mesmo sete outros Deuses, os "Espíritos Estelares" (ou ancestrais lunares [526]), porque eles são todos iguais.[527] Eles existem todos *segundo a própria imagem de Jeová* (os "Espíritos da Face"), e são reflexos uns dos outros, e se tornaram mais escuros e mais materiais à medida que se afastaram sucessivamente do seu originador. Eles também habitam sete regiões dispostas como uma escada, cujos degraus avançam para cima e para baixo na escala do espírito e da matéria.[528] Para pagãos e cristãos, para hindus e caldeus,

---

[523] Ebionitas: "movimento judeu-cristão dos primeiros séculos da nossa era, que professava a continuação, no cristianismo, das prescrições e práticas da lei israelita". (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, Ed. Positivo, quinta edição, 2010.) (Nota do Tradutor)

[524] A luz astral tem a mesma relação, com Akasha e *Anima Mundi*, que Satã tem com a Divindade. Eles são uma só e a mesma coisa *encarada desde dois pontos de vista*; o espiritual e o psíquico - o super-etéreo ou elo de conexão entre a matéria e o espírito puro, e o físico. Veja por exemplo a diferença entre *nous*, a sabedoria divina mais elevada, e *psiquê*, o conhecimento inferior e terrestre. (Epístola de Tiago, Novo Testamento, iii, versículos 15-17.) Veja "Demon est Deus Inversus", na seção ou **§** número XI da parte II do volume I da presente obra. (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** *Página 411, na edição original em inglês*.]

[525] Ilda-Baoth é um nome composto de *Ilda*, ילד , "uma criança", e Baoth; ambos derivam de בדוצ , ovo, e בהוה *Baoth* , "caos", vacuidade, vazio ou desolação; ou a criança nascida no ovo do Caos, como Brahmâ. (Nota de H. P. Blavatsky)

[526] Na Cabala, a conexão de Jeová com a Lua é bem conhecida entre os estudantes. (Nota de H. P. Blavatsky)

[527] Sobre os Nazarenos, veja "Ísis Sem Véu", pp. 122-124 do volume III, Ed. Pensamento, ou pp. 131-132, volume II, da edição em inglês; os verdadeiros seguidores do Cristo autêntico eram todos nazarenos e cristãos, e se opunham às ideias dos cristãos de épocas posteriores. (Nota de H. P. Blavatsky)

[528] Veja mais acima o Diagrama II, "A Lua e a Terra", com a cadeia lunar de sete mundos, na qual, assim como na nossa cadeia ou em qualquer outra, os mundos superiores são espirituais, enquanto os inferiores, sejam a Lua, a Terra ou qualquer planeta, ficam escuros devido à matéria. (Nota de H. P. Blavatsky)

assim como para gregos e católicos romanos - com uma pequena variação dos textos nas suas interpretações - todos eles eram os Gênios dos sete planetas, e das sete esferas planetárias da nossa cadeia setenária, da qual a Terra é a mais inferior. (Veja "Ísis", Ed. Pensamento, vol. III, p. 167; ou volume II, p. 186, na edição em inglês.) Isso conecta os Espíritos "Estelares" e "Lunares" com os Anjos planetários mais elevados e com os *Saptarishis* (os sete Rishis das Estrelas) dos hindus - na condição de Anjos (Mensageiros) subordinados destes "Rishis", destas emanações, na escala descendente dos Anjos. Estes, na opinião dos filosóficos gnósticos, eram o Deus e os Arcanjos agora adorados pelos cristãos! Os "Anjos Caídos" e a lenda da "Guerra nos Céus" são deste modo puramente pagãos em sua origem e vêm da Índia através da Pérsia e da Caldeia. A única referência a isso no cânone cristão está em Apocalipse XII, tal como foi citado acima.[529]

Assim, "SATÃ", uma vez que ele deixa de ser olhado desde o ponto de vista supersticioso, dogmático e antifilosófico das igrejas, assume a imagem grandiosa de um ser que fez do homem *terrestre* um HOMEM *divino*; que deu a ele, através do longo ciclo do Maha-kalpa a lei do Espírito da Vida, e tornou-o livre do Pecado da Ignorância, e portanto da morte. (Leia sobre Satã na parte II do volume II. [530])

ESTÂNCIA VI - Continuação.

6.As rodas mais antigas giraram para baixo e para cima (*a*) **…….. As ovas da Mãe enchiam o todo** (*o Cosmos*) [531]**. Batalhas eram travadas entre os Criadores e os Destruidores, e batalhas eram travadas por causa do Espaço; a semente aparecia e reaparecia continuamente** (*b*) [532]**.**

(*a*) Agora - tendo colocado de lado por algum tempo os assuntos colaterais, que, embora possam quebrar o fluxo da narrativa, são necessários para a elucidação do

---

[529] Veja, por exemplo, o comentário **(*b*)** ao Sloka 4, da Estância III. (Nota do Tradutor)

[530] O mito de Satã, assim como o processo da queda espiritual da humanidade - que ocorre em diversos ciclos evolutivos - é abordado nas Estâncias X, XI e XII do volume II, e também na Parte II daquele volume. Sobre a simbologia do mito de Satã, veja também o artigo de Eliphas Levi, com comentários de um Raja Iogue dos Himalaias, incluído na parte II de "**Apêndice I de LBS**", em "**Cartas dos Mahatmas**", volume II, pp. 378 a 380. (Nota do Tradutor)

[531] Devemos lembrar ao leitor que *Cosmos* com frequência significa em nossas Estâncias apenas o nosso próprio Sistema Solar, e não o Universo Infinito. (Nota de H. P. Blavatsky)

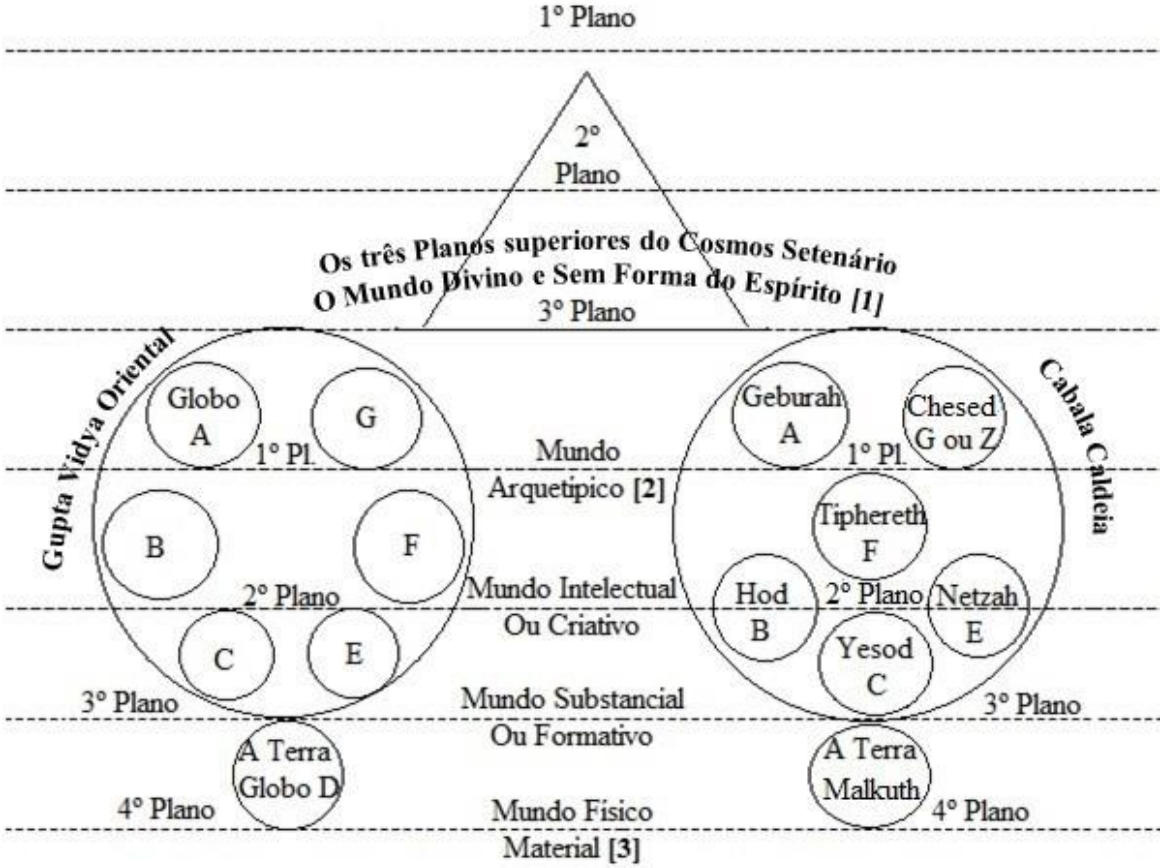
[532] Isso é puramente astronômico. (Nota de H. P. Blavatsky)

esquema inteiro - o leitor deve voltar outra vez à Cosmogonia. A expressão “rodas mais antigas” se refere aos mundos ou Globos da nossa cadeia tal como eles eram durante as “Rondas prévias”. A presente Estância, quando explicada esotericamente, é reconhecida como fazendo parte inteiramente das obras Cabalistas. Nelas será encontrada a própria história da evolução destes incontáveis Globos que se desenvolvem depois de um Pralaya periódico, reconstruídos a partir de material velho e assumindo novas formas. Os Globos prévios se desintegram e reaparecem transformados e aperfeiçoados para uma nova fase de vida. Na Cabala, os mundos são comparados a fagulhas que voam surgindo sob o martelo do grande Arquiteto - a LEI, a lei que rege todos os Criadores menores.

O próximo diagrama comparativo mostra a identidade entre os dois sistemas, o Cabalístico e o Oriental. Os três elementos mais acima são os três planos superiores de consciência, revelados e explicados nas duas escolas apenas para os Iniciados. Os elementos mais abaixo representam os quatro planos inferiores, sendo que o mais baixo de todos é o nosso plano, o Universo visível.

Estes sete *planos* correspondem aos sete *estados* de consciência do homem. Cabe a ele ajustar em si mesmo os três estados superiores aos três planos mais elevados do Cosmo. Mas, antes que ele possa tentar esta sintonia, ele precisa acordar os três “lugares” para a vida e para a atividade. E quantos são capazes de chegar pelo menos a uma compreensão superficial de *Atma-Vidya* (Conhecimento-do-Espírito), ou o que é chamado pelos sufis de *Rohanee*! O leitor encontrará uma explicação ainda mais clara do tema acima no Comentário sobre *Saptaparna*, o homem-planta, na Estância VII, sloka 3, deste volume I. Veja também a seção “Os Mistérios da Hebdômada”, no volume II (p. 590 da edição original em inglês).

Diagrama III



NOTAS:

[1] O mundo Arupa ou "sem forma", onde a forma deixa de existir, no plano objetivo.

[2] A palavra "arquetipico" não deve ser entendida aqui no sentido que os platônicos atribuiam a ela, isto é, o mundo tal como ele existia *na mente* da Divindade; mas no sentido de um mundo feito como um primeiro modelo, a ser seguido e melhorado pelos mundos que o sucedem fisicamente - embora perdendo em pureza.

[3] Estes são os quatro planos inferiores da Consciência Cósmica, dos quais os três planos situados acima são inacessíveis ao intelecto humano no seu estágio atual de desenvolvimento. Os sete estados da consciência humana dizem respeito a outra questão bastante diferente.

(*b*) "A semente aparecia e desaparecia continuamente". Aqui "semente" significa "o germe do Mundo", visto pela ciência como partículas materiais em uma condição altamente atenuada, mas visto em Física Oculta como "partículas Espirituais", isto é, matéria suprassensorial [533] que existe num estado de diferenciação primordial.[534] Em

[533] Suprassensorial: tão sutil que não pode ser detectado pelos sentidos humanos. (Nota do Tradutor)

teogonia, cada Semente é um organismo etéreo do qual surge mais tarde um ser celestial, um Deus.

No "começo", aquilo que é chamado na linguagem mística de "*Desejo* Cósmico" transforma-se em absoluta Luz. A luz sem qualquer sombra seria luz absoluta - em outras palavras, absoluta escuridão - tal como a ciência física tenta comprovar. Aquela sombra aparece sob a forma de matéria primordial, representada simbolicamente, de certo modo, como Espírito do Fogo ou Calor Criativo. Se, rejeitando a expressão poética e simbólica, a ciência decidir ver nisso a neblina ígnea [535] primordial, não há problema algum. De uma maneira ou de outra, seja Fohat ou a famosa FORÇA da ciência, sem nome, que é tão difícil de definir como o nosso próprio termo *Fohat*, aquele Algo "fez com que o Universo se movesse de modo circular", como diz Platão; ou, conforme o ensinamento Oculto expressa o fato:

"*O Sol Central faz com que Fohat colete poeira primordial na forma de bolas, para impeli-las a mover-se em linhas convergentes e finalmente a aproximarem-se umas das outras e se agregarem." (Livro de Dzyan) . . . . . "Estando espalhados no Espaço, sem ordem ou sistema, os germes-do-mundo entram frequentemente em colisão até a sua agregação final, e depois disso se tornam errantes (Cometas). Então começam as batalhas e as lutas. Os (corpos) mais velhos atraem os mais jovens, enquanto que outros os repelem. Muitos perecem, devorados pelos seus companheiros mais fortes. Aqueles que escapam se tornam mundos.*" [536]

Foi assegurado a nós que existem várias obras modernas de fantasia especulativa sobre tais lutas pela vida no céu sideral, especialmente na língua alemã. Ficamos

---

[534] Para ver e apreciar a diferença - a distância imensa que separa a matéria terrestre dos graus mais finos de matéria suprassensorial - todo astrônomo, todo químico e todo *físico* deveria ser pelo menos um *psicômetra*; deveria ser capaz de perceber por si mesmo aquela diferença na qual agora ele se recusa a acreditar. A sra. Elizabeth Denton, uma das mulheres mais cultas, e também uma das mais materialistas e céticas da sua época - esposa do professor Denton, o conhecido geólogo norte-americano e autor de "The Soul of Things" ("A Alma das Coisas") - estava, no entanto, alguns anos atrás, entre os mais maravilhosos psicômetras. Esta é a descrição que ela fez em um dos seus experimentos; com uma partícula de um meteorito colocada na sua testa, em um envelope, a senhora disse, sem saber o que o envelope continha:

"Que diferença entre aquilo que reconhecemos como matéria aqui e o que parece ser matéria lá! Em um caso, os *elementos são tão grosseiros e tão angulares* que me surpreende que possamos suportá-los, e mais ainda que possamos desejar continuar as nossas relações atuais com a matéria; no outro caso, os elementos são tão refinados, são tão livres daquelas angularidades grandes e grosseiras que caracterizam os elementos aqui, que só posso vê-los como dotados de uma existência muito mais real que estes." (Volume III, pp. 345-346.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[535] No original, "fire-mist". (Nota do Tradutor)

[536] Quando a ideia é analisada cuidadosamente e é objeto de reflexão, se vê que ela é tão científica quanto a própria abordagem da ciência, mesmo em nossa época tardia. (Nota de H. P. Blavatsky)

contentes por saber disso, porque o nosso ensinamento é oculto e se perde na noite das eras arcaicas. Tratamos o tema amplamente em "Ísis Sem Véu". A ideia darwiniana da evolução, da luta pela vida e pela supremacia e da "sobrevivência dos mais aptos", tanto entre as hostes acima como entre as hostes abaixo, está presente ao longo da nossa obra anterior, escrita em 1876. (*Veja no Index em "Isis Unveiled", procurando pelas palavras "Evolution", "Darwin", "Kapila", "Battle of Life", etc., etc.*) Mas a ideia não é nossa, e pertence à antiguidade. Até os autores dos Puranas entrelaçaram criativamente alegorias com fatos cósmicos e acontecimentos humanos. Qualquer simbologista pode perceber a alusão astro-cósmica, embora seja incapaz de compreender todo o seu significado. As grandes "Guerras no Céu", nos Puranas; as guerras dos Titãs, em Hesíodo e outros autores clássicos; as "lutas" também entre Osíris e Tífon na lenda egípcia, e mesmo as lutas presentes nas lendas escandinavas, todas se referem ao mesmo tema. A mitologia nórdica fala da batalha das Chamas, dos filhos de Muspel, que lutaram no campo de Wigred. Todos estes relatos se referem ao Céu e à Terra, e possuem um significado duplo e com frequência até um significado triplo. A sua aplicação esotérica é válida para as coisas acima tanto quanto para as coisas abaixo. Eles se relacionam de vários modos com lutas astronômicas, teogônicas e humanas; ao ajustamento de esferas e à supremacia entre nações e tribos. A "Luta pela Existência" e a "Sobrevivência dos mais Aptos" reinaram supremas desde o momento em que o Cosmos manifestou a sua existência, e dificilmente poderiam deixar de ser observadas pelos Sábios antigos. Este é o motivo das incessantes lutas de Indra, o deus do firmamento, contra os Asuras - deuses elevados que se haviam degradado e transformado em demônios Cósmicos; e contra Vritri ou Ah-hi; as batalhas travadas entre estrelas e constelações, entre a Lua e os planetas - que mais tarde encarnaram como reis e mortais. Assim também há a Guerra no Céu de Miguel e sua Hoste contra o Dragão (Júpiter e Lúcifer-Vênus), quando um terço das estrelas da hoste rebelde foi lançado para baixo no Espaço, e "o seu lugar não foi mais encontrado no Céu". Conforme foi dito há muito, "esta é pedra básica e fundamental dos ciclos secretos. Mostra que os brâmanes e os Tanains [537] ……. especularam sobre a criação e o desenvolvimento do mundo de uma maneira bastante darwiniana, antecipando tanto Darwin quanto sua escola em relação a seleção natural de espécies, sobrevivência dos mais aptos, e transformação …… Houve mundos velhos que pereceram vencidos pelos novos", etc., etc. (***"Isis Unveiled", Vol. II**, p. 260.*) [538] É tão antiga quanto os Rishis a afirmação de que todos os mundos (estrelas, planetas, etc.), assim que um núcleo de substância primordial no estado *laya* (indiferenciado) é informado [539] pelos princípios liberados de um corpo sideral que *pereceu* recentemente se tornam, primeiro, cometas, e depois Sóis, para esfriar e tornarem-se planetas habitáveis.

---

[537] Tanains - sábios rabínicos. (Nota do Tradutor)

[538] Na edição brasileira de "Ísis Sem Véu" (Ed. Pensamento) o leitor encontrará as mesmas ideias com outra tradução na metade superior da página 232, volume III. (Nota do Tradutor)

[539] "Informado" - isto é, *formado internamente*, ao acolher os princípios de um corpo sideral que *pereceu*. (Nota do Tradutor)

Assim, os Livros Secretos ensinam claramente, como vemos, uma astronomia que não seria rejeitada nem mesmo pela especulação moderna, caso esta última pudesse entender completamente os seus ensinamentos.

Porque a astronomia arcaica e as ciências físicas e matemáticas antigas expressavam visões idênticas às da ciência moderna, e em muitos casos suas visões tinham um alcance muito maior. São claramente ensinadas uma "luta pela vida" e uma "sobrevivência dos mais aptos" nos mundos acima, assim como em nosso planeta aqui embaixo. Este ensinamento, no entanto, embora seja verdade que não seria "totalmente rejeitado" pela ciência, seguramente seria repudiado como um todo integrado. Porque ele afirma que há somente sete "deuses" primordiais nascidos por si mesmos e emanados do UM trinitário. Em outras palavras, isso significa que todos os mundos ou corpos siderais (sempre de acordo com uma estrita analogia) são formados um a partir do outro, depois que a manifestação primordial é realizada no começo da "Grande Era". O nascimento dos corpos celestes no Espaço é comparado a uma massa ou multidão de "peregrinos" no festival dos "Fogos". Sete ascetas aparecem no limiar do templo com sete varetas de incenso acesas. Nestas luzes a primeira fila de peregrinos acende as suas varetas de incenso. Depois disso cada asceta começa a fazer girar a sua vareta no espaço, ao redor da sua cabeça, e transmite o fogo aos demais. Isso se refere aos corpos celestes. Um centro-laya é acendido e despertado para a vida pelas chamas de outro "peregrino", e depois disso o novo "centro" se lança no espaço e se torna um cometa. Só depois de perder a sua velocidade, e de perder, portanto, a sua cauda de fogo, é que o "Dragão Ígneo" se estabelece e passa a ter uma vida calma, estável, como um cidadão normal e respeitável da família sideral. Por isso afirma-se o seguinte:

Nascido nas profundezas insondáveis do Espaço a partir do Elemento homogêneo chamado Alma-do-Mundo [540], cada núcleo de matéria Cósmica que passa subitamente a existir começa a vida sob circunstâncias extremamente hostis. Através de uma série de eras incontáveis, ele precisa conquistar para si mesmo um lugar nas infinidades. Ele gira repetidamente em torno de corpos mais densos e já fixos, movimentando-se por deslocamentos súbitos e de curta duração, e avançando para algum ponto ou centro que o atrai, tentando evitar, como um navio atraído para um canal cheio de recifes e rochas submersas, outros corpos que por sua vez o atraem ou repelem; muitos perecem e a sua massa se desintegra através de massas mais fortes, e, quando nascidos dentro de um sistema, principalmente dentro dos estômagos insaciáveis de vários Sóis. (*Veja o Comentário à Estância IV.*) Aqueles que se movimentam mais lentamente e são levados a um curso elíptico estão condenados à eliminação mais cedo ou mais tarde. Outros, movimentando-se em curvas parabólicas, geralmente escapam à destruição devido à sua velocidade.

Alguns leitores muito críticos talvez imaginem que este ensinamento, assim como o ensinamento sobre o estágio de cometa por que passam todos os corpos celestes, está em contradição com a afirmação feita há pouco de que a Lua é a mãe da Terra. Eles vão imaginar talvez que é necessária intuição para harmonizar as duas ideias. Na

[540] "Alma-do-Mundo" - Ideação Cósmica, MAHAT ou Inteligência. (Nota do Tradutor)

verdade nenhuma intuição é necessária. O que sabe a ciência sobre os Cometas, a sua origem, seu crescimento, e seu comportamento em última instância? Nada, absolutamente nada! E o que há de tão impossível no fato de que um centro laya - um pedaço de protoplasma cósmico, homogêneo e latente, quando subitamente incendiado ou animado - se lança desde o seu lugar no Espaço e gira em torno de profundidades abissais para fortalecer o seu organismo homogêneo com uma acumulação e um acréscimo de elementos diferenciados? E por que motivo um tal cometa não poderia estabelecer-se na vida, viver e tornar-se um planeta habitado?

"As moradias de Fohat são muitas", afirma-se. "Ele coloca os seus quatro Filhos ígneos (eletropositivos) nos 'Quatro círculos' ". Estes *Círculos* são o Equador, a Eclíptica [541], e os dois paralelos de declinação, ou os trópicos. As Quatro Entidades místicas são colocadas para presidir os *climas* dos Círculos. E então, novamente: "Outros sete (filhos) são encarregados de presidir os sete *lokas* quentes e os sete *lokas* frios (os infernos dos brâmanes ortodoxos) nas duas extremidades do Ovo da Matéria (nossa Terra e os seus polos)." Os sete *lokas* são também chamados de "Anéis" em outras situações, e de "Círculos". Os antigos diziam que os círculos polares eram *sete* ao invés de dois, como pensam os europeus. A respeito do Monte Meru, que é o polo Norte, afirma-se que há sete passos de ouro, e sete passos de prata, que levam a ele.

A estranha afirmação feita em uma das Estâncias - "Os cânticos de Fohat e seus Filhos eram tão *radiantes* quanto o Sol do meio-dia e a Lua combinados", assim como a afirmação de que os quatro Filhos no quádruplo Círculo *do meio* "*enxergaram* as canções do pai deles e *escutaram* a sua radiância solar-selênica", é explicada no Comentário com as seguintes palavras:

"A agitação das Forças *Foháticas* nas duas extremidades frias (polos Norte e Sul) da Terra, que resultavam em uma radiância multicolorida à noite, tem várias das propriedades do Akasha (Éter), inclusive *cor* e som." …….. "O som é o elemento característico do Akasha (Éter): ele gera ar, cuja propriedade é o Toque, e que (por fricção) produz Cor e Luz." ……. (Vishnu Purana.) [542]

Talvez as palavras acima sejam vistas como um absurdo arcaico, mas serão melhor compreendidas se o leitor lembrar da Aurora Boreal e Austral [543], que ocorrem,

---

[541] Eclíptica - plano da órbita da Terra ao redor do Sol. (Nota do Tradutor)

[542] Sobre a equivalência, e de certo modo a identidade entre cores e sons, veja em nossos websites associados o poema "**Correspondência**", do poeta brasileiro Augusto de Lima. (Nota do Tradutor)

[543] Aurora boreal e aurora austral: "Luz difusa constituída de faixas e arcos brilhantes e coloridos que se observa quase exclusivamente em altas latitudes geográficas, e é produzida por corpúsculos emitidos pelo Sol, que agem sobre a atmosfera terrestre sob a influência do campo geomagnético." ("Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa", Ed. Positivo, quinta edição, 2010.) (Nota do Tradutor)

ambas, nos próprios centros das forças elétricas e magnéticas da Terra. Os dois polos são descritos como sendo os locais de concentração, os receptáculos e emissores, ao mesmo tempo, da Vitalidade (Eletricidade) cósmica e terrestre. O excesso desta vitalidade teria despedaçado a Terra há muito tempo se não fossem estas duas "válvulas de escape" naturais. Por outro lado, há agora uma teoria que ultimamente se tornou um axioma, a de que o fenômeno das luzes polares é acompanhado por fortes sons, e produz sons como assobios, sibilos e estalidos. (Mas veja as obras do professor Trumholdt sobre a Aurora Boreal, e a correspondência dele sobre esta questão polêmica.)

ESTÂNCIA VI - Continuação.

7.Faz os teus cálculos, ó Lanu, se queres saber qual é a idade correta da tua pequena roda (*cadeia*)**. O quarto raio dela é a nossa mãe** (*Terra*) (*a*)**. Chega até o quarto "fruto" do quarto caminho de conhecimento que leva ao Nirvana, e então tu irás compreender, porque tu verás** (*b*)**.**

(*a*) A "pequena roda" é a nossa cadeia de esferas, e o quarto raio é a nossa Terra, a quarta na Cadeia. É uma daquelas sobre as quais "a respiração quente (positiva) do Sol" tem um efeito direto. [544]

Calcular a sua idade, no entanto, conforme a Estância convida o discípulo a fazer, é bastante difícil, porque não nos são dados os números do Grande Kalpa, e não temos a permissão de publicar os números dos nossos pequenos Yugas, exceto quanto à duração aproximada deles. "As rodas mais velhas giraram durante uma Eternidade e meia", é dito. Sabemos que uma "Eternidade" significa a sétima parte de 311.040.000.000.000 anos, que formam uma idade de Brahmâ. O que dizer diante disso? Também sabemos que, para começar, se tomarmos como base os números indicados acima, temos em primeiro lugar que eliminar dos cem anos de Brahmâ (ou 311.040.000.000.000 anos) os dois *anos* gastos pelos Sandhyas (crepúsculos), com o que restam 98, porque temos que chegar à combinação mística de 14 x 7. Mas *nós* não sabemos exatamente em que momento começaram a evolução e a formação da nossa pequena Terra. Portanto, é impossível calcular a idade dela, a menos que seja dado o tempo do seu nascimento, o que os PROFESSORES se recusam a fazer por enquanto. No final deste volume e no volume II, no entanto, serão dadas algumas indicações cronológicas. Devemos lembrar, além disso, que a lei da Analogia é

[544] As sete etapas fundamentais dos globos ou esferas celestes, ou melhor, das partículas constituintes da sua matéria, são descritas da seguinte maneira: 1) A *homogênea*; 2) A *aeriforme* e *radiante* (gasosa); 3) *Semelhante a coalhos* (nebulosa); 4) *Atômica*, *Etérea* (começo do movimento, e portanto da diferenciação); 5) *Germinal*, *ígnea* (diferenciada, mas composta dos germes apenas dos Elementos, nos primeiros estágios deles, sendo que eles têm sete estados, quando completamente desenvolvidos na nossa Terra); 6) *Quádruplo*, *vaporoso* (a futura Terra); 7) *Frio e dependente* (do Sol para ter vida e luz). (Nota de H. P. Blavatsky)

válida para os mundos, assim como é válida para o homem, e que do mesmo modo que "O UM (a Divindade) se torna *Dois* (Deva ou Anjo), e *Dois* se torna *Três* (ou homem)", etc., etc., a nós é ensinado que os *Coalhos* (a substância do mundo) se tornam errantes (Cometas), estes se tornam estrelas, e as estrelas (os centros de vórtices) se tornam o *nosso sol e planetas* - para resumi-lo em poucas palavras. [545]

(*b*) Há quatro graus de iniciação mencionados em obras exotéricas, e eles são conhecidos respectivamente em sânscrito como "Sçrotapanna", "Sagardagan", "Anagamin", e "Arhan"; e os quatro caminhos para o Nirvana, nesta nossa quarta Ronda, recebem os mesmos nomes. O Arhan, embora possa ver o Passado, o Presente e o Futuro, ainda não é o Iniciado mais alto; porque o próprio Adepto, o candidato *iniciado*, se torna chela (discípulo) de um Iniciado mais alto. Três outros graus, mais altos, ainda têm de ser conquistados pelo Arhan que quiser alcançar o ápice da escada do Arhatado. Há aqueles que o alcançaram mesmo nesta nossa quinta raça, mas as faculdades necessárias para o atingimento destes graus mais elevados serão completamente desenvolvidas pelo asceta médio somente no final desta Raça-Raiz, e na Sexta e na Sétima. Assim, sempre haverá Iniciados e Profanos até o fim deste pequeno Manvântara, o atual *ciclo-de-vida*. Os *Arhats* da "neblina ígnea"[546] do sétimo degrau estão a apenas um estágio de distância da Base-Raiz da sua Hierarquia, o ponto mais alto na Terra, e na nossa cadeia terrestre. Esta "Base-Raiz" tem um nome que só pode ser traduzido aos idiomas ocidentais por várias palavras compostas: "a sempre-viva-Figueira-de-Bengala-humana". Este "Ser Maravilhoso" desceu de uma "região elevada", dizem eles, na primeira parte da Terceira Idade, antes da separação dos sexos na Terceira Raça.

Esta Terceira Raça é às vezes chamada coletivamente de "os Filhos da Ioga *Passiva*", porque foi produzida inconscientemente pela Segunda Raça, a qual, como era intelectualmente inativa, se supõe que tenha estado constantemente mergulhada em um tipo abstrato e completo de contemplação, tal como é requerido para alcançar o estado de Ioga. Na primeira parte ou período inicial da existência desta terceira raça, enquanto ela ainda estava no seu estado de pureza, os "Filhos da Sabedoria", que, como veremos, encarnaram nesta Terceira Raça, produziram por *Kriyashakti* uma descendência chamada de "Filhos de Ad" ou de "Filhos da Neblina Ígnea", "Filhos da Vontade e da Ioga", etc. Eles eram resultado de uma produção consciente, porque uma parte da raça já era conscientemente animada pela fagulha divina da inteligência espiritual e superior. Esses descendentes não eram uma Raça. Eram no começo um Ser maravilhoso, chamado de "o Iniciador", e depois dele um grupo de seres semidivinos e semi-humanos. "*Deixados à parte*" na *gênese* Arcaica em função de determinados fins, eles são aqueles em quem afirma-se que encarnaram os mais altos Dhyanis, "Munis e Rishis de manvântaras anteriores" -

---

[545] Isso não pode ser totalmente *não-científico*, já que Descartes também pensava que "os planetas giram em torno dos seus eixos porque um dia foram estrelas luminosas, centros de vórtices." (Nota de H. P. Blavatsky)

[546] "Fire-mist" no original em inglês. Também traduzível como "névoa de fogo". (Nota do Tradutor)

para formar o berçário dos futuros adeptos humanos, nesta Terra e durante o ciclo atual. Estes "Filhos da Vontade e da Ioga", nascidos, digamos assim, de modo imaculado, permaneceram, segundo a explicação dada, inteiramente à parte do resto da humanidade.

O "SER" referido acima e que deve permanecer sem nome é a *Árvore* da qual surgiram, em eras subsequentes, todos os grandes Sábios e Hierofantes *historicamente* conhecidos, como o Rishi Kapila, Hermes, Enoque, Orfeu, etc., etc. Como *homem* objetivo, ele é o Personagem misterioso (para o profano - o sempre invisível) e no entanto sempre presente, sobre o qual há muitas lendas no Oriente, especialmente entre Ocultistas e estudantes da Ciência Sagrada. É ele que muda de forma e no entanto permanece sempre o mesmo. E é ele também que mantém o controle espiritual sobre os Adeptos *iniciados* em todo o mundo. Ele é, como foi dito, o "Sem Nome", que tem tantos nomes, e, no entanto, seus nomes e sua natureza própria são desconhecidos. Ele é *o* "Iniciador", chamado de "GRANDE SACRIFÍCIO". Porque, instalado no limiar da LUZ, ele olha para ela desde o interior do círculo da Escuridão, que não atravessará; e tampouco abandonará o seu posto até o último dia deste ciclo-de-vida. Por que razão o Observador solitário permanece neste posto escolhido por ele mesmo? Por que motivo está perto da fonte da Sabedoria primitiva, da qual ele já não bebe, pois aprendeu tudo o que poderia aprender - seja nesta Terra, seja no Céu? É porque os peregrinos solitários e de pés feridos, em sua viagem de volta para a *casa* deles, nunca têm certeza de não perderem o rumo, até o último momento, neste deserto ilimitado de ilusão e matéria chamado Vida Terrestre. É porque ele quer mostrar o caminho até aquela região de liberdade e luz da qual ele próprio é um exilado voluntário, para cada prisioneiro que consiga libertar-se dos laços da carne e da ilusão. É porque, em resumo, ele tem se sacrificado pelo bem da humanidade, embora apenas alguns poucos Eleitos possam tirar proveito do GRANDE SACRIFÍCIO.

É sob a orientação direta e silenciosa deste MAHA - (grande) - GURU que todos os outros Professores e instrutores menos divinos da espécie humana se tornaram os guias da Humanidade inicial desde o primeiro despertar da consciência humana. É através destes "Filhos de Deus" que a humanidade infantil obteve suas primeiras noções de todas as artes e ciências, assim como do conhecimento espiritual; e foram eles que estabeleceram a primeira pedra fundamental daquelas civilizações antigas que causam tamanha perplexidade nas nossas gerações modernas de estudantes e eruditos.[547]

---

[547] Aqueles que duvidam desta afirmação estão convidados a explicar o mistério do conhecimento extraordinário possuído pelos antigos - de quem se alega que surgiram a partir de selvagens inferiores e semelhantes a animais, os *homens das cavernas* da era paleolítica - e a fazê-lo de qualquer outra forma igualmente razoável. Que eles examinem obras como as de Vitrúvio Polião [Vitruvius Pollio], da era de Augusto, sobre Arquitetura, por exemplo, nas quais todas as regras de proporção são as mesmas *ensinadas antigamente nas iniciações*, se quiserem conhecer a arte verdadeiramente divina, e compreender o *significado esotérico profundo que está oculto em cada regra e cada lei da proporção*. Nenhum homem descendente do morador paleolítico das cavernas poderia jamais criar uma tal ciência sem ser ajudado, nem mesmo em milênios de pensamento e de evolução

Embora estas questões sejam vagamente mencionadas em "*Isis Unveiled*", será correto relembrar ao leitor o que foi dito no volume I, pp. 587 a 593,[548] sobre uma certa Ilha Sagrada na Ásia Central, e sugerir que veja mais detalhes no capítulo intitulado "Os Filhos de Deus e a Ilha Sagrada", do volume dois da presente obra. No entanto, mais algumas explicações, ainda que lançadas de forma fragmentária, podem ajudar o estudante a obter um vislumbre deste mistério.

Abordaremos em linguagem direta pelo menos um detalhe sobre estes misteriosos "Filhos de Deus". É deles, desses Brahmaputras, que os elevados Dwijas, os brâmanes iniciados de antigamente, diziam ser descendentes; enquanto os brâmanes modernos gostariam que as castas inferiores acreditassem de modo literal que eles saíram diretamente da boca de Brahmâ. Este é o ensinamento esotérico, que acrescenta ainda que embora estes descendentes (descendentes espirituais, é claro) dos "Filhos da Vontade e da Ioga" tenham ficado a seu tempo divididos em sexos

---

intelectual. Foram os alunos daqueles Rishis e Devas encarnados da terceira Raça Raiz que transmitiram o seu conhecimento de uma geração para a outra, até o Egito e a Grécia, com o seu agora perdido *cânone das proporções*; assim como foram os Discípulos e Iniciados da Quarta, os Atlantes, que transmitiram o conhecimento para os seus *Ciclopes*, os "Filhos dos Ciclos", ou do "Infinito", de quem o nome passou para as gerações ainda mais tardias dos sacerdotes gnósticos. "É devido à perfeição divina daquelas proporções arquitetônicas que os antigos puderam construir aquelas maravilhas de todas as eras subsequentes, os seus Santuários, suas Pirâmides, seus Templos-Cavernas, seus Cromeleques, seus Montes de Pedras erigidos como marcos, seus Altares, provando que eles usavam máquinas e tinham um conhecimento de Mecânica diante do qual as habilidades modernas são como brincadeira de crianças, e que aquela *habilidade* é referida como 'trabalho de gigantes de cem mãos'." (*Veja "Book of God", de Kenealy.*) Os arquitetos modernos podem não ter negligenciado completamente aquelas regras, mas acrescentaram a elas suficientes inovações empíricas para destruir aquelas justas proporções. Foi Vitrúvio que deu à posteridade as regras de construção dos templos gregos dedicados aos deuses imortais; e os dez livros de Marco Vitrúvio Polião sobre Arquitetura, de alguém, em resumo, *que era um iniciado*, só podem ser estudados esotericamente. Os círculos Druídicos, os Dólmens, os Templos da Índia, do Egito e da Grécia, as Torres e as 127 cidades "de origem ciclópica" que foram encontradas na Europa pelo Instituto Francês, são todos produtos do trabalho de Sacerdotes-Arquitetos iniciados, descendentes daqueles que foram alunos inicialmente dos "Filhos de Deus", corretamente chamados de "Os Construtores". Isto é o que a posteridade, movida por um sentimento de gratidão, diz sobre aqueles descendentes: "Eles não usavam argamassa nem cimento, nem aço ou ferro para cortar as pedras; e no entanto as pedras eram trabalhadas com tamanha habilidade que em muitos lugares os encaixes não são vistos, embora muitas das pedras, como no Peru, tenham seis metros de espessura, e nos muros da fortaleza de Cuzco há pedras que são ainda maiores em tamanho." (*Acosta*, vi, 14.) "E também os muros de Assuã [*Syene*], construídos 5.400 anos atrás, quando aquele ponto estava exatamente sob o trópico, o que agora já não acontece, estavam situados de modo que ao meio-dia, no preciso momento do solstício solar, todo o disco do Sol era visto refletido na sua superfície, algo que a habilidade somada de todos os astrônomos da Europa não seria capaz de fazer." (Kenealy, "Book of God".) (Nota de H. P. Blavatsky)

[548] Veja o volume II, pp. 260-265 da edição brasileira da obra, "Ísis Sem Véu". (Nota do Tradutor)

opostos, como ocorreu mais tarde com os seus próprios progenitores "*Kriyashakti*", mesmo assim os seus descendentes degenerados preservaram até hoje uma veneração e um respeito pela função criativa, e ainda a veem como uma cerimônia religiosa, enquanto as nações mais civilizadas a consideram como uma função meramente animal. Cabe comparar as visões e a prática do Ocidente a este respeito com o Código do Manu sobre as leis do Grihasta [549] e a vida de casado. O verdadeiro brâmane é, portanto, realmente "aquele cujos sete ancestrais beberam o suco da planta lunar (Soma)", e aquele que é um "Trisuparna", porque compreendeu o segredo dos Vedas.

E até hoje estes brâmanes sabem que, durante o seu começo mais primitivo, o intelecto físico e psíquico estava adormecido e a consciência ainda não-desenvolvida, de modo que as concepções espirituais da raça eram bastante desconectadas dos seus ambientes físicos. Aquele homem *divino* habitava a sua forma animal, embora esta fosse externamente humana; e, embora houvesse instinto nele, nenhuma autoconsciência iluminava a escuridão do latente quinto princípio. Quando, movido pela lei da Evolução, os Senhores da Sabedoria transmitiram a ele a fagulha da consciência, o primeiro sentimento despertado para a vida e a atividade foi um sentido de solidariedade, de união com seus criadores espirituais. Assim como o primeiro sentimento da criança é para com a sua mãe e para quem cuida dela, também as primeiras aspirações da consciência que despertava no homem primitivo foram para aqueles cujos elementos ele sentia em si mesmo, e que no entanto estavam fora e eram independentes dele. A DEVOÇÃO surgiu deste sentimento e tornou-se o primeiro e principal motor em sua natureza: porque é o único sentimento natural em nosso coração, que é inerente a nós, e que encontramos igualmente no bebê humano e nos animais jovens. Esse sentimento de aspiração irreprimível e instintiva no homem primitivo é belamente descrito por Carlyle de uma maneira intuitiva, podemos dizer. "O grande coração antigo", afirma ele, "semelhante ao de uma criança em sua simplicidade, parecido com o de um homem na sua solene dedicação e na sua profundidade! O céu permanece acima dele onde quer que ele vá ou esteja na Terra; a Terra inteira é um templo místico para ele, todo esforço terrestre um tipo de adoração religiosa. Vislumbres de criaturas luminosas brilham na luz do Sol comum; os anjos flutuam, entregando mensagens de Deus entre os homens ….. A maravilha e o milagre envolvem o homem; ele vive num ambiente milagroso [550] ….. Uma grande lei do dever, elevada como estas duas infinidades (o céu e o inferno), diante da qual tudo o mais é pequeno, e que aniquila todas as outras coisas - essa era uma realidade, e é uma realidade; só a roupagem dela está morta: a sua essência vive por todos os tempos e em toda a eternidade!"

---

[549] *Grihasta*: do sânscrito, homem que tem um lar e uma família para cuidar. (Nota do Tradutor)

[550] Aquilo que era *natural* aos olhos do homem primitivo tornou-se agora *milagre* para nós; e aquilo que para ele era um milagre jamais poderia ser expressado em nossa linguagem. (Nota de H. P. Blavatsky)

Ela vive, inegavelmente, e se estabeleceu com toda sua força e seu poder invencíveis no coração asiático ário desde a Terceira Raça, diretamente através dos seus primeiros filhos "nascidos da mente" [551] - os frutos de *Kriyashakti*. À medida que passava o tempo, a casta sagrada de Iniciados produzia só raramente, e de tempos em tempos, criaturas tão perfeitas: seres à parte, internamente, embora externamente fossem iguais aos que os produziam.

Durante a infância da terceira raça primitiva -

"Um ser de um tipo mais elevado
Ainda fazia falta, e portanto foi planejado;
Com pensamento consciente, com peito mais forte,
Formado para dominar e preparado para governar o resto ….."

Foi chamado à existência um veículo pronto e perfeito para que encarnassem os habitantes das esferas superiores, e eles sem demora tomaram como suas moradas estas formas nascidas da VONTADE *espiritual* e do poder natural divino no homem. Era uma criança de Espírito puro, mentalmente sem qualquer presença de elemento terrestre. Só a sua estrutura física pertencia ao tempo e à vida, porque ele retirava sua inteligência diretamente de cima. Era a árvore viva da sabedoria divina; e pode ser comparada, portanto, à Árvore do Mundo das lendas nórdicas, que não pode secar e morrer até que a última batalha da vida tenha sido travada, enquanto as suas raízes são mordidas o tempo todo pelo dragão, Nidhogg; porque mesmo assim, o primeiro e sagrado Filho de Kriyashakti teve o seu corpo mordido pelos dentes do tempo, mas as raízes do seu ser interno permaneceram para sempre fortes e livres da decadência, porque cresciam e expandiam-se no céu, não na Terra. Ele foi o primeiro do PRIMEIRO, e foi a semente de todos os outros. Houve outros "Filhos de Kriyashakti", produzidos por um segundo esforço Espiritual, mas o primeiro permanece até hoje como a Semente do Conhecimento divino, o número Um e o Supremo entre os "Filhos da Sabedoria" terrestres. Sobre este assunto nada mais podemos dizer, exceto que em cada era - sim, até mesmo na nossa - tem havido grandes intelectos que entenderam corretamente a questão.

De que modo o nosso corpo físico chegou ao estado de perfeição em que está agora? Avançando por milhões de anos de evolução, naturalmente, mas nunca através ou a partir de animais - como ensina o materialismo. Porque, como diz Carlyle: "… A essência do nosso ser, o mistério em nós que chama a si mesmo de 'Eu' - que palavras teríamos para tais coisas? É um alento do Céu; o mais alto Ser se revela no homem. Este corpo, estas faculdades da consciência, esta vida nossa, não será isso tudo uma espécie de vestimenta PARA O QUE NÃO TEM NOME?"

[551] Nascidos da mente: "mind-born" no original em inglês. Neste ponto estamos à altura da metade superior da p. 211 da edição de 1888. (Nota do Tradutor)

O *alento* do céu, ou melhor, o alento da vida, chamado na Bíblia de *Nephesh* [552], está presente em cada animal e cada partícula animada, assim como em cada átomo mineral. Mas nenhum deles tem, como o homem, consciência da natureza daquele Ser mais elevado [553], porque nenhum possui em sua forma aquela divina harmonia que o homem tem. É, conforme diz Novalis, e ninguém desde então foi capaz de dizer melhor, e é repetido por Carlyle:

"Há apenas um templo no universo, e ele é o corpo do ser humano. Nada é mais sagrado do que aquela elevada forma …… Nós tocamos o céu quando colocamos nossa mão sobre um corpo humano!" "Isso pode soar como mero recurso de oratória", acrescenta Carlyle, "mas não é. Se refletirmos corretamente veremos que se trata de um fato científico; uma expressão ……. da real verdade da coisa. Nós somos o milagre dos milagres, o grande Mistério insondável."

ESTÂNCIA VII

(Volte para o Sumário)

Os Pais do Homem na Terra [554]

1.Observa o começo da vida sensível sem forma (*a*)**.**

Primeiro, o Divino (*veículo*) (*b*)**, o um que surge da Mãe-Espírito** (*Atma*)**; depois, o Espiritual** (*Atma-Buddhi, Espírito-Alma*) [555] (*c*)**;** (*outra vez*) **os três que surgem do um** (*d*)**, os quatro do um** (*e*)**, e os cinco** (*f*)**, dos quais surgem os três, os cinco e os sete** (*g*)**. Estes são o tríplice e o quádruplo voltados para baixo; os filhos "nascidos-da-mente" do primeiro Senhor** (*Avalokitesvara*)**; os sete brilhantes** (*os "Construtores"*)**.[556] São eles que são tu, eu, e ele, ó Lanu. Eles cuidam de ti e da tua Mãe, Bhumi** (*a Terra*)**.**

---

[552] *Nephesh* - sopro, hálito, respiração, fôlego, alento - veja por exemplo Gênesis, 2: 7. (Nota do Tradutor)

[553] Não há no mundo uma só nação em que o sentimento de devoção ou de misticismo religioso seja mais desenvolvido e destacado do que no povo hindu. Veja o que Max Müller diz em suas obras sobre esta idiossincrasia e característica nacional. É uma herança direta dos primitivos homens *conscientes* da Terceira Raça. (Nota de H. P. Blavatsky)

[554] O título da Estância é indicado no Sumário da edição original, embora omitido neste ponto do volume, p. 213 em inglês. Indicamos aqui o título, seguindo a edição de Boris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

[555] Isso se refere aos princípios Cósmicos. (Nota de H. P. Blavatsky)

[556] Os sete Rishis criativos agora ligados à Constelação da Ursa Maior. (Nota de H. P. Blavatsky)

(*a*) A hierarquia de Poderes Criadores está dividida em sete (ou 4 e 3) Ordens esotéricas dentro das doze grandes Ordens, registradas nos dozes signos do Zodíaco; os sete da escala da manifestação estão conectados, além disso, com os Sete Planetas. Tudo isso está subdividido em inúmeros grupos de Seres divinos Espirituais, semi-Espirituais, e etéreos.

As Principais destas Hierarquias são sugeridas no grande Quaternário, ou os "quatro corpos e as três faculdades" de Brahmâ, exotericamente, e o Panchasyam, os cinco Brahmâs, ou os cinco Dhyani-Buddhas, no sistema budista.

O grupo mais elevado é composto das chamadas Chamas divinas, também descritas como "Leões de Fogo" e como "Leões da Vida", cujo esoterismo está oculto de modo seguro no signo zodiacal de Leão. É o *nucléolo* do Mundo superior divino (veja o *Comentário* nas primeiras páginas dos Adendos [557]). São os Alentos de Fogo sem forma, idênticos, em um aspecto, à TRÍADE Sefirotal superior, que é colocada pelos Cabalistas no "Mundo Arquetípico".

A mesma hierarquia, com os mesmos números, é encontrada no sistema japonês, nos "Começos", tal como ensinado tanto pelo xintoísmo como pelas seitas budistas. Neste sistema a Antropogênese precede a Cosmogênese, porque o Divino se une ao humano e cria - na metade da sua descida para a matéria - o Universo visível. Os personagens lendários - assinala Omoie reverentemente - "têm que ser vistos como a corporificação estereotipada da doutrina mais elevada (secreta) e das suas verdades sublimes". Uma descrição completa ocuparia demasiado espaço, mas algumas palavras sobre este velho sistema podem ser úteis. Fazemos a seguir uma curta sinopse desta Antropo-Cosmogênese, que mostra como as noções mais separadas ecoavam de modo muito semelhante o mesmo ensinamento Arcaico.

Quando tudo ainda era Caos (*Kon-ton*), três Seres espirituais apareceram no palco da futura criação: (1) *Ame no ani naka nushi no Kami*, "Monarca Divino do Céu Central"; (2) *Taka mi onosubi no Kami*, "Descendentes divinos, excelsos e imperiais do Céu e da Terra", e (3) *Kamu mi musubi no Kami*, "Descendentes dos Deuses", simplesmente.

Estes eram sem forma ou substância (nossa tríade *arupa*), porque nem a substância celeste nem a substância terrestre tinham ainda se diferenciado, "nem se havia formado a essência das coisas".

No Zohar - que, tal como arranjado e reeditado agora no século 13 por Moisés de León, com ajuda de cristãos gnósticos sírios e caldeus, e corrigido e revisado ainda mais tarde por muitas mãos cristãs, é só um pouco menos exotérico que a própria Bíblia - este "Veículo" divino já não aparece do modo como está no "Livro Caldeu

[557] Os Adendos estão na Parte III deste volume I. (Nota do Tradutor)

dos Números". É verdade que Ain-Soph, o ABSOLUTO INFINITO NADA, usa também a forma do UM, o "homem Celestial" manifestado (a PRIMEIRA CAUSA) como sua carruagem (*Mercabah*, em hebraico; *Vahan*, em sânscrito) ou veículo para descer até o mundo fenomênico e manifestar-se nele. Mas os cabalistas não deixam claro como o ABSOLUTO pode usar alguma coisa, ou exercitar algum atributo, seja qual for, já que, sendo Absoluto, é isento de atributos. Eles tampouco explicam que na realidade ele é a Primeira Causa (o *Logos* de Platão), a IDEIA original e eterna, que se manifesta através de Adão Cadmon, o *segundo* Logos, digamos assim. O "Livro dos Números" explica que EN (ou *Ain*, Aiôr) é o único autoexistente, enquanto que a sua "Profundidade" (*Bythos* ou *Buthon* entre os gnósticos, chamado de *Propator*) é apenas periódico. Este último é Brahmâ como diferenciado de Brahma e Parabrahm. É a Profundidade, a Fonte da Luz, ou Propator, que corresponde ao Logos *imanifestado* ou *Ideia* abstrata, e não Ain-Soph, *cujo raio* usa Adão Cadmon ou o Logos *manifestado* (o Universo objetivo) "macho e fêmea" - como uma carruagem através da qual se manifesta. Mas no Zohar lemos a seguinte incongruência: "*Senior occultatus est et absconditus*; *Microprosopus manifestus est, et non manifestus.*" (Rosenroth; *Liber Mysterii*, IV, I.) Esta é uma falácia, já que *Microprósopo* ou o *microcosm*o só pode existir durante as suas manifestações, e é destruído durante os Maha-Pralayas. A Cabala de Rosenroth não é um guia, mas muito frequentemente um quebra-cabeça.

(*b*) Assim como no sistema japonês, no sistema egípcio e em todas as cosmogonias antigas é nesta CHAMA divina, o "Um", que são acesos os três grupos descendentes. Tendo a sua existência potencial no grupo mais elevado, eles agora se tornam Entidades distintas e separadas. São chamados de "Virgens da Vida", "Grande Ilusão", etc., etc., e coletivamente a "Estrela de Seis Pontas". Esta última é o símbolo em quase todas as religiões do *Logos* como primeira emanação. É o símbolo de Vishnu na Índia (o *Chacra*, ou a roda) e o glifo do Tetragrammaton, "Aquele que tem as quatro letras", ou, metaforicamente, "os membros do Microprósopo" na Cabala, que são dez e seis, respectivamente. Os Cabalistas mais recentes, no entanto, especialmente os místicos cristãos, fizeram uma triste confusão com este símbolo magnífico.[558] Porque os "*dez* membros" do Homem Celestial são os dez sefirotes; mas o primeiro Homem Celestial é o Espírito imanifestado do Universo e nunca deveria ser degradado à condição de Microprósopo, o rosto ou a face menor, o protótipo do homem no plano terrestre. [559] Isso, no entanto, será visto mais tarde. A Estrela de seis pontas se refere às seis Forças ou Poderes da Natureza, os seis planos, princípios, etc., etc., todos sintetizados pelo sétimo, o ponto Central da Estrela.

---

[558] De fato, o Microprósopo - que, filosoficamente falando, é muito diferente do Logos eterno imanifestado "um com o Pai" - finalmente chegou a ser considerado, depois de séculos de esforços incessantes com base em sofismas e paradoxos, como sendo um com Jeová, ou o ÚNICO Deus vivo (!), quando na verdade Jeová não é melhor que Binah, um sefirote feminino. É da maior importância que o leitor tenha este fato presente. (Nota de H. P. Blavatsky)

[559] O Microprósopo é, como dito acima, o Logos manifestado, e como ele há muitos. (Nota de H. P. Blavatsky)

Todos eles, incluindo as hierarquias superiores e inferiores, emanam da "Virgem Celeste ou Celestial" [560], a grande mãe em todas as religiões, o Andrógino, o Sefira-Adão-Cadmon. Em sua *Unidade*, a luz primordial é o sétimo princípio, o mais alto, *Daivi-prakriti*, a luz do Logos imanifestado. Mas nessa diferenciação ela se torna *Fohat*, ou os "Sete Filhos". O imanifestado é simbolizado pelo ponto Central no duplo triângulo; *Fohat*, pelo próprio hexágono, ou os "seis membros" do Microprósopo, cujo sétimo membro é Malkuth, a "Noiva" dos Cabalistas Cristãos, nossa Terra. Por isso as expressões:

"O primeiro depois do 'Um' é o Fogo divino; o segundo, o Fogo e o Éter; o terceiro é composto de Fogo, Éter e Água; o quarto, de Fogo, Éter, Água e Ar." [561] *O Um não diz respeito a globos que carregam humanidades, mas às esferas internas invisíveis. "Os 'Primogênitos' são a VIDA, o coração e o pulsar do Universo; os Segundos são a sua MENTE ou Consciência",* [562]

segundo é afirmado no Comentário.

(*c*) A segunda Ordem de Seres Celestiais, os de Fogo e Éter (correspondendo ao Espírito e Alma, ou Atma-Buddhi), cujos nomes são incontáveis, são ainda sem forma, mas mais definidamente "substanciais". Eles são a primeira diferenciação na Evolução Secundária ou "Criação" Secundária - uma palavra enganosa. Como o nome mostra, eles são os protótipos dos Jivas ou Mônadas encarnantes, e são compostos pelo Espírito Ígneo da Vida. É através deles que passa, como um puro raio de luz solar, o raio fornecido por eles, com o seu futuro veículo, a Alma Divina, Buddhi. Estas têm uma relação direta com as Hostes do mundo superior do *nosso* sistema. Destas *Unidades* duplas emanam as *tríplices*.

Na cosmogonia do Japão, quando aparece a partir da massa caótica um núcleo semelhante a um ovo tendo dentro de si o germe e a potência de toda a vida universal e também terrestre, ele é o "tríplice" mencionado pouco acima, que se

---

[560] Sefira é a Coroa, KETHER, no princípio abstrato apenas, como um ***x*** matemático (a quantidade desconhecida). No plano da natureza diferenciada ela é a contraparte feminina de Adão Cadmon - o primeiro Andrógino. A Cabala ensina que a expressão "*Fiat Lux*" (Gênesis, cap. I) se refere à formação e evolução dos sefirotes, e não à luz como algo oposto à escuridão. O rabino Simeon diz: "Ó, companheiros, companheiros, o homem como uma emanação era tanto homem como mulher, Adão Cadmon, realmente, e este é o sentido das palavras 'Que haja Luz, e a Luz se fez.' E este era o homem duplo." (*Auszüge aus dem Zohar*, pp. *13-15*.) (Nota de H. P. Blavatsky)

[561] Veja a próxima nota de pé de página. Estes elementos de Fogo, Ar, etc., não são os nossos elementos compostos. (Nota de H. P. Blavatsky)

[562] Esta "Consciência" não tem relação com a nossa consciência. A consciência do "Um manifestado", embora não seja absoluta, é ainda incondicionada. Mahat (a Mente Universal) é a primeira produção de Brahmâ-Criador, mas também de Pradhana (matéria indiferenciada). (Nota de H. P. Blavatsky)

diferencia. O princípio "masculino etéreo" (*Yo*) sobe e o princípio feminino ou mais grosseiro (*In*) é precipitado no Universo da substância, quando ocorre uma separação entre o celestial e o terrestre. Disso nasce o feminino, a mãe, o primeiro ser rudimentarmente objetivo. Ele é etéreo, sem forma ou sexo, e no entanto é dele e da mãe que os Sete Espíritos Divinos nascem, é dele que emanarão *as sete criações*, assim como no Codex Nazareus os sete espíritos *inclinados ao mal* (ao material) nascem de Karabtanos e do *Espírito* Mãe. Seria demasiado longo indicar aqui os nomes japoneses, mas uma vez traduzidos eles ficam nesta ordem:

(1) O "Celibatário Invisível", que é o logos criativo do "pai" não-criador, ou a potencialidade criativa deste último, tornada manifesta.

(2) "O Espírito (ou o Deus) das profundidades sem raio" (do Caos); que se torna matéria diferenciada ou substância-do-mundo; e também reino mineral.

(3) "O Espírito do Reino Vegetal", da "Vegetação Abundante".

(4) Este é de natureza dual, e é ao mesmo tempo "O Espírito da Terra" e "o Espírito das Areias". O primeiro contém a potencialidade do elemento masculino, e o segundo a potencialidade do elemento feminino. Os dois formam uma natureza combinada.

Estes dois eram UM, e não tinham consciência de serem dois.

Nesta dualidade estavam contidos: (*a*) o Ser masculino, escuro e muscular; *Isu no gai no Kami*; e (*b*) *Eku gai no Kami*, o Ser feminino, belo e mais fraco, ou mais delicado. Em seguida, os -

(5 e 6) Espíritos que eram Andróginos ou sexualmente duais, e, finalmente:

(7) O *Sétimo* Espírito, o último emanado da "mãe", aparece como a primeira forma humana divina nitidamente masculina e feminina. Foi a sétima criação, como nos Puranas, segundo os quais o homem é a sétima criação de Brahmâ.

Estes *Tsanagi-Tsanami* desceram até o Universo pela Ponte celestial (a via láctea) e "*Tsanagi*, percebendo muito abaixo uma massa caótica de nuvem e água, atirou às profundezas a sua lança adornada com joias, e a terra seca apareceu." Então os dois se separaram para explorar *Onokoro*, o mundo-ilha recém-criado; etc., etc. (*Omoie*).

Estas são as fábulas japonesas exotéricas, a casca que esconde a essência da mesma verdade única da Doutrina Secreta. Voltemos às explicações esotéricas em todas as cosmogonias:

(*d*) A *Terceira* ordem corresponde a *Atma-Buddhi-Manas*: Espírito, Alma e Intelecto, e é chamada de "Tríade".

(*e*) A *Quarta* é feita de Entidades substanciais. Este é o grupo mais elevado entre os *Rupas* (Formas Atômicas[563]). É o berçário das almas humanas, conscientes, espirituais. Elas são chamadas de "Jivas Imperecíveis", e constituem, através da ordem inferior à sua, o primeiro grupo da primeira hoste setenária [564] - o grande mistério do Ser humano consciente e intelectual. Esta hoste forma o campo onde está oculto *em sua privação* o germe *que cairá no processo de geração*. O germe se transformará na potência espiritual presente na célula física que guia o desenvolvimento do embrião, e que é a causa da transmissão hereditária de faculdades e de todas as qualidades inerentes ao homem. No entanto, a teoria darwiniana da transmissão das faculdades adquiridas não é nem ensinada nem aceita em Ocultismo. A evolução, para o Ocultismo, avança por linhas muito diferentes. O físico, de acordo com o ensinamento esotérico, se desenvolve gradualmente a partir

[563] Vale a pena registrar que, embora rejeite como uma superstição do Ocultismo, e também da religião, a ideia de seres substanciais e invisíveis, chamados de anjos, elementais, etc. - e sem sequer ter examinado, é claro, a abordagem filosófica destas entidades incorpóreas, ou pensado sobre elas - a química moderna, graças a observações e descobertas, deveria ter sido inconscientemente forçada a adotar e reconhecer a mesma proporção de progresso e ordem na evolução dos átomos químicos que o Ocultismo reconhece, tanto para os seus Dhyanis como para seus Átomos, sendo que a lei da analogia é a sua primeira lei. Conforme foi visto acima, o primeiro grupo de Anjos Rupa é quaternário, e um elemento é acrescentado a cada um à medida que a ordem desce. O mesmo ocorre com os átomos, na fraseologia da Química: monoatômico, diatômico, e tetratômico, e avançando para baixo. Devemos lembrar que o Fogo, a Água e o Ar, ou os chamados "Elementos da criação primária", não são os Elementos compostos que eles são na Terra, mas Elementos numenais homogêneos, os Espíritos dos elementos. Depois seguem-se os grupos, ou hostes, setenários. Colocados em linhas paralelas em um diagrama com átomos, seria constatado que as Naturezas destes Seres correspondem na sua escala descendente de progressão aos elementos compostos de um modo matematicamente idêntico, por analogia. Isso se refere, naturalmente apenas a diagramas feitos por Ocultistas, porque se a escala dos Seres Angélicos fosse colocada em uma linha paralela com a escala dos átomos químicos da ciência - desde o hipotético Hélio até o Urânio - elas iriam naturalmente diferir. Porque, como correspondentes no plano astral, eles têm apenas as quatro ordens inferiores -; os três princípios superiores do átomo, ou mais precisamente da molécula ou do elemento químico, só são perceptíveis para o olhar do iniciado Dangma. Mas, se a Química desejasse estar no caminho correto, teria que corrigir os seus arranjos tabulares de acordo com os dos Ocultistas - o que talvez ela se recuse a fazer. Em filosofia esotérica, cada partícula física corresponde a, e depende do, seu *númeno* mais elevado, o Ser a cuja essência ela pertence; e assim em cima como embaixo, o Espiritual surge do Divino, o psicomental surge do Espiritual - contaminado no seu plano inferior pelo astral. Toda a Natureza animada e (aparentemente) inanimada evolui em linhas paralelas e tira os seus atributos de cima assim como de baixo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[564] O número sete não implica apenas sete Entidades, mas sete grupos ou Hostes, conforme foi explicado acima. O grupo mais elevado, os Asuras nascidos no primeiro corpo de Brahmâ - que transformou-se em "Noite" - são setenários, isto é, estão divididos assim como os Pitris em sete tipos, três dos quais são arupa (sem corpo) e quatro com corpos. (Veja o *Vishnu Purana*, Livro I.) Eles são na realidade mais verdadeiramente os nossos *Pitris* (ancestrais) do que os Pitris que projetaram os primeiros homens físicos. (Veja o Volume II.) (Nota de H.P. Blavatsky)

do espiritual para o mental e o psíquico. Esta alma interna da célula física, este "plasma espiritual" que domina o plasma germinal, é a chave que deve abrir um dia os portões da *terra desconhecida* do biólogo, agora visto como o mistério obscuro da embriologia. (*Veja o texto e a nota a seguir*.)

(*f*) O quinto grupo é bastante misterioso, porque está conectado com o Pentágono Microcósmico, a estrela de cinco pontas que representa o homem. Na Índia e no Egito estes Dhyanis estavam conectados com o Crocodilo, e a sua casa era em Capricórnio. Estes são termos conversíveis na astrologia indiana, já que este (décimo) signo do zodíaco é chamado de *Makara*, traduzido em termos gerais como "crocodilo". A palavra em si é interpretada desde o ponto de vista oculto de vários modos, como veremos mais adiante. O símbolo do homem é o pentagrama ou estrela de cinco pontas, cujas pontas representam os membros de um ser humano - e no Egito o homem morto era descrito emblematicamente como transformado num crocodilo: Sebakh ou Sevekh, ou "sétimo", como diz o sr. Gerald Massey, que o mostra como tendo sido o símbolo da inteligência, e constituindo um dragão na realidade, não um crocodilo. Ele é o "Dragão da Sabedoria", ou Manas, a "Alma Humana", a Mente, o princípio Inteligente, chamado de "Quinto" princípio em nossa filosofia esotérica.

Diz o morto "Osirificado" no capítulo LXXXVIII do "Livro dos Mortos", ou *Ritual*, sob o glifo de um deus com a forma de múmia e uma cabeça de crocodilo:

(1) "Eu sou o deus (crocodilo) que preside o medo …….. na chegada da sua Alma entre os homens. Eu sou o deus-crocodilo trazido para a destruição" (referência à destruição da pureza divina espiritual, que acontece quando o homem adquire o conhecimento do bem e do mal, e que ocorre também para os deuses ou anjos "caídos" de todas as teogonias).

(2) "Eu sou o peixe do grande Hórus (assim como *Makara* é o 'crocodilo', o veículo de Varuna). Eu estou unido a Sekhem."

Esta última frase corrobora e repete a doutrina do budismo esotérico, porque se refere diretamente ao quinto princípio (Manas), ou mais precisamente à parte mais espiritual da sua essência, que se funde com - é absorvida por, e se unifica com - Atma-Buddhi depois da morte do homem. Porque Sekhem é a residência ou *loka* do deus Khem (Hórus-Osíris, ou Pai e Filho), e é portanto o "Devachan" de Atma-Buddhi. O Ritual dos Mortos mostra o desencarnado entrando em Sekhem com Hórus-Thoth e "saindo dali como um espírito puro" (lxiv, 29). Assim o morto diz (v. 130): "Eu vejo as formas de (mim mesmo, como vários) homens transformando-se eternamente …. Eu conheço esse (capítulo). Aquele que sabe isso ….. assume todas as formas das coisas vivas." …….

E no verso 35, abordando em fórmula mágica aquilo que é chamado, no esoterismo egípcio, de "coração ancestral", ou o princípio reencarnante, o EGO permanente, o morto diz:

"Oh, meu coração, meu coração ancestral necessário para minhas transformações, …… não te separes de mim antes do guardião da Balança. Tu és a minha personalidade dentro do meu peito, o divino companheiro *vigiando as minhas peles* (corpos) ……".

É em Sekhem que está oculta "a Face Misteriosa", ou o verdadeiro ser humano escondido sob a falsa personalidade, o tríplice crocodilo do Egito, o símbolo da Trindade superior ou Tríade humana, *Atma*, *Buddhi* e *Manas*.[565] Em todos os papiros antigos o crocodilo é chamado de *Sevekh* (Sétimo), enquanto a água é o quinto princípio, esotericamente; e, como já foi dito, o sr. Gerald Massey mostra que o crocodilo era "a Sétima Alma, o supremo entre os sete - o Vidente invisível". Mesmo exotericamente Sekhem é a residência do deus Khem, e Khem é Hórus vingando a morte do seu pai Osíris, e portanto punindo os pecados do homem quando ele se torna uma Alma desencarnada. Assim, o morto "Osirificado" se tornou o deus Khem, que "faz uma colheita no campo de *Aanroo*", isto é, ele colhe a sua recompensa ou sua punição, porque aquele campo é a localidade celeste (Devachan) em que o morto recebe *trigo*, o alimento da justiça divina. O quinto grupo dos Seres celestiais contém em si mesmo supostamente os atributos duais tanto dos aspectos espirituais como dos aspectos físicos do Universo; os dois polos, digamos assim, de Mahat, a Inteligência Universal -, e a natureza dual, espiritual e física, do homem. Por isso o seu número, Cinco, multiplicado e transformado em dez, o conecta com *Makara*, o décimo signo do zodíaco.

(*g*) O sexto e sétimo grupos fazem parte das qualidades inferiores do Quaternário. São Entidades conscientes, etéreas, tão invisíveis quanto o éter, e surgem como ramos de uma árvore do primeiro grupo central dos quatro, e provocam por sua vez o surgimento de inúmeros grupos laterais, dos quais os mais inferiores são os Espíritos da Natureza, ou Elementais de incontáveis espécies e variedades, desde os que não têm forma nem substância - os PENSAMENTOS ideais dos seus criadores - até os organismos Atômicos, que, no entanto, são invisíveis para a percepção humana. Estes últimos são considerados como os "Espíritos dos Átomos", porque estão a um passo de distância (de volta) do Átomo físico - e são criaturas sensíveis, se não inteligentes. Eles todos estão sujeitos ao Carma, e precisam trabalhar este carma através de cada ciclo. Porque, segundo ensina a doutrina, não há no universo seres privilegiados como os anjos da religião ocidental, e judaica, seja em nossos sistemas ou em quaisquer outros, nos mundos externos ou internos.[566] Um Dhyan

[565] Uma das explicações do significado real embora oculto deste glifo religioso egípcio é fácil. O crocodilo é o primeiro a esperar e a encontrar-se com as chamas devoradoras do sol da manhã, e em pouco tempo ele passou a personificar o calor do sol. Quando o sol se erguia, era como a chegada na Terra e entre os homens "da alma divina que forma os Deuses". Disso decorre o estranho simbolismo. A múmia tinha uma cabeça de crocodilo para mostrar que era uma alma chegando da Terra. (Nota de H. P. Blavatsky)

[566] Um mundo chamado de "superior" não é mais elevado por causa da sua localização, mas porque é superior em qualidade, ou essência. No entanto, este tipo de mundo é geralmente visto pelo profano como "Céu" e localizado acima das nossas cabeças. (Nota de H. P. Blavatsky)

Chohan precisa *tornar-se* Dhyan Chohan; ele não pode nascer ou aparecer subitamente no plano da vida como um anjo pronto. A Hierarquia Celeste do atual Manvântara será transferida no próximo ciclo de vida para mundos mais altos, superiores, e abrirá espaço para uma nova hierarquia, composta pelos Eleitos da nossa humanidade. A existência é um ciclo sem fim dentro da eternidade única e absoluta, no qual movem-se incontáveis ciclos internos, finitos e condicionados. Os deuses, se fossem criados como tal, não teriam mérito pessoal para serem deuses. Esta espécie de seres, perfeitos somente devido à natureza especial e imaculada inerente a eles, quando são comparados à humanidade que sofre e luta - e mesmo à criação inferior - seriam então um símbolo de uma eterna injustiça bastante satânica, um crime sempre presente. Isso é uma anomalia e uma impossibilidade na Natureza. Portanto o "Quatro" e o "Três" têm que encarnar como têm todos os outros seres. Este sexto grupo, além disso permanece sendo quase inseparável do homem, que tira dele quase todos os seus princípios mais elevados e mais inferiores, ou seu espírito e corpo, sendo que os cinco princípios médios do ser humano correspondem à própria essência daqueles Dhyanis.[567] Sozinho, o Raio Divino (o Atma) procede diretamente do Um. Talvez se pergunte: "Como pode ser isso? Como é possível conceber que esses 'deuses', ou anjos, sejam ao mesmo tempo as suas próprias emanações e os seus eus pessoais? É no mesmo sentido o que ocorre no plano material, em que o filho é (de certo modo) o seu pai, já que é o seu sangue, é o osso do seu osso e a carne da sua carne?" A isso os instrutores respondem: "É isso mesmo, de fato." Mas é preciso estudar profundamente o mistério do SER, antes que seja possível compreender completamente esta verdade.

ESTÂNCIA VII - Continuação.

2.O raio uno multiplica os raios menores. A vida precede a forma, e a vida sobrevive ao último átomo (*da forma, Sthula-sharira, o corpo externo*)**. Através dos inúmeros raios, o raio da vida, o um, assim como o fio por muitas contas** (*pérolas*) (*a*)**.**

(*a*) Este sloka expressa a concepção - puramente vedântica, como já foi explicado em outro trecho - de um fio de vida, *Sutratma*, que atravessa sucessivas gerações. Como pode ser então explicado isso? Cabe usar uma imagem, uma ilustração familiar, embora necessariamente imperfeita, como devem ser todas as nossas analogias disponíveis. Antes de usá-la, no entanto, eu perguntaria se parece algo *antinatural*, ou mesmo "sobrenatural", a qualquer um de nós, pensar naquele processo conhecido como crescimento e desenvolvimento de um feto, pelo qual ele se transforma em um saudável bebê pesando alguns quilos, e tendo evoluído a partir do quê? A partir da segmentação de um óvulo e um espermatozoide infinitesimalmente pequenos; e depois vemos aquele bebê transformar-se em um

[567] Paracelso os chama de *Flagae*; os cristãos, de "Anjos da Guarda"; o Ocultista, de "os Ancestrais, os Pitris"; eles são os Dhyan Chohans *sêxtuplos*, porque têm os seis Elementos espirituais na composição dos seus corpos. Na verdade, são homens, apenas sem o corpo físico. (Nota de H. P. Blavatsky)

homem de um metro e oitenta de altura! Isso se refere à expansão atômica e física daquilo que é microcosmicamente pequeno e a sua transformação em algo muito grande, indo desde o que é invisível a olho nu para o visível e objetivo. A ciência tem todas estas informações; e ouso dizer que as teorias embriológicas, biológicas e fisiológicas da ciência são bastante corretas até agora em relação à observação exata do material. No entanto, as duas principais dificuldades da ciência da embriologia - isto é, saber quais são as forças que trabalham na formação do feto, e a *causa* da "transmissão hereditária" da semelhança, física, moral e mental - nunca foram respondidas de modo adequado; nem serão jamais resolvidas até o dia em que os cientistas aceitarem as teorias Ocultas.[568] Mas se este fenômeno físico não causa assombro a ninguém, exceto os embriologistas, que motivo há para considerar que o nosso crescimento intelectual e interno, a evolução desde o humano-espiritual até o Divino-Espiritual, é, ou parece, mais impossível que o outro crescimento? Vejamos agora a imagem simbólica.

---

[568] Os materialistas e evolucionistas da escola darwiniana cometeriam um erro se aceitassem as novas teorias do professor Weismann, o autor de "*Studien zur Descendez-Theorie*" [***Subnota do Tradutor****: neste título de livro seguimos a edição de Boris de Zirkoff*], sobre um dos dois mistérios da Embriologia especificados acima, que ele parece ter resolvido, segundo ele próprio pensa. Porque, quando estiver resolvido, a ciência terá ingressado no domínio do que é verdadeiramente oculto, e saído para sempre do reino da transformação tal como Darwin ensina. Os dois são irreconciliáveis, desde o ponto de vista do materialismo. O ponto de vista dos Ocultistas resolve todos estes mistérios. Aqueles que ainda não estão familiarizados com a nova descoberta do professor Weismann - que foi um dia um fervoroso darwinista - devem apressar-se a superar tal dificuldade. Passando por cima das cabeças de Hipócrates e Aristóteles, da Grécia, e chegando aos ensinamentos dos antigos Árias, o embriologista-filósofo alemão mostra uma célula infinitesimal, entre milhões de outras que trabalham na formação de um organismo, determinando sozinha e sem ajuda, através de constante segmentação e multiplicação, a imagem correta do futuro homem (ou animal) em suas características físicas, mentais e psíquicas. É esta célula que imprime no rosto e na forma do novo indivíduo as feições dos seus pais ou de algum ancestral mais distante; é esta célula também que transmite a ele as idiossincrasias intelectuais e mentais dos seus pais, e assim por diante. Este Plasma é a porção imortal dos nossos corpos - simplesmente através do processo de assimilações sucessivas. A teoria de Darwin, que vê a célula embriológica como uma essência ou extrato de todas as outras células, é deixada de lado: ela é incapaz de explicar a transmissão hereditária. Há apenas dois modos de explicar o mistério da hereditariedade; ou a substância da célula germinal tem a faculdade de atravessar todo o ciclo de transformações que leva à construção de um organismo separado e depois à reprodução de células germinais idênticas, ou *aquelas células germinais não têm a sua gênese de modo algum no corpo do indivíduo, mas surgem diretamente da célula germinal ancestral, passada de pai para filho através de numerosas gerações*. É esta última hipótese que Weismann aceitou e sobre a qual trabalhou; e é a esta célula que ele atribui a origem da parte imortal do homem. Até aqui, tudo bem; e quando esta teoria quase correta for aceita, como é que os biólogos explicarão o primeiro aparecimento desta célula eterna? A menos que o homem tenha "crescido" como uma "Topsy imortal" [***Subnota do Tradutor****: "Topsy" é uma personagem do livro "A Cabana do Pai Tomás", de Harriet Beecher Stowe, que disse pensar que havia surgido por si mesma e sem que um deus ou alguém a tivesse feito.*] e não tenha nascido, mas tenha caído das nuvens, como foi que aquela célula embriológica nasceu nele? (Nota de H. P. Blavatsky)

Complete o plasma físico, mencionado na última nota de pé de página - a "célula germinal" do homem com todas as suas potencialidades materiais - com o "plasma espiritual", digamos assim, o fluido que contém os cinco princípios inferiores do Dhyan que possui seis princípios - e você compreenderá o segredo, se for suficientemente espiritual para isso.

"Quando a semente do homem animal é lançada no solo da mulher animal, a semente não pode germinar a menos que tenha sido frutificada pelas cinco virtudes (o fluido ou emanação dos princípios) do homem sêxtuplo Celestial. Portanto o Microcosmo é representado como um Pentágono situado dentro da Estrela Hexagonal, o Macrocosmo." ("Ανθρωπος", uma obra sobre Embriologia Oculta, Livro I.) E depois: "As funções de *Jiva* nesta Terra são quíntuplas. No átomo mineral Jiva está conectado com os princípios inferiores dos Espíritos da Terra (os Dhyanis sêxtuplos); na partícula vegetal, com o segundo princípio deles, o *Prana* (a vida); no animal, com todos estes, mais o terceiro e o quarto; no homem, o germe deve receber os frutos de todos os cinco. De outro modo ele não nascerá num nível mais alto que o do animal"; isto é, nascerá como um deficiente mental congênito. Assim, no ser humano, só o Jiva é completo. Quanto ao seu sétimo princípio, ele é apenas um dos raios de luz do Sol Universal. Cada criatura racional recebe apenas o empréstimo temporário daquilo que deve voltar à sua fonte, enquanto o seu corpo físico é formado pelas vidas terrestres inferiores, através da evolução física, química, e fisiológica. "Os Abençoados nada têm a ver com as purgações da matéria." (Kabala, Chaldean Book of Numbers.)

O resultado é o seguinte: a humanidade, na sua primeira forma, vaga e prototípica, constitui os descendentes dos Elohim da Vida (ou Pitris); nos seus aspectos qualitativo e físico ela é a descendência direta dos "Ancestrais", os Dhyanis inferiores ou Espíritos da Terra; a humanidade deve a sua natureza moral, psíquica e espiritual a um grupo de Seres divinos cujo nome e cujas características serão dados no Volume II. Coletivamente, os homens são uma obra de hostes de vários espíritos; distributivamente [569], são os tabernáculos destas hostes; e ocasional e singularmente, constituem os veículos de alguns deles. Na nossa atual Quinta Raça, totalmente material, o Espírito terrestre da Quarta ainda está forte em nós; mas estamos nos aproximando do momento em que o pêndulo da evolução dirigirá a sua curva decididamente para cima, colocando a humanidade outra vez numa linha paralela com a primitiva terceira Raça-Raiz, no que diz respeito a espiritualidade. Durante a sua infância, a humanidade era inteiramente composta por aquela Hoste Angélica, dos Espíritos internos que animavam os tabernáculos de barro da Quarta Raça, monstruosos e gigantescos, construídos por (como ainda são agora) e compostos de miríades de vidas.[570] Esta frase será explicada mais adiante no presente Comentário.

---

[569] "Distributivamente" - carmicamente. (Nota do Tradutor)

[570] A ciência, percebendo palidamente a verdade, pode encontrar bactérias e outras vidas infinitesimais no corpo humano, e vê-las como apenas visitantes ocasionais e anormais, aos quais são atribuídas doenças. O Ocultismo - que vê uma vida em cada átomo e molécula, seja em um mineral ou em um corpo humano, assim como no ar, no fogo e na água - afirma que todo o nosso corpo é construído com base em tais vidas, sendo que as menores bactérias

Os "tabernáculos" fizeram progressos na textura e na simetria da forma, crescendo e desenvolvendo-se junto com o globo que os abrigava; mas o progresso físico ocorreu às custas do homem e da natureza internos, espirituais. Os três princípios intermediários, na Terra e no homem, se tornaram mais materiais a cada raça; a Alma foi ficando para trás, abrindo espaço para o intelecto físico; a essência dos elementos se transformava nos elementos materiais e compostos que agora se conhece.

O homem não é, nem poderia ser jamais, o produto completo do "Senhor Deus"; mas ele *é* filho dos *Elohim*, um termo arbitrariamente alterado para o gênero masculino e para o singular. Os primeiros Dhyanis, encarregados de "criar" o homem à sua imagem só podiam lançar de si as suas sombras, como delicados modelos sobre os quais os Espíritos da Natureza material podiam trabalhar. (Veja o volume II da presente obra.) Fisicamente o homem é formado, sem dúvida alguma, a partir do pó da Terra, mas os seus criadores e modeladores são muitos. Tampouco é possível dizer que o "Senhor Deus soprou em suas narinas a respiração da vida", a menos que este Deus seja identificado como a "VIDA UNA", Onipresente embora invisível, e a menos que a mesma operação seja atribuída a Deus em relação a todas as *Almas vivas*, ou *Nephesh*, Alma *vital*, não o espírito Divino ou *Ruach*, que assegura apenas ao homem um grau divino de imortalidade, que nenhum animal, como tal, poderia jamais alcançar neste ciclo de encarnação. Distinções inadequadas são feitas pelos judeus, e agora pelos nossos metafísicos ocidentais, os quais, desconhecendo, não compreendendo e portanto não aceitando uma divisão do homem em mais do que três - Espírito, Alma e Corpo - confundem a "respiração da vida" com o Espírito imortal.[571] Isso se aplica também diretamente aos teólogos

---

sob o microscópio possuem o tamanho relativo de um elefante, se comparadas com os infusórios mais minúsculos. (Nota de H.P. Blavatsky)

[571] O erudito e muito filosófico autor de "New Aspects of Life" gostaria de registrar na consciência do seu leitor que o *Nephesh Chaiah* (alma viva), segundo os hebreus, "surgiu da, ou foi produzido pela, infusão do Espírito ou Respiração da Vida no corpo do homem à medida que este se tornou mais rápido, e deslocou aquele Espírito e tomou o seu lugar no ser assim constituído, de modo que o Espírito chegou à Alma viva, saiu do campo de visão e desapareceu na Alma viva." O corpo humano, pensa ele, deveria ser visto como uma matriz na qual, e a partir da qual, a Alma (que ele parece colocar acima do espírito) se desenvolve. Considerada *funcionalmente* e desde o ponto de vista da atividade, a Alma permanece sem dúvida acima neste mundo finito e condicionado de Maya. A alma, diz ele, "é produzida em última instância a partir do corpo animado do homem". Assim o autor identifica "Espírito" (Atma) simplesmente com "a respiração da vida". Os Ocultistas Orientais rejeitam esta afirmativa, porque ela está baseada na ideia errada de que *Prana* e *Atma* ou *Jivatma* são a mesma coisa. O autor defende o argumento mostrando que segundo os antigos hebreus, gregos e mesmo latinos, as palavras *Ruach*, *Pneuma* e *Spiritus* - segundo os judeus, inegavelmente, e muito provavelmente também segundo os gregos e romanos - significavam Vento; a palavra grega *Anemos* (vento) e a palavra latina *Anima*, "Alma", têm uma relação que dá o que pensar.

Isso é bastante artificial e improvável. É difícil encontrar um campo de batalha legítimo para decidir esta questão, já que o sr. Pratt parece ser um metafísico prático e realista, uma espécie de cabalista-positivista, e os metafísicos orientais, especialmente os vedantinos, são todos Idealistas. Os Ocultistas são também da escola esotérica vedantina extrema, e chamam

protestantes, que, ao traduzir o verso 8 do capítulo três do Quarto Evangelho, distorceram inteiramente o significado. De fato o verso é apresentado como se dissesse "O *vento* sopra para onde ele quer", ao invés de "o *Espírito* vai para onde ele quer", tal como no original e também na tradução da Igreja Grega Oriental.

Deste modo a filosofia das relações psíquicas, espirituais e mentais, e das funções físicas do homem, está em uma confusão quase inextricável. Nem a psicologia ária antiga, nem a egípcia são agora propriamente compreendidas. Tampouco elas podem ser assimiladas sem que se aceite a divisão setenária, ou, pelo menos, a divisão vedantina em cinco partes dos princípios humanos internos. Na falta disso, será para sempre impossível compreender as relações metafísicas e puramente psíquicas, e mesmo fisiológicas, entre os Dhyan-Chohans, ou Anjos, em um plano, e a humanidade, em outro plano. Nenhuma obra esotérica oriental (Ária) foi até agora publicada, mas possuímos os papiros egípcios que falam claramente dos sete princípios ou "Sete Almas do Homem". [572] O Livro dos Mortos dá uma lista completa das "transformações" pelas quais todo morto passa, enquanto se liberta, um após o outro, de todos os princípios - que são *materializados* para fins de clareza em entidades ou corpos etéreos. Devemos, além disso, lembrar a aqueles que tentam provar que os egípcios antigos não sabiam coisa alguma sobre reencarnação e não a ensinavam, que a "Alma" (o *Ego* ou *Ser*) do morto é descrita como vivendo na Eternidade: ela é imortal, "coetânea com o barco solar, e desaparece com ele", isto é, devido ao ciclo da necessidade. Esta "Alma" *emerge do Tiaou* (o reino *da causa da vida*), e se soma à vida na Terra *de dia*, retornando ao *Tiaou* todas as noites. Isso expressa as existências periódicas do Ego. (Livro dos Mortos, cxlviii.)[573]

A *sombra*, a forma astral, é aniquilada, "devorada pelos Ureus" [574] (cxlix, 51); o *Manes* será aniquilado; os dois Gêmeos (o quarto e o quinto princípios) serão desfeitos; mas o pássaro-da-Alma, "a Andorinha [575] divina - e os Ureus da Chama"

---

a Vida Una (Parabrahm) de Grande Respiração e de Redemoinho; mas eles desconectam inteiramente o sétimo princípio da matéria ou de qualquer relação ou conexão com ela. (Nota de H.P. Blavatsky)

[572] Veja na Parte II do Volume II da presente obra, "As Sete Almas dos Egiptólogos", as divisões feitas respectivamente pelos srs. Gerald Massey e Franz Lambert. (Nota de H.P. Blavatsky)

[573] Damos aqui o número do capítulo conforme a edição de Boris de Zirkoff da presente obra. A fonte, informa Zirkoff, é "Book of the Dead", Perrier, 1882. (Nota do Tradutor)

[574] Ureu é o adorno usado em forma de serpente ostentado nas coroas dos deuses e de faraós do Antigo Egito como um símbolo de soberania, de realeza, divindade e autoridade. Também adornava templos, para protegê-los. (Nota do Tradutor)

[575] No original, *Swallow*. A andorinha é uma ave da ordem dos passeriformes, família *Hirundinidae*. (Nota do Tradutor)

(Manas e Atma-Buddhi) viverão na eternidade, porque são os maridos das suas mães.[576]

Só o semelhante produz o semelhante. A Terra dá ao homem o seu corpo, os deuses (Dhyanis) os seus cinco princípios internos, a Sombra psíquica, da qual aqueles deuses são com frequência o princípio animador. O ESPÍRITO (Atma) é um - e indivisível. Não está no *Tiaou*.

O que é o *Tiaou*? A frequente alusão a ele no "Livro dos Mortos" contém um mistério. *Tiaou* é o caminho do Sol Noturno, o hemisfério inferior ou a região infernal dos egípcios, colocado por eles no *lado oculto da Lua*. O ser humano, de acordo com o esoterismo egípcio, surgiu da lua (um tríplice mistério, simultaneamente astronômico, fisiológico e psíquico); ele atravessou o ciclo inteiro da existência e então voltou ao seu lugar de nascimento antes de surgir dele outra vez. Assim o morto é descrito como chegando ao Ocidente, recebendo o seu julgamento diante de Osíris, passando pela ressurreição como o deus Hórus, e fazendo a volta pelos céus siderais, o que é uma assimilação alegórica com Ra, o Sol; depois, tendo cruzado o *Noot* (o abismo celestial), ele volta outra vez para Tiaou: uma assimilação com Osíris, que, como deus da vida e da reprodução, habita a lua. Plutarco (*Ísis e Osíris*, capítulo xliii) mostra os egípcios celebrando um festival chamado de "A Chegada de Osíris à Lua". No capítulo xli, é prometida vida após a morte; e a renovação da vida é colocada sob o patrocínio de Osíris-Lunus, porque a Lua era o símbolo das renovações da vida ou reencarnações, devido ao seu crescimento, sua redução, sua morte e reaparição a cada mês. No *Dankmoe* (iv, 5)[577], afirma-se: "Oh, Osíris-Lunus! Aquilo renova para ti a tua renovação." E Safekh diz a Seti I (*Abydos*, de Mariette, lâmina 51): "Tu te renovas como o deus Lunus quando bebê." O fato é ainda melhor explicado em um papiro do Louvre (P. Pierret, "Études Égyptologiques"): "Acasalamentos e concepções são numerosos quando ele (Osíris-Lunus) é visto no céu naquele dia." Diz Osíris: "Oh, raio único de luz radiante da Lua! Eu surjo das multidões circundantes (de estrelas) ……. Abre-me o Tiaou, para

[576] Esta é outra analogia sugestiva entre os esoterismos ário, ou bramânico, e egípcio. O esoterismo bramânico chama os Pitris de "ancestrais lunares" dos homens. Os egípcios viam o Deus-da-Lua, Taht-Esmun, como o primeiro ancestral da humanidade. Esse "deus-da-lua" "expressava os Sete poderes da Natureza que eram anteriores a ele próprio, e que se resumiam nele como suas sete almas, as quais ele manifestava, sendo ele o oitavo elemento (daí a oitava esfera). Os sete raios do Heptakis Caldeu, ou Iao, nas pedras gnósticas, indicavam o mesmo setenário de almas." …. "A primeira forma do SETE místico era vista como estando presente no céu, representada pelas sete grandes estrelas da Ursa Maior, a constelação atribuída pelos egípcios à Mãe do Tempo e das sete energias elementais". (Veja "As Sete Almas dos Egiptólogos", na Parte II do Volume II da presente obra.) Igualmente conhecida por todos os hindus, esta constelação representa na Índia os Sete Rishis, e como tal é chamada de *Riksha* e *Chitra-Sikhandinas*. (Nota de H. P. Blavatsky)

[577] Boris de Zirkoff corrige esta referência e indica: "K.R. Lepsius, '*Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien*', 1849-1858, Vol. IV, 59." (Nota do Tradutor)

Osíris N. Eu surgirei de dia para fazer o que tenho que fazer entre os vivos" ("Livro dos Mortos", capítulo ii [578]) - isto é, provocar concepções.

Osíris era "Deus manifesto na geração", porque os antigos conheciam muito melhor que os modernos as reais influências ocultas do corpo lunar sobre os mistérios da concepção.[579] Mais tarde, quando a Lua passou a estar ligada a deusas fêmeas [580] - com Diana, Ísis, Ártemis, Juno, etc., esta ligação resultou de um completo conhecimento da fisiologia e da natureza femininas, física tanto quanto psíquica. Mas, primariamente, o Sol e a Lua eram as únicas divindades psíquicas e fisiológicas visíveis e, de certo modo, *tangíveis* [pelos seus efeitos] - o Pai e o Filho; enquanto o Espaço e o ar em geral - ou aquela vastidão do Céu chamada pelos egípcios de Noot - eram o Espírito oculto ou a Respiração dos dois. Estes "Pai e Filho" eram intercambiáveis em suas funções e trabalhavam harmoniosamente, em conjunto, em seus efeitos sobre a natureza terrestre e a humanidade; por isso eram vistos como UM, embora fossem DOIS em suas entidades personificadas. Eram ambos machos, e ambos tinham o seu trabalho definido e também colaboravam na geração causadora da humanidade. Estes são os pontos de vista astronômico e cósmico, expressados em linguagem simbólica - e que se tornaram teológicos e dogmáticos em nossas raças mais recentes. Mas atrás desse véu de símbolos cósmicos e astrológicos estavam os mistérios Ocultos da Antropografia e da gênese primordial do homem. E nisso nenhum conhecimento de símbolos - e nem mesmo a chave para a linguagem simbólica *pós-diluviana* dos judeus - ajudará ou poderá ajudar, exceto em relação a aquilo que foi colocado para fins exotéricos em escrituras nacionais, cuja soma, por mais inteligentemente velada que seja, é apenas

---

[578] A propósito de "Livro dos Mortos", cabe lembrar que apenas o antigo Livro Egípcio dos Mortos tem legitimidade. O chamado "Livro Tibetano dos Mortos", ou "Bardo Thodol", é uma farsa. Veja a propósito, nos websites associados, os artigos "**A Teosofia e o Bardo Thodol**", de Carlos Cardoso Aveline, e "**O Livro Tibetano dos Mortos é Ningma**", de John Garrigues. (Nota do Tradutor)

[579] Nos sistemas mais antigos, sempre vemos a Lua como macho. Assim, Soma, para os hindus, é uma espécie de libertino sideral, um "Rei", e é o pai, embora ilegítimo, de Buddha-Sabedoria, que se relaciona com o Conhecimento Oculto, uma sabedoria reunida através de uma ampla familiarização com os mistérios lunares, inclusive os da geração sexual. (Veja o texto "O Santo dos Santos", "The Holy of Holies", na p. 459, volume II de "**The Secret Doctrine**".) (Nota de H. P. Blavatsky)

[580] Se ao invés de receber lições inúteis da Bíblia nas escolas de domingo, os exércitos dos pobres e dos esfarrapados aprendessem Astrologia - pelo menos no que diz respeito às propriedades ocultas da Lua e suas influências invisíveis sobre a reprodução humana, não haveria necessidade de temer o aumento da população nem de recorrer à questionável literatura dos malthusianos, para evitá-lo. Porque são a Lua e as suas conjunções que regulam a concepção humana, e todos os astrólogos sabem disso na Índia. Durante as raças anteriores e a raça atual, pelo menos no início da raça atual, aqueles que buscavam satisfação em relações maritais durante certas fases lunares, que tornaram as relações estéreis, eram vistos como feiticeiros e pecadores. Mas mesmo agora aqueles pecados de antigamente, baseados no conhecimento Oculto e no abuso do conhecimento Oculto, seriam preferíveis aos crimes de hoje, que são perpetrados devido à completa ignorância das influências ocultas mencionadas, e na descrença em relação a elas. (Nota de H. P. Blavatsky)

uma porção diminuta da verdadeira história primitiva de cada povo, com frequência relacionada, além disso - como no caso das escrituras hebraicas - apenas à vida humana e terrestre, não à vida divina, daquela nação. O elemento psíquico e espiritual pertencia ao MISTÉRIO e à INICIAÇÃO. Havia coisas jamais registradas em pergaminhos, mas registradas como na Ásia Central, em rochas e em criptas subterrâneas.

No entanto, houve um tempo em que "todo o mundo tinha uma voz e um conhecimento", e no qual o Homem sabia mais sobre a sua origem do que sabe hoje, e sabia que o Sol e a Lua, por maior que seja o papel desempenhado por eles na constituição, no crescimento e no desenvolvimento do corpo humano, não foram os agentes causativos diretos da sua aparição na Terra; estes agentes foram, na verdade, os Poderes vivos e inteligentes que os Ocultistas chamam de Dhyan-Chohans.

A respeito disso, um admirador muito erudito do Esoterismo Judaico nos assegura que "a Cabala diz expressamente que o termo *Elohim* é uma '*abstração geral*'; o que chamamos em matemática de 'coeficiente constante' ou 'função geral' que entra em toda construção, e não algo particular; pelo menos, de acordo com a razão geral de *1 para 31415*, os números (astro-Dhyânicos e) Elohísticos." A isto, o Ocultista oriental responde: "Exatamente; trata-se de uma abstração para os nossos sentidos físicos. Para nossas percepções espirituais, no entanto, e para a nossa visão espiritual interna, os Elohim ou Dhyanis não são mais abstratos do que a nossa alma e nosso espírito são para nós. Se você rejeitar um deles, estará rejeitando o outro, já que o que constitui a *Entidade sobrevivente em nós* é em parte uma emanação direta *daquelas Entidades celestiais*, e em parte constitui *aquelas Entidades em si mesmas*." Uma coisa é certa: os judeus estavam perfeitamente familiarizados com a feitiçaria e com várias forças maléficas; mas, com a exceção de alguns dos seus grandes profetas e videntes, como Daniel e Ezequiel (Enoch pertencia a uma raça muito distante e não fazia parte de qualquer nação mas de todas elas, tendo um caráter genérico), eles sabiam pouco sobre o verdadeiro Ocultismo divino, e não interagiam com ele porque o seu caráter nacional rejeitava qualquer coisa que não se relacionasse diretamente com benefícios para si, étnicos, tribais e individuais; basta observar os seus profetas e as maldições lançadas por eles contra "a raça obstinada". Mas mesmo a Cabala claramente mostra a relação direta entre os Sefirotes, ou Elohim, e os homens. [581]

Portanto, é só quando for demonstrado para nós que a identificação cabalística de Jeová com Binah, um sefirote feminino, possui ainda outro significado sub-oculto - é então, e só então, que o Ocultista estará disposto a afirmar que a Cabala é perfeita. Até lá, será afirmado que, como Jeová é - no sentido abstrato de "único Deus vivo"- um número apenas, uma invenção metafísica, e é uma realidade somente quando colocado no seu lugar adequado como uma emanação e um sefirote - e temos o direito de defender a tese de que o Zohar (como testemunhado pelo menos no LIVRO DOS NÚMEROS) ensinou originalmente, antes de ser desfigurado pelos

[581] Esta passagem crítica de HPB a respeito dos aspectos externos do judaísmo poderia ser facilmente mal-interpretada se fosse retirada do seu contexto por alguém que conhece pouco sobre teosofia. HPB reconhecia o imenso valor do judaísmo. Veja em nossos websites associados o artigo "**Blavatsky, Judaísmo e Nazismo**". (Nota do Tradutor)

cabalistas cristãos - e ainda ensina - a mesma doutrina que nós ensinamos. Isto é, o Zohar afirma que o Homem emana, não do HOMEM celestial, mas de um grupo Setenário de homens ou Anjos Celestiais, tal como em "Pymander, the Thought Divine". [582]

ESTÂNCIA VII - Continuação.

3.Quando o um se torna dois - aparece o "tríplice" (*a*)**. Os três são** (*estão ligados como*) **um; e este é o nosso fio, ó Lanu, o coração do homem-planta chamado Saptaparna** (*b*)**.**

(*a*) "Quando o UM se torna dois, aparece o tríplice": ou seja, quando o Um Eterno lança o seu reflexo na região da Manifestação, aquele reflexo, "o Raio", diferencia a "Água do Espaço", ou, nas palavras do "Livro dos Mortos" egípcio; "O Caos cessa através do brilho do Raio da luz Primordial, que dissipa a escuridão completa com ajuda do grande poder mágico da PALAVRA do Sol (Central)." O Caos se torna macho-fêmea e água, incubado através da Luz, e o "ser tríplice surge como seu Primogênito". "Osíris-Ptah (ou RA) cria os seus próprios membros (assim como Brahmâ) ao criar os deuses destinados a personificar as suas fases" durante o Ciclo (xvii, 4). O Ra egípcio, que sai do PROFUNDO, é a Alma Divina Universal em seu aspecto manifestado, e isso mesmo é Narayana, o Purusha, "*oculto no Akasha e presente no Éter*".

Essa é a explicação metafísica, e se refere ao momento do começo da Evolução, ou, como deveríamos dizer mais adequadamente, da Teogonia. O significado da Estância é ainda mais difícil de compreender quando explicada desde outro ponto de vista, na sua relação com o mistério do homem e da sua origem. Para chegar a uma compreensão do que significa a ideia de que "o um se torna dois" e depois é transformado no "tríplice", o estudante deve ficar totalmente familiarizado com o que nós chamamos de "Rondas". Se consultar "O Budismo Esotérico" - a primeira tentativa de esquematizar um esboço aproximado da Cosmogonia arcaica - ele verá que uma "Ronda" significa a evolução em série da natureza material nascente, dos sete globos da nossa cadeia [583] com os seus reinos mineral, vegetal e animal (com o

---

[582] Ou seja, "Pimander, o Pensamento Divino". (Nota do Tradutor)

[583] Vários críticos hostis estão ansiosos para provar que os sete princípios do homem e a constituição setenária da nossa cadeia não foram ensinados na nossa obra anterior, "Ísis Sem Véu". Embora naquele livro a doutrina só pudesse ser sugerida, há nele muitas passagens em que a constituição setenária tanto do homem como da cadeia é abertamente mencionada. Ao abordar os Elohim, na p. 420 do volume II [***Subnota do Tradutor****: veja a p. 67, volume III, na edição brasileira*], afirma-se: "Eles permanecem no sétimo céu (ou mundo espiritual) porque foram eles que, segundo os cabalistas, formaram sucessivamente os seis mundos materiais, que precederam o nosso, que, conforme dizem, é o *sétimo*." No diagrama que representa a "cadeia", nosso globo está, naturalmente, representando o último e o mais inferior; embora, como a evolução nestes globos é cíclica, ele seja o quarto na descida do arco material. E novamente, na página 367 do volume II [***Subnota do Tradutor****: veja a p. 22, volume IV, na edição brasileira*], afirma-se: "Nas noções egípcias, *como nas de todas as outras fés fundamentadas na filosofia*, o homem não era apenas …. uma união de alma e corpo; ele era uma trindade de que o espírito fazia parte. Além disso, aquela doutrina o

homem sendo incluído no reino animal e ficando no alto dele) durante toda a duração de um ciclo vital. Este último seria chamado pelos brâmanes de "um Dia de Brahmâ". Trata-se, para dizer em poucas palavras, de uma volta da "Roda" (nossa cadeia planetária), que é composta por sete globos (ou sete "Rodas" separadas, em outro sentido da expressão). Quando a evolução desceu até a matéria, desde o planeta A até o planeta G - ou Z, como os estudantes ocidentais o chamam -, aconteceu uma Ronda. No meio da quarta volta, que constitui a nossa "Ronda" atual: "A evolução atinge o auge do desenvolvimento físico, e coroa o seu trabalho com o homem físico perfeito, e, a partir deste ponto, começa o seu trabalho para o alto." E isso não precisa ser repetido, porque foi bem explicado em "O Budismo Esotérico". O tema que quase não foi abordado, e sobre o qual o pouco que foi dito desorientou a muitos, é a origem do homem, e é sobre isso que um pouco mais de luz deve ser lançado agora, pelo menos o suficiente para tornar esta Estância mais compreensível, já que o processo será explicado por completo apenas no seu lugar adequado, o volume II.

Cada "Ronda" (na escala descendente) é apenas uma repetição de uma forma um pouco mais concreta da Ronda que a antecedeu, assim como cada globo - até a nossa quarta esfera (a Terra atual) - é uma cópia mais grosseira e mais material da esfera mais sutil que o precede na ordem sucessiva dos três planos mais elevados. (Veja o Diagrama III, que está no comentário ao sloka 6 da Estância VI.) No seu caminho para cima, no arco ascendente, a Evolução espiritualiza e eterealiza, digamos assim, a natureza de tudo, levando tudo ao mesmo nível do plano em que o globo gêmeo, do lado oposto, está situado. O resultado é que, quando o sétimo globo é alcançado (em qualquer Ronda), a natureza de tudo o que está evoluindo retorna à condição em que estava no seu ponto inicial - porém, a cada vez, com um grau novo e superior nos estados de consciência. Fica claro, assim, que a chamada "origem do homem", nesta nossa atual Ronda, ou ciclo vital neste planeta, deve ocupar o mesmo lugar na mesma ordem - salvo detalhes relativos a tempo e condições locais - que na Ronda anterior. Novamente, deve ser explicado e lembrado que, assim como afirma-se que o trabalho de cada Ronda cabe a um grupo diferente dos chamados "Criadores" ou "Arquitetos", o mesmo ocorre com cada globo, isto é, ele fica sob a supervisão e a orientação de "Construtores" e "Observadores" especiais - os vários Dhyan-Chohans.

O grupo da hierarquia que foi encarregado de "criar" [584] os homens é um grupo

---

considerava composto de corpo, forma astral ou sombra, alma animal, alma mais elevada e inteligência terrestre e um sexto princípio, etc., etc. - o sétimo - o ESPÍRITO." Estes princípios são tão claramente mencionados que mesmo no *Índex*, vemos na página 683 [***Subnota do Tradutor****: da edição original em inglês de "Isis Unveiled"*]: "Seis princípios do homem" - sendo que o sétimo é a síntese dos seis, e *não um princípio* mas um raio do TODO Absoluto, para dizer a verdade com precisão. (Nota de H. P. Blavatsky)

[584] "Criação" é uma palavra incorreta, porque nenhuma religião, nem mesmo a seita dos Visishta Advaitas na Índia - que antropomorfiza até mesmo Parabrahmam - acredita na criação a partir do *nada* tal como os cristãos e os judeus creem, mas sim na evolução a partir de materiais preexistentes. (Nota de H. P. Blavatsky)

especial, portanto; e no entanto este grupo fez com que o homem pouco definido[585] surgisse nesse ciclo da mesma maneira que um grupo mais elevado, e ainda mais espiritual, fez com que ele surgisse na Terceira Ronda. Mas como este grupo é o Sexto - na escala descendente da espiritualidade, enquanto o sétimo e último grupo reúne os Espíritos terrestres (elementais) que gradualmente formam, constroem e condensam o seu corpo físico -, este Sexto grupo não faz surgir nada mais que a forma pouco definida do homem, uma cópia tênue, pouco visível, transparente, dos seus integrantes. Fica sendo tarefa da quinta Hierarquia - os seres misteriosos que presidem a constelação de Capricórnio, Makara ou "Crocodilo", na Índia assim como no Egito - dar substância à forma animal vazia e etérea e fazer dela o Homem Racional. Este é um daqueles assuntos sobre os quais muito pouco pode ser dito ao público em geral. É um MISTÉRIO verdadeiramente, mas só para aquele que está disposto a rejeitar a existência de Seres espirituais, intelectuais e conscientes no Universo, e que considera a completa Consciência como algo limitado apenas ao homem, e mesmo isso apenas como uma "função do Cérebro". Muitas das Entidades Espirituais encarnaram corporalmente no homem, desde o começo do surgimento dele, e, apesar disso, ainda existem tão independentemente como existiam antes, nas infinidades do Espaço …….

Para dizê-lo de modo mais claro: a Entidade invisível pode estar presente corporalmente na Terra sem abandonar, no entanto, o seu *status* e as suas funções nas regiões acima do mundo sensorial. Se isso necessitar explicação, o máximo que podemos fazer é relembrar o leitor de casos semelhantes no espiritismo, embora tais fatos sejam muito raros, pelo menos em relação à natureza da Entidade que encarna,[586] ou que assume o controle temporário de um médium. Assim como certas pessoas - homens e mulheres, voltando a casos paralelos entre indivíduos vivos - podem, seja em virtude de uma constituição peculiar, ou através do poder do conhecimento místico adquirido, ser vistas em seus "duplos" em determinado lugar, enquanto o corpo está a muitas milhas de distância - a mesma coisa pode acontecer no caso de Seres superiores.

Considerado filosoficamente, o homem é na sua forma externa apenas um animal, pouco mais aperfeiçoado que o seu ancestral da terceira ronda, semelhante a um pitecoide. Ele é um corpo vivo, não um Ser vivo, porque a realização da existência, o "Eu Sou", necessita da autoconsciência; e um animal só pode ter consciência direta, ou instinto. Isso era tão bem compreendido pelos Antigos que o Cabalista inclusive via a alma e o corpo como duas vidas, independentes uma da outra.[587] A

---

[585] Pouco definido: no original, "*shadowy*", pouco definido, vago, nebuloso, pouco nítido, indeterminado, não-substancial. A expressão se refere naturalmente à forma externa do ser humano. (Nota do Tradutor)

[586] Os chamados "Espíritos" que podem ocasionalmente assumir o controle de corpos de médiuns não são as Mônadas ou Princípios Mais Elevados das personalidades desencarnadas. Um tal "Espírito" só pode ser um Elementário ou - um Nirmanakaya. (Nota de H. P. Blavatsky)

[587] Nas pp. 340-351 (Gênesis da Alma), em "*New Aspects of Life*", o autor afirma sobre o ensinamento cabalístico: "Eles diziam que, funcionalmente, o Espírito e a Matéria de opacidade e densidade correspondentes tendem a unir-se, e que os Espíritos criados como

Alma, cujo corpo veículo é o envelope [588] Astral, etéreo-substancial, podia morrer enquanto o homem ainda estava vivendo na Terra -, isto é, a alma poderia libertar-se e abandonar o tabernáculo por várias razões - tais como insanidade, depravação espiritual e física, etc.[589] Portanto, tudo aquilo que os homens vivos (Iniciados) podem fazer, os Dhyanis, que não têm corpo físico para limitá-los, podem fazer ainda melhor. Isso era algo em que os Antediluvianos acreditavam, e a crença está sendo rapidamente adotada pela sociedade intelectualizada moderna, no espiritualismo, além das igrejas grega e romana, que ensinam a ubiquidade dos seus anjos. Os zoroastristas viam os seus Amesha Spentas [590] como entidades duais (Ferouers [591]) e atribuíam esta dualidade - pelo menos em filosofia esotérica - a todos os habitantes espirituais e invisíveis dos inúmeros mundos no espaço que eram visíveis para nós. Em uma nota de Damáscio (do século VI) sobre os oráculos caldeus, temos uma tríplice evidência da universalidade desta doutrina, porque ele diz: "Nesses oráculos os sete Cosmocratores [592] do mundo ('Os Pilares do Mundo'), mencionados da mesma forma por São Paulo, são duplos - sendo que um conjunto está encarregado de governar os mundos superiores, o espiritual e o sideral, e o outro

---

resultado, em um estado não-corporificado, eram constituídos numa escala em que se reproduziam as diferentes opacidades e transparências do Espírito elemental ou não-criado. E que estes Espíritos no estado não-corporificado atraíam, absorviam, digeriam e assimilavam Espírito Elemental e Matéria Elemental cuja condição fosse adequada à condição deles." "Eles ensinavam portanto que havia uma vasta diferença na condição de Espíritos criados; e que na íntima relação entre o mundo-do-Espírito e o mundo da Matéria, os Espíritos mais opacos no estado não-corporificado eram atraídos para as partes mais densas do mundo material, e portanto tendiam para o centro da Terra, onde encontravam as condições mais adequadas para o seu estado; enquanto que os Espíritos mais transparentes passavam para a aura ao redor do planeta, sendo que os mais rarefeitos encontravam seu lugar em seu satélite."

Isso diz respeito exclusivamente aos nossos Espíritos Elementários, e nada tem a ver nem com as Forças Inteligentes Planetárias, Siderais, Cósmicas ou Inter-Etéricas, ou "Anjos" tal como são chamadas pela Igreja Romana. Os Cabalistas Judeus, especialmente os Ocultistas práticos que lidavam com magia cerimonial, ocupavam-se unicamente dos espíritos dos Planetas e os chamados "Elementais". Portanto isso inclui apenas uma parte do Ensinamento Esotérico. (Nota de H.P. Blavatsky)

[588] *Envelope*: invólucro. (Nota do Tradutor)

[589] A possibilidade de a "Alma" (isto é, o Eu Espiritual eterno) morar nos mundos invisíveis enquanto o seu corpo continua vivendo na Terra é uma doutrina notavelmente oculta, em especial na filosofia chinesa e budista. Veja um exemplo disso em **"Isis Unveiled", vol. I**, p. 602. [***Subnota do Tradutor:*** *"Ísis Sem Véu", Ed. Pensamento, volume II, pp. 272-273.*] Muitos são os homens *sem alma* entre nós, porque sabe-se que esta situação ocorre em materialistas perversos assim como em pessoas "que avançam em santidade e nunca mais retornam". (Veja também **"Isis Unveiled", vol. II**, p. 369.) (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *Em português, "Ísis Sem Véu", Ed. Pensamento, volume IV, p. 23.*]

[590] *Amesha Spentas*: Imortais Sagrados, no idioma avéstico dos zoroastristas. (Nota do Tradutor)

[591] *Ferouers*: Gênio ou espírito benéfico. (Nota do Tradutor)

[592] *Cosmocratores*: do grego, "construtores do universo". (Nota do Tradutor)

conjunto guia e observa os mundos da matéria." Esta também é a opinião de Jâmblico, que faz uma distinção evidente entre os arcanjos e os "Arcontes". (Veja "On the Mysteries", section II, chapter 3.) [593] O que foi dito acima pode ser aplicado, naturalmente, à distinção feita entre os graus ou ordens de seres espirituais, e é neste sentido que a igreja católica romana tenta interpretar e ensinar a diferença; porque enquanto os arcanjos são divinos e sagrados segundo os ensinamentos dela, os duplos deles são denunciados por ela como diabos [594]. Mas a palavra "ferouer" não deve ser entendida neste sentido, porque significa simplesmente o reverso ou o lado oposto de algum atributo ou qualidade. Assim, quando o Ocultista diz que "o Demônio é o revestimento interno [595] de Deus" (o mal é o reverso da medalha), ele não se refere a duas realidades separadas, mas a dois aspectos ou duas facetas da mesma Unidade. O mais bondoso homem vivo pareceria - se colocado ao lado de um Arcanjo tal como descrito em Teologia - um espírito maligno. Disso decorre que há uma certa razão para desprezar um "duplo" inferior, que está muito mais imerso na matéria do que o seu original. Mas ainda não há motivo para ver os "duplos" como diabos, e é precisamente isso que os católicos romanos sustentam contra toda razão e lógica.

(*b*) A frase que conclui este sloka mostra quão antigas são a crença e a doutrina segundo as quais o homem é setenário em sua constituição. A linha da existência que anima o homem e passa por todas as suas personalidades, ou renascimentos nesta Terra (uma alusão a Sutratma) - a linha na qual, além disso, todos os seus "Espíritos" estão amarrados - é formada pela essência do "tríplice", do "quádruplo" e do "quíntuplo", que contêm todos os elementos anteriores. *Panchasikha*, de acordo com o Bhagavata Purana (V., XX., 25-28) [596] é um dos sete *Kumaras* que vão ao Sveta-Dvipa para adorar Vishnu. Veremos mais adiante qual é a ligação que existe

---

[593] A obra "On the Mysteries", de Iamblichus, ou Jâmblico, foi reeditada em 1997 na versão clássica de Thomas Taylor por Wizards Bookshelf, nos Estados Unidos e tem 365 páginas. (Nota do Tradutor)

[594] Esta identidade entre o Espírito e o seu "duplo" material (no homem ocorre o contrário) explica ainda melhor a confusão, já mencionada na presente obra, que foi feita com os nomes e as individualidades, assim como com os números, dos Rishis e dos Prajâpatis; especialmente entre os que são do período Satya Yuga e do período de Mahabharata. Esta identidade também lança luz adicional sobre o que a Doutrina Secreta ensina em relação aos Manus-Raiz e aos Manus-Semente (ver, no volume II, "Os Manus Primordiais da Humanidade"). Não só estes progenitores da nossa humanidade, mas cada ser humano, segundo o que nos é ensinado, tem o seu protótipo nas Esferas Espirituais. O protótipo é a essência mais elevada do seu sétimo princípio. Assim, os sete Manus se tornam 14, sendo que o Manu-Raiz é a Causa Primeira, e o "Manu-Semente" constitui o seu efeito; e quando este último sai de Satya Yuga (o primeiro estágio) e chega ao período heroico, estes Manus ou Rishis se tornam 21 em número. (Nota de H. P. Blavatsky)

[595] *Revestimento interno*: no original, "lining" também pode ser traduzido como forro (de uma roupa). (Nota do Tradutor)

[596] Na versão de Boris de Zirkoff, temos este trecho alterado. A frase adaptada por Boris afirma: "Panchasikha, de acordo com o Uttara Khanda do *Padma Purana*, é um dos sete *Kumaras* que vão ao Sveta-Dvipa para adorar Vishnu." (Nota do Tradutor)

entre o "celibato" e os filhos castos de Brahmâ, que se recusam a "multiplicar-se", e os mortais terrestres. Enquanto isso, é evidente que "o Homem-Planta", Saptaparna, está relacionado com os sete princípios, e o ser humano é comparado à planta de sete folhas que tem este nome [597], e é sagrada entre os budistas.

Mais detalhes podem ser vistos na parte II do volume II, nas seções sobre simbolismo, "Saptaparna" [598], "O Elemento Setenário nos Vedas" [599], etcétera, etc.

ESTÂNCIA VII - Continuação.

4.É a raiz que nunca morre, a chama de três línguas e quatro mechas.[600] (*a*) ….. **As mechas são as centelhas, que atraem da chama de três línguas** (*a tríade superior delas*) **projetada pelos sete - a sua chama -; os raios e centelhas de uma lua refletida nas ondas correntes de todos os rios da Terra** *("Bhumi", ou "Prithivi")* [601] (*b*)**.**

(*a*) A "chama de Três línguas" que nunca morre é a tríade imortal espiritual - Atma, Buddhi e Manas. Os frutos do último deles, Manas, são assimilados pelos outros dois depois de cada vida terrestre. As "quatro mechas" que se apagam e são extintas correspondem aos quatro princípios inferiores, incluindo o corpo.

---

[597] A alegoria egípcia no já mencionado "Livro dos Mortos" - o hino que se relaciona com a recompensa "da Alma" - , é tão indicativa da nossa Doutrina Setenária quanto é poética. Ao falecido é atribuído um pedaço de terra no campo de Aanroo, onde Manes, as sombras deificadas do falecido, conseguem, como colheita do que plantaram com suas ações durante a vida, o milho de sete cúbitos de altura, que cresce num território dividido em catorze e em sete partes. Este milho é o alimento graças ao qual eles vivem e prosperam, ou que os matará, no Amenti, de cujo reino o campo de Aanroo faz parte. Porque, tal como é dito no hino (veja o capítulo xxxii, 9), ou o falecido é lá destruído, ou ele se torna puro espírito durante a Eternidade, em consequência das "sete vezes setenta e sete vidas" passadas ou por serem passadas na Terra. A ideia de um milho colhido como "fruto das nossas ações" é muito expressiva. (Nota de H. P. Blavatsky)

[598] Página 590, volume II, da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[599] Páginas 605 e seguintes, volume II da edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[600] A chama de três línguas e quatro mechas corresponde às quatro unidades e aos três binários da árvore sefirotal (veja o comentário sobre a Estância VI). (Nota de H. P. Blavatsky)

[601] Seria desnecessário repetir novamente que os termos dados aqui são traduções sânscritas, porque os termos originais, desconhecidos e nunca ouvidos na Europa, iriam causar apenas mais perplexidade entre os leitores e seriam completamente inúteis. (Nota de H. P. Blavatsky)

"Eu sou a Chama de três mechas e minhas mechas são imortais", diz o morto. "Eu entro no domínio de Sekhem (o Deus cujo braço planta a semente da ação produzida pela alma desencarnada) e entro na região das Chamas que destruíram seus adversários", isto é, que se libertaram das "quatro mechas" criadoras de pecado. (Veja o capítulo i, vii, em "Book of the Dead" ("Livro dos Mortos"), e "Mysteries of Ro-stan".)

(*b*) Assim como bilhões de claras centelhas dançam nas águas de um oceano acima do qual brilha sempre a mesma lua, do mesmo modo as nossas evanescentes personalidades - revestimentos ilusórios do imortal EGO-MÔNADA - cintilam e dançam nas ondas de Maya. Tal como os milhares de centelhas produzidas pelos raios da lua, elas duram e aparecem apenas enquanto a Rainha da Noite irradia o seu brilho sobre as águas da vida em movimento: o período de um Manvântara; e depois desaparecem, e só os raios - símbolos dos nossos Egos Espirituais eternos - sobrevivem, ressurgindo na Fonte-Mãe, e estando outra vez, como antes, em unidade com ela.

ESTÂNCIA VII - Continuação.

5.A centelha pende da chama pelo mais fino fio de Fohat. Ela viaja através dos Sete Mundos de Maya.(*a*) **Ela pára no primeiro** (*reino*)**, e é um metal e uma pedra; passa para o segundo** (*reino*)**, e veja - uma planta; a planta atravessa sete formas e se torna um animal sagrado** (*a primeira sombra do homem físico*)**.**(*b*)

Dos atributos combinados destes, é formado Manu (*homem*)**, o pensador.**

Quem o forma? As sete vidas, e a vida una. (*c*) **Quem o completa? O Lha quíntuplo. E quem aperfeiçoa o último corpo? O peixe, o pecado, e Soma** (*a lua*) (*d*)**.**

(*a*) A expressão "através dos Sete Mundos de Maya" se refere aqui aos sete globos da cadeia planetária e às sete rondas, ou às 49 estações de existência ativa que estão diante da "Centelha" ou Mônada, no começo de cada "Grande Ciclo de Vida" ou Manvântara. O "fio de Fohat" é a linha de vida mencionada anteriormente.

Isto se relaciona com o maior problema da filosofia - a natureza física e substancial da vida, cujo caráter independente é negado pela ciência moderna porque esta ciência é incapaz de compreendê-lo. Só os reencarnacionistas e os que acreditam no Carma podem perceber, vagamente, que todo o segredo da Vida está na série ininterrupta das suas manifestações; seja no corpo humano ou fora dele. Porque, se por um lado -

"A vida, como uma abóboda com vidros de cores diferentes,
Altera o aspecto da radiância branca da Eternidade" -

por outro lado ela é em si mesma parte integrante daquela Eternidade; porque só a vida pode entender a vida.

O que é aquela "Centelha" que "pende da chama"? Ela é JIVA, a MÔNADA em conjunção com MANAS, ou melhor, o seu aroma - aquilo que permanece de cada personalidade, quando é valioso, e fica pendurado de Atma-Buddhi, a Chama, pelo fio de vida. Seja qual for o modo como o interpretarmos, e seja qual for o número de princípios em que a consciência humana for dividida, é possível mostrar facilmente que essa doutrina é confirmada por todas as religiões antigas, desde a védica até a egípcia, desde o zoroastrismo até o judaísmo. No caso deste último, as obras cabalísticas oferecem provas numerosas desta afirmativa. Todo o sistema dos numerais cabalísticos está baseado no setenário divino que pende da Tríade (formando assim a *Década*) e as suas permutações 7, 5, 4 e 3, todas as quais, ao final, se unem para formar o próprio UM: um Círculo ilimitado e sem fim.

"A Divindade (a sempre Invisível Presença)", diz o Zohar, "se manifesta através dos *dez* Sefirotes, que são suas testemunhas radiantes. A Divindade é como o Mar que lança de si uma corrente chamada SABEDORIA, cujas águas caem em um lago chamado Inteligência. Desta bacia hidrográfica fluem, como sete canais, os Sete Sefirotes …… Porque *dez é igual* a *sete*: a Década contém *quatro* Unidades e *três* Binários." Os dez Sefirotes correspondem aos membros do HOMEM. "Quando eu dei forma a Adão Cadmon", afirmam os Elohim, "o Espírito do Eterno saiu do seu Corpo como a luz de um relâmpago que se irradiou de imediato pelas nuvens dos *Sete* milhões de céus, e os meus *dez* esplendores eram os membros dele."[602] Mas nem a Cabeça nem os ombros de Adão Cadmon podem ser vistos; portanto, lemos em *Sephra Dzenioutha* (o "Livro do Mistério Oculto"):

"No começo do Tempo, depois que os Elohim (os 'Filhos da Luz e da Vida', ou os 'Construtores') deram forma à eterna Essência dos Céus e da Terra, eles formaram os mundos, de seis em seis", sendo o sétimo *Malkuth*, que é a nossa Terra (veja o *Mantuan Codex*) em seu plano, e o mais inferior de todos os outros planos de existência consciente. O *Livro dos Números* caldeu contém uma explicação detalhada sobre tudo isso. "A primeira tríade do corpo de Adão Cadmon (os três planos superiores dos sete [603]) não pode ser vista antes que a alma erga-se na presença do Ancião dos Dias." Os Sefirotes desta tríade superior são: "1 - *Kether* (a Coroa), representada pela testa de Macroprósopo; 2 - *Chochmah* (Sabedoria, princípio masculino), representado pelo seu ombro direito; e 3 - *Binah* (Inteligência, princípio feminino), representado pelo seu ombro esquerdo." Depois disso vêm os *sete* membros (ou Sefirotes) nos planos da manifestação, sendo que a totalidade

---

[602] Mantemos nesta frase, tal como no original em inglês, o tratamento incongruente de "Elohim" como um termo que ora parece ser plural, ora singular. Assim, *Elohim* é plural mas apresenta-se como Um. (Nota do Tradutor)

[603] A imagem da formação da "Alma viva", ou homem, transmitiria a ideia mais claramente. "Uma Alma Viva" é um sinônimo de homem, na Bíblia. Corresponde aos nossos sete "Princípios". (Nota de H. P. Blavatsky)

destes quatro planos é representada pelo *Microprósopo* (a Face menor), ou Tetragrammaton, o Mistério "de quatro letras". "Os sete membros manifestados e os *três* membros ocultos são o Corpo da Divindade."

Assim, a nossa Terra, *Malkuth*, é tanto o *Sétimo* como o *Quarto* mundo. Ela é o sétimo quando se conta desde o primeiro globo acima, e é o quarto quando se conta os planos. Ela é gerada pelo sexto globo ou Sefirote chamado *Yezod*, "alicerce", ou, como é afirmado no Livro dos Números, "através de Yezod, Ele (Adão Cadmon) fecunda a primitiva Heva" (Eva ou a nossa Terra). Colocado em linguagem mística, esta é a explicação de por que Malkuth, chamada de "Mãe inferior", Matrona, Rainha, e de Reino da Fundação, é descrita como a *Noiva* de Tetragrammaton ou Microprósopo (o segundo Logos), o Homem Celestial. Quando libertada de toda impureza ela ficará unida ao *Logos* Espiritual, isto é, na sétima Raça da sétima Ronda - depois da regeneração, no dia de "Sabbath". Porque o "*sétimo* dia" tem também neste caso um significado oculto que os nossos teólogos sequer sonham conhecer.

"Quando Matronitha, a Mãe, é separada e colocada frente a frente com o Rei, na excelência do Sabbath, todas as coisas se tornam um corpo", diz o verso 746 do capítulo xxii de "Ha Idra Zuta Kadisha". A expressão "se tornam um corpo" significa que tudo é reabsorvido outra vez pelo elemento único; os espíritos dos homens se tornam *habitantes do Nirvana* e os elementos de tudo o mais se tornam outra vez o que foram antes - *protilo* ou substância indiferenciada.[604] "Sabbath" significa *descanso* ou Nirvana. Não é o *sétimo* dia depois de *seis* dias, mas um período cuja duração é igual à dos sete "dias" ou de qualquer período composto por sete partes. Assim, um *pralaya* dura o mesmo tempo que um *manvântara*, ou uma noite de Brahmâ é igual ao "dia" de Brahmâ. Se os cristãos querem seguir os costumes judaicos, devem adotar o espírito e não a letra morta do judaísmo, isto é, trabalhar uma semana de sete dias e *descansar* sete dias. O fato de que a palavra "Sabbath" tinha um significado místico é demonstrado pelo desprezo de Jesus pelo dia do Sabbath, e pelo que é dito em Lucas, 18: 12. Lá, "Sabbath" é considerado como *a semana inteira*. (Veja o texto grego, em que a semana é chamada de *Sabbath*. "Eu jejuo duas vezes no Sabbath.") Paulo, um Iniciado, sabia bem disso quando se referia ao descanso eterno e à felicidade no céu como Sabbath: "e a felicidade deles será eterna, porque sempre estarão (em unidade) com o Senhor e desfrutarão de *um Sabbath eterno*". (Hebreus, IV, versículo 3 e seguintes.) [605]

Considerando a Cabala tal como contida no *Livro dos Números* caldeu, e não como está distorcida hoje em sua cópia desfigurada - a Cabala dos místicos cristãos -,

---

[604] Protilo: como vimos em nota mais acima, a palavra vem do grego, sendo formada por "protos", primeiro, e "hyle", matéria. O termo foi usado por William Crookes para significar uma matéria primordial, sutil e indiferenciada. Crookes elaborou a teoria da *matéria radiante*, que levaria à descoberta do elétron em 1897. Não por casualidade, este cientista inglês foi membro do movimento teosófico. (Nota do Tradutor)

[605] Seguimos neste caso a referência corrigida da edição de Boris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

vemos que a diferença entre os dois sistemas, a Cabala e a Vidya esotérica arcaica, é de fato muito pequena, estando limitada a pequenas divergências de forma e expressão. Assim, o ocultismo Oriental se refere à nossa Terra como sendo o quarto mundo, o mais inferior da cadeia, acima do qual fluem na direção do alto, dos seus dois lados, os outros seis globos, três de cada lado. O *Zohar*, por outro lado, qualifica a Terra como o mais inferior, ou o *Sétimo*, acrescentando que todas as coisas que há nela, como "Microprósopo", dependem dos outros globos. A "face menor", menor porque manifestada e finita, "é formada de *seis Sefirotes*", diz o Zohar. "Sete reis vêm e *morrem no mundo três vezes destruído*" - (Malkuth, nossa Terra, é destruída após cada uma das três rondas pelas quais passou). "E o reino deles (dos sete reis) deixará de existir." (*Livro dos Números*, 1, viii, 3.) Isto se refere às Sete Raças, cinco das quais já apareceram, e duas ainda terão de aparecer nesta Ronda.

As narrativas alegóricas do xintoísmo sobre Cosmogonia e a origem do homem no Japão sugerem a mesma crença.

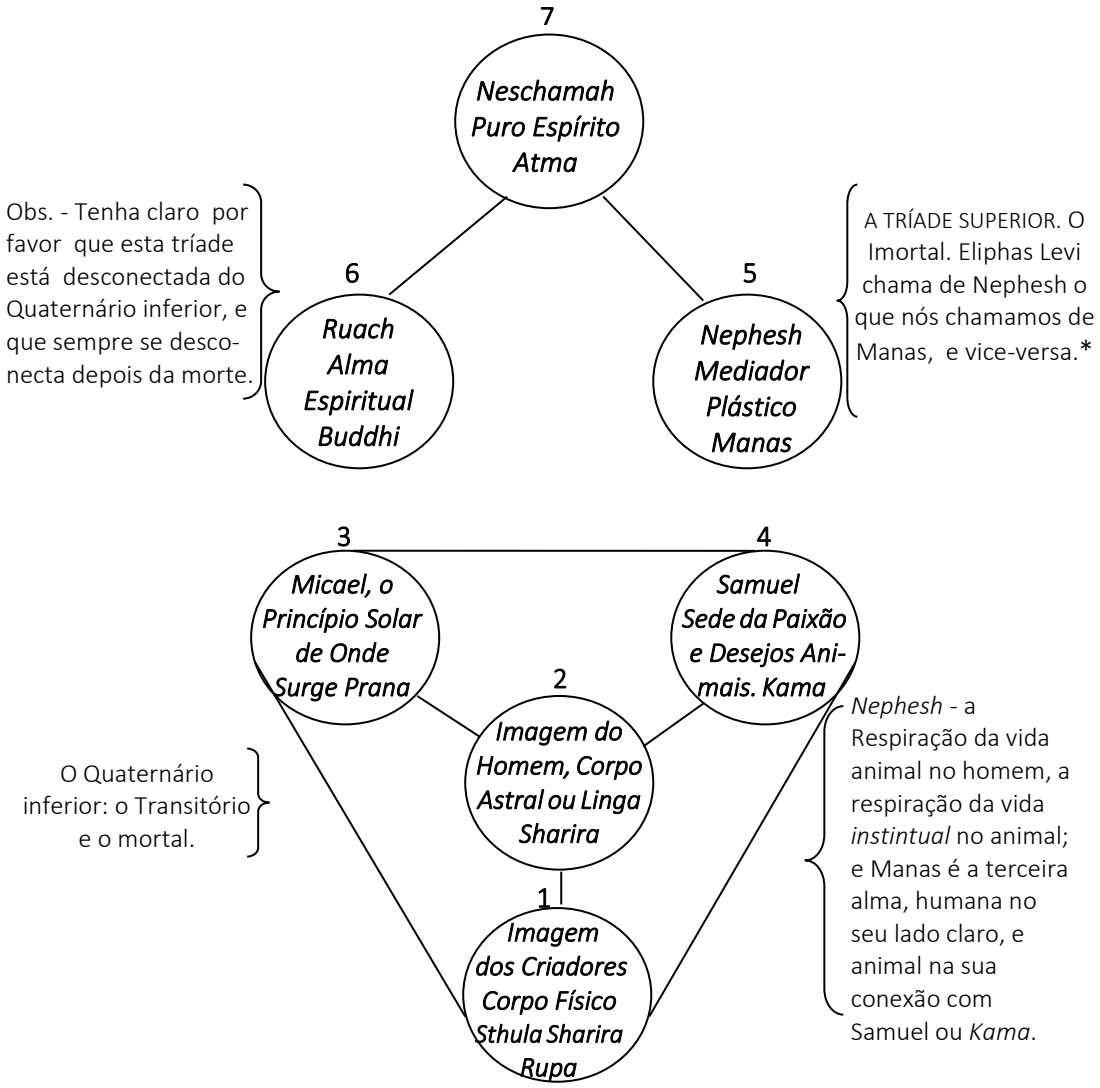
O capitão C. Pfoundes estudou por cerca de nove anos nos monastérios do Japão a religião que está na base das várias seitas daquele país. "…. A ideia xintoísta da Criação", diz ele, "é a seguinte: a partir do caos (*Konton*) a Terra (*in*) foi precipitada como sedimento, e o Céu (*yo*), as essências etéreas que ascenderam: *Maa* (*jin*) apareceu entre os dois. O primeiro homem foi chamado Kuni-to ko tatchi-no-mikoto, e *foram dados a ele cinco outros nomes*, e depois disso a raça humana apareceu, homem e mulher. Isanagi e Isanami tiveram como filho *Tenshoko doijin*, o primeiro dos cinco deuses da Terra." Esses "deuses" são simplesmente as nossas cinco raças, Isanagi e Isanami são os dois tipos de "ancestrais", as duas raças anteriores que dão nascimento ao homem animal e racional.

Será demonstrado mais adiante, na parte dois do volume II, que o número sete, assim como a doutrina da constituição setenária do homem, tinha lugar de destaque em todos os sistemas secretos. O número sete desempenha papel importante na Cabala ocidental assim como no Ocultismo oriental. Eliphas Levi chama o número sete de "chave da Criação mosaica e dos símbolos de todas as religiões". Ele mostra que a Cabala adota fielmente até mesmo a divisão setenária do homem, e o diagrama que ele publica em sua obra "*La Clef des Grands Mystères*" ("A Chave dos Grandes Mistérios") é setenário. Isso pode ser visto facilmente na página 389, "*Une prophétie et diverses pensées de Paracelse*", embora o pensamento correto esteja habilmente ocultado. Além disso, basta ver o diagrama (Quadro VII na obra "Kabala", do sr. Mathers) intitulado "A Formação da Alma", no mesmo livro "La Clef des Grands Mystères", de Levi, para encontrar a mesma ideia, embora com uma interpretação diferente.[606]

Com os termos Cabalistas e Ocultistas, o diagrama fica assim:

---

[606] Veja a edição brasileira: "A Chave dos Grandes Mistérios", Eliphas Levi, 423 pp., Editora Pensamento, São Paulo, examinar pp. 323-325. (Nota do Tradutor)



* Nephesh é "a respiração da vida (animal)", transferida - pelo alento - para Adão, o homem de pó. Nephesh é consequentemente a *Centelha Vital*, o elemento informador. Sem *Manas*, ou o que é chamado erradamente de Nephesh no diagrama de Levi, ao invés de Manas, "a Alma que raciocina", ou mente, Atma e Buddhi são irracionais neste plano e não podem agir. É Buddhi que cumpre o papel de mediador plástico, e não Manas, "o meio inteligente entre a Tríade superior e o Quaternário inferior". Mas há muitas transformações estranhas e curiosas como esta, que podemos encontrar nas obras cabalísticas - prova suficiente de que a sua literatura se tornou uma grande confusão. Nós não aceitamos a classificação exceto neste caso particular, para mostrar os pontos de concordância. (Nota de HPB)

Colocaremos agora em forma de tabela o que o muito cauteloso Eliphas Levi afirma em sua explicação sobre este diagrama, e o que a Doutrina Esotérica ensina - comparando as duas coisas. Levi, também, faz uma distinção entre a pneumatologia

cabalística e a pneumatologia oculta.[607] (Veja "*Histoire de la Magie*", pp. 388-389; em português, "História da Magia".)

Diz Eliphas Levi, o Cabalista: PNEUMATOLOGIA CABALÍSTICA	Dizem os Teosofistas: PNEUMATOLOGIA ESOTÉRICA
1. A Alma (ou EGO) é uma luz revestida, e esta luz é tríplice.	1. Idêntico, porque se trata de Atma-Buddhi-*Manas*.
2. *Neschamah* - "puro Espírito".	2. Idêntico.[609]
3. *Ruach* - a Alma ou Espírito.	3. Alma Espiritual.
4. *Nephesh* - mediador plástico.[608]	4. Mediador entre o Espírito e o seu Ser Humano, a Sede da Razão, a Mente, no homem.
5. A vestimenta da Alma é a casca externa (corpo) da imagem (Alma astral).	5. Correto.
6. A imagem é dupla, porque reflete o bom assim como o mau.	6. Inutilmente demasiado apocalíptico. Seria melhor dizer que o *astral* reflete tanto o ser humano bom como o ser humano mau; o homem, que tende sempre na direção do triângulo superior, ou, caso contrário, desaparece junto com o Quaternário.
7. Imagem, corpo.	7. Isso mesmo, a imagem terrestre.
_____	_____

[607] Pneumatologia - estudo dos espíritos, dos seres intermediários entre o mundo divino e o mundo humano. Veja o dicionário "Novo Aurélio da Língua Portuguesa", edição 1999. (Nota do Tradutor)

[608] O esoterismo ensina a mesma coisa. Mas Manas não é Nephesh; e Nephesh não é o astral, mas o quarto princípio, embora também seja o segundo, *prana*. Porque Nephesh é "a respiração da vida"; isto é, da vida física, material - destituída de espiritualidade - no homem, assim como no animal de grande porte ou no inseto. (Nota de H. P. Blavatsky)

[609] Seja intencionalmente ou não, Eliphas Levi confundiu os números: o número 2 dele é para nós o número 1 (Espírito); e, ao apresentar Nephesh como o mediador plástico e ao mesmo tempo como a Vida, ele constrói um sistema de apenas seis princípios, porque repete os dois primeiros. (Nota de H. P. Blavatsky)

PNEUMATOLOGIA OCULTA *Tal Como Dada por Eliphas Levi*	PNEUMATOLOGIA OCULTA *Tal Como Dada pelos Ocultistas*
1. *Nephesh* é imortal porque renova a sua vida através da destruição das formas. [Mas *Nephesh*, a "respiração da vida", é um termo errado e um quebra-cabeças inútil para o estudante.]	1. *Manas* é imortal, porque depois de cada nova encarnação acrescenta algo de si a Atma-Buddhi, e assim, assimilando-se à Mônada, compartilha a sua imortalidade.
2. *Ruach* avança através da evolução das ideias (! ?).	2. *Buddhi* se torna consciente pelos acréscimos que recebe de Manas depois de cada nova encarnação e da morte do ser humano.
3. *Neschamah* avança sem esquecimento e sem destruição.	3. *Atma* nem avança, nem esquece, nem lembra. Ele não pertence a este plano; é apenas o raio da luz eterna que brilha sobre e através da escuridão da matéria quando esta última tem vontade.
4. A alma tem três moradas.	4. A Alma (coletivamente, como a Tríade superior) vive em três planos, além do seu quarto plano, a esfera terrestre; e ela *existe* eternamente no mais alto dos três.
5. Estas moradas são: o plano dos mortais; o Éden Superior; e o Éden Inferior.	5. Estas moradas são: a Terra para o homem físico, ou a Alma animal; Kama-loka (Hades, o Limbo) para o homem desencarnado, ou sua *Casca*; e o Devachan para a Tríade superior.
6. A imagem (ser humano) é uma esfinge que oferece o enigma do nascimento.	6. Correto.
7. A imagem fatal (o astral) transmite a Nephesh as suas aptidões; mas Ruach consegue substituir este Nephesh (viciado) com a imagem conquistada de acordo com a inspiração de *Neschamah*.	7. O astral, através de Kama (desejo) está sempre atraindo Manas para baixo, para a esfera das paixões e dos desejos materiais. Mas se o homem *melhor* ou *Manas* tentar escapar da atração fatal e voltar as suas aspirações na direção de Atma - o Espírito - então Buddhi (Ruach) vence, e leva Manas consigo para o reino do Espírito eterno.
_____	_____

Fica bastante claro que ou o Cabalista francês não tinha conhecimento suficiente do real ensinamento ou o distorceu por algum objetivo seu pessoal.[610] Assim, ele afirma outra vez, ao abordar o mesmo assunto - e nós, Ocultistas, respondemos ao falecido Cabalista e a seus admiradores:

1. O corpo é o molde de Nephesh; Nephesh é o molde de Ruach; Ruach é o molde *das vestes de Neschamah*.	1. O corpo segue os caprichos, bons ou maus, de *Manas*; Manas tenta seguir a luz de Buddhi, mas falha frequentemente. Buddhi é o molde das "vestes" de Atma, porque Atma não é um corpo, e tampouco uma forma, ou coisa alguma, e porque Buddhi é o seu veículo só *figurativamente*.
2. A Luz (a Alma) se personifica ao vestir a si mesma (com um corpo); e a personalidade dura apenas quando as vestes são perfeitas.	2. A Mônada se torna um ego pessoal quando encarna, e alguma coisa daquela personalidade ainda permanece através de Manas, quando Manas está suficientemente aperfeiçoada para assimilar Buddhi.
3. Os anjos aspiram a tornar-se seres humanos; um ser humano perfeito, um homem-deus, está acima de todos os anjos.	3. Correto.
4. A cada 14.000 anos a alma rejuvenesce e descansa no sono do esquecimento do jubileu.	4. Dentro de um período, "uma grande era" ou um dia de Brahmâ, reinam 14 Manus; e depois disso vem o Pralaya, durante o qual todas as almas descansam no Nirvana. (Almas são o mesmo que Egos.)

Estas são as versões distorcidas da doutrina esotérica na Cabala. Mas veja também "Os Manus Primordiais da Humanidade", no volume II.[611]

---

[610] Quando um discípulo não se sente autorizado a revelar inteiramente um ensinamento, é normal que ele o deixe incompleto, ou com alguma distorção, para que só os estudantes mais intuitivos compreendam o tema por completo. Por outro lado, um discípulo também pode fazer erros involuntários, ou compartilhar erros involuntários cometidos pela escola de pensamento a que pertence. (Nota do Tradutor)

[611] O texto está pouco antes do final dos comentários à Estância X, no volume II. (Nota do Tradutor)

Voltemos à Estância VII.

(*b*) O famoso aforismo cabalístico afirma: "Uma pedra se transforma em uma planta; uma planta, em um animal; o animal, em um homem; um homem, em um espírito; e o espírito, em um deus." A "centelha" [612] anima sucessivamente todos os reinos, antes de ingressar no homem divino e dar-lhe substância e orientação. Entre o homem divino e o seu antecessor, o homem animal, há toda a diferença do mundo. O livro do Gênesis começa a sua antropologia da extremidade errada (evidentemente com o objetivo de despistar) e não chega a lugar algum.[613] Se o Gênesis tivesse começado onde devia, teríamos nele, em primeiro lugar, o Logos celestial, o "Homem do Céu", que se desenvolve como uma Unidade Composta dos Logoi [614], a partir dos quais, depois do sono pralaico deles - um sono que reúne como Um os números dispersos no plano Maiávico, assim como os glóbulos separados de mercúrio em uma chapa se combinam para formar uma só massa - os Logoi aparecem na sua totalidade como os primeiros "macho e fêmea" ou Adão Cadmon, o "Fiat Lux" da Bíblia, tal como já vimos. Porém esta transformação não ocorreu em nossa Terra, nem em qualquer plano material, e sim nas Profundezas Espaciais da primeira diferenciação da eterna Matéria-Raiz. No nosso globo nascente, as coisas acontecem de maneira diferente. A Mônada ou Jiva, tal como foi dito em **"Isis Unveiled", vol. I, p. 302** [615], é, em primeiro lugar, mandada pela Lei da Evolução para a forma mais baixa de matéria - o mineral. Depois de percorrer um ciclo sétuplo enquanto está presa na pedra (ou naquilo que se tornará mineral e pedra na Quarta Ronda) ela rasteja para fora da pedra na forma de um líquen. Passando então por todas as formas de matéria vegetal até chegar ao que é chamado de matéria animal, ela alcança agora o ponto no qual se torna o germe, digamos assim, do animal, que se transformará no homem físico. Tudo isso, até a Terceira Ronda, é sem forma, como matéria, e sem percepção sensorial, como consciência. Porque a Mônada ou Jiva *em si mesma* não pode ser chamada nem sequer de espírito: ela é um raio, um

---

[612] "Centelha": "Spark", no original em inglês, também é "fagulha", "chispa" e "faísca". (Nota do Tradutor)

[613] Os capítulos introdutórios do *Gênesis* jamais pretenderam representar nem remotamente uma simbologia da criação da nossa Terra. Eles abrangem uma concepção metafísica de algum período indefinido da eternidade, quando estavam sendo feitas, por parte da lei da evolução, tentativas sucessivas no sentido de formar universos. A ideia é colocada claramente no Zohar: "Houve mundos antigos, que pereceram logo que começaram a existir, que não tinham forma e foram chamados de Centelhas. Assim, o ferreiro, quando está martelando no ferro, deixa que as centelhas voem em todas as direções. As centelhas são os mundos primordiais, que não podiam continuar porque o *Idoso Sagrado* (Sefira) ainda não havia assumido sua forma (de andrógino, ou de sexos opostos) de Rei e Rainha (Sefira e Cadmon) e o Mestre não havia começado ainda o seu trabalho." Veja o Zohar, "Idra Suta", Livro III, p. 292, *b*. O Supremo consultando com o Arquiteto do mundo - o seu Logos - sobre a criação. (Veja **"Isis Unveiled", vol. II**, p. 421, ou "Ísis Sem Véu", Ed. Pensamento, vol. IV, p. 68) (Nota de H.P. Blavatsky)

[614] Logoi - plural da palavra "Logos", que tem origem grega. (Nota do Tradutor)

[615] Veja "Ísis Sem Véu", Ed. Pensamento, vol. II, pp. 17-18. (Nota do Tradutor)

alento do ABSOLUTO, ou mais precisamente da *qualidade ou condição do Absoluto*, e da Absoluta Homogeneidade. Ela não tem relação alguma com a finitude condicionada e relativa, de modo que é inconsciente no nosso plano. Portanto, além do material que será necessário para a sua forma humana futura, a mônada precisa (***a***) de um modelo ou protótipo espiritual, para que aquele material possa ganhar uma forma; e (***b***) uma consciência inteligente que guie a sua evolução e o seu progresso. Nem a Mônada homogênea nem a matéria, viva mas destituída de sentidos, possuem estas duas coisas. O Adão do pó requer que a *Alma da Vida* seja transmitida para ele pelo alento: trata-se dos dois princípios intermediários, que são a vida *sensível* do animal irracional e a Alma Humana, porque o animal é irracional sem esta última. É só depois que deixa de ser um potencial andrógino para estar separado como homem e mulher que o ser humano obterá esta Alma consciente, racional, individual (*Manas*), "o princípio, ou a inteligência, dos Elohim". Para obtê-la, ele tem que comer o fruto do Conhecimento na Árvore do Bem e do Mal. De que modo ele pode obter tudo isso? A doutrina Oculta ensina que enquanto a mônada está percorrendo ciclos na direção da descida para a matéria, estes mesmos Elohim - ou Pitris, os Dhyan-Chohan inferiores - estão evoluindo em um ritmo igual ao dela num plano mais elevado e mais espiritual, e também descendo relativamente na direção da matéria, em seu próprio plano de consciência, até que, tendo chegado a um certo ponto, eles se encontrarão com a mônada encarnante, destituída de sentidos, presa na matéria mais inferior; e, combinando as duas potencialidades, Espírito e Matéria, a união irá produzir aquele símbolo terrestre do "Homem Celestial" no espaço - o SER HUMANO PERFEITO. Na filosofia Sankhya, Purusha (espírito) é mencionado como algo impotente a menos que suba nos ombros de Prakriti (matéria), a qual, sozinha, não possui sentidos. Mas na filosofia secreta eles são vistos como graduados. Embora sejam a mesma coisa na sua origem, o Espírito e a Matéria, quando estão no plano da diferenciação, começam cada um o seu próprio progresso evolucionário em direções opostas - o Espírito caindo gradualmente na matéria, e a matéria erguendo-se até sua condição original, de uma substância pura espiritual. Os dois são inseparáveis, no entanto estão sempre separados. Em polaridade, no plano físico, dois polos semelhantes sempre repelem um ao outro, enquanto que o positivo e o negativo são mutuamente atraídos. O Espírito e a Matéria têm a mesma relação - os dois polos da mesma substância heterogênea, o princípio-raiz do universo.

Portanto, quando chega a hora em que Purusha deve montar nos ombros de Prakriti para a formação do Homem Perfeito - o homem rudimentar das primeiras duas raças e meia é apenas o *primeiro*, e evolui gradualmente até ser *o mais perfeito dos mamíferos* - os "Ancestrais" Celestiais (entidades de mundos anteriores, chamados na Índia de Sishta) ingressam neste nosso plano, assim como os Pitris haviam feito antes para formar o homem físico ou animal, e encarnam no homem físico animal. Assim os dois processos - para as duas *criações*, a do animal e a do homem divino - são muito diferentes. Os Pitris emitem dos seus corpos etéreos semelhanças de si mesmos que são ainda mais vagas e etéreas, ou o que nós chamaríamos de "duplos"

ou “formas astrais”, feitos segundo a imagem deles próprios. [616] Isso dá à Mônada a sua primeira morada, e a matéria cega recebe um modelo em torno do qual, e sobre o qual, ela pode construir a partir deste ponto. Mas *o Ser Humano ainda está incompleto*. Desde Swayambhuva Manu (Em *Manu*, Livro I), de quem são descendentes os sete Manus ou Prajapati primitivos, cada um dos quais fez com que nascesse uma raça primitiva de seres humanos, até o Codex Nazareus - no qual Karabtanos ou Fetahil (matéria cega e concupiscente) faz nascer de sua Mãe (“Spiritus”) sete figuras - cada uma das quais é vista como o progenitor de uma das sete raças primordiais - esta doutrina imprimiu sua marca em todas as Escrituras Arcaicas.

“Quem forma o Manu (o Homem) e quem forma o seu corpo? A VIDA e as VIDAS. O Pecado [617] e a LUA.”

Aqui *Manu* representa o homem espiritual, celeste, o EGO real e imortal em nós, que é a emanação direta da “Vida Una” ou Divindade Absoluta. Quanto aos nossos corpos físicos externos, a casa do tabernáculo da Alma, a Doutrina ensina uma lição estranha; tão estranha que, a menos que seja completamente explicada e compreendida de modo igualmente correto, só a Ciência exata do futuro está destinada a reivindicar esta teoria por completo.

Já foi afirmado em tempos anteriores que para o Ocultismo não existe nada inorgânico no Cosmos. A expressão usada pela Ciência, “substância inorgânica”, significa simplesmente que a força latente adormecida nas moléculas da chamada “matéria inerte” é incognoscível. TUDO É VIDA, e cada átomo, mesmo o átomo feito de pó mineral, é uma VIDA, embora esteja além da nossa compreensão e percepção, porque está fora do alcance das leis conhecidas por aqueles que rejeitam o Ocultismo. “Os próprios Átomos”, diz Tyndall, “parecem possuir um desejo instintivo de viver”. De onde vem, então, nós perguntaríamos, a tendência de “avançar para a forma orgânica”? Pode haver alguma explicação que não seja a da Ciência Oculta?

“Os mundos, para o profano”, diz um Comentário, “são construídos a partir dos Elementos conhecidos. Para a concepção de um Arhat, estes Elementos são eles próprios, coletivamente, uma Vida divina; distributivamente, no plano das manifestações, formam um número incontável e infinito de dezenas de milhões de

---

[616] Leia em “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, volume III, pp. 262-267 (ou **“Isis Unveiled”, vol. II**, pp. 297-303), a doutrina do Codex Nazareus. Cada ponto da nossa doutrina está presente lá, colocado de outra forma e com outra alegoria. (Nota de H. P. Blavatsky)

[617] O uso da palavra “Pecado” é curioso, mas a palavra tem uma relação Oculta com a Lua, além de ser o seu equivalente caldeu. (Nota de H. P. Blavatsky)

vidas. [618] *Só o Fogo é UM, no plano da Realidade Una: no plano do ser manifestado, e portanto ilusório, as suas partículas são vidas ígneas que vivem e têm o seu ser às custas de todas as outras vidas que elas consomem. Portanto elas são chamadas de 'DEVORADORAS' ……. Todas as coisas visíveis neste Universo foram construídas por estas VIDAS, desde o homem primordial, divino e consciente, até os agentes inconscientes que constroem a matéria ..... Desde a VIDA UNA sem forma e incriada, surge o Universo de vidas. Primeiro ele foi manifestado a partir do Profundo (Caos) frio fogo luminoso (luz gasosa?) que formou os coalhos no Espaço. (Nebulosas indissolúveis, talvez?) ……. …….Estes lutaram, e desenvolveu-se um grande calor pelo encontro e pela colisão, que produziram rotação. Veio então o primeiro MATERIAL manifestado, o Fogo, as chamas quentes, os andarilhos do céu (cometas); o calor gera vapor úmido; o vapor gera água sólida (?); depois uma névoa seca; então uma névoa líquida, aquosa, que apaga o brilho luminoso dos peregrinos (cometas?) e forma rodas aquáticas sólidas (globos de MATÉRIA).*

---

[618] Talvez Pasteur esteja inconscientemente dando o primeiro passo na direção da Ciência Oculta quando declara que, se ele ousasse expressar tudo o que pensa sobre este assunto, diria que as células Orgânicas possuem uma potência vital que não cessa a sua atividade com a cessação de uma corrente de Oxigênio dirigida a elas, e que neste sentido não rompe a sua relação com a Vida em si mesma, que é apoiada por aquele gás? "Eu acrescentaria", prossegue Pasteur, "que a evolução do germe é realizada através de fenômenos complicados, entre os quais devemos incluir processos de fermentação"; e a vida, segundo Claude Bernard e Pasteur, não é nada além de um processo de fermentação. O fato de que existem na Natureza Seres ou Vidas que podem viver ou prosperar sem ar, mesmo no nosso globo, foi demonstrado pelos mesmos cientistas. Pasteur descobriu que grande parte das vidas inferiores, por exemplo Vibriões [*espécie de bactéria*] e alguns micróbios e bactérias, podiam existir sem ar; e o ar, ao contrário, os matava. Eles conseguiam o oxigênio necessário para a sua multiplicação a partir das várias substâncias que os rodeavam. Ele os chama de *Aeróbios* - que vivem nos tecidos da nossa matéria quando a matéria deixou de fazer parte de um todo integral e vivo (sendo então chamada pela ciência, de modo nada científico, de "matéria morta") - e *Anaeróbios.* A primeira espécie prende o oxigênio, e contribui grandemente para a destruição da vida animal e dos tecidos vegetais, fornecendo à atmosfera materiais que entram depois na constituição de outros organismos; a outra espécie destrói, ou melhor, aniquila, finalmente, a chamada substância orgânica; e a decomposição total é impossível sem a sua participação. Algumas células-germes, como as de fermento ou levedura, se desenvolvem e multiplicam no ar; mas, quando privadas de ar, elas se adaptam à vida sem ar e se tornam fermentos, absorvendo oxigênio de substâncias que entram em contato com elas, e portanto arruinando-as. As células das frutas, quando lhes falta oxigênio livre, agem como fermentos e estimulam a fermentação. "Portanto a célula vegetal manifesta neste caso a sua vida como um ser anaeróbico. Por que, então, deveria uma célula orgânica ser neste caso uma exceção?", pergunta o professor Bogolubof. Pasteur mostra que na substância dos nossos tecidos e órgãos, a célula, quando não encontra oxigênio suficiente para si, estimula a fermentação da mesma maneira que a célula das frutas, e Claude Bernard pensava que a ideia de Pasteur sobre a formação de fermentos tinha a sua aplicação e corroboração no fato de que a ureia aumenta no sangue durante a estrangulação: a VIDA, portanto, está em todas as partes do Universo, e o Ocultismo nos ensina que também está presente no átomo. Veja mais abaixo os parágrafos finais desta seção [*dedicada ao item ou sloka cinco da estância VII*]. (Nota de H. P. Blavatsky)

Bhumi (a Terra) aparece com seis irmãs. [619] *Estas produzem pelo seu contínuo movimento o fogo inferior, o calor e uma névoa aquosa, que gera o terceiro Elemento do Mundo - a ÁGUA; e da respiração de tudo nasce o AR (atmosférico). Estes quatro são as quatro vidas dos primeiros quatro períodos (Rondas) do Manvântara. Depois seguem os três últimos."*

Isto significa que cada nova Ronda desenvolve um dos Elementos Compostos tal como agora conhecidos pela Ciência - a qual rejeita a nomenclatura antiga, preferindo subdividi-los nos seus constituintes. Se a Natureza é "uma Eterna Transformação" no plano manifestado, então os Elementos devem ser olhados do mesmo ponto de vista: eles têm que evoluir, progredir e crescer, até o final do Manvântara. Assim, a Primeira Ronda, segundo nos é ensinado, desenvolveu apenas um Elemento, e uma natureza e uma humanidade naquilo que pode ser visto como um aspecto da Natureza, chamado por alguns - de modo muito pouco científico, embora *na prática* a ideia possa ser verdadeira - de "Espaço Unidimensional".

A Segunda Ronda produziu e desenvolveu dois Elementos - Fogo e Terra - e a *sua* humanidade, adaptada a essa condição da Natureza, se podemos dar o nome de Humanidade a seres que vivem sob condições desconhecidas do homem, era - para usar outra vez uma expressão familiar num sentido estritamente figurativo (única maneira de usá-la corretamente) - "uma espécie bidimensional". Os processos de desenvolvimento natural que estamos agora considerando irão elucidar de imediato, e desmascarar, o hábito de especular sobre os atributos do "Espaço dimensional", seja ele *bidimensional, tridimensional,* de *quatro dimensões* ou mais; mas vale a pena, de passagem, assinalar a verdadeira importância da intuição saudável porém incompleta que levou, entre espíritas, teosofistas e também vários grandes cientistas [620], ao uso da moderna expressão "Espaço de quarta dimensão". Para começar, naturalmente, o absurdo superficial de supor que o próprio Espaço pode ser mensurável em qualquer direção tem pouca importância. Esta ideia familiar só pode ser uma abreviação da sua forma completa: "a *quarta dimensão da* MATÉRIA *no Espaço*". [621] Mas a expressão é infeliz mesmo quando ampliada deste modo, porque

---

[619] Um ensinamento védico diz que "há três Terras, correspondendo a três Céus, e a nossa Terra (a quarta) é chamada de Bhumi." Esta é a explicação dada pelos nossos orientalistas ocidentais exotéricos. Mas a alusão e o significado esotérico disso nos Vedas se referem à nossa cadeia planetária. Três "Terras" no arco descendente, e três "céus" que são também as três Terras ou globos, apenas muito mais etéreos, no arco ascendente ou espiritual; pelos três primeiros nós descemos até a matéria; pelos outros três nós subimos até o Espírito; o mais inferior, *Bhumi*, a nossa Terra, corresponde ao ponto de mutação, digamos assim, e contém *potencialmente* tanto do Espírito quanto da Matéria. Trataremos do assunto mais adiante. (Nota de H. P. Blavatsky)

[620] A teoria do professor Zöllner tem sido extremamente bem recebida por diversos cientistas - que são espíritas - entre os quais os professores Butlerof e Wagner, de São Petersburgo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[621] "Dar realidade a abstrações é um erro do Realismo. O espaço e o tempo são frequentemente vistos como se estivessem separados de todas as experiências concretas da mente, ao invés de serem vistos como generalizações destas experiências em certos aspectos." (Bain, *Logic*, Part II, p. 389.) (Nota de H. P. Blavatsky)

embora seja claramente verdade que o progresso da evolução possa estar destinado a mostrar-nos novas características da matéria, aquelas características com as quais já estamos familiarizados são, na prática, mais numerosas do que as três dimensões. As faculdades, ou o que é talvez o melhor termo disponível, as características da matéria devem nitidamente ter uma relação direta, sempre, com os sentidos do ser humano. A matéria tem extensão, cor, movimento (movimento molecular), sabor, e cheiro, que correspondem aos sentidos atuais do ser humano, e quando ela desenvolver completamente a sua característica seguinte - vamos chamá-la de momento de PERMEABILIDADE - esta corresponderá ao próximo sentido do homem, que podemos chamar de "CLARIVIDÊNCIA NORMAL"; assim, quando alguns pensadores audazes se mostram ansiosos por uma quarta dimensão que explique a passagem da matéria através da matéria e a produção de nós em uma corda infinita, o que eles estão realmente necessitando é uma *sexta característica da matéria*. As três dimensões pertencem na verdade a apenas um atributo ou característica da matéria - a extensão; e o sentido comum popular com razão se rebela contra a ideia de que sob quaisquer condições possa haver mais do que três dimensões tais como extensão, largura e espessura. Estes termos, e o próprio termo "dimensão", pertencem todos a um plano de pensamento, a um estágio de evolução, a uma característica da matéria. Enquanto houver dentro dos recursos do Cosmo réguas que possam ser aplicadas à matéria, elas serão capazes de medir o cosmos de três maneiras e não mais que isso; e desde o tempo em que pela primeira vez surgiu na compreensão humana a ideia de medir, tem sido possível aplicar medidas em três direções, e não mais. Mas estas considerações não eliminam de modo algum a certeza de que - à medida que passe o tempo e as faculdades humanas sejam multiplicadas - as características da matéria também se multiplicarão. Enquanto isso, a expressão [622] é muito mais incorreta até mesmo do que as expressões familiares "Sol nascendo" e "Sol se pondo".

Voltamos agora à consideração da evolução material através das Rondas. A matéria na *segunda* Ronda, conforme foi afirmado, pode ser mencionada figurativamente como bidimensional. Mas aqui deve ser levada em conta uma outra *advertência*. Aquela expressão ampla e figurativa pode ser vista - em um plano do pensamento, como vimos há um momento - como equivalente à segunda característica da matéria, que corresponde à segunda faculdade perceptiva ou sentido do homem. Mas estas duas escalas de evolução ligadas dizem respeito aos processos que ocorrem dentro dos limites de uma só Ronda. A sucessão de aspectos primários da Natureza, com a qual a sucessão de Rondas se relaciona, tem a ver, como já foi indicado, com o desenvolvimento dos "Elementos" (no sentido Oculto) - Fogo, Ar, Água [623], Terra.

---

[622] Isto é, a expressão "quarta dimensão", que está sendo discutida. (Nota do Tradutor)

[623] A ordem na qual são colocados acima estes Elementos é a ordem correta para fins esotéricos e nos Ensinamentos Secretos. Milton estava correto quando falou dos "Poderes do Fogo, do Ar, da Água, da Terra"; a Terra, tal como a conhecemos agora, não existia antes da quarta Ronda, centenas de milhões de anos atrás, no começo da nossa Terra geológica. O globo era "*ígneo*, *frio* e *radiante* assim como os seus homens e animais etéreos, durante a primeira Ronda", diz o Comentário, fazendo uma afirmação contraditória ou paradoxal na opinião da nossa Ciência atual; "*luminoso* e mais denso e pesado, durante a segunda Ronda; *aquoso* durante a Terceira!" Assim são os Elementos revertidos. (Nota de H. P. Blavatsky)

Nós estamos apenas na quarta Ronda, e o nosso catálogo por enquanto se interrompe aqui. Os centros de consciência (destinados a tornarem-se humanidade tal como a conhecemos) da terceira Ronda chegaram a uma percepção do terceiro Elemento, Água.[624] Os centros de consciência da quarta Ronda acrescentaram ao seu estoque a *terra*, como um estado da matéria, assim como os outros três elementos em sua atual transformação. Em resumo, nenhum dos chamados elementos era, nas três Rondas anteriores, como é hoje. Até onde sabemos, o FOGO pode ter sido *puro* AKASHA, a primeira Matéria da *Magnum Opus* dos Criadores e "Construtores", aquela Luz Astral que o paradoxal Eliphas Levi chama por um lado de "o corpo do Espírito Santo" e por outro lado de "Baphomet", o "Bode Andrógino de Mendes" [625]; AR,

---

[624] Se tivéssemos que estruturar a nossa conclusão de acordo com a ideia fornecida pelos geólogos, nós diríamos que não havia verdadeira água mesmo durante o período Carbonífero. Nos é dito que as massas gigantescas de carbono, que estavam anteriormente espalhadas na atmosfera como Ácido Carbônico, foram absorvidas por plantas, enquanto uma grande proporção daquele gás era misturada na água. Pois bem, se isso é assim, e temos de acreditar que todo o Ácido Carbônico que foi compor aquelas plantas que formaram o carvão betuminoso, o lignito, etc., e que entraram na formação do calcário e assim por diante, que tudo isso estava naquele período na atmosfera em forma gasosa, então, deve ter havido mares e oceanos de ácido carbônico líquido? Mas neste caso de que modo o período carbonífero poderia ter sido antecedido pelas eras Devoniana e Siluriana - as eras dos Peixes e dos Moluscos - com base nesta suposição? A pressão barométrica, além disso, deve ter excedido em várias centenas de vezes a pressão da nossa atmosfera atual. Como poderiam organismos, mesmo tão simples como os de certos peixes e moluscos, suportar aquilo? Há uma obra curiosa, de Blanchard, sobre a Origem da Vida, na qual ele mostra algumas estranhas contradições e confusões nas teorias de seus colegas, e que recomendamos à atenção do leitor. (Nota de H. P. Blavatsky)

[625] Eliphas Levi mostra-o de modo muito correto como "uma força da Natureza", através da qual "um só homem que possa dominá-la …… poderia lançar o mundo numa confusão e transformar a sua face"; porque é o "grande Arcano da Magia transcendente". Citando as palavras do grande Cabalista Ocidental na sua tradução (veja "*The Mysteries of Magic*", de A. E. Waite, 1886, p. 75), nós podemos explicá-las talvez melhor através do acréscimo ocasional de uma palavra ou duas para mostrar a diferença entre a explicação Ocidental e a explicação Oriental do mesmo assunto. O autor diz sobre o grande Agente Mágico: - "Este fluido ambiental e que tudo permeia, este raio destacado do esplendor do Sol (Central ou 'Espiritual') ….. fixado pelo peso da atmosfera (?!) e pelo poder da atração central ….. a Luz Astral, esse éter eletromagnético, vital e calórico luminoso, é representado nos monumentos antigos como o cinto de Ísis, que gira em torno de dois polos ….. e nas teogonias antigas é representado pela serpente que devora a sua própria cauda, símbolo da prudência e de Saturno" - o emblema da infinitude, da imortalidade, e de Cronos - "Tempo" - não o deus Saturno nem o planeta. "É o dragão alado de Medea, a serpente dupla do caduceu, e o tentador do Gênesis; mas ele é também a serpente de metal de Moisés, em torno do Tau ….. [***Subnota do Tradutor****: veja na Bíblia o livro 'Números', cap. 21.*] e por último, é o demônio do dogmatismo exotérico, e é na realidade a força cega (*não é cega, e Eliphas Levi sabia disso*), que as almas devem dominar para afastarem-se das correntes da Terra: porque 'se não fizerem isso' serão absorvidas pelo mesmo poder que no início as produziu, e voltarão ao fogo central e eterno." Este grande *archeus* é agora descoberto por, e apenas *por um ser humano*, o sr. J. W. Keely, de Filadélfia. Para outros, porém, ele *é* descoberto, no entanto deve permanecer quase inútil. "Até aqui irás tu (…). " Tudo o que é dito acima é igualmente prático e correto, exceto por um erro, que explicaremos mais

simplesmente Nitrogênio, "a respiração dos que são Pontos de Apoio da Abóboda Celestial", conforme dizem os místicos maometanos; ÁGUA, aquele fluido primordial que era um componente necessário, de acordo com Moisés, para que se fizesse uma *alma viva*. E isto pode explicar as flagrantes discrepâncias e afirmações contrárias à ciência que encontramos em Gênesis. Separemos o primeiro capítulo do segundo; leiamos o primeiro como uma escritura dos Eloístas, e o segundo como um texto dos Jeovistas, muito posteriores; e ainda veremos, se olharmos as entrelinhas, a mesma ordem da aparição das coisas criadas - isto é, Fogo (luz), Ar, Água, e HOMEM (ou a Terra). Porque a frase "No começo Deus criou o Céu e a Terra" é um erro de tradução; não se trata de "Céu e Terra" mas do *duplex* ou Céu dual, os céus *superiores* e *inferiores*, ou a separação da substância primordial que era luz na sua parte superior e escuridão na sua parte inferior - o Universo manifestado -, em sua dualidade entre o que é *invisível* (para os sentidos) e o que é *visível* para as nossas percepções. Deus separou a luz da Escuridão (vers. 4). E depois fez o firmamento, ar (vers. 5). "Haja um firmamento no meio das águas, e que ele separe as águas das águas" (vers. 6); *isto é*, "as águas que estavam sob o firmamento (nosso Universo manifestado visível) das águas que estavam *acima* do firmamento", ou seja, os planos (para nós) invisíveis de existência. No segundo capítulo (o Jeovístico), as plantas e ervas são criadas antes da água, assim como no primeiro *a luz é produzida antes do Sol*. "Deus fez a Terra e os Céus e todas as plantas do campo *antes que estivessem na Terra*, e todas as ervas do campo *antes que elas crescessem*; porque os Elohim ('deuses') não haviam feito com que chovesse na Terra, etc." (vers. 5) - um absurdo, a menos que a explicação esotérica seja aceita. As plantas *foram* criadas antes que estivessem na Terra - *porque não havia na época Terra como ela é hoje*; e as ervas do campo existiam antes de germinarem e crescerem tal como fazem agora na quarta Ronda.

Ao discutir e explicar a natureza dos Elementos invisíveis e do "fogo primordial" mencionado acima, Eliphas Levi o chama invariavelmente de "Luz Astral". Ele é, para Levi, o "grande Agente Mágico"; isso é inegavelmente verdadeiro - mas só no que diz respeito a Magia *Negra*, e nos planos inferiores do que nós chamamos de Éter, cujo númeno é Akasha; e mesmo isso seria considerado errado por Ocultistas ortodoxos. A "Luz Astral" é simplesmente a "luz *sideral*" de Paracelso, anterior a Eliphas Levi; e dizer que "tudo o que existe surgiu dela, e que ela preserva e reproduz todas as formas", tal como Levi escreve, é enunciar a verdade apenas na segunda proposição.[626] A primeira afirmativa é errônea; porque se tudo o que existe

---

adiante. Eliphas Levi comete um erro básico ao sempre identificar a Luz Astral com o que nós chamamos de Akasha. O que a Luz Astral realmente é será mostrado na parte dois do Volume II. (Nota de H. P. Blavatsky)

[626] Embora o tom usado por Blavatsky pareça sugerir às vezes que Eliphas Levi cometeu erros conceituais importantes, o leitor atento vê que as discordâncias dela em relação a Levi têm pouca substância real. Podemos ler nas Cartas dos Mahatmas, no primeiro parágrafo da Carta 70-C: "*Exceto pelo fato de que ele constantemente usa os termos 'Deus' e 'Cristo', que vistos esotericamente significam simplesmente 'Bem' - no seu duplo aspecto do abstrato e do* concreto*, e nada mais dogmático que isto - Eliphas Levi não está em nenhum conflito* direto *com nossos ensinamentos*." Blavatsky traz muito mais precisão ao ensinamento;

tivesse surgido *através da* (ou *via*) luz astral, ela não seria a luz astral. Ela não é o depósito de *todas* as coisas mas apenas o refletor, na melhor das hipóteses, deste *tudo*. Eliphas Levi afirma:

"O grande agente Mágico é a quarta emanação do princípio vital (nós dizemos; é a primeira no Universo interior, e a segunda no nosso Universo externo), do qual o Sol é a terceira forma ….. porque a estrela do dia (o Sol) é apenas o reflexo e a sombra material do Sol Central da verdade que ilumina o mundo intelectual (invisível) do espírito e que é, em si mesmo, apenas um raio tomado por empréstimo do ABSOLUTO." [627]

Até aqui ele está suficientemente correto. Mas quando a grande autoridade dos cabalistas ocidentais acrescenta que, no entanto, "ele não é o Espírito imortal que os hierofantes indianos imaginaram", nós respondemos que ele ofende os Hierofantes, porque eles não disseram nada semelhante; e mesmo os escritos exotéricos purânicos contradizem frontalmente a afirmativa. Nenhum hindu jamais confundiu *Prakriti* - e a Luz Astral está acima apenas do nível mais inferior de Prakriti, o Cosmos material - com o "Espírito imortal". Prakriti é sempre chamada de *Maya*, ilusão, e está condenada a desaparecer com o resto, inclusive os deuses, na hora do Pralaya; porque está demonstrado que Akasha não é nem mesmo o Éter, e não poderia ser, nem de longe, a Luz Astral, segundo nós imaginamos. Quem não consegue ir além da letra morta dos Puranas tem confundido ocasionalmente Akasha com Prakriti, com o Éter, e até mesmo com o Céu visível! É verdade também que aqueles que vêm traduzindo invariavelmente o termo Akasha como Éter (Wilson, por exemplo), ao vê-lo ser chamado de "causa material do som", e ver além disso que possui esta *única propriedade* (*Vishnu Purana*), imaginaram, ignorantemente, que ele fosse "material" no sentido físico. É verdade, outra vez, que se as características são aceitas literalmente, então, já que nada material ou físico e portanto condicionado e temporário pode ser imortal - de acordo com a metafísica e a filosofia -, a conclusão seria que o Akasha não é nem infinito nem imortal. Mas tudo isso é errado, já que tanto a palavra *Pradhana* (matéria primordial) como a palavra *som*, como uma propriedade, foram mal interpretadas. O termo anterior (Pradhana) é certamente um sinônimo de *Mulaprakriti* e Akasha, e o termo posterior (som) é sinônimo de Verbum, a Palavra ou Logos. Isso é fácil de demonstrar; porque fica claro nas seguintes frases do *Vishnu Purana*: "No começo não havia nem dia nem noite, nem céu, nem Terra, nem escuridão, nem luz ….. Havia só o UM, incompreensível por meio do intelecto, ou aquilo que é Brahma e Pums (Espírito) e Pradhana (matéria primordial)." (…..) (Livro I, cap. II)

Pois bem, o que é Pradhana, se não é Mulaprakriti, a raiz de tudo, sob um outro aspecto? Porque Pradhana, embora dele se diga mais adiante que se unifica com a

---

Eliphas foi um precursor dela, mas não há divergências fundamentais entre os dois. (Nota do Tradutor)

[627] Do mesmo modo, Wiracocha, o deus solar andino, usa o Sol físico como sua coroa. Veja nos websites associados o artigo "**A Teosofia dos Andes**". (Nota do Tradutor)

Divindade como todas as coisas o fazem, para sair do UM absoluto durante o Pralaya, ainda assim é considerado infinito e imortal. O autor dos Comentários descreve deste modo a Divindade: "Um Espírito de Brahma *Pradhanika*: AQUELE, EXISTIA"; e interpreta este termo composto como um substantivo, não como uma palavra derivada usada atributivamente, isto é, como algo ligado a Pradhana.[628] Portanto, Pradhana, mesmo nos Puranas, é um aspecto de Parabrahmam e não uma evolução, e deve ser o mesmo que o Mulaprakriti Vedantino. "Prakriti em seu estado *primário* é Akasha", diz um erudito vedantino (veja o livro "**Five Years of Theosophy**", p. 169). Prakriti é quase Natureza abstrata.

Akasha, então, é Pradhana sob outra forma, e como tal não pode ser Éter, o agente sempre invisível considerado importante até mesmo pela ciência. E Akasha tampouco é a Luz Astral. Ele é, como já foi dito, o *númeno* de *Prakriti* sétuplo diferenciado [629] - a sempre imaculada "Mãe" do filho *sem pai*, que se torna "Pai" no plano inferior manifestado. Porque MAHAT é o primeiro produto de Pradhana, ou Akasha, e Mahat - inteligência universal - "cuja *propriedade característica* é Buddhi", não é outro senão o *Logos*, porque é chamado de "Ishwara", Brahmâ, de Bhava, etc. (Veja *Linga Purana*, seção lxx, 12 e continuação; e *Vayu Purana*, mas especialmente o primeiro destes dois Puranas, inclusive na seção viii, 67-74.) Akasha é, em resumo, o "Criador", isto é, a mente divina em operação criativa, "a causa de todas as coisas". Ele é o "primogênito" de quem os Puranas nos dizem que "Mahat e a matéria são a fronteira interna e a fronteira externa do Universo", ou, em outras palavras, os polos negativo e positivo da natureza dual (o abstrato e o concreto). Porque o Purana acrescenta: "Desta maneira, assim como as *sete* formas (princípios) de Prakriti foram reconhecidas [630] desde Mahat até a Terra, do mesmo modo na época do pralaya (pratyahara), esses sete reingressam sucessivamente uns nos outros. O ovo de Brahmâ (Sarva-mandala) é dissolvido com suas sete zonas (dwipa), sete oceanos, sete regiões, etc." (*Vishnu Purana*, Livro vi, cap. iv.) [631]

---

[628] O estudante precisa levar em conta, além disso, que o Purana é um sistema dualista, não evolucionário, e que, neste aspecto, será encontrado muito mais, desde o ponto de vista esotérico, em Sankhya, e mesmo no Manava-Dharma-Shastra, por mais que este difira do anterior. (Nota de H. P. Blavatsky)

[629] Na filosofia Sankhya, os sete Prakritis ou "produções produtivas" são *Mahat*, *Ahamkara*, e as *cinco tanmatras*. Veja "*Sankhya-kárika*", III, e o seu Comentário. (Nota de H. P. Blavatsky)

[630] "Reconhecidas" - reckoned no original em inglês. (Nota do Tradutor)

[631] Seria inútil dizer isso para os hindus, que conhecem os seus Puranas de memória, mas muito útil relembrar aos nossos orientalistas e aos ocidentais que consideram as traduções de Wilson como uma autoridade, que, na tradução feita por ele do Vishnu Purana para o inglês, Wilson é responsável por contradições e erros extremamente ridículos. Assim, a respeito deste assunto dos sete Prakritis ou sete regiões do ovo de Brahma, as duas descrições diferem totalmente. No Vol. I, p. 40, afirma-se que o ovo é externamente revestido por sete envoltórios. Wilson comenta: "pela Água, pelo Ar, pelo Fogo, pelo Éter, e por Ahamkara" (sendo que esta última palavra não existe nos textos sânscritos); e, no vol. V, p. 198, do mesmo Vishnu Purana, está escrito, "desta maneira foram as sete formas da natureza (Prakriti) reconhecidas desde Mahat até a Terra" (?). Entre Mahat ou Maha-Buddhi e "Água, etc.", a diferença é muito ampla. (Nota de H. P. Blavatsky)

Estas são as razões pelas quais os Ocultistas se recusam a dar o nome de Luz Astral ao Akasha, ou a chamar de Éter o Akasha. A frase "na casa do meu Pai há muitas mansões" pode ser comparada com o axioma oculto "na casa da nossa Mãe há sete mansões", ou planos, dos quais o mais inferior - a Luz Astral - está acima de nós e ao nosso redor.

Sejam simples ou compostos, os elementos não poderiam ter permanecido os mesmos desde o começo da evolução da nossa cadeia. Tudo no Universo progride com firmeza no Grande Ciclo, enquanto vai incessantemente para cima e para baixo nos ciclos menores. A natureza nunca está estacionária durante o manvântara, porque está sempre *transformando-se em alguma coisa* [632], e não apenas *sendo*. A vida mineral, a vida vegetal e a vida humana estão sempre adaptando os seus organismos aos Elementos que reinam em cada época, e portanto *aqueles* Elementos foram então adequados para os organismos, assim como eles são agora adequados para a vida da humanidade atual. Será apenas na próxima Ronda, a quinta, que o quinto Elemento, o *Éter* - o corpo denso de Akasha, se é que se pode dar este nome a ele - se tornará um fato da Natureza, familiar para todos os seres humanos, assim como o ar é algo familiar para nós hoje; e o quinto Elemento deixará de ser como hoje algo hipotético, e também um "agente" para tantas coisas. E somente naquela Ronda os sentidos mais elevados, cujo crescimento e desenvolvimento o Akasha auxilia, poderão ter uma completa expansão. Como já foi indicado, pode-se esperar que ocorra no momento adequado desta Ronda uma familiaridade *parcial* com a característica da matéria que deveria ser desenvolvida junto com o sexto sentido - a permeabilidade. Mas com o próximo elemento acrescentado aos nossos recursos na próxima Ronda, a *permeabilidade* se tornará uma característica tão manifesta da matéria que as formas mais densas dela serão percebidas pelo ser humano como obstáculos, como uma neblina densa e não mais que isso.

Voltemos ao ciclo-da-vida. Sem fazer uma descrição demorada das VIDAS *mais elevadas*, devemos dirigir a nossa atenção agora simplesmente aos seres terrestres e à própria Terra. Esta última, conforme nos é dito, é construída para a primeira Ronda pelos "Devoradores" que desintegram e diferenciam os germes de outras vidas nos Elementos; de modo bastante parecido, devemos supor, com o que os *aeróbios* fazem no estágio atual do mundo, quando, enfraquecendo e afrouxando a estrutura química de um organismo, eles transformam a matéria animal e geram substâncias que variam em suas constituições. Assim, o Ocultismo deixa de lado a chamada Era *Azoica* da ciência [633], pois ele mostra nunca ter havido uma época em que a Terra

---

[632] De acordo com o grande metafísico Hegel, também. Para ele, a Natureza é uma *perpétua transformação em alguma coisa*. Trata-se de uma concepção puramente esotérica. A criação ou Origem no sentido cristão do termo é absolutamente impensável. O pensador mencionado acima disse: "Deus (o Espírito Universal) *torna a si mesmo objetivo como Natureza*, e ergue-se novamente para fora dela." (Nota de H. P. Blavatsky)

[633] Era Azoica segundo a ciência - período anterior à vida no planeta, quando o planeta estava em formação. A ciência não inclui o período Azoico entre as eras geológicas, porque nele ainda não existia a Terra tal como se conhece hoje. (Nota do Tradutor)

existiu sem haver vida nela. Onde quer que haja um átomo de matéria, uma partícula ou uma molécula, mesmo na sua condição mais gasosa, há vida, por mais que a vida esteja latente ou inconsciente. "*Tudo o que sai do Estado de Laya* [634] *torna-se vida ativa; é atraído até o vórtex do MOVIMENTO (o solvente alquímico da Vida); Espírito e Matéria são os dois Estados do UNO, que não é nem Espírito nem Matéria; os dois são a vida absoluta, em estado latente." (Livro de Dzyan, Comentário III, parágrafo 18) ……. "O Espírito é a primeira diferenciação do (e no) ESPAÇO; e a Matéria, a primeira diferenciação do Espírito. Aquilo que não é nem Espírito nem matéria - que é ISSO - a CAUSA Sem Causa do Espírito e da Matéria, os quais são a Causa do Cosmos. E a ISSO nós chamamos de VIDA UNA ou Alento Intra-Cósmico."*

Uma vez mais nós diremos - *o semelhante precisa produzir o semelhante.* A Vida Absoluta não pode produzir um átomo inorgânico, seja simples ou complexo, e há vida mesmo em *laya*, assim como um homem em estado profundamente cataléptico - segundo todas as aparências um cadáver - é ainda assim um ser vivo.

Quando os "Devoradores" (nos quais os cientistas são convidados a ver com alguma aparência de razão átomos da Névoa Ígnea, se quiserem, e o Ocultista não fará objeções a isto); quando os "Devoradores", dizemos nós, diferenciam "os átomos ígneos" por um processo peculiar de segmentação, estes últimos se tornam germes-de-vida, que se agregam de acordo com as leis da coesão e da afinidade. Então os germes-de-vida produzem vidas de outro tipo, que trabalham na estrutura dos nossos globos. ******

Assim, na primeira Ronda, o globo, tendo sido construído pelas vidas-de-fogo primitivas, isto é, tendo sido formado de modo a ser uma esfera, não tinha solidez, nem tampouco qualificações, exceto uma claridade fria; nem forma, nem cor; foi apenas perto do final da Primeira Ronda que o globo desenvolveu um Elemento, o qual, a partir da sua - digamos - Essência inorgânica ou simples, tornou-se agora em nossa Ronda o fogo que nós conhecemos e que está por toda parte no sistema. A Terra estava em seu primeiro rupa, cuja essência é o princípio Akáshico chamado de *** aquilo que é agora conhecido como, e muito erroneamente qualificado como Luz Astral, e que Eliphas Levi chama de "imaginação da Natureza" [635], provavelmente para evitar dar-lhe o nome correto, como outros fazem.

---

[634] *Laya*: Conforme Blavatsky definiu anteriormente na presente obra, *Laya* é um "ponto-zero ou linha zero; o reino da negatividade absoluta, ou da única Energia real e absoluta; o NÚMENO do Sétimo Estado daquilo que nós, em nossa ignorância, chamamos de 'Energia' e reconhecemos como 'Energia'; ou seja, o Númeno da Substância Cósmica Indiferenciada, que é em si mesmo um objeto inalcançável e incognoscível desde o ponto de vista da percepção finita." E acrescentou: "É a raiz e a base de todos os estados de objetividade, e também de subjetividade. É o eixo neutro; não constitui um dos seus muitos aspectos, mas o seu centro." (Nota do Tradutor)

[635] Falando sobre isso no prefácio de sua "História da Magia", [***Subnota do Tradutor:*** *veja a página 31 da edição brasileira da Ed. Pensamento*] Eliphas Levi diz: "Por esta força todos os aparelhos nervosos comunicam-se secretamente; daí nascem a simpatia e a antipatia; daí provêm os sonhos e se produzem os fenômenos de segunda vista e de visão extranatural.

"*É através e a partir das radiações dos sete corpos das sete ordens de Dhyanis que nascem as sete discretas quantidades (Elementos), cujo movimento e cuja União harmoniosa produzem o Universo manifestado de Matéria.*" (*Comentário.*)

A Segunda Ronda traz para a manifestação o segundo elemento - o AR, o elemento cuja pureza asseguraria vida contínua para quem o utilizasse. Até hoje houve apenas dois Ocultistas, na Europa, que descobriram e mesmo colocaram parcialmente em prática este elemento, embora a sua composição tenha sido conhecida desde sempre pelos Iniciados Orientais mais elevados. O ozônio dos químicos modernos é um veneno se comparado com o verdadeiro solvente universal, que nunca poderia ser objeto do pensamento, se não existisse na natureza. "*A partir da segunda Ronda, a Terra - até aqui um feto na matriz do Espaço - começou a sua real existência: já havia desenvolvido a vida sensível individual, o seu segundo princípio. O segundo corresponde ao sexto (princípio): o segundo é vida contínua, o outro, vida temporária*."[636]

A *Terceira* Ronda desenvolveu o *terceiro* Princípio - ÁGUA; enquanto a Quarta Ronda transformou os fluidos gasosos e a forma plástica do nosso globo na esfera dura, dotada de crosta e grosseiramente material em que vivemos. A "Bhumi" chegou ao seu *quarto* princípio. Nesta altura pode-se levantar a objeção de que a lei da analogia, em que tanto se insiste, está sendo quebrada. De modo algum. A Terra irá atingir a sua verdadeira e última forma (e nisso de maneira inversa à maneira do homem) - seu corpo casca - apenas pelo final do manvântara e após a Sétima Ronda. Eugenius Philalethes estava certo quando assegurou a seus leitores *empenhando a sua palavra de honra* que ninguém ainda havia visto *a Terra* (isto é, a MATÉRIA em sua forma essencial). O nosso globo está, até o momento, em seu estado *Kama-rúpico* - o corpo astral de desejos de *Ahamkara*, o Egoísmo escuro, o descendente de Mahat, no plano inferior …..

(…..) A luz astral (…) destrói, coagula, separa, quebra, reúne todas as coisas sob a impulsão das vontades poderosas. (…..) Deus a criou no primeiro dia quando ele disse: *fiat lux!* (…) É dirigida pelas *egrégoras*, pelos chefes das almas. Os chefes de almas são os espíritos de energia e de ação." Eliphas Levi deveria ter acrescentado que a luz astral, ou substância primordial, se puder ser considerada de alguma maneira como matéria, é aquilo que, sendo chamado de *Luz*, LUX, esotericamente explicado, *é o corpo daqueles Espíritos, e a própria essência deles*. *A nossa luz física é a manifestação, no nosso plano*, e a radiação refletida da Luz *Divina* que emana do corpo coletivo daqueles que são chamados "LUZES" e "CHAMAS". Mas nenhum outro cabalista teve jamais tanto talento como Eliphas Levi para empilhar uma contradição sobre a outra, para fazer com que um paradoxo corra atrás do outro na mesma frase, nem com uma linguagem tão fluida. Ele leva o leitor pelos vales mais encantadores, e mais belamente floridos, para deixá-lo afinal num deserto e numa ilha rochosa de solo estéril. (Nota de H. P. Blavatsky)

[636] Este ponto da tradução corresponde à p. 260 do primeiro volume da **edição original em inglês**. (Nota do Tradutor)

Não é a matéria molecularmente constituída - muito menos o corpo humano (*sthula-sharira*) - que é o mais grosseiro de todos os nossos "princípios", mas na realidade é o princípio *do meio* que constitui o verdadeiro centro animal; por outro lado, o nosso corpo é apenas a casca deste princípio, o fator irresponsável e o meio através do qual o animal em nós age durante toda a sua vida. Todo teosofista intelectual entenderá o real significado do que estou dizendo. Deste modo, a ideia de que o tabernáculo humano é construído por *vidas* incontáveis, do mesmo modo como foi construída a crosta de rochas da nossa Terra, não tem nada que cause rejeição por parte do verdadeiro místico. Tampouco pode a ciência opor-se ao ensinamento oculto, porque o fato de que o microscópio será sempre incapaz de detectar o último átomo vivo ou a última vida não é suficiente para rejeitar a doutrina.

(*c*) A ciência ensina que tanto o organismo vivo como o organismo morto, do ser humano e do animal, estão repletos de bactérias de uma centena de espécies diferentes; que do exterior estamos ameaçados de invasão pelos micróbios a cada respiração que fazemos, e desde dentro somos ameaçados pelas leucomaínas, pelos aeróbios, pelos anaeróbios e sabe-se lá mais o quê. Mas até hoje a ciência nunca chegou ao ponto de afirmar, como a doutrina oculta, que os nossos próprios corpos, assim como os dos animais, das plantas e das pedras, são completamente construídos por tais seres; os quais, exceto no caso das espécies maiores, nenhum microscópio pode detectar. Em relação ao aspecto puramente animal e material do homem, a ciência está a caminho de fazer descobertas que avançarão muito no sentido de confirmar esta teoria. A química e a fisiologia são os dois grandes mágicos do futuro, que estão destinados a abrir os olhos da humanidade para as grandes verdades físicas. A cada dia, a identidade entre o animal e o homem físico, entre a planta e o homem, e mesmo entre o réptil e o seu ninho, e entre a rocha e o homem - se mostra mais e mais claramente.

Quando os constituintes físicos e químicos de todos os seres forem reconhecidos como idênticos, a ciência química poderá dizer de fato que não há diferença entre a matéria que forma um boi e a matéria que forma um ser humano. Mas a doutrina Oculta é muito mais explícita. Ela diz: Não só os componentes químicos são os mesmos, mas as mesmas *vidas invisíveis* infinitesimais compõem os átomos dos corpos da montanha e da margarida, do ser humano e da formiga, do elefante e da árvore que o defende contra o Sol. Cada partícula - quer você a chame de orgânica ou de inorgânica - *é uma vida*. Cada átomo e molécula no Universo tanto *doa a vida* como *doa a morte* a aquelas formas, na medida em que constrói por agregação os universos e os veículos efêmeros prontos a receber a alma que transmigra, e também eternamente destrói e muda as *formas* e expulsa as almas das suas moradias provisórias. Ela cria e mata; ela é autogeradora e autodestruidora; ela traz à existência e aniquila este mistério dos mistérios - o *corpo vivo* do ser humano, do animal e da planta, a cada segundo, no tempo e no espaço; e ela gera igualmente vida e morte, beleza e feiura, bem e mal, e até mesmo as sensações agradáveis e desagradáveis, benéficas e maléficas.

É esta VIDA misteriosa, representada coletivamente por incontáveis miríades de vidas, que segue, do seu próprio modo esporádico, a lei até aqui incompreensível do

Atavismo; é ela que copia os traços semelhantes das famílias, assim como copia o que ela vê impresso nas auras dos que geram cada futuro ser humano; e esse mistério será tratado com atenção mais demorada em outra parte. De momento, podemos citar um exemplo como ilustração. A ciência moderna começa a descobrir que a ptomaína (o veneno alcaloide gerado por matéria em decomposição e cadáveres - uma *vida* também) extraída com a ajuda de éter volátil, produz um cheiro igual, e tão forte quanto, o cheiro das flores mais frescas da laranjeira; mas que uma vez livre de oxigênio, estes alcaloides produzem, seja o cheiro mais nauseante e desagradável, seja o mais agradável aroma, que lembra as flores de odor mais delicado. E suspeita-se que estas flores devem o seu aroma agradável à presença da ptomaína venenosa; a essência venenosa de alguns cogumelos (fungos) é quase idêntica ao veneno da Cobra da Índia, a mais mortal das serpentes. [637]

Deste modo, tendo descoberto os efeitos, a ciência precisa encontrar as suas causas PRIMÁRIAS; e isso ela nunca poderá fazer sem ajuda das ciências antigas, da alquimia, da botânica e da física ocultas. É ensinado a nós que toda mudança fisiológica, além dos fenômenos patológicos; as doenças - a própria vida - ou melhor, os fenômenos objetivos da vida, produzidos por certas condições e mudanças nos tecidos do corpo que permitem e forçam a vida a agir naquele corpo; que tudo isso se deve a aqueles CRIADORES e DESTRUIDORES invisíveis que são chamados, de uma maneira tão vaga e tão geral, de micróbios.[638] Experimentadores

---

[637] Os eruditos franceses Arnaud, Gautier, e Villiers descobriram na saliva de homens vivos o mesmo alcaloide venenoso que ocorre no caso do sapo, da salamandra, da cobra e do trigonocephalus de Portugal. Está provado que o veneno do tipo mais mortal, seja ele chamado de ptomaína, ou leucomaína, ou alcaloide, é gerado por seres humanos vivos, por animais vivos e plantas vivas. O mesmo erudito, Gautier, descobriu um alcaloide na carne fresca de um boi e no seu cérebro, e um veneno que ele chama de Xantocreatinina, similar à substância extraída da saliva venenosa dos répteis. São os tecidos musculares, os mais ativos da economia energética dos animais, que são suspeitos de gerarem venenos, ou de serem fatores na sua produção, tendo a mesma importância que o ácido carbônico e a ureia nas funções da vida, dois venenos que são os produtos últimos da combustão interna. E embora não esteja ainda completamente determinado se os venenos podem ser gerados pelo sistema animal dos seres vivos sem a participação e a interferência de micróbios, já está confirmado que o animal produz substâncias venenosas no seu estado fisiológico ou seja, estando vivo. (Nota de H. P. Blavatsky)

[638] Se poderia pensar que estas "vidas ígneas" e os micróbios da ciência são idênticos. Isso não é verdade. As "vidas ígneas" são a sétima e mais elevada subdivisão do plano da matéria, e correspondem no indivíduo à Vida Una do Universo, embora apenas no plano material. Os micróbios da ciência são a primeira e mais baixa subdivisão do segundo plano - a subdivisão do *prana* (ou vida) material. O corpo físico do homem passa por uma completa mudança de estrutura a cada sete anos, e a sua destruição e preservação se devem à função alternada das vidas ígneas como "destruidoras" e "construtoras". Elas são "construtoras" ao sacrificarem-se na forma de vitalidade para restringir a influência destrutiva dos micróbios, e, ao fornecerem aos micróbios o que é necessário, elas os compelem neste processo de restrição a construir o corpo material e as suas células. Elas são "destruidoras" também, quando a restrição é removida e os micróbios, deixando de ser abastecidos com energia construtiva, têm permissão para atuar à vontade como *agentes* da destruição. Assim, durante a primeira parte da vida de um ser humano (os primeiros *cinco* períodos de sete anos

como Pasteur seriam os melhores amigos e ajudantes dos Destruidores e os piores inimigos dos Criadores, se os Criadores não fossem ao mesmo tempo destruidores, também. De qualquer modo, uma coisa é certa nisso tudo: o conhecimento destas causas primárias e da essência última de todos os elementos, das vidas e das funções deles, das suas propriedades e das suas condições de mudança - constitui a base da MAGIA. Paracelso talvez tenha sido o único Ocultista na Europa durante os últimos séculos desde o advento da era cristã, que conhecia bem este mistério. Se a mão de um criminoso não tivesse posto um fim à sua vida anos antes de terminar o tempo destinado a ele pela Natureza, a Magia fisiológica teria hoje menos segredos do que tem para o mundo civilizado.

(*d*) Mas o que tem a Lua a ver com tudo isso? podemos perguntar. O que têm "o Peixe, o Pecado e a Lua", na afirmativa apocalíptica da Estância [639], em comum com os "micróbios da Vida"? Com estes últimos, nada, exceto pelo tabernáculo de barro preparado por eles; com o ser humano divino e perfeito, tudo, porque "o Peixe, o Pecado e a Lua" são em conjunto os três símbolos do Ser Imortal.

Isso é tudo o que pode ser transmitido. Além disso, esta redatora não tem a pretensão de saber mais sobre este estranho símbolo do que aquilo que pode ser inferido das religiões exotéricas; do mistério, talvez, que está ligado a *Matsya* (peixe), *Avatar* de Vishnu, o Oannes caldeu - o Homem-Peixe, gravado no imperecível signo do Zodíaco, *Peixes*, e percorrendo todos os dois Testamentos nos personagens de Joshua ou Josué, "Filho do Peixe (Num)" e Jesus; o "Pecado" alegórico ou a Queda do Espírito na matéria, e a Lua - no que se refere aos antecessores "Lunares", os Pitris.

---

cada) as "vidas ígneas" estão indiretamente engajadas no processo de construção do corpo humano material: a vida está na escala ascendente, e a força é usada na construção e no crescimento. Depois que este período passa, começa a idade da retrogressão e, como o trabalho das "vidas ígneas" exaure a força delas, o trabalho de destruição e de decréscimo também começa.

Pode ser feita aqui uma analogia entre os acontecimentos cósmicos na descida do espírito à matéria, durante a primeira metade de um manvântara (seja planetário ou humano), e a sua subida às custas da matéria na segunda metade. Estas considerações se referem apenas ao plano da matéria, mas a influência restritiva das "vidas ígneas" sobre a subdivisão mais inferior do segundo plano - os micróbios - é confirmada pelo fato mencionado na nota de rodapé sobre Pasteur (*veja acima*) [***Subnota do Tradutor**: A nota de rodapé sobre Pasteur está no comentário **(b)** a este mesmo **sloka 5** da Estância **VII***] de que as células dos órgãos, quando não encontram suficiente oxigênio para si mesmas, se adaptam a esta situação e formam *fermentos* que, absorvendo oxigênio de substâncias que entram em contato com eles, arruínam-nas. Assim começa o processo pelo qual uma célula rouba da sua vizinha a fonte da sua vitalidade quando o suprimento é insuficiente; e a ruína, começada deste modo, avança com firmeza. (Nota de H. P. Blavatsky)

[639] O comentário **d**, que agora começa, explica a parte final do sloka 5 da Estância VII, que diz: "**Quem o forma? As sete vidas, e a vida una.** (*c*) **Quem o completa? O Lha quíntuplo. E quem aperfeiçoa o último corpo? O peixe, o pecado, e Soma** (*a lua*) (*d*)**.**" (Nota do Tradutor)

Por enquanto, pode ser igualmente adequado lembrar o leitor de que as deusas da Lua estavam ligadas em todas as mitologias, especialmente a mitologia grega, ao nascimento das crianças, por causa da influência lunar nas mulheres e na concepção; mas por outro lado a ligação oculta e real do nosso satélite com a fecundação é até hoje desconhecida por parte da fisiologia, que considera superstições grosseiras todas as práticas populares relativas a este tema. Já que é inútil discutir o assunto em detalhes, é melhor fazer apenas uma pausa para discutir casualmente a simbologia lunar, para mostrar que a mencionada superstição pertence às religiões mais antigas, e mesmo ao judaísmo, base do cristianismo. Para os israelitas, a principal função de Jeová era a geração de crianças, e o esoterismo da Bíblia, interpretado desde o ponto de vista cabalístico, mostra inegavelmente que o Santo dos Santos [640] do templo era apenas um símbolo do útero. O fato está agora comprovado além de toda dúvida ou reserva, pela leitura *numérica* da Bíblia em geral, e especialmente do Gênesis. Esta ideia deve certamente ter sido tomada de empréstimo pelos judeus dos egípcios e dos indianos, cujo Santo dos Santos era, e no caso indiano é até hoje, simbolizado respectivamente pela câmara do Rei na Grande Pirâmide (veja "*Source of Measures*") e pelos símbolos de Yoni no hinduísmo exotérico. Para tornar tudo mais claro e mostrar ao mesmo tempo a enorme diferença no espírito de interpretação e no significado original dos mesmos símbolos entre os antigos Ocultistas Orientais e os Cabalistas Judeus, nós recomendamos ao leitor o texto "O Santo dos Santos" [641], no volume II. [642]

ESTÂNCIA VII - Continuação.

6.Desde o primeiro a nascer (*o homem primitivo, ou o primeiro homem*)**, o fio entre o Vigilante Silencioso e a sua sombra se torna a cada mudança** (*reencarnação*) (*a*) **mais forte e radiante. A luz do sol da manhã se transformou na glória do meio-dia…….**

(*a*) Esta frase: "o fio entre o v*igilante silencioso* e a sua *sombra* (o homem) se torna mais forte" - a cada reencarnação - é outro mistério psicológico, que irá encontrar a sua explicação no Volume II. Por enquanto é suficiente dizer que o "Vigilante" e as suas "Sombras" - cujo número é igual ao das reencarnações da mônada - são um. O

[640] Santo dos Santos: sala especialmente sagrada, e reservada, do Tabernáculo e do Templo de Salomão. (Nota do Tradutor)

[641] Veja "The Holy of Holies" nas páginas 459 a 474 do volume II, na edição original de "**The Secret Doctrine**". (Nota do Tradutor)

[642] A adoração fálica desenvolveu-se apenas com a perda das chaves do verdadeiro significado dos símbolos. Este foi o último e o mais fatal dos pontos de transição desde a estrada da verdade e do conhecimento divino para o caminho lateral da ficção, transformada em dogma através da falsificação humana e da ambição hierárquica. (Nota de H. P. Blavatsky)

Vigilante, ou o protótipo divino, está no degrau superior da escada do ser; a sombra, no inferior. Contudo, a *mônada* de todo ser vivo, a menos que a sua decadência moral rompa a conexão e o faça afastar-se desorientado "e avançar até o caminho lunar" - para usar a expressão Oculta - *é um Dhyan Chohan individual, diferente dos outros, uma espécie de individualidade espiritual em si mesmo,* durante um Manvântara especial. O seu *Primário*, o Espírito (Atma) naturalmente é um com Paramatma (o Espírito Universal único), mas o veículo (Vahan) em que ele está abrigado, o *Buddhi*, é uma parte daquela Essência Dhyan-Chohânica; e é nisso que está o mistério da *ubiquidade* discutido algumas páginas mais acima. "Meu Pai, que está no Céu, e eu - somos um", diz a escritura cristã; nisso, pelo menos, a escritura cristã é um eco fiel do ensinamento esotérico.

ESTÂNCIA VII - Continuação.

7.Esta é a tua roda atual - disse a Chama à Centelha. Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti em ti, e tu és o meu Vahan (veículo) **até o dia "Estejam-Conosco", quando tu te tornarás outra vez eu mesma e outros, e serás tu mesma e eu** (*a*)**. Então os construtores, tendo colocado sua primeira vestimenta, descem sobre a Terra radiante e reinam sobre os homens - que são eles próprios** (*b*)**.**

(*a*) O dia em que "a centelha se tornará novamente a Chama (o homem se dissolverá no seu Dhyan Chohan), e te tornarás eu mesma e outros, tu mesma e eu", segundo a Chama diz à Centelha na Estância, significa o seguinte: Em *Paranirvana* - quando o *Pralaya* terá reduzido não só os corpos materiais e psíquicos, mas terá reduzido até mesmo o *Ego* ou *Egos* espirituais ao seu princípio original - as Humanidades Passadas, Presentes e mesmo Futuras, assim como todas as coisas, serão uma só sem distinção. Tudo terá reingressado no *Grande Alento.* Em outras palavras, tudo terá "se dissolvido em Brahma", isto é, na unidade divina.

Será isso uma aniquilação, como alguns pensam? Ou *Ateísmo,* como outros críticos - os adoradores de uma divindade *pessoal* e os que acreditam em um paraíso antifilosófico - estão inclinados a supor? Nem uma coisa nem outra. É pior que inútil voltar à questão de ver um ateísmo implícito no que é *espiritualidade* de um tipo extremamente refinado. Ver no Nirvana uma aniquilação é o mesmo que dizer, de um homem mergulhado num saudável sono *sem sonhos, - um sono que não deixa impressões na memória física e no cérebro, porque o Eu Superior de quem dorme está no seu estado original de consciência absoluta* durante essas horas - que ele, também, está aniquilado. Esta última imagem simbólica responde não só a um aspecto da pergunta - o mais material; já que a *reabsorção* não é de modo algum este "sono sem sonhos", mas, ao contrário, é uma existência *absoluta,* uma unidade incondicional, ou um estado para cuja descrição a linguagem humana é absoluta e irremediavelmente inadequada. A única aproximação a algo parecido com uma compreensão abrangente desse fato pode ser tentada apenas graças às visões panorâmicas da alma, através das ideações espirituais da divina mônada. Por outro lado, a individualidade não se perde nem é deixada para trás, *e tampouco se perde a*

essência da personalidade, pelo fato de ser reabsorvida. Porque, por mais ilimitado que seja o estado paranirvânico desde o ponto de vista humano, ele ainda tem um limite, na Eternidade. Uma vez alcançado este ponto, a mesma mônada *ressurgirá* como um ser ainda mais elevado, num plano muito superior, para recomeçar o seu ciclo de atividade aperfeiçoada. A mente humana não pode, no seu estágio atual de desenvolvimento, transcender, nem alcançar sequer precariamente este plano de pensamento. Ela fica cambaleando aqui, na fronteira do Absoluto e da Eternidade incompreensíveis.

(*b*) Os "Vigilantes" reinam sobre o homem durante todo o período de *Satya Yuga* e os yugas subsequentes menores, até o começo da Terceira Raça-Raiz; depois disso são os Patriarcas, os Heróis, e os Manes (*veja as Dinastias Egípcias enumeradas pelos sacerdotes para Solon*), os Dhyanis encarnados, de uma ordem inferior, até o rei Menes e os reis humanos de outras nações; todos foram registrados cuidadosamente. Nas visões dos simbologistas, naturalmente, esta *Era da Mitopoese* [643] é vista como um conto de fadas. Mas já que as tradições e mesmo as Crônicas de dinastias de reis *divinos* - de deuses reinando sobre seres humanos, seguidas de dinastias de Heróis ou Gigantes - existem nos anais de todas as nações, é difícil compreender como todos os povos debaixo do Sol, alguns dos quais estão separados por vastos oceanos e pertencem a diferentes hemisférios, como os antigos peruanos e mexicanos, assim como os caldeus, pudessem ter produzido os mesmos "contos de fadas" na mesma ordem de eventos.[644] No entanto, a Doutrina Secreta ensina *história* esotérica e tradicional, a qual não se torna - por isso - menos confiável que a história profana, já que temos o direito de ter as nossas crenças assim como quaisquer outros, sejam eles religiosos ou céticos. E esta doutrina diz que os Dhyani-Buddhas dos dois grupos mais elevados, isto é, os "Vigilantes" e os "Arquitetos", deram, às muitas e variadas raças, reis e líderes divinos. Foram estes últimos que ensinaram à humanidade as artes e as ciências, e os "Vigilantes" e "Arquitetos" revelaram às Mônadas encarnadas que haviam recentemente se libertado dos seus veículos dos reinos inferiores - e que tinham, portanto, perdido toda lembrança da sua origem divina - as grandes verdades espirituais dos mundos transcendentes. (Veja, no volume II, "As Dinastias Divinas" [645].)

---

[643] Era da Mitopoese, ou Era Mitopoeica: relativa à produção de mitos. Do idioma grego, *mythopoiesis*, criação de mitos ou fábulas. (Ver entre outras fontes o Dicionário Aurélio, edição de 2010.) (Nota do Tradutor)

[644] Veja o livro "Sacred Mysteries among the Mayas and the Quiches, 11,500 years ago", de Augustus le Plongeon, que mostra a identidade entre os ritos e crenças egípcios e os ritos e crenças dos povos que ele descreve. Os antigos alfabetos hieráticos dos maias e dos egípcios são quase idênticos. (Nota de H. P. Blavatsky)

[645] Esta frase parece referir-se ao texto "Our Divine Instructors" ("Os Nossos Instrutores Divinos"), que está nas pp. 365-378 do volume II de "**The Secret Doctrine**". (Nota do Tradutor)

Assim, conforme é expressado na Estância, os Vigilantes desceram sobre a Terra e reinaram sobre os homens "*que eram eles próprios*". Os reis que governavam tinham terminado os seus ciclos na Terra e em outros mundos, durante as Rondas anteriores. Nos futuros manvântaras eles se terão erguido até sistemas mais elevados que o nosso mundo planetário; e são os Eleitos da nossa Humanidade, os Pioneiros do caminho duro e difícil do Progresso, que irão ocupar os lugares dos seus predecessores. O próximo grande Manvântara verá os homens do nosso próprio ciclo-de-vida tornarem-se os instrutores e guias de uma humanidade cujas Mônadas ainda podem estar agora presas - semiconscientes - entre os membros mais intelectuais do reino animal, enquanto os seus princípios inferiores estarão animando, talvez, os espécimes mais elevados do mundo Vegetal.

Assim avançam os ciclos da evolução setenária, na natureza Setenária; as naturezas Espiritual ou divina; psíquica ou semidivina; intelectual; emocional; instintiva, ou *cognitiva*; semicorpórea e puramente material ou física. Todas elas evoluem e progridem ciclicamente, passando de uma para outra, de uma maneira dupla, centrífuga a centrípeta, e elas são *uma só* em sua essência última, *sete* nos seus aspectos. A mais inferior delas, naturalmente, é a que depende dos nossos cinco sentidos físicos e é subserviente a eles.[646] Até aqui, considerando-se a vida individual, a vida humana, a vida sensível, a vida animal e a vida vegetal, cada uma delas é o microcosmo do seu macrocosmo mais elevado. O mesmo vale para o Universo, que se manifesta periodicamente, tendo como meta o progresso coletivo das *vidas incontáveis*, as exalações da *Vida* Una; para que através da *Transformação Incessante* [647] cada átomo cósmico, neste Universo infinito, passe desde o que não tem forma e é intangível, através das naturezas mistas do plano semiterrestre até a matéria de geração plena, e então de volta outra vez, reerga-se a cada novo período para mais alto e para mais perto da meta final. Para que cada átomo, dizemos nós, *possa alcançar através de méritos e esforços individuais* aquele plano em que ele se tornará outra vez o TODO incondicionado. Mas entre o Alfa e o Ômega há o "Caminho" difícil, rodeado de espinhos, que vai "inicialmente para baixo, e depois -

Serpenteia montanha acima o tempo todo
Sim, até o final…" [648]

Começando imaculado a longa jornada; descendo mais e mais na matéria pecaminosa, e tendo se conectado com cada átomo no *Espaço* manifestado, o

---

[646] E na verdade os sentidos físicos são *sete*, como será mostrado mais tarde, com base nos *Upanixades* mais antigos. (Nota de H.P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor****: Sobre os sete sentidos, veja por exemplo as páginas 533 a 540 do volume I de "The Secret Doctrine", com especial atenção para a página 535 e as suas notas de rodapé.*]

[647] *Transformação Incessante*: "*Ever-Becoming*" no original em inglês. (Nota do Tradutor)

[648] Versos do poema "**Up-Hill**", de Christina Rossetti, que é citado também na Carta 42 de "Cartas dos Mahatmas". Veja nos websites associados o artigo "**O Caminho Montanha Acima**". (Nota do Tradutor)

Peregrino, depois de lutar e sofrer em cada forma de vida e de ser, está apenas no fundo do vale da matéria e na metade do seu ciclo, quando ele se identifica com a Humanidade coletiva. Isso, *ele fez conforme a sua própria imagem*. Para avançar para cima e para sua casa, o "Deus" tem agora que subir pelo difícil caminho morro acima do Gólgota [649] da Vida. É o martírio da existência autoconsciente. Como Visvakarman, ele tem que sacrificar *a si mesmo pelo bem de si mesmo*, com o objetivo de redimir todas as criaturas, para viver a sua ressurreição, fora do mundo dos muitos, na *Vida Una*. Então ele sobe para o céu de fato; onde, mergulhado no incompreensível Ser absoluto e na Bem-Aventurança de Paranirvana, ele reina incondicionalmente. De lá ele descerá outra vez na próxima "vinda", que uma porção da humanidade espera, na sua versão de letra-morta, como o *segundo advento*, e outra parte da humanidade como o "Kalki-Avatar".

Resumindo

(Volte para o Sumário)

"A História da Criação e a história deste mundo
desde o seu começo até o tempo presente é composta
por *sete capítulos*. O *sétimo* capítulo ainda não foi escrito."

(T. Subba Row, em *The Theosophist*, 1881)

O primeiro destes Sete capítulos foi escrito e agora está terminado. Por mais incompleto e frágil que seja como exposição, ele é, pelo menos, uma aproximação - usando a palavra num sentido matemático - daquilo que é a base mais antiga de todas as Cosmogonias subsequentes. A tentativa de apresentar numa língua europeia o grande panorama da Lei sempre recorrente periodicamente - impressa sobre as mentes plásticas das primeiras raças, cuja consciência foi transmitida por aqueles que refletiam a consciência da Mente Universal - é audaz, porque nenhuma língua humana, exceto o Sânscrito - que é a língua *dos Deuses* - pode ser utilizada nisso com algum grau de adequação. Mas as falhas neste trabalho devem ser perdoadas levando-se em conta a intenção.

Visto como um todo, nem o que foi dito acima nem o que se segue foi escrito por completo em lugar algum. Não é ensinado em nenhuma das seis escolas indianas de filosofia, porque faz parte da síntese delas, a sétima escola, que é a doutrina Oculta. Sua origem não pode ser encontrada em nenhum papiro fragmentado do Egito, e

[649] Gólgota: o Calvário. (Nota do Tradutor)

tampouco está mais gravado em alguma telha ou muro de granito Assírio. Os Livros da *Vedanta* (a última palavra do conhecimento humano) revelam apenas o aspecto metafísico desta Cosmogonia mundial; e o incalculavelmente valioso *tesauro* dos Vedas, os *Upanixades* - *Upa-ni-xad* é uma palavra composta que significa "a vitória sobre a ignorância pela revelação do conhecimento *secreto, espiritual*" - exige agora a posse adicional de uma chave-Mestra, que habilita o estudante a chegar ao seu significado completo. Tenho condições de afirmar qual é a razão disso porque fui informada por um Mestre.

O nome "*Upanixades*" é usualmente traduzido como "doutrina esotérica". Estes tratados fazem parte do *Sruti* ou "conhecimento revelado", ou seja, *Revelação*, e são geralmente anexados à porção *Brahmana* dos Vedas [650], como sua terceira divisão. Há mais de 150 *Upanixades* enumerados pelos Orientalistas e conhecidos por eles, e eles afirmam que os Upanixades mais antigos foram escritos *provavelmente* em torno de 600 AEC; mas os textos *autênticos* não chegam a uma quinta parte daquele número. Os Upanixades são para os Vedas o que a Cabala é para a Bíblia judaica. Eles examinam e expõem o significado secreto e místico dos textos védicos. Eles falam da origem do Universo, da natureza da Divindade, e do Espírito e da Alma, assim como da ligação metafísica entre a mente e a matéria. Em poucas palavras: eles CONTÊM *o começo e o fim de todo o conhecimento humano, mas eles agora deixaram de* REVELÁ-LO, desde a época de Buddha.

Se não fosse assim, os Upanixades não poderiam ser chamados de *esotéricos*, já que estão agora abertamente anexados aos livros bramânicos Sagrados, que na era atual se tornaram acessíveis até para os *Mlechchhas* (os párias) e os orientalistas europeus. Há uma coisa nos Upanixades - e isso está em todos eles - que aponta invariável e constantemente para a origem antiga deles, e prova: (a) que eles foram escritos, em algumas das suas partes, *antes* que o sistema de castas se tornasse a instituição tirânica que ainda é; e (b) que metade dos seus conteúdos foram eliminados, e em outros casos eles foram reescritos e resumidos. "Os grandes Instrutores do Conhecimento mais elevado e os brâmanes são continuamente mencionados como indo a reis Kshatriya (da casta militar) para tornarem-se seus discípulos." Como Cowell corretamente destaca, os *Upanixades* "vivem num espírito inteiramente diferente" (dos outros escritos bramânicos), com "uma liberdade de pensamento desconhecida em qualquer obra antiga exceto nos próprios hinos dos Rig Vedas". O segundo fato é explicado por uma tradição registrada em um dos manuscritos sobre a vida de Buddha. Ele diz que os Upanixades foram pela primeira vez anexados aos

---

[650] ….."Os Vedas têm um significado nitidamente duplo - um deles é o significado literal, o outro é indicado pela métrica dos versos e pela *swara* - a entonação -, que são como a vida dos Vedas … Eruditos e filólogos de grande conhecimento naturalmente negam que *swara* tenha relação com filosofia ou doutrinas esotéricas antigas; mas a misteriosa ligação entre *swara* e a *luz* é um dos seus segredos mais profundos." (T. Subba Row, "**Five Years of Theosophy**", p. 154.) (Nota de H.P. Blavatsky)

seus Brahmanas [651] depois do começo de uma reforma, que levou ao caráter exclusivista do atual sistema de castas entre os brâmanes, alguns séculos depois da invasão da Índia pelos "nascidos pela segunda vez". Os Brahmanas estavam completos naquela época, e eram usados para a instrução dos chelas que se preparavam para a iniciação.

Esta situação continuou enquanto os Vedas e os Brahmanas permaneceram sob a guarda única e exclusiva dos brâmanes dos templos - enquanto mais ninguém tinha o direito de estudá-los, e nem mesmo de lê-los, fora da casta *sagrada*. Então veio Gautama, o príncipe de Kapilavastu. Depois de *aprender* o conjunto da sabedoria bramânica no *Rahasya* ou nos *Upanixades*, e tendo descoberto que os ensinamentos eram pouco ou nada diferentes dos ensinamentos dos "Instrutores da Vida" que viviam nas montanhas nevadas dos Himalaias [652], o Discípulo dos Brâmanes, ficando indignado porque a sabedoria sagrada estava deste modo afastada de todos, com a exceção dos brâmanes, decidiu salvar o mundo todo popularizando-a. Foi então que os brâmanes, ao verem que o conhecimento sagrado deles e a sabedoria Oculta estavam caindo nas mãos dos "*Mlechchhas*", abreviaram os textos dos Upanixades, que originalmente continham três vezes o conteúdo dos Vedas e dos Brahmanas combinados; sem alterar, no entanto, uma só palavra dos textos. Eles simplesmente destacaram dos manuscritos as partes mais importantes, que continham a última palavra sobre o Mistério do Ser. A chave para o código secreto bramânico permaneceu a partir de então com os iniciados apenas, e os brâmanes tiveram deste modo condições de publicamente negar que o ensinamento de Buddha estava correto, usando os seus *Upanixades*, que haviam sido silenciados para sempre em relação às principais questões. Assim diz a tradição esotérica além dos Himalaias.

Sri Shankaracharia, o maior entre os Iniciados que viveram nas eras históricas, escreveu grande número de *Bhashyas* [653] sobre os *Upanixades.* Mas há razões para supor que os seus tratados originais ainda não caíram nas mãos dos filisteus, porque são zelosamente preservados nos seus *maths* (monastérios, *mathams*). E há razões ainda mais fortes para acreditar que os *Bhashyas* (Comentários) de valor

---

[651] Como foi dito em nota anterior, a palavra "Brahmanas" significa literalmente "que pertencem aos brâmanes". São textos compostos por, e para, os brâmanes. São uma parte dos Vedas que ensina aos brâmanes sobre o uso dos hinos. ("A Classical Dictionary of Hindu Mythology", John Dowson, Munshiram Manoharlal Publishers, New Delhi, India, 1973.) Os Brahmanas contêm instruções para os iniciados. ("Theosophical Glossary", Theosophy Co.) (Nota do Tradutor)

[652] Também chamados de "Filhos da Sabedoria", "Filhos da Neblina Ígnea" e "Irmãos do Sol" nos registros chineses. *Si-dzang* (Tibete) é mencionado, nos manuscritos da biblioteca sagrada da província de Fo-Kien, como o grande centro de sabedoria Oculta desde tempos imemoriais, eras antes de Buddha. Conta-se que o imperador Yu, o "grande", 2.207 AEC, um místico piedoso e um grande adepto, obteve o seu conhecimento com os "grandes instrutores das Montanhas Nevadas" em Si-dzang. (Nota de H. P. Blavatsky)

[653] Bhashyas - comentários. (Nota do Tradutor)

incalculável sobre a doutrina esotérica dos brâmanes, escritos pelo seu maior expositor, continuarão durante eras sendo letra morta para a maior parte dos hindus, com a exceção dos brâmanes *Smarta*. Esta seita, fundada por Shankaracharia (e que é ainda muito influente no sul da Índia), é atualmente quase a única a produzir estudantes com conhecimento suficiente para compreender a letra morta dos Bhashyas. A razão disso é que só eles, segundo sou informada, têm ocasionalmente verdadeiros Iniciados na liderança dos seus *mathams*, como, por exemplo, em "Sringa-giri", nos Ghats ocidentais de Mysore. Por outro lado, não há seita mais exclusiva, naquela casta desesperadamente exclusiva dos brâmanes, que a seita dos Smarta; e a resistência dos seus seguidores a dizer o que sabem das ciências ocultas e da doutrina esotérica é tão grande quanto o seu orgulho, e seu conhecimento.

Portanto a redatora da presente afirmação deve estar preparada de antemão para encontrar grande oposição e mesmo um desmentido das ideias expressadas nesta obra. É verdade que nunca houve qualquer pretensão de infalibilidade, nem de perfeita exatidão, em todos os detalhes no que é dito aqui. Os fatos são fatos e dificilmente podem ser negados. Mas, devido às complexas dificuldades dos assuntos tratados e às limitações quase insuperáveis da língua inglesa (assim como de todos os idiomas europeus) para expressar certas ideias, é mais do que provável que a redatora não tenha conseguido apresentar as explicações da melhor maneira e da forma mais clara; no entanto, foi feito o que podia ser feito diante de cada circunstância desfavorável, e isso é o máximo que se pode esperar de qualquer autor.

Cabe recapitular e mostrar, pela vastidão dos assuntos expostos, como é difícil, se não impossível, fazer completa justiça a eles.

(1) A Doutrina Secreta é a Sabedoria acumulada ao longo das Eras, e a sua cosmogonia em si própria é o sistema mais estupendo e elaborado, por exemplo, mesmo no exoterismo dos Puranas. Mas o poder misterioso do simbolismo Oculto é tamanho, que os fatos estudados durante gerações incontáveis por videntes e profetas iniciados, até serem confirmados, organizados, estabelecidos e explicados, na série desconcertante de progressos evolutivos, estão todos registrados em umas poucas páginas de signos e glifos geométricos. O olhar cintilante daqueles videntes penetrou na própria essência da matéria, e registrou a alma das coisas lá onde o profano comum, por mais erudito que fosse, teria percebido apenas o trabalho externo da forma. Mas a ciência moderna não acredita na "alma das coisas", e portanto rejeitará todo o sistema da cosmogonia antiga. É inútil dizer que o sistema em questão não é uma fantasia de alguém nem de alguns indivíduos isolados. Que ele é o registro ininterrupto que cobre milhares de gerações de Videntes, cujas experiências respectivas foram realizadas para testar e verificar as tradições transmitidas oralmente de uma raça anterior para outra, com os ensinamentos de seres mais elevados e superiores, que zelavam pela infância da Humanidade. Que durante longas eras os "Sábios" da Quinta Raça, da parcela salva e resgatada durante o último cataclisma com alteração de continentes, haviam passado as suas vidas *aprendendo, e não ensinando*. Como fizeram isso? Eis a resposta: verificando, testando, em cada departamento da natureza, as tradições antigas através das visões independentes de grandes adeptos, isto é, de seres humanos que desenvolveram e

aperfeiçoaram a sua organização física, mental, psíquica e espiritual até o grau mais alto possível. Nenhuma visão de um adepto era aceita enquanto não fosse verificada e confirmada pelas visões - obtidas de modo a terem o valor de evidências independentes - de outros adeptos, e durante séculos de experiências.

(2) A Lei fundamental naquele sistema, em torno da qual e em função da qual tudo gravita, e da qual depende a filosofia do resto, é a da SUBSTÂNCIA-PRINCÍPIO Única, homogênea e divina, a causa única radical.

….. "Alguns poucos, cujas lâmpadas brilhavam com mais força, foram levados
De causa em causa à secreta direção da natureza,
E descobriram que aquele primeiro Princípio deve ser ….."

Ela é chamada de "Substância-Princípio" porque ela se torna "substância" no plano do Universo manifestado, uma ilusão, ao mesmo tempo que permanece como um "princípio" no ESPAÇO que não tem começo nem fim, abstrato, visível e invisível. Ela é a Realidade onipresente: impessoal, porque contém tudo e todas as coisas. *A sua impessoalidade é a concepção fundamental* do Sistema. Ela está latente em cada átomo do Universo, e é o Universo em si mesma. (Veja, nos capítulos sobre Simbolismo, "Substância Primordial e Pensamento Divino".[654])

(3) O Universo é a manifestação periódica dessa desconhecida Essência Absoluta. Chamá-la de "essência", no entanto, é cometer uma injustiça contra o próprio espírito da filosofia. Porque embora o substantivo possa ser derivado neste caso do verbo "esse", que significa "ser", ainda assim ELA não pode ser identificada com um *ser*, de qualquer tipo, que o intelecto humano seja capaz de conceber. ELA é melhor descrita como não sendo nem Espírito nem matéria, mas ambos. "Parabrahmam e Mulaprakriti" são Um, na realidade, no entanto são dois na concepção Universal do manifestado, mesmo na concepção do Logos Único, a sua primeira manifestação, para a qual, como mostra o hábil palestrante em "Notes on the Bhagavad Gita", ELA aparece desde o ponto de vista objetivo do Logos Único como Mulaprakriti, e não como Prarabrahmam; como o seu *véu* e não como a REALIDADE única oculta atrás do véu, que é incondicionada e absoluta.

(4) O Universo é chamado, assim como tudo nele, de MAYA, porque tudo nele é temporário, desde a vida efêmera de um vaga-lume até a vida de um Sol. Comparado com a eterna imutabilidade do UNO, e com a ausência de mudança daquele Princípio, o Universo, com as suas formas evanescentes e sempre mutáveis, deve ser necessariamente, para a mente de um filósofo, pouco mais que um fogo-fátuo. No entanto, o Universo é suficientemente real para os seres conscientes que vivem nele, e que são tão irreais como ele próprio.

(5) Tudo no Universo, ao longo de todos os seus reinos, é CONSCIENTE: isto é, tem o seu próprio tipo de consciência e no seu próprio plano de percepção. Nós, seres

---

654 O texto indicado está na página 325 do volume I de "**The Secret Doctrine**". (Nota do Tradutor)

humanos, devemos lembrar que o fato de que *nós* não percebemos quaisquer sinais de consciência - que possamos reconhecer -, por exemplo, nas pedras, não nos dá o direito de dizer que *não há qualquer consciência nelas*. Não existe matéria alguma "morta" ou "cega", assim como não há Lei "Cega" ou "Inconsciente". Tais ideias não existem entre as concepções da filosofia Oculta. Esta última nunca se contenta com as aparências da superfície, e para ela as essências *numenais* têm mais realidade do que as suas contrapartes objetivas. A filosofia Oculta se parece nisso aos *Nominalistas* medievais. Para eles, eram os princípios Universais que constituíam as realidades, enquanto os elementos particulares existiam apenas de nome e na fantasia humana.

(6) O Universo é trabalhado e *guiado de dentro para fora*. Assim abaixo como acima, assim no céu como na Terra; e o ser humano, o microcosmo e a cópia em miniatura do macrocosmo - é a testemunha viva desta Lei Universal e do seu modo de agir. Nós vemos que todo movimento, ato ou gesto *externo*, seja voluntário ou mecânico, orgânico ou mental, é produzido e precedido por um sentimento ou emoção; por uma vontade ou motivação; ou por um pensamento ou uma mente, todos *internos*. Do mesmo modo como nenhuma movimentação ou mudança pode ocorrer no corpo externo do ser humano - quando natural - a menos que seja provocada por um impulso interno dado por uma das três funções indicadas, o mesmo ocorre com o Universo externo ou manifestado.

O Cosmo inteiro é guiado, controlado, e animado por uma série quase ilimitada de Hierarquias de Seres sensíveis, cada um deles tendo uma missão a desempenhar, e os quais - quer nós atribuamos a eles um nome ou outro, chamando-os de Dhyan-Chohans ou de Anjos - são "mensageiros", apenas no sentido de que são os agentes das Leis Cármicas e Cósmicas. Eles variam infinitamente em seus respectivos graus de consciência e inteligência; e chamá-los a todos de puros Espíritos sem qualquer uma das influências terrestres "que o tempo costuma destruir" é apenas cair na prática da fantasia poética. Porque cada um destes Seres *foi*, ou se prepara para se tornar, um ser humano, se não num ciclo (Manvântara) passado, então no ciclo presente, ou num ciclo futuro. Eles são homens *aperfeiçoados*, quando não *incipientes*; e, em suas esferas mais elevadas (menos materiais), diferem moralmente dos seres humanos da Terra apenas porque são destituídos do sentimento de personalidade e não possuem a natureza *humana* emocional - duas características puramente terrestres. Os seres indicados acima, "aperfeiçoados", se libertaram destes sentimentos, porque, (a) eles não têm mais corpos físicos, um peso que sempre entorpece a alma; e (b) com o puro elemento espiritual desimpedido e mais livre, eles são menos influenciados por *maya* do que qualquer ser humano, a menos que se trate de um adepto que mantém as suas duas personalidades - a espiritual e a física - completamente distintas uma da outra.

As mônadas incipientes, que ainda nunca tiveram corpos terrestres, não podem ter um sentido de personalidade ou EGO-ísmo. Aquilo que se entende por "personalidade", sendo uma limitação e uma relação, ou, segundo a definição de Coleridge, "individualidade que existe em si mesma mas tendo uma natureza como base", o termo não pode naturalmente ser aplicado a entidades não-humanas; mas,

conforme um fato sobre o qual insistiram gerações de Videntes, nenhum destes Seres, seja alto ou inferior, possui nem individualidade nem personalidade como Entidades separadas, isto é: eles não têm qualquer individualidade no sentido em que um homem diz, "*eu sou eu mesmo* e não qualquer outra pessoa"; em outras palavras, eles não têm consciência de uma separação tão nítida como a que existe entre os seres humanos e as coisas na Terra. A individualidade é uma característica das suas respectivas hierarquias, não das suas unidades; e estas características variam apenas conforme o grau do plano ao qual estas hierarquias pertencem; quanto mais próximo da região da Homogeneidade e do Um Divino, mais pura e menos acentuada será a individualidade na Hierarquia. Eles são finitos, em todos os aspectos, com a exceção dos seus princípios mais elevados - as centelhas imortais que refletem a chama divina universal - individualizadas e separadas apenas nas esferas da Ilusão por uma diferenciação tão ilusória quanto o resto. Eles são "Os Que Vivem", porque são as correntes projetadas desde a VIDA ABSOLUTA sobre a tela cósmica de ilusão; seres nos quais a vida não pode extinguir-se, antes que o fogo da ignorância seja extinto naqueles que percebem estas "Vidas". Tendo começado a existir sob a influência aceleradora do raio de luz incriado, reflexo do grande Sol Central que brilha nas margens do rio da Vida, é o princípio interior deles que pertence às águas da imortalidade, ao mesmo tempo que a sua roupagem diferenciada é tão perecível quanto o corpo de um ser humano. Portanto Young estava certo ao dizer que

"Os anjos são homens de um tipo superior"

e apenas isso. Eles não são nem "anjos ministradores" nem "anjos protetores"; e tampouco são "Anunciadores do Altíssimo", e ainda menos os "Mensageiros da ira" de qualquer Deus criado pela fantasia humana. Pedir a proteção deles é tão tolo quanto acreditar que a simpatia deles pode ser obtida através de qualquer tipo de propiciação; porque eles são, tanto quanto o próprio ser humano, os escravos e filhos da imutável lei Cármica e Cósmica. A razão disso é evidente. Não possuindo em sua essência qualquer elemento de personalidade, eles não podem ter qualidades pessoais, como as que são atribuídas pelos homens nas religiões exotéricas ao seu Deus antropomórfico - um Deus ciumento e exclusivista, que se alegra e se sente raivoso, que fica satisfeito com sacrifícios, e é mais despótico em sua vaidade que qualquer homem tolo finito. O ser humano, como será mostrado no volume II, sendo um composto das essências de todas as Hierarquias celestiais, pode conseguir tornar-se, em um certo sentido, superior a qualquer hierarquia ou classe, ou mesmo combinação delas. "O homem não pode nem propiciar nem comandar os *Devas*", segundo é dito. Mas, paralisando a sua personalidade inferior, e chegando deste modo ao conhecimento completo da *não-separação* do seu eu SUPERIOR em relação ao EU absoluto Único [655], o homem pode, mesmo durante a sua vida terrestre, tornar-se como "Um de Nós". Assim é que, ao comer o fruto do conhecimento que elimina a ignorância, o homem se torna como um dos Elohim ou como um dos Dhyanis; e uma vez no plano *deles* o Espírito de Solidariedade e de

[655] EU absoluto Único: em inglês, "One absolute SELF". (Nota do Tradutor)

perfeita Harmonia, que reina em todas as Hierarquias, deverá estender-se sobre o ser humano e protegê-lo em todos os aspectos.

A principal dificuldade que impede os cientistas de acreditarem na existência de Espíritos divinos e espíritos da natureza é o materialismo deles. O principal obstáculo diante do espírita, e que o impede de acreditar nos mesmos fatos, ao mesmo tempo que preserva uma fé cega nos "Espíritos" dos que partiram, é a ignorância geral de todos, exceto alguns Ocultistas e Cabalistas, em relação à verdadeira essência e à natureza da matéria. É da aceitação ou rejeição da teoria da *Unidade de tudo na Natureza, em sua Essência última*, que depende, principalmente a crença ou descrença na existência, em torno de nós, de outros seres conscientes além dos Espíritos dos Mortos. É na correta compreensão da evolução primordial do Espírito-Matéria, e da sua real essência, que o estudante tem que confiar para obter uma compreensão mais avançada, em sua mente, da Cosmogonia Oculta, e para obter a única pista segura que pode guiar os seus estudos subsequentes.

A verdade, conforme mostrado acima, é que cada assim chamado "Espírito" é *um ser humano desencarnado, ou um futuro ser humano.* Da mesma maneira como desde o mais alto Arcanjo (Dhyan Chohan) até o último "Construtor" consciente (a classe inferior de Entidades Espirituais), todos eles são *homens*, tendo vivido éons atrás, em outros manvântaras, nesta ou em outras Esferas, assim também os Elementais inferiores, semi-inteligentes e não-inteligentes - são todos *futuros* seres humanos. Este fato sozinho - de que um Espírito tem inteligência - é uma prova para o Ocultista de que um tal Ser deve ter sido um *homem*, e deve ter adquirido seu conhecimento e sua inteligência ao longo do ciclo humano. Há uma só Onisciência e Inteligência indivisível e absoluta no Universo, e ela vibra por todos os átomos e em cada ponto infinitesimal de todo o Cosmos finito que não tem limites [656], e que as pessoas chamam de ESPAÇO, considerado independentemente de qualquer coisa contida nele. Mas a primeira diferenciação do seu *reflexo* no Mundo manifestado é puramente Espiritual, e os Seres gerados nele não são dotados de uma consciência que tenha qualquer relação com a consciência tal como nós a concebemos. Eles não podem ter consciência ou inteligência humana antes de a terem adquirido pessoalmente e individualmente. Isso talvez seja um mistério, no entanto é um fato, em filosofia Esotérica; e um fato muito claro.

A ordem inteira da natureza mostra uma marcha progressiva na direção de uma *vida mais elevada*. Há um desígnio na ação das forças aparentemente mais cegas. Todo o processo da evolução, com suas intermináveis adaptações, é uma prova disso. As leis imutáveis que eliminam as espécies fracas e débeis, abrindo espaço para as fortes, e que asseguram "a sobrevivência dos mais adaptados", embora sejam tão cruéis na sua ação imediata - estão todas trabalhando para a grande meta. O mero *fato* de que as adaptações *ocorrem*, de que os mais adaptados *sobrevivem* na luta

[656] "Finito que não tem limites" - isto é, finito, porém sem limites conhecidos. (Nota do Tradutor)

pela existência, mostra que aquilo que se chama de "Natureza inconsciente" [657] é na realidade um agregado de forças manipuladas por seres semi-inteligentes (Elementais) guiadas por Espíritos Planetários Elevados (Dhyan Chohans), cujo agregado coletivo forma o *verbum* manifestado do LOGOS imanifestado, e constitui ao mesmo tempo a MENTE do Universo e a sua imutável LEI.

A filosofia esotérica imprime em nosso pensamento três diferentes representações do Universo, em seus três diferentes aspectos: o PRÉ-EXISTENTE (que se desenvolve do), o SEMPRE-EXISTENTE, e o FENOMÊNICO - o mundo da ilusão, o reflexo e a sombra do Universo. Durante o grande drama e mistério da vida conhecido como Manvântara, o verdadeiro Cosmos é como o objeto colocado atrás da tela branca sobre a qual são lançadas as sombras chinesas, produzidas pela lanterna mágica. As verdadeiras figuras e as coisas reais permanecem invisíveis, enquanto os cordões da evolução são puxados por mãos invisíveis; e os homens e as coisas são assim apenas os reflexos, *sobre* o campo branco, das realidades que estão *atrás* das armadilhas de *Mahamaya*, ou a grande Ilusão. Isso foi ensinado em todas as filosofias, em todas as religiões, *antes* e *depois* do dilúvio, na Índia e na Caldeia, pelos sábios chineses assim como pelos sábios gregos. Na Índia e na Caldeia estes três Universos eram alegorizados, nos ensinamentos exotéricos, pelas três trindades que emanavam do eterno germe Central e que formavam com ele uma Suprema Unidade; a Tríade *inicial*, a Tríade *manifestada*, e a Tríade *Criativa*, ou o três em Um. Este último é apenas o símbolo, na sua expressão concreta, do primeiro dois *ideal*.[658] Portanto a filosofia Esotérica ignora o necessarianismo [659] desta concepção puramente metafísica e considera como Primeiro apenas o Sempre Existente. Esta é a visão de todas as seis grandes escolas da filosofia indiana - os *seis princípios daquele corpo unitário de* SABEDORIA *do qual a "gnose"*, o conhecimento *oculto*, é o sétimo.

Esta redatora espera que, embora os comentários sobre as Sete Estâncias possam estar apresentados de forma superficial, tenha sido transmitido o suficiente, nesta parte cosmogônica da obra, para mostrar que os ensinamentos Arcaicos são mais *científicos* (no sentido moderno da palavra), mesmo na sua superfície, do que qualquer outra Escritura antiga se encarada e avaliada no seu aspecto exotérico. No entanto, considerando que, como foi confessado antes, esta obra *mantém silêncio sobre muito mais do que aquilo que revela*, o estudante é convidado a usar a sua

---

[657] A Natureza tomada em seu sentido abstrato *não pode* ser "inconsciente", porque é a emanação, e portanto um aspecto (no plano manifestado) da consciência ABSOLUTA. Onde está o indivíduo suficientemente audaz para pretender negar à vegetação e mesmo aos minerais *uma consciência própria deles*? Tudo o que ele pode dizer é que esta consciência está além da sua compreensão. (Nota de H. P. Blavatsky)

[658] "O primeiro dois *ideal*": a primeira dualidade ideal, a dualidade entre o um e o três. (Nota do Tradutor)

[659] Necessarianismo, também necessarismo: a doutrina segundo a qual toda vontade é necessariamente um efeito de causas anteriores. (Nota do Tradutor)

própria intuição. Nossa principal preocupação é elucidar aquilo que já foi transmitido, e que, para nossa decepção, foi transmitido às vezes muito incorretamente; suplementar - sempre e quando possível - o conhecimento sobre o qual foram dadas apenas indicações gerais, com matéria adicional; e fazer um baluarte para nossas doutrinas contra os ataques demasiado fortes do Sectarismo moderno, e mais especialmente contra os ataques do Materialismo mais recente, com frequência mal chamado de Ciência, quando, na realidade, só as palavras "cientistas" e "charlatães" podem explicar as muitas teorias ilógicas oferecidas ao mundo. Em sua grande ignorância, o público, ao mesmo tempo que aceita cegamente tudo o que emana de "autoridades" e sente que é seu dever aceitar como um fato comprovado cada afirmativa feita por um cientista - o público, dizemos, é ensinado a desprezar qualquer coisa trazida a público desde fontes "pagãs". Portanto, como os cientistas materialistas só podem ser combatidos com suas próprias armas - as da controvérsia e da argumentação - um *Adendo* é acrescentado a cada volume, contrastando as nossas respectivas visões e mostrando como mesmo grandes autoridades podem frequentemente errar. Acreditamos que isso pode ser feito de modo eficiente mostrando os pontos fracos dos nossos adversários, e provando que os seus muito numerosos sofismas - apresentados como afirmações científicas - estão errados. Ficamos com Hermes e a sua "Sabedoria", em seu caráter universal; eles ficam com Aristóteles e contra a intuição e a experiência das idades, imaginando fantasiosamente que a Verdade é propriedade exclusiva do mundo ocidental. Disso surge o desacordo. Como diz Hermes, "o Conhecimento difere muito dos sentidos; porque o sentido é de coisas que o superam, mas Conhecimento (*gyi*) é o fim dos sentidos" - isto é, da ilusão do nosso cérebro físico e do seu intelecto; o que enfatiza o contraste entre o laboriosamente obtido conhecimento dos sentidos e da mente (manas) e a onisciência intuitiva da divina Alma Espiritual - Buddhi.

Seja qual for o destino dos presentes escritos num futuro remoto, esperamos ter provado até o momento os seguintes fatos:

(1) A Doutrina Secreta não ensina qualquer *Ateísmo*, exceto no sentido hindu da palavra *nastika*, de rejeição de *ídolos*, inclusive de todos os deuses antropomórficos. Neste sentido todo Ocultista é um *Nastika*.

(2) A Doutrina Secreta admite a existência de um Logos ou "Criador" coletivo do Universo; um *Demi-urgos* - no sentido implícito de quando alguém fala de um "Arquiteto" como "Criador" de um edifício, embora aquele Arquiteto nunca tenha tocado uma pedra dele, mas, ao fornecer o plano, tenha deixado todo o trabalho manual aos pedreiros; em nosso caso este plano foi dado pela Ideação do Universo, e o trabalho construtivo foi deixado para as Hostes de Poderes e Forças inteligentes. Mas aquele *Demiurgo* não é uma divindade *pessoal* - isto é, um *deus extracósmico* e imperfeito - mas apenas o agregado dos Dhyan-Chohans e das outras forças.

Quanto a estes últimos –

(3) Eles são duais em seu caráter, sendo compostos (*a*) pela *energia animal* irracional, inerente à matéria, e (*b*) pela alma inteligente ou consciência cósmica que

dirige e guia aquela energia, e que é o *pensamento dhyan-chohânico refletindo a Ideação da mente Universal.* Disso resulta uma série perpétua de manifestações físicas e *efeitos morais* na Terra, durante os períodos manvantáricos, sendo que o conjunto inteiro obedece ao Carma. Como o processo não é sempre perfeito, e considerando que, por mais que ele dê muitas provas de que há uma inteligência orientadora por trás do véu, o processo ainda mostra lacunas e falhas e mesmo resulta muitas vezes em fracassos evidentes - portanto, nem a Hoste coletiva (Demiurgos), nem qualquer um dos poderes trabalhando individualmente, são de fato seres que devam receber honras divinas e adoração. Todos são dignos da reverente gratidão da Humanidade, no entanto, e o ser humano deveria estar sempre fazendo um esforço para ajudar a evolução divina das *Ideias*, tornando-se, até onde consegue, um *colaborador da natureza* na tarefa cíclica. Só a sempre desconhecida e incognoscível *Karana*, a causa *sem causa* de todas as causas, deve ter o seu santuário e o seu altar no chão sagrado e jamais pisado do nosso coração - invisível, intangível, não-mencionada exceto através da "pequena voz silenciosa" da nossa consciência espiritual. Aqueles que adoram neste santuário devem fazê-lo em silêncio e na solidão santificada das suas Almas [660]; cada um deve fazer do seu espírito o único mediador entre ele e o *Espírito Universal*; as suas boas ações, os únicos sacerdotes; e as suas intenções pecaminosas as únicas vítimas sacrificiais visíveis e objetivas oferecidas à *Presença*. (Veja, na parte II do volume I, "A Divindade Oculta, Seus Símbolos e Glifos".[661])

(4) A Matéria é *Eterna*. Ela é o *Upadhi* (a base física) sobre o qual a Mente Universal Única e Infinita constrói as suas ideações. Portanto, os Esoteristas afirmam que não existe matéria inorgânica ou *morta* na natureza, e que a diferença estabelecida entre as duas coisas pela ciência é tão injustificada quanto arbitrária e destituída de razão. Seja o que for que pense a ciência - e a ciência *exata* é uma senhora volúvel, como todos nós sabemos por experiência prática - o Ocultismo sabe e ensina de maneira diferente, desde tempos imemoriais - desde *Manu* e *Hermes* até Paracelso e seus sucessores.

Assim, Hermes, o três vezes grande Trismegisto, diz: "Oh, meu filho, a matéria *se torna*; anteriormente, ela *era*; porque a matéria é o veículo do tornar-se.[662] A

---

[660] "…Quando orares, não sejas como os hipócritas (…..) mas entra no *teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em segredo*" (Mateus, 6). Nosso Pai está *dentro de nós* "em Segredo", o nosso sétimo princípio está na "câmara interior" da percepção da nossa Alma. "O Reino do Céu" e de Deus "está dentro de nós", diz Jesus, e não *fora*. Por que os cristãos são tão absolutamente cegos ao significado autoevidente das palavras de sabedoria que eles gostam de repetir de modo mecânico? (Nota de H.P. Blavatsky)

[661] Página 349 do volume I na edição original em inglês. (Nota do Tradutor)

[662] Diante disto a falecida senhora (Dra.) Kingsford, a hábil tradutora e compiladora dos Fragmentos Herméticos (veja "*The Virgin of the World*"), destaca em uma nota de rodapé: "O Dr. Menard observa que em grego a mesma palavra significa *nascer* e *tornar-se*. A ideia aqui é que o material do mundo está na sua essência eterna, mas que antes da criação ou de 'tornar-se' ele está em uma condição passiva e imóvel. Assim, ele 'era' antes de ser colocado em operação; agora ele 'se torna', isto é, se movimenta e progride." E ela

autotransformação é o modo pelo qual age a divindade incriada. Tendo recebido os germes do tornar-se, a matéria (objetiva) é levada a nascer, porque a força criativa lhe dá forma *de acordo com as formas ideais*. A matéria ainda não gerada não tem forma; ela se torna quando é colocada em operação." (*The Definitions of Asclepios*, p. 134, "Virgin of the World")

"Tudo é resultado de um esforço criativo universal ….. Não há coisa alguma *morta* na Natureza. *Tudo é orgânico e tudo está vivo*, e portanto o mundo inteiro parece ser um organismo vivo". (Paracelso, "*Philosophia ad Athenienses*", traduções de F. Hartmann, p. 44)

(5) O Universo evoluiu a partir do seu plano ideal, preservado ao longo da Eternidade na inconsciência daquilo que os Vedantinos chamam de Parabrahm. Isto é praticamente idêntico às conclusões da Filosofia Ocidental mais elevada - "as Ideias inatas, eternas e autoexistentes" de Platão, agora refletidas por Von Hartmann. O "incognoscível" de Herbert Spencer tem apenas uma pálida semelhança com aquela *Realidade* transcendente em que acreditam os Ocultistas, e que frequentemente parece ser apenas uma representação de uma "*força* atrás dos fenômenos", uma *Energia* infinita e eterna da qual surgem todas as coisas, enquanto o autor da "Filosofia do Inconsciente" chegou (neste tema apenas) tão perto da solução do grande *Mistério* quanto é possível para o homem mortal. Seja na filosofia antiga ou medieval, poucos foram aqueles que ousaram examinar o assunto ou mesmo sugerir a sua existência. Paracelso o menciona inferencialmente. Suas ideias são admiravelmente sintetizadas pelo Dr. F. Hartmann, em seu livro "Life of Paracelsus".

Todos os cabalistas *cristãos* entendiam bem a ideia básica Oriental: o Poder ativo, o "movimento perpétuo do grande Alento" apenas acorda o Cosmos no alvorecer de cada novo Período, colocando-o em movimento através das duas Forças contrárias,[663] e assim fazendo com que ele se torne objetivo no plano da Ilusão. Em outras palavras, aquele movimento dual transfere o Cosmos do plano do Ideal Eterno para o plano da manifestação finita, ou do plano *Numenal* para o plano *fenomênico*. Tudo o que *é, foi* ou *será,* EXISTE eternamente, até mesmo as

---

acrescenta a doutrina puramente Vedanta da filosofia Hermética segundo a qual aquela "Criação é portanto o período de atividade (Manvântara) de Deus, que, de acordo com o pensamento hermético (ou *que*, segundo os Vedantinos) tem dois modos, Atividade ou Existência. Deus explícito (*Deus explicitus*); e Passividade do Ser (Pralaya), Deus Implícito (*Deus Implicitus*). Os dois modos são perfeitos e completos, assim como os estados de vigília e de sono do ser humano. Fichte, o filósofo alemão, distinguia o Ser (Seyn) como o Uno, que nós conhecemos apenas através da existência (Daseyn), como o Múltiplo. Esta visão é completamente hermética. As 'Formas Ideais' são os arquétipos ou ideias formativas dos neoplatônicos; os conceitos eternos e subjetivos das coisas que subsistem na mente divina antes do 'tornar-se'." (p. 134) (Nota de H. P. Blavatsky)

663 As forças centrípeta e centrífuga, que são masculina e feminina, positiva e negativa, física e espiritual, sendo as duas a força *Primordial* única. (Nota de H. P. Blavatsky)

incontáveis formas, que são finitas e perecíveis apenas na sua forma objetiva, não na sua Forma *ideal*. Elas existiam como Ideias na Eternidade [664], e quando perecerem, existirão como reflexos. Nem a forma do ser humano, nem a forma de qualquer animal, planta ou pedra foi jamais *criada*, e foi apenas neste nosso plano que elas começaram a "tornar-se", a ficar objetivas nesta materialidade atual, ou a expandir-se *de dentro para fora*, desde a essência mais sublimada e supersensorial até sua aparência mais grosseira. Portanto as *nossas* formas humanas existem na Eternidade como protótipos astrais ou etéricos; de acordo com esses modelos, os Seres Espirituais (ou Deuses) cujo dever era trazê-los para uma existência objetiva e para a Vida terrestre, desenvolveram as formas protoplásmicas dos futuros *Egos* a partir da *própria essência deles*. Depois disso, quando esse *Upadhi* humano ou molde básico estava pronto, as Forças naturais terrestres começaram a trabalhar naqueles moldes supersensoriais *que continham em si, além dos seus elementos próprios, os elementos de todas as formas vegetais passadas e das formas animais futuras deste globo*. Portanto, a casca *externa* do homem passou através de cada corpo vegetal e animal antes de assumir a forma humana. [665] Como isso será amplamente descrito no volume II, com os Comentários a respeito, não há necessidade de dizer mais sobre o tema, aqui.

De acordo com a filosofia hermética-cabalista de Paracelso, é o Yliaster - o ancestral do recém-nascido *Protilo*, introduzido à química pelo sr. Crookes - ou *protomatéria* primordial que surgiu evoluindo do próprio Cosmos.

"Quando a Evolução aconteceu o Yliaster se dividiu ….. se fundiu e se dissolveu, desenvolvendo de dentro de si mesmo o *Ideos* ou Caos, chamado respectivamente de *Mysterium magnum*, *Iliados*, *Limbo Maior*, ou Matéria Primordial. Esta essência Primordial é de uma natureza monística, e se manifesta não apenas como atividade vital, uma força espiritual, uma força invisível, incompreensível e indescritível, mas também como matéria vital, da qual consiste a substância dos seres vivos." Neste *Ideos* de matéria primordial, ou *proto-ilos* - que é a matriz de todas as coisas criadas - está contida a substância a partir da qual tudo é formado. Ele é o Caos ….. a partir do qual o Macrocomo, e, mais tarde, pela evolução e divisão em *Mysteria Specialia*[666], cada ser separado veio a existir. "Todas as coisas e todas as substâncias

---

[664] O ocultismo ensina que nenhuma forma pode ser dada a coisa alguma, seja pela natureza ou pelo ser humano, exceto aquilo cujo tipo ideal já exista no plano subjetivo. Além disso: que nenhuma destas formas pode entrar na consciência do ser humano, ou surgir na sua imaginação, se não existir em protótipo, pelo menos como uma aproximação. (Nota de H.P. Blavatsky)

[665] Como dissemos em uma nota anterior, a peregrinação da mônada através dos vários reinos da natureza é uma ideia central na presente obra. Veja, entre outros trechos, o comentário ao Sloka 1 da Estância V, e o Sloka 5 da Estância VII. Examine nos websites associados o artigo "**As Encarnações de Um Poema**". (Nota do Tradutor)

[666] Esta expressão é explicada pelo Dr. Hartmann com base nos textos originais de Paracelso que ele tinha diante de si. De acordo com esse grande Rosacruz, "Mysterium é tudo aquilo a partir do qual alguma coisa pode ser desenvolvida, e que está apenas germinalmente contida nele. Uma semente é o 'Mysterium' de uma planta, um ovo é o 'Mysterium' de um pássaro vivo, etc." (Nota de H.P. Blavatsky)

elementares estavam contidas nele *in potentia* mas não em *actu*", o que faz o tradutor, Dr. F. Hartmann, observar corretamente que "Paracelso parece ter antecipado, trezentos anos atrás, a descoberta moderna da 'potência da matéria'." (p.42)

Este Magnus Limbus ou Yliaster de Paracelso é simplesmente o nosso velho amigo "Pai-Mãe" *interior*, antes que ele aparecesse no Espaço, de acordo com a segunda Estância e outras Estâncias. Ele é a matriz universal do Cosmos, personificada no caráter dual do Macrocosmo e Microcosmo (ou o Universo e o nosso Globo) [667] por Aditi-Prakriti, a natureza Espiritual e a natureza física. Porque vemos explicado em Paracelso que:

"O Magnus Limbus é o berçário a partir do qual todas as criaturas cresceram, no mesmo sentido em que uma árvore cresce a partir de uma pequena semente; com a diferença, no entanto, de que o grande Limbus tem a sua origem na Palavra, enquanto o Limbus menor (a semente ou esperma terrestre) tem sua origem na Terra. O grande Limbus é a semente da qual surgiram todos os seres, e o pequeno Limbus é cada ser último que reproduz a sua forma, e que é produzido, ele mesmo, pelo 'grande'. O pequeno possui todas as qualificações do grande, no mesmo sentido em que um filho tem um organismo similar ao do seu pai. (Ver o volume II, Estância III.) [668] …… Enquanto Yliaster se dissolvia, *Ares*, a força divisora, diferenciadora e individualizadora (*Fohat*, outro velho amigo) …… começou a agir. Toda a produção aconteceu em consequência da divisão. Foram produzidos a partir do Ideos os elementos Fogo, Água, Ar e Terra, cujo nascimento, no entanto, não aconteceu de modo material, ou por simples separação, mas por combinações espirituais e dinâmicas, nem mesmo complexas - isto é, uma *mistura* mecânica e não uma combinação *química* -, assim como o fogo pode sair de uma pedra pequena, ou uma árvore sair de uma semente, embora não haja originalmente fogo na pedra, e tampouco uma árvore na semente. 'O Espírito vive, e a Vida é Espírito, e a Vida e o Espírito (*Prakriti Purusha*) (?) produzem todas as coisas, mas eles são essencialmente um e não dois. ……' Os elementos, também, têm cada um deles o seu próprio Yliaster, porque toda a atividade da matéria em qualquer forma é somente um eflúvio da mesma fonte. Mas assim como da semente crescem as raízes com as suas fibras, e depois disso o caule com seus ramos e folhas, e por último as flores e sementes, do mesmo modo todos os seres nasceram dos elementos, e consistem de substâncias elementares a partir das quais outras formas podem vir à

[667] Foram apenas os cabalistas medievais que, seguindo os judeus e um ou dois neoplatônicos, aplicaram o termo *Microcosmo* ao ser humano. A filosofia antiga chamava a Terra de Microcosmo do Macrocosmo, e via o homem como resultado dos dois. (Nota de H.P. Blavatsky)

[668] Seguimos aqui a edição de Boris de Zirkoff, cuja indicação é mais precisa que a da edição de 1888. (Nota do Tradutor)

existência, tendo as caraterísticas dos seus pais.[669] …… Os elementos, como mães de todas as criaturas, *são de uma natureza invisível, espiritual, e têm almas*. [670] Todos eles surgiram do '*Mysterium Magnum*'." (*Philosophia ad Athenienses*)

Comparemos isso com o Vishnu Purana.

"De *Pradhana* (substância primordial) presidido por *Kshetrajna* (espírito corporificado?) procede a evolução daquelas qualidades …… Do grande Princípio *Mahat* (Intelecto ou mente Universal) ….. procede a origem dos elementos sutis e destes os órgãos de sentidos." (*Livro I, ii*)

Deste modo pode ser mostrado que todas as verdades fundamentais da natureza eram universais na antiguidade, e que as ideias básicas sobre o espírito, a matéria e o universo, ou sobre Deus, substância e ser humano, eram idênticas. Considerando as duas filosofias religiosas mais antigas do globo - o hinduísmo e o hermetismo - com base nas escrituras da Índia e do Egito, a identidade das duas é facilmente reconhecível.

Isso fica claro para alguém que leia a mais recente tradução e apresentação dos recém-mencionados "Fragmentos Herméticos", feitas pela falecida e saudosa amiga Dra. Anna Kingsford. Por mais desfigurados e torturados que tenham sido em sua passagem por mãos sectárias, gregas e cristãs, a tradutora captou com grande habilidade e intuição os pontos fracos e tentou recuperá-los por meio de explicações e de notas de rodapé. E ela diz: …… "A criação do mundo visível pelos 'deuses trabalhadores' ou Titãs, como agentes do Deus Supremo [671] é uma ideia completamente Hermética, *reconhecível em todos os sistemas religiosos*, e ela está em harmonia com a pesquisa científica moderna (?), que nos mostra por toda parte o poder Divino operando através de Forças naturais."

"Aquele Ser Universal que contém tudo, e que é tudo, colocou em movimento a Alma e o Mundo e tudo o que a natureza inclui, diz Hermes. Na unidade múltipla da vida universal, as inumeráveis individualidades, distinguidas pelas suas variações, estão, no entanto, unidas de tal maneira que o todo é um, e todas as coisas procedem da Unidade." (*Asclepios, Parte I.*)

---

[669] "Esta doutrina, pregada 300 anos atrás", diz o tradutor, "é idêntica à doutrina que revolucionou o pensamento moderno, depois de ter sido colocada em uma forma nova, elaborada por Darwin. Ela foi ainda mais elaborada por Kapila na filosofia Sankhya". (Nota de H.P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *Neste trecho da obra, seguimos a estrutura de parágrafos e notas da edição de Boris de Zirkoff.*]

[670] O Ocultista Oriental diz - "são guiados e informados pelos Seres Espirituais" - os trabalhadores dos mundos invisíveis e de atrás do véu da natureza Oculta, ou natureza *in abscondito.* (Nota de H.P. Blavatsky)

[671] Uma expressão frequente nos mencionados Fragmentos, da qual nós discordamos. A *Mente Universal* não é um *Ser*, nem um "Deus". (Nota de H.P. Blavatsky)

"Deus não é uma mente, mas a causa de que a mente é; *não é um espírito*, mas a causa de que o Espírito é; não é luz, mas a causa de que a Luz é." (*Divine Pymander, Book IX*, v. 64)

As linhas acima mostram que o "Divino Pimander", por mais distorcido que esteja em algumas passagens pela "suavização" cristã, foi, no entanto, escrito por um filósofo, enquanto a maior parte dos chamados "fragmentos herméticos" é produção de pagãos sectários com uma tendência a acreditar em um Supremo Ser antropomórfico. Porém, ambos são ecos da filosofia esotérica e dos Puranas hindus.

Comparemos duas invocações, uma do "Supremo Todo" Hermético, outra do "Supremo Todo" dos arianos mais recentes. Diz um Fragmento Hermético citado por Suidas (veja "*The Virgin of the World*", da sra. Kingsford):

"Eu te invoco, Céu, trabalho sagrado do grande Deus; eu te invoco, Voz do Pai, que soou no começo quando o mundo universal foi estruturado; eu te invoco pela palavra, Filho único do Pai que sustenta todas as coisas; sê favorável, sê favorável."

Isso, precedido apenas pelo seguinte: "Assim a Luz Ideal existia antes da Luz Ideal, e a luminosa Inteligência da Inteligência existiu sempre, *e a sua unidade era nada mais que o Espírito ao redor do Universo*. *Fora dele não há nem Deus nem Anjos nem quaisquer outros seres essenciais*, porque Ele (Isso?) é o Senhor de todas as coisas e o poder e a Luz; e tudo depende Dele (Disso), etc." *(Fragmentos dos escritos de Hermes de Ammon.)*

Isso é contrariado pelo próprio *Trismegisto*, a quem se atribui as seguintes palavras: "Falar de Deus é impossível. Porque o corpóreo não pode expressar o incorpóreo …… Aquilo que não tem corpo algum nem aparência, nem forma, nem matéria, não pode ser captado pelos sentidos. Eu entendo, Tatios, eu entendo, que o que é impossível de definir - isso é Deus." (*Physical Eclogues, Florilegium of Stobaeus*.)

A contradição entre as duas passagens é evidente, e isso mostra: (a) que Hermes era um *nome literário* genérico usado por uma série de gerações de místicos de todo tipo, e (b) que deve ser usado um grande discernimento antes de aceitar um Fragmento como ensinamento esotérico apenas porque é inegavelmente antigo. Comparemos agora a invocação acima com uma invocação semelhante presente nas escrituras hindus - inegavelmente tão antiga quanto a primeira, se não for muito mais antiga que ela. Aqui é *Parasara*, o "Hermes" ariano, que instrui *Maitreya*, o Asclépio indiano, e invoca Vishnu em sua tríplice hipóstase.

"Glória ao imutável, sagrado, eterno, Supremo Vishnu, de natureza única universal, aquele que tem poder sobre todos; glória a ele que é Hiranyagarbha, Hari e Shankara (Brahma, Vishnu e Shiva), o criador, o preservador, e o destruidor do mundo; a Vasudeva, o libertador (dos seus adoradores); a ele, cuja essência é ao mesmo tempo singular e múltipla; que é tão sutil quanto corporal; tão discreto quanto indiscreto; a Vishnu, a causa da emancipação final, a causa da criação, da existência e do fim do

mundo; *aquele que é a raiz do mundo*, e que *consiste do mundo*." (*Vish. Purana, Book L*)

Esta é uma invocação grandiosa, cheia de significado filosófico, na sua base; mas, para as massas profanas, ela sugere, tanto quanto a primeira invocação, um Ser antropomórfico. Devemos respeitar o sentimento que deu forma às duas invocações; mas não podemos deixar de ver que ele está em completa desarmonia com o significado interno delas, e até mesmo com o significado que se vê no mesmo tratado Hermético, onde está escrito:

"A realidade não está na Terra, meu filho, e não pode estar nela. …… Nada na Terra é real, há apenas aparências ….. Ele (o ser humano) não é real, meu filho, como ser humano. O real consiste somente de si mesmo e permanece tal como é. …… O homem é transitório, portanto não é real, ele é apenas aparência, e aparência é a suprema ilusão.

Tatios: Então os *corpos celestes tampouco são reais, meu pai, já que eles também variam?*

Trismegisto: Aquilo que está sujeito a nascimento e mudança não é real. …… Há neles uma certa falsidade, considerando que eles também são variáveis. ……

Tatios: E o que é, então, a Realidade primordial?

Trismegisto: Aquilo que é um e único, ó Tatios; aquilo que não é feito de matéria, nem está em corpo algum. Que não tem cor nem forma, que não muda nem é transmitido, mas existe sempre."

Isto é bastante consistente com o ensinamento Vedanta. A principal ideia é Oculta; e são muitas as passagens nos Fragmentos Herméticos que pertencem corporalmente à Doutrina Secreta.

Esta última ensina que todo o universo é governado por Forças e Poderes inteligentes e semi-inteligentes, tal como afirmado desde o começo. A Teologia Cristã admite e mesmo *impõe* a crença nesses poderes e forças, mas faz uma divisão arbitrária e se refere a eles como "Anjos" e "Demônios". A ciência nega a existência deles, e ridiculariza a mera ideia. Os espíritas acreditam nos Espíritos dos Mortos, e, fora isso, negam quase qualquer outro tipo ou espécie de seres invisíveis. Os Ocultistas e Cabalistas são, assim, os únicos expositores racionais das tradições antigas, as quais culminaram agora em fé dogmática, de um lado, e negação dogmática de outro lado. Porque, tanto a crença como a descrença abarcam apenas um pequeno canto dos infinitos horizontes das manifestações espirituais e físicas; e deste modo, ambos estão certos desde os seus respectivos pontos de vista, e ambos estão errados ao acreditar que podem circunscrever o todo dentro das suas próprias barreiras especiais e estreitas; porque - eles não podem, nunca, fazer isso. Neste aspecto a ciência, a teologia, e mesmo o espiritismo mostram ter pouco mais sabedoria do que o avestruz, quando ele enterra a cabeça na areia a seus pés,

sentindo-se deste jeito seguro de que não pode haver nada além do seu próprio ponto de observação e da limitada área ocupada por sua cabeça tola.

Como as únicas obras agora disponíveis para os profanos das raças Ocidentais "civilizadas" a respeito do tema em exame são os Livros Herméticos mencionados acima, ou melhor, os Fragmentos Herméticos, nós podemos compará-los no caso presente com os ensinamentos da filosofia Esotérica. Citar para este propósito qualquer outra filosofia seria inútil, já que o público nada sabe das obras caldeias que estão traduzidas para o árabe e são preservadas por alguns iniciados *Sufis*. Portanto as "Definições de Asclépio" [672], tal como recentemente compiladas e comentadas pela sra. A. Kingsford, M.S.T., alguns de cujos dizeres estão em notável concordância com a doutrina Esotérica Oriental, devem ser usadas para comparação. Embora não sejam poucas as passagens que mostram uma forte influência cristã, exercida em período mais tardio, no seu conjunto as características dos gênios [673] e dos deuses são as mesmas características dos ensinamentos orientais, ao mesmo tempo que em relação a outras coisas há passagens que diferem amplamente em nossas doutrinas. Algumas delas são as seguintes:

TRECHOS DE UM COMENTÁRIO PRIVADO [674], *até aqui secreto: -*

(xvii.) "A Existência Inicial no primeiro crepúsculo do Maha-Manvântara (depois do MAHA-PRALAYA *que se segue a cada idade de Brahmâ) é uma* QUALIDADE ESPIRITUAL CONSCIENTE. *Nos* MUNDOS *manifestados (sistemas solares), ela é, em sua* SUBJETIVIDADE OBJETIVA, *como a névoa de um Alento Divino para o*

[672] Asclépio, ou Esculápio: deus grego da cura e da medicina. (Nota do Tradutor)

[673] Os filósofos Herméticos chamados *Theoi*, deuses, gênios e daimones (nos textos originais), as entidades que nós chamamos de *Devas* (deuses), Dhyan Chohans, *Chitkala* (os budistas as chamam de Kwan-Yin), e por outros nomes. Os *Daimones* são - no sentido socrático, e mesmo no sentido oriental e teológico latino - os espíritos guardiães da raça humana; "aqueles que vivem na vizinhança dos imortais, e dali zelam pelos assuntos humanos", como diz Hermes. Em linguagem esotérica, eles são chamados de *Chitkala*, alguns dos quais deram ao ser humano o seu quarto Princípio e o seu quinto Princípio a partir da sua própria essência, e outros são os chamados *Pitris*. Isso será explicado quando chegarmos ao tema da produção do *homem completo*. A raiz do nome é *Chiti*, "aquilo pelo qual os efeitos e consequências da ação e tipos de conhecimento são selecionados para uso da alma", ou consciência, a Voz *interior* no homem. Entre os iogues, *Chiti* é um sinônimo de *Mahat*, o primeiro e divino intelecto; mas em filosofia Esotérica *Mahat* é a raiz de *Chiti*, o seu germe; e *Chiti* é uma qualidade de *Manas* em conjunção com Buddhi, uma qualidade que atrai para si por afinidade espiritual um *Chitkala* quando se desenvolve suficientemente no ser humano. É por isso que se diz que *Chiti* é uma voz que adquire uma vida mística e se torna Kwan-Yin. (Nota de H.P. Blavatsky)

[674] Isto (este ensinamento) não se refere a Prakriti-Purusha além das fronteiras do nosso pequeno universo. (Nota de H.P. Blavatsky)

olhar do vidente em transe. Ela se espalha, à medida que sai de LAYA [675]*, ao longo de toda a infinidade como um fluido espiritual sem cor. Ela está no* SÉTIMO PLANO*, e no seu* SÉTIMO ESTADO *em nosso mundo planetário.*[676]

(xviii.) "Ela é Substância para NOSSA *visão espiritual. Ela não pode ser chamada assim por homens que estejam no seu* ESTADO DE VIGÍLIA*; portanto, em sua ignorância, eles a chamaram de 'Deus-Espírito'.*

(xix.) "Ela existe por toda parte e forma o primeiro UPADHI *(alicerce) sobre o qual o nosso Mundo (sistema solar) é construído. Fora deste último ela é encontrada na sua pureza prístina apenas entre (os sistemas solares ou) as Estrelas do Universo, os mundos já formados ou formando-se; enquanto isso aqueles que estão em* LAYA *descansam no seu centro interior. Como a sua substância é de um tipo diferente da substância conhecida na Terra, os habitantes desta última, vendo* ATRAVÉS DELA*, acreditam, na sua ilusão e na sua ignorância, que ela é espaço vazio. Não há a largura de um dedo (*ANGULA*) de Espaço vazio em todo o (Universo) Ilimitado* ……

(xx.) "A matéria ou substância é setenária dentro do nosso Mundo, e também o é além dele. Por outro lado, cada um dos seus estados ou princípios é graduado em sete graus de densidade. SURYA *(o Sol), em seu reflexo visível, exibe o primeiro ou mais inferior estado do sétimo, o mais alto estado da* PRESENÇA UNIVERSAL*, o puro do puro, o primeiro Alento manifestado do sempre Imanifestado* SAT *(Existencialidade). Todos os Sóis centrais físicos ou objetivos são em sua substância o estado mais inferior do primeiro Princípio do* ALENTO*. Nenhum deles é mais do que os* REFLEXOS *dos seus* PRIMÁRIOS*, que estão ocultos para a visão de todos exceto os Dhyan Chohans, cuja substância Corporal pertence à quinta divisão do sétimo princípio da substância Mãe, e é, portanto, quatro graus mais elevada que a substância solar refletida. Como há sete Dhatu (substâncias principais no corpo humano), assim também há sete Forças no homem e em toda a natureza.*

(xxi.) "A real substância do (Sol) ocultado é um núcleo da substância Mãe. [677] É o coração e a matriz de todas as Forças que vivem e existem em nosso universo solar. É o núcleo do qual procedem, para espalhar-se em suas jornadas cíclicas, todos os Poderes que colocam em movimento os átomos em seus deveres funcionais, e o foco dentro do qual eles se encontram novamente na sua SÉTIMA ESSÊNCIA *a cada onze*

---

[675] O estado último de dormência ou inatividade: a condição de *Nirvana* do sétimo princípio. (Nota de H.P. Blavatsky)

[676] O ensinamento é todo dado desde o nosso plano de consciência. (Nota de H. P. Blavatsky)

[677] Ou o "sonho da Ciência", a primeva matéria realmente homogênea, que nenhum mortal pode tornar objetiva nesta *Raça* ou tampouco nesta *Ronda*. (Nota de H. P. Blavatsky)

anos. Se alguém disser a você que viu o Sol, ria dele como se ele tivesse dito que o Sol se movimenta realmente avançando por seu caminho diurno …… [678]

(xxiii.) "É devido à sua natureza setenária que os antigos falam do Sol como alguém que é carregado por sete cavalos tal como a métrica dos Vedas; ou, também, que, embora ele esteja identificado com os SETE *'Gaina' (tipos de seres) em sua orbe, ele é diferente deles* [679]*, tal como ele é, de fato; como também que ele tem* SETE RAIOS*, o que ele possui, de fato ……*

(xxv.) "Os Sete Seres no Sol são os Sete Seres Sagrados, Autonascidos devido ao poder inerente da matriz da substância Mãe. São eles que enviam as Sete Forças Principais, chamadas de raios, que no começo do pralaya irão centrar-se em sete novos Sóis para o próximo Manvântara. A energia da qual eles surgem para a existência consciente em cada Sol, é o que algumas pessoas chamam de Vishnu (veja a nota de rodapé), e que é o Alento da CONDIÇÃO DO ABSOLUTO. [680]

Nós o chamamos de vida Una manifestada - em si mesmo um reflexo do Absoluto ……

(xxvi.) "Este último nunca deve ser mencionado em palavras ou ao falar PARA QUE ISSO NÃO AFASTE ALGUMAS DAS NOSSAS ENERGIAS ESPIRITUAIS QUE ASPIRAM *por* SEU *estado, gravitando sempre em torno* DELE *espiritualmente, assim como todo o universo físico gravita em torno do* SEU *centro manifestado - cosmicamente.*

(xxvii.) "O anterior - a existência Inicial - que pode ser chamado enquanto estiver neste estado de existência de VIDA UNA*, é, conforme explicado, uma* NÉVOA [681] *para propósitos criativos ou formadores. A existência Inicial se manifesta em sete estados, que, com suas subdivisões setenárias, são os* QUARENTA E NOVE *Fogos*[682] *mencionados em livros sagrados ……*

---

[678] "Vishnu, na forma da energia Solar ativa, nem nasce nem se põe, e é ao mesmo tempo o *Sol setenário* e diferente dele", diz o Vishnu Purana. (Livro II, Capítulo xi; Wilson, vol. II, p. 296) (Nota de H. P. Blavatsky)

[679] "Assim como o homem se aproxima de um espelho colocado sobre um apoio e olha nele a sua própria imagem, do mesmo modo a energia ou reflexo de Vishnu (o Sol) nunca é separada mas permanece no Sol como num espelho situado lá". ("Vishnu Purana", Livro II, Capítulo xi; Wilson, vol. II, p. 297) (Nota de H. P. Blavatsky)

[680] "Condição do Absoluto", "Absoluteness" no original em inglês; ou "Absolutidade" se fôssemos criar um neologismo. (Nota do Tradutor)

[681] Ver mais acima o item ***(xvii.)***. *A palavra "névoa" é usada aqui para traduzir a palavra "film".* (Nota do Tradutor)

[682] Em "Vishnu Purana" e outros Puranas. (Nota de H. P. Blavatsky)

*(xxix.) "O primeiro é a …… 'Mãe' (*MATÉRIA *primordial). Dividindo a si mesma em seus sete estados primários, ela avança para baixo ciclicamente; quando* [683] *tendo consolidado a si própria no seu* ÚLTIMO *princípio como* MATÉRIA DENSA, *ela gira em torno de si mesma e dá forma, com a sétima emanação do último, ao primeiro e mais inferior elemento (a Serpente mordendo a sua própria cauda). Em uma hierarquia, ou ordem de seres, a sétima emanação do seu último princípio é: -*

"(a) No mineral, a centelha que permanece latente nele, e é chamada para a sua evanescente existência pelo fato de o POSITIVO *acordar o* NEGATIVO *(e assim por diante) ……*

"(b) Na planta, a centelha é aquela Força vital e inteligente que dá forma à semente e faz com que ela se transforme na folha de erva, ou na raiz, e na árvore jovem. É o germe que se torna o UPADHI *dos sete princípios da coisa em que reside, lançando-os para fora à medida que esta última cresce e se desenvolve.*

"(c) Em cada animal ela faz o mesmo. Ela é o seu princípio vital e seu poder vital; o seu instinto e as suas qualidades; as suas características e idiossincrasias especiais ……

"(d) Ao ser humano, ela dá tudo o que ela transmite a todo o resto das unidades manifestadas na natureza; mas desenvolve nele, além disso, o reflexo de todos os seus QUARENTA E NOVE FOGOS. *Cada um dos sete princípios do ser humano é um completo herdeiro, e um participante, dos sete princípios da 'grande Mãe'. O alento do primeiro princípio dela é o espírito dele (Atma). O segundo princípio dela é* BUDDHI *(alma). Nós o chamamos, erroneamente, de sétimo. O terceiro dá a ele (*a*) a substância do cérebro no plano físico, e (*b*) a* MENTE *que movimenta o cérebro - [que é a alma humana, H.P.B.] - de acordo com as suas capacidades orgânicas.*

*"(e) Ela é a Força orientadora nos elementos Cósmicos e terrestres. Ela reside no Fogo, levado a sair do seu estado latente para o seu estado ativo; porque o conjunto das sete subdivisões do *** princípio reside no Fogo terrestre. Ela gira na brisa, sopra junto com o furacão e faz com que o ar se movimente, cujo* elemento *participa em um dos seus princípios também. Procedendo ciclicamente, ela regula a movimentação da água, atrai e repele as suas ondas* [684] *de acordo com as leis fixas das quais o seu sétimo princípio é a alma orientadora.*

---

[683] Veja a "Natureza" Hermética, "Descendo ciclicamente até a matéria quando ela encontra o homem celeste." (Nota de H. P. Blavatsky)

[684] Os autores do texto acima conheciam perfeitamente bem a causa física das marés, das ondas, etc. É o Espírito orientador do corpo do Cosmo solar inteiro que se menciona aqui, e a que se faz referência sempre que tais expressões são usadas desde o ponto de vista místico. (Nota de H. P. Blavatsky)

"(f) Os seus quatro princípios mais elevados contêm o germe que se desenvolve até transformar-se nos Deuses Cósmicos; os seus três princípios inferiores geram as vidas dos Elementos (Elementais).

"(g) Em nosso mundo solar, a Existência Una é o Céu e a Terra, a Raiz e a flor, a Ação e o Pensamento. Ela está no Sol, e está igualmente presente no vaga-lume. Nenhum átomo pode escapar dela. Portanto, os antigos Sábios corretamente chamaram-na de Deus manifestado na Natureza ……"

Pode ser interessante, neste contexto, lembrar o leitor do que o sr. Subba Row disse sobre as Forças - definidas misticamente. Veja "*Five Years of Theosophy*" e "The Twelve Signs of the Zodiac".[685] Assim, ele afirma:

"Kanya (o sexto signo do Zodíaco, ou *Virgo*) significa uma Virgem, e representa *Shakti* ou *Mahamaya*. O signo …… é o sexto *Rasi* ou a sexta divisão, e indica que há seis forças primárias na natureza (sintetizadas pela Sétima) …… Estas Shakti são as seguintes:

"(1.) PARASHAKTI. Literalmente a grande ou Suprema Força ou poder. Representa e inclui os poderes da *luz e do calor*.

"(2.) JNANASHAKTI. …… O poder do intelecto, da real Sabedoria ou Conhecimento. Tem dois aspectos:

"A seguir, *algumas* das suas manifestações *quando colocadas sob influência ou controle de condições materiais*. **(a)** O poder da mente ao interpretar as nossas sensações. **(b)** O poder da mente de relembrar ideias passadas (memória) e produzir expectativas futuras. **(c)** O poder da mente tal como demonstrado no que os psicólogos chamam de 'leis da associação', e que capacita a mente a formar conexões *persistentes* entre vários grupos de sensações e possibilidades de sensações, e assim gerar a noção ou ideia de um objeto externo. **(d)** O poder da mente ao conectar e unir as nossas ideias através do misterioso vínculo da memória, e assim gerar a noção de eu ou individualidade; *algumas* das suas manifestações, *quando liberado dos laços da matéria* são (a) Clarividência, (b) Psicometria.

"(3.) ITCHASHAKTI - O *poder da Vontade*. A sua manifestação mais comum é a produção de algumas correntes nervosas que colocam em movimento os músculos necessários para a realização do objetivo desejado.

"(4.) KRIYASHAKTI - O misterioso poder do pensamento pelo qual ele se torna capaz de produzir, a partir da sua própria energia inerente, resultados fenomênicos externos, perceptíveis. Os antigos afirmavam que *qualquer ideia irá manifestar-se externamente se a atenção do indivíduo estiver profundamente concentrada nela*. Do mesmo modo, *uma vontade intensa será seguida pelo resultado desejado*.

---

[685] O artigo de T. Subba Row intitulado "The Twelve Signs of the Zodiac" ("Os Doze Signos do Zodíaco") faz parte do volume "**Five Years of Theosophy**". (Nota do Tradutor)

"Um Iogue geralmente realiza seus fenômenos maravilhosos através de Itchashakti e Kriyashakti.

"(5.) KUNDALINI SHAKTI - O poder ou Força que se movimenta por um caminho curvo. É o Princípio vital Universal manifestando-se por todo lugar na Natureza. Esta força inclui as duas grandes forças da atração e da repulsão. A eletricidade e o magnetismo são apenas manifestações dela. Este é o poder que produz aquele 'contínuo ajustamento das *relações internas às relações externas*', que é a essência da vida de acordo com Herbert Spencer, e aquele '*contínuo ajustamento das relações externas às relações internas*' que é a base da transmigração das almas, *punar janman* (renascimento) nas doutrinas dos antigos filósofos hindus. Um iogue deve subjugar completamente esta força antes que possa alcançar Mosksham ……

"(6.) MANTRIKA-SHAKTI - A força ou poder das letras, da fala ou da música. O *Mantra Shastra* tem como tema esta força em todas as suas manifestações …… A influência da melodia é uma das suas manifestações comuns. O poder do nome inefável é a coroa desta Shakti.

"A ciência moderna investigou apenas parcialmente a primeira, a segunda e a quinta das forças mencionadas acima, mas está completamente no escuro em relação aos outros poderes. As seis forças são, em sua unidade, representadas pela *Luz Astral* [*Daiviprakriti*, a Sétima, a luz do Logos]." [686]

O trecho acima é citado para mostrar as verdadeiras ideias hindus a respeito. Tudo isso é esotérico, embora não cubra a décima parte do *que poderia ser dito*. Por exemplo, os seis nomes das Seis Forças mencionadas são os nomes *das seis Hierarquias* de Dhyan Chohans, sintetizadas pela *Primária* delas, a sétima, que personifica o Quinto Princípio da Natureza Cósmica, ou da "Mãe" no seu sentido místico. Só para a enumeração dos Poderes do *iogue* seriam necessários dez volumes. Cada uma destas Forças tem uma *Entidade Consciente viva* no seu comando, de cuja entidade a Força é uma emanação.

Mas comparemos o comentário citado acima com as palavras de Hermes, o "três vezes grande":

"A criação da vida *pelo Sol* é tão contínua quanto a luz dele; nada a prende ou limita. Ao redor dele, como um exército de satélites, *há inumeráveis corais de gênios*.[687] Estes vivem na vizinhança dos Imortais, e portanto zelam pelas coisas humanas. Eles cumprem a vontade dos deuses (Carma) *por meio de temporais, tempestades, transições de fogo e terremotos*; e igualmente por fome e guerras, pela

[686] Seguimos nesta frase a edição de Boris de Zirkoff. O trecho citado por HPB está nas pp. 110-111 de "**Five Years of Theosophy**". (Nota do Tradutor)

[687] Gênios: espíritos. (Nota do Tradutor)

punição da impiedade [688] …… É o Sol que preserva e nutre todas as criaturas; e do mesmo modo como o Mundo Ideal que rodeia o mundo sensível preenche este último com a plenitude e a variedade universal de formas, assim também o Sol, incluindo tudo em sua luz, realiza em toda parte o nascimento e o desenvolvimento das criaturas." …… "*Sob as suas ordens está o coral de gênios*, ou melhor, os corais, *porque eles são muitos e diversos, e o número deles é igual ao número de estrelas. Cada estrela tem os seus gênios, bons e maus por natureza,* ou melhor, por sua *operação, porque a operação é a essência dos gênios* …… Todos estes gênios *presidem assuntos mundanos* [689]; eles sacodem e derrubam a estrutura dos Estados e dos indivíduos; eles imprimem *as suas imagens em nossas almas*, estão presentes em nossos nervos, em nossa medula, nossas veias, nossas artérias, e *na própria substância do nosso cérebro* …… no momento em que cada um de nós recebe vida e começa a ser, passa a receber os cuidados dos gênios (Elementais) que presidem os nascimentos [690] e que estão colocados sob os poderes astrais (Espíritos astrais Super-humanos). Eles mudam perpetuamente, nem sempre de modo idêntico, mas girando em círculos. [691] Eles fazem com que duas partes da Alma permeiem pelo corpo, de modo que o corpo possa receber de cada parte da Alma a impressão e o registro da sua própria energia. Mas a parte racional da Alma [692] não está sujeita aos gênios; ela está destinada à recepção (do) Deus [693] que a ilumina com um raio de Sol. Aqueles que são iluminados deste modo são poucos em número, e em relação a eles os gênios se abstêm de agir: porque nem os gênios nem os Deuses têm poder algum na

---

[688] Veja as estâncias III e IV, e os Comentários a elas, especialmente os comentários à Estância IV, "os *Lipikas* e os quatro Maharajás", os agentes do Carma. (Nota de H.P. Blavatsky)

[689] E "Deuses" ou Dhyanis também, não só os gênios ou "Forças guiadas". (Nota de H.P. Blavatsky)

[690] O significado disso é que como o homem é composto por todos os Grandes Elementos - Fogo, Ar, Água, Terra e Éter - os ELEMENTAIS que pertencem respectivamente a estes elementos se sentem atraídos para o ser humano devido à co-essência deles. O elemento que predomina em uma certa constituição será o elemento que governará por toda a vida. Por exemplo, se um homem tem a predominância do elemento Terra, gnômico, os gnomos o levarão a assimilar metais - dinheiro e riqueza, e assim por diante. "O homem animal é filho dos elementos animais a partir dos quais a sua Alma (vida) nasceu, e os animais são os espelhos do ser humano", diz Paracelso ("*De Fundamento Sapientiae*"). Paracelso era cauteloso, queria que a Bíblia concordasse com o que ele dizia, e portanto não disse tudo. (Nota de H.P. Blavatsky)

[691] Progresso cíclico em desenvolvimento. (Nota de H.P. Blavatsky)

[692] Parte racional da Alma: de Buddhi-Manas para cima. (Nota do Tradutor)

[693] O Deus no ser humano, e frequentemente a encarnação nele de um Deus, um Dhyan Chohan altamente espiritual, além da presença do seu próprio sétimo Princípio. (Nota de H.P. Blavatsky)

presença de um só raio de Deus.[694] Mas todos os outros homens, tanto corpo como alma, são dirigidos por gênios, a quem eles se apegam, e cujas operações eles afetam …… Os gênios têm portanto o controle das coisas mundanas e os nossos corpos são, para eles, instrumentos. ……"

O que foi dito acima, com exceção de alguns pontos sectários, representa o que foi uma crença universal comum a todas as nações até cerca de um século atrás. Continua a ser igualmente ortodoxo nas suas linhas gerais tanto entre pagãos como entre cristãos, com a exceção de um punhado de materialistas e cientistas.

Porque, quer chamemos os gênios de Hermes e os seus "Deuses", "Poderes da Escuridão" e "Anjos", como nas igrejas grega e latina, ou "Espíritos dos Mortos", como no espiritismo; ou, ainda, *Bhoots* e *Devas, Shaitan* ou *Djin,* como ainda são chamados na Índia e nos países muçulmanos - *eles são todos uma só e a mesma coisa* - ILUSÃO. Isso, no entanto, não deve ser mal compreendido no sentido em que a grande doutrina filosófica dos vedantinos tem sido ultimamente pervertida pelas escolas Ocidentais.

Tudo o que *existe* emana do ABSOLUTO, o qual, com esta única qualificação, fica estabelecido como a realidade una e única - portanto, tudo que é diferente deste Absoluto, o Elemento gerador e causador, *deve* ser uma ilusão, inegavelmente. Mas isso só é assim desde o ponto de vista puramente metafísico. Um homem que vê a si mesmo como mentalmente são e é considerado mentalmente saudável pelos seus semelhantes chama, do mesmo modo, de ilusões e fantasias as visões de um irmão *insano* - cujas alucinações fazem *a vítima feliz ou supremamente infeliz,* conforme for o caso. Mas, existe algum louco para quem as sombras horríveis na sua mente desorganizada, as suas *ilusões,* não são, no momento presente, tão verdadeiras e reais quanto as coisas que o seu médico ou a pessoa que cuida dele podem ver? Tudo é relativo neste Universo, tudo é uma ilusão. Mas a experiência de qualquer plano é uma realidade para a pessoa perceptiva cuja consciência está naquele plano, embora a mesma experiência, encarada desde o ponto de vista puramente metafísico, possa ser concebida como algo que não tem realidade objetiva. Mas não é contra os metafísicos, e sim contra os físicos e materialistas que os ensinamentos Esotéricos têm que lutar, e para eles a Força Vital, a Luz, o Som, a Eletricidade e mesmo a força objetivamente atratora do magnetismo, não têm existência objetiva, e delas se diz que existem apenas como "modos de movimento", "sensações e *afeições* da matéria".

Ao contrário do que alguns erroneamente acreditam, nem os Ocultistas em geral, nem os teosofistas, rejeitam as visões e teorias dos cientistas modernos apenas

---

[694] Bem, que "deus" é mencionado aqui? Não Deus "o Pai", a ficção antropomórfica; porque esse deus é Elohim coletivamente, e não tem existência além da Hoste. Por outro lado, um tal deus é infinito e imperfeito. São os altos Iniciados e Adeptos que são mencionados aqui como aqueles homens "poucos em número". E são precisamente estes homens que acreditam em "deuses" e não conhecem nenhum "Deus", mas conhecem uma Divindade Universal, não relacionada e incondicional. (Nota de H.P. Blavatsky)

porque estas visões são opostas às da teosofia. A primeira regra da nossa Sociedade[695] é dar a César o que é de César. Os teosofistas, portanto, são os primeiros a reconhecer o valor intrínseco da ciência. Mas quando os altos sacerdotes da ciência definem a consciência como uma secreção da matéria cinzenta do cérebro, e tudo o mais na natureza como modos de movimento, nós protestamos contra essa doutrina dizendo que é antifilosófica, autocontraditória, e simplesmente absurda, desde um ponto de vista *científico*, tanto quanto, e até mais do que, desde a perspectiva oculta do conhecimento esotérico.

Porque verdadeiramente a luz astral dos ridicularizados Cabalistas tem estranhos e esquisitos segredos para quem consegue enxergar nela; e os mistérios escondidos dentro das suas ondas incessantemente perturbadas *estão lá*, apesar de toda a corporação de materialistas e zombadores.[696] Esses segredos, junto com muitos outros mistérios, permanecerão como não-existentes para os materialistas da nossa época, do mesmo modo como a América era um mito não-existente para os europeus durante a primeira parte da era medieval, enquanto os escandinavos e os noruegueses haviam de fato alcançado e se estabelecido neste muito velho "Novo Mundo" vários séculos antes. Mas, tal como nasceu um Colombo para re-descobrir, e para forçar o Velho Mundo a acreditar em países antípodas, assim também nascerão cientistas que irão descobrir as maravilhas agora anunciadas pelos

---

[695] Alusão à Sociedade Teosófica original, que deixou de existir na década de 1890, fragmentando-se poucos anos depois da morte de Helena Blavatsky em 1891. (Nota do Tradutor)

[696] A luz astral dos cabalistas é muito incorretamente traduzida por alguns como "Aether"; este último é confundido com o hipotético éter da ciência, e ambos são mencionados por alguns teosofistas como sinônimos de Akasha. Este é um grande erro.

"Uma característica do Akasha servirá para mostrar quão inadequadamente ele é representado pelo Éter", diz o autor de "Rational Refutation of the Hindu Philosophical Systems", ajudando assim, inconscientemente, o Ocultismo. "Em dimensão, ele é infinito; não é feito de partes, e as ideias de cor, sabor, cheiro e toque não dizem respeito a ele. Nesta medida ele corresponde exatamente ao tempo, ao espaço, a *Ishwara* ('O Senhor', mas como potência criativa e alma - *anima mundi*). A sua especialidade, comparativamente, consiste em ser a *causa material do som*. Exceto por isso, poderíamos pensar que ele é igual ao espaço vazio." (p. 120) (Nota de H.P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** *Adotamos acima o título completo da obra, indicado por Boris de Zirkoff, que acrescenta: "Citado em Vishnu-Purana (Wilson), vol. I, p. 34, nota de rodapé.*"]

Ele é *espaço vazio*, sem dúvida, especialmente para racionalistas. De qualquer modo, o Akasha seguramente produz espaço vazio no cérebro dos materialistas. Porém, embora o Akasha não seja o Éter da ciência e nem mesmo o Éter do Ocultista, que define este último como sendo apenas um dos princípios do Akasha, ele é, certamente, junto com o seu primário, a causa do som, mas apenas uma causa física e espiritual, e não uma causa material, de modo algum. As relações do Éter com o Akasha podem ser definidas aplicando tanto ao Akasha como ao Éter as palavras ditas sobre o deus nos Vedas, "Assim ele era de fato (seu próprio) filho", um sendo o descendente do outro e no entanto dele próprio. Isso pode ser um quebra-cabeças complicado para o profano, mas muito fácil de entender para qualquer hindu, mesmo que nem sequer seja um místico. (Nota de H.P. Blavatsky)

Ocultistas como existindo nas regiões do Éter, com os seus variados e multiformes habitantes e Entidades conscientes. Então, *querendo ou não querendo*, a ciência terá de aceitar a velha "Superstição", como já tem feito em várias outras situações. E uma vez que tenha sido forçada a aceitá-la - julgando pela experiência passada - os seus sábios professores irão, segundo todas as probabilidades, como no caso do MESMERISMO e do magnetismo, agora rebatizados como Hipnotismo, adotar a paternidade da coisa e rejeitar o seu nome. A escolha da nova designação dependerá, por sua vez, dos "modos de movimento", o novo nome para os antigos "processos físicos automáticos entre as fibras nervosas do cérebro (Científico)" de Moleschott; assim como dependerá, muito provavelmente, da última refeição de quem escolher o nome, já que, de acordo com o Fundador do novo Esquema Hilo-Idealista, "a cerebração é genericamente o mesmo que quilificação." [697] Assim, se alguém quisesse acreditar nesta ideia absurda, o novo nome da coisa antiga teria que depender da inspiração do fígado de quem escolhesse o nome, e só depois disso estas verdades teriam uma chance de tornarem-se científicas!

Mas a VERDADE, por mais desagradável que seja para as maiorias cegas, sempre teve os seus defensores, dispostos a morrer por ela, e os Ocultistas não irão reclamar contra a sua adoção pela ciência sob um novo nome, seja qual for ele. Mas, enquanto não forem firmadas e estabelecidas pela aprovação dos cientistas, muitas verdades Ocultas serão tratadas como tabu, como ocorreu com os fenômenos dos espíritas e outras manifestações, até serem finalmente apropriadas por seus ex-detratores sem a menor gratidão ou reconhecimento. O Nitrogênio significou um passo à frente para o conhecimento químico, mas o seu descobridor, Paracelso, é chamado até hoje de "charlatão". São profundamente verdadeiras as palavras de H. T. Buckle, em sua admirável obra "*History of Civilization*" (Vol. I, p. 256), quando ele diz:

"Devido a circunstâncias ainda desconhecidas (*providência cármica*, H.P.B.) aparecem de tempos em tempos grandes pensadores que, devotando suas vidas a um só propósito, são capazes de antecipar o progresso da humanidade e produzir uma religião ou uma filosofia através da qual são produzidos, finalmente, efeitos importantes. Mas se olharmos a história veremos claramente que, embora a origem de uma nova opinião possa ser, assim, fruto da ação de um só homem, o resultado que a nova opinião produz dependerá das condições das pessoas entre as quais ela é propagada. Se uma religião ou filosofia estiver muito adiantada para uma nação, ela não pode ser útil no presente, mas deve esperar pelo seu tempo [698], até que as mentes dos seres humanos estejam maduras para recebê-la …… Toda ciência, toda crença, tem tido os seus mártires. *De acordo com o rumo normal dos acontecimentos, passam-se umas poucas gerações, e então vem um período em que estas mesmas verdades são olhadas como fatos comuns, e pouco depois vem outro período em que*

[697] *National Reformer*, 9 de janeiro de 1887. Artigo "Phreno-Kosmo-Biology", do Dr. Lewins. (Nota de H.P. Blavatsky)

[698] Esta é a lei Cíclica, mas esta mesma lei é com frequência desafiada pela teimosia humana. (Nota de H.P. Blavatsky)

se declara que estas verdades são necessárias, e até o intelecto mais obtuso se pergunta como foi possível que um dia elas tenham sido negadas."

É quase impossível que as mentes das gerações atuais não estejam suficientemente maduras para a recepção das verdades Ocultas. Este será o retrospecto dado aos pensadores avançados da Sexta Raça Raiz sobre a história da aceitação da Filosofia Esotérica - de modo completo e incondicional. Enquanto isso, as gerações da Quinta Raça continuarão a ser orientadas no sentido errado pelo preconceito e por noções irracionais. Em cada esquina das ruas as Ciências Ocultas verão voltado contra elas o dedo acusador do desprezo, e todos tratarão de ridicularizá-las e esmagá-las em nome do - e para maior glória do - Materialismo e da sua chamada ciência. No entanto, os Adendos que completam o presente Volume mostram, numa resposta antecipada a várias das objeções científicas que surgirão, as verdadeiras posições mútuas entre acusação e defesa. Os teosofistas e ocultistas são acusados pela opinião pública, que ainda defende a bandeira das ciências indutivas. Estas últimas devem, portanto, ser examinadas: e deve ser mostrado até que ponto os seus progressos e suas descobertas no reino das leis naturais se opõem, não tanto ao que nós dizemos, mas aos fatos da natureza. Chegou o momento de verificar se os muros da moderna Jericó [699] são tão invencíveis que nenhum sopro da trombeta Oculta vai em momento algum fazer com que caiam.

As assim chamadas *Forças*, tendo a Luz e a Eletricidade à frente delas, e a constituição do orbe Solar, devem ser cuidadosamente examinadas; assim como a teoria da Gravitação e a teoria Nebular. A natureza do Éter e de outros elementos deve ser discutida: comparando, assim, os ensinamentos científicos com outros ensinamentos ocultos, e revelando ao mesmo tempo alguns dos princípios até aqui secretos do ensinamento Oculto. (*Veja os Adendos, Parte III deste Volume I.*)

Cerca de quinze anos atrás, a autora foi a primeira pessoa a repetir, tal como os Cabalistas, os sábios Mandamentos do Catecismo Esotérico. "Fecha tua boca, para não falares *disso* (o mistério), e fecha teu coração, para não pensares alto; e se teu coração escapar de ti, traze-o de volta para o seu lugar, pois esse é o objetivo da nossa aliança." (*Sepher Yetzirah, Book of Creation*) E ainda: "Este é um segredo que causa a morte: fecha a tua boca para que não o reveles ao vulgar; comprime o teu cérebro para que nada escape dele, caindo do lado de fora." (Regras de Iniciação) [700]

Alguns anos mais tarde, um canto do Véu de Ísis teve de ser erguido; e agora é feito um outro afastamento do véu, maior que o anterior ……

Mas velhos erros, que existem há muito tempo e que se tornam a cada dia mais clamorosos e evidentes - estão agora reunidos e em formação de batalha, assim como fizeram antes. Comandados pelo conservadorismo cego, pelo orgulho e pelo preconceito, eles estão em constante vigilância, prontos para estrangular cada

---

[699] Jericó - cidade conquistada pelos israelitas, segundo a narrativa do livro de Josué, no Velho Testamento. (Nota do Tradutor)

[700] Boris de Zirkoff dá dados bibliográficos mais precisos: *Sepher Yetzirah, o Livro da Criação*, Capítulo 8, parágrafo 8. (Nota do Tradutor)

verdade que, acordando de um sono de longas eras, bata à porta para ser admitida. Isso tem ocorrido sempre desde que o homem se tornou um animal. O fato de que isso provoca em todos os casos a *morte moral* dos seus reveladores, que trazem à luz qualquer uma destas verdades velhas, muito velhas, é tão certo quanto o fato de que isso dá VIDA e REGENERAÇÃO a aqueles que são capazes de tirar proveito até mesmo do pouco que é agora revelado a eles.

000

[Final da Parte I do
Volume I de "A Doutrina Secreta"]

000

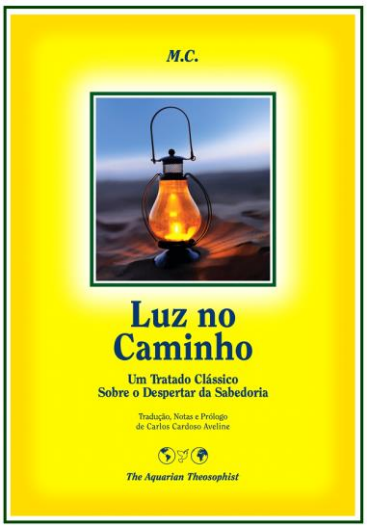
Na edição original em inglês, este ponto da obra ocorre na p. 299 da numeração feita com algarismos arábicos. A numeração arábica começa apenas na abertura do Proêmio, naquela edição: antes do Proêmio há 47 páginas iniciais numeradas com algarismos romanos.

Clique para ver a Abertura da obra, onde estão os links das partes já publicadas de "**A Doutrina Secreta**":

https://www.filosofiaesoterica.com/a-doutrina-secreta/

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de "**Luz no Caminho**", de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por "**The Aquarian Theosophist**".

000